

CURSO
DE
LITTERATURA
BRAZILEIRA

OU ESCOLHA DE VÁRIOS TRECHOS EM
PROSA E VERSO

DE
AUTORES NACIONAES ANTIGOS E MODERNOS

POR
MELLO MORAES FILHO

3.^a EDIÇÃO
CONSIDERAVELMENTE MELHORADA

~~~~~

RIO DE JANEIRO  
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR.  
71, rua do Ouvidor, 71.  
6, rua dos Saints-Pères, 6.  
PARIS

V  
B869  
C877  
3. ed.  
1895

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 2043

do ano d. 1972

## ADVERTENCIA

DA 3ª EDIÇÃO

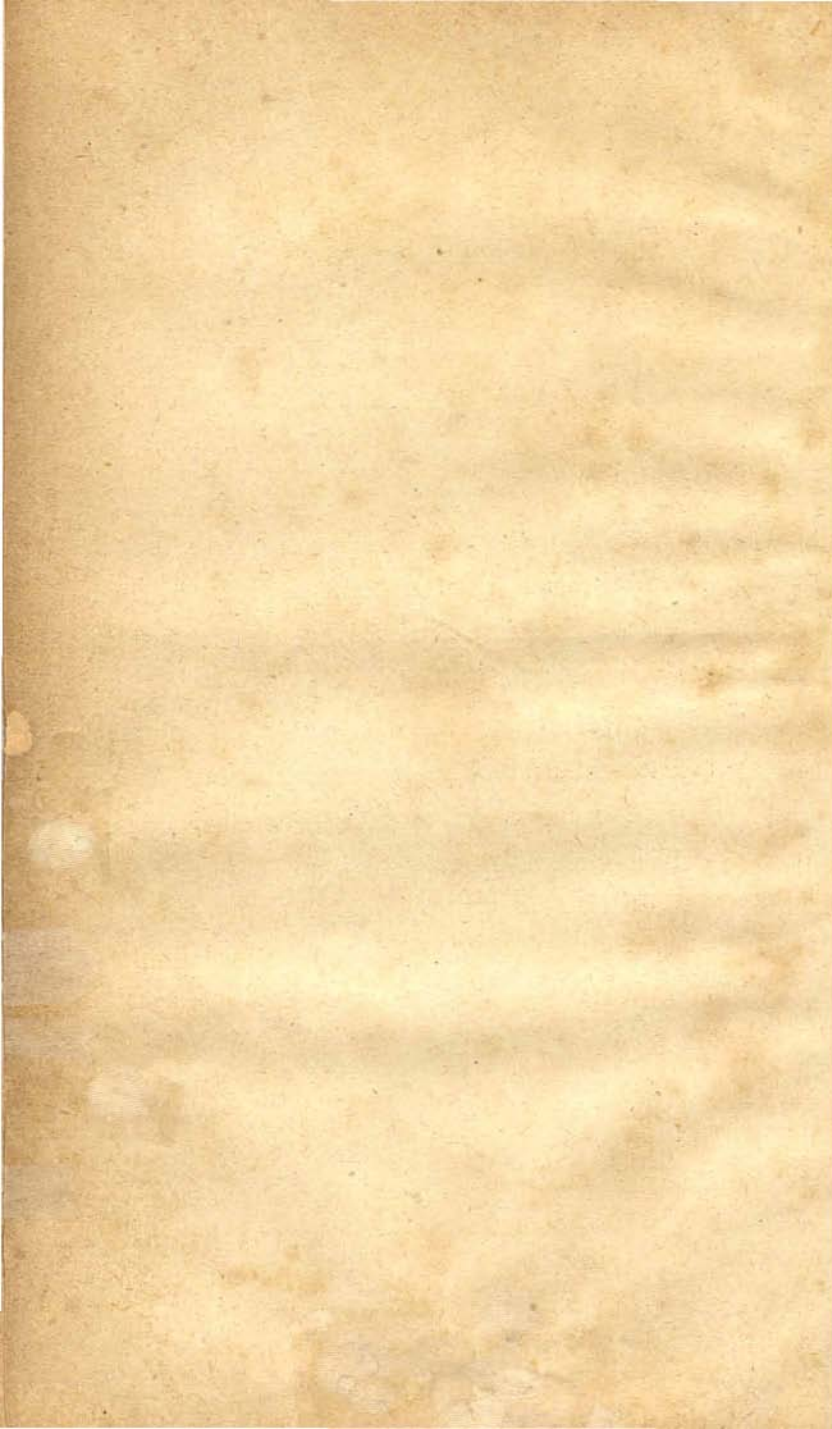
O grande acolhimento dado pelo publico ao *Curso de Litteratura Brasileira* do Dr. Mello Moraes Filho instigou-nos a dar d'esse excellente livro, talvez o melhór que tenhamos no genero, uma 3ª edição.

Incumbi ao autor a revisão da obra e elle a reformou completamente, fazendo-a representar melhor, se era ainda possivel, a antiga e a moderna litteratura de seu paiz. O publico verifical-o-ha.

Rio, junho de 1895.

O EDITOR.





# PREFACIO

DA 2<sup>o</sup> EDIÇÃO

A litteratura de um povo representa os seus conhecimentos em bellas-lettras e a applicação da arte ás produções do pensamento escripto; tem por fim retratar o homem tal qual é no seu meio de acção, caracterisar-lhe as tendencias, pôr em rélevo suas virtudes e vicios, e — collocado em sua época — acercal-o de suas crenças politicas e religiosas, acompanhando-o na multiplicidade das evoluções sociaes.

N'este empenho, na preocupação de modelar o actor, que é o homem, e desenhar o scenario, que é a natureza, surgiram, á semelhança das ilhas encantadas de que falla o poeta inglez, a lenda e o canto popular, o *mysterio* e a satyra, o epigramma e a ode, a comedia e a tragedia, a philosophia, a historia, a eloquencia, etc., — moldes em que se funde a alma nacional, que, habitando climas maternos, educa as gerações que ainda no berço fazem ouvir seus primeiros vagidos, imprimindo-lhes sentir proprio, individualidade incontestavel.

O homem e os acontecimentos, ligados entre si por uma



catenaria fatal, deram como corollario a inseparabilidade da logica como condição indispensavel á existencia da litteratura.

A influencia exercida pelo clima na organisação physica e no moral do individuo não póde deixar de ser levada em linha de conta, quando se trata de aquilatar da mentalidade de uma nação. Apezar da climatologia não explicar sufficientemente as differenças das raças humanas, prova todavia que ellas se modificam, se transformam pelas migrações, e que a idiosyncrasia particular a cada uma pela temperatura do paiz natal é vencida, quando transportadas para estranhos ambientes.

D'essas transformações, operando-se na razão directa do cruzamento com as raças indigenas, segue-se que ao cabo de algumas gerações o typo é alterado, não só nos seus lineamentos moraes, mas ainda na sua constituição plastica. D'ahi as diversidades governamentaes, as variantes de instituições e de direcção do pensamento.

Antes de sermos arrebatados por essa corrente de philosophia litteraria, paremos um instante e lancemos um olhar retrospectivo sobre as raças que nos precederam; escutemos nas nascentes marulhosas de formação a voz já quasi extincta d'aquellas que nos aninharam sob suas azas, e das quaes recebemos preciosos legados, quer na ordem das idéas, quer na dos elementos de nossa organisação.

No esplendor da natureza adornada de todas as magnificencias e errando na maravilha das florestas primitivas encontramos o indio, cujo genio mythologico e guerreiro creava deuses nomades como elle, povoando de sêres imaginarios a montanha e [mais o valle, o bosque e mais

o despenhadeiro, o rio e mais as solidões, dando interpretações absurdas ás forças occultas da natureza. Por traz das *montanhas azues*, acreditavam elles, moravam as almas : Anhangá é o genio máo das tabas e a divindade da guerra; *a mãe d'agua* ou a Uyára cantava no fundo dos lagos; o Curupira assombra o viajante no intrincado das mattas...

Ao portuguez com seu character genealogico, e numerozo pelo arruido de suas conquistas e descobertas, veio antepôr-se o genio mythico do caboclo; depois appareceu o negro trazido para a escravidão, e com elle o soffrimento sem echo no acanhado horizonte de sua intelligencia, e o fetichismo grosseiro que suavizava as lembranças nostalgicas da cabana de seus pais e dos céos de sua terra.

Entre esses tres povos com suas inclinações, religião, usos e costumes particulares houve o conflicto do dominio, do preconceito, da ambição e da linguagem, e o conquistador, como raça mais adiantada e culta, teve, por essa lei da historia que todos conhecem, de absorver quasi as que lhe eram inferiores.

Na impossibilidade, porém, de completa assimilação, o brazileiro actual é mais portuguez do que africano, mais africano do que indio; pois, ou porque fosse este refractario nato á escravidão, ou porque a morte o fosse surprender no seio de suas florestas, o certo é que entrou elle por bem pouco, como producto elaborado, na economia nacional.

Modificado o portuguez e o negro pelo clima e pelas condições de vida, e do consorcio de ambos com o indigena, originou-se, como elemento de transmissão, um sentir que não é peculiar a cada um d'esses povos, mas a resultante das tres almas.



O brazileiro, é o mestiço : se não o é pela côr, é pelas idéas.

O pensamento christão embalando-se nas phantasiosas cosmogonias selvagens, cosmogonias que tinham como Biblia commum o naturalismo, transformou-se em superstição, e em cada uma d'ellas as flôres da poesia barbara desabrocham n'uma atmosphaera de incenso e se espanejam nas noites transparentes das montanhas, nas praias eternamente melancolicas, nas regiões sempre sonoras, com o encanto indizível dos inebriantes perfumes dos tropicos.

A lenda brazileira tem essa expressão.

Mudando de solo, e por conseguinte de meio, o proprietario-colono teve de amoldar-se aos usos rudes do indio e confundir-se com o africano nos labores agricolas : d'ahi traços caracteristicos se foram accentuando na physionomia dos costumes e nas gerações que despontavam ; e as linguas barbaras entrando em contribuição para revestir novas idéas e supprir deficiencias da lingua culta levaram á flôr da palavra italica os aromas agrestes das lianas da America e das tamareiras da Africa.

Os cantos e *mysterios*, fazendo-se ouvir nas solidões do Novo-Mundo, iniciaram-nos a litteratura, que desatando os vôos das areias luminosas em que o missionario Anchieta, os escrevendo, escrevia o prefacio da poesia nacional, veio abrigar-se nos capiteis correctos que sustentam o severo frontão do Pantheon litterario do Brazil.

No sanctuario commum da humanidade, as nacionalidades celebram separadamente seus ritos. É d'esse templo que os seculos vêem desfilar com bandeiras diversas cada povo, symbolisados nos seus genios nas sciencias, artes e lettras.

A Grecia é Phidias e Homero. O cinzel que talhára bem fundo no ouro e no marfim da estatua de Jupiter Olympico é irmão da lyra a cujas notas de bronze os heróes da *Iliada* ferem vencedores combates titanicos, a cujos resoamentos immortaes a patria se enche de deuses.

Quereis o semblante sensual de Ionia? Lêde Anacreonte, lêde aquellas odes a gottejar de lascivia do velho cantor, em quem a belleza desfolhava sobre a fronte os jasmims e as rosas dos primeiros sonhos da mocidade. Petrarca e Boccacio encarnam o cavalleiresco de sua época. Na *Divina Comedia*, n'esses tercetos por onde milhões de phantasmas espiam os seculos que passam, como o condemnado a populaça que gira em torno de sua prisão, a idade média é interrogada, no seu encerro, pelos juizes de cada civilisação que se levanta ou que morre. Quem não percebe a loura e ideal Allemanha atravessar o Rheno na pessoa dos tres mancebos do *Pouso da Albergueira*? Quem desconhece que a Inglaterra ainda vê pelos olhos de Shakspeare?

Pois bem ; sem discutirmos opulencias, sem juxtapormos parallellos, não será ousadia affirmar que o nosso paiz tem igualmente sua litteratura; e não ha negal-o, porque os exemplos que ahi vão o comprovam, porque o facto existe.

Em todas as divisões e subdivisões litterarias destacamos escriptores escolhidos. Em historia Sebastião da Rocha Pitta, o Dr. Mello Moraes, Ignacio Accioli, Homem de Mello, Porto Seguro, Pereira da Silva, etc., plainam em camadas superiores; na critica, o Dr. Eunapio Deiró, a maior illustração que actualmente conhecemos entre



nós; Sylvio Romero, o julgador erudito, o poeta philosopho, o esmerilhador infatigavel e architecto agil da reconstrucção das tradições populares; Franklin Tavora, o espirito delicado, fecundo e luminoso; Machado de Assis, L. Leitão e Borges Carneiro, escriptores que trabalham ainda á sombra de seus merecidos triumphos, occupam aquella cadeira, dirigindo com as suas opiniões e conceitos o espirito moderno.

Se passarmos ao theatro, encontraremos dous colossos, que o seriam igualmente, não importa em que paiz, onde a arte mais tenha progredido: Penna e Agrario de Menezes. No romance de costumes, Manoel de Almeida, B. Guimarães e Franklin Tavora não são menos inspirados do que Cooper; a *Iracema* de José de Alencar, a *Moreninha* do Dr. Macedo, o *Ninho do beija-flôr* de Araripe Junior, são tão nacionaes como as paginas de Dickens, tão frescos de colorido local quanto *La Vie de Bohême* de Henry Murger.

Em eloquencia parlamentar é fora de duvida que levamos vantagem a algumas nações da Europa. As questões que agitam o pensamento nacional, tratadas sempre com a maior altura de vistas, revelam largo alcance politico, e d'entre ellas uma houve propriamente nossa—a do elemento servil—em que os sentimentos humanitarios pleitearam á porfia, e notaveis oradores, taes como Salles Torres Homem e Paranhos, adornaram-se de laureas immorredouras.

No jornalismo, Belarmino Barreto, Quintino Bocayuva, J. Serra, Ferreira de Araujo, José do Patrocinio, Lopes Trovão, Salvador de Mendonça e Hugo Leal, succedem no



posto de honra, e com geraes acclamações, a Firmino Rodrigues Silva, Guedes Cabral, Muniz Barreto, Justiniano José da Rocha, Octaviano, Alencar, Saldanha Marinho e José Julio. Em portuguez, depois de Alexandre Rodrigues Ferreira, não se tem escripto melhor viagens scientificas do que o Dr. João Severiano de Fonseca, Ladisláo Netto, João Barbosa Rodrigues e o conego Bernardino.

Na poesia local, as *Canções* de Juvenal Galeno, as *Flôres Sylvestres* de Bittencourt Sampaio, os *Quadros* de J. Serra, são trabalhos completos e de estimativa tão delicada que não são excedidos no genero.

Sem querermos exagerar as influencias do clima sobre as producções da arte, dispensando de procurar o caracter do poeta ou litterato na configuração do solo e na luz resvalante de suas concepções, não podemos todavia abandonar o ponto de partida, pois que a arte se prende tanto á natureza, que o segredo d'aquella está no segredo d'esta.

E ha contestar que a natureza é subsidiaria ao caracter poetico? que o fundo do quadro onde se irradia o pensamento, embora não subordinado, precisa da harmonia, que lhe importa a duração pela verdade?

Como nos identificarmos com uma composição, comprehendê-la, se desconhecemos o sol que a fez desabrochar aos seus raios, o terreno que a vio nascer, a indole do povo em que ella tomou fórma?

Sendo o brasileiro, como ha pouco dissemos, a resultante de tres almas, é necessario que, quando quizermos estudar suas producções, nos lembremos que a individua-

lidade do germen em sua constituição material e immaterial, produzindo o typo especifico e abstracto, confere-lhe particularidades individuaes, um accumulo de tendencias tão manifestas, que a herança mediata ou immediata torna-se um facto indiscutivel e de primeira intuição.

Em que condições esses phenomenos se operam, quaes as circumstancias indispensaveis, eis a incognita para a sciencia.

É de boa razão que de envolta com a herança plastica a herança psychologica se transmitta; o que não se póde explicar é a força impulsiva que nos escapa, o mecanismo d'esse funcionamento das mysteriosas actividades da natureza.

Submitter a lei e os principios secundarios da herança ao dynamismo, ou por outra, ao prisma da actividade psychica, não é mais do que synthetisar a lei, sem todavia methodisal-a, o que seria um impossivel.

Entretanto, quer pelo lado physico, quer pelo lado moral, o homem jámais se esquivou á lei da herança, como acontece a alguns animaes, que segundo condições dadas chegam proximo a perder o instincto.

Do portuguez, do africano e do indio, aquelle — povo entusiasta de suas famas e victorias, estes — povos supersticiosos, cheios de tristezas, tendo de um lado a nostalgia da patria, das tendas, do deserto ou do lar, e de outro a escravidão e a morte, não podiam ter dado como germen uma individualidade organica que não reproduzisse esse sentir vago, ideal, melancolico, verdadeiro transumpto da trindade geradora, que encontrou na America tropical terreno proprio a seu desenvolvimento.



Nos regaços d'esta natureza molle e ardente, em que a araponga — alado sineiro das selvas — fende o silencio das florestas, fazendo retinir aos dóbres metallicos as lugubres arcadas vegetaes ; em que a tarde, ora assentada á borda dos precipicios, tocando com seus dedos crystallinos os degráos còr de cobre do occaso, ora embalada nas rêdes floridas das lianas, scisma aos tons frios do crepusculo, o poeta sonha para embevecer-se, embevece-se para seu encanto.

E nem ha impôr ás nossas musas esse realismo caricato e descortez de que falla o erudito mestre o Sr. Dr. Velho da Silva, porque a nossa organisação o repelle, porque a natureza de nossa terra o protesta.

Venham embora as modernas theorias com a sua costumada intolerancia para com a creações do ideal, e debalde conseguirão gastar as cordas sempre novas do sentimento, cujas emoções variam ao infinito.

Se com essas phrases contestamos aos imitadores de Balzac, Baudelaire, Zola, e do portuguez Guerra Junqueiro o direito de serem os interpretes da poesia e do romance nacional, não lhes negamos, entretanto, os fóros de artistas. A senha de Carpeaux é a mesma de Miguel Angelo.

Em esthetica uma escola não constitue uma religião, mas ponto de vista d'arte, maneira de encaral-a; abundando, porém, demonstrações que o realismo antigo e hodierno nada tem produzido que possa correr justas com as obras-primas do idealismo na poesia e nas artes plasticas.

Duchène (de Bolonha), Cyon, Darwin e C. Bernard, arvorando ultimamente o estandarte da physiologia muscular no terreno psychologico, ergueram ainda mais alto os

trophéos d'essa litteratura, que tem por principio a manifestação sensível do bello, e das artes, que no enfeixamento symetrico de fórmãs convencionaes são a expressão viva, palpitante, transparente, de verdades eternas.

O que se póde comprehender de mais tormentoso do que o soffrimento e a raiva nas estatuas de Medéa e Laocoonte? de mais accentuadamente bello do que o pasmo entrêmeiado de alegria que se expande no semblante de *Aretino*, quando surprende o segredo da conjuração de *Catilina*? de mais scientificamente verdadeiro do que o episodio da *Torre da Fome*?

Entretanto, vejamos : em *Laocoonte*, que pela contracção intensa do frontal e dos demais musculos accessorios do soffrer denota as mais lacerantes dôres, como que as esconde de seus filhos, que se debatem nas roscas de ferro da serpente, voltando-lhes o rosto, e volvendo aos céos olhares supplices e arrazados de lagrimas ; *Medéa*, querendo vingar-se do amante, immolando os filhos, hesita, seu animo vacilla, porque é mãe ; em *Aretino* a expressão que a faradisação obtém, quando applicada ao grupo myologico que preside áquelle estado d'alma, é identica, é a mesma ; a scena do *Dante* a physiologia de *Bichat* sanciona, applaude : — a criança supporta menos a fome do que o adulto e o velho.

Segundo *Guizot* e outros autores que commentaram *Shakspeare*, referindo-nos a questões de escola, mais exemplos de supremacia do idealismo achamos apontados.

Em *Macbeth* : n'essa-estupenda tragedia, lady *Macbeth*, transformada em seu character pela ambição de governar sobre o throno da *Escossia*, concebe o plano de assassinar



o rei Duncan. Entra no aposento onde elle se recolhêra com a sua comitiva, e o general Macbeth, seu marido, a espera... elle, que escutára o prenuncio favoravel das feiticeiras, elle que aguardava a promessa de um reino...

Lady Macbeth, que para cumprir seu juramento não trepidaria em fazer saltar o cerebro a seu innocente filhinho, mamando-lhe ao peito com as suas gengivas *ainda sem osso*, penetra o apartamento, mas recúa espavorida, porque a piedade entrou-lhe no coração, porque uma idéa sublime entornára-lhe as cinzas de todos os remorsos na sua consciencia do passado...

— Então? diz Macbeth.

— Não pude! A calma d'aquelle velho recordou-me meu pai adormecido.

No *Hamlet* o tragico é dominado por outra ordem de idéas. O phantasma do rei da Dinamarca apparece a Hamlet, pedindo-lhe que vingue sua morte; mas, adianta o critico, não ordena a um filho que mate sua mãe.

No *Fausto* de Goethe, n'essa assombrosa epopéa da duvida, ha entretanto alguma cousa que a offusca, ha a individualidade e a alma do artista, que sobrenada como o mastro de um navio que naufraga.

Fausto, que conhecia a theologia, a jurisprudencia, a medicina, as sciencias occultas, tudo emfim, que é despertado de suas meditações pelos sons garridos dos sinos de Paschoa, sahe do seu laboratorio aos vivas das multidões, e encontrando-se com Margarida nos jardins de Martha, exclama transportado de fé, diante do bello na natureza: — Margarida! toda a sciencia do mundo não vale o teu olhar.

E o que se conclue d'isso?



Que na t ela do objecto da arte a moral deve ser comprehendida, e que o idealismo teve sempre como objectivo o que   bello, eterno, verdadeiro, baseado na humanidade, e se por acaso a fealdade entrava nos seus planos era como accessorio, com o fim de fazer sobresahir o contraste.

  esta a nota vibrada pela litteratura constituida do Brazil. No *Calabar* do Dr. Agrario de Menezes o instincto do selvagem   dominado pelo sentimento christ o; no episodio de Moema o desprezo do amante n o d e tanto, quanto a lembran a de possuil-o uma outra mulher. Em *Meu filho no claustro*, de Junqueira Freire, ha uma belleza antiga, quando, aos sons festivos do org o da profiss o, debaixo de uma chuva de fl ores, o amor de Deus e o amor materno lutam n'essa alma, que, entre uma tempestade a rebramir-lhe no craneo e os sentimentos a despeda arem-lhe o cora o, procura na raz o um refugio ao supremo do desespero:

«   mentira! Esta lei violenta  
N o foi feita por Nosso Senhor. »

e depois:

« N o nos d  innocentes filhinhos  
Para em vida arrancal-os assim. »

Quem n o v  n'esta *mater dolorosa*, apenas a blasphemia lhe expira nos labios, a estatua da resigna o banhada em pranto, a mulher educada pelo christianismo, como no *Calabar* e *Moema* affinidades hellenicis e shakspeareanas?

Se nos demais ramos litterarios o escriptor tem de se metter em equilibrio com a temperatura variavel dos f cos intellectuaes, aos quaes se aquece, o poeta tem antes de tudo o dever de ser poeta, isto  , de imaginar e sentir, e no tom das id as philosophicas em circula o, acompanhar-

lhes as tendencias, cantando o que é bello, grandioso, moral, civilizador, e sobretudo o que é bello.

Segundo o estudo das causas, o brasileiro atira-se mais sem esforço ás regiões desfloradas pelas azas do genio do que muitos outros povos; vê com os olhos do corpo e do espirito as fórmas do ideal; e a materialisação da idéa, que nos grandes poetas era o resultado de observação aturada e de prolongadas vigílias, é para elle uma consequencia de predisposições e da natureza que o cerca.

É em razão d'esta sorte de extases, de allucinação, que os grandes autores gregos e da idade média jámais foram excedidos. Nos seus enthusiasmos fitavam a immortalidade e não se gastavam na duvida e na analyse, sujeitas á razoura da morte, como acontece ao realismo, estatuario que cinzela apenas os traços do tempo.

Bittencourt Sampaio, na sua *Divina Epopéa*, Varella, no *Evangelho nas Selvas*, o padre Anchieta mostrando-nos o selvagem entre a floresta e a igreja, revelam-nos esta intuição: é este o motivo por que os dous poetas contemporaneos já fallam com a posteridade, e o jesuita das Canarias descansa, ha perto de tres seculos, as suas glorias, ao hombro nú do indigena infeliz, que destinado a desapparecer da terra, as legará, como sua alma, ao paiz e ao mundo.

Que siga a mocidade de minha terra essa vereda tão ampla de futuro, e, á semelhança d'esses gigantes de nossa vegetação, que na lucta pela vida, rasgam, coroando de flôres, as cortinas das selvas em busca da luz — vá, nas bellezas eternas, procurar as origens de suas inspirações.

1881.

MELLO MORAES FILHO.







CURSO  
DE  
LITTERATURA  
BRAZILEIRA

---

QUADROS E DESCRIPÇÕES

---

**O Rio de São Francisco.**

O rio de S. Francisco assim chamado, porque sem duvida em o dia do seraphico patriarcha foi entrado a primeira vez pelos nossos portuguezes, é um dos tres maiores que regam e repartem a terra do Brazil, o do Pará para o norte, o do Prata para o sul, fazendo o grande circulo, ou circumferencia, que já fica notada, na descripção de ambos, e este de S. Francisco, cortando-o pelo meio e quasi sempre do pôr ao nascer do sol, ou do meio-dia para o nascente. Muitas e grandes notabilidades, ou famosos encarecimentos, por lhes não dar o nome de fabulas gentilicas, escreveram os primeiros, que passaram estes paizes, e terras do Brazil, umas exageradas pelo gentio, sempre no seu modo e no que tocava a esta sua patria admirativo, outras accrescentadas pelos relatores, como é phrase nos que escrevem cousas novas, para as fazer mais recommen-

daveis, encarecel-as. É sem duvida, que para este rio ser um dos mui celebrados, não só do Brazil, mas de outras partes do mundo, não lhe eram necessarias ficções poeticas; porque nas suas proprias e naturaes particularidades tem bastante materia para ser notado. E deixando de repetir o que elles contam da sua espantosa cachoeira, que com o estrondo da sua quêda atrôa por mais de uma legua os seus visinhos montes e campos; amedronta as fêras, espanta as aves, salpica ou borripa com as suas aguas por uma grande distancia os seus contornos e prohibe aos homens a sua visinhança e indagação; deixando o que disseram do medonho sumidouro, por onde, qual outro Alphêo, entrando todas as suas correntes, depois de andarem doze leguas por baixo da terra, resuscitam ou renascem outra vez todas; o que affirmaram da sua origem na famosa lagôa, que se forma das vertentes, que correm das serranias do Chili, da qual escreveram nasciam tambem os dous gigantes das aguas, o Pará e o Prata; o que fabularam das chamadas Amazonas, que tambem queriam fossem habitadoras algumas das suas margens; como o intentaram persuadir de outras nas do Grão-Pará; o que finalmente queriam persuadir, para ostentação das grandes riquezas, que reconcentravam nas entranhas das suas terras e corriam pelas madres das suas ribeiras, e era dizerem que as nações de tapuyas, que por esse rio de S. Francisco habitavam, se compunham com laminas de puro ouro. Deixando tudo isto, como relações menos certas, e pouco averiguadas então, o que agora vamos a dizer, é o que o tempo e a experiencia dos que, ou por terra ou por elle acima tem andado, consta por verdade e informação, especialmente de alguns religiosos d'esta provincia, que na diligencia das esmolas dos seus sertões e Minas, o viram e pizaram quasi todo. Por uma barra de duas leguas em altura de 10 grãos e um quarto entra no mar, intromettendo-se por cinco e abrindo caminho pelas salgadas do oceano as suas doces e arrebatadas correntes, que em tanta distancia affirmam os navegantes as chegam a gostar, especialmente em as suas annuaes inundações. Dá entrada por



esta boca a embarcações commúas de caravêlas e barcos e se navega até á sua primeira cachoeira, aonde chamam *Porto do Jacaré*, e houve nos annos passados armazem para a fabrica do salitre, que depois se desvaneceu. D'esta primeira cachoeira até a segunda, que chamam de Paulo Affonso, corre o rio por distancia de algumas trinta leguas; é no meio d'esta o celebrado sumidouro. Deu motivo a este engano a pouca indagação dos que primeiro o descobriram; porque vendo o rio nas suas enchentes fazer na entrada d'este logar um como remanso, ou lago e esconder-se logo por entre serranias, que lhe ficam adiante, e não apparecerem as suas aguas, senão d'ahi a doze leguas, entenderam corria todo por debaixo da terra. Mas é certo, como se vê agora pelos que se chegam mais ao perto das suas margens, corre todo por um estreito, ou canal, que entre as serranias de uma e outra parte se forma. É sem duvida, affirmam os que melhor discorrem, não ser possível caminharem todas as aguas do rio por este estreito canal, e que é provavel que por debaixo d'aquellas serranias, ou pederneiras, ha cavernas, sumidouros e veredas mais extensas, por onde façam a sua carreira muitas d'ellas. A terra, que corre por cima d'estas serranias, é toda a raza, a que chamam taboleiros, e por elles fazem o seu caminho os que sobem para os sertões e Minas, ou descem por elle abaixo. O que mais se deve notar, e todos admiram, e viu o padre definidor Fr. Francisco da Conceição Trigueiros, descendo das Minas por este caminho, é que fazendo o rio seu curso por entre as pederneiras da parte de cima, como 100 braças com pouca differença, antes de chegar ao supposto sumidouro das serranias debaixo, faz a terra n'este meio uma baixa, como valle, ou campina, com a mesma largura pela circumferencia de cada uma das partes e pelo meio d'esta, por outro canal tambem estreito, que terá de duas até quatro braças, e affirmam alguns, que se não fôra o temor ou tremor, que causa aos que a elle querem chegar, e o mesmo dizem do outro canal, que corre entre as serranias do supposto sumidouro, se poderiam tomar os váos d'estes dous ca-

naes com um bom salto. E fóra d'isto, que sem duvida causa espanto e admiração, a faz ainda mais notavel, aos que chegam ao alto, que desce para este do valle, é verem as aguas do rio ao sahir das serranias de cima, encaminhadas todas ao principio, logo que cahem dos altos, por este canal da varge, se não vem mais, até que chegam ao principio das serranias de baixo, aonde apparecem outra vez, quando se vão a encanar pelo estreito, que chamam sumidouro, sem se poder averiguar o como se escondem e correm por este canal da varge, tanta multidão de agoas, sem as poder distinguir os que ao descer para a varge e primeiro alto estão vendo entrar da parte de cima e sahir pela de baixo, ver-se o canal, e não apparecer o rio, e só quando vai cheio, então cobre todo este valle. Da segunda cachoeira grande de Paulo Affonso, algumas dez ou doze leguas adiante, está a terceira, tambem grande, chamada da Boa-Vista; e por toda esta distancia, por mais de quarenta leguas, desde a primeira do Jacaré até esta, se não pôde navegar o rio com embarcação alguma, por correr sempre por entre serras, pedras e despenhadeiros. Da Boa-Vista para cima, por mais de sessenta leguas, até a ultima cachoeira grande, que chamam do Sobrado, ainda se acham outras de menos nota, por entre as quaes com bastante perigo e pilotos destros já se navega o rio nas commúas embarcações de canôas. D'esta ultima cachoeira até a barra do rio das Velhas, que das Minas Geraes se vem metter, pela parte do norte, n'este de S. Francisco, já se navega com toda sorte de embarcações, por mais de duzentas leguas, por ser todo limpo, e não haver n'elle mais cachoeiras e serranias que embarquem. Damesma sorte é navegavel e limpo por mais de cem leguas até ás margens, correspondentes ás terras da villa do Pitangui, que fica em distancia do rio para a parte do mesmo norte viagem de seis dias. É o Pitangui outro rio, que entra tambem como o das Velhas n'este de S. Francisco, e ainda com mais aguas do que este, e chamam á sua barra o *Pará*. D'esta á Pedra furada vão mais de cincoenta leguas.

FREI SANTA MARIA JOBOATÃO.



## O Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro está em altura de vinte e tres grãos, e ainda antes de ser fundada em janeiro de 1567 por Mem de Sá, terceiro governador geral do estado do Brazil, os capitães môres governadores da capitania de S. Vicente concederam terras de sesmaria aos que quizeram povoar o dito Rio de Janeiro, que então só era habitado dos barbaros indios Tamoyos : assim se vê no cartorio da provedoria da fazenda de S. Paulo, nos livros de sesmarias tit. 1562 até 1580, nas pag. 29 v., 32, 35, 37, 39, 49 et 74 v. : no livro tit. 1602 até 1617, pag. 50 : no livro tit. 1622 até 1623, nas pag. 1, 22 e 23 : no livro tit. 1633 até 1638, nas pag. 12 e 13 v., 15, 16, 17, 20, 65 e 78 : no livro tit. 1638 até 1642, pag. 52, 55 v. Todas estas sesmarias provam que o Rio de Janeiro é da doação de Martim Affonso de Souza, por se achar dentro das leguas de sua demarcação. É bem verdade que esta cidade não foi fundada em nome do donatario Martim Affonso de Souza, mas sim no de el-rei D. Sebastião, em cujo reinado a conquistou Mem de Sá, quando segunda vez sahio da Bahia contra o poder de Nicoláo Villegaignon, natural do reino de França, cavalleiro do habito de S. João do Hospital, bellicoso por natureza e por religião, que vagando com alguns navios armados á sua custa, buscava presas para saciar a cubiça : surgiu em Cabo Frio em 1554, onde introduzido com industria ou affabilidade achou nos gentios habitadores d'aquelle porto boa correspondencia e agrado. Soube que os Tamoyos da enseada do Rio de Janeiro e sua costa estavam em rija e porfiada guerra contra os portuguezes da capitania da villa de S. Vicente, e voltou para França com os seus navios carregados de páo brazil (droga importantissima entre as nações da Europa), que bastaria a recompensar-lhe as despezas da viagem. Prevenido com forças competentes voltou, e entrou na enseada do Rio de Janeiro com igual



fortuna, promettendo aos Tamoyos defendel-os das armas dos moradores da capitania de S. Vicente : foram ouvidas do gentio as suas promessas, e recebido por elles com firme alliança, fortificou-se na mesma ilha que ficou tomando o nome de Villegaignon, que a pronunciação portugueza corrompeu pelo decurso do tempo em Vergalhão. Havia já quatro annos que estava na posse d'aquella porção de terra, dominando aquelles mares na confederação dos naturaes, menos barbaros com o seu trato, posto que mais indomitos que todos os indios do Brazil. Não podendo Mem de Sá reprimir o valor, nem perdoar a injuria que recebia a nação portugueza na dissimulação de uma o'rensa que já tocava mais na honra que no interesse da monarchia, determinou sahir contra os francezes e Tamoyos do Rio de Janeiro, e tendo mandado pedir soccorro de gente armada de guerra á capitania de S. Vicente, sahiu da Bahia no anno de 1560, e esperando de mar fóra os soccorros de S. Vicente, Santos e S. Paulo, tendo chegado as canôas de guerra com o general d'ellas Leodoro Ebano Pereira, entrou pela barra dentro; e começando a bater a forteza da ilha de Villegaignon (n'este tempo ausente em França), que estava natural e militarmente fortificada e defendida pelos francezes e Tamoyos, apesar de toda a resistencia foi ganhada por assalto, tendo sido de antes em tres dias successivos batida incessantemente da nossa artilheria, que não conseguiu effeito consideravel : os francezes nos seus bateis e os Tamoyos nas suas canôas, se salvaram penetrando o continente d'aquelle sertão. Destruida a forteza, e recolhida a sua artilheria, armas e munições ás nossas náos, sahiu a armada para a villa de S. Vicente, onde foi recebido o governador geral Mem de Sá em triumpho, os soldados e mais pessoas d'aquella expedição com muitos applausos. D'esta villa deu conta do successo o governador Mem de Sá, em carta de 17 de junho do mesmo anno de 1560, á rainha D. Catharina, que governava o reino pela menor idade de seu neto el-rei D. Sebastião. Segunda vez tornou o mesmo governador geral Mem de Sá, sobre o Rio de Janeiro, tendo mandado a armada a

cargo de seu sobrinho o capitão mór Estacio de Sá, que veio com ella a S. Vicente para engrossar com o soccorro das canoas e soldados das villas de Santos e S. Paulo de Piratininga, onde se achou em pessoa o dito capitão mór Estacio de Sá e fez recrutas de famosos soldados, e provimento abundante de mantimentos e viveres, que recolheu para a armada surta no porto de Santos, de d'onde sabiu para a conquista do Rio de Janeiro, e chegou em principios de março de 1565, em que se deu o primeiro assalto ao inimigo: pelejou-se por uma e outra parte com força e valor, e parou o estrondo da multidão dos barbaros com perda nossa de um só soldado natural de Piratininga, ao qual ataram a um tronco onde perdeu a vida feito alvo de settas. Foi continuando a guerra com varios assaltos e encontros dos inimigos, já mais poderosos com o soccorro de tres naos de francezes e bem artilhadas; porém faltando na Bahia as noticias ao governador Mem de Sá, sahiu em pessoa, e chegou a 18 de janeiro de 1567, trazendo consigo ao Exm. bispo D. Pedro Leitão, e aos padres jesuitas Ignacio de Azevedo, Luiz da Grãa, provincial, e José de Anchieta, como escreve o padre mestre Simão de Vasconcellos na *Chronica da Companhia*, livro III.

PEDRO TAQUES.

### A floresta.

É de manhã.

Aclarada pela luz gradual que aos poucos doura-lhe os cimos, ostenta-se esplendorosa a matta virgem.

Quem houver viajado pelo norte do Brazil ha de, por certo, conhecer o accentuado selvagem de suas florestas, e ter saudade d'aquelle vago rumorejar que n'ellas se escuta, d'aquella indefinida reunião de harmonias alpestres, e ha de extasiar-se ainda com a lembrança do aroma acre, saudavel e vivificante de suas arvores seculares.



Não têm as mattas a carridice de ornamentação com que se arreiam as varzeas, nem a alegria festiva e sempre fresca dos campos, onde a vista procura ás vezes, nos terminos enfumaçados da verdura do capim, ou do juncal que ondêa em curvas voluptuosas, a orla do palmeiral, que de longe nos acena.

Nada d'isso.

A imponencia do seu aspecto faz com que se encare a matta virgem com respeito e admiração.

Os madeiros se levantam firmes, direitos, hirtos, soberbos, como reis que são d'aquelleas regiões inhabitadas, e, lá no alto, espalham as ramas, entrançam os galhos, formando enormes docéis de verdura, que sentem por vezes o beijo resfriado das nuvens iriadas que de perto os namoram.

A altura dos troncos parece querer rasgar o espaço, e o empinado arrogante do porte desafia as raivas das tempestades.

Na cortiça do angelim pousa um dia a semente da parasita; o sol dá-lhe calor, a noite dá-lhe o sereno.

Dilata-se a semente, grela; brota sobre a superficie limosa da casca grosseira da arvore uma folhinha que brinca ao sopro do vento. Depois cresce, cria raizes e introduz-se até o cerne do madeiro, traspassa-lhe a rigidez das fibras compactas e vai florescer ao outro lado.

Então espalha-se por todo o tronco, a mascarar-lhe as rugosidades, um tapete lustroso e florido, e, em cachos rubros, descem as flôres ao longo dos galhos.

Os festões balançam-se brandamente, e espalham no chão os petalos vivos e coloridos.

O madeiro sente o aperto suffocador d'aquelle abraço, e empresta coroaavel seiva e vida á parasita que o enfeita.

Outras vezes, junto á raiz da aracirana, vê-se o rebento de um cipó.

A trepadeira acaricia, ageita-se, enrosca-se, e vai circulando, pouco e pouco, a circumferencia da arvore.

Um dia chega-lhe ao cimo, e as lianas descem, como cor-



das, dos ramos esgalhados, e vêm enterrar novas raizes no sólo d'onde partiram.

Então aquelles cipós procuram-se, unem-se por meio de pontes aéreas, emmaranham-se e formam uma rêde inextricavel, onde o afiado brilhante do machado vai embotar-se.

Dir-se-hia, ao vêr essas lianas, serem ellas a cordagem rudimentaria de um navio monstruoso.

Por entre esta rêde o macaco salta presto e agil, e, para descansar, enrola a cauda no cipó, e deixa pender o corpo que fica a balançar, como se fôra um fructo, nunca visto, d'aquella vegetação prodigiosa.

De repente passa um relampago fulvo e ouve-se um rugido.

No meio dos galhos, a estalar-lhe os nós, atravessa o corpo mosqueado do jaguar, e o sol, com um raio, enfiando-se por entre a folhagem, vai dourar-lhe por instante as malhas escuras.

Então, ao deslisar-se ao longo dos troncos, apparece um corpo flacido, que se distende, confunde-se com as lianas, e, rojando silenciosamente, dependura-se n'uma rama mais forte, fazendo um anel com a cauda. Depois aquelle corpo arre, messa-se com um silvo, como a flecha despedida do arco rete-sado, e a giboia enrosca em um arrocho formidavel o corpo do jaguar.

Ha uma luta titanica.

As unhas do jaguar procuram romper a couraça da cobra, que resiste ao embate.

Ouve-se no meio d'aquella briga o estalar dos ossos e o ronco atroador da onça, que escancára as fauces.

O animal esforça-se para vencer o reptil, que afinal o suffoca em suas roscas e vai cevar-se em suas carnes.

Aqui a epopéa, mais adiante o idyllio.

No entroncamento de dous galhos fez a pomba o seu ninho, bem alto para que os ares corressem mais livres aos filhinhos, e bem macio para lhes não molestar os corpinhos implumes.

Eil-a a esvoaçar em roda, enxotandø os insectos, que por-

ventura se aproximam da prole, e trazendo no bico o alimento que a nutre.

Por toda parte o bello a manifestar-se de mil maneiras.

Reina, por baixo d'essas cupolas verdes, uma luz soturna, sombreando melancolicamente os relevos, as saliencias, os lineamentos de todos aquelles troncos e cipós.

Dissereis que todas aquellas sinuosidades da cortiça dos madeiros são o esboço incompleto de algum estatuario caprichoso, que quizesse vasar n'aquelles moldes as feições de gryphos e animaes desconhecidos.

Banhada por essa luz esverdeada, a floresta faz lembrar as grutas encantadas, e a imaginação a povôa de habitantes sobrenaturaes.

Junto ás raizes das arvores nascem os cogumelos.

Ás vezes, para dar um tom mais poetico á paisagem, como que para libertar o espirito do peso d'essa pompa pavorosa, passa o ribeirão, gemendo ao lambar as folhas debruçadas nas margens, corcovêa ante o obstaculo de uma pedra em sua passagem, salta por cima d'ella, formando uma cascatasinha, e rumorejando vai perder-se alem, em voltas e desvios

Escuta-se continuamente alli, como se fóra a harmonia proporcional áquella arrogancia, um murmurar surdo, um rumor abafado, semelhante ao resfolego aneiado de um gigante adormido.

Parece que a floresta é presa de um pesadelo, e aquelle ruido é o anhelito de seu peito arquejante.

De envolta com esses fremitos, trazidos pelo vento, espalham-se ondas de perfumes e cheiros embalsamados, que o peito em haustos sorve satisfeito, e sentê-se como que alliviado de magoas e pezares.

O observador parece experimentar em si o renascimento de uma nova vida, e, como o Antheu antigo, cobra forças para commettimentos e riscos.

É que aquelle aroma, unico incenso d'esse templo magestoso, é puro como tudo que se admira na floresta virgem.



Accrescentai a isto tudo o riso escarninhe do corupira, com que as crendices populares têm povoado as florestas, a espiarvo; por detraz de um tronco; as flôres selvagens, e toda essa pompa grandiosa da vegetação tropical, e tereis a matta virgem com toda a sua arrogancia.

CELSO DE MAGALHÃES.

## Sexta-feira de Paixão.

### A PROCISSÃO DO ENTERRO

O perdão das injurias, o bem pelo mal, eram, n'esse dia, os orvalhos que reverdeciam as flôres que se fanavam da fé.

A morte do Christo dissipava o horror da immortalidade e fazia scintillar a esperança nas plagas nebulosas da vida eterna.

A crença publica immobilisava-se nas raias contemplativas, onde as acções boas conferenciavam entre si.

Como uma repercussão das palavras que o filho de Deus deixára cair dos labios no alto do Golgotha, o Imperador perdoava a criminosos. Inimigos vinham de longe reconciliar-se; as familias reatavam relações partidas; o filho rebelde inclinava diante do pai a fronte obediente; e o escravo fugido comparecia indultado perante o senhor.

Nas fazendas, o eito e o tronco não gottejavam sangue, as gargalheiras não maceravam as victimas, as correntes do cepo não mordiam o pé do captivo nas torturas das senzalas.

Era o reinado da paz e do perdão; o unico dia talvez em que se consideravam bemaventurados aquelles que choravam!

E a penitencia e a devoção encaminhavam á casa de Deus a turba pacifica.

Na Capella Imperial, as velas gastas na vigilia ao Santissimo fumavam, avivando o lume dos morrões esbrazeados e longos...

A igreja conservava as portas cerradas em signal de dó, o interior era sombrio, e os sacerdotes, apparecendo da sacristia, tomavam o altar-mór: o officio da Paixão começava abrupto.

A adoração da cruz, deitada ao longo no chão do presbyterio, o bispo e o cabido fazião prosternados, findo o que, a communhão derradeira da semana celebrava-se solemne.

A Paixão, que iniciava-se por uma prophecia, era o Evangelho dialogado em canto gregoriano. Os Judeus, o Christo, Pilatos e os apóstolos exhibiam-se na scena sagrada, tendo por interpretes o côro e tres padres, que, de dous pulpitos e da lage do templo, entretinham a acção, combinando trechos biblicos com as cadencias sublimes de antiguidade remota.

No desempenho da tragedia divina, os padres, elevando os braços, alteavam a voz. — Erão os bradados.

A Paixão concluia-se pelo officio de Trevas, que, em tempos afastados, precedia de pouco a sahida da procissão do Enterro.

Das oito para as nove horas da noite, duas d'essas procissões percorriam as ruas da cidade: a do Carmo e a de S. Francisco de Paula.

Escolhendo como typo a do Carmo, a sua descripção é curiosa, resistindo severa a confrontos remotos.

Na primitiva, os personagens do cortejo eram menos numerosos; porém uma especie de prologo, de intermedio dramatico, n'uma encenação de effeito, dava a conhecer os principaes caracteres.

Em 1831, por volta das quatro horas da tarde, a procissão do Enterro estava na rua, sendo utilizados, para se encarregarem de diversos papeis, cantores e musicos do officio de Trevas.

Esgotadas as praticas de sexta-feira, na Capella Imperial, o Carmo enchia-se de povo para observar uma verdadeira scena de theatro. A um signal convencionado, abriam-se as cortinas de damasco do côro, e as figuras que tinham de formar o prestito funebre, appareciam agrupadas, causando grande sensação.



Minutos depois cerrava-se o panno, e aquelles personagens encorporavam-se nas ruas populosas ao cortejo admiravel.

A procissão do Enterro, como se fazia mais recentemente, supprimira esta scena historica, accrescentando, como compensação, novas figuras e mais avultados accessorios.

A procissão do Carmo sahia ás oito horas da noite. A multidão, apinhada no largo do Paço, defronte da igreja e na rua Direita, movia-se em massa, aqui e alli, como uma onda de asphalto fervente, negra e espelhante.

O luar batia ao longe no mar e polia as paredes brancas e as sacadas dos edificios, de onde centenas de familias debruçavam-se sofregas.

As luminarias douravam, das janellas e sacadas, as colchas fluctuantes ao vento, produzindo os reflexos irradiados uma perspectiva brilhante.

Com os tambores forrados de preto, a bandeira enlaçada de crepe, e as armas em funeral, um batalhão da guarda nacional postava-se a um lado da praça, para as honras funebres do sahimento.

A um momento inesperado, subito clarão golfejava da porta principal da igreja que se abria. A gente que occupava o adro, descia; o povo separava-se em alas na rua Direita; os sineiros, no alto da torre, despencavam o corpo, abraçando a cabeça dos sinos; e todos voltavam o rosto, estirando o pescoço, para o alpendre do templo.

As pessoas mais sisudas e discretas collocavam-se a maior distancia, o que deveras convinha á apreciação do apparatuso acto.

Bem como enorme pedaço de velludo negro, cortado por dois galões de fogo, assim era aquella trilha, serpeada pelas luzes das tochas em profusão.

A procissão havia sahido... De ha tantos annos passados, fallemos do prestito, revivendo recordações.

Rompendo a marcha e levando adiante de si a multidão que se atropellava, seis soldados de cavallaria de policia, com espadas desembainhadas, alinhavam o povo.

As mulheres suspendiam nos braços as criancinhas somnolentas, o chefe de familia dispunha, segundo a idade e o tamanho, os filhos e as senhoras, para que bem vissem; e nas portas escuras, trepados em mochos, os escravos procuravam, da melhor fórma, espiar o que se passava.

O reboição e os arremessos são infalliveis, como se pôde deduzir.

E a matraca, batida por um individuo vestido de balandrão, troava.

Equilibrado por um irmão do Carmo, o *Labaro* romano campeava nas alturas com a vistosa inscripção em letras de ouro : S. P. Q. R.

Á sua sombra, o Farricôco, envergando uma tunica escura, com capuz sobre a cabeça e mascara aberta para os olhos e boca, symbolisando os Novissimos do Homem, tocava uma trombeta, sustendo na mão esquerda uma comprida e fina vela de cera, de que a instantes sacudia os pingos.

Com este personagem bizarro começavam a passar os Terceiros da confraria, com seus habitos proprios, empunhando grossas e pesadas tochas, conduzindo alguns, pela mão, um anginho, cada qual com um instrumento da Paixão.

N'esta procissão, como nas demais, os commerciantes portuguezes, que representavam as riquissimas irmandades, adornavam-se de suas condecorações nacionaes, cravejadas de finissimas pedras e de brilhantes de raro valor.

Pôde-se dizer que a confraria do Carmo comparecia toda, preenchendo os irmãos os grandes claros, os intervallos prolongados, entre a apparição dos personagens que a crença d'aquellas epochas suppunha haverem acompanhado o enterro do Christo.

O prestito parava a miúdo; os anginhos, fatigados, iam quasi de rastos; e o *guião*, com o seu sequito de irmãos da Misericordia, com castiças de pão e velas accesas, obscurcia os ares, azuladamente transparentes pelos brilhos da lua cheia.



E nem mais se ouvia a matraca... o Farricôco perdêra-se de vista.

A este, porém, vinte minutos mais tarde, seguiam-se os quatro Prophetas maiores, em costumes de mouros, perfilando ao hombro escadinhas de pinho, marchando imperturbaveis.

Este grupo barbado e de cabellos cacheados não passava isento de motejos.

E os irmãos proseguiam, os anginhos mais desenvolvidos marchavam, balançando a perninha, e os Prophetas lá iam...

Um destacamento da guarda romana, com alabardas, lanças e escudos raiantes, assomava apôs, capitaneado por um Centurião, homem colossal e resolutio.

De viseira e capacete de couraceiro, com sua banda de seda franjada de ouro, levantava o passo graduado, deixando assentar a pesada e enorme alabarda nas pedras, que estrondavam á pancada.

Os rapazes gostavam d'esta figura e applaudiam o desgarre. Os anginhos, portadores da *columna*, da *canna* e da *corôa de espinhos*, indicavam que o sarcophago do Senhor passaria em breve.

Então, as tres Marias, que eram musicos vestidos de *dominôs* pretos e de mascara, avisinhavam-se, com as suas aureolas em volta da cabeça, fazendo leves mesuras, e murmurando lugubrememente : — *Behú! Behú!*

A estes figurantes, que tornavam-se ás vezes ridiculos a espiritos imprudentes e pouco reflectidos, succedia o côro dos musicos da Capella e o Anjo-cantor.

O Anjo-cantor era uma belleza de dezeseis a dezoito annos, ricamente vestida e cingindo um diadema de ouro e brilhantes.

Subindo n'uma escada de degrãos largos, quando entoava, desenrolando o sudario ensanguentado, a antiphona — *O' vos omnes qui transitis per viam* — sentia-se que por alli ia passar alguma cousa de divino.

As flôres, atiradas das janellas, forravam-lhe o caminho, o esquite do Senhor apparecia.

À semelhança de um lago de estrellas frias, o sarcophago de prata massiça oscillava ao hombro de frades do Carmo, de alva e estola atravessada, coroados de espinhos.

O religioso silencio que dominava as multidões era apenas quebrado pelos rufos abafados de tambores, e pela marcha fúnebre que se executava longinqua.

Em seguida, vinha o andor de Nossa Senhora, carregado por irmãos do Carmo. Como o esquife, este andor era todo de prata esculpida; mas garnecido nas quatro faces por estreitas cortinas cõr de violeta e douradas, que se terminavam em ricas franjas de ouro.

A sagrada imagem, no seu pedestal rodeado de cyprestes, impunha-se como santa, como virgem e como mãe!

Este cortejo era fechado pelo batalhão, cuja musica tocava, durante o trajecto, marchas funebres.

Só depois das onze horas a procissão recolhia-se á igreja de d'onde sahira, ficando por mais algum tempo as imagens expostas á adoração do publico.

Pouco depois, o sermão de lagrimas, outr'ora verdadeiro primor de eloquencia, era declamado pelo orador mais celebre aos fieis reunidos n'aquelle sacrario de dôr.

Muita gente do povo percorria os *Passos*, visitava os Hortos, ficava estacionada nos adros das igrejas expostas ao publico.

Igual procissão, que sahia de S. Francisco de Paula, tinha seus partidarios, seus devotos, mas itinerario diverso.

Sentadas nas calçadas, ao longo das ruas, nos degrãos das igrejas, as vendedeiras de doces e confeitos arriavam os taboleiros, dentro dos quaes uma lanterninha de Flandres, com uma vela accesa, allumiava os mostradores ambulantes.

À distancia, essa myriade de luzes movediças dava a idéa de uma noite clara dos tropicos, com as suas moitas cheias de luz e suas campinas choviscadas de vagalumes.

Da Samana Santa, cujo livro de costumes o nacionalismo brasileiro atirou no olvido, salve-se ao menos esta lauda da tradição.

MELLO MORAES FILHO.



## A pesca dos diamantes.

O Burytízal, abaixo do ribeirão do Diamantino, é hoje uma tapéira, como quasi todos os antigos povoados da capitania. Sua casaria de telha attesta-lhe ainda a antiga importancia. Seus poucos habitantes passam a vida em descuidosa indolencia, trabalhando sómente quando a necessidade os obriga. Consiste o trabalho na cata de diamantes, que vão buscar ao fundo do rio: para isso vão sempre dous companheiros, com um baquité preso a uma corda. Baquité é o samburá que as indias costumam trazer ás costas. Dos companheiros um segura na corda, e o outro mergulha no rio e enche o cesto de areia e cascalho, que o primeiro retira, repetindo-se a operação uma meia duzia de vezes. Lavão, então, as areias, e o resultado dá-lhes sempre para passarem uma semana ou duas, de gaudio, bebendo restillo e tocando viola. O convite para essa pesca de diamantes tem uma expressão propria: vamos biguar, isto é, vamos mergulhar como os biguás, *carbo brasilianus*, ave ribeirinha e que só se sustenta de pequenos peixes, que pesca mergulhando.

DR. JOÃO SEVERIANO DA FONSECA.

---

## Os matutos.

Os matutos podem dividir-se em diferentes especies, mas as mais communs são as dos *lavradores* e *almocreves*. Os primeiros são os que dispõem de alguns meios, a saber: escravos, cavallos, terras, os quaes, sem darem para ter um engenho, ou ao menos para movê-lo, por si sós habilitam o que os possui a cultivar a canna nas terras do engenho alheio, posto que sujeito a dividir com o respectivo proprietario o assucar apurado em cada safra. Os ultimos são os que se alugam com sua pessoa e seu cavallo para a conducção de cargas, por ajustado frete.

Os lavradores são matutos limpos, que entram muitas vezes nos negocios intimos do grande proprietario, merecem a estima d'elle e pesam com seu conselho na decisão dos interesses communs. Aos almocreves já não succede o mesmo Paga-lhes o senhor de engenho o salario, e elles retiram-se a seus casebres, onde vão comer, com a mulher e a ninhada de filhos que ordinariamente contam, o escasso pão que lhes deram o cavallo magro e o trabalho puxado e cansado.

E, pois, o cavallo é, para assim escrevermos, a primeira riqueza do almocreve, visto que por elle é que vem a sua sustentação e a de sua familia; ter um cavallo é a primeira aspiração do pobre no matto. O almocreve não vota mais affecto á sua mulher do que a seu animal. Por elle dá muitas vezes a vida. Para o reaver, se lh'o furtam, vai ao fim do mundo e mata o ladrão.

Quando o almocreve, firmando-se pelos dous primeiros dedos do pé, sempre descalço, na raiz da curva da perna do seu cavallo, ganha de um pulo a cangalha, se elle está descarregado, ou a anca se o animal tem carga, considera-se mais feliz e garboso do que um general de mil batalhas. A seus olhos aquella altura que o homem de pé attinge com a mão lhe parece superior a todo poder humano. D'alli não teme o agente da autoridade publica, nem o golpe ou o tiro mortal que lhe desfechem. Reputa-se inacessivel a todos os males da terra. Entre suas pernas, querendo-o elle, o cavallo é uma locomotiva que se perde na immensidade dos caminhos ou dos descampados; é a faisca electrica que corre terra a terra e desaparece, rompendo fechados e abatendo folhagens, na massa densa e sombria das selvas. O touro afasta-se, a onça recua, para o deixar passar livremente na vertiginosa carreira.

De ordinario, porém, a marcha do animal do almocreve não sai do rojão de todo dia. Tendo sempre presente na lembrança o muito que lhe custou ganhar o seu precioso bem, poupa-lhe as forças quanto pôde, e só em caso extraordinario exige d'elle a corrida afanosa, os saltos subitos, o galope, o cansativo esquipar.



Do numero dos almocreves sahem os *cantadores* e os *repentistas*, que, não obstante as privações ordinarias de sua vida quasi errante, têm dias de consolação e regozijo.

Pelas festas do anno ajuntam-se na casa dos camaradas para cantar, dansar e beber.

A esses sarãos campestres, conhecidos por *sambas*, não faltam as moças mais desembaraçadas das vizinhanças — fadas da roça, que, com suas chinellas de marroquim, seus vestidos de chita ou de cassa de florões, nos labios, que estão a verter sangue e frescura, o riso vergonhoso e a promessa duvidosa, os cabellos ennastrados de jasmins, mangericões e malmequeres, dão alma a pastoris episodios, a curiosos melodramas e muitas vezes a tragedias medonhas e fataes. Algumas d'ellas mais desgarradas trazem os seios mal cobertos por vistosos cabeções de que pendem, não sem acertadas combinações e fantasias, bicos e rendas bem feitas e elegantes.

Taes festas têm o seu lado bom e providencial — fazem esquecer as magoas passadas e as privações presentes. O primeiro e o mais proveitoso resultado d'ellas é o de diminuir a estatistica dos crimes graves e infamantes.

Pobres matutos!

Quantas vezes, ao vêr-vos descalços, mal vestidos e mal passados, não senti apertar-se-me o coração com pena de vós! Esta pena redobrava sempre que, passando pela frente dos vossos casebres, eu descobria ahi por mobilia um banco tosco, uma caixa grosseira, um pote de agua suspenso entre os braços de uma forquilha enterrada no canto da salinha, e por leito de dormida para vós e vossos filhinhos uma esteira ou um girão de varas.

Então eu comprehendia a razão por que em nossos encontros nos caminhos ereis vós os primeiros que tiraveis o vosso chapéo e me salvaveis com mostras de profunda humildade, sem saberdes sequer quem eu era. É que vós tinheis sempre presente aos vossos olhos a consciencia da vossa pobreza e consequentemente vossa fraqueza. A consciencia, este aguilhão

intimo, que nunca se embota, vos dava uma falsa idéa de superioridade de minha parte sobre vós. Pobres creaturas sois vós, oh matutos, mais dignos de compaixão e amparo do que do riso mofador de que vos fazem alvo os que na ignorancia, na simplicidade e na miseria alheia, acham assumpto para desenfado e divertimento proprio! Pobres sois vós dobradamente; porque recebestes de vossos pais, por herança, esta lamentavel condição, e porque não podeis deixar em dote a vossos filhos condição differente d'esta.

FRANKLIN TAVORA.

---

### O ermitão.

A alguma distancia da capella os tres romeiros avistaram o virtuoso eremita, de joelhos, sobre a relva do adro, em face da ermida, com os braços abertos, embebido em extatica oração. O sol, que surgia por defronte d'elles, destacava vivamente os contornos da figura venerabunda do ermitão n'aquella piedosa e solemne postura, e rodeando-o de esplendores o apresentava aos olhos dos romeiros como a imagem viva d'esses patriarchas do christianismo cingidos com a aureola da bemaventurança. A barba grisalha lhe descia ao peito, e os grandes olhos pretos se volviam ao céu, como que nadando em profundos extases. A téz crestada da fronte e do rosto era atravessada por longos e fundos sulcos, e a cabeça pendida para traz se debruçava sobre os hombros alquebrados. Via-se, entretanto, que sua idade não podia ser muito avançada, e que aquelles prematuros caracteres de velhice eram resultado de longos soffrimentos e fadigas extremas.

BERNARDO GUIMARÃES.

---



## Fazenda de Campos Novos.

Não longe do oceano, distante poucas leguas, e ao norte de Cabo-Frio, assenta-se um estabelecimento rural, que fóra outr'ora propriedade dos filhos de Loyola, quando a companhia de Jesus, abalada por fé viva, inabalavel e gloriosa, armada da palavra, essa arma divina com que Deus santificára o homem, levava em triumpho o labaro do christianismo, do oriente ao occidente e do septentrião ao meio-dia, fazendo retroar a boa nova desde os tectos de porcellana do Celeste Imperio até o sapé das cabanas das regiões incultas do Novo Mundo!

Para que este estabelecimento tivesse tudo quanto é mister para tornar importante uma propriedade agricola, basta dizermos que pertencia aos jesuitas.

. . . . .  
O estabelecimento de que se falla e que em tempo d'esses padres se chamava — Fazenda de Santo Ignacio de Campos Novos — ainda hoje existe com o simples nome de Campos Novos. Ainda hoje, bem que não pouco amesquinhada, ella tem bosques, onde vegetam preciosas arvores, procuradas, já para tinturaria, já para construcções, tanto navaes como urbanas e ruraes. Terras idoneas para todo o genero de lavoura de nosso clima, campinas immensas cobertas de pingues pastagens, e todas essas magnificas disposições da previdente natureza, presididas e veladas por verdadeiras intelligencias, tornavam a fazenda de Santo Ignacio de Campos Novos um dos mais notaveis estabelecimentos ruraes de Cabo-Frio, municipio hoje tão augmentado, quanto n'aquelles tempos, de vasto que então era, distendia-se dos Campos dos Goytacazes até Maricá.

Hoje vós ainda encontrareis n'essa bella fazenda, bem que em algumas partes cansadas, todavia em muitas, terras ferteis, e em nenhuma ingrata. Vós encontrareis ainda uberrimos pastos, cobertos de nédios gados de todas as especies, que os lavradores sóem criar em seus campos. Vós encontrareis ainda

alguns pequenos bosques, onde, como uma reliquia dos tempos heroicos da vegetação littoral do nosso Brazil, apenas depararão nossos olhos uma arvore, sobre cuja cortiça ainda nova apenas se terá deslisado a metade de um seculo, ou um seculo inteiro quando muito, e cujo tronco debalde espera attingir a essa grandeza secular d'esses selvaticos gigantes da vegetação, creaturas talvez ante-diluvianas, porque não pereceram nas chuvas de quarenta dias e quarenta noites, resistindo á inundaçào de cento e cincoenta dias, e que por isso assistíram, quem sabe? ao omnipotente *Fiat* dos tres ultimos dias da creação! sim e debalde espera, porque o profanador machado do despota das selvas lá vai decepar em meio a sua propria existencia.

TEIXEIRA E SOUZA.

---

### As cavalhadas.

À tarde tiveram logar as cavalhadas.

Às tres horas já os palanques, toldados de colchas de côres brillhantes, estavam atulhados de familias. Por baixo e em torno d'elles formigava remoinhando uma multidão inquieta, esperando com impaciencia o começo do espectaculo.

Por fim o estouro das girandolas e o repique dos sinos deram signal da vinda dos cavalleiros.

D'ahi a um instante, estes, divididos em duas turmas de dez cada uma entraram na arena a galope por lados oppostos, montados em lindos ginetes ricamente ajaezados, e enfeitados de fitas, ouropeis, pennachos e resonantes guizos, e meneando as lanças ornadas de compridas fitas. Não havia mascara, nem estavam trajados a character, como é costume em algumas partes; mas, segundo o uso do sertão, traziam uniforme militar á moda do tempo, cada um a seu talante, e com primor e riqueza que podia. Uma das turmas, porém, trazia farda azul,



e outra escarlate, figurando aquella os christãos e esta os mouros.

Depois de fazerem diversas evoluções, postaram-se as duas turmas em fila defronte uma da outra, nas extremidades do circo. Cada cavalleiro tinha o seu pagem da lança, a pé, conduzindo pela redea mais um cavallo á dextra.

É escusado descrever todas as evoluções das corridas, porque supponho que os leitores pela maior parte têm assistido a este divertimento, se bem que elle hoje vá cahindo em completo desuso e esquecimento

Elias era o segundo da fila dos mouros, e logo na primeira corrida ia sendo victima de um infeliz contratempo. Seu cavallo, nimamente fogoso, e pouco acostumado ao estrondo da musica e da fogueitaria, desgovernou-se, e era quasi impossivel ao cavalleiro fazê-lo trilhar a linha marcada. Corria, ou antes corcoveava á direita e á esquerda, como um poldro bravio. Elias, exasperado, o castigava rigorosamente. O cavallo falseou uma das mãos, e cahio de peito em terra. Elias saltou fóra dos arreios; o cavallo levantou-se immediatamente; mas, uma roseta da espora tendo-se embaraçado no sellim, Elias cahio, e foi arrastado pelo circo umas dez braças no maior perigo do mundo.

— Jesus! Maria! Misericordia! foi o grito de alarma, que resouu por todos os palanques.

Mas Elias se desvencilhára, e estava prestes a montar de novo; mas seus companheiros não queriam consentir; elle, porém, insistio vivamente, até que um pagem, vindo a toda pressa do palanque do major, veio pedir-lhe, por parte d'este e de sua filha Lucia, que não corresse mais n'aquelle cavallo.

— Sinhásinha teve tamanho susto, que ficou fóra de si e quasi cahio, disse o pagem.

Ao saber que Lucia tinha desmaiado, Elias teve impeto de matar alli mesmo o cavallo a lançadas e correr aos braços d'ella; mas ao mesmo tempo não podia deixar de abençoar do intimo d'alma aquelle incidente, que viera revelar de modo tão

positivo o grão de interesse que inspirava á joven e gentil roceira.

O joven fluminense, que nunca largava a companhia do major, estava em seu pa'aque.

— Oh! minha senhora! exclamou elle com certo despeito, ao vêr o susto e inquietação de Lucia; não vale a pena tomar tanto cuidado pelo pobre rapaz. Deixe-o; está no seu torneio; e se aqui não se quebram lanças nem rompem-se couraças em honra das amantes, ao menos quebram-se as costellas no chão. É resultado do enthusiasmo cavalleiresco.

Lucia apenas respondeu com um olhar de desprezo.

Elias mudára os arreios para outro cavallo, e as corridas continuaram. Elle ostentou-se sempre o mais garboso e mais habil cavalleiro.

Chegou a hora da corrida de cabeças.

São cabeças de papelão collocadas sobre quatro postes nos cantos, e uma quinta no meio da arena.

Os cavalleiros, volteando a arena a galope, cada um por sua vez, têm de enfiar-as na ponta da lança, tendo a ultima, a do chão, de ser tirada com a ponta da espada: é este ultimo o passo mais difficil, o em que poucos são felizes.

Elias quando largou a lança, tinha n'ella enfiadas todas as quatro cabeças. Depois, em vez de desembainhar a espada como os outros, viram-n'o abrir alguns botões da farda, tirar do seio um curto punhal, e, dependurando-se dos arreios com a presteza e agilidade de um gaúcho, quasi sumir-se debaixo do cavallo, e depois reaparecer com a cabeça cravada na ponta do punhal. Os applausos e os foguetes retumbaram por todos os lados.

— Ah! meu Deos! exclamou Lucia involuntariamente, e cobrindo os olhos com o lenço ao vêr o moço n'aquelle arriscada posição.

— Não se assuste, minha senhora, acudio o fluminense; o rapaz está em seu elemento: é um excellente artista. No circo equestre do Bartholomeu este rapaz podia fazer fortuna.



Chegou por fim o momento de correr á argolinha, que é de todos os exercicios da cavalhada o mais difficil.

Os cavalleiros de ambas as turmas se reúnem de um só lado. Em frente d'elles, na outra extremidade, está pendurada a um cordão, preso a dous altos postes, uma argola de metal de uma pollegada de diametro. Os cavalleiros cada um por sua vez, sahindo a galope da fileira, têm de tentar enfiar-a na ponta da lança.

Quando chegou a sua vez, Elias tinha montado de novo o fozoso rosillo; quando deram lé, já era tarde para estorval-o. O cavallo sahio aos trancos, n'um galope aspero e descompasado; mas a despeito d'isso, quando Elias passou entre os postes, a argolinha tinha desaparecido do cordão. Como é de estylo, dous cavalleiros vieram escoltal-o, e elle, ao som de applausos, musicas e foguetes, dirigio-se ao palanque de Lucia. Esta, com o mais amavel dos sorrisos nos labios e com mão tremula de emoção, na fórma de costume, atou-lhe na ponta da lança um mólho de largas e compridas fitas, e este volteou de novo a arena a toque de musica e estouros de foguetaria. Era o heróe da festa.

Seguiu-se a embaixada. Um parlamentar, montado em um formoso e bem doutrinado ginete, sahio caracolando, dançando, pinoteando para o meio da arena, e em um discurso lombastico, no estylo de Carlos Magno, intimou por parte do rei dos christãos ao chefe dos infieis que se rendesse á discrição, etc. Mas o turco descrito não está por isso, e com a mais despejada arrogancia jura por Mafoma que se não renderá, e desafia a colera do christão vencedor. Então ha a corrida desordenada. Os cavalleiros christãos em massa iuvestem sobre os turcos, os quaes, não podendo sustentar o choque, correm atropeladamente pe'lo circo, uns para aqui, outros para acolá, sempre perseguidos pelos christãos. Emfim, os mouros, vendo-se apanhados, põem rapidamente o pé em terra, e, largando seus cavallos, correm a procurar refugio e padrinho, cada qual com um palanque de sua escolha, e assim aquelles perros infieis,

abrigados cada um aos pés de uma belleza christã, de cujas mãos querem receber o baptismo, ficam inteiramente a salvo da sanha dos perseguidores.

Elias, que era mouro, atracou-se logo ao palanque do major, e foi apadrinhar-se com Lucia. Esta, com alegre alvoroço, e quasi pensando em sua imaginação infantil que aquillo era uma realidade, adiantou-se sorrindo a dar a mão ao cavalleiro. Como é costume n'essas occasiões, este foi convidado a jantar em casa de sua madrinha.

BERNARDO GUIMARÃES.

---

### O fado.

Ao lado esquerdo da sala estava o oratorio, illuminado por algumas pequenas velas de cêra, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca. Servia-lhe de espaldar uma colcha de chita com folhos. Em roda da sala estavam collocados assentos de toda a natureza : bancos, cadeiras, etc., onde se assentavam os convidados. Não eram estes em pequeno numero : eram ciganos e gente do paiz ; traziam *toilettes* de toda a casta, do soffrivel para baixo ; mostravam-se alegres e dispostos a aproveitarem bem a noite.

Os meninos entraram sem que alguem reparasse n'elles, e foram collocar-se junto do oratorio.

D'ahi a pouco começou o fado.

Todos sabem o que é fado, essa dança tão voluptuosa, tão variada, que parece filha do mais apurado estudo da arte. Uma simples viola serve melhor do que instrumento algum para o effeito.

O fado tem diversas fórmas, cada qual mais original. Ora uma só pessoa, homem ou mulher, dança no meio da casa por algum tempo, fazendo passos os mais difficultosos, tomando as mais airozas posições, acompanhando tudo isso com estalos





da noite se havia de serrar a mulher mais velha da cidade ou povoação, e era tão simples e credula a gente d'aquelles tempos, que havia velhas que, tremendo de medo, se escondiam durante o dia fatal, para não serem apanhadas pelos serradores.

À noite sahia a sociedade á rua : homens possantes vestidos a caracter, ás vezes representando indios, ou negros africanos, ou mouros, puxavam um carro com immenso estrado, sobre o qual viam-se meia duzia de figurantes trajando á fantasia, e uma serra armada e prompta para serrar uma pipa, dentro da qual se dizia ir encerrada a velha condemnada ao sacrificio.

Onde era possivel obter-se musica, uma duzia de tocadores de instrumentos barbaros, ou capazes de produzir grande ruido não excluia a banda de musica de verdadeiros professores, que, durante a marcha da burlesca procissão, alternavam com a orchestra infernal, tocando marchas alegres ; onde tanto não se podia conseguir, contentavam-se os folgazões com a orchestra infernal.

Ás vezes cessava a musica, e os puxadores do carro marchavam, entoando cantigas allusivas ao trabalho que executavam, ora fazendo allusões á velha que levavam na pipa, ora outros cantos mais ou menos engraçados, ou em moda entre o povo.

Quando os carregadores paravam para descansar ou de proposito defronte de alguma casa, a cujos moradores queriam obsequiar, os serradores dançavam grotescamente, e um d'elles, o principal, fazia em alta voz a leitura de uma composição poetica, em que era cantada a vida da velha que ia ser serrada.

Passavam assim pelas ruas, até que na praça principal se completava a funcção serrando-se a pipa, que, em vez de mostrar serrada no seu interior a velha, apresentava boa e variada ceia, e abundancia de garrafas de vinho.

Ás vezes fingiam serrar a pipa desde o principio e em todo o correr da procissão ; ainda de muitos e diversos modos variavam o divertimento, que por fim acabava sempre com a ceia na praça ou em casa para isso disposta.



Como se vê, a serração da velha era uma folgança innocente, mas rude, e talvez um pretexto para as ceias fartas e alegres no dia da suspensão dos preceitos da quaresma.

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

---

### O pampa.

O pampa é a patria do tufão. Ahi, nas estepes nuas, impera o rei dos ventos. Para a furia dos elementos inventou o Creador as rijezas cadavericas da natureza. Diante da vaga impetuosa collocou o rochedo. Como leito do furacão estendeu pela terra as infindas savanas da America e os ardentes areas da Africa.

Arroja-se o furacão pelas vastas planicies; espoja-se n'ellas como o poldro indomito; convolve a terra e o céu em espesso turbilhão. Afinal a natureza entra em repouso; serena a tempestade; queda-se o deserto, como d'antes placido e inalteravel.

É a mesma face impassivel; não ha alli sorriso nem raga. Passou a borrasca, mas não ficaram vestigios. A savana permanece como foi hontem, como ha de ser amanhã, até o dia em que o verme *homem* corroer essa crosta secular do deserto.

Ao pôr do sol perde o pampa os toques ardentes da luz meridional. As grandes sombras, que não interceptam montes nem selvas, desdobram-se lentamente pelo campo fóra. É então que assenta perfeitamente na immensa planicie o nome castelhano. A *savana* figura realmente um vasto lençol desfraldado por sobre a terra, e velando a virgem natureza americana.

Esta physionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos; mas logo após resumbra tão funda tristeza, que estringe a alma. Parece que o vasto e immenso orbe cerra-se e vai mingando a ponto de espremer o coração.

Cada região da terra tem uma alma sua, raio creador que

lhe imprime o cunho da originalidade. A natureza infiltra em todos os seres que ella gera e nutre aquella seiva propria, e fôrma assim uma familia na grande sociedade universal.

Quantos seres habitam as estepes americanas, seja homem, animal ou planta, inspiram n'ellas uma alma pampa. Tem grandes virtudes essa alma. A coragem, a sobriedade, a rapidez, são indigenas da savana.

No seio d'essa profunda solidão, onde não ha guarida para defesa, nem sombra para abrigo, é preciso affrontar o deserto com intrepidez, soffrer as privações com paciencia e supprimir as distancias pela velocidade.

Até a arvore solitaria que se ergue no meio dos pampas é typo d'essas virtudes. Seu aspecto tem o quer que seja de arrojado e destemido; n'aquelle tronco derreado, n'aquelles galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, ha uma attitude athletica. Logo se conhece que a arvore já lutou com o pampeiro e o venceu. Uma terra sêcca e poucos orvalhos bastam á sua nutrição. A arvore é sobria e feita ás inclemencias do sol abrasador. Veio de longe a semente; trouxe-a o tufão nas azas e atirou-a alli, onde medrou. É uma planta emigrante.

Como a arvore, são a ema, o touro, o corcel, todos os filhos bravios da savana.

J. DE ALENCAR.

---

### A herança paterna.

Tinham-se passado nove annos depois que se fôra Gil-Mendonça em demanda de melhor fortuna.

Ao amanhecer, Arabella, como costumava, levou pela mão Isabel até á porta, e disse :

— Isabel, fazes hoje nove annos; ha quasi outro tanto que teu pai, por amor de teu futuro, deixou-nos, partindo por alli... e é por alli que elle deverá voltar: esperemos...



O dia se passou como tantos outros, e, ao quebrar da tarde, Arabella, que se sentia abatida e afflicta, sem comtudo adivinhar a causa de que soffria, recolheu-se a seu pobre quarto, e, mandando sua filha para a porta, ficou só, chorando em segredo suas saudades.

Isabel foi, segundo costumava fazer com sua mãe, sentar-se á porta da casa, e, fitando os olhos na estrada fronteira, como não tivesse a seu lado sua mãe para repetir-lhe as palavras que sempre lhe ouvia, repetio-as ella mesma :

— Foi por alli que, por amor do meu futuro, se partio meu pai, e é por alli que deverá voltar; continuarei a ser boa menina para que elle me ache bonita e me ame como minha mãe.

E então ella vio vir chegando um peregrino, que parou a dous passos distante d'ella.

— Boa tarde, minha menina! disse o peregrino.

— Boa tarde, bom velho! respondeu ella.

— Olhavas com tanta anciedade para mim, que não tardei a vir perguntar a causa.

— Ora... é que o senhor vinha pelo mesmo caminho por onde deve vir meu pai.

— Teu pai?... e como te chamas, menina?

— Isabel, meu velho!

— Isabel? repetio o peregrino com violenta commoção; e depois continuou: Isabel, eu tenho fome, dar-me-has que comer?

— Sim, sim; entre: nós lhe daremos pão, ovos, bolos e vinho.

O velho peregrino entrou, e d'ahi a pouco foi cercado por toda a familia, que lhe offereceu uma frugal refeição. O semblante d'esse homem era respeitavel, sua cabeça estava toda branca, sua voz era tremula e compassada.

— Boa gente, disse elle, depois de dar fim á sua alimentação, é hoje o dia em que faz nove annos aquella menina.

— Sim... sim... e como sabeis?

— Eu vos trago novas do Sr. Gil-Mendonça.

Um grito de Arabella interrompeu o peregrino.

— E onde está elle?... perguntou.

— Na eternidade, Arabella! respondeu o velho.

— Morto!... morto!... Isabel!... tu és orphã! e eu sou viuva.... minha misera filha!...

Arabella abraçada com sua filha soluçava de um modo terrivel: era a expressão de uma d'essas dôres profundas, que se trocaria em amargo e despedaçador silencio se ao pé não estivesse uma filha para desfazêl-a em lagrimas.

— Minha filha! minha pobre filha! exclamou depois de muito tempo Arabella: que te resta agora?...

— A herança de seu pai, respondeu o peregrino; a herança de seu pai trazer-vos venho.

Todos olharam admirados para aquelle homem.

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

---

### Tempestade e bonança.

A luz do sol era um tanto desmaiada, e para as partes do oeste amontoavam-se serranias de nuvens densas, como pejudas de ventos; espessas, como carregadas de chuvas; grossas, como prenes de trovoadas; medonhas, como cheias de raios; e negras, como pesadas da tempestade: tudo agourava que a natureza ia agitar suas tremendas furias! Ao anoitecer, a lua cheia, vermelha como ferro em brasa, começou de erguer-se sobre seu horizonte, envergando seus raios por sobre o cume das serras, que vinham quebrar-se na profundeza dos valles! Dirieis que era o vidro orbicular da claraboia de frontispicio de templo, pintado de côr de rosas, e ferido pelo primeiro raio do sol da manhã, que apresenta a sua superficie inundada de uma luz sanguinea! Tudo annunciava uma terrivel luta entre a natureza e a humanidade!



Com effeito, alguns longinquos e roucos trovões começaram de se deixar ouvir; elles se foram progressivamente augmentando, e a tormenta approximando-se. Quando as sombras enguliram completamente a luz, medonhas rajadas de vento principiaram a disparar-se, e com ellas turbilhões d'agua, que se precipitavam do céu! Os relampagos cruzavam-se na esphera, os raios resvalavam pelos fios das serras! A borrasca estava desfeita com todos os seus horrores!

Medonho era o aspecto que a natureza apresentava n'este momento tremendo! Parecia que o céu se despedaçava! tão fortes eram os estampidos dos trovões. Parecia que o espaço, coberto de nuvens, como estava, era uma selva reseccada pelos sóes do estio, e abrasada pelo fogo do lavrador incauto, tão amiudados e tão longos eram os lampejos que abrasavam as nuvens!

A terra estava inundada da grossa chuva que cahia, e os extensos lagos, que cobriam a face da terra, reflectiam em si esses fogos terriveis, que, n'esse céu tempestuoso, tão rapidos passavam sobre as cabeças dos homens! E o fogo do raio que brilhava nos ares, e o fogo do raio que se reflectia nos lagos, representavam dous abysmos d'agua e de fogo, limitando os desejos do homem : um debaixo de seus pés, outro sobre sua cabeça! Batiam trovões no céu, emmaranhavam-se raios, a natureza era horrores, e a humanidade temores e supplicas! Era tudo uma alegria de demonios e uma scena do inferno!

.....

As dez horas da noite a tempestade começou a escapar-se. O vento minorou suas furiosas refregas; a trovoadá foi pouco e pouco apartando-se; tardos lampejos se cruzavam nos ares, e as pesadas nuvens do alto dos céos se precipitavam nos horizontes. Dest'arte a procella principiou a regaçar seu manto formado d'agua, de fogo e de horrores: através de suas immensas dobras, lá, parecendo tão longe, se mostrava o céu, cujo sereno azul brilhava ao clarão da lua cheia de Março. Por uma d'essas aberturas do descosido manto da tempestade a lua

começou de apresentar seu brilhante disco. Providentes compensações da natureza! a lua fulgurava com alvinitente fulgor sobre um céu azul, puro e bello! Dirieis que era um escudo de prata polida sobre um fundo de um lustroso azul!

TEIXEIRA E SOUZA.

---

### O fogo do Campo.

Grande parte do Campo estava já coberta d'aquelles ranchos sentados em esteiras, ceando, conversando, cantando modinhas ao som de guitarra e viola. Fazia gosto passear por entre elles, e ouvir aqui a anecdota que contava um conviva de bom gosto, alli a modinha cantada n'aquelle tom apaixonadamente poetico, que faz uma das nossas originalidades, apreciar aquelle movimento e animação, que geralmente reinavam. Era essa a parte (permittão-nos a expressão) verdadeiramente divertida do divertimento.

Os nossos conhecidos sentaram-se como os outros em roda de suas esteiras e começaram a cear. Leonardo, apesar das emoções novas que experimentava desde certo tempo, e principalmente n'aquella noite, nem por isso perdeu o appetite, e esqueceu-se por algum tempo de sua companheira, para cuidar unicamente do seu prato. No melhor da ceia foram interrompidos pelo ronco de um foguete que subia: era o fogo que começava. Luizinha estremeceu, ergueu a cabeça, e pela primeira vez deixou ouvir sua voz, exclamando extasiada ao ver cahirem as lagrimas inflammadas do foguete, que aclaravam todo o Campo:

— Olhe! olhe! olhe!...

Alguns dos circumstantes desataram a rir; o Leonardo deu o cavaco com aquellas risadas, e as achou muito fóra de tempo. Felizmente Luizinha estava por tal maneira extasiada, que não



deu attenção a cousa alguma, e enquanto duraram os foguetes não tirou os olhos do céu.

Aos foguetes seguiram-se, como sabem os leitores, as rodas. N'essa occasião a extasiada menina passou a frenesi : applaudia com enthusiasmo, erguia o pescoço por cima das cabeças da multidão, tinha desejos de ter duas ou três varas de comprido para ver tudo a seu gosto. Sem saber como, unia-se ao Leonardo, firmava-se com as mãos sobre os seus hombros para se poder sustentar mais tempo nas pontas dos pés, fallava-lhe e communicava-lhe a sua admiração! O contentamento acabou por familiarisal-a completamente com elle. Quando se atacou a lua, a sua admiração foi tão grande, que, querendo firmar-se nos hombros de Leonardo, estremeceu por dentro e pediu ao céu que a lua fosse eterna; virando o rosto, vio sobre seus hombros aquella cabeça de menina, illuminada pelo clarão pallido do mixto que ardia, e ficou tambem por sua vez extasiado; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jámais vira, e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir-se d'ella e achal-a feia.

M. A. DE ALMEIDA.

---

### As margens do Itapicurú.

As margens do rio Itapicurú são, na sua maioria, de aspecto selvatico, al'ombradas de luxuriante vegetação, esplendente e sombria como sóe ser nas regiões intertropicaes. Aqui renques de palmeiras com seus leques variados como seus troncos, conforme as especies : uns erectos, alterosos e espessos, quaes columnas de arruinado templo; outros delgados e recurvando-se ao menor sôpro da brisa, ou torcidos, como se mão de gigante se tivesse comprazido de os contorcer por folguedo; outros nús de folhagem pela acção destruidora do raio ou abra-

çados por tenues ramos de baunilheira, trescalando perfumes. Às caprichosas fórmias d'esse quadro risonho succede de repente a tristeza que lhe infundem as sombras me'ancolicas das ingaranas, que se debruçam no rio com suas franças pendentes, como as de salgueiros soberbos e seculares, ou entrelaçadas e cingidas por mil cipós e parasitas, que as despojam das ramas, substituindo-as por seu vasto folhiço matizado de flôres tão esplendidas nas côres quanto fantasticas na contextura. Se n'este grupo de arvores apparentam ricos cortina los de verdura, n'aquelle, pela disposição dos sarmentos, arremedam aqui arcos triumphaes, alli quaes laçarias architectadas por mãos intelligentes de artista arabe, ou grinaldas entretecidas para capellas de amor...

DR. A. HENRIQUES LEAL.

### O Passeio Publico do Rio de Janeiro.

Sendo certo que nos Estados deve o povo estar sempre occupado em ccusa ou util ou deleitosa, para evitar a ociosidade e os vicios que vêm de mistura, com essas vistas, em meio do lugar chamado Boqueirão da Ajuda, cujo seio se comprehende no espaço desde a ponta da Misericordia ou do Calabouço, até o monte de Nossa Senhora da Gloria, e por assás pantanoso não só criava insectos e mantinha grossa mosquitaria, mas occasionava a podridão da atmospheria, recolhendo as ondas impetuosas, que ali se espraiavam, erigiu com grande desvelo e gosto o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza o aprazivel Passeio Publico. Murado todo com paredes firmes de pedra e cal entermeiadas de janellas, onde se collocaram assentos de cantaria, é defendida a sua entrada por uma porta ferrea, trabalhada soberbamente, sobre a qual se vê uma medalha em bronze dourado com a epigraphie seguinte: *Maria I et Petrus III Brazilia Regibus 1783.*



As ruas que o formozeam, delineadas com figuras diferentes e ornadas por diversas arvores fructiferas do paiz, cujos ramos extensos e vistossimos reparam a ardencia do sol ou a cahida das chuvas, fazem agradavel a situação, para ser frequentemente visitada, achando os hospedes em meio do lugar assentos de pedra lavrada, onde descancem, e de cada um dos lados da rua principal vistosas mezas tambem de pedra, cobertas de jasmims, que convidam os passeiantes a entreter em sociedades as horas de recreio. Nos mesmos sitios estão dois lagos construidos artificialmente, no meio dos quaes se levantaram outros tantos obeliscos de pedra com as seguintes inscrições: *A' saudade do Rio* e *Ao amor do publico*; e fronteira a elles ficou a cascata, sobre que um fingido coqueiro, como plantado em pedregoso monte, onde pousam alguns passaros de bronze, mostrava o producto vegetal da sua classe. D'ali dois jacarés fabricados em bronze, parecendo recrear-se entrelaçados fóra do seu leito natural, soltam as aguas por canaes diversos para um alto tanque proximo, em que observam a perfeição de suas semelhanças. Duas escadas, erigidas a um e outro lado da cascata, dão entrada para o terraço avarandado e lageado de marmore, que paredes grossas defendem dos movimentos impetuosos do mar: e n'esse lugar aprazivel pela vista desimpedida desde o longo da barra da cidade até o interior da enseada, se encontra detraz da cascata um genio figurado em marmore, que, despejando pela boca de uma tartaruga sustentada nas mãos, sobre um barril de pedra ordinaria as aguas industriosamente recebidas da cascata, diz aos sequiosos — *Sou util, inda brincando*.

Occupam o parapeito em roda do mesmo terraço varios alegretes com flôres, que entermeiam diferentes assentos de pedra commum e ornam alguns vasos de marmore; e duas casas ou pavilhões levantados em cada extremidade fazem mui brilhantemente a sua perspectiva.

## Uma festa no Rio de Janeiro no tempo de D. João 6º.

Socegado o festivo alvoroço, que causou a chegada de Sua Magestade, começou logo o divertimento d'esta tarde, entrando pelo arco triumphal o magnifico e lindo carro d'America, cuja appareição encheu toda a praça de summo prazer, manifestado pelo geral acolhimento e applauso, que merecia a belleza, e perfeição e a riqueza, com que fôra construido. Formava este carro uma grandiosa concha de madre pérola com trinta palmos de comprido, quinze de largo e quarenta de alto, conduzidas por dous hippocampos (cavallos marinhos), lançando agua pelas ventas, governados por Neptuno com o seu tridente na mão direita, as redeas de ouro na esquerda, indo sentado na volta da concha, que fazia a prôa; uma rica e bem bordada capa lhe cobria os hombros e esta era de côr carmezim e ornada de ouro e prata; uma corôa de ouro lhe cingia a cabeça, symbolo do imperio do mar. Rematavam a mesma concha na parte superior dous golfinhos de ouro, que com as suas grandes caudas ajudavam uma bella tarja a ornar as armas reaes de ouro e prata, que estavam collocadas na popa da mesma concha: estes golfinhos tambem lançavam agua pelas ventas, por meio de quatro repuxos, que juntos aos dos mencionados hippocampos faziam uma muito engraçada vista, aguando a praça. Pendiam da popa tres grinaldas de flôres do paiz, feitas com muito artificio, e cada uma tinha dez palmos de comprido, as quaes rematavam com quatro pendões de tres palmos e meio. Em um pedestal de esmalte côr de pérola, que occupava o centro do carro, e todo revestido de flôres, estava assentada a America, ricamente ornada de uma opa de setim branco bordada de ouro, e orlada com um franção do mesmo, tendo um manto real de velludo carmezim bordado ricamente de ouro, e com corôa na cabeça do mesmo metal: sustentava na mão direita um estandarte com as armas do Reino-Unido, e



com a esquerda como que depunha a aljava, settas, e arco. Este carro representava rodar sobre as aguas com rodas movedicas, que giravam entre as ondas, mostrando fazer o seu movimento sobre o mar pelos mesmos cavallos marinhos, que iam com as mãos sobre as ondas, que rodeavam o carro. Tão rica como engenhosa peça foi executada por Sebastião da Costa Maia e foi offerta dos officiaes de caldeireiro, latoeiro e outros, que trabalham em metaes.

Precediam este magnifico carro vinte quatro indios com saiotos de pennas e cocar das mesmas, com os cabellos sóltos e armados de arco e flechas, os quaes, depois que o carro aguou a praça, girando em roda d'ella e veio pousar defronte da real tribuna, formaram uma dança mui divertida, sendo todo o instrumental, que a dirigia, um unico assobio, a cujo som executaram muitas e differentes difficuldades, que mereceram os applausos de todos, e com especialidade dos estrangeiros, que viam pela primeira vez, como em miniatura, os trajes e costumes dos nossos selvagens, apesar de que não erana verdadeiros indios, os que formaram a dança mencionada, mas sim rapazes d'esta cidade. Finda a dança se retirou o carro, juntamente com o seu sequito e logo entrou na praça a celebre dança dos ciganos, que se compunha de seis homens, e outras tantas mulheres vestidos todos com muita riqueza; pois tudo quanto apresentaram de ornato era velludo e ouro: precedia-os uma banda de musica instrumental; e sobre um estrado fronteiro às reaes pessoas executaram com muito garbo e perfeição varias danças hespanholas, que mereceram universal acceitação. Estas foram as unicas danças, que n'esta primeira tarde tiveram a honra de apparecer diante de Suas Magestades e Altezas Reaes; assim como o carro d'America foi o unico, que entrou na praça, por não dar tempo para a entrada dos outros o brilhante festejo das cavalhadas, que logo se seguiu; mas não faltou para embellezar esta real pompa um grande numero de mascaras, tanto homens, como mulheres, que ornados com grande aceio giravam pela praça, formando grupos muito en-

graçados e prazenteiros, [pela variedade dos seus vestidos e comicas figuras, que alguns representavam; mas, logo que acabaram as danças referidas, os mascarados despejaram a praça e foram tomar assento no lugar, que lhes era destinado nas bancadas.

P. LUIZ GONÇALVES.

---

### De São Paulo a Minas. (TEMPOS COLONIAES)

Gastam commumente os paulistas desde a villa de S. Paulo até as Minas Geraes dos Cataguás pelo menos dois mezes; porque não marcham de sol a sol, mas até ao meio-dia; e quando muito até uma ou duas horas da tarde: assim para se arrancharem, como para terem tempo de descansar ou de buscar alguma caça ou peixe aonde o ha, mel de páu ou outro qualquer mantimento. E d'esta sorte aturam com tão grande trabalho.

O roteiro do seu caminho desde a villa de S. Paulo até a serra de Itatiaya, aonde se divide em dois: um para as minas do Caité ou ribeirão de Nossa Senhora do Carmo, e do Ouro-Preto; e outro para as minas do Rio das Velhas, é o seguinte em que se apontam os pousos e paragens do dito caminho, com as distancias que têm e os dias que pouco mais ou menos se gastam de uma estalagem para outra, em que os ministros pousam, e se é necessario descansam e se refazem do que hão mister, e hoje se acha em taes paragens.

No primeiro dia sahindo da villa de S. Paulo vão ordinariamente pousar em Nossa Senhora da Penha, por ser (como elles dizem) o primeiro arranco de casa: e não são mais que duas leguas.

D'ahi vão á aldeia de Tacuaquisetuba, caminho de um dia.

Gastam da dita aldeia até a villa de Mogi, dois dias.

De Mogi vão ás Lorangeiras, caminhando quatro ou cinco dias até o jantar.



Das Larangeiras até a villa de Jacarehy, um dia até ás tres horas.

De Jacarehy até a villa de Taubaté, dois dias até ao jantar.

De Taubaté a Pindamonhangaba, freguezia de Nossa Senhora da Conceição, dia e meio.

De Pindamonhangaba até a vil'a de Guaratinguetá, cinco ou seis dias até ao jantar.

De Guaratinguetá até o porto de Guaipacaré, aonde ficam as casas de Bento Rodrigues, dois dias até ao jantar.

D'estas roças até ao pé da serra afamada de Amantiqueira, pelas cinco serras muito altas, que parecem os primeiros morros, que o ouro tem no caminho, para que não cheguem lá os mineiros, gastam-se tres dias até ao jantar.

D'aqui começam a passar o ribeiro, que chamam Passa-Vinte, porque vinte vezes se passa; e sóbe as serras sobreditas, para passar as quaes, se descarregam as cavalgadas, pelos grandes riscos dos despenhadeiros que se encontram; e assim gastam dois dias em passar com grande difficuldade estas serras; e d'ahi se descobrem muitas e apraziveis arvores de pinhões, que a seu tempo dão abundancia d'elles para o sustento dos mineiros, como tambem porcos montezes, aráras e papagaios.

ANDRÉ ANTONIL.

---

### Character dos Indios do Brazil.

Si se principia pela affeição conjugal, por este ser o primeiro de todos os affectos humanos, posso dizer que ao melindre e á ternura que, entre os povos civilizados, merece a mulher ao seu marido, não corresponde a dos americanos. A tapuya verdadeiramente não é mulher, mas sim escrava de seu marido. E verdade que, na repartição do trabalho, a elle é que per-

tence roçar, caçar e pescar, porém nada mais. A mulher é a que planta, si isto se pratica; é a que colhe e a que transporta para a sua palhoça o cesto de mandioca á cabeça, e o filho, si o tem, ás costas, ou a um lado do corpo; é a que prepara o beijú ou a farinha, a que espreme os vinhos para as suas bebidas, a que vae buscar e conduzir a agua, e, em uma palavra, a que tudo lhe faz, passando pelos empregos mais humilhantes. Os serviços pessoaes que o tapuya consagra áquella com quem quer casar, não são os meios para a conseguir. Isto só depende de elle a comprar a seus pais, quero dizer, de dar em troca d'ella o que elles desejam; porque entre os gentios não ha moeda. Uns são monogamos e outros polygamos; si o paiz é fértil e abundante, de maneira que nenhum cuidado lhes dá o entretenimento de uma numerosa familia, si assim o pedem as suas instituições e costumes, usam de mais que uma mulher. Porém ellas não são geraes, nem para todos, nem para os da sua parentela. Porque, ainda que geralmente se diga que elles são frios para as mulheres, isto não procede tanto da falta de ciúme, ou de appetite do coito, como da liberdade de o terem, quando e como o appetecem. Sabe-se que entre elles nem ha lei, nem religião, que os modere. Pelo contrario, o que elles logo tratam de esconder e recatar, em sentindo gente estranha, são as mulheres e os filhos, os quaes elles zelam, e guardam como as meninas dos seus olhos. E si alguns indios, depois de domesticados, os fecham, tratando de bagatella a infidelidade conjugal, ou elles mesmos alliciados de dadas e de importunações, entregam as mulheres, logo ao primeiro acesso de alguma crapula exprimem o seu resentimento e bem claramente dão a entender quanto n'elles domina o ardor da vingança. O que se diz, para prova de sua debilidade, que nem a mesma vehemencia do appetite do coito é n'elles tão grande como nos europeus, ainda os mais bem morigerados, eu o não confirmo nos que tenho visto. É verdade que todos estes habitam nas margens dos rios, onde o céo é benigno, o terreno fértil, e a subsistencia abundante, e onde por conseguinte as paixões que



excitam as necessidades, taes como a fome, a peste e a guerra, não enfraquecem ou distrahem aquella do amor. Talvez que esta seja a razão da diversidade das minhas observações, porque o certo é que quanto mais nutrido e folgado anda o corpo, tanto mais ardente se faz aquelle appetite. Sim, não é facil de se ver um indio empenhado em ganhar a affeição de sua amada, ou por diligencias assiduas, ou por caricias externas, e outras muitas d'essas demonstraões inventadas para esse fim pelos amantes civilisados.

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA.

---

### Inundação.

Era alta noite; sombras espessas cobriam as margens do Parahyba.

De repente um rumor surdo e abafado, como de um tremor subterraneo, propagando-se por aquella solidão, quebrou o silencio profundo do ermo.

Pery estremeceu; ergueu a cabeça e estendeu os olhos pela larga esteira do rio, que, enroscando-se como uma serpente monstruosa de escamas prateadas, ia perder-se no fundo escuro da floresta.

O espelho das aguas, liso e polido como nm crystal, reflectia a claridade das estrellas, que já desmaiavam com a aproximação do dia : tudo estava immovel e quêdo.

O indio curvou-se sobre a borda da canôa, e de novo applicou o ouvido; pela superficie do rio rolava um som estrepitoso, semelhante ao quebrar-se da catadupa precipitando-se do alto dos rochedos.

Cecilia dormia tranquillamente; sua respiração ligeira resoava com a harmonia doce e subtil das folhas da canna quando estremeceem ao sopro tenue da aragem.

Pery lançou um olhar de desespero para as margens que se destacavam a alguma distancia sobre a corrente placida do rio. Quebrou o laço que prendia a canôa, e impelliu-a para a terra com toda a força do remo, que fendeu a agua rapidamente.

À beira do rio elevava-se uma bella palmeira, cujo alto tronco era coroado pela grande cupola verde, formada com os leques de suas folhas lindas e graciosas. Os cipós e as parasitas, engrazando-se pelos ramos das arvores vizinhas, desciam até o chão, formando grinaldas e cortinas de folhagem, que se prendiam ás hastes da palmeira.

Tocando a margem, Pery saltou em terra, tomou Cecilia meio adormecida nos seus braços, e ia entranhar-se pela matta virgem que se elevava diante d'elle.

N'esse momento o rio arquejou como um gigante estorcendo-se em convulsões, e deitou-se de novo no seu leito, soltando um gemido profundo e cavernoso.

Ao longe o crystal da corrente achamalotou-se, as aguas frissaram-se, e um lençol de espuma estendeu-se sobre essa face lisa e polida, semelhante a uma vaga no mar desenrolando-se pela areia da praia.

Logo todo o leito do rio cobriu-se com esse delgado sendal que se desdobrava com uma velocidade espantosa, rumorejando como um man'lo de seda.

Então no fundo da floresta trocou um estampido horrivel, que veio reboando pelo espaço ; dir-se-hia o trovão correndo nas quebradas da serrania.

Era tarde!

Não havia tempo para fugir ; a agua tinha soltado o seu primeiro bramido, e, erguendo o collo, precipitava-se furiosa, invencivel, devorando o espaço como algum monstro do deserto.

Pery tomou a resolução prompta que exigia a imminencia do perigo : em vez de ganhar a matta, suspendeu-se a um dos cipós, e, galgando o cimo da palmeira, ahi abrigou-se com Cecilia.

A menina, despertada violentamente e procurando conhecer o que se passava, interrogou seu amigo.





— A agua!... respondeu elle, apontando para o horizonte.

Com effeito, uma montanha branca, phosphorescente, assomou entre as arcarias gigantescas formadas pela floresta, e atirou-se sobre o leito do rio, mugindo como o oceano quando açouta os rochedos com as suas vagas.

A torrente passou, rapida, veloz, vencendo na carreira o tapir das selvas ou a ema do deserto; seu dorso enorme se estorceia e enrolava pelos troncos diluvianos das grandes arvores, que estremeciam com o embate herculeo.

Depois, outra montanha, e outra, e outra, se elevaram no fundo da floresta; arremessando-se no turbilhão, lutaram corpo a corpo esmagando com o peso tudo que se oppunha à sua passagem.

Dir-se-hia que algum monstro enorme, d'essas giboias tremendas que vivem nas profundezas d'agua, mordendo a raiz de uma rocha, fazia girar a cauda immensa, apertando nas suas mil voltas a matta que se estendia pelas margens.

Ou que o Parahyba, levantando-se qual novo Briarêo no meio do deserto, estendia os cem braços titanicos, e apertava ao peito, estrangulando-a em uma convulsão horrivel, toda essa floresta secular que nascêra com o mundo.

As arvores estalavam; arrancadas do seio da terra ou partidas pelo tronco, prostravam-se vencidas sobre o gigante, rue, carregando-as ao hombro, se precipitava para o oceano.

O estrondo d'essas montanhas d'agua que se quebravam, o stampido da torrente, os trôos do embate d'esses rochedos movediços, que se pulverisavam enchendo o espaço de neblina espessa, formavam um concerto horrivel, digno do drama magestoso que se representava no grande scenario.

As trevas envolviam o quadro, e apenas deixavam ver os reflexos prateados da espuma e a muralha negra que cingia esse vasto recinto, onde um dos elementos reinava como soberano.

Cecilia, apoiada ao hombro de seu amigo, assistia horrorisada a esse spectaculo pavoroso; Pery sentia o seu corpinho estremecer; mas os labios da menina não soltaram uma só queixa um só grito de sus'o.

Em face d'esses trances sollemnes, d'esses grandes cataclysmas da natureza, a alma humana sente-se tão pequena, anihila-se tanto, que se esquece da existencia; o receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção que emmudece e paralyza.

O sol, dissipando as trevas da noite, assomou no oriente; seu aspecto magestoso illuminou o deserto; as ondas de sua luz brilhante derramaram-se em cascatas sobre um lago immenso, sem horizontes.

Tudo era agua e céu.

A inundação tinha coberto as margens do rio até onde a vista podia alcançar; as grandes massas d'agua, que o temporal durante uma noite inteira vertêra sobre as cabeceiras dos confluents do Parahyba, desceram das serranias, e, de torrente em torrente, haviam formado essa tromba gigantesca que se abateu sobre a varzea.

A tempestade continuava ainda ao longo de toda a cordilheira, que apparecia coberta por um nevoeiro escuro; mas o céu, azul e limpido, sorria mirando-se no espelho das aguas.

A inundação crescia sempre; o leito do rio elevava-se gradualmente; as arvores pequenas desappareciam, e a folhagem dos soberbos jacarandás sobrenadava já, como grandes moitas de arbustos.

A cupola da palmeira, em que se achavam Pery e Cecilia, parecia uma ilha de verdura banhando-se nas aguas da corrente; as palmas que se abriam, formavam no centro um berço mimoso, onde os dous amigos, estreitando-se, pediam ao céu para ambos uma só morte, pois uma só era a sua vida.

Cecilia esperava o seu ultimo momento com a sublime resignação evangelica, que só dá a religião do Christo: morria feliz; Pery tinha confundido as suas almas na derradeira prece que expirára de seus labios.

— Podemos morrer, meu amigo! disse ella com uma expressão sublime.



Pery estremeceu; ainda n'essa hora suprema seu espirito revoltava-se contra aquella idéa, e não podia conceber que a vida de sua senhora tivesse de perecer como a de um simples mortal.

— Não! exclamou elle. Tu não podes morrer.

A menina sorriu docemente.

— Olha! disse ella com a sua voz maviosa, a agua sobe, sobe...

— Que importa! Pery vencerá a agua, como venceu a todos os teus inimigos.

— Se fosse um inimigo, tu o vencerias, Pery. Mas é Deus... É o seu poder infinito!

— Tu não sabes? disse o indio como inspirado pelo seu amor ardente; o Senhor do céu manda ás vezes áquelles a quem ama um bom pensamento!

E o indio ergueu os olhos com uma expressão ineffavel de reconhecimento.

Fallou com um tom solemne :

« Foi longe, bem longe dos tempos de agora. As aguas cahiram, e começaram a cobrir toda a terra. Os homens subiram ao alto dos montes; um só ficou na varzea com sua esposa.

« Era Tamandaré; forte entre os fortes : sabia mais que todos.

« O Senhor fallava-lhe de noite; e de dia elle ensinava aos filhos da tribu o que aprendia do céu.

« Quando todos subiram aos montes, elle disse : — Ficai commigo; fazei como eu, e deixai que venha a agua.

« Os outros não o escutaram, e foram para o alto; deixaram elle só na varzea com sua companheira, que não o abandonou.

« Tamandaré tomou sua mulher nos braços, e subiu com ella ao olho da palmeira;ahi esperou que a agua viesse e passasse; a palmeira dava fructos que os alimentavam.

« A agua veiu, subiu e cresceu; o sol mergulhou e surgiu

uma, duas e tres vezes. A terra desapareceu, a arvore desapareceu, a montanha desapareceu.

« A agua tocou o céu, e o Senhor mandou então que parasse. O sol, olhando, só viu céu e agua, e entre a agua e o céu a palmeira que boiava levando Tamandaré e sua companheira.

« A corrente cavou a terra; cavando a terra, arrancou a palmeira; arrancando a palmeira, subiu com ella; subiu acima do valle, acima da arvore, acima da montanha.

« Todos morreram; a agua tocou o céu tres sóes com tres noites; depois baixou, baixou até que descobriu a terra.

« Quando veio o dia, Tamandaré viu que a palmeira estava plantada no meio da varzea, e ouviu a avezinha do céu, o guanumby, que batia as azas.

« Desceu com a sua companheira e povoou a terra. »

Pery tinha fallado com o tom inspirado que dão as crenças profundas, com o enthusiasmo das almas ricas de poesia e sentimento.

Cecilia o ouvia sorrindo, e bebia uma a uma as suas palavras, como se fossem as particulas do ar que respirava; parecia-lhe que a alma do seu amigo, essa alma nobre e bella, se desprendia do seu corpo em cada um das phrases solemnes, e vinha embeber-se no seu coração, que se abria para recebê-la.

A agua, subindo, molhou as pontas das largas folhas da palmeira, e uma gotta, resvalando pelo leque, foi embeber-se na alva cambraia das roupas de Cecilia.

A menina, por um movimento instinctivo de terror, conchevou-se ao seu amigo; e n'esse momento supremo, em que a inundação abria a fauce enorme para tragal-os, murmurou docemente:

— Meu Deus!... Pery!...

Então passou-se sobre esse vasto deserto d'agua e o céu uma scena estupenda, heroica, sobrehumana, um espectaculo grandioso, uma sublime loucura.

Pery allucinado suspendeu-se aos cipós que se entrelaçavam pelos ramos das arvores já cobertas de agua, e com um esforço



desesperado, cingindo o tronco da palmeira nos seus braços hirtos, abalou-o até ás raizes.

Tres vezes os seus musculos de aço, estorcendo-se, inclinaram a haste robusta; e tres vezes o seu corpo vergou, cedendo á retracção violenta da arvore, que voltava ao logar que a natureza lhe havia marcado.

Luta terrivel, espantosa, louca, esvairada; luta da vida contra a materia; luta do homem contra a terra; luta da força contra a immobilidade.

Houve um momento de repouso em que o homem, concentrando todo o seu poder, estorceu-se de novo contra a arvore; o impeto foi terrivel, e pareceu que o corpo ia despedaçar-se n'essa distensão horrivel.

Ambos, arvore e homem, embalançaram-se no seio das aguas: a haste oscillou; as raizes desprenderam-se da terra, já minada profundamente pela torrente.

A cupola da palmeira, embalançando-se graciosamente, resvalou pela flôr d'agua, como um ninho de garças ou alguma ilha fluctuante, formada pelas vegetações aquaticas.

Pery estava de novo sentado junto de sua senhora quasi inanimada; e, tomando-a nos braços, disse-lhe com um accento de ventura suprema:

— Tu viverás!...

Cecilia abriu os olhos, e, vendo seu amigo junto d'ella, ouvindo ainda suas palavras, sentiu o enlevo que deve ser o gozo da vida eterna.

— Sim?... murmurou ella; viveremos!... lá no céo, no seio de Deus, junto d'aquelles que amamos!...

O anjo espanejava-se para remontar ao berço.

— Sobre aquelle azul que tu vês, continuou ella, Deus mora no seu throno, rodeado dos que o adoram. Nos iremos lá, Pery! Tu viverás com tua irmã, sempre!...

Ella embebeu os olhos nos olhos do seu amigo, e languida reclinou a loura fronte.

O halito ardente de Pery bafejou-lhe a face.

Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e limpidos sorrisos; os labios abriram como as azas purpureas de um beijo soltando o vôo.

A palmeira, arrastada pela torrente impetuosa, fugia. . .

E sumiu-se no horizonte.

J. DE ALENCAR.

---

### A gruta de Monte Rorigo.

Não é d'essas serras pedregosas escalvadas, como a mór parte das de Minas; é toda formada d'uma terra vermellha, pesada, fertil, coberta de mattas ou campinas, e por onde aspe-rejam penedias; estas são de natureza calcarea, de um cin-zento escuro, betadas em differentes sentidos de branco, e cujas betas são de materia espathosa. Estas rochas acham-se todas mais ou menos cobertas de estalactites, assento natural do nitrato de potassa. No logar em que o rio Paraúna divide a montanha, mostra-se el'a mais desemparada de terra e mais cheia de rocha, e por isso abunda aqui mais o nitrato. Não obtante, porém, toda esta fragura e inclinação precipitosa, tal é a fertilidade da terra que o monte se mostra frondoso, verde-negro e cheio de viço. Causa maravilha vêr ao longe, como essas rochas, branqueadas de estalactites, sobrepujam e mos-tram-se por cima das cabeças das arvores, á maneira de velhos edificios, cahidos já em ruinas e de architectura gothica. As rochas, examinadas de perto, são largas e espaçosas caver-nas, que á primeira vista infundem enleio e respeito. No seu tecto as estalactites, umas representam roupas fluctuantes de enormes grandezas, outras, grandes cachos de uvas; aqui pen-dem melões; ali variadas flôres; em suas paredes, em parte, se revelam e brotam docéis, pyramides, globos, colxões rola-dos, delicadas rendas; em parte, afundam grandes recameras, nichos; tudo curiosidades da natureza, obras suas fabricadas



ao seu vagar no meio da confusão dos seculos, e pingo a pingo!

As estalactites — umas são duras, outras molles e esponjosas; aquellas pela maior parte occupam o tecto das cavernas, e estas as paredes e portas inferiores. Na massa e interior d'estas ultimas acham-se cavidades e como casinhas ou moldes, onde existiram fragmentos de madeiras que já o tempo consumiu; acham-se muitas conchas bem conservadas de vermes terrestres que ainda hoje abundam e pastam ao redor das mesmas cavernas; acham-se pedaços de estalactites, que foram desprezados de seus logares e que ao depois foram envolvidos segunda vez na massa de outras mais modernas e foraminados com ellas.

JOSÉ VIEIRA COUTO.

---

### Descripção do Brazil.

Do Novo-Mundo, tantos seculos escondido e de tantos sabios calumniado, onde não chegaram Hannon com as suas navegações, Hercules Lybico com as suas columnas, nem Hercules Thebano com as suas emprezas, é a melhor porção o Brazil: vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais útil alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo e os seus mares o ambar mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis produções, que em opulencia da monarchia e beneficio do mundo, apura a arte, brotando as suas cannas exprimindo nectar, e dando as suas fructas sazoad ambrozia, de que foram mentida sombra o licor e a vianda, que a seus falsos deuses attribuiu a culta gentilidade.

Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno,

nem madrugada mais bella a aurora; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios mais dourados, nem os reflexos nocturnos mais brilhantes; as estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras; é emfim o Brazil terreal Paraiso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios; domina salutifero clima; influem benignos astros, e respiram auras suavissimas, que o fazem fertil, e povoado de innumeraveis habitadores, posto que por ficar debaixo da torrida zona o desacreditassem e dessem por inhabitavel Aristoteles, Cicero e Plinio, e com gentios os padres da igreja Santo Agostinho e Beda, que a terem experiencia d'este feliz orbe, seria famoso assumpto das suas elevadas pennas, onde a minha receia voar, posto que o amor da patria me dê as azas, e a sua grandeza me dilate a esphera.

Jaz o opulento imperio do Brazil no hemispherio antarctico, debaixo da zona torrida, correndo do meio d'ella (em que começa) para a parte austral ao tropico de Capricornio, d'onde entra na zona temperada meridional grandissimo espaço. É de fórma triangular; principia pela banda do norte no immenso rio das Amazonas, e termina pela do sul, no dilatadissimo rio da Prata; para o levante o banham as aguas do oceano Atlantico; para o occidente lhe ficam os reinos de Congo e Angola, e tem por antipodas os habitadores da Aurea Chersoneso, onde está o reino de Malaca.

Na sua longitude grandissima contam os cosmographos mil e cincoenta leguas de costa, as mais formosas que cursam os navegantes; pois em toda ella, e em qualquer tempo estão as suas elevadas montanhas e altos arvoredos cobertos, e vestidos de roupas, e tapeçarias verdes, por onde correm innumeraveis caudalosos rios, que em copiosas e diafanas correntes precipitam crystaes nas suas ribeiras ou levam tributo aos seus mares, em que ha grandes enseadas, muitos e continuados



portos capacissimos dos maiores baixéis, e das mais numerosas armadas.

A sua latitude pelo interior da terra é larguissima : mais de quatrocentas leguas se acham já cultivadas com as nossas povoações, sendo muitas as que estão por descobrir. Este famoso continente é tão digno das suspensões humanas, pela distancia que comprehende e pelas riquezas que contém, como pelas perspectivas que mostra; porque até em algumas partes, em que por aspero parece impenetravel, aquella mesma rudeza, que o representa horrivel, o faz admiravel.

A formosa variedade de suas fórmãs na desconcertada proporção dos montes, na conforme desunião das praias, compõe uma tão igual harmonia de objectos, que não sabem os olhos aonde melhor possam empregar a vista. — Com inventos notaveis sahio a natureza na composição do Brazil; já em altas continuadas serranias, já em successivos dilatados valles; as maiores proporções d'elle fez fertilissimo, algumas inuteis; umas de arvoredos núas, expôz ás luzes do sol, outras cubertas de espessas mattas, occultou aos seus raios; umas creou com disposições, em que as influencias dos astros acham qualidades proporcionadas á composição dos mixtos, outras deixou menos capazes dos beneficios das estrellas. Formou dilatadissimos campos : uns partidos brandamente por arroios pequenos, outros utilmente tyrannizados por caudolosos rios.

ROCHA PITTA.

---

## NARRAÇÕES

---

### O caçador de onças.

Em 1857 um lavrador de Goyaz, cujo nome nem sequer foi conservado, requereu ao corpo legislativo isenção do pequeno tributo que pagava pelo seu gado, em attenção aos serviços que

prestára á sua provincia. Attestava elle com os testemunhos insuspeitos das primeiras autoridades do logar, como justificação do seu pedido, ter morto cento e noventa e seis onças!

Tal cifra pareceria fabulosa, se a não comprovassem documentos do presidente da provincia, do chefe de policia, de homens graves e conceituados da localidade.

A fé de officio do caçador goyano era simples e eloquente como uma inscripção lapidaria.

Teve em resposta um desdenhoso silencio. E que outra merecia elle senão essa, vindo provar á luz do sol que tinha direito á gratidão nacional?

Já lá vão annos, e nunca mais se fallou d'elle.

Talvez seguisse o conselho de Vieira, quando disse ao soldado mal pago pela patria : « Morra e vingue-se ! »

Morreu, quem sabe, n'uma das suas arriscadas emprezas, servindo ainda aos homens, salvando-lhes a vida e a propriedade.

Esse Nemrod americano tinha por unica arma uma zagaia.

Penetrava no mais espesso da matta, e ia ao covil desafiar a fêra para a luta.

Na mão direita empunhava a terrivel lança, na esquerda o facho com que deslumbrava os olhos fulvos do tigre.

Ignacio Corrêa, o caçador de Pirapora, é um d'esses homens corajosos, que, á força de serem simples, passam desapercibidos.

Vive elle e sua familia, n'aquella afastada povoação, de um pequeno commercio.

Nos dias de descanso, quando o telonio da obrigação diaria não o condemna á reclusão na sua loja, sahe acompanhado de um cão, modesto companheiro de sua gloria, e vai, a leguas de distancia, caçar onças.

A sua unica arma é uma espingarda de carregação, legitima de Braga.



O projectil que emprega, é o chumbo grosso, chamado perdigoto.

N'essas excursões arriscadas, mas cujas emoções são supremas para os homens talhados para as heroïdes, já matou elle quarenta e seis onças, a maior parte das quaes pintadas e algumas pretas.

Os maiores tigres de que fallam os naturalistas, têm de oito a nove pés; mas em geral não passam de cinco e meio, segundo elles mesmos affirmam.

Sem razão julga Buffon que o tigre do Brazil é inferior ao da Asia e da Africa.

Affirma Azára que os ha de seis pés, e os sertanejos provam existirem de nove palmos.

Entre os gloriosos trophêos de Ignacio Corrêa existe uma pelle d'este ultimo tamanho.

Devia ser um animal admiravel na agreste elegancia de sua feroz independencia.

O tiro certo do valente caçador fez d'elle um magnifico tapete para ser acaiciado por um pé de mulher, andaluz ou brasileiro.

Ignacio Corrêa é um homem lhano e agradavel, simples na linguagem e nos modos, modesto na sua força e sem consciencia do que vale.

Tem apenas quarenta e dois annos de idade; é de estatura mediana, mas de robustez e agilidade pouco commum.

As suas feições são regulares, e a têt morena está requemada pelo sol.

Os olhos são verdes, perscrutadores e magneticos como os do terrivel adversario com quem costuma medir-se.

É a unica parte viva d'aquelle rosto, que parece moldado em bronze, tão calma é a sua expressão, tão immoveis os seus musculos.

Só quem ignora o oneroso tributo que pagam annualmente os criadores de gado aos tigres esfomeados, poderá menosprezar a coragem de taes homens.

E cumpre lembrar que a fêra sempre escolhe a presa, e que nunca faz pasto senão das melhores cabeças do rebanho.

Destruir, aniquilar mesmo essa familia damninha de animaes, que vive em guerra eterna com a familia humana, é prestar um serviço relevante.

Dizemos aniquilar, porque a sciencia autorisa tal dito.

Geoffroy Saint-Hilaire, e mais recentemente Marcel de Serres, provaram que houve especies inteiras de animaes que se perderam desde a apparição do homem, e raças que desde essa época desapareceram dos logares que primitivamente habitavam.

O Sr. Luiz Figuiet, apreciando o recente trabalho do Sr. de Serres, confirma n'estes termos a opinião do sabio geologo :

« Qual foi a causa que determinou a extincção successiva d'essas numerosas raças de animaes, cujas principaes especies acabamos de enumerar?

« Só podemos encontral-a na caça incessante, de que estes animaes foram o objecto por parte do homem.

« Os leões, os leopardos, os lynces, as pantheras, os ursos e outros animaes analogos, viviam na Grecia, no tempo de Xenofonte : hoje já se não encontram n'este paiz.

« Aham a prova de que existiam leões na antiga Grecia na ordem que Eurystheu dá a Hercules de matar o leão de Neméa.

« Tal allegoria prova que esses terriveis carnivoros eram n'essa época tão communs na Grecia, como o são hoje na Algeria. A desaparição d'esses animaes n'esse paiz leva a crêr que em pouco não existirão mais na Algeria, se conservarmos a sua posse, e se houver n'esta parte da Africa muitos caçadores tão intrepidos como o capitão Gérard.

« Não foi preciso muito tempo á Inglaterra para destruir os lobos que lhe infestavam o territorio e lhe ameaçavam os rebanhos. A França vê diminuir o seu numero de um modo sensivel de ha alguns annos.

« Os ursos terão a mesma sorte; é certo que seu numero



torna-se cada dia menos consideravel, e que em breve desaparecerão tanto dos Alpes como dos Pyreneus. »

Se se comparar o modo por que o heroico Gérard vence e destróe o sanhudo devastador da florescente colonia da Algeria, sem diminuir a gloria d'aquelle homem destemido, augmenta a do fazendeiro goyano e a do caçador paulista.

Julio Gérard espera em silencio o seu adversario, a horas mortas, no bededouro, ou no logar onde uma presa, de ante-mão preparada, exhala o cheiro de carniça que desperta os appetites do leão faminto.

Ignacio Corrêa vai procurar a fêra no seu escondrijo, de dia, á luz do sol, depois de longa marcha, e acompanhado pelo cão, cujos latidos ainda mais a embravecem.

Gérard serve-se de uma magnifica carabina de Devisme, que manda a morte a mil metros de distancia.

O seu projectil é a moderna bala conica que arrebatá no alvo, produzindo formidaveis estragos.

Ignacio Corrêa tem uma espingarda de certo alcance, e atira com chumbo grosso, que mesmo acertando nem sempre mata; e com tal adversario, quando a morte não é prompta, o risco é duplo.

O goyano leva uma zagaia que póde quebrar-se e deixar o homem á mercê do tigre.

Diga agora quem comparar o que levamos dito se Mery, com sua imaginação de poeta e seu arrojo romanesco, ficou, na celebre caçada de tigres do seu romance Heva, aquem ou além da verdade, e se faltam assumptos á penna do escriptor no quadro dos nossos costumes.

Não temos voz bastante autorizada para pedir uma recompensa para o valente paulista.

Assignalamos apenas seus serviços e titulos á gratidão publica.

Já em 1857 havíamos feito o mesmo a respeito do valente filho de Goyaz.

As *paginas* que então escrevemos, foram sumidas pelo vento

na alcofa do tempo. Ainda bem que o bom do velho não as restituirá mais, como fez a muitas outras illusões, que tambem nos roubou.

H. C. MUZZIO.

---

### Preces para pedir chuva.

D'entre os nossos costumes populares, mais generalizados e ainda existentes no Brazil, é um dos mais lyricos e religiosamente bellos em sua simpleza as procissões de preces, essas romarias propiciatorias emprehendidas por familias e habitantes de uma localidade, com o fim de obter do céu intervenção benefica contra calamidades publicas, que assolam, circumscriptas, a terra e o homem.

A nota d'esses costumes, derivados das primitivas idades da igreja, é de ordinario vibrada nos templos pelos respectivos vigarios, e d'ahi repercute sonora e desoladora por toda uma villa, um termo, uma cidade.

Nos tempos de secca, quando o sol, que reanima a natureza, mata a planta e os viventes; quando os crepusculos assemelham-se a fornalhas de cobrê candente que abrazam as estradas e os campos; e a fome e a morte levantam-se das plantações que torram, das fontes sem agua como orbitas vazadas, do fumo que ondula em espiraes fantasticas das mattas que se incendiam, os sacerdotes e o povo refugiavam-se em Deus.

Desde pela manhã, os vigarios das freguezias da roça exhortavam os fieis, e as ladainhas, as sagradas orações á Virgem, a penitencia serviam de intermediarias entre o creador e a creatura, no pleno dominio da desesperança dos dias funestos.

Se no lugar devastado havia mais igrejas, á tarde as procissões encontravam-se, seguidas de grande multidão. Os penitentes açoutavam-se; as mulheres caminhavam descalças e de cabellos soltos; as imagens trocavam-se nos templos, permane-



cendo ausentes de seus altares até á queda da primeira chuva.

Esses actos religiosos, essas rogações para pedir chuva, annunciados depois da leitura de pregões pelo parcho da freguezia, eram na pluralidade das vezes realizados exclusivamente pelo povo, que acudia espontaneo a aplacar o castigo do céu por meio de demonstrações humildes, de sacrificios dolorosos, de rezas especificas.

E os agricultores constrictos associavam-se a esses deveres, todas as condições se nivelavam diante de uma idéa que pedia perdão, que ciliciava-se penitente em presença de aniquilamento progressivo, que se abatia sobre a terra como um pirata que rouba e assassina á meia noite!

Na provincia do Rio de Janeiro, onde localizamos esta scena, as preces de que fallamos, além do relevo propriamente religioso, isto é, do que se passava na igreja, apresentavam saliencias de caracteristica popular, em cuja superficie polida reflectiam-se os tons quentes e pittorescos das pinturas de genero.

No começo das seccas, quando uma atmospherá de forno prenunciava a destruição, os vigarios, no fim da missa e em breves predicas, preparavam o espirito de seus parochianos para a iniciação das preces, que alguns dias mais tarde se faziam ouvir lamentosas no recinto dos templos e na extensão quasi deserta das estradas.

Do pulpito, terminada a celebração do domingo ou acabada, como dissemos, a leitura de proclamas, muitos d'elles aconselhavam ao povo que sahisse em procissão com as suas imagens privativas, auxiliando-os d'est'arte no deveres da fé, nas supplicas fecundas ao Altissimo para a extincção do flagello.

Então a consciencia christã, no remanso do lar, compenetrada de suas culpas e attribuindo a intensidade inextinguivel da secca a verdadeiro e provado castigo, recolhia-se em si mesma, procurando attenuar tantos males com a devoção mais intima e profundamente sincera.

A manifestação externa d'esse sentimento, a fórmula classica

debaixo da qual palpitava esse pensamento perfumado de incenso do santuario, era caprichosa e original, sobresahindo pelo maravilhoso do espectaculo, pelo fantastico da visão.

Desde logo, á beira das estradas ou no escuro das mattas, descobriam-se luzes que se moviam, vultos que circulavam nas salas, sombras que trepavam em bancos, em cadeiras, pregando colchas, suspendendo arcadas de flôres acima das portadas...

Eram as familias que armavam as suas casas de taipa, preparavam seus andores para as preces ambulantes.

No quarto, em frente á entrada, de portas abertas, os oratorios, de lamparinas accesas, sobresahiam de um fundo agaloado de estrellinhas douradas, com apanhados de fôfos de panninho enlaçados de fitas.

No centro das referidas salas amanheciam os pequenos andores (excepcionalmente um), rodeados de velas, vistosos de pannejamentos bizarramente coloridos, entremeados de rendas e orlados de trancelins de varios matizes.

Continuadamente, ao escurecer, os vizinhos e convidados enchiam as casas, e um ou outro figurante capital do cortejo vinha lá de dentro, para se incorporar aos prestitos que, sem delongas, punham-se em marcha.

E o céo era puro e limpido : nem uma nuvem branca toldava o esplendor das estrellas que brilhavam na immensidade, parecendo soltas no ether azul e crystallino.

O ar aba'ava ; as exhalações dos paues apegavam-se ás vestiduras da noite ; os sapos, pulando nos caminhos, inchavam o papo amarelento, martellavam nas forjas dos brejaes, nas furnas das pedras ao relento.

Aqui e alli ouvia-se o grito do bacurão que estrebuxava nas garras de ferro da coruja...

Por essas horas, as procissões de preces, adiantadas em seu percurso, apercebiam-se ao longe em nucleos luminosos, nas ellipses de fogo avermelhado que planavam no além...

De repente um grande foco concentrava-se, subdividindo-se após e tomando direcções variadas.



Eram as procissões que se encontravam em uma curva, que paravam por instantes, apartavam-se, ao côro das rezas, dos *bemditos* entoados pelos penitentes em transitio.

De quando em quando, um carro de bois sulcava a estrada, suffocando nos guinchos estridulos as vozes do religioso concerto, da piedosa serenata, da multidão campesina em suas orações populares.

Depois, uma d'aquellas aureolas luzentes, um d'aquelles grupos remotos desdobrava-se em luzes isoladas, vencia a extensão, approximava-se.

E o canto, interpretando o voto commum, tradicional em certas paragens á oportunidade do momento, echoava punitivo e prolongado, carregando ainda mais o terror d'aquellas almas em sua peregrinação lustral :

Virgem Santa dos Remedios,  
Que a todos remediais,  
Nós que somos peccadores  
Cada vez peccamos mais.  
Rainha de eterna gloria,  
Mãi de Deus, doce e clemente,  
Dai-nos agua que nos molhe,  
Dai-nos pão que nos sustente.

E pelos valles e serras, os echos — orgãos das florestas, — acompanhavam as preces, as supplicas incultas, reboando na immensidade !

A procissão, desfilando nos caminhos, não tinha pompas solemnes, mas uma pragmatica estabelecida.

Os leves andores, levados geralmente por moças ou meninas, seguidos de velhos e crianças, de escravos e livres, adiantavam-se na noite, escoltados de pessoas descalças por penitencia, de senhoras de cabellos esparsos sobre as espaduas, de individuos votivamente maltrapilhos, que accentuavam com mais vigor o arrependimento de suas culpas, motivadoras tambem do providencial castigo.

E das pequenas velas de cera que ardiam — flôres de fogo

d'aquella procissão espectral — aclarava-se o cortejo e a senda, proseguindo as rogações cantadas, em que as vozes mais asperas contrastavam com as melodias suaves e as dissonancias agradaveis das vozes infantis :

Compadecei-vos, Senhora,  
De nossos prantos e dôres,  
Morremos todos á sêde  
Porque somos peccadores.  
Pedimos a vós, Senhora,  
Dona da terra e do mar,  
Refrigerio para o corpo,  
Graça para vos amar.

A esses rumores as aves acordavam tontas nos matagaes silentes, as saracuras despertavam quebros nos mangues borbulhantes, e os insectos zumbiam em fanfarra lobrega na obscuridade illuminada das capoeiras densas.

E a procissão passava, seguia, sumia-se, recolhendo-se bem tarde.

De volta, trocavam ás vezes os santos, que pernoitavam em casas differentes, e lá iam seu destino pulverizando de luzes pequenas zonas de trevas.

Chegando os penitentes a domicilio, apenas a turba de acompanhadores dispersava-se e os graciosos andores occupavam determinados lugares nas salas illuminadas, cada familia fazia servir modesta ceia, antes e depois da qual o desejo e a impaciencia transpareciam nos semblantes e materializavam-se nas acções.

Aquí era uma moça que, chegando á porta e estendendo a mão, dizia que já choviscava ; alli um roceiro que olhava para o céo, e aspirava a terra farejando chuva ; acolá um individuo qualquer que affirmava achar-se ella imminente, apontando para uma nuvemzinha solitaria e perdida, descobrindo estrellas que *não estavam* antes...

Entretanto, porém, alguma cousa de extraordinario se dava por aquellas occasiões. Testemunhas authenticas e insuspeitas



confirmam que não era estranho que, com a primeira procissão de preces, verdadeiros diluvios desabavam inesperadamente, sem que uma leve aragem, um signal obscuro apenas os houvessem prenunciado...

E era bello de vêr-se aquelles penitentes, aquelle povo robustecido em sua fé, abrir caminho ao marulho das enxurradas, ao soprar rijo da ventania, resguardando as suas imagens e deslumbrados pelos relampagos que fuzilavam, traçando escadarias candentes nos horizontes forrados de negro da tormenta !

E a enormidade estourava !...

MELLO MORAES FILHO.

---

### Coração partido.

Oito leguas o separavam da familia.

As horas tinham-se passado rapidas, e, já tarde, era necessario apressar a marcha o mais possivel para chegar em *Porteiras*, a horas vivas.

A sua montaria não perdia por lerda, e o fazendeiro, apertando os acicates, fez o animal voar com velocidade incrível. O caminho entre as duas situações não era dos mais desiguaes, e isto concorreu para que o cavalleiro devorasse n'um momento as primeiras leguas. O solo retinia debaixo das patas do quadrupede, produzindo um som monotono, e o vento, perpassando-lhe pelo chapéo e pelas vestes, desferia sons que pareciam gemidos.

A principio, elle, só preocupado a devorar o espaço e a vencer distancias, a nada mais dava attenção; mas por fim, crescendo-lhe a ancia na proporção da approximação, começou a impressionar-se com aquelles caprichos do vento, e a julgar, em sua cegueira, que ouvia dóbres de finados.

Por ultimo, na desfilada horrivel havia chegado a um alto

que marcava o meio do caminho. Ainda quatro leguas se interpunham entre elle e a mulher.

Eram quatro seculos que se lhe figuravam na mente. O cavallo dava signaes de fadiga, e Vasconcellos vio-se forçado a estacar e a medir com a vista a estrada que ainda tinha a percorrer. Os escravos, menos bem montados, deixavam-se ficar atraz, de sorte que o fazendeiro estava alli só, como uma esttua equestre no deserto.

O sol lançava os seus ultimos raios sobre a terra, que saudava o seu disco rubro, côr de sangue, com os surdos clamores das fêras, que sahiam dos seus covis para cevarem seus bestiaes instinctos nos castos e innocentes bichinhos que se abrigam no seio das florestas. Os touros bravios perdidos na matta, acaso presentindo o jaguar ou desafiando o adversario, lançavam ao ar os seus urros rouquinhos e aflautados, que, repercutindo de quebrada em quebrada, iam perder-se além.

Este scenario fez mal ao coração do angustiado fazendeiro; e ainda mais cresceu-lhe o pavor quando, olhando para a frente, vio sua sombra colossal derribar-se pela falda da collina como um funebre pensamento.

Tudo em sua imaginação encandecida se lhe afigurava tenebroso: as côres violaceas de que se tingiam as arvores e as nuvens, o alarido dos brutos e a sua propria sombra, tudo tomava proporções assombrosas, que se transformavam logo em sangue, lagrimas e brados de soccorro. A superstição do amor conjugal e paterno tem estas singularidades, que ás vezes o acaso se encarrega de justificar.

Como dissemos, tinha elle parado no cimo da collina, e, reanimado, o rocim ia continuar na destilada, quando um vulto, que se retrahia por traz de uns arbustos, de repente apresentou-se no meio da estrada, assustou o animal e fê-lo dar uma volta rapida sobre as patas trazeiras. Com o brusco movimento por pouco não perdeu Vasconcellos as estribeiras. Comtudo, refreando a cavalgadura, pôde na mesma menção sacar dos coldres uma pistola e engatilha-a.



O que o levára a este acto, fôra ter reconhecido n'esse individuo um dos escravos fugidos de *Páio Ferro*, que em outros tempos tivera sido alvo constante de suas impertinencias senhoris. Decididamente aproveitava a occasião para tomar vinganças.

A acção não aproveitou-lhe, porque o negro, apanhando-o pelas costas, atirou-se sobre o cavallo e cravou-lhe um ferro enorme nos ilhaes. A pobre alimaria soltou um relincho agudo, e, cabreando-se, ergueu-se de tal modo, que o fazendeiro não conseguiu mais guardar a sella.

Cahio, mas felizmente em pé, e pôz-se em guarda contra o aggressor.

— Vais morrer, desgraçado!

O negro aterrado deixou cahir o ferro e mostrou-se submisso.

T. A. ARARIPE JUNIOR.

---

### A casa de farinha.

Estava-se fazendo farinha para ser a toda pressa mandada ao Recife, onde a grande falta que havia d'este genero, assegurava pingue lucro ao vendedor.

Fructos do trabalho honesto e esforçado, o qual é sempre favorecido pela Providencia, não tinham sido de todo destruidos pela grande sêcca os roçados de Felisberto. Elle já enumerava muitos prejuizos; mas, olhando em torno de si, via ainda muito com que contar na tremenda crise que reduzira o geral da população da provincia a extrema penuria. Era quasi noite, e ainda chegavam animaes com caçuás cheios de mandiocas, que eram despejadas nas tulhas já formadas d'estas raizes.

Mulheres sentadas pelo chão ou em cepos, ao pé d'essas tulhas, tiravam as mandiocas uma a uma, e as iam raspando a

quicé e atirando depois dentro de cestos, que eram conduzidos para junto das rodas, afim de serem ellas passadas pelos ralos que circulam estas.

A casa de farinha não era mais do que um vasto alpendre aberto por todos os lados e coberto de palhas de pindoba.

No centro via-se o forno, onde tinha de ser cozida a massa já apertada pela prensa e livre de manipueira. Parte d'ella, porém, tanto que sahia do pé-rodas, era lavada em gamellas e alguidares, onde deixavam o residuo ou gomma para os beijús e tapiocas.

A prensa estava armada a um dos lados do alpendre; no outro viam-se as duas rodas, que não cessavam de girar. Quando cansavam os matutos ou escravos que as moviam, eram logo substituidos por gente fresca.

Os dous matutos, alli bem conhecidos, foram saudados pelas pessoas que estavam trabalhando, e, como é costume em taes occasiões ainda hoje, trataram elles de concorrer gratuitamente com o auxilio dos seus braços descansados, o que a muitos não deixou de ser agradável.

— Venha para cá, seu Marcolino. Pegue no veio da roda, e desmanche-me esta mandioca, que está custosa de acabar, disse um.

— E eu ponho de boa vontade em sua mão, Marciano, este rôdo. Não precisa mexer muito a massa; o forno não está muito quente e não ha risco de queimar-se a farinha, disse outro.

— Prepara os beijús, Mariquinhas, disse o Marciano a uma rapariguinha morena e cacheada, que, com as mangas arregaçadas, lavava em um alguidar uma porção de massa.

Mariquinha sorriu e continuou no seu trabalho, que lhe absorvia toda a attenção.

Pouco depois chegaram dous cunhados de Felisberto, que tinham feito parte do regimento volante da freguezia.

— Então que fizeram? perguntaram muitos a uma voz, logo que os viram entrar.



— Nada. Vossês pensam que pegar o Cabelleira é o mesmo que raspar mandioca ou comer farinha molle?

— Não o viram nem com os olhos, seu Quinquim?

— Qual, senhor! Cabelleira de minha vida!

— Encontrámos muita onça e muito cascavel, mas do Cabelleira nem novas nem mandado. Ha quem diga que elle a esta hora já está nos sertões dos Cairirys.

— Qual Cairirys, senhor! Amanhã hei de dar com esse dunga, disse o Marcolino.

— O compadre Marcolino jura que o viu hoje junto das cachoeiras do rio, accrescentou o Marciano.

— Mas não nos mostrou o cabra durante todo o dia, respondeu Agostinho.

— Está bem, senhores, não fallemos mais n'isso. Os senhores estão desfazendo agora no meu dizer; talvez amanhã a cousa já seja outra. Eu sou um pé-rapado, é certo, mas muito verdadeiro.

— Ninguem duvida de sua palavra, Marcolino.

Um negro, que estava mettendo lenha no forno, virou-se então para o matuto, e, de improvisó, lhe dirigiu este verso:

Vosmecê, seu Marcolino,  
Vai atraz do Cabelleira?  
Se quizer pegar o cabra,  
Monte na besta fouveira.

Ainda bem não tinha terminado o seu repente, quando um caboclo, que a um canto do alpendre estava lavando em um côcho uma porção de mandioca, se sahiu com esta resposta:

Monte na besta fouveira,  
Ou no cavallo cardão,  
Não ha de pegar o cabra  
Mo meio d'esse mundão.

Reinou então silencio no alpendre para só se ouvirem os dous repentistas. Estava travado um d'esses desafios que são

tão communs nos sertões do norte, e muitas vezes, pela facilidade das rimas e originalidade dos conceitos, chegam a offerecer versos que podem figurar entre os mais primorosos monumentos da litteratura natal.

FRANKLIN TAVORA.

### Um irmão ao lado do outro.

Não podia Alexandre abandonar o irmão. Fôra elle quem o levára para o fúnebre *archivo*, mas de lá não voltára. Occulto por traz de umas arvores, esperou na clareira que só ficassem os moribundos.

Mal deixavam os brazileiros o acampamento, irromperam os paraguayos, e, depois de passados uns segundos de espanto, começaram — obra de caridade ou indigna carnificina — a espingardear os desventurados colericos.

O espectáculo era atroz.

Uns levantavam-se hirtos e cahiam traspassados; outros coziam-se com o chão e de rastos procuravam metter-se pela matta dentro.

Aqui um grupo, aos brados, pedia a morte; alli outros imploravam misericordia; uns tentavam defender-se, atirando pedras e insultos; estes corriam loucos de medo; aquelles rolavam na vasca da agonia... o tiroteio servia barbaro e medonho!

Alexandre só teve tempo de suspender nos braços o irmão e embrenhar-se no matto, curvado ao peso d'aquelle corpo querido.

— Agua! agua! bradava Martinho. Dê-me agua e salve-se vossê.

Alli perto felizmente lentejava un lagrimal. Com folhas largas apanhou Alexandre uma boa porção de pura lympha, que



os labios do enfermo gretados de ancia, acolheram com sofre-guidão.

Depois lhe veiu o frio, e o irmão despiu-se quasi todo para lhe dar as roupas e procurar manter o calor que fugia dos membros retorcidos pelas caimbras.

As horas, porém, iam passando.

No fundo d'aquelle bosque não se ouvia mais que o arfar do colerico abraçado ao irmão; ambos silenciosos, mudos, mas comprehendendo-se intimamente. N'um a dôr profunda, imensuravel; n'outro a gratidão e a consciencia de que elle tambem assim faria, se os papeis se houvessem trocado.

Martinho socegou um pouco.

Alexandre foi, então, observar o campo.

Sahiu da matta, e suas vistas ao longe devassaram o des-campado. Tudo era tranquillidade.

No ponto onde fôra ter, um cordão de capões orlava extensa varzea.

Então lhe fuzilou pelo espirito uma idéa que fez brilhar de orgulho e alegria os negros olhos: salvar o irmão só por si; buscar novamente a columna e surdir no meio d'ella com aquelle que havia sido tão cruamente repudiado.

Voltou ao lugar em que deixára Martinho, e, sem lhe dizer palavra, levantou-o e carregou-o aos hombros.

Começou a caminhar; entrou em campo raso, e rasgando trilha com os pês pe'lo capim alto e cortante, lá se foi, de bosque em bosque, arfando de cansaço.

De vez em quando, depositando a carga, ia reconhecer os signaes da retirada; um cadaver aqui, outro a olá, gente que fôra ficando á retaguarda, e que o inimigo matára logo.

Sem comer nem beber, caminhou o dia inteiro e nem uma legua venceu.

Ao cahir da tarde, tomou folego á beira de um limpido correjo.

N'aquella immensidade, illuminada pelos reflexos rubros do sol que já se fôra, só elle vivo.

Martinho agonisava.

Estava, porém, calmo, e com o olhar acariciava o rosto do irmão, inclinado sobre elle.

Afinal exhalou o ultimo suspiro.

Então, do peito d'aquelle homem do deserto, d'aquelle ser-tanejo que nunca havia chorado, rompeu um golfão de lagrimas...

#### ULTIMO DEVER

Alexandre com o sabre abriu uma cova funda, e, depositando n'ella aquelle a quem tanto havia estremecido e respeitado no mundo, ficou em cima uma cruz de pão tosco, mas durador.

A noite de todo cahira.

A. ESCRAGNOLLE TAUNAY.

### As lagrimas de amor. — Balada do rochedo.

Era no tempo em que ainda os portuguezes não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz : esta pequena ilha abundava de bellas aves, e em derredor pescava-se excellente peixe. Uma joven tamoya, cujo rosto moreno parecia tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração; uma joven tamoya linda e sensivel tinha por habitação esta rude gruta, onde ainda então não se via a fonte que hoje vemos; ora, ella, que até aos quinze annos era innocente como a flôr, e por isso alegre e folgazona como uma cabritinha nova, começou a fazer-se timida, e depois triste como o gemido da rôla; a causa estava no agradavel parecer de um mancebo de sua tribu, que diariamente vinha caçar ou pescar na ilha; e vinte vezes já o havia feito sem que uma só dêsse fê dos olhares ardentes que lhe dardejava a moça : o nome d'elle era Aoitin; o nome d'ella era Ahy. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves que elle matava, ora lhe buscava as



flechas disparadas, e nunca um só signal de reconhecimento obtinha : quando no fim de seus trabalhos Aoitin ia adormecer na gruta, ella entrava de manso, e com um ramo de palmeira procurava, movendo o ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido ; mas tantos extremos eram tão mal pagos, que Ahy, de cansada, procurou fugir do insensivel moço e fazer por esquecê-lo ; porém, como era de esperar, nem fugiu-lhe e nem o esqueceu.

Desde então tomou outro partido : chorou. Ou porque sua dôr era tão grande que lhe podia espremer o amor em lagrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesma, ella já tinha comprehendido que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou.

E porque tambem nas lagrimas de amor ha, como na saudade, uma doce amargura, que é veneno que não mata, por vir sempre temperado com o reactivo da esperanza, a moça julgou dever separar da dôr, que a fazia chorar amargores, a esperanza, que no pranto lhe addicionava a doçura ; e, tendo de exprimir a doçura, Ahy cantou.

Seu canto era triste e selvagem, mas terno canto : dizem que um velho frade portuguez, ouvindo-o por tradição ao depois de muitos annos, o traduziu para nossa lingua, e fez d'elle uma balada, a qual minha neta canta.

Todos os dias, ao romper da aurora, a pobre Ahy subia ao rochedo que serve de tecto a esta gruta, e esperava a piroga de Aoitin : mal a avistava ao longe, chorava e cantava horas inteiras sem descanso, até que se partia o barbaro, que nunca d'ella dava fé, nem mesmo quando dormindo na gruta, o canto lhe soava sobre a cabeça.

Mas Ahy era tão formosa, e sua voz tão sonora e terna, que o mesmo que não pôde vencer do insensivel moço, pôde do bruto rochedo ; com effeito seu canto havia amollecido a rocha e suas lagrimas a traspassaram.

E o mancebo vinha sempre, e sempre ella cantava e chorava, e nunca elle a attendia.

Uma vez, e já então o rochedo estava de todo traspassado pelas lagrimas da virgem selvagem; uma vez veiu Aoitin, e, como das outras, não olhou para Ahy nem lhe escutou as sentidas cantigas : entregou-se a seus prazeres, e quando se sentiu fatigado entrou na gruta e adormeceu n'um leito de verde relva; mas ao tempo que em mais socego dormia, duas gottas das lagrimas de amor, que tinham passado através do rochedo, cahiram-lhe sobre as palpebras que lhe cerravam os olhos : Aoitin espertou, e tomando suas flechas correu para o mar; mas, saltando dentro de sua piroga e afastando-se da ilha, elle viu sobre o rochedo a joven Ahy, e disse bem alto :

— Linda moça !

No outro dia elle voltou, e já então olhou para a virgem selvagem; mas não ouviu ainda o canto d'ella : depois de caçar veiu, como sempre, adormecer na gruta, e d'essa vez a gotta de lagrimas lhe veiu cahir no ouvido, e na volta não só admirou a belleza da joven, como, ouvindo a terna cantiga, disse bem alto :

— Voz sonora !

Terceiro dia amanheceu, e Aoitin viu e ouviu Ahy, caçou e cansou; veiu repousar na gruta, e d'essa vez a gotta de lagrimas lhe cahiu no lugar do coração; e, quando voltava, disse bem alto :

— Sinto amar-te !

Ora, parece que nada mais faltava a Ahy, e que a ella cumpria responder a este ultimo grito de Aoitin, confessando tambem o seu amor tão antigo; mas a natureza da mulher é a mesma, tanto na selvagem, como na civilisada : a mulher deseja ser amada fingindo não amar; deseja ser senhora do mesmo de quem é escrava; e pois Ahy nada respondeu, mas riu-se, e suas lagrimas seccaram; porém, já a esse tempo, as muitas que havia derramado, tinham dado origem a essa fonte que ainda hoje existe.

No dia seguinte veio Aoitin, e vio a sua amada, que já não cantava nem chorava; mesmo antes de abicar á praia foi clamando :



— Sinto amar-te!

E Ahy não respondeu, e só sorriu-se.

Nada de caça... nada de pesca... Já o insensível era escravo e não vivia longe do encanto que o prendia : correu, pois, para a gruta ; deitou-se, mas não dormiu. Quem ama não dorme ; sentiu que em suas veias corria sangue ardente, que seu coração estava em fogo ; — era a febre do amor... Aoitin teve sede ; a dous passos viu a fonte que manava ; correu açoitado para ao pé d'ella, e ajuntando suas duas mãos foi bebendo as lagrimas de amor. A cada trago que bebia, um raio de esperança lhe brilhava ; quando a sede foi saciada já estava feliz ; a fonte era milagrosa.

As lagrimas de amor, que haviam tido o poder de tornar amante o insensível mancebo, não puderam esconder a sua origem, e fizeram com que Aoitin conhecesse que era amado.

Então elle não mais buscou sua piroga ; sahindo da gruta fez um rodeio, e foi de manso trepando pelo rochedo até chegar junto de Ahy, que com os olhos na praia do lado opposto, esperava vêr partir o seu amante e ouvir seu bello grito :

— Sinto amar-te !

Mas de repente ella estremeceu, porque uma mão estava sobre seu hombro ; e quando olhou viu Aoitin, que sorrindo-se, lhe disse, de um tom seguro e terno :

— Tu me amas.

Ahy não respondeu ; mas tambem não fugiu dos braços de Aoitin, nem ficou devendo o beijo que n'esse instante lhe estalou na face

Desde então foram felizes ambos na vida, e foi n'uma mesma hora que morreram ambos.

A fonte nunca mais deixou de existir, e ha ainda quem acredite que por desconhecido encanto conserva duas grandes virtudes.

Dizem, pois, que quem bebe d'esta agua não sai da ilha sem amar alguém d'ella, e volta por força em demanda do objecto

amado; e em segundo logar querem tambem alguns, que algumas gottas bastam para fazer a quem bebe adivinhar os segredos de amor.

— Terminou aqui a minha historia, disse a Sra. D. Anna, respirando.

— E eu sou capaz de jurar, disse Augusto, que pela terceira vez sinto o ruido de alguem que se retira correndo.

— Pois examine depressa.

Augusto correu á porta e voltou logo depois.

— E então?... perguntou a Sra. D. Anna.

— Ninguem, respondeu o estudante.

— E vê alguem no jardim?...

— Apenas a Sra. D. Carolina, que vai apressadamente para o rochedo.

— Sempre minha neta!...

— E eu, minha senhora, tenho que pedir-lhe uma graça.

— Diga.

— Rogo-lhe que, por sua intervenção, me facilite o prazer de ouvir sua linda neta cantar a balada de Ahy, que tanto me interessou com o seu amor.

— Oh!... não careço pedir: não a ouve cantar sobre o rochedo?... É a balada.

— Será possível?!

— Adivinhou o seu pensamento.

. . . . .  
A hospeda e o estudante deixaram então a gruta, e, tomando campo no jardim para vencer a altura do rochedo, viram a bella Moreninha em pé, voltada para o mar, com seus cabellos negros divididos em duas tranças, que cahiam pelas espaldas, e cantando com terna voz o seguinte:

Eu tenho quinze annos,  
E sou morena e linda, etc.



## A Tapera.

Foi com tristeza e saudade que perdi de vista, desviando-me para o caminho das tropas, esse limpido riachão da Penitencia cujo murmurio brando me trouxera, suavemente distrahido, desde as fertes planicies do meu sitio, onde as suas aguas se derramam em rega perenne e fecunda, banhando as raizes dos cajueiros e balouçando as igarités de pesca.

Longo tempo a voz de elegia com que as aguas passavam por entre pedrouços, carreando lyrios, encantou-me como si o riachão me acompanhasse amigamente por esses extensos campos, cantando como os vaqueanos que viajam leguas e leguas pelo sertão bravo a dentro com um clavinote á bandoleira, o largo facão á cinta e uma canção guaiada dolentemente.

Fosse impressão ou porque, em verdade as aguas rolassem perto, só para o meio dia, sol a pino, cessei de ouvir o murmurio do riachão e, causticado pela soalheira abrazante, deixei-me levar ao passo desensoffrido do meu cavallo viageiro que trotava, arquejando, através da campina, até que uma alameda de arvores veneraveis poz em meu caminho, como um oasis remançoso, uma opportuna sombra affavel. Era um carreirinho estreito, forrado de folhas, guizalhante do trillar dos grillos, cheio do aroma sylvestre das resinas que escorriam em fios de ambar pelos troncos robustos.

O animal, em suor, resfolegava, as narinas soffregamente dilatadas, sorvendo, com ancia, a humida frescura dos ramos, baixando, por vezes, a cabeça para apanhar a herya tenra que crescia, mimosa e abrigada, entre as fortes raizes das grandes arvores.

Curto, porém, foi esse aprazivel caminho e logo o sol flamejante reappareceu sobre um campo silencioso e razo, de herva murcha que brotava d'entre pedregulhos, onde um boi apenas vivia, com o focinho enterrado no pasto entanguido e

pecco, fustigando a anca ossuda com a cauda pellada de gafeira. Sentindo-me levantou a cabeça e, seus grandes olhos serenos e submissos fitaram-me tranquillamente e, como para saudar-me, deu um passo moroso, alongou o pesoço e mugiu. Passei por elle e fitando-me ficou-se a ruminar, com um fio de baba a escorrer-lhe do focinho escuro.

Não longe era a matta da Penitencia, densa e virgem.

O ar abrazava e, apesar das nuvens que corriam em manadas velando, por vezes, a claridade, o solo tinha a evoporação de um forno e um vapor tenue, translucido, fremia no ar como uma levissima gaze diaphana agitada pelo vento.

Por vezes, acima da minha cabeça, retinha um grito d'ave e alto, no ceu fulgurante, corvos circulavam n'um halo negro dentro do qual o disco do sol rutilo, luzia.

A curta distancia da matta, quasi ao chegar ás primeiras arvores, vi surgir um lento animal de cargueiro, fulo, escaveirado, tropego; vinha n'um trote, balançando as orelhas bambas e, sobre o lombo, as pernas cruzadas á oriental, um tabareu macambuzio, um pito nos beiços, trazia os olhos extasiados como um fakir penitente.

As patas do meu cavallo, resoando nas pedras, despertaram o sertanejo. Levantou os olhos e, dando commigo saudou-me, á maneira religiosa dos serranos, tirando o seu largo chapeirão de couro acabanado:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!

— Para sempre seja louvado! E, sem mais, para acertar o itinerario, indaguei: — Onde vai ter este caminho, camarada?

— Indo vosmecê por este carreiro fóra vai ter direitinho na Tapera de Santa Luzia onde vive o *velho*. Á mão direita é o caminho do *Missionario*, onde ha mucambos; é matto bravo, patrãozinho, vai dar na serra.

— Qual é o melhor caminho para o sitio dos *Reis Magos*?

— Beirando o rio. Mas por aqui tambem se vai lá, é até melhor por causa da sombra. O que tem é que se passa nas



terras do mal assombrado. Indo por aqui, no seu vagar, vosmecê vai chegar no sitio com a lua.

— E não ha risco em atravessar as terras de Santa Luzia?

— Com Deus no coração eu vou caminhar no inferno, patrãozinho. Ainda si fosse sexta-feira!... Mas hoje é dia de Nossa Senhora... e tocou na aba do chapeirão. Tenha fé e deixe vosmecê andar quem anda. Eu viajo desde que me coubeço e ainda não me aconteceu cousa de maior. Tenho o meu breve e não devo nada a ninguem. Um risinho enrugou-lhe o rosto; cuspiu por entre dentes, n'um pincho, e continuou: — Nunca topei com o damnado... e que topasse!

— E os caminhos?

— Que nem trilha d'onça: é samambaia que Deus manda. Ainda assim ha outros peiores por esse sertão velho. Dentro da matta é fresco e não tem que saber — o caminho é um só que vai n'um estirão até Santa Luzia...

— Deus lhe pague, camarada.

— Não ha de que, patrãozinho. E que a Virgem acompanhe vosmecê. E apartámo-nos.

O pangaré ganhou o seu trotinho lento. Cravei as esporas no meu cavallo e, em pouco, alcançava a orla da matta.

Era a grande, a inexplorada selva primitiva, a veneravel floresta das eras barbaras, templo augusto das tribus. A alma forte, a alma selvagem e ingenua da raça banida parecia errar, peregrina, pelos meandros obscuros, fazendo com que a selva contasse a sua tradição gloriosa. A principio, com uma leve aragem, era um susurro de mysterio como o canto prophético do pagé e crescia: era já o côro guerreiro da tribu, cantado, nos tempos cruentos da peleja, antes da marcha heroica contra a taba inimiga; mas um vento forte passava, debatiam-se os galhos convulsivamente e o estridor subia grande, resoante, epico como o de um encontro valido de bravos, ao estru-pidar enfurecido das tangapenas brandidas, ao silvo agudo das flechas, através da algazarra, emquanto as inubias, sopra-

das com furia, espalhavam, uivando soturnamente, de palmar em palmar, o vozeirão tremendo do combate.

Selva augusta, de velhos troncos intactos, jámais feridos pelo gume dos ferros. Galhos caíam, encanecidos de musgos, folhas accumulavam-se no solo macio e fofo, amarellecidas encarquilhadas, sob a protecção da immensa abobada das ramas sempre verdes e a vida continuava n'um renovamento perenne, a podridão fecundava a primavera, a folha que se convertia em lama resurgia em seiva; um fluido vital corria ininterrompidamente rejuvenescendo a floresta.

Brotavam flôres em arvores centenarias e, pelos troncos vetustos quasi apodrecidos, renovos apontavam de folhas tenras, já abotoando. Lianas cruzavam-se em cordoalhas grossas d'uma arvore a outra, filandras caíam em chuva d'ouro franjando garridamente os galhos, e parasitas em flôr arrecamavam jequibás severos. Á tona de uma lagôa, coalhada de mururú, insectos voavam em lucido bando subindo e descendo por um raio do sol como por uma teia e nimbo de luz fulguravam n'agua dormente como nelumbos de ouro. Aves penserosas, tristonhas, n'um pé só, miravam a lagôa immovel; nos altos ramos araçarys chocarreiros taralhavam e, de quando em quando, n'um vôo pesado, uma arara atravessava o labyrintho da folhagem com um grito agudo que repercutia.

Longo e de enlevo foi todo o tempo da travessia. Vinha caindo suavemente o crepusculo quando surgiu em um campo de samambaias e de bertiogas, onde havia ruínas. Era a tapeira. Lá estavam os destroços da antiga casa, o indício dos curraes, restos de senzalas sem tecto, as paredes esburacadas, sem o adobe, mostrando as ripas, n'um desnudamento de arcabouço; fornos de barros, entre montas, altos como cupins, a olaria, a moenda primitiva e, tombado sobre um sulco, o carretão carunchoso com os fueiros hirtos cobertos de cogumellos bravos.

A ortiga imperava de extremo a extremo, avassallando tudo; o capim grosso ondulava ao vento n'um flexuoso oceano de ver-



dura. Ouvia-se o rumor escachoante do rio que rolava perto, saltando as pedras, n'um estuar perenne, monotono e tristonho, molhando as terras melancolicas da solidão.

COELHO NETTO.

## A Divida.

### I

Montenegro e Velloso formaram-se no mesmo dia, na Faculdade de Direito de São Paulo. Depois da cerimonia da collação do grão, foram ambos enterrar a vida academica n'um restaurante, em companhia de outros collegas, e era noite fechada quando se recolheram ao quarto que, havia dois annos, occupavam juntos em casa de umas velhotas, na rua de S. José. Ahi se entregaram á recordação da sua vida escolastica, e enterneceram-se defronte um do outro, vendo approximar-se a hora em que deviam separar-se, talvez para sempre. Montenegro era de Santa Catharina e Velloso do Rio de Janeiro; no dia seguinte aquelle partiria para Santos e este para a capital do Imperio. As malas estavam feitas.

— Talvez ainda nos encontremos, disse Montenegro. O mundo dá tantas voltas!

— Não creio, respondeu Velloso. Vais para a tua provincia, casas-te e era uma vez o Montenegro!

— Caso-me?! Ahi vens tu! Bem conheces as minhas ideias a respeito do casamento, ideias que são, aliás, as mesmas que tu professas. Afianço-te que hei de morrer solteiro!

— Isso dizem todos...

— Velloso, tu conheces-me ha muito tempo; já debes estar farto de saber que eu quando digo, digo.

— Pois, sim, mas ha de ser difficil que em Santa Catharina te possas livrar do *conjungo vobis*. Na provincia ninguem toma a sério um advogado solteiro.

— Enganas-te. Os medicos, sim ; os medicos é que devem ser casados. .

— Não me engano tal. Na provincia o homem solteiro, seja qual for a posição que occupe, só é bem recebido nas casas em que haja moças casadeiras.

-- Quem te metteu essa caraminhola na cabeça?

— Si fosses, como eu, para a Côrte, acredito que nunca te casasses, mas vais para o Desterro : estás aqui, estás com uma ninhada de filhos ! Queres fazer uma aposta ?

— Como assim ?

— O primeiro de nós que se casar pagará ao outro... Quanto ?

— Vê tu lá.

— Deve ser uma quantia gorda !

— Um conto de réis .

— Upa ! Um conto de réis não é dinheiro ! É preciso que a aposta seja de vinte contos pelo menos !

— O' Velloso, tu estás doido ? Onde vamos nós arranjar vinte contos de réis !

— O diabo nos leve si aquelles canudos não nos enriquecerem !

— Está dito ! Aceito ! Mas olha que é sério !

— Muito sério. Vai preparando papel e tinta enquanto vou comprar duas estampilhas.

— Estampilhas ?

— Sim, senhor ! Eu quero o preto no branco ! Ha-de ser uma obrigação reciproca, passada com todos os êfes e êrres !

Velloso sahio e logo voltou com as estampilhas.

— Senta-te, e escreve o que te vou dictar.

Montenegro sentou-se, tomou a penna, mergulhou-a no tinteiro, e disse :

— Prompto.

Eis o que o outro dictou e elle escreveu :

« Devo ao bacharel Jayme Velloso a quantia de vinte contos de réis, que lhe pagarei no dia do meu casamento, offerecendo



como garantia d'esse pagamento, alem da presente declaração, a minha palavra de honra. »

— Bom! disse Velloso sentando-se, agora eu :

« Devo ao bacharel Gustavo Montenegro a quantia de vinte contos de réis... etc. »

As declarações foram estampilhadas, datadas e assignadas, ficando cada um com a sua.

No dia seguinte Montenegro embarcava em Santos e seguia para o Sul, enquanto Velloso, arrebatado pelo trem de ferro, se approximava da Côrte.

## II

Montenegro ficou apenas tres annos em Santa Catharina, que lhe pareceu um campo demasiado estreito para as suas aspirações : veio tambem para a Côrte, onde o conselheiro Brito, um velho e conhecido advogado, amigo de sua familia, paternalmente se offereceu para encaminhal-o, offerecendo-lhe um lugar no seu escriptorio. Chegado ao Rio de Janeiro, o catharinense foi desde logo procurar o seu companheiro de estudos, e não encontrou da parte d'este a affectuosa recepção que esperava. Velloso estava outro; em tres annos transformára-se completamente. Montenegro veio achal-o satisfeito e feliz, com muitas relações no commercio, encarregado de causas importantes, morando n'uma bella casa, frequentando o *high-life*, gastando á larga. O catharinense, que tinha uma alma grande, sinceramente estimou que a sorte com tanta liberalidade houvesse favorecido a seu amigo; ficou, porém, devéras magoado pela maneira quasi fria e pelo mal disfarçado ar de protecção com que foi recebido.

Velloso não se demorou muito em fallar-lhe da aposta de São Paulo.

- Olha que aquillo está de pé!
- Certamente. A nossa palavra de honra está empenhada.
- Si te casas não te perdôo a divida!
- Nem eu a ti.

Os dois bachareis separaram-se friamente. Velloso não pagou a visita a Montenegro, e Montenegro nunca mais visitou Velloso.

Encontravam-se às vezes, fortuitamente, na rua, nos bondes, nos tribunaes, nos theatros, — e Velloso perguntava infallivelmente a Montenegro :

— Então? ainda não és noivo?

— Não.

— Que diabo! estou morto por entrar n'aquelles vinte contos!

ARTHUR AZEVEDO.

---

### São Luiz do Maranhão.

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de S. Luiz do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quasi que se não podia sahir à rua : as pedras escaldavam; as vidraças e os lampeões faiscavam ao sol como enormes diamantes; as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas das arvores nem se mexiam; as carroças d'agoa passavam ruidosamente a todo o instante, abalando os predios; e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem cerimonia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho.

A praça d'Alegria apresentava um ar funebre. De um casebre miseravel, de porta e janella, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz tísica e aflautada, de mulher, cantar em falsete a « gentil Carolina era bella »; d'outro lado da praça, uma preta velha, vergada por immenso taboleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arras-



tado e melancolico : « Figado, rins e coração ! » Era uma vendadeira de fatos de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar as ilhargas maternas, as cabeças avermelhadas pelo sol, a pelle crestada, os ventrezinhos amarelentos e crescidos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sahir, atravessava a rua, suado, vermelho, afogueado, á sombra de um enorme chapéu de sol. Os cães, estendidos pelas calçadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos, movimentos irasciveis, mordiam o ar querendo morder os mosquitos. Ao longe, para as bandas de S. Pantaleão, ouvia-se apregoar : « Arroz de Veneza ! Mangas ! Mocajubas ! » Ás esquinas, nas quitandas vazias, fermentava um cheiro acre de sabão da terra e agoardente. O quitandeiro, assentado sobre o balcão, cochilava a sua preguiça morrinhenta, acariciando o seu immenso e espalmado pé descalço. Da praia de Santo Antonio enchiam toda a cidade os sons invariaveis e monotonos de uma buzina, annunciando que os pescadores chegavam do mar ; para lá convergiam, apressadas e cheias de interesse, as peixeiras, quasi todas negras, muito gordas, o taboleiro na cabeça, rebolando os grossos quadris tremulos e as tétas opulentas.

A Praia-Grande e a rua da Estrella contrastavam todavia com o resto da cidade, porque era aquella hora justamente a de maior movimento commercial. Em todas as direcções cruzavam-se homens esbofados e rubros ; cruzavam-se os negros no carro e os caixeiros que estavam em serviço na rua ; avultavam os paletós saccos, de brim pardo, mosqueados nas espaldas e nos sovacos por grandes manchas de suor. Os corretores de escravos examinavam, á plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos ; revistavam-lhes os dentes, os pés e as verilhas ; faziam-lhes perguntas sobre perguntas ; batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos hombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavallos. Na Casa da Praça,

debaixo das amendoeiras, nas portadas dos armazens, entre pilhas de caixões de cebolas e batatas portuguezas, discutiam-se o cambio, o preço do algodão, a taxa do assucar, a tarifa dos generos nacionaes; volumosos commendadores resolviam negocios, faziam transacções, perdiam, ganhavam, tratavam de embarrilar uns aos outros, com muita manha de gente de negocios, fallando n'uma giria só d'elles, trocando chalaças pesadas, mas em plena confiança de amizade. Os leiloeiros cantavam em voz alta o preço das mercadorias, com um abrimto affectado de vogaes; diziam: « Mal rais » em vez de mil reis. Á porta dos leilões agglomeravam-se os que queriam comprar e os simples curiosos. Corria um quente e grosseiro zum-zum de feira.

O leiloeiro tinha piscos d'olhos significativos; de martello em punho, entusiasmado, o ar tragico, mostrava com o braço erguido um calice de cachaça, ou, comicamente acorado, esbrocava com o furador os paneiros de farinha e de milho. E, quando chegava a occasião de ceder a fazenda, repetia o preço muitas vezes, gritando, e afinal batia o martello com grande barulho, arrastando a voz em um tom cantado e estridente.

Viam-se deslizar pela praça os imponentes e monstruosos abdomens dos capitalistas; viam-se cabeças escarlates e descabelladas, gottejando suor por debaixo do chapéu de pello; risinhos de protecção, boccas sem bigode dilatadas pelo calor, perninhas espertas e suadas na calça de brim de Hamburgo. E toda esta actividade, posto que um tanto fingida, era geral e communicativa; até os ricos ociosos, que iam para ali encher o dia, e os caixeiros, que « faziam cera » e até os proprios vadios desempregados, apparentavam diligencia e promptidão.

A varanda do sobrado de Manoel Pescada, uma varanda larga e sem forro no tecto, deixando ver as ripas e os caibros que sustentavam as telhas, tinha um aspecto mais ou menos pittoresco com a sua bella vista sobre o rio Bacanga e as suas rotulas pintadas de verde-Paris. Toda ella abria para o quin-



tal, estreito e longo, onde, á mingoa de sol, se mirravam duas tristes pitangueiras e passeiava solemnemente um pavão da terra.

As paredes, barradas de azulejos portuguezes e, para o alto, cobertas de papel pintado, mostravam nos seus desenhos repetidos de assumptos de caça alguns logares sem tinta, cujas manchas brancacentas traziam á idéa joelheiras de calças surradas. Ao lado, dominando a mesa de jantar, aprumava-se um velho almario de jacarandá polido, muito bem tratado, com as vidraças bem limpas, expondo as pratas e as porcelanas de gosto moderno; a um canto dormia, esquecida na sua caixa de pinho envernizado, uma machina de costura de Wilson, das primeiras que chegaram ao Maranhão; nos intervallos das portas symetrisavam-se quatro estudos de Julien, representando em lithographia as estações do anno; defronte do guarda-louça um relógio de corrente embalava melancolicamente a sua pendula do tamanho de um prato e apontava para as duas horas. Duas horas da tarde.

Não obstante, ainda permanecia sobre a mesa a louça que servira ao almoço. Uma garrafa branca, com uns restos de vinho de Lisboa, scintillava á claridade reverberante que vinha do quintal.

ALUIZIO AZEVEDO.

---

### Recordações da independencia.

O veterano contou, com abundancia de pormenores, qual o estado tão mal parado dos negocios na Bahia, desde que a carta regia de el-rei senhor D. João VI, creando governador das armas o coronel Ignacio Luiz Madeira de Mello, deu logar aos tristes succedimentos de 19 e 20 de fevereiro do anno de 1822.

— N'esse tempo não era eu soldado. Habitava com pai e mãe um pobre casebre ahi para S. Raymundo. — As rivali-

dades entre brazileiros e lusitanos chegavam ás raias dementes do odio. Era impossivel esquecer na indifferença as humilhações e os actos de despotismo, que formavam o nosso amargo pão quotidiano.

— Eu lia a *Idade de Ouro*, um jornaleco insano, em cujas columnas a intriga fiava a teia das discordias. Lia o *Diario Constitucional*, onde se abeberava o meu nativismo sedento de despiques. Eu era brazileiro, e n'aquelle tempo nativismo não era sentimento que importasse chacotas a ninguem... Previ logo que daria commigo na tropa e faria a guerra, se esta se declarasse. Afervorou-se-me ainda mais o desejo de militar, após as scenas promovidas pelo coronel Madeira, ao metter-se de posse do governo das armas, contra a vontade nossa, do povo, que sustentava o brigadeiro Manoel Pedro...

Continuou, fazendo desfilar para o Desterro as religiosas da Lapa, assustadiças mulheres, perseguidas pela imagem da abbadessa morta a ferro frio; pintou as religiosas das Mercês em procissão aterrorisada, buscando na Soledade o asylo que não tinham seguro no seu convento. Desdobrou o quadro dos duzentos mortos, que ficaram juncando as ruas e praças, e as deserções, e as fugas en massa para o reconcavo, e os lares abandonados pelas familias, que pediam ao céu a graça de as abrigar e a quem o céu mandava o rigor das intemperies.

Referiu como a coragem sacrilega de alguns brazileiros insultou com pedradas a procissão de S. José. Mas ao que parece, o patriotismo do veterano estava longe de ceder aos sentimentos religiosos, a julgar pela mostra de contentamentos que se lia en sua physionomia, quando contava : que aos 19 de março do mencionado anno de 1822, sabindo da egreja do Corpo Santo a procissão do patriarcha S. José, composta geralmente de portuguezes, e chegando o prestito ao largo do Theatro, foi ahí apedrejado por uma sucia de vadios, que fizeram pedaços o innocente e bento madeiro, imagem do glorioso patriarcha.



A historia ainda não indagou se a naturalidade do santo era circumstancia conhecida dos que o lapidaram.

XAVIER MARQUES.

---

## LENDAS

### A Senhora das Candeias.

Na magnifica e magestosa bahia, cujas aguas vão banhar a poetica cidade de S. Salvador, outr'ora capital d'este vasto Imperio, que Cabral descobrira, e onde pela primeira vez tremulára o estandarte da cruz aos olhos dos indigenas admirados, maravilhada se recreia a vista descortinando os mais bellos e pittorescos panoramas.

Parece que a natureza, tantas vezes caprichosa, se esmerára em aformosear aquellas paragens, alli amontoando, com indizivel graça todas as riquezas e bellezas que exaurira de seus cofres.

O viajante europeu, habituado a vêr sómente na velha e trabalhada terra da civilisação a obra da mão e da intelligencia do homem, não pôde conter um grito de admiração e de prazer, nòs arroubos de seu enthusiasmo, ao descortinar a natureza viva, formosa, variada, como a da nossa terra, ostentando galas e primorosos donaires.

Como é imponente e magnifico o panorama que seus olhos descortinam !

De um lado vê erguer-se a cidade, como uma fada que se debruça sobre as aguas e se adereça de galas; a seus pés estende-se a bahia, tão limpida, tão calma, tão azul, semelhando um vasto lago, sulcado de navios, que o sombreiam; em frente á cidade, que tão poeticamente chrismaram de — princeza das collinas — surge a bella e historica ilha de Itaparica, que se estende pela bahia, indo terminar muito alem da barra, e

como elegantes oasis no deserto dos mares, aqui e alli, em arte caprichosa, despontam pequenas ilhas, cobertas de verdura, onde a vista se recreia sem poder fartar-se.

Oh! e porque não me é dado vêr-te, minha tão boa e tão querida terra! Porque deixei teu céu tão ardente, tuas brizas tão puras, teu céu tão diaphano, tua lua pallida, para vir aqui, semelhante á planta arrancada da terra onde lhe germinára a semente, emmurcheçar sob outro céu, crestar aos ardores de outro sol e scismar á pallidez de outra lua! Porque arrastou-me a fatalidade para tão longe do meu berço natal, onde se me ia a vida descuidosa e feliz!...

É mui bella a bahia, cujas aguas azuladas banham os pés da cidade das collinas.

Entre as ilhas pequeninas que a sulcam, olhemos em direcção ao norte... passemos a ilha das *Cannas*, passemos mais a ilha dos *Frades*, deixemos á direita a ilha do *Bom Jesus*, e fitemos os olhos n'aquelle ponto verde-negro, que alem sobre-sahe ás ondas, e avizinhamo-nos um pouco d'elle...

Chama-se a ilha da *Madre de Deus*.

Estais vendo por entre as verduras da folhagem aquelle ponto branco, onde se reflecte o sol?

É a modesta capellinha de Nossa Senhora de Guadalupe.

Entremos.

É bem pequena, bem modesta... As tendencias de hoje não são mais as dos seculos passados: tem outras idéas a geração presente; não se erguem mais esses templos monumentosos que nos legaram os antepassados; a fé parece que se vai arrefecendo; são outros os gostos, outras as tendencias da geração contemporanea.

É, pois, bem pequena, bem modesta a capellinha; não ha n'ella cousa alguma para admirar-se, nem a belleza da architectura, nem o bem acabado da obra: é simples como a natureza, como a religião; mas como é poetica tambem? Collocada sobre o alto de uma collina, parece dominar o mar, e o viajante que entra ou sahe do porto, cheio de fé, e levando



uma esperança ou trazendo um voto de agradecimento, tira o chapéu e murmura uma prece á padroeira dos navegantes, que protege-os nos embates procellosos, nos arremessos do oceano.

Sobre o altar vê-se a imagem da Virgem, cuja invocação é a da *Senhora das Candeias*. O dia 2 de Fevereiro, em que commemora a igreja a Purificação da Virgem, é o da festa da Senhora das Candeias, e para ella, em grande multidão, concorre o povo das demais ilhas circumvizinhas e da cidade.

Ao despontar o sol d'esse dia cobre-se o mar de canoás, que cortam ligeiras as aguas tranquilladas da bahia, trazendo mil devotos para a festa da Senhora.

Nas tradições populares é milagrosa aquella imagem da Virgem, e os painéis commemorativos de seus prodigios enchem as paredes alvas da sacristia da capella.

Especialmente costuma ser invocada nas molestias de olhos, e a Virgem, que veio ao mundo accender a lampada d'alma que o peccado da primeira mulher havia apagado, accende tambem a lampada do corpo, abrindo á luz, de que se achavam privados, os olhos dos que invocam-n'a com fervor e confiança robusta.

Quantos prodigios não poderia aqui referir, baseados em testemunhas que ainda vivem, e invocando os mesmos que d'elles foram objecto! Ora é a mãe extremosa, privada de tão doce consolação de vêr os queridos penhores de seu amor; ora o esposo, que não pôde vêr aquella a cuja vida se ligára pelo sentimento mais legitimo e mais santo... e em um bello dia, invocando com fé a Senhora das Candeias, como Saulo outr'ora, sentem cahir o véo espesso que lhes occultára aos olhos a luz brilhante do astro que aformosêa a natureza.

Acham-se registrados na memoria de todos e attestam-nos os painéis suspensos na sacristia da capellinha.

Junto á igreja, de um rochedo que lhe fica ao lado, mana um fio de crystallina agua; seja o que fór, o que é certo é que molestias de olhos, que têm resistido aos esforços aturados da

sciencia medica, têm cedido immediatamente, ou com pequeno intervallo de demora, banhados os olhos com a agua milagrosa do rochedo, e onde é tradição, que vai passando de geração em geração, que fôra encontrada por alguns pescadores a imagem da Virgem, e junto á qual se erguêra a modesta capellinha.

Não queira a sciencia explicar, nem a descrença discutir o facto; deixem a fé do povo explical-o a seu modo: arida deve de ser a explicação da sciencia, zombeteira a discussão da descrença, e poetica e proveitosa ao coração a que inspirar a fé e a crença popular.

Quasi no centro da igreja vê-se uma especie de cova, que nunca pôde ser fechada. Dizem os velhos moradores da ilha que diversas tentativas têm havido para conseguil-o, mas baldadas todas; deita-se terra, muita terra, enchem-n'a, e no dia seguinte a encontram lançada fóra e a cova aberta como se achava na vespera.

Pensando que não deviam insistir, collocaram em redor da abertura uma grade, e a deixaram attestar aos que alli forem os effeitos da punição do céu e da clemencia da Virgem.

Eis como reza a lenda.

Poucos annos havia que a modesta capellinha se tinha erguido, e a milagrosa imagem, encontrada junto ao rochedo, multiplicava as curas, dando vista aos que lh'a pediam confiados.

Grande era a peregrinação dos devotos; porém muita gente tambem lá ia levada apenas por mero espirito de impertinente curiosidade ou de reprovada incredulidade.

Um dia entrou na capella um d'esses homens que procuram ostentar *espirito* á custa das crenças religiosas, escarnecendo-as e ridicularisando-as.

Era um domingo; muito povo se achava no recinto sagrado, e havia o padre já começado o sacrificio da missa.

Então esse homem, erguendo a voz e olhando para o altar, disse apontando para a Virgem, em tom de escarneo:



— Oh! ahí está a *senhorinha* de tantos milagres!

Olharam-n'ò os assistentes, e alguém lhe disse:

— Se não acredita, retire-se; para que vir aqui insultar-nos em nossa crença?

— Pobre povo! retorquiu o blasphemo; pensa que uma figura de barro pôde fazer milagres!

De subito a terra abre-se-lhe aos pés; quer correr o blasphemo, força occulta o impede; forceja embalde, attrahe-o a terra, mais funda vai-se tornando a cova... haviam-lhe já desaparecido os pés, as pernas, e meio corpo apenas lhe restava.

— Pois bem, gritou elle no supremo arranco da desesperança e do arrependimento; pois bem, valei-me, vós a quem acabo de offender; valei-me, milagrosa Senhora das Candeias!

E immediatamente deixou de subverter-se; impossivel porém, foi ao misero sahir; ergueu-se o povo; tentaram-se esforços, embalde; o pobre blasphemo estava apegado á terra, que o não queria soltar.

Assim passou-se todo o dia, chegou a noite, e sempre a mesma posição.

No seguinte dia o povo affluio á igreja; o padre dirigiu-se para o altar, começou o sacrificio da missa, e ao erguer da hostia viram todos uma menina, trajando vestes brancas, com uma grinalda de flôres coroando-lhe a fronte... Ninguem soube quem era ella, ninguem a viu entrar: chegou-se ao infeliz, e dando-lhe a mão fêl-o sahir sem difficuldade da cova em que se achava meio enterrado.

E depois desapareceu, sem que se soubesse por que logar nem de que modo.

É esta a lenda que alli contam, e assim m'a contaram; verdadeira ou não, o que é certo é que a cova alli se acha sem que a possam fechar.

CONEGO FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA.

---

## A tapera da lua.

(YACY-TAPÉRE)

Este nome liga-se a uma lenda, que tem relação com o conto das Amazonas. Dizem que, quando desceram *umas mulheres* (cetá cunhan), ficaram n'esse logar dous irmãos: irmã e irmão. Aquella foi habitar a margem do lago Yacy, e este o alto da serra. Tempos depois apaixonou-se a irmã pelo irmão. Em seu peito escondia sua paixão criminosa e suffocava seus impulsos. Uma noite, porém, tentou seduzil-o. Dirigiu-se à serra, e com carinhos despertou o irmão. Seguiram-se outras noites de amores mysteriosos, que cada vez mais despertavam n'elle os desejos de conhecer quem em sua rêde o ia despertar.

Durante o dia o irmão não se trabia. Uma noite preparou-se elle para descobrir quem era a desconhecida que durante as noites apparecia e durante o dia se occultava. Como de costume, approximou-se ella da rêde. Seu irmão parecia dormir. Mansamente inclinou-se para elle... ia beijal-o, quando sentiu que seu irmão, passando-lhe as mãos pelas faces, tinha-as deixado humidas. Ao romper d'alva dirigiu-se ao lago, em cujas margens habitava, e foi mirar-se no espelho de suas aguas. Viu-se manchada. Tinha as faces tintas de *urucú*. Comprehendeu então o horror de sua posição, e, para não córar ante o irmão, que assim a reconheceria quando viesse vê-la, fugiu para casa. Momentos depois voltava com um arco e um maço de flechas.

Manejando com mestria o arco, despediu uma flecha para o céu (*uaca*) que ahí ficou segura. Despedindo após esta outras flechas, foi flechando umas nas outras a formar uma longa vara, por onde subiu, e transformou-se em lua. Vindo o irmão vê-la no dia seguinte e não a encontrando, de dôr transformou-se em mutum.

Ella agora vem mensalmente, sob a fórma de lua, mirar-se no espelho das aguas do lago, a vêr se desappareceram as



manchas. Eis a lenda, donde veiu o nome de *espelho da lua e tapera da lua*. Os indios ainda acreditam n'esta fabula, que lhes confirma as manchas do astro da noite.

JOÃO BARBOSA RODRIGUES.

### A cruz de Moribeca.

« Uma historia dos tempos que passaram  
Mudos, tão longe como as brumas frias  
No dorso lá dos mares. »

Uma deveza fechada de aroeiras, em basta e profusa rampa formada de comoros de arêa, em selvagem desalinho, em frente do mar, e a duas leguas de distancia do arraial Itabapuaana, serve de throno a essa cruz legendaria.

As serranias que ao longe erguem-se a entestar com as nuvens, descrevendo a configuração dos monstros, o dorso dos mythos gregos, ora nas brechas do céu, ora nas profundas cavernas dos oceanos, não ensombram aquella varzea.

Alli está um carcomido cancello, que servia de limite ás sesmarias dos padres jesuitas que succederam a Gil de Góes, e poucas braças alem observam-se vestigios da extincta aldêa de Rartigba, onde falleceu o padre José de Anchieta.

O viajante que atravessa o rio Itabapirana, indo do sul para o norte, vê a lagôa *Dias*, celebre pela luta que alli travou-se em 1598 entre os indios e os vassallos da corôa portugueza, então senhora d'aquella capitania.

Guarnece-lhe e contornêa-lhe um cordão de corroatás, matizado por pitangueiras, e estas precedidas de *cajatys undirobas e urucans* — cujas folhas são em fôrma de corações, e as flôres representam as chagas do martyrio de Christo — de que falla o poeta Santa Rita :

« É na fôrma redonda, qual diadema  
 De pontas, com espinhos rodeada;  
 A columna no meio é um claro emblema  
 Das chagas santas da cruz sagrada :  
 Vê-se os tres cravos sob a parte extrema ;  
 Com arte a cruel lança figurada,  
 A côr é branca, mas de um rôxo exangue  
 Salpicada, recorda o pio sangue. »

O cancello fica occulto entre os grandes arvoredos, e a cruz está dominando a planicie e os horizontes.

Sahindo da heroica villa da Victoria, hoje cidade, capital da provincia do Espirito-Santo — o padre Almada — que bons serviços prestára ao donatario Coutinho, procurou os campos de Moribeca, ao sul da capitania.

Alli installado, fundou o primeiro aldeamento, e em poucos annos tudo prosperou. Após elle vieram os jesuitas, e estes edificaram a igreja que ainda existe. Não ha alli adarves a subir : está n'um terrapleno esmoutado, e pendem das carunchosas paredes e das arruinadas naves as heras e os ninhos das aves.

D'alli dictou-se leis ás duas capitanias do Espirito-Santo e da Parahyba do Sul.

A igreja lá está : — memoria de uma geração que passou.

A igreja de Nossa Senhora das Neves lá está : — inscripção fatidica aos olhos d'esta geração descrente.

Aquelles padres viviam na opulencia, e, em vez das matinas e das nôas, tinham o repasto frugal, a vintena, os beneficios de suas industrias e agencias.

Um dia, oh ! desgraça !

Um navio aportou àquella enseada.

Houve alarma ; abalo t-se aquelle alicerce. Que noticia ? o que trouxe ? a que vinha ? Abriram-se cartas, e, depois de prolongado silencio, dirigiram-se todos para o locutorio.

Alguem communicava que em Lisboa tramava-se contra a ordem dos jesuitas.

Não houve trégoas.



Padres e frades — congregaram-se.

Decidiu-se em congregação que, sem demora, tudo que era fungivel e não fungivel se tirasse, e então baixellas, ouro e prata, alfaias, paramentos, tudo que pudesse prestar utilidade e que não viciava-se por natureza, fechou-se n'uma urna de cobre e deu-se destino.

N'aquella hora quem passasse por alli teria visto a igreja sitiada de terrores e os sacerdotes dividido: em grupos, uns no consistorio, outros no adro.

Em humildade contemplativa estavam os escravos, e pensativos estavam os indigenas — *administrados*.

De repente, como por encanto, teria visto surgir d'entre aquella multidão um carro, um guia e um carreiro, e do quasi sepulchral silencio — em sentida e edificante antiphona — ouviria este versiculo: *Domine, miserere nobis*.

Alguns annos decorreram depois d'esta revolta pacifica, até que um soldado do batalhão dos voluntarios do rei, e que estivera ao serviço do governador Mendo de Sá, desertou, e procurando aquella capitania passava pela praia em horas caladas da noite, com direcção á Barreira Criminosa conhecida pelos antigos por barreira do Siri.

Ao defrontar com aquellas praias, em meio de uma das restingas, viu-se compellido a parar, porque, tomado de pavor, faltou-lhe o movimento nos pés.

O sangue conturbou-se-lhe nas veias.

No mesmo instante viu-se cercado de vultos vagos, como se assistisse a uma procissão de defuntos.

Cabeças negras, informes; gargalhadas e risos; vozes e gritos desordenados, ao perto aves agoureiras; ao longe um reboar monotono e baques como de corpos desequilibrados; caras bisonhas e um murmurio de insectos lhe convenciam de ser alli o cenaculo dos espectros.

Fez o ultimo esforço; soergueu-se sobre um braço, ensaiou o equilibrio do tronco do corpo e moveu pernas.

Eil-o a caminho.

Sahir do logar onde agonizou, foi seu unico pensamento. Mais um passo e eil-o cheio de novo assombro ante um traço de fogo sobre uma columna, em que leu a seguinte legenda :

« Assim mesmo qual sou, abandonada,  
Eu vi aquelle que mediu a terra,  
Olhou e derreteu as gentes todas,  
E fez n'um torvelinho o pó dos montes  
Condensar-se nos céos em noite escura. »

*Era a cruz de Moribeca.*

Alli a deixaram aquelles padres que o leitor não esqueceu ; aquelles padres — que, á meia noite, deixaram a comunidade exhortando e entoando *kyrios e psalmos*, e foram abrindo caminho para beira-mar — e cavando terra — occultaram o thesouro que elles tinham fé e certeza de o encontrar maistarde.

Occulto o thesouro, acto continuo, a terra abriu-se, e carro, carreiro, bois e guia, tudo em commum alli ficou sepultado.

Na fenda d'esse cataclysmo surgiu a cruz.

O desertor, depois de ter lido aquella memoravel sentença, seguiu para o seu destino. A poucas braças sentiu correntezas de ar contido, céu e mar, em mudez e escuridão, e repercutindo ao longe echos de sons e lamentos mal articulados. Parou. Ia reflectir, quando ouviu em direcção ao logar onde assombrára-se, a seguinte supplica :

LENDAS

Orai por nós que fomos peccadores  
Por tudo n'este mundo cobiçar!  
Orai para remir-se nossas culpas :  
Alli ha um thesouro — ide-o buscar.

Conta-se que até aquelle dia quem por alli passou, seguia ou voltava assombrado.

Aquellas almas faziam penitencia.

Aquelles peccadores salvaram-se — porque por espaço de trinta annos foram celebradas missas em intenção de suas almas — para perdão de seus peccados.

PEÇANHA POVOA.



## DIALOGOS

## Drama.

SEVERO, PRAXEDES E GONZAGA

SEVERO

Meus senhores, tenho a honra de perguntar-lhes o que os trouxe a esta humilde casa? Queiram sentar-se...

PRAXEDES

É inutil. Temos pressa, e o negocio é breve.

SEVERO

Ás suas ordens. V. S. é?...

PRAXEDES

O barão de Praxedes (*mostrando Gonzaga*) e o Sr. Dr. Francisco Lopes Gonzaga.

SEVERO

Peço desculpa a V. Ex. se...

PRAXEDES

Sem cerimonia... Vamos ao ponto. O senhor possui uma officina typographica, não é assim?

SEVERO

Sim, senhor.

PRAXEDES

Eistudo. Nós viemos contratar com o senhor a impressão de uma gazeta.

SEVERO

Não pôde haver a menor duvida. Se é este o meu officio !

PRAXEDES

Ha algumas duvidas.

SEVERO

Quaes ?

PRAXEDES

Primeira : a gazeta é da opposição...

GONZAGA

Apoiado.

PRAXEDES

Estamos resolvidos a fazer ao governo a maior guerra possivel na imprensa.

GONZAGA (*com força*)

Guerra mesmo de morte!...

SEVERO (*á parte*)

Está ferido na aza.

PRAXEDES (*a Severo*)

Está disposto a isso ?

SEVERO

Que pergunta ! Pois eu sou pai ou filho do governo ? Devo-lhe alguma cousa ? Cada um vâ vivendo como puder.

GONZAGA

É, que este governo não pôde absolutamente viver assim.

SEVERO

Isto se diz de todos, meu senhor ; e todos vâo vivendo mais ou menos.

GONZAGA (*contrariado*)

Isto é o diabo !



PRAXEDES

Então esta duvida não procede ; vamos á segunda : é o senhor procurar-nos um responsavel.

SEVERO

Então, sim, procede. É gente com quem não quero entrar em negociações.

GONZAGA

Olhe que paga-se bem.

SEVERO (*com desdem*)

Paga-se bem... paga-se bem... Pague o senhor.

PRAXEDES

Mas era um favor que nos prestava, Sr. Severo. Sabe perfeitamente que ser-nos-hia difficil encontrar um individuo nas precisas condições para este fim. Entretanto, o senhor conhece-os provavelmente, e com facilidade propõe-lhes o negocio.

SEVERO

É o que V. Ex. cuida. Se eu lhe disser que não conheço um só d'esses miseraveis?... E para que, meus senhores, para que um *testa de ferro*?

GONZAGA

Ora, para que ? Para podermos discutir com liberdade.

SEVERO

Perdão, Sr. doutor. Eu não sou nenhum pateta que não saiba um bocadinho d'estas cousas. Então de que me serviria compôr o que os outros escrevem, se eu tambem não aproveitasse para minha intelligencia? Pois eu ando assim tão longe das letras, que engula essas pilulas sem me engasgar? Venha cá, Sr. doutor. Para discutir livremente não é preciso um *testa de ferro*. A nossa constituição está cheia d'esta liberdade..

GONZAGA

E a prepotencia do governo?

SEVERO

Qual prepotencia nem meia prepotencia!... V. S. quer ainda mais liberdade na imprensa e na tribuna do que a que temos no Brazil?

GONZAGA

Não falle em constituição nem em liberdade. Aqui estou eu...

SEVERO

Ahi está V. S... que... não conclue?

PRAXEDES

D'este modo, Sr. Severo, fica prejudicada a nossa questão principal.

SEVERO

O que quer V. Ex.? Aqui o Sr. doutor está me levando para uma argumentação... Tenha paciencia. Eu não engeito parada. É preciso que se convençam de uma cousa : de que o typographo (*batendo no peito*) é um homem honrado. A imprensa para nós é uma vestal, que procuramos zelar e defender; o amor da arte é um culto sagrado que lhe votamos; e toda a vez que procuram violal-a, toda a vez que intentam corrompel-a em nome de falsas conveniencias, dóe muito, senhores, dóe muito ao artista que não se vende, ao artista de alma e de coração, assistir ao sacrificio nefando que converte a liberdade em licença, que faz da virgem uma prostituta!...

GONZAGA (*a parte*)

Este sujeito não nos serve.

PRAXEDES

Até certo ponto acho-lhe razão, Sr. Severo.

SEVERO

Eu bem sei, Sr. barão, que custa muito protestar contra certos habitos; porém que importa? Eu vou protestando. V. Ex. não esperava seguramente que eu lhe fallasse de outra cousa



senão do preço e das condições da sua publicação : é verdade? Eis que encontra-se com um tralhão, que o põe a desnorrear!... Isto não faz mal ao negócio; está dito, encarrego-me de imprimir e publicar a gazeta, mas não de alugar *testas de ferro*.

GONZAGA

Decididamente o senhor transtorna todos os nossos planos. A gazeta deve sair esta semana, para vêr se até o fim da outra cahe o ministerio; falta-nos, porém, um responsavel, e eis-aqui tudo desarranjado!

SEVERO

Pois cheguemos a um accôrdo.

PRAXEDES

Qual?

SEVERO

Segundo a lei, eu sou tambem responsavel como editor : prometto dar a gazeta, independente de outra responsabilidade, debaixo de uma só condição...

PRAXEDES

Qual é?..

SEVERO

Não calumniar.

PRAXEDES

Aceito.

GONZAGA

E eu recuso. Esta condição não se impõe a homens de bem.

SEVERO (*com dignidade*)

Impõe-se, porque são os unicos que a aceitam. O Sr. doutor, perdôe que lhe diga, mostra-se injusto commigo. Não saberei porventura tratar com pessoas consideradas? Offendi-o reservando-me o direito de suffocar a calumnia em seu nascedouro?

GONZAGA

E julga-nos capazes de calumniar?

SEVERO

Julgo-os apenas capazes de apaixonar-se. E a paixão politica céga, como as outras paixões.

PRAXEDES

O Sr. Severo tem razão, doutor.

GONZAGA (*a Praxedes*)

Mas o Sr. Severo é typographo ou é censor?

SEVERO

Posso ser ambas as cousas ao mesmo tempo. Não seria a primeira vez em que um typographo reprimisse os excessos de um escriptor. V. S. parece ainda estranho á historia da imprensa. Não conhece, talvez, escriptor que tenha sido typographo. Eu conheço alguns. Conheço Benjamin Franklin... Que mais? Foi-lhe nas mãos o prelo uma machina de liberdade; a penna, um astro radiante de sabedoria. O typographo foi o escriptor que arrancou o sceptro aos tyrannos; foi o sabio que arrancou os raios ao céu! Ao typographo a patria deve a sua emancipação, a humanidade deve a sua grandeza!...

PRAXEDES (*aperta a mão de Severo*)

E um dia, ao saber a sua morte, o rei da tribuna propoz á assembléa nacional da França que tomasse pesado luto pelo rei da imprensa! (*Abraçando Severo.*) O senhor tambem é escriptor, confesse...

SEVERO (*com sentimento*)

Escriptor modesto, humilde, mas verdadeiro... fui, sim, já o fui n'outro tempo... Oh! que tempo! Quando poucos eram os que escreviam... porque sobre a nossa cabeça pesava o jugo colonial!... Quando o escriptor era um patriota... um servidor da independencia! Quando a penna era o prenuncio da espada,



e o escriptor soldado passava a escrever com o sangue inimigo a ultima palavra da escravidão.

PRAXEDES

É, pois, um veterano o Sr. Severo?...

SEVERO

É verdade, tenho esse peccado.

PRAXEDES (*a Gonzaga*)

Nem mais uma palavra, doutor. Se quer que o auxilie em suas pretensões, faça ponto final em seus argumentos. Aqui não ha que replicar. Vá escrever o programma da gazeta. Sr. Severo, conte com um amigo devotado (*áperta-lhe a mão*).

GONZAGA

Da mesma sorte, Sr. Severo. Dou-me por satisfeito, e deixo-lhe os meus protestos de consideração. Adeus. Meus respeitos á senhora sua filha...

PRAXEDES (*despedindo-se*)

Se tiver tambem a bondade de recommendar-me a ella...

SEVERO

Muito obrigado, meus senhores, muito obrigado (*sahem Praxedes e Gonzaga*).

AGRARIO DE MENEZES, *Os Miseraveis*, acto 2º, scena VII.

## Comedia

CARLOS E EMILIA

(*Carlos com habito de noviço entra assustado e fecha a porta.*)

EMILIA (*assustando-se*)

Ah! quem é?... Carlos!...

CARLOS

Cala-te...

EMILIA

Meu Deus! o que tens? porque estás tão assustado? o<sup>2</sup> que foi?

CARLOS

Aonde está minha tia, e o teu padrasto?

EMILIA

Lá em cima; mas o que tens?...

CARLOS

Fugí do convento... e ahí vêm elles atraz de mim.

EMILIA

Fugiste?... e por que motivo?...

CARLOS

Por que motivo?... pois faltam motivos para se fugir de um convento!... O ultimo foi o jejum em que vivo ha sete dias... Vê como tenho esta barriga... vai a sumir-se!... Desde sexta-feira passada que não mastigo pedaço que valha a pena.

EMILIA

Coitado!

CARLOS

Hoje, já não podendo, questionei com o D. abbade... Palavras puxam palavras; dize tu, direi eu... e por fim de contas arrumei-lhe uma cabeçada, que o atirei por esses ares.

EMILIA

O que fizeste, louco?...

CARLOS

E que culpa tenho eu, se tenho a cabeça esquentada... Para que querem violentar minhas inclinações?... Não nasci para frade; não tenho geito nenhum para estar horas inteiras no côro a rezar com os braços encruzados... não me vai o gosto



para ahi... não posso jejuar... Tenho pelo menos tres vezes ao dia uma fome de todos os diabos. Militar é o que eu quizera ser; para ahi chama-me a inclinação : bordoadas, espadairadas, rugas, é que me regalam... esse é o meu genio... gosto de theatro... e de lá ninguem vai ao theatro, á excepção de Fr. Mauricio, que frequenta a platéa de casaca e cabelleira para esconder a corôa.

EMILIA

Pobre Carlos ! como terás passado estes seis mezes de noviciado ?

CARLOS

Seis mezes de martyrio... não que a vida de frade seja má... boa é ella para quem a sabe gozar e que para ella nasceu; mas eu, priminha, eu que tenho para a tal vidinha negação completa, não posso.

EMILIA

E os nossos parentes quando nos obrigam a seguir uma carreira, para a qual não temos inclinação alguma, dizem que o tempo acostumar-nos-ha.

CARLOS

O tempo acostumar !... eis-ahi por que vemos entre nós tantos absurdos e disparates !! Este tem geito para sapateiro, pois vá estudar medicina... excellente medico... Aquelle tem inclinação para comico; pois, não senhor, será politico... Ora ainda isso vá... Este outro só tem geito para caiador ou borrador; nada, é officio que não presta... seja diplomata que borra tudo quanto faz. Aquelle outro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitoinho, mas isso não se faz : seja thesoureiro de repartição fiscal, e lá se vão os cofres da nação á garra... Esse outro tem uma grande carga de preguiça e indolencia, e só serviria para leigo de convento; no emtanto vemos o bom do mandrião empregado publico, comendo com as mãos encruzadas sobre a pança o pingue ordenado da nação.

EMILIA

Tens muita razão, assim é...

CARLOS

Este nasceu para poeta ou escriptor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes cousas, mas não pôde seguir a sua inclinação, porque poetas e escriptores morrem de miseria no Brazil!... e assim obriga a necessidade a ser o mais somenos amanuense em uma repartição publica e a copiar cinco horas por dia os mais somniferos papeis... o que acontece?... em breve matam-lhe a intelligencia, e fazem do homem pensante machina estúpida... e assim se gasta uma vida!... É preciso, é já tempo que alguém olhe para isso... e alguém que possa...

EMILIA

Quem pôde nem sempre sabe o que se passa entre nós para poder remediar... é preciso fallar...

CARLOS

O respeito e a modestia prendem muitas linguas; mas lá vem um dia que a voz da razão se faz ouvir, e tanto mais forte, quanto mais comprimida...

EMILIA

Mas, Carlos, hoje te estou desconhecendo.

CARLOS

A contradicção em que vivo, tem-me exasperado! e como queres tu que eu não falle, quando vejo : aqui um pessimo cirurgião, que podera ser bom alveitar; alli um ignorante general, que poderia ser excellent enfermeiro; acolá um periodiqueiro, que só serviria para arrieiro, tão desbocado e insolente é... etc., etc. : tudo está fóra de seus eixos...

EMILIA

Mas que queres tu que se faça ?



## CARLOS

Que não se constranja ninguém; que se estudem os homens, e que haja uma bem entendida e esclarecida protecção; e que sobretudo se despreze o patronato, que assenta o jumento nos bancos das academias e amarra o homem de talento á mangedoura. Eu que quizera viver com uma espada á cinta e á frente do meu batalhão, conduzil-o ao inimigo através da metralha, bradando : « Marcha... (*manobrando pela sala entusiasmado*) Camaradas!... Coragem, calar bayonetas! marche, marche! firmeza, avança!... o inimigo fraquêa... (*Seguindo Emilia, que recua espantada*) avança!

## EMILIA

Primo! primo! que é isso? fique quieto. .

CARLOS (*entusiasmado*)

Avança! Bravos companheiros, viva a patria! viva!... e voltar victorioso, coberto de sangue e poeira... Em vez d'esta vida de agitação e gloria... hei de ser frade... revestir-me de paciencia e humildade, encommendar defuntos... (*cantando*) *Requiescat in pace... a porta inferi!... Amen!...* O que seguirá d'isto? o ser eu pessimo frade, descredito do convento e vergonha do habito que visto... Falta-me a paciencia.

## EMILIA

Paciencia, Carlos, preciso eu tambem ter, e muita... Minha mãi declarou-me positivamente que eu hei de ser freira...

## CARLOS

Tu, freira? tambem te perseguem?

## EMILIA

E meu padrasto ameaça-me.

## CARLOS

Emilia, aos cinco annos estava eu orphão, e tua mãe, minha tia, foi nomeada por meu pai sua testamenteira e minha

tutora... Comtigo cresci n'esta casa, e á amizade de criança seguiu-se inclinação mais forte... eu te amei, Emilia, e tu tambem me amaste...

EMILIA

Carlos!

CARLOS

Viviamos felizes, esperando que um dia nos uniríamos; n'esses planos estavamos, quando appareceu este homem, não sei d'onde, e que soube a tal ponto illudir tua mãe, que a fez esquecer-se de seus filhos, que tanto amava, de seus interesses, e contrahir segundas nupcias.

EMILIA

Desde então nossa vida tem sido tormentosa.

CARLOS

Obrigaram-me a ser noviço, e, não contentes com isso, querem-te fazer freira... Emilia, ha muito tempo que eu observo este teu padrasto, e sabes qual tem sido o resultado de minhas observações?

EMILIA

Não.

CARLOS

Que elle é um rematadissimo velhaco

EMILIA

Oh! estás bem certo d'isso?

CARLOS

Certissimo! Esta resolução que tomaram, de fazerem-te freira, confirma a minha opinião.

EMILIA

Explica-te...

CARLOS

Teu padrasto persuadia a minha tia que me obrigasse a ser



frade, para assim roubar-me impunemente a herança que meu pai deixou-me... Um frade não põe demandas.

EMILIA

É possível?!

CARLOS

Ainda mais : querem que tu sejas freira para não te darem dote se te casares...

EMILIA

Carlos, quem te disse isso !... minha mãe não é capaz...

CARLOS

Tua mãe vive illudida... Oh ! que não possa eu desmascarar este tratante?

EMILIA

Falla baixo !...

M. PENNA, *O Noviço*, acto 1º, scena VII.

## PHILOSOPHIA

### Os systemas em philosophia.

Nada mais vulgar, tratandose de philosophia, do que a impertinente pergunta : — *a que systema se pertence?* — Mas isto tem uma explicação.

As sciencias, antes de se constituirem, atravessaram phases preparatorias, em que predominaram, na falta de dados e doutrinas positivas e experimentaes, as opiniões singulares, o modo de ver subjectivo de cada autor.

D'ahi os systemas.

As sciencias particulares acham-se hoje em dia livres de semelhante rheuma, que até agora, para os espiritos superfi-

ciaes ou caprichosos, conserva-se enraizada no corpo da philosophia.

E, comtudo, vai n'isto um grosso engano; toma-se o que foi pelo que é, perdura-se em conservar um vicio metaphysico que não tem mais razão de ser.

Comprehende-se facilmente, por exemplo, que a astronomia quando era a astrologia, e a chimica quando era a alchimia, fossem o campo predilecto dos debates contradictorios, das questões sem termo, e dessem pasto às fantasiosas combinações dialecticas dos espiritos irrequietos.

Assim tambem era a philosophia, quando o seu ideal consistia em afastar-se do curso das verdades ensinadas pela experiencia — para atirar-se extatica á busca das *essencias*, dos *enigmas* irresoluveis.

Agora, porém, que, desde Kant, não deve passar de uma synthese de todas as sciencias particulares, incumbida, na opinião mais sensata, de preparar a intuição geral do universo, ella não ha de ter systemas; porque nas sciencias, que lhe servem de apoio, não os ha.

Existem, sim, verdades para explicar, factos obscuros para resolver; mas não ha opiniões fantasiosas e subjectivas; existem ordem e concatenação de doutrinas, e não *theorias* individuais.

Pretender encerrar o universo inteiro no ambito asphyxiante de meia duzia de fórmulas, às mais das vezes filhas de uma imaginação desregrada e de um criterio myope, é por certo ainda mais extravagante do que querer encerrar uma vasta acção dramatica entre as quatro paredes de um theatrinho de taboas, como o desejo buffonico do Director no *Faust*.

SILVIO ROMÉRO.

---



## A psychologia como sciencia de observação.

O defeito capital da psychologia, como sciencia de observação, é a falta absoluta de dados para se formarem exactas e profundas previsões. O mundo physico, em seu vasto e intrincado arranjo, pôde sempre causar admiração ainda mesmo aos espiritos mais cultos; porém não causa espanto. A idéa da *ordem*, que é um producto ulterior da intelligencia, faz succeder ao primitivo abalo, suscitado pela natureza, o sentimento da harmonia e da razão das cousas. Entretanto, essa idéa não tem tido a mesma força no mundo moral. O spectaculo dos homens, dando a vêr, por palavras ou acções, algum novo recanto do seu coração, todos os dias nos assombra. Irrecusavel signal de intêira ignorancia, quanto á ordem que reina e ás leis que se executam nos dominios do espirito. N'este meio o que tem feito a illusoria sciencia? Apenas consagrar um sem numero de erros, e autorisar, em seu nome, os mais agros rigores, as violações mais crueis. Nós vemos diariamente a sociedade, baseada em um supposto conhecimento do homem, arrogar-se o poder de sorprendê-lo no retiro de sua consciencia, afim de assistir a todas as evoluções genesiacas do crime. É dest'arte que o direito penal decompõe o acto criminoso em elementos successivos, partindo da intenção. Manejando os chamados principios psychologicos, julga ter penetrado na essencia da criminalidade. Inúmeras são talvez as victimas cahidas sob tão fatua pretensão dos legisladores e philosophos. Se ha uma razão para explicar porque os calculos humanos tanto falham, no que interessa ás relações sociaes, é que as almas nunca chegam a conhecer-se mutuamente, e a psychologia não descobre uma só das leis que determinam a formação do individuo. Não canso de repetil-o: a sciencia do *eu* implica contradicção. Abstractido da pessoa e do character que a constitue, o *eu* — é cousa nenhuma, nada significa. Mas onde estão as inducções scientificas, feitas de modo que possam garantir nossos juizos

sobre a marcha normal da personalidade alheia? Eu disse alheia, e pudera tambem dizer propria. Todos sabemos, por experiencia, que, as mais das vezes, o que nos desarranja e nos perturba, no curso ordinario da vida, é a ignorancia de nós mesmos, da força de nossas paixões ou da fraqueza de nossa vontade. Não sei qual seja o psychologo capaz de medir com o olhar da reflexão toda a extensão do seu sêr. Não sei quem foi que desceu ao fundo do abysmo, e voltou trazendo na boca a palavra do enigma. E já lá vão centenas sobre centenas de annos depois que a sciencia da alma trata de constituir-se e organisar-se! Não obstante, é ainda hoje sufficiente para fornecer ao homem uma noção, menos ambigua. Taes são por certo as minhas convicções, que me parecem baseadas nos factos. Com tudo isso, é aqui o momento de advertir que não regeito absolutamente os trabalhos de observação subjectiva. Julgo applicavel á psychologia o que disse da economia politica um jurista francez : ella não é uma sciencia, mas apenas um estudo; e eu accrescentaria : — um entretenimento. Não contesto se possa adquirir, por este meio, noções mais claras do papel e do jogo mutuo de nossas faculdades. Esse *exame de consciencia*, a que se entregam os psychologos professos, sem ser de utilidade geral, encerra talvez algumas vantagens pessoaes. Pelo menos o habito da reflexão é um obstaculo sério aos impetos apaixonados. Os mysticos servem de exemplo. Não se leva a reflectir continuamente sobre a alma e sua natureza, sem acabar por cahir-se em uma especie de indolencia e torpor, que neutralisa as suggestões sensiveis. Eu duvido que um pensador, ao geito de Jouffroy, tenha tempo e disposição para engolfar-se em qualquer doce corrente do mundo visivel. Sem ironia, apresso-me em declaral-o : o espectáculo de um homem que empallidece de viver sempre atufado no antro escuro de seu proprio pensamento, respirando apenas por minutos o grande ar da vida commum, tem de certo alguma cousa de tocante. Não é uma vocação, que me pareça inveavel : é um nobre esforço, que se pôde admirar, juntando á



admiração sincera pena de não vê-lo empregado em materia de mór proveito.

TOBIAS BARRETTO DE MENEZES.

---

### Trecho de psychologia das plantas.

As lianas e todas as trépadeiras se enroscam como serpentes aos colmos e aos troncos das arvores, prendendo as garras de suas gavinhas ás rugosidades que encontram e, muitas vezes, vão, atirando-se de arvore em arvore, formar essas maravilhosas pontes enredicças, de cipó, estendidas sobre as torrentes espumantes e rugidoras. E que avançam lutando pela vida, em busca do espaço e em busca da nutrição. E não sobem tambem pelo dorso dos cedros e dos ipês, sómente para beberem, avidas, gulosas, a luz do sol que lhes dá a *ch orophylla*?

Quem viaja, atravez de campos e mattas, por noites claras de luar, comprehende que não é uma expressão despida de senso essa de que a rhetorica vulgar tanto abusou, em certa epoca, e que ainda repetimos hoje por ser uma traducção de factos reaes — *a natureza inteira dorme*. Não são sómente algumas flôres que retrahem as petalas, fechando, para o somno da noite, a setinosa corolla, onde se encerram, como n'uma caçoila, as essencias puras de que só a natureza sabe o segredo. As arvores mesmas, deixam pender em abandono as frondes, como nós os membros entorpecidos pelo orgasmo somnifero.

É verdade que algumas flôres, e das mais perfumosas, se desatam justamente depois que a noite lhes traz sombra e frescor. Mas essas bellas e fragrantas noctivagas são como as nossas artistas e *cocottes* que, nos palcos ou nas orgias, trocam o dia pela noite. Umas têm o tecido das petalas tão delicado e são tão nevadas que o sol as crestaria n'um dia, com suas brutalidades de luz; por isso ellas abrem-se á noite,

quando as moitas são negras e ellas põem nodoas de alvura na tristeza das sombras.

A vergonhosa timidez da sensitiva, a mimosa pudica, é muito conhecida. Mas os nossos sertanejos encontram não sei que razão para desconfiarem da innocencia da planta arisca, e chamam-na pelo nome de *malicia*. Notaram, por certo, que havia um que de dengosa momice feminil n'esse retrahimento da interessante mimosea.

Não podemos, á vista d'estes factos, recusar uma alma ás plantas, sem intelligencia talvez, mas onde a emotividade e a volicionalidade se manifestam clara e communicativamente.

Pelo colorido energico ou delicado, pelo aroma subtil ou activo das flôres que se embalam ao sopro da viração, como estrellas moveis scintillando no verde tapiz dos prados ou no escuro manto dos bosques, podemos determinar-lhes o character.

CLOVIS BEVILAQUA.

---

### O evolucionismo e o positivismo.

Alem de uma politica, o positivismo tambem possui uma economia social como possui uma esthetica e uma religião.

Ninguem ignora que até hoje o viver economico dos povos tem escapado á influencia da justiça, não havendo a igualdade politica trazido a igualdade de condições de existencia ou, pelo menos, a igualdade de meios na luta pela vida, de maneira que a sociedade offerece dupla face, uma politica, sendo submettidas todas as suas relações ás leis da justiça, outra economica, escapando todos os seus phenomenos aos principios do direito.

Tambem é sabido que a evolução social opera-se no sentido do advento de um direito economico, ou melhor, de uma economia juridica, que transformará as sociedades em Estados,



em que não se terá mais que assistir ao grande combate do homem contra os azares da fortuna.

É uma questão esta que já vai deixando as regiões da utopia para assentar sobre o terreno da pratica.

Quem desconhece que o socialismo, de simples questão economica que era, passou a ser problema politico, que hoje constitue a preocupação dos estadistas mais eminentes?

Ahi está o exemplo dos Estados Unidos, onde, alem da criação de um ministerio do trabalho (*Labor Department*) a sorte do operario é assumpto obrigado de quasi todos os relatorios das principaes autoridades publicas.

A organização do trabalho sob o ponto de vista politico é a grande questão, que está a agitar o mundo civilizado, e nos Estados Unidos a fundação das *Labor Unions*, fundidas mais tarde na *Federation of Labor*, dá a entender que na America do Norte não está muito longe a epoca em que serão regulados juridicamente os phenomenos economicos.

Mas o que tem feito o positivismo para a solução do mais interessante problema d'este fim de seculo, para a organização juridica das relações entre a intelligencia, o trabalho e o capital?

« No fundo, escreve Sylvio Roméro, elle (o positivismo) não faz mais do que plagiar a velha intuição da igreja sobre o papel de ricos e pobres na sociedade, intuição ainda hoje recommendada no programma do socialismo christão, tanto protestante como catholico. »

Aqui o autor da *Doutrina contra Doutrina* deu a verdadeira nota : seita positivista e internacional negra vêem pelo mesmo prisma. Na organização economica da sociedade a doutrina dos positivistas é a mesma dos theologos protestantes e catholicos. Uns e outros se propõem a estabelecer o equilibrio economico pela acção devotada do sacerdocio. Para ambos os credos só o pastor pôde reconciliar ricos e pobres, prégando a harmonia que deve existir entre o capital e o salario.

A differença entre os dous partidos está em que os padres

catholicos e protestantes procuram melhorar a sorte do proletario por meio de reformas praticas, ao passo que os positivistas accitando como um phenomeno fatal, necessario, conforme as leis sociaes a distancia que separa o rico do pobre, appellam exclusivamente para « *a força moral da virtude e para o prestigio intellectual da sciencia e da poesia* ».

O que, portanto, os preocupa não é a miseria do maior numero, mas tão sómente a hostilidade entre o patriciado e o proletariado. Fazer desaparecer este sentimento de rivalidade pela « *efficacia dos instinctos altruistas* » é o meio que se lhes affigura de plantar a harmonia entre o capital e o trabalho.

« Respeitando o poder e a riqueza nas mãos de quem os possuir, elle (o sacerdocio scientifico e esthetico) fará com que o proletariado concentre a sua attenção no modo por que o capital é empregado, sem perder-se em discussões inuteis sobre a origem da propriedade actual. *Moralizando o trabalhador pelo exemplo e cultivando-lhe a intelligencia com pleno desinteresse; amando a pobreza e confiando exclusivamente na força moral da virtude e no prestigio intellectual da sciencia e da poesia*, elle acabará por inspirar ás massas a confiança na *efficacia dos instinctos altruistas*.

« Os ricos serão então obedecidos sem inveja e venerados como os depositarios de um capital que não pôde ser conservado e desenvolvido para o bem commum sem a concentração e a apropriação pessoal. E os pobres terão no salario, não a paga de um serviço, porém *os meios gratuitamente fornecidos a cada um pela humanidade, para o desempenho de deveres que são a fonte perenne da felicidade.* »

Como se vê, é com palavriado d'esta ordem, sem nexos, sem sentido, que os positivistas mettem-se a resolver problemas politico-sociaes.

A questão, porém, não é combater pela palavra de um *sacerdocio scientifico e esthetico* os sentimentos de hostilidade entre ricos e pobres, e sim regular juridicamente as relações existentes entre a intelligencia, o capital e o trabalho.



Com relação aos operarios do pensamento, especialmente aos inventores, cumpre notar que já existe alguma cousa sob o ponto de vista juridico.

Perseguidos a principio a ponto de certo imperador romano mandar cortar a cabeça de um fabricante, que lhe tinha apresentado um copo inquebravel, os inventores gozam hoje de protecção, por parte das leis sociaes, com as patentes de invenção.

Em seu bello trabalho — *A protecção da intelligencia*, Caër mostra como a situação precaria do inventor passou por uma longa evolução antes de chegar-se á concepção de um direito autoral.

Quanto ao proletariado em geral, além de disposições formaes na legislação civil, consagrando direito ao trabalho e á assistencia por parte do Estado, como servirá de testemunho o código civil prussiano, succede que preoccupa hoje a attenção dos mais elevados espiritos a reforma da educação social no sentido de fazel-a *substancial* e não puramente *formal*, de tornal-a mais um *exercicio*, do que uma *noção*, de organizal-a de modo a fornecer não sòmente *methodos de pensar*, mas também *processos de agir*.

É preciso completar a disciplina do pensamento com a disciplina da acção.

ARTHUR ORLANDO.

---

### O espirito novo em philosophia.

Já não é mais licito em nossos dias fallar de uma sciencia da natureza e de uma sciencia do homem, como de cousas antitéticas. Semelhante antinomia foi um dos grandes embaraços ao espirito scientifico dos velhos tempos. A intuição evolucionista de nossa epoca atravessou esta barreira e arredou este empecilho. O homem é apenas um phenomeno no immenso mundo dos phenomenos; a sociedade um grande factu observavel no meio

de milhares de outros factos tambem observaveis. A velha dicotomia indicada remonta aos afastados tempos da philosophia grega, mas não ás primeiras phases do pensar hellenico. O primeiro surto da philosophia d'aquelle povo rarissimo, como está demonstrado irrefutavelmente por Eduardo Zeller, na sua obra fundamental, foi n'um sentido geral e naturalistico. Começaram os Jonicos e depois os Pythagoricos, os Eleatas, os Atomistas, pela tendencia universalista e monistica, isto é, procuraram, nos seus primeiros ensaios de explicação do universo, estabelecer a possibilidade de encontrar-se uma fórmula generica e unitaria de todo elle. D'ahi a investigação de um principio gerador dos phenomenos. A agua, o fogo, o ar, o numero, o ser unico, o atomo... foram chamados, cada um por sua vez, para desempenhar a função de explicador monistico de tudo. É a tendencia architectonica do pensamento. Mas a primitiva philosophia grega, balda de uma larga base de factos scientificos provados, que lhe servissem de apoio, fez a sua bancarota.

As primeiras manifestações do monismo cahiram em descredito. Vieram os scepticos e começaram a notar as falhas das grandes construcções philosophicas; os sophistas, degenerescencia dos scepticos, proseguiram na mesma senda e accumularam de destroços a arena da razão.

Veu depois Socrates, que foi apenas um sophista de genio, e inverteu o problema. Não era uma explicação geral do universo que a philosophia devia procurar: seu papel, seu fim era determinar o valor das *idéas*, as bases do *conhecimento*. Começava a phase interior e critica do pensar especulativo. A uma analyse das idéas e do conhecimento se reduz o que ha de capital e significativo nas doutrinas de Socrates, Platão, Aristoteles, e, mais tarde, nas dos escolasticos. Mas, como não era possivel desdenhar do mundo exterior, o gerador dos phenomenos, que ali estavam a impôr-se como os seus enigmas, procurava-se alliar ao principio interior alguma coisa d'esse estranho macrocosmo externo, e assim se viu, desde Socrates e Platão, fundar-se o *dualismo*. Monismo e dualismo



são, pois, duas velhas doutrinas que travaram suas lutas ha muito mais de dous millenios. Desde então datam tambem as duas velhas tendencias, que deixamos assignaladas e que denominamos — a tendencia architectonica ou constructora e a tendencia critica ou analytica, predominando ora uma, ora outra.

Nos tempos modernos nota-se o mesmo spectaculo da philosophia antiga. As grandes construcções systematicas reapparecem em Descartes, Spinoso e Leibnitz; o espirito de critica percuciente e acurado resurge em Locke, em Hume e Kant; a aspiração architectonica mostra-se de novo em Fichte, Schelling, Hegel e Schopenhauer.

Só mais tarde, com a doutrina da evolução, estabelece-se definitivamente a unidade de todo o universo, do pensamento e do mundo exterior, a equipolencia gradativa, uniforme, do *objectivo* e do *subjectivo*, e as duas tendencias, que pareciam antitheticas, se vão a fundir. O naturalismo critico, ou agnosticismo evolucionista, ou evolucionismo integral de Spencer, em suas linhas geraes, quaesquer que possam ainda ser suas lacunas, é a philosophia onde aquelle grande *desideratum* se acha em grande parte realiado.

Quando, pois, se falla hoje em sciencias do homem e sciencias da natureza, não é mais no antigo significado antinomico. É apenas no sentido de duas esferas diversas de phenomenos, que, tendo muitos pontos de contacto, são igualmente consideraveis e capazes de estudo; é apenas por commodidade de methodo e individuação de assumptos.

SYLVIO ROMÉRO.

---

### Caracter geral da philosophia.

O caracter essencial da philosophia, o que a distingue de todos os outros conhecimentos, é a — universalidade.

Abrangendo o mundo em todos os seus aspectos, sem se

preoccupar especialmente com as accidentalidades ephemerass e com as peculiaridades dos seres, ella não tem um objecto seu, mas encara os phenomenos estudados pelas sciencias de um modo proprio, original, estabelecendo a ligação entre elles e fazendo surgir a concatenação harmonica do cosmos.

Poderei com exemplos tornar mais lucido este modo de ver. As sciencias nos dão o conceito do espaço, do tempo, da materia, do movimento, da força, nos convencem de que a materia é indestructivel, o movimento continuo, a força persistente, transformando-se em equivalente, quando parece que se extingue, que o movimento dirige-se pelo caminho do menor esforço, não em marcha rectilinea e com um impulso igual, mas por linhas flexuosas e ondulações rythmicas; nos ensinam ainda mais que é do conjuncto d'esses elementos que surge a evolução, que marcha do geral e homogeneo para o particular e heterogeneo, conforme a lei do polymorphismo, por uma differenciação seguida de uma integração, ou, em outros termos, por uma dissolução seguida de uma involução.

Todos estes principios e muitos outros, que formam o trama do pensamento moderno, a philosophia os haure nas sciencias particulares, das quaes elles são, a um tempo, os ultimos resultados e os fundamentos. Mas como nenhuma d'ellas os póde generalisar ao conjuncto cósmico, em virtude da restricção de seu campo de observação, é a philosophia que vem operar a unificação d'estes resultados parciaes, depurando, n'uma synthese superior, a totalidade do saber. Antes de aproveitados pela philosophia, esses principios accentuavam a grande variedade dos grupos de phenomenos, em frente á qual o espirito se sente oppresso e impotente. É necessario que uma disciplina universal os abranja a todos, para poder coordenal-os logicamente em um só todo vivo e harmonico. Esta disciplina é a philosophia.

Entretanto a philosophia não é um simples reflexo passivo das sciencias. Alem de que encara os phenomenos por um aspecto novo — o da sua colligação universal, ella, depois de



constituída, impulsiona as sciencias particulares, indica-lhes o verdadeiro methodo, e, por assim dizer, prevê muitas vezes as conclusões a que ellas hão de chegar.

Este caracter de universalidade da philosophia tem sido, mais ou menos resolutamente affirmado por todos os grandes philosophos. O *synoptikos dialetikos* de Platão, corresponde; como lembrou Marselli, á generalisação ultima de Spencer. A escala do saber, como a comprehendeu Comenius é a seriação hierarchica do saber que serve de base á philosophia. Rogerio Bacon entendia a *metaphysica como uma sorte de philosophia das sciencias*. Wundt affirmava, não ha muito, que ou a philosophia tornava-se uma doutrina geral de sciencia ou tinha de desaparecer. Podemos dizer desassombradamente que os bons philosophos antigos, excepção de Socrates, os estoicos e Epicuro (não todos os epicuristas), comprehenderam a philosophia como abrangendo a totalidade dos conhecimentos geraes.

CLOVIS BEVILAQUA.

---

### A sciencia e a arte.

A reacção da philosophia contra a fé inoculou o espirito scientifico na litteratura.

Á proporção que o dogma foi cedendo terreno á razão, a litteratura foi acompanhando a corrente philosophica.

O romantismo não é senão a fórma correspondente ao racionalismo, e o naturalismo a feição correlativa ao scientificismo.

Foi o desenvolvimento das sciencias naturaes que arvorou o naturalismo em theoria esthetica.

Flaubert considera *M<sup>me</sup> Bovary* uma lição de pathologia; os irmãos Goncourt dizem fazer clinica em seus escriptos; Zola escreve o *Romance Experimental*; e o proprio Daudet, apesar do seu fino tacto artistico, não se exime de pretensões scientificas.

Se mais tarde, é verdade, não se faz mais physiologia, nem anatomia, nem pathologia, nem por isso a observação introspectiva deixa de ser o principal elemento da arte.

O romance não é mais um laboratorio, um necroterio ou um hospital; porém passa a ser considerado um tratado de psychologia.

O que preoccupa o artista é descobrir em vez de crear. A obra de arte é ainda um producto menos da inspiração do que da analyse.

Note-se que fallando em inspiração não tenho em vista as creações chimericas da fantasia; a inspiração a que me refiro é a imagem anticipada da evolução hyper-organica.

A propria sciencia, porém, encarregou-se de mostrar a falsidade da concepção naturalistica na litteratura.

Nós não conhecemos a natureza tal como ella realmente pôde existir, mas sómente como ella existe em relação a nós.

É o que é posto fóra de duvida nas seguintes palavras, que copiamos mais ou menos textualmente de Clémence Royer:

« Na realidade, o que sabemos das qualidades intrinsecas das cousas ou das relações que ellas têm entre si, que não esteja sob a estreita dependencia da relação d'essas cousas para comnosco?

Assim, tomemos para exemp'lo um objecto vermelho e investiguemos se elle é realmente vermelho.

A sciencia ahi está para responder, apoiando-se sobre a experiencia e a observação dos factos que corpo algum é vermelho senão para nós ou para qualquer outro animal que possua um sentido visual organizado como o nosso; a sciencia ahi está para responder que o vermelho não é, como todas as outras côres, senão um certo movimento vibratorio das moleculas da superficie ou da atmosphaera etherea, de que se supõem cercados os objectos.

Sabemos que os raios que nos dão a sensação do vermelho têm uma extensão de onda mais consideravel e uma rapidez



vibratoria menor do que os raios que nos dão a sensação da cor violeta.

O daltonismo nos offerece exemplo de órgãos visuaes de tal sorte organizados que aquelles que os possuem vêem vermelho o que os outros vêem azul, e azul o que os outros vêem vermelho. »

Du Bois Reymond não é menos explicito quando escreve:

« Todas as qualidades que attribuímos à materia vêem dos sentidos. A palavra de Moysés — a luz fez-se — é um erro physiologico. A luz não faz sua apparição senão no dia em que o primeiro ponto visual vermelho de um infusorio fez pela primeira vez a distincção do claro e do escuro. Mudo, sombrio em si, sem nenhuma das propriedades que deve ao intermedio do organismo do sujeito, tal é o mundo como as investigações objectivas da intuição mecanica nos revelaram. Em lugar do som, da luz, a sciencia não conhece senão as vibrações de uma materia primitiva, despida de toda a propriedade que ora pesa, ora escapa a todo o peso. »

Herbert Spencer diz: « O conceito que formamos da materia, não é senão o symbolo de alguma fórma de um poder de nós absoluta e eternamente desconhecido, e um symbolo que não podemos suppor semelhante à realidade sem cahirmos em contradicção. »

Stuart Mill considera a materia apenas como « uma possibilidade permanente de sensação », e para Lange « a experiencia não é uma porta aberta, pela qual os objectos exteriores taes como são, possam introduzir-se em nós, mas um processus, graças ao qual se produz em nós a apparição das cousas. »

« Assim, continúa o autor da *Historia do Materialismo*, quando um verme, um escaravelho, um homem encara uma arvore, ha quatro arvores? Ha quatro representações de uma arvore, provavelmente muito differentes umas das outras; mas ellas referem-se a um só e mesmo objecto, que cada ser tomado à parte não pôde saber como é conformado em si, porque não conhece senão a representação individual que d'elle tem. »

Todas estas citações, fornecidas em sua maioria por Gabriel

Sarrazin, mostram a illusão dos theoreticos e praticos do naturalismo na litteratura, quando em suas producções pretendem dar-nos a realidade das cousas com a pintura do phenomeno, com a representação do objecto exterior.

Mas ainda mesmo que na arte fosse possivel fazer a equação pessoal para apresentar a natureza em sua objectividade nua, despida de toda a roupagem subjectiva, ha uma consideração que não deixa a menor duvida sobre o absurdo da pretensão scientificista do naturalismo na litteratura.

O que fazem os litteratos naturalistas? Estudam o phenomenismo physico ou psychologico. Bem : mas com que fim?

O sabio tem em vista, com a analyse e observação dos factos, a descoberta de alguma lei, que é o que constitue propriamente a sciencia. O que visa, porém, o litterato naturalista? O abstracto? Não, porque a arte, qualquer que seja a sua manifestação, não passa de um processo de concretisação.

A sciencia eleva á categoria de lei o que abstrae, a arte corporifica o que é ideal.

A sciencia e a arte seguem caminhos oppostos : aquella parte do concreto para o abstracto, esta reveste de forma sensivel a natureza intima.

O sabio observa a natureza para descobrir leis, e assim procedendo, tem cumprido a sua tarefa ; mas o litterato, descrevendo factos sem outro resultado que a representação concreta dos phenomenos, terá feito sciencia?

« Não dando logar em suas obras senão a realidades visiveis, nota Gustavo Lasson, elles (os romancistas naturalistas) crêm fazer uma obra verdadeira ; não percebem que este materialismo os deixa ainda mais longe da verdadeira sciencia do que da grande arte, e que a sua imaginação não se apodera na natureza senão d'aquillo de que a sciencia procura desfazer-se como não sendo materia de sciencia. »

Eu tenho diante dos olhos *La Débâcle*. É representação pavorosa da guerra com todos os horrores do bombardeio, da fuzilaria, da fome, da peste, da ferocidade. São pernas e bra-



ços fracturados, joelhos e cotovellos desconjuntados, craneos esmigalhados, ventres abertos, entranhas arrancadas, borboções de sangue, gemidos, contracções, todo um cahos de sofrimento humano; porém, por mais exacta e rigorosa que seja a descripção d'aquellas imponentes scenas de terror e agonia, em que aproveitam á sciencia aquellas seiscentas e tantas paginas de um relevo e colorido prodigiosos?

É uma *historia tão experimental* aquella como a viagem da *Terra á lua*, de Julio Verne.

ARTHUR ORLANDO.

---

### O que é o character.

Assim como em philosophia natural, o que se chama um *typo*, marca o ponto culminante do desenvolvimento morphologico da especie, da mesma fórma em philosophia social, o que se chama um *character*, marca o ponto culminante do desenvolvimento historico de um povo... Mas o que é ser um character? Digamol-o em poucas palavras:

Que um mesmo homem, nos diversos dominios de sua actividade, produza muita cousa significativa, não é um phenomeno surprehendente, pelo contrario, á vista da riqueza da natureza humana, é um facto comprehensivel e facilmente explicavel, pela variedade dos dotes naturaes. N'uma só pessoa assentam, como se ella para isso nascesse, diversas fórmas da vida, do mesmo modo que no actor uma multidão de papeis. Todo homem possui em sua phantasia um Proteu interior, que se transforma a cada passo, que a cada passo toma feições differentes. Esta é a lei commum. Mas tambem contra esta lei de mutabilidade indefinida, contra esta capacidade de transformação, este talento diplomatico da natureza humana, ha espiritos que reagem, não sei se por um privilegio especial, ou por esforço proprio, e tomando nas mãos, por assim dizer, todos

os raios esparsos da actividade sem destino, os concentram em um só ponto, e os dirigem a um só fim. São espiritos que se restringem, naturezas que se simplificam, e de uma simplicidade, que até ás vezes nos parece uniformidade monotonica. Mas uma tal uniformidade é potente e grandiosa; em semelhantes naturezas toda a riqueza espiritual se converte na firmeza e energia de *uma convicção*. São espiritos, em summa, para quem toda a philosophia humana é philosophia da vontade; — para elles a vida da alma não começa por um acto de pensar, mas por um acto de querer, — e em cada um de seus actos elles parecem dizer: — o que eu não sou por mim mesmo, eu não o sou; — eu sou sómente aquillo que pratico; — e d'est'arte para elles até a propria liberdade não é tanto um estado natural, um dom do céo, um presente dos deuses, como antes e sobretudo um resultado do trabalho, um producto, uma obra, uma conquista do homem. Eis ahi o que é o character, — esse grande fecundador das capacidades humanas, alguma cousa de semelhante a aquelle fiel servo da parabola de Jesus, que faz render os talentos, que lhe foram confiados; — o character, que é uma força, que é a fonte de toda a honradez, e com a honradez, a sinceridade, e com a sinceridade até a aptitude do martyrio, a disposição ao sacrificio.

TOBIAS BARRETTO.

---

### A historia.

« Si todos os homens soubessem escrever *memorias*, e quizessem sinceramente escrevel-as, a história do mundo, como hoje se faz, nos appareceria então como o que realmente é: — uma universal mystificação. »

*Eu mesmo.*

Ha nos homens uma viciosa inclinação para mal julgar do presente, que acham sempre mau em comparação com o passado. É uma illusão nascida de que o presente é julgado pela



nossa propria experiencia e o passado pelo testemunho da historia, que é uma grande hypocrita.

Pura illusão de perspectiva. Passado e presente equivalem-se, porque são apenas momentos diferentes em que se exteriora a intenção de um ser igual em todos os tempos, o homem.

O presente, apanhado em flagrante, pela nossa observação, não tem meios para compôr-se e enfeitar-se com as apparencias da moralidade, da virtude e do heroismo.

A historia, que photographa o passado, nol-o transmite alindado, sem as rugas da sua fealdade moral, sem os estygmata que os vicios gravam na frontê dos seus escravos.

Ella só narra actos, não prescreta intenções. É por isso que nos logra, quando julga os homens pelo seu exterior.

As *memorias* nos dariam a *historia dos motivos*; então, sim, poderíamos penetrar na consciencia dos que representam um papel no drama do mundo, e teríamos elementos seguros para ajuizarmos do merito moral de cada individuo.

Teríamos então de cobrir de execrações muitos caracteres que a religião canonisou ou que a posteridade sagrou herões.

A face da sociedade seria outra, si a propria sociedade não se dissolvesse horrorizada de si.

A organização social que substituiu-se á forma de convivencia gregaria dos primeiros esboços da nossa especie bem pôde merecer a severa apreciação do philosopho que qualificou-a como « a substituição do direito do mais astucioso ao direito do mais forte ».

Toda a mechanica social está n'esta formula: — enganar os outros e trabalhar para não ser enganado pelos outros.

A mais exacta personificação da sociedade é a hedionda figura de Felippe 2.º, o demonio do meio-dia, *sempre com o punhal ao pé do sorriso*.

O mais prudente é adoptar-se a maxima de Schopenhauer: — « encurtar mos o circulo de acção, de visão e de contacto. »

Si ha felicidade no mundo, ella depende da observancia d'essa regra.

A abnegação, o patriotismo, a caridade, o heroismo, e outras grandes palavras sonoras com que os homens baptisavam as suas virtudes, são apenas phenomenos esporadicos, si não são puros sons, bolhas de sabão, imponderaveis e vazias.

GUMERSINDO BESSA.

---

## PENSAMENTOS

A modestia é a moldura do merecimento, que o guarnece e realça.

Não é dado ao saber humano conhecer toda a extensão de sua ignorancia.

Com Deus tudo se explica ; sem Deus, este mundo e o universo seria mais tenebroso que o mesmo chaos,

O pai de familia tem muitas vidas ; goza e soffre em todas ellas.

O anão, quanto mais alto sobe, mais pequeno se afigura.

A prova da excellencia de um bom livro é algumas vezes a escassez de louvores conferidos ao seu autor.

Os que menos sabem governar-se, são ordinariamente os que mais ambicionam governar os povos.

Os homens mais obsequiosos em palavras são ordinariamente os menos officiosos em serviços.

As nações são corpos concretos que não se governam com abstracções.

Não nos esqueçamos um só dia de Deus : o autor da memoria não se esquece um só dia de nós.

A vida do sabio é uma perenne oração e correspondencia com Deus.

Raras vezes nos arrependemos do nosso silencio ; frequentemente de haver fallado.

Ha impostores em litteratura, como em politica e religião :



superficiaes e interesseiros, têm em vista sómente os empregos e promoções que esperam conseguir alardeando de litteratos.

A intelligencia se limita quando se revela nos corpos figurados que a representam.

A morte é extincção para o corpo e promoção para a alma.

Uma aureola de gloria cinge a cabeça do sabio que illustrou com seus escriptos sua patria, sua nação e o genero humano, contribuindo para o seu melhoramento civil, moral, politico e religioso.

Sempre nos achamos em Deus quando nos perdemos na sua immensidade.

MARQUEZ DE MARICÁ.

---

### Outros Pensamentos.

O sentimento religioso tem inspirado heroicos feitos, illustrado muitos povos, transformado deserto em cidades, erguido innumerous monumentos, fundados milhares de hospitaes e de obras de caridade, de que se gloriam as nações civilizadas. A impiedade e o atheismo só têm produzido a corrupção dos costumes e grandes desordens.

---

Se é de utilidade individual que todos saibam lêr e escrever, é de utilidade geral que todos sejam Moraes e religiosos.

---

Não se póde ensinar com proveito a moral ao povo senão como um preceito religioso; e sem religião nenhuma instrução se deve dar á infancia.

---

Se o maior numero de crimes ordinarios é fornecido pela classe mais baixa e ignorante do povo, é porque essa classe é a mais numerosa, a mais opprimida, e a mais falta de meios para satisfazer as suas necessidades e vicios — e não por ser analfabeta. Os grandes crimes, os grandes escandalos, são commettidos pela classe culta; e se o numero d'esses crimes parece menor, é porque n'elle se não incluem os feitos com

arte, as injustiças, as crueldades, as ladroices, e as concussões dos poderosos e das autoridades.

---

O naturalismo, ou realismo de certa escola de litteratura moderna, que se apraz nas descripções sem pejo das cousas mais indecentes, infames e ascorosas, é o complemento do grosseiro materialismo do nosso tempo, que affoutamente nega Deus e a moral, e converte o homem em um macaco transformado pela selecção; e o homem, assim desafortado, não se envergonha de assumir a impudencia e a petulancia do macaco.

---

A indecencia do assumpto e da linguagem em obras litterarias não é naturalismo, é depravação e cynismo.

---

Progredir nem sempre é melhorar, e muitos dos apregoados progressos da civilisação se reduzem em progressos da demoralisação.

---

A sciencia humana tem limites insuperaveis; a poucos chega, e a ninguem satisfaz; e a fé, que suppre as suas deficiencias, é necessaria a todos.

D. J. G. de MAGALHÃES.

---

## HISTORIA PATRIA E UNIVERSAL

---

### Juizo das acções do conde de Banholo.

Era a vontade do general Mathias de Albuquerque inseparavel da do conde de Banholo, e parecia não ter operação propria, sendo as do conde o objecto das queixas e murmurações communs: já lhe achacavam faltas de valor, já lhe arguiam intelligencias com os inimigos; e n'estas imposturas padecia o seu credito, com a opinião de desleal, ainda maior infamia que a de cobarde, e verdadeiramente as suas acções deram materia



para estes discursos, pois não correspondeu em Pernambuco á fama do seu talento, nem á confiança que se fez da sua pessoa para a defesa d'aquellas provincias.

Em todas as occasiões mais dispunha as retiradas que os combates; seguido dos inimigos até a provincia de Sergipe, nunca lhes mostrou a cara. As palmas, que não soube merecer em Pernambuco, vinha alcançar na Bahia, onde inopinadamente (como em seu logar diremos) defendeu a praça do sitio que lhe pôz o conde de Nassau, e n'esta occasião restaurou a reputação que em tantas havia perdido: se foi fortuna, teve votos de esforço e de pratica militar, alcançando de el-rei catholico, por este serviço, premios avantajados aos seus merecimentos.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA.

### Domingos Fernandes Calabar.

O supremo pensamento dos hollandezes, em conquistar o norte do Brazil, era para fundar n'essa parte da America do Sul uma republica como a dos Estados livres da Hollanda; e se entraram na Bahia e Pernambuco, como invasores, roubando, destruindo e matando, foi pela resistencia que encontraram. Em Pernambuco, na Parahyba, e em Porto Calvo, mais tarde, deram a conhecer as suas intenções pelas propostas vantajosas que fizeram; e se acompanharmos com imparcialidade as narrativas de Fr. Manoel do Salvador, testemunha presencial da maior parte dos successos, e que viveu depois com os hollandezes, reconheceremos que, se o Brazil tivesse ficado sob o dominio flamengo, seria talvez hoje o mais florescente paiz da terra. Não aconteceu assim, porque a guerra, com intermitencias, continuava entre os hollandezes, portuguezes e natuaes do Brazil; mas os portuguezes e brazileiros que ficaram em Olinda e no Recife, não padeceram violencias, sendo o

primeiro que se pa sou com toda a sua familia, de fóra para dentro das fortificações hollândezas, o portuguez Gaspar Dias Ferreira, que, com vistas em riquezas, se constituiu o flagello dos naturaes do Brazil e dos portuguezes afazendados nos campos de Pernambuco. Os que conviviam pacificamente com os flamengos, eram bem tratados; e no emtanto a guerra continuava com mais ou menos vigor, fóra do Recife, sustentada por Mathias de Albuquerque, pelo chefe indio Antonio Poty, ou *Camarão*, que appareceu desde Março de 1630 capitaneado pelo jesuita padre Manoel de Moraes, a quem obedecia; pelo intrepido mameluco Domingos Fernandes Calabar, que tambem appareceu no mesmo mez de Março, e mesmo anno; e por outros valentes cabos de guerra, brazileiros e portuguezes. Com a chegada, a Pernambuco, do donatario Duarte de Albuquerque Coelho e do conde de Bagnuolo no dia 20 de Março de 1631, os successos da guerra foram de mal a peor; porque o conde de Bagnuolo, mandando embaixadas aos hollandezes, e com ellas presentes de fructos diversos e productos da terra, recebia em troca frasqueiras de bom vinho e outros regalos. Domingos Fernandes Calabar, destemido e valente mancebo, natural de Porto Calvo, que sempre tinha entrado em combate com verdadeiro heroismo, desde o começo da guerra, sendo um dos mensageiros enviados aos hollandezes pelo conde de Bagnuolo, attrahido pelo bom agasalho que recebia, passou-se para os hollandezes, por lhe dizerem que vinham libertar o Brazil, do jugo de Portugal e da Hespanha, e fazer do seu fertil e rico paiz uma republica semelhante aos Estados livres da Hollanda, sendo distinguidos os homens por seus merecimentos, e, para provar-lhe o que lhe diziam, o fizeram logo capitão de uma companhia. Calabar, que de simples soldado se viu elevado ao posto de capitão, e com as honras de sargento-mór, e muito estimado dos generaes, lembrando-se que os filhos do Brazil eram mal vistos pelos portuguezes, que os olhavam como de superior para inferior, e que o homem de côr era tratado com desprezo, e vendo que o Brazil estava



sendo ambicionado por varias nações, achando que sob o dominio da Hollanda o seu paiz se libertava do jugo portuguez, dedicou-se tão sinceramente pelos hollandezes, que prometiam engrandecêl-o, que o proprio Mathias de Albuquerque, reconhecendo os grandes successos e victorias, que os hollandezes alcançavam na guerra, serem devidos a Calabar, tentou seduzil-o, offerecendo-lhe não só postos e premios condignos, como tudo o mais que elle aspirasse; mas Calabar se não demoveu, porque via no dominio hollandez a felicidade de sua patria.

Era Calabar o vulto mais temido dos portuguezes, porque elle se multiplicava na guerra. Estando os hollandezes em Porto Calvo em 1635, e n'elle se fortificando, e sabendo Sebastião do Souto, português, que estava com Calabar, que Mathias de Albuquerque vinha com as familias de Pernambuco para as Alagôas, com grande força, os atraioára, proporcionando-lhe os meios de prender, e destruir os hollandezes, e ser capturado o valente Domingos Fernandes Calabar, o que aconteceu no dia 19 de Julho do mesmo anno, pelo que, propondo os hollandezes um armisticio, lhes foi concedido, sendo a principal condição a entrega de Calabar. Os hollandezes resistiram a esta condição, mas o famoso Calabar foi tão generoso n'este acto, que dirigindo-se ao commandante Picard, lhe disse: « *Não deixareis, senhor, de concordar no que se vos exige pelo que me diz respeito, pois não quero perder a hora que Deus me quiz dar para salvar-me, como espero da sua immensa bondade e infinita misericordia.* » Ouvidas estas palavras, foram entregues Calabar e Manoel de Castro, os quaes sendo logo condemnados à morte pelo ouvidor João Soares de Almeida e escrivão da fazenda real Vicente Gomes, depois de confessados pelo padre Fr. Manoel do Salvador, e Calabar ter feito as suas disposições para serem entregues à sua mãe *Angela Alves*, foi Manoel de Castro enforcado em um cajueiro, e Calabar, ao cahir da noite do dia 22 de Julho de 1635, tirado da prisão e garroteado em um esteio, junto à

à casa da prisão, e em seguida esquartejado; sendo os quartos pendurados na estacada da trincheira dos hollandezes e a cabeça espetada em um poste, para serem devorados pelas aves de rapina e consumidos pelo tempo. Estes assassinatos foram feitos a toda a pressa, não se dando tempo a Calabar de se despedir de ninguém, como desejava. Entrando dous dias depois o general Sigismundo em Porto Calvo com grande força e vendo o estado lastimoso em que puzeram o cadaver do valente capitão Calabar, ficou tão indignado, que, depois de fazê-lo enterrar, já despedaçado, na igreja da povoação de Porto Calvo, com todas as honras militares, fez publicar um *bando*, declarando que mataria a todos os portuguezes que se encontrassem n'aquelle districto, o que não levou a effeito por intervir na vingança o padre Fr. Manoel do Salvador, que em favor dos moradores intercedeu perante o general Sigismundo, achando no hollandez mais generosidade e clemencia do que em Mathias de Albuquerque. Calabar não trahiua a sua patria: foi um grande patriota que presentia as calamidades futuras dos seus naturaes sob o dominio portuguez, como o tempo demonstrou. Os grandes roubos e desastres que praticavam os hollandezes, eram guiados por portuguezes que se achavam no meio d'elles, e, se fossem melhor dirigidos, não haveria tantas desgraças, como se deram em Pernambuco. Depois que a guerra enfraqueceu, os hollandezes se foram afazendando, e o conde de Nassau se empregou na construcção da sua nova cidade Mauricea, na ilha ou bairro de Santo Antonio, favorecendo em tudo aos catholicos romanos, com o pensamento de conciliar os naturaes com os flamengos, e tanto que a grande fortuna que possuiu João Fernandes Vieira (ilhéo) foi devida à amizade e protecção do hollandez Jacob Estacour, que era tão intimo amigo de João Fernandes Vieira, que, ao retirar-se para a Hollanda, lhe entregou o seu engenho para elle administrar como quizesse, e, no caso de morte, os seus herdeiros deveriam estar pelas contas que elle desse; e para mais o beneficiar vinham-lhe constantemente mercadorias da Hollanda, para



engrossar o seu commercio em modo a adquirir tantos bens dentro do Recife e em Olinda, como fóra das povoações. Vieira comprou o engenho velho de Jacob Estacour, e construiu mais quatro, que trabalhavam com grande força. Os brazileiros que favoreciam os hollandezes tinham em vista a liberdade do seu paiz, e os portuguezes, como Gaspar Dias Ferreira, que os guiavam, só tinham em mira enriquecer por meio dos roubos, perseguição e mortes que faziam aos fazendeiros de Pernambuco.

DR. MELLO MORAES.

---

### O governo do conde Mauricio de Nassau.

Foi o seu primeiro acto o de castigar exemplarmente os excessos commettidos contra os pacificos moradores, proclamando que tornassem aos seus lares os que pelo terror haviam os abandonado. Imparcial na distribuição da justiça, fazia com que a espada da lei cahisse indifferentemente sobre hollandezes e pernambucanos, conforme eram uns ou outros culpados. Presidia a mesma igualdade á concessão das graças, procurando por todos os modos identificar os conquistados com os conquistadores. Pagavam todos os mesmos impostos e eram todos submettidos ás mesmas leis.

Determinou a criação de *camaras de escabinos* (compostas de hollandezes e pernambucanos) para cuidarem dos interesses dos municipios, ao passo que ordenava o alistamento dos naturaes, formando uma especie de guarda nacional, para mostrar-lhes a confiança que n'elles depositava.

Acerrimo respeitador da liberdade de consciencia, deixou aos catholicos o livre exercicio de sua religião, chegando mesmo a auxiliar pelos cofres publicos a reparação de algumas igrejas e conventos. Ninguem era perseguido por sua crença, e os proprios judeus, tão odiados n'essa epoca, reuniam-se em suas

synagogas e ahi celebravam publicamente as ceremonias do seu culto.

Divisando nos pernambucos o desejo de restaurar Olinda, prestou-se a isso o conde-governador com a melhor vontade, e ergueu em breves dias a nova povoação sua fronte esbelta e juvenil d'entre os leques dos seus coqueiros e a verde coma das suas mangueiras.

Na deserta ilha de *Antonio Vaz* elevou o genio de Nassau nova cidade chamada *Mauricea* (hoje bairro de Santo Antonio do Recife), ligada entre si por duas magnificas pontes, que ainda se conservam. Renascendo a alegria e a confiança, surgem como por encanto risonhas habitações; e o proprio conde, enamorado das meiguices da nossa natureza, parece querer abraçar o Brazil por patria, desejando findar seus gloriosos dias nas apraziveis margens do Beberibe.

Fluctuam á mercê dos ventos os pavilhões de todas as nações, que a liberdade traz ao porto do Recife; e a permuta dos productos do solo pernambucano pelos de todos os climas assegura a prosperidade dos moradores e incalculaveis lucros á Companhia das Indias.

Não escapa á perspicacia do habil administrador a catechese dos indigenas nem a instrucção da mocidade. Á voz da civilisação acamparam os selvagens nas fronteiras do deserto e trocaram pela cruz os seus *manitós*, ao passo que os homens dedicados iniciam a infancia na vereda das lettras.

Sob tão illustrado governo folgam as lettras, prosperam as sciencias e as artes. Funciona em *Mauricea* a imprensa, essa colossal trombeta do progresso, fundam-se bibliothecas, abrem-se museus, em que os Pisos e Marckgraffs reuñem suas preciosas colleções de historia natural; acham digno representante as scenas da natureza americana no pincel de Post; a architectura imprime o seu cunho na magnifica residencia de *Vryburg* (Repouseiro) e na pittoresca quinta de *Schoonziigt* (Boa-Vista); represa a hydraulica as aguas do Capeberibe, e renova em Pernambuco os prodigios da Zeelandia.

DR. J. C. FERNANDES PINHEIRO.



## O padre Antonio Vieira e a escravidão dos indios.

Entre os diversos casos que se offereceram, foi o de um filho vendido por seu pai. Assim o disse o comprador, e assim o confessou o moço. O padre vigario e os tres frades votaram pelo captiveiro, pois não havia cousa mais certa e averiguada, diziam elles, que poderem os pais vender seus filhos. Como combateu Antonio Vieira este attentado contra as leis mais obvias e sagradas do sangue e da natureza? Allegou que, supposto poderem os pais vender os filhos, só lhes era licito fazerem-n'o em caso de extrema necessidade; e n'estes indios, não se provando o contrario, não se podia presumir semelhante necessidade, pois esta ou é de honra, e entre elles não a ha; ou é do vestido, e elles andam nus; ou é de sustento, e elles nunca padecem fome, pois se alimentam das frutas e da caça, que o matto lhes offerece espontaneo e sem trabalho; por onde a occasião da venda só podia vir da cobiça do pai ou de violencia de quem lhe tomou o filho. De resto as leis de Sua Magestade não apontavam o direito do pai como causa legitima do captiveiro. Como quer que fosse, porém, venceu a maioria, e o mancebo foi declarado escravo.

Como muito dos indios eram já passados ao Maranhão, foi necessario formar n'esta capitania outro juizo, no qual, em vez do ouvidor e do vigario do Pará, tomaram parte o ouvidor-geral e vigario-geral do Estado. Ambos estes inclinaram-se para o lado de Antonio Vieira e do governador; e como os tres frades se vissem supplantados, recusaram assignar as novas sentenças!

Conclue Vieira todas as suas observações, notando que o juizo e voto dos padres eram suspeitos e nullos, porque elles, como senhores de escravos, eram responsaveis á evicção.

O que está, porém, mais que muito evidente, é que nunca

em questão tão grandiosa, e onde iam compromettidos os direitos sagrados da religião e da humanidade, se produziram pró e contra razões e argumentos mais miseraveis. Já o leitor terá notado tambem que pelo só facto de fazer o padre Antonio Vieira concessões em uma materia que as não admittia, pois o principio da liberdade é absoluto e com elle se não pôde nem deve transigir, o temos arguido de sacrificar elle mesmo a causa dos indios. Mas, pois que elle, ainda que embarçado em um systema erroneo e vicioso, no que havia mais culpa do entendimento que da vontade, era não obstante o campeão estrenuo e infatigavel dos pobres indios, talvez se diga que o havemos tratado com demasiado rigor, quando os seus erros eram dignos de mais indulgencia e os seus serviços de muito maior reconhecimento. O leitor, porém, ha de necessariamente convir em que não temos praticado mais do que actos de simples justiça, se vier a conhecer que este famoso jesuita, arredada a concorrência dos moradores e das outras ordens religiosas, procedia á feição de todos os mais, buscando indios ao sertão, movendo-lhes guerras encarniçadas, aprisionando-os, repartindo-os e vendendo-os como escravos. Foi elle tambem quem planeou seriamente a introduccão da escravatura africana, para que, satisfeitas por este meio as necessidades dos colonos, pudesse a companhia, mais desimpedida de estorvos, exercitar uma jurisdicção illimitada e exclusiva sobre os indios. Havemos de vêr tambem que no exame dos captiveiros os padres de Santo Ignacio se portaram ainda com mais escandalo, se era possivel, do que os seus collegas das outras ordens.

JOÃO FRANCISCO LISBOA.

---

### **Beneficios da guerra hollandeza.**

A guerra estranha produziu resultados beneficos. O perigo commum fez approximar mais do escravo o senhor, e o sol-



dadão europeu do brasileiro, ou do indio amigo. Com as honras e condecorações concedidas, mediante o beneplacito da curia romana, ao Camarão e a Henrique Dias, libertos, aquelle da barbaria, este da escravidão, se honraram todos os indios e todos os africanos, na idéa de que certo desfavor, em que se julgavam, não provinha de suas côres, mas sim da falta de meritos para serem melhor attendidos. Por outro lado tambem o perigo commum augmentou muito a tolerancia dos povos de umas capitancias para as outras, e estabeleceu maior fraternidade, de modo que quasi se pôde assegurar que d'esta guerra data o espirito publico mais generalizado por todo o Brazil. Pelo que respeita á tolerancia religiosa, cumpre dizer que desde a invasão hollandeza era muito menor, como succede sempre que a antiga religião é posta em contacto com outra nova, sobretudo trazida por conquistadores. O vicio de certa indiferença religiosa converteu-se em fanatismo contra os protestantes e judeus. Infelizmente, porém, a civilização humana assemelha-se em tudo ao homem : nasce chorando, e chorando e soffrendo passa grande parte da infancia até que se educa e se robustece. Se, pois, nos conformamos com esta lei indeclinavel, reconheceremos que o Brazil pagava então grande parte do seu tributo... E não ha duvida que, passados esses choros e esses soffrimentos, se apresentou mais crescido e mais respeitavel, havendo para isso concorrido poderosamente os grandes e continuados reforços de colonos activos e vigorosos de varios terços ou regimentos que vieram da Europa, e cujos individuos pela maior parte ficaram no Brazil, o que fez um numero superior aos dos mortos nos campos de batalha. Por outro lado, o genio do padre Vieira, desenvolvido já no meio dos embates d'esta guerra, recomendára á Europa o Brazil, apresentando-se até na Hollanda feito officiosamente agente diplomatico; e os hollandezes levavam aos mares do norte da Europa os nossos productos, e os faziam ahi conhecidos e desejados. O assucar, a aguardente de canna, até a tapioca, deveram ao consumo por elles

promovido os augmentos de seu fabrico no Brazil. Muitos dos nossos productos naturaes foram descriptos, e as suas virtudes medicas apregoadas na Europa, graças especialmente ás paginas de Piso e de Marckgraff.

#### V. DE PORTO SEGURO.

---

### Quilombo dos Palmares.

Durante a primeira invisão dos hollandezes em Pernambuco, quarenta africanos, escravos de varios engenhos da villa de Porto-Calvo, para buscarem a liberdade, fugiram para o interior do continente d'aquella villa, acompanhados de varias escravas, e, munidos das armas que puderam adquirir, se estabeleceram no interior de terra firme, entre aquella villa e a da Atalaia, em 9º de lat. norte. Bem depressa se lhes reuniram outros muitos pretos e pardos, escravos e livres, que fugiam aos castigos publicos, ou domesticos, em que haviam incorrido; assaltavam as fazendas vizinhas, d'onde á força conduziam consigo outros escravos e o mais de que precisavam, e, já poderosos em forças, elegeram para chefe de sua republica a um dos mais valentes e esforçados, com o titulo de *Zumbi*, tendo além d'isso seus magistrados com os proprios titulos por que eram reconhecidos em Africa.

Consta que os crimes entre elles, irremissivelmente punidos de morte, eram o do homicidio, o roubo aos estabelecimentos e o adulterio; gozavam da liberdade os escravos que espontaneamente se lhes uniam, mas eram conservados no captivoiro os tomados por força, sendo aquelles castigados mais severamente que estes quando tentavam voltar a seus primeiros senhores. Uma tanga lhes cobria a cintura, e, exceptuados os maioraes, que usavam da roupa que furtavam, aquella consti-



tuia toda a sua unica cobertura; sua religião era uma mistura de christianismo e paganismo, e, pelo terror que incutiam nas suas correrias, muitos habitantes com elles fizeram liga, vendendo-lhes o armamento, fazendas e outros generos da Europa, de que elles precisavam, ficando assim confederados e livres de quaesquer violencias dos capitães da republica, para o que recebiam uma especie de salvo-conducto, representada em certas figuras; confederação aquella, contra a qual não foram bastantes as penas impostas pôr diversas ordens, pois que o perigo, a que estavam expostos, fazia esquecer o castigo futuro.

Excedia a vinte mil pessoas o numero dos reunidos n'aquelle *mucambo*, metade dos quaes eram capazes de pegar em armas, e a povoação comprehendia mais de uma legua em circuito, tendo por muralha uma estacada de duas ordens de páos altos, lavrados nas quatro faces, da melhor e mais forte madeira que abunda n'aquelle districto, com tres portas a igual distancia, e sobre cada uma d'estas sua platafórma, guarnecida durante a paz por duzentos homens, commandados por um official de valor, alem de outras fortificações; as casas no interior eram irregulares, differindo apenas a do *Zumbi*, pelo seu tamanho e formato; uma elevada collina, no centro da povoação, lhes servia de atalaia, d'onde descortinavam a longa distancia todos os approches dos que os quizessem atacar; as aguas eram abundantes, e uma lagôa lhes fornecia grande quantidade de pescado. A denominação de *Palmares* proveio das muitas palmeiras que os negros alli plantaram, e alem do recinto, assim fortificado, tinham outros estabelecimentos de cultura nas immediações, estabelecimentos esses a que presidiam os mais valentes. O paulista Domingos Jorge Velho, exigido pelo governador de Pernambuco, Caetano de Mello e Castro, partiu de Piancó, onde estava com o seu corpo, que constava de perto de mil homens, pelo centro, de ordem de D. João de Lencastro; atravessou o Urubú, pretendendo reconhecer os Palmares, e ser o primeiro em bater os negros; mas no terceiro dia em que se alojára em Garanhuns, defronte dos Palmares,

entretidos os seus soldados em colher os fructos de um bapanal, pertencente aos d'aquellas fortificações, foram improvisamente atacados por um grupo dos sobreditos negros, perecendo n'este ataque mais de quatrocentas pessoas de ambos os partidos; não quiz Domingos Jorge tentar a vingança, e, segundo as ordens de D. João de Lencastro, marchou para a villa de Porto Calvo, que era o ponto designado para a reunião de outra força que devia chegar, mandada pelo governador de Pernambuco. Constava esta expedição de três mil homens, entre os quaes se contavam, voluntariamente alistados, muitos proprietarios, a quem os dos Palmares tinham causado grandes prejuizos, e era chefe d'essa força Bernardo Vieira de Mello, que, tendo antes batido uma partida d'aquelles negros, em um choque que teve com elles, sahiu de sua fazenda, denominada *Pindobas*, e se foi offerecer ao governador com muitas pessoas que reuniu. De Alagôas, Penedo, S. Miguel e Santa Luzia do norte, marcharam a encorporar-se aos de Pernambuco mil e quinhentos homens, sob o commando do sargento mór Sebastião Dias, e reunidos todos em Porto Calvo, se lhes encorporaram tambem o respectivo alcaide-mór Christovão Luiz de Vasconcellos, o capitão Rodrigo de Barros Pimentel e o coronel Christovão da Rocha Barbosa. D'alli marcharam para os Palmares, onde já se haviam recolhido os dos estabelecimentos exteriores d'aquella fortificação, depois de destruirem todas as plantações, cujos fructos conduziram para o presidio, afim de que os seus contrarios não se pudessem d'elles servir. Bernardo Vieira atacou a porta central, Domingos Jorge a do lado direito e Sebastião Dias a do esquerdo; e outros officiaes foram encarregados de diversos pontos da estacada, onde se puzeram escadas, levadas por prevenção; mas quantos por ellas subiam foram victimas do valor dos negros, sendo rechaçados com armas, flechas e até com agua fervendo. Os sitiantes, conhecendo não poder escalar a estacada, recorreram ao governador de Pernambuco, pedindo-lhe mais soldados e artilharia, sem a qual diziam ser impossivel poder romper o entrincheiramento, e poucos dias



depois da partida de seus correios lhes chegaram os viveres que tinham exigido das villas de Alagoás, Penedo e S. Miguel; mas os negros, a quem já faltava a polvora, vendo da sua atalaia o consideravel reforço que chegava aos sitiantes, desanimaram. Sebastião Dias, á força de machados, conseguiu abrir a porta que lhe tocava, acontecendo o mesmo a Bernardo Vieira, aos quaes logo se uniu o paulista Domingos Jorge, apesar da distancia em que se achava no seu ponto; todavia, pequena resistencia soffreram, porque o chefe *Zumbi* e seus companheiros, julgando infallivel a sua captura, se precipitaram corajosamente do alto da collina, preferindo essa morte á escravidão; e outros, rendendo-se entre o pranto e excessivos clamores, foram levados a Pernambuco, onde, tirados os quintos pertencentes á fazenda publica, se repartiram os restantes pelos chefes e soldados da expedição, conforme as presas que fizeram quando entraram na fortificação, em a qual nada de precioso se achou, superabundando sómente o armamento; e os escravos, de quem se temia que outra vez fugissem e se rebellassem, foram distribuidos por outras provincias, ficando apenas em Pernambuco as mulheres e crianças.

IGNACIO ACCIOLI.

---

### **Começo da conspiração mineira (1777).**

A conspiração de Minas Geraes começou a fermentar em alguns animos illustrados e patrióticos desde a paz entre a Hespanha e Portugal de 1777, baseada no tratado de 1º de Outubro, assignado em Santo Ildefonso. Os mineiros descendentes dos paulistas sabiam que os naturaes de S. Paulo em 1641 apprehenderam a sua independencia, separando-se do governo de Portugal, acclamando por seu rei natural a Amador Bueno da Ribeira, e que não a realisaram pela fidelidade inimitavel de Amador Bueno.

O Brazil carregava com enormes impostos, e os mineiros se

haviam atrazado no pagamento dos quintos de ouro e dos outros impostos. A oppressão era grande; um pensamento de liberdade appareceu, e com elle o sentimento de pôr o Brazil independente do dominio de Portugal. Os homens d'esses tempos eram de tempera forte, fieis às leis da amizade, tendo como sagrado o amor da patria. Tomando conta do governo de Minas Geraes Luiz da Cunha Menezes, em 10 de Outubro de 1783, só em 1786 é que teve denuncia que se tramava em Minas uma conspiração para pôr aquella capitania independente de Portugal, e com ella todo o Brazil, como fizeram os Estados-Unidos da America do Norte, que se haviam separado do governo da Inglaterra. Luiz da Cunha Menezes não deu importancia á denuncia, por julgal-a absurda, e impossivel uma tal conspiração em Minas Geraes; mas a idéa se propagava na maior reserva entre os homens mais importantes da capitania, com ramificação por S. Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

Deixando o governo Luiz da Cunha Menezes, tomou posse do governo de Minas Geraes Luiz Antonio Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena, no dia 11 de Julho de 1788.

Os mineiros souberam que os impostos, alem de outros, do papel sellado e o lançado sobre o chá bastaram para libertar os Americanos do Norte da escravidão humilhante que os opprimia; e então, desde 1785, principiaram a afagar com carinho as idéas de independencia, e entraram em planos para levarem a effeito a revolução, sendo tudo praticado na maior reserva e segredo.

Para Villa-Rica, hoje cidade de Ouro-Preto, tinha ido por ouvidor o Dr. Thomaz Antonio Gonzaga, intelligente juriscônsulto e mimoso poeta lyrico, e se dando de amizade com o Dr. Claudio Manoel da Costa, e coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto, e outros litteratos e poetas, formaram a Arcadia Mineira, onde viviam na mais intima confidencia. Foi ahi que se planejou a conspiração para a independencia de Minas Geraes e a de todo o Brazil, como se collige das cartas de denuncias do coronel Joaquim Silverio dos Reis, de 11 de Abril de 1789.

DR. MELLO MORAES.



## A execução de Tiradentes.

Soavam onze horas quando chegou o padecente ao campo e entrou, com as pessoas que compunham o prestito, o recinto do triangulo, que figuravam os tres regimentos. Subiu ligeiramente os degrãos do throno que a escarnecedora sorte lhe destinára como seu desprotegido. Sem levantar os olhos, que tinha pregados na imagem do divino martyr, sem estremecimento algum que lhe trahisse a coragem, deu lugar ao algoz para o fatal preparo, pedindo unicamente por todo o favor que abreviasse a execução, no que ainda insistiu por duas vezes. Era essa a ultima graça que solicitava, e nem assim lhe foi concedida. Subindo alguns dos degrãos do patibulo, improvisou Fr. José de Jesus Maria do Desterro, guardião do convento de Santo Antonio, uma pratica, prolongando assim em nome da religião as angustias do triste padecente.

Rezou depois o mesmo religioso o credo dos apóstolos. No meio do mais sepulchral silencio ouvia-se a voz do Tiradentes, que já vinha da eternidade, repetindo uma por uma as palavras da oração. Descia o frade os degrãos á proporção que ia terminando, até que sumiu-se a sua voz. Então impelliu o algoz a sua victima, que cahiu despenhando-se no espaço... Retida pelo baraço, girou vertiginosamente e estorceu-se em convulsões por um momento, até ser cavalgada pelo executor... Viu-se por algum tempo o homem-machina e o homem-cadaver n'essa luta ignominiosa do complemento do assassinato judiciario... Um grito immenso, ou antes um gemido surdo, rouquenho e prolongado, irrompeu da multidão, e foi abafado pelo rufo dos tambores...

Morrêra o Tiradentes, não como um grande patriota, com os olhos cravados no povo, tendo nos labios os sagrados nomes da patria e da liberdade, e na alma o orgulho com que o homem politico encara a morte como um triumpho, convertendo a ignominia em apotheose, mas como um christão, pre-

parado ha muito pelos sacerdotes com a coragem do constricto e a convicção de ter offendido os direitos da realza, e quando muito consolado com a esperança da salvação eterna.

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA.

---

### Movimentos revolucionarios e seu caracter.

No norte do Imperio appareceram em 1817 e 1824 dous movimentos revolucionarios, que tomaram fórma republicana. Em ambos manifestou-se sensivel differença no caracter d'esses dous actos politicos com o do movimento rio-grandense.

No norte o primeiro pensamento dos revolucionarios foi recorrer ao povo como origem do poder. Os governos passageiros, que então organisaram-se, procuraram legitimar-se pela eleição popular; e no Ceará, em 1824, um grande conselho eleitoral de toda a provincia nomeou o seu presidente, e elegeu representantes para o congresso do Estado planejado sob a denominação de Confederação do Equador.

No norte ambos os movimentos foram supplantados pela força das armas, mas não cederam. No sul o movimento não procurou a legitimação pela eleição popular, e afinal, sem dar-se por vencido, transigiu.

De tudo concluimos a grande differença nos respectivos movimentos do norte e sul do Imperio.

Alli a idéa politica ou o sentimento democratico levantou a rebellião; aqui suscitou a idéa restricta de influencia local; alli a rebellião apoiou-se no voto popular; aqui amparou-a o espirito de caudilhagem.

No norte, pois, o pensamento revolucionario inspirou-se nas idéas do regimen civil; no sul ergueu-se sob o influxo da idéa do governo militar.

O exemplo da caudilhagem, dominante nas republicas do Prata, por certo muito influiria para semelhante resultado no



sul. No norte os rebeldes olhavam para os Estados-Unidos, e d'alli tiravam argumentos para as suas deliberações; no sul os rebeldes tinham na vizinhança os caudilhos militares do Prata, por cujo regimen se modelavam.

T. DE ALENCAR ARARIPE.

---

### Da resolução de D. Pedro e observações a respeito.

Da resolução primaria de obedecer ás côrtes passára D. Pedro de Alcantara para um estado de vacillação sobre o que lhe convinha decidir. As representações da junta governativa, autoridades e povos da provincia de S. Paulo; as mensagens das camaras da provincia do Rio de Janeiro; os officios que começavam os mineiros a dirigir-lhe no mesmo sentido que os fluminenses; a attitude da população da capital e a audaz deliberação do seu senado da camara, abriram-lhe completamente os olhos a respeito da necessidade de conservar-se na regencia e de poupar assim a desmembração da monarchia portugueza.

Respondeu a José Clemente: « Como é para bem de todos e felicidade da nação, estou prompto. Diga ao povo que fico. »

Chegando-se á janella do palacio, que dava para o largo, repetiu á multidão, que o cobria e povoava inteiramente, a resposta que dera ao senado da camara, e recommendou aos espectadores união e tranquillidade.

Vivas estrondosos echoaram por toda a parte. Intensissimo jubilo se apossou de todos os animos. Equivalia a palavra do principe a uma verdadeira revolução.

Luzidas festas foram logo improvisadas no Rio de Janeiro para solemnisar a resolução do principe. Nenhum espirito avisado e perspicaz fallava francamente ainda em independencia, posto que muitos a desejassem. Sustentavam José Bonifacio e

os seus amigos em S. Paulo a necessidade da união dos reinos europeu e americano sob a mesma corôa e dynastia. Só pretendiam defender os fóros e prerogativas do Brazil, combatendo as deliberações das côrtes de Lisboa e sustentando a regencia do Brazil. Declaravam-se tambem no Rio de Janeiro, e publicamente, José Clemente, Ledo, Januario, Rocha e Nobrega, adversos ainda á idéa de desmembrar-se a monarchia portugueza, propagando todavia que o Brazil e Portugal formavam dous Estados differentes, e deviam ser governados á parte, tendo cada um no seu seio a sêde da sua administração suprema e a sua capital. No intimo dos seus corações fervia de certo muito risonha a esperança de independencia futura : a questão versava sobre a fórma de governo que conseguiriam n'esse caso, pois que alguns professavam principios republicanos ; a maioria, porém, aspirava a levantar no Brazil uma monarchia livre, desejosa de guardar intacta a integridade e unidade do solo. Para estes sorria o recurso poderoso que deviam encontrar na pessoa de D. Pedro, e assim, se chegavam ao príncipe, procurando afeiçoar-lhe as sympathias e attrahir-lhe o interesse, levando-o pelos brios e dignidade.

JOÃO MANOEL PEREIRA DA SILVA.

---

### Amador Bueno.

« Chegando a S. Paulo a noticia de que Luiz Dias Leme havia acclamado rei na villa capital de S. Vicente ao serenissimo senhor duque de Bragança com o nome de D. João IV, por ordem e recommendação que para isso lhe dirigira em carta particular D. Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão e vice-rei do Brazil, foi esta inesperada novidade um golpe sensibilissimo aos hespanhoes, que se achavam estabelecidos e casados na dita villa de S. Paulo, para onde tinham concorrido



não só da Europa, mas tambem das Indias Occidentaes. Elles desejavam conservar as povações de serra acima na obediencia de Castella; e não se atrevendo a manifestar seu intento por conhecerem que seriam victimas sacrificadas á colera dos paulistas, si lhes aconselhassem que permanecessem debaixo do aborrecido jugo hespanhol, resolveram entre si usar de artificio, esperando conseguir por meio da industria o que não haviam de alcançar, si fossem penetrados os seus designios.

Tinham por certo que a capitania de S. Vicente e quasi todo o sertão brasileiro, antes de muitos annos, tornariam a unir-se ás Indias de Hespanha, ou pela força das armas ou pela industria, si os paulistas cahissem no desaccordo de se desmembrarem de Portugal, erigindo um governo separado, qualquer que elle fosse, supposta a communicação que havia por diversos rios entre as villas de serra acima e as provincias do Prata e Paraguay. Com estas vistas, fingindo-se penetrados do amor do paiz onde estavam naturalizados, e do zelo do bem commum, propuzeram aos seus amigos, parentes, alliados e a outros, um meio, que lhes pareceu mais seguro para conseguirem os seus intentos: tal era o de elegerem um rei paulista; e ao mesmo tempo apontaram, como o mais digno da corôa, a Amador Bueno de Ribeira, em cuja pessoa, para não ser rejeitado pelos seus patricios, concorriam as circumstancias de ser de qualificada nobreza, e de muito respeito e autoridade pelos empregos publicos que havia occupado e ainda exercia, pela sua grande opulencia, pela roda de parentes e amigos e pelas allianças de seus nove filhos e filhas, duas das quaes estavam casadas com dois irmãos, fidalgos hespanhoes, D. João Matheus Rendon e D. Francisco Rendon de Quevedo, que tinham passado ao Brazil em 1625 militando na armada hespanhola destinada para a restauração da Bahia. Mas os hespanhoes em designarem a Amador Bueno de Ribeira se lisongeavam, que por ser filho de Bartholomeu Bueno de Ribeira, natural de Sevilha, produziria n'elle maior effeito o sangue de seus avós paternos, para vir a declarar-se vassallo de Hespanha, do que o herdado

dos seus ascendentes maternos da nobre familia dos Pires, e o ter nascido em uma provincia portugueza, para haver de seguir o legitimo partido das outras do Brazil, reino e conquistas.

Valeram-se os hespanhoes de todos os argumentos possiveis para persuadirem aos paulistas e europeus pouco instruidos, que sem encargo de suas consciencias, nem faltarem á obrigação de honrados e fieis vassallos, podiam não reconhecer por soberano a um principe, a quem ainda não haviam jurado obediencia. Fomentavam ao mesmo tempo a vaidade dos ouvintes, exagerando o merecimento dos paulistas e europeus principaes, e dizendo que as suas qualidades pessoas e nobreza hereditaria os habilitavam para outros maiores imperios. Para os livrarem de temores lembraram os milhares de indios seus administrados que escravos, com que podiam levantar exercitos formidaveis de muitos mil combatentes, e a situação de S. Paulo, summamente defensavel e tão vantajosa n'esse tempo, que por haver para os portos do mar tão sómente a estrada de Paranapiacaba de qualidade muito má, bastaria lançarem-se pedras pela serra abaixo, para se retirarem derrotados os expugnadores.

Eram sinceros os moradores de S. Paulo, e ainda que fieis, bem poucos entre elles teriam a instrucção necessaria para conhecerem o direito incontestavel da serenissima casa de Bragança ao sceptro, e para perceberem os laços e as funestas desgraças em que aquellas machinações os iam precipitar. Além d'isso a plebe em toda parte é facil de mover-se, e de arrojarse a excessos. Os hespanhoes conseguiram seduzil-a, e ajuntar um grande numero de pessoas de todas as classes, que acclamando unanimemente por seu rei a Amador Bueno de Ribeira, concorreram cheios de alvoroço e de entusiasmo á sua casa a congratular-se com elle.

Pasmou Amador Bueno de Ribeira quando ouviu semelhante proposição : elle detestou o insulto dos que a proferiram, e com rasões efficazes procurou dar-lhes a conhecer sua culpa e cega indiscrição. Lembrou-lhes a obrigação que tinham de se



conformarem com os votos de todo o reino, e a ignominia de sua patria, si se não reparasse a tempo, com voluntaria, e prompta obediencia, o desacerto de tão criminoso attentado. Mas a repugnancia do eleito augmenta a obstinação do povo ignorante: chegam a ameaçal-o com a morte, si não quizer empunhar o sceptro. Vendo-se n'esta consternação o fiel vassallo, sabiu de sua casa furtivamente, e com a espada núa na mão para se defender, si necessario fosse, caminhou apressado para o mosteiro de S. Bento, onde intentava refugiar-se. Advertem os do concurso que havia sahido pela porta do quintal, e todos correm após elle gritando: *Viva Amador Bueno nosso rei*: ao que elle respondeu muitas vezes em voz alta: *Viva o Senhor D. João IV, nosso rei e senhor pelo qual darei a vida.*

Chegando Amador Bueno de Ribeira ao mosteiro, entrou e fechou rapidamente as portas. Como os paulistas antigos veneravam summamente aos sacerdotes, principalmente aos regulares, nenhum insultou ao convento, e todos pararam da parte de fóra, insistindo porém na sua indiscreta pretensão. Desceu á portaria o D. Abbade, acompanhado da sua communitade, e com attentões entreteve a multidão em quanto Amador Bueno de Ribeira mandou chamar com pressa os ecclesiasticos mais respeitaveis, e alguns sujeitos dos principaes, que se não achavam no concurso. Vieram logo uns e outros, e todos unidos ao dito Bueno fizeram comprehender aos circumstantes que o reino pertencia á serenissima casa de Bragança, e que d'elle se acharia esta em posse pacifica desde o dia da morte do Cardinal rei D. Henrique, si a violencia dos monarchas hespanhoes não houvera suffocado o seu direito.

FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS.

---

## Os Indios d'America

Os Jesuitas e outros Missionarios que penetraram o interior de tão vastos paizes, desde o Rio da Prata até o das Amazonas, jamais puderam descobrir algum monumento que confirmasse d'onde vieram os seus habitantes, e tanto mais é impossivel assignalal-o, não tendo os indigenas o uso de escrever, nem monumentos, ou hieroglyphos, que determinassem esta questão tão difficil, como é de saber por que povos se fez a passagem para este continente e mais porções da America meridional e septentrional; não obstante serem os mais civilizados entre estes os peruvianos e mexicanos, comtudo jamais se acharam ao menos tradições oraes da origem de seu nascimento. É por conseguinte temeridade assignalar-lhes alguma origem, havendo lido as obras do padre Gregorio Garcia, sobre a origem dos indios do novo mundo impresso em Valença de Hespanha em 1607, e a historia natural e moral das Indias pelo padre José da Costa. Uns attribuiram a origem aos europeus, outros aos africanos, muitos outros aos asiaticos, varios aos scythas, aos tartaros, aos ethyopes, aos phenicios, aos carthaginezes, aos celtas, aos antigos gallos, suecos, dinamarquezes, inglezes, irlandezes e allemães. Outros com Gomara aos de Cananéa, expulsos de suas possessões pelos hebrêos no tempo de Josué, varios com Thevet suppuzeram a passagem para a America do Norte d'Asia, que os israelitas foram trazidos da Media pelo rei Salmanazar, isto é, desde a destruição do reino de Israel.

Grocio na sua obra sobre a origem dos americanos, publicada em 1642, suppoz provir dos povos da Europa e da Asia, affirmando que o isthmo de Panamá, que une a parte septentrional com a meridional, era considerado como uma barreira impenetravel, que separava os habitantes de uma parte da communicação da outra; persuadiu-se que quasi toda a America septentrional, á excepção de Jucatan, fôra povoada pelos no-



ruegas, que passaram por Islandia, Groelandia, Estotilandia e Noremburga; que os allemães seguiram aquelle exemplo, para repartirem entre si os paizes ferteis, tendo achado em Jucatan o uso da circumcisão, e até do baptismo; que dos povoadores da America foram os nossos christãos da Ethyopia. Suppoz descendentes dos chinezes os peruvianos, por causa da semelhança, costumes, leis e outras vãs conjecturas, desmentidas por sabios viajantes e por Laet. Affirmou o padre Costa, que muito tempo viveu no Perú, e Garcilasso da Veiga sendo descendente por sua mãe do sangue dos Incas, que aquelles povos não conheceram caracteres nem algum genero de escriptura. Bastava a differença das côres entre os ethyopes que são negros e os habitantes de Jucatan que o não são, para provar-se que estes não provinham d'aquelles. Não tem força o dizer-se que os povos vindos da Ethyopia teriam mudado de côr com o tempo, vivendo em um paiz menos ardente; vemos, é verdade, perderem algumas pessoas brancas alguma cousa da sua alvura natural nos paizes quentes, porém não ha exemplo de descendentes de pessoas negras se fazerem brancos em um paiz frio, segundo a expressão de Jeremias. — *Si mutare potest ethyopes pellem suam, aut leopardus varietates potest.* Se pôde o ethyope mudar a pelle e o leopardo a variedade das suas côres:

As notas equivocadas de judaismo e christianismo do Jucatan ou em outras provincias, nada provam contra o testemunho dos missionarios e pessoas intelligentes que apenas descobriram em alguns idéas confusas da verdade da fê. É absurdo dizer-se da falta de communicação por falta do Isthmo de Panamá, quando sem difficuldade os hespanhoes romperam essa chamada barreira impenetravel: tanto mais que a descoberta de Groenland, feita em 964 da era christã, já a America Septentrional tinha habitantes, varios seculos antes que ella pudesse receber povoadores da Noruega. Não passa de tradição popular, que sendo a Hespanha invadida pelos mouros, sete bispos com muitos christãos se embarcaram na perseguição

dos mahometanos, e que navegando á mercê das ondas e ventos, tomaram terra nas Antilhas, onde lançando fogo aos navios se estabeleceram no paiz, edificando cada bispo a sua cidade, porque alem de se não nomearem os bispos, não se faz crível que com a não esperada vinda dos sarracenos se achassem logo juntos em um porto de mar os sete bispos, dispostos a partirem-se n'aquelles navios, com grande numero de christãos; o que não era possivel na afflicção geral serem avisados e ajuntarem-se tão prestemente para partirem. Si queimaram os navios, como fizeram passar este conhecimento á Europa, com a noticia das cidades edificadas? Então seria natural, si isto fosse verdade, acharem os hespanhoes, que se senho-rearam d'esse paiz no fim do XV seculo, alguns christãos com o culto da religião, pois que desterrando-se os bispos por causa da sua fé, não deixariam de a propagar no paiz em que habitaram, o que os hespanhoes não encontraram.

Entre os contos fabulosos, é tida a opinião de Oviedo, que quiz persuadir serem as ilhas da America, as Hesperides tão formosas no louvor dos poetas. Aquella palavra Hesperides, significa um paiz occidental : os gregos chamaram Hesperides á Italia, porque ficava ao poente, assim como os romanos denominavam a Hespanha.

BALTHAZAR DA SILVA LISBOA.

---

### Nas Côrtes de Lisboa.

A sessão de 15 de abril de 1822 foi uma das mais tempestuosas do congresso de Lisboa. Rompeu n'esse dia entre os deputados grande explosão de colera, com a noticia communicada em cartas do general Jorge de Avilez, da resolução ultima do principe de ficar no Brazil.

Entrando-se em debate sobre a materia, propóz Borges Carneiro o recurso extraordinario de *se chamarem as tropas de*



*Montevideo sobre o Rio, para castigar e obrigar o principe a cumprir o decreto das côrtes, que ordenára sua retirada do Brazil.*

Passou a combater esta moção o deputado Antonio Carlos, impugnando com vehemencia a proposição do antecedente orador, de que o principe vivia enganado pelos que o rodeavam no Brazil. Respondendo com a arrogancia e impetuosidade de seu genio, o animoso deputado paulista declarou, que os empregados, a que se alludia, eram tão honrados e dignos como os que estavam n'aquelle recinto. Levantou-se grande vozeria e tumulto nas galerias; foi o orador chamado á ordem, proferindo-se contra elle diversos insultos.

As deputações de S. Paulo e Pernambuco deram-se por aggravadas com esse facto, e deixaram de comparecer á sessão seguinte. Havendo eu apresentado o meu diploma á commissão de poderes, no intuito de tomar assento na sessão de 16, julguei dever retirá-lo, duvidando fazer parte de um congresso que injuriava a um membro seu, como o havia sido o meu collega por S. Paulo.

Deixei, pois, de comparecer, e conservei-me retrahido enquanto duravam aquellas escandecidas discussões, as quaes se verão nos papeis do tempo.

Vozes singulares corriam então sobre os negocios publicos.

Dizia-se, que um partido votado á Hespanha, tendo visto cahir no congresso a moção de retirada das nossas tropas de Montevideo, com o que esperava a devolução d'esta praça áquella potencia, obtivera entretanto, pela secretaria de Estado, a expedição de ordens para o abandono da mesma.

Na sessão de 27 de abril, prestei juramento e tomei assento no congresso. Discutiram-se varias materias, e entre ellas as relações commerciaes entre o Brazil e Portugal, servindo de base aos debates o projecto da respectiva commissão de 15 de março de 1822.

As 2 horas passou-se á sessão secreta, a qual durou até ás

3 1/2. N'ella discutiu-se o parecer da commissão especial sobre a entrega da praça de *Montevideo* e da de *Olivença*, decidindo-se afinal, que a restituição d'esta era independente d'aquella; que não se approvava o parecer da commissão; que se deixava ao arbitrio do governo obrar a respeito de *Montevideo*, como mais conveniente julgasse. Ponderou-se que por motivo da confiança publica, fazia-se indispensavel, que a questão de *Montevideo* fosse tratada em debate publico; e, assim se vencendo, designou-se para esse fim a sessão de terça-feira immediata.

O general Pamplona apoiava com vehemencia o parecer da commissão, allegando razões e factos, de que sem duvida estava mal informado.

Indo eu essa tarde visitar o ministro de Estado Silvestre Pinheiro, incidentalmente me disse que já sabia, que haviamos sahido muito tarde da sessão, por lh'o haver assim referido o mesmo general Pamplona, com quem havia estado. Observei no sobredito ministro mais retrahimento e menos agrado do que me mostrara a primeira vez, que me veio visitar; pelo que alguma suspeita insinuou-se em meu espirito.

Na sessão de 29 de abril, tratou-se do artigo da constituição relativo ás eleições, discutindo-se si deveriam estas ser feitas por escrutinio secreto.

Na terça-feira, 30 de abril, abriu-se a sessão com grande expectação, achando-se as galerias apinhadas de povo. Na tribuna do corpo diplomatico notava-se a presença do embaixador da Hespanha. Havia curiosidade de saber-se noticias da Bahia, que tinham chegado por via de Gibraltar; mas o grande interesse da sessão concentrava-se na grave questão que prendia a attenção de todos : a *evacuação de Montevideo*.

Não pude conter-me sobre um assumpto de tanto alcance para o Brazil, e por elle estreei no congresso, oppondo-me ao proposto abandono d'aquella praça á Hespanha.

VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO.



## Descoberta de Matto Grosso.

Tendo os Vicentistas reduzido as nações Guanhaná e Carijó, começaram logo a passar á outra banda do rio Paraná em busca d'outras igualmente pusillanimes e pouco numerosas.

Aleixo Garcia e um irmão ou filho, que acompanhados d'uma numerosa escolta de indios domesticos, havendo passado além do Paraguay, penetraram até á proximidade dos Andes no meiado do seculo XVI, foram os primeiros descobridores conhecidos da parte meridional d'esta vasta provincia; e Manoel Corrêa, paulista como aquell'outros, passando além do Araguaya, o da parte septentrional muito tempo depois. Ignoramos os nomes dos outros sertanistas ou commandantes de bandeiras, que visitaram o paiz á busca dos indigenas até o anno de 1718, quando Antonio Pires de Campos, tambem paulista, subiu pelo rio Cuyabá em procura dos indios Cuchipós, que tinham uma aldeia no sitio onde hoje está a ermida de S. Gonçalo.

No anno seguinte Pascoal Moreira Cabral, seguindo-lhes os passos, subiu pelo rio Cuchipó-mirim, e a pouca distancia viu granetes d'ouro; e deixando ali parte da comitiva para os aproveitar, continuou rio acima com os mais até o sitio chamado hoje Forquilha, onde apanhou alguns indios pequenos enfeitados com folhetas de ouro, á vista das quaes se certificou que o terreno era abundante d'este metal; e procurando-o com cuidado, ajuntou uma porção consideravel.

Tornando aos companheiros, desceu com elles rio abaixo até a aldêa, que Antonio Pires havia visitado no anno antecedente; onde cada qual mostrou o que tinha juntado. Uns acharam-se com 100 oitavas, outros com meia libra, outros com muito menor porção, mas geralmente contentes: sendo os mais aproveitados os que tinham acompanhado ao capitão Moreira, que trazia á sua conta libra e meia de ouro. Todos la-

mentavam a falta de instrumentos mineratorios, porque todo havia sido cavado á mão na areia. Começaram logo a edificar cabanas, e fazer sementeiras de mantimentos nas margens dos rios, resoltvidos a persistir ali emquanto durasse o lucro.

Passadas algumas semanas, chegou ao novo arraial outra bandeira, que tinha ficado nas margens do rio de S. Lourenço; e com a noticia do descobrimento determinou augmentar a povoação. Fazendo todos consulta sobre a actual circumstancia, determinaram enviar José Gabriel Antunes á cidade de S. Paulo com as amostras do ouro a noticiar o descoberto, e trazer do governador as ordens necessarias para o bem commum, e serviço de Sua Magestade : do que se lavrou um termo, em que se assignaram 22 homens, que tantos eram os que figuravam em a nascente povoação.

No mesmo dia da resolução, que foi a 8 de abril de 1719, elegeu o povo unanimemente ao capitão Pascoal Moreira Cabral por seu guarda-mór regente até á chegada da ordem do governador de S. Paulo, revestindo-o de muita autoridade, e promettendo-lhe obediencia; do que se exarou outro termo, que servisse como d'ordenação, até a vinda de José Gabriel, que gastou muitos mezes em chegar á capital, onde divulgada a riqueza do descobrimento, começou logo no anno seguinte a partir para elle grande numero de gente em varios comboios, dos quaes nenhum chegou a Cuyabá sem maior ou menor perda : havendo morrido muita gente no caminho, uns de febres, outros de differentes desastres : desgraças que continuaram a experimentar-se annualmente, e tanto mais lastimosas, quanto mais importantes e numerosos eram os comboios ; tudo por falta de bons praticos, de não se guardar a ordem devida na marcha, por desmazelo em não se acondicionar bem o mantimento, por não levarem instrumentos de pescar, e armas de fogo para a caça, e defeza das feras e dos selvagens. :

No mesmo anno se mudou o arraial para o lugar da Forquilha, onde Moreira tinha achado melhor pinta de ouro : e



no seguinte, achando-se um Miguel Sutil, sorocabano, em uma roça que estava principiando na margem do Cuyabá, dois carijós ou índios domesticos, que tinha mandado ao matto em procura de mel, lhes trouxeram á noite 23 folhetas de ouro, que pezaram 120 oitavas, dizendo que lhes parecia haver ainda mais no matto, onde tinham ido procurar colméas. Na manhã seguinte se pôz a caminho o contente Sutil com um seu camarada europeu, chamado João Francisco, e por aleanha o *Barbado*, e toda a sua comitiva domestica, guiados pelos dois carijós para o sitio onde tinham achado as folhetas, que era onde hoje está a villa de Cuyabá. O lugar onde se acha a ermida de Nossa Senhora do Rosario, é onde os carijós tinham apanhado as que levaram. Ali gastaram a maior parte do dia, apanhado com as mãos o que estava á vista ou mal cuberto: e recolhendo-se á tarde a seus ranchos, Sutil achou-se com meia arroba de ouro e *Barbado* com 400 e tantas oitavas.

Esta ventura, noticiada ao outro dia no arraial da Forquilha, fez mudal-o de improviso para o lugar onde os dois camaradas Sutil e *Barbado* haviam achado a mancha onde se calculou que se tirára acima de 400 arrobas d'aquelle metal dentro'n'um mez, sem que os soccavões excedessem a 4 braças de profundidade.

ATRES DE CASAL.

---

### A Igreja grega.

Uma grande luta se empenhou, desde os primeiros seculos do christianismo, entre a idéa de *unidade* que pouco e pouco se personificou no pontificado romano, e a idéa de *nacionalidade*, que penetrava nos patriarchados do Oriente para se incarnar logo no de Constantinopla.

Parecia que o genio das duas civilisações, latina e grega, viera ás mãos no *terreno* religioso: Roma com o seu pode-

roso instincto de centralisação, Constantinopla, pelo contrario, com esse espirito de federalismo que estava nas tradições dos hellenos, e que fizera a sua fraqueza nos dias mesmos do seu maior poder.

Depois da queda de Roma, o genio latino continuou a ser o genio da dominação e da disciplina, como o genio grego ficou sendo o da descentralisação e das liberdades locaes. Nos paizes occidentaes, sobretudo entre os povos que tinham recebido a doutrina latina, a supremacia religiosa de Roma estabeleceu-se facilmente; por muito tempo ella poudo usurpar as prerogativas mais essenciaes das soberanias nacionaes. Tudo quanto o Papa poudo obter no Oriente, antes da scisão, se limitou ao titulo de primeiro entre os seus iguaes (*primus inter pares*).

Se a unidade das duas igrejas existiu algum tempo nos dogmas, ella não foi jamais acceita pelos gregos na lithurgia nem nos ritos.

Até o seculo XVI, em que todo o mundo germanico, preocupado por questões de disciplina, se deixou arrastar de polemica em polemica ao protestantismo, o Occidente não teve de deplorar em religião outra provação temivel senão a grande heresia de Pelagio, logo vencida. O Oriente, pelo contrario, tinha visto as heresias e as seitas multiplicarem-se infinitamente com Manés, Arius, Nestorius, Eutyches e outros muitos.

O *arianismo*, a mais audaciosa d'essas heresias, que negava a divindade de Christo, tinha invadido por um momento todo o imperio byzantino. A autoridade da palavra não foi bastante para vencel-o, e até por muito tempo as doutrinas de Arius resistiram com vantagem á força.

Ainda essas doutrinas não tinham sido suffocadas pela derrota do *arianismo* propriamente dito, quando se renovaram debaixo de numerosas fórmãs.



## Abdicação de D. Pedro 1º.

Pelo Natal de 1830, achando-me eu em Londres, fui convidado por José da Silva Carvalho para uma reunião em sua casa. Silva Carvalho achava-se então emigrado n'aquella capital. Ali compareci, ás 8 horas da noite. A sociedade se compunha de portuguezes e hespanhoes, todos emigrados. Entre os portuguezes recordo-me de ver o padre Marcos; mas dos hespanhoes não posso lembrar-me hoje os nomes d'aquelles que me foram apresentados, dous dos quaes eram tratados com o titulo de generaes.

Supponho que um d'elles era o general Mina.

Ao chá, José da Silva Carvalho, prevalecendo-se da amizade que nos ligava desde 1824, quando ambos nos achavamos emigrados em Londres e Paris, disse-me que elle e seus amigos passavam a fazer-me uma revelação importante, que interessava tanto a Portugal como ao Brazil, para o triumpho da qual precisava do meu apoio e do apoio de todos os brazileiros liberaes.

Entrando em materia, discorreu mostrando que a causa da liberdade em Portugal estava perdida, e que sómente o Imperador do Brazil a podia salvar; que para isso era necessario que elle deixasse o Brazil para se ir pôr á testa dos negocios de Portugal. Que o Brazil ganhava em se ver livre d'elle, e que a causa da liberdade em Portugal ganhava tambem tendo um Principe á sua frente, optimo para uma revolução e pessimo para governar um Estado; e, finalmente, que os liberaes de Portugal, depois do triumpho, tambem o mandariam embora.

Disse que elles estavam em correspondencia com o Imperador D. Pedro por intermedio de Francisco Gomes da Silva e João da Rocha Pinto, e n'essa occasião apresentou uma carta do mesmo Augusto Senhor ao primeiro dirigida. Que tinham mostrado ao Imperador a facilidade com a qual S. M. podia,

servido pelos liberaes, se abandonasse o Brazil, unir Portugal á Hespanha, e ser aclamado Imperador da Peninsula. Que Francisco Gomes da Silva e João da Rocha Pinto apoiavam muito este projecto, que lhes parecia muito bom; mas que o Imperador mostrava de sua parte uma grande indecisão; ora queria, ora duvidava e ora fazia observações, e que, para sahir quanto antes d'esse estado de perplexidade, convinha que os brazileiros fizessem alguma demonstração que o determinasse a tomar uma resolução repentina.

MENEZES DE DRUMMOND.

---

### Depois da abdicação.

Na manhã de 7 de abril de 1831 a nação brazileira achou-se em perfeita anarchia: o Imperador, a bordo de uma não ingleza, havia abandonado a sua joven familia á magnanimidade da nação; o ministerio não podia governar, pois contra elle fôra dirigida a revolução; as camaras representativas ausentes, pois o movimento se fizera no intervallo das sessões; ao pé do throno, em torno do poder, ninguem, nem um principe, nem um cidadão que tivesse alguma popularidade, que sobre si pudesse assumir a responsabilidade da governança.

O exercito que tomára parte activa no pronunciamento, entregue ás mil direcções da insubordinação, nem sequer tinha a unidade necessaria para poder dar uma autoridade á revolução vencedora.

Os corpos policiaes, ainda mais eivados do principio de insurreição do que os corpos de linha, nem ao menos offerciam o ponto de apoio material necessario á mantença da ordem publica.

Nem uma milicia cidadã, nem uma guarda nacional, nem uma autoridade municipal, nada que comprehendendo a gravidade da posição politica dêsse um centro qua'quer á admi-



nistração. Até mesmo entre os chefes populares, que mais ardentes tinham provocado o movimento, não havia uma ambição grande e nobre, uma só coragem que se fizesse usurpadora.

A inspiração de D. Pedro I, que o levára a abdicar o throno, como que havia tomado de surpresa os insurgentes, que a não tinham previsto, que não estavam preparados para essa eventualidade, e que, pasmos da facil victoria que lhes entregava o poder, não sabiam que destino dar-lhe.

O povo estava no campo; dous sentimentos o dominavam, os dous sentimentos que haviam alimentado a luta contra o governo imperial; eram elles: 1º, a susceptibilidade nacional, eivada de aversão contra os nascidos em Portugal; e 2º, a ardente aspiração para a republica, apresentada francamente nos ultimos dias do reinado, sob o véo transparente da federação, e que, na politica activa e de combate, se havia substituído ao pensamento liberal.

Dado esse cahos de elementos, que politico não diria: « d'aquí só pôde sahir a subversão, d'aquí só uma conflagração geral que não se extinga nem nas ondas de sangue derramado pelos odios? » Pois enganar-se-iam as sinistras previsões do politico: a ordem se fez no cahos; nem o punhal da vingança particular, nem o cutello da vindicta publica se tingiram de sangue. O nobre instincto do coração brasileiro bradou: « Perdão para os illudidos! A causa de todos os nossos males não está entre nós! » Calumnia generosa, que ás paixões vencedoras offerencia, como victima expiatoria, o principe que abandonára o throno. E as paixões acceitaram essa victima; a calumnia teve os fóros de verdades, e serviu de escudo para todos os vencidos.

Aos famintos da nacionalidade, dizia-se: « Para que vinganças? não nos occupemos do passado, senão para evitar a sua reproducção; no throno está um principe nascido no Brazil, que ha de, como nós, amar a sua patria e a sua gente. »

Aos famintos da republica, dizia-se: « Para que precipitações? o throno é um berço; temos pois todo o tempo de pre-

parar o paiz para esse governo republicano, tanto mais nobre, tanto mais excellente, quanto se assenta em illustração e em virtudes, que o povo brasileiro irá adquirindo nos longos dias da menoridade. »

JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA.

---

### **Evolução da autonomia do Brazil.**

No grande e trabalhado periodo que vai de 1750 a 1830, época da elaboração autonómica do nosso paiz, os esforços culminam-se na ideia da independencia. A preponderancia do indio é já um mytho do passado, aproxima-se o tempo de acabar-se tambem a preponderancia portugueza. O negro será por ultimo e mais tarde, com a libertação dos escravos, posto á margem.

De todos os factos d'esta notavel phase aquelle que paira sobre os outros, como a synthese de todos elles, é a aspiração do povo brasileiro á sua emancipação politica, pensamento que avoluma-se desde os fins do seculo passado.

Foi o tempo da elaboração de nosso ideal messianico. Por isso ainda hoje não percorremos na esphera da realidade toda a trajectoria traçada então á nossa marcha evolutiva.

Quando Portugal, no tempo de Maria I<sup>a</sup>, dormitava no emperramento e na immobildade, tentando levantar nas fronteiras uma barreira que lhe obstasse a entrada das ideias revolucionarias, os estudantes brasileiros agitavam-se em Paris e sua palavra passando os mares ia ecoar em nossos sertões. A conservadora Minas abalava-se, os poetas estremeciam, o futuro incandecia-se nas almas.

A França, com as suas turbulencias então para a vida e para a liberdade, era a nossa iniciadora. Vira-se o mesmo nos Estados-Unidos. A America estava cançada do jugo.

Trezentos annos erão já demais para a exploração que de-



sejava protrahir-se por toda a eternidade. A impaciencia chegou, a independencia era um corollario da obra dos seculos. As difficuldades erão muitas; mas o povo estava ainda no tempo das crencas inabalaveis, das audacias magestosas.

Cada povo tem o seu dia em que a consciencia se lhe aviventa, em que elle lê claro no seu destino. A obra pôde ser prematura; mas a sua hora chegará. A ideia da independencia no Brazil nasceu com o pensamento da republica. Esta foi a fórma de governo sonhada em 89, esta será a fórma de governo que o futuro nos ha de trazer.

Desde os fins do secu'lo passado o pensamento portuguez deixou de ser o nosso mestre: fomo-nos habituando a interessar-nos pelo que ia pelo mundo.

Achamo-nos pequenos e nos envergonhámos; achamo-nos captivos e quizemos reagir. Eramos os servos de Portugal; julgámos a posição humilhante e pozemos a mão aos laços que nos prendiam. Hoje os aggravos estão quasi esquecidos; o povo portuguez é o povo irmão com que sympathizamos sem desejos absolutamente de copial-o.

A corrente historica bifurcou-se: o caminho de nossa viagem é outro. Desde o grande tempo da Inconfidencia que a distancia vai se alongando mais e mais: as linhas dirigentes de nosso porvir partem d'alli, e não temos mais do que seguir por ellas.

Bem como a poesia, a politica tem tambem seu ideal. Este vem a ser a sêde que nunca se êstanca, as ancias de grandeza que nunca se cala, o aureo porvir que nunca se toca.

Na vida das nações, é n'esses momentos imponentes, em que os povos sentem-se batidos pelo sopro dos altos destinos, que o ideal desponta ao longe qual uma miragem, que lhes indica a senda das grandes aspirações.

A Inconfidencia foi para nós, foi em nosso horizonte de nação, que deve arrojarse aos nobres commettimentos, o phanal propicio da grande jornada atraz de todas as lutas que nobilitam, de todas as tentativas que alentam. Aquella pleiada de poetas, aquelle punhado de sonhadores presen-

tiu, no vago de suas crenças, todas as vastas idéas que este povo deve esforçar-se por levar a effeito. E o ideal ainda nos paira bem alto, como um ponto quasi inatingivel, depois de um seculo de avanços para a civilisação.

Independencia da patria, emancipação dos escravos, unidade federal, vida autonómica e democratica, prosperidade material, alento scientifico, todos os grandes problemas, que já realisámos ou que hoje em dia nos assoberbam, desde a fórma republicana no governo até á liberdade nas relações da familia, tudo foi antevisto n'aquelle devançar de heróes. A Inconfidencia não chegou a ser uma realidade pratica; mas é uma realidade doutrinaria. Não se manchou no terreno dos factos; mas ali está a tremular, ha cem annos, como a suprema realidade no mundo de nossas aspirações.

Era necessario que a santa utopia fosse desdenhada pelos myopes do tempo, era mister que o sangue uberrimo dos heroes marcasse os focos brilhantes em que a alma d'este povo deve revigorar-se para avançar.

A Conjuração mineira não teve o que se póde chamar a grosseria de um facto consummado; é, antes, a mais esplendida miragem que no céu da historia brazileira alenta e enthusiasma. Abençoados os poetas, os corações ardentes, que a idearam; abençoado o martyr que a immortalizou de sobre os degraus do cadafalso...

No meio de uma agitação politica mesquinha, grosseira e sem nobres impulsos, e, não sei si o diga, no meio de uma litteratura sem profundos incentivos, aqui d'entre os gemidos dos captivos, que pedem liberdade, dos proletarios, que pedem trabalho, dos moços que pedem luz, do povo, que pede gloria, dexai-nos fitar o sol da Inconfidencia; deixai-nos chorar com Claudio, amar com Dirceu, soffrer com Alvarenga; deixai-nos ouvir, em sua queda para o futuro, o rolar de cabeça do Tira-Dentes, acordando em todos os peitos, capazes de audacias, os echos da emancipação, os tons immensos do patriotismo...



E que algum dia, como o supremo corollario das grandes lutas, possamos galgar a altura que á nossa marcha assignalaram esses distinctos combatentes, que já não podemos encarar sem a vertigem da mais acrysolada admiração!

SYLVIO ROMÉRO.

---

## ELOQUENCIA POLITICA E SAGRADA

---

### Sobre as questões do Rio da Prata.

Eu não sou arauto da guerra, como o nobre deputado (1) é apostolo da paz; reconheço que o estado de guerra traz graves inconvenientes para o paiz; nem desejaria que o meu paiz fosse arrastado a tal extremidade por principios deshonrosos ou futeis; eu não queria que o Brazil, senhores, se impuzesse os sacrificios de uma guerra como Alexandre declarou a guerra a Dario — unicamente para dar expansão ao seu genio bellioso; eu não queria que o Brazil declarasse a guerra a potencia alguma como a declarou Pedro o Grande a Riga — por não ter sido ahi recebido com o apparato que desejava, nem com o fausto que lhe era devido; emfim, a historia politica offerece uma multidão de exemplos de guerras reprehendidas por motivos reprovados. Lord Clarendon, por exemplo, attribue a guerra á Inglaterra contra a França, no tempo de Luiz XIII, a motivos que a chronica bem sabida do duque de Buckingham refere, e nos quaes não insistirei por não serem pudibundos; houve mesmo um duque que pôz em cerco a cidade de Metz com uma força de trinta mil homens, porque o abbade S. Martinho tinha mandado colher uma cesta de frutas que tinha

---

1. Mello Franco.

entrado na cidade sem pagar o tributo ducal. Não desejo, pois, que o meu paiz seja empuxado á guerra por motivos futeis; mas agora a guerra é uma guerra santa, porque ella não é senão a defesa do nosso territorio, da nossa integridade e da nossa soberania. Lembre-se o nobre deputado de que no artigo addicional á convenção de 1828 se garantiu ao Brazil a navegação do rio da Prata e dos seus confluentes; lembre-se de que, róta essa convenção, cessa o direito que temos a essa navegação; lembre-se o nobre deputado de que o Paraguay se encosta ao Brazil por uma extensão de cento e tantas leguas; lembre-se de que esta questão do Rio da Prata é uma questão de territorio para o Brazil, e que, se por ventura o dictador de Buenos-Ayres conseguir incorporar a republica Oriental na Confederação Argentina, todas essas grandes questões que temos a deslindar, vão encher-se de difficuldades, que não poderão jámais ser resolvidas; lembre-se de que, se não propugnarmos calidamente pelos nossos direitos n'este ponto, pelo que respeita á parte occidental do Imperio, não teremos de nós queixar, se por ventura nossos interesses não forem considerados pelas nações limitrophes. Se não tomarmos a attitude que cumpre á primeira nação da America do Sul, abdicamos vergonhosamente toda a nossa influencia. Se, pois, se houver de declarar a guerra por tal motivo, eu chamarei a essa guerra uma guerra santa. N'esta parte permita o governo que eu lhe diga, que eu desejára que elle marchasse desembaraçado; desejára que, rodeado da popularidade que tem, protegido e escudado pela opinião do paiz, que reconhece seus serviços e seu patriotismo, não trepidasse em solicitar do paiz todos os meios e recursos necessarios para promover e alcançar uma solução vantajosa nas questões do Rio da Prata, afim de que o Brazil se saia d'ellas dignamente. Conte o governo com o concurso de todos os brazileiros para um fim tão sagrado, tão util.

O nobre deputado por Minas Geraes ainda deseja a paz, porque não admite alliança possivel entre uma republica e uma monarchia; mas, senhores, se o nobre deputado, querendo



a paz, a quer por tal motivo, então deveria querer a guerra e uma guerra permanente. A razão, pois, referida pelo nobre deputado prova de mais; porque prova que desde já e de ha muito deveriamos estar em guerra, ou ao menos em uma neutralidade armada, que é a guerra quanto aos sacrificios. Mas isto não quero eu; bellicosa como é a minha opinião n'esta questão do sul, en não quereirei que o meu paiz esteja permanentemente em estado hostil com os nossos vizinhos; antes, que o governo procure por todos os meios cultivar relações de amizade com esses Estados, que, bem que fracos, têm os mesmos direitos que nós.

Senhores, será verdade que não pôde haver alliança possível entre uma monarchia e uma republica? Parece-me que a historia protesta contra este principio. Os romanos, no tempo de sua maior susceptibilidade, tiveram allianças muito duradouras com principes e monarchas. Os gregos tambem tiveram essas mesmas allianças; compulsando-se a historia da idade média, vemos nós uma infinidade de republicas italianas alliadas pela maneira mais estreita com monarchias. Ainda mais um facto muito notavel é a alliança da monarchia franceza com os Estados-Unidos da America, quando estes declaram sua independencia. Anteriormente já tinhamos visto a rainha Isabel e Henrique IV empregarem todos os seus esforços, ministrarem todos os recursos aos Estados geraes da Hollanda, quando se revoltaram contra a metropole, contra o immenso poder de Felipe II; vemos ainda a Suissa republicana alliada de todas as monarchias vizinhas; e ainda hoje a republica franceza mantém a *entente cordiale* com a Grã-Bretanha e com quasi todas as monarchias. Já vê o nobre deputado que a sua proposição é historicamente falsa.

Considerando a sua proposição sob outro ponto de vista, perguntar-lhe-hei: quem é que absorveu o Oregon? Foi alguma monarchia que absorveu o Texas? Quem invadiu o Mexico? Quem declarou a guerra ao Perú (alludo á guerra do Chile)? Quem assim fomentou as desordens entre o Chile e o Perú?

Já vê, pois, o nobre deputado que pôde haver alianças mais duradouras entre monarchias e republicas do que entre as proprias republicas. Estes exemplos que acabo de citar provam sufficientemente quanto estes Estados, que admittiram as fórmias democraticas têm pouca estabilidade, e quantos ciumes e susceptibilidades existem entre elles, entretanto que nenhuma das republicas da America se pôde com justiça queixar do Brazil.

Não desejo mais abusar da paciencia da camara; direi ao governo unicamente que continue na politica que tem encetado; pedirei ao governo do paiz que não se acobarde á vista das questões do sul; que marche com pé firme no caminho que lhe foi aberto; porque os ultimos acontecimentos que tiveram lugar, são, por assim dizer, o principio da peripecia final do drama ensanguentado que se representa ha annos no Rio da Prata. Nada receie o governo do paiz, se bem comprehender seus verdadeiros interesses. O Brazil é uma peça perfeitamente articulada; cumpre não desconhecer-lhe o mecanismo e o jogo. Grandes são os recursos das localidades na marcha geral dos negocios; utilisem-se todos esses recursos; e assim como os meios de sangue e os recursos da fortuna local são aproveitados, ponham-se ao serviço do paiz todos os prestimos, todas as lealdades, todas as intelligencias. Conte o governo com elles, se os souber procurar; porque felizmente os meritos estão derramados pela vasta superficie do Imperio.

Senhores! o sol do equador não cresta nem mata a planta da intelligencia, e esta, bem que privada do necessario bafejo vivificador e estorvada em sua medra por uma pressão de preocupações deploraveis, muitas vezes cresce e toma as proporções do cedro do Libano. É a grama que, ainda quando orvalhada, não passa nunca de uma planta rasteira.

MACIEL MONTEIRO.

---



### Sobre o elemento servil.

Dous meios havia para perpetuar a escravidão, disse com razão o mesmo orador a quem me refiro : eram o trafico e a reproducção ou os nascimentos. O poder da opinião, que destruiu o primeiro, destruirá o segundo, porque um e outro são igualmente nefarios e deshumanos.

O trafico arrancava ao longe, nos sertões africanos, em que tudo é silencio, o filho selvagem do gentio, victima de guerras barbaras de que não tínhamos noticia, para o trazer ao mercado da carne de lavoura. O outro processo não é menos atroz : espera-se nas portas da entrada da vida as creaturas novas que apraz á Providencia enviar a este mundo, e ahi são recrutadas para o captiveiro, embora nascidas no mesmo solo, junto do mesmo lar da familia, em frente ao templo do mesmo Deus e no meio dos espectaculos da liberdade, que tornarão mais sensiveis a sua degradação e miseria ! É a pirataria exercida á roda dos berços, nas aguas da jurisdicção divina e debaixo das vistas immediatas de um povo christão !

. . . . .

Passarei agora, Sr. presidente, a considerar a materia da proposta. Ella não pôde ser convenientemente comprehendida e apreciada senão á luz directa dos grandes principios que a inspiraram, das necessidades em que se funda e dos fins a que se destina. Se não tivesse outro designio, como assoalham seus inimigos, senão obedecer a um impulso sentimental e realisar um sonho dourado da philantropia, dando-nos uma attitude mais nobre em frente do mundo, então, qualquer que fosse a generosidade d'estes motivos, a proposta poderia parecer intempestiva e violenta em frente dos interesses que gritam, e desejariam providencias de effeito mais lento e insensivel.

Mas se ella tem por fim impedir a reincidencia em um dos maiores attentados que mancham a especie humana; se tem

por fim restaurar a lei de Deus e da natureza no meio da nossa civilisação, e destruir pela raiz o mal que tolhe as condições de seu desenvolvimento; n'este caso, longe dos defeitos da precedente supposição, ella poderia talvez ser arguida de timida e incompleta, de transigir com os interesses mal entendidos, em preterição das exigencias da justiça e dos direitos da humanidade.

Dependendo, pois, o exame da lei do de seus motivos, qual é esse mal a que ella procura dar remedio? Não devo, nem quero, senhores, descrever n'esta tribuna a serie de transformações por que passa o escravo, que ha de vir até ser reduzido a machina. É um triste quadro, que todos conhecem, e eu deixo aos escriptos dos philantropos, o dizerem o como no interesse da segurança do proprietario oblitera-se systematicamente n'elle a intelligencia, a imagem de Deus no homem; como suprime-se-lhe o livre arbitrio e embota-se-lhe a consciencia, que lhe revelaria seus titulos, seus direitos e deveres; e como, depois de se lhe arrancar a propriedade do proprio corpo, das forças vivas que o movem, e por consequencia a dos fructos de seu trabalho, ferem-se em seu coração as affeições mais caras, nega-se a familia sempre dispersa ao sópro de todos os ventos, rompem-se os laços que a formam: a autoridade e o amor paternal, a dependencia e piedade filial, a castidade e a ternura da mulher. Sentimentos moraes, nobres instinctos de felicidade, esperanças e consolações no meio das tormentas da vida, tudo desaparece n'esse homem, posto fóra da lei da humanidade e rebaixado á condição do bruto!...

Mas o outro aspecto do painel não é menos deploravel; este vasto pantano da escravidão aberto no meio da civilisação exhala em todas as direcções miasmas deleterios que vêm infeccionar a atmospherá social!

A que ficam reduzidas as idéas da justiça e do bem, quando o sophisma atroz da escravidão as desconhece e viola em sua applicação a milhares de nossos semelhantes? Qual é a base



da legislação civil, qual a sua força e prestigio sem o sacramento da lei natural, de que Deus é o supremo autor? O que será da liberdade politica, quando sua estatua pesa sobre os hombros do escravo? Em vez d'esse sentimento impessoal, generoso e grande, que nos leva a defender os direitos de todos, como culto de um principio de origem divina, como homenagem a um dever da solidariedade entre os homens, ao contrario torna-se sentimento egoista, pessoal, privado do aroma da fraternidade, que o nobilita, falsa liberdade que converte a victima da vespera em oppressor do dia seguinte, liberdade material, tal como a que aspira para si só o cavallo indomito ou o indio do deserto. Aonde a instituição da escravidão existe, que logar fica para a caridade, a filha predilecta do christianismo, que sobre ella fundou a sociedade moderna, impondo ao forte a tutela do fraco, ao rico a protecção do pobre, aos felizes da terra a responsabilidade pelo destino dos desvalidos, dos miseraveis, dos orphãos da civilisação?

Não prolongarei minhas observações sobre este ponto desagradavel; a natureza do mal e a necessidade urgente de o remover estão patentes.

Destruir, quanto antes, a ultima mina d'onde dimana a escravidão com o seu sequito de effeitos que deshonram e prejudicam o Brazil, eis o problema, que se trata de resolver.

Entretanto, os proprietarios atacam a liberdade dos nascituros em nome do direito da propriedade violada; relutam contra a indemnisação como insufficiente e inefficaz para o effeito.

Se se lhes perguntar, porém, o porque o legislador, que póde reformar e alterar todas as leis, não poderia alterar a da propriedade, responderão sem duvida que a propriedade é inviolavel, porque funda-se na lei natural, anterior á lei civil, e deriva-se de um principio immutavel de justiça, o qual consagra e mantém a cada um o fructo do proprio trabalho, principio sem o qual o estado social seria impossivel. Eis-nos,

pois, transportados á esphera do direito e da justiça, onde realmente encontra-se a base racional da inviolabilidade da propriedade em geral.

Pois, bem, senhores; se se provar que a propriedade da creatura humana, longe de fundar-se no direito natural, é pelo contrario a sua violação mais monstruosa; se em vez da justiça apoia-se unicamente na iniquidade da força, então cáduca e desaparece o allegado fundamento da inviolabilidade d'essa propriedade especial; e a lei, que a protegeu, reduzida a não ser mais que um erro ou um crime social, está sujeita a ser mudada, como qualquer outra, funesta aos interesses da nação.

Ora, Sr. presidente, não é no meio d'esta augusta assembléa, onde, a par de tantas luzes e experiencia dominam os sentimentos mais elevados, que eu irei demonstrar que creaturas intelligentes, dotadas como nós de nobres attributos e dos mesmos destinos, não podem ser equiparadas, no ponto de vista da propriedade, ao potro e ao novilho, ao fructo das arvores e aos objectos inanimados da natureza, submettidos á dominação do homem. Doutrina absurda e execravel! Os seres de que se trata, não vivem ainda; a poeira de que seus corpos serão organizados, ainda fluctúa dispersa sobre a terra; a alma immortal, que os tem de animar, ainda repousa no seio do Poder Creador, serena e livre, e já o impio escravagista os reclama como sua propriedade, já os reivindica do dominio de Deus para o inferno da escravidão!

. . . . .

Alem d'isto, os terrores panicos, as prevenções exploradas pelas paixões politicas, depois de terem dado a esta questão um aspecto ameaçador, continuarão a agitar a população até que a decisão do Senado venha pôr termo ás illusões. Não quer isto dizer que, logo depois, os ataques e as injustiças dos interessados não continuarão contra aquelles que concorreram para esta reforma: mas teremos bellas compensações; teremos a consciencia de haver cumprido um arduo dever para



com a humanidade e a civilisação; teremos os applausos do paiz. Esses milhares de mulheres, que durante o curso de tres seculos tantas vezes amaldiçoaram a hora da maternidade e blasphemaram da Providencia, vendo os fructos innocentes de suas entranhas condemnados ao perpetuo captiveiro, como se fôra crime o ter nascido, levantarão agora seus braços e suas preces aos cêos, invocando a benção divina para aquelles que lhes deram a posse de si mesmos. Estas expressões de gratidão dos pobres afflictos valem mais do que os anathemas do rico impenitente, mais que os ataques dos poderosos que não souberam achar meios de prosperidade senão na ignominia e soffrimento de seus semelhantes!

SALLES TORRES HOMEM.

---

### Sobre a guerra do Paraguay.

Sr. presidente, a guerra! Ha tres annos que não se falla em outra cousa no Imperio. Guerra com a Inglaterra, guerra com o Estado do Uruguay, guerra com o Paraguay! Por toda a parte, e sempre, a guerra!

As vezes se observa na vida das nações que, quando se quer esconder o procedimento de uma politica interna má, distrahem-se os animos, faz-se diversão nos espiritos, abala-se a opinião nacional, explora-se a população que vai faltando—concitando-se as nobres paixões do povo em nome da honra nacional—para uma guerra externa.

Senhores, eu não quero fazer injustiça ou esta grave accusação aos governos do meu paiz, nem aos anteriores, nem ao actual.

Não posso, não sei, e, ainda quando soubesse, não tenho liberdade, impõe-me silencio o meu patriotismo, para estudar e desenvolver a fundo a questão da guerra desde a sua origem até hoje; de estudar a nossa primeira missão diplomatica; de

estudar o convenio de 20 de Fevereiro e o tratado da triplice alliança ; de estudar o acontecimento de Uruguayana e as operações do exercito desde a passagem do Passo da Patria até o dia nefasto de Curupaity ; de acompanhar o governo em todo o seu systema de medidas adoptadas para a exterminação d'esta guerra, os dispendios enormissimos, as delapidações horrorosas, os lesivos e ruinosos contratos de fornecimentos de carvão, de petrechos bellicos, de equipamento militar, de transportes maritimos e fluviaes ; da negligencia, imprevidencia e falta de economia que a tudo têm presidido ; de estudar a gestão do commando das forças de terra e mar, e as respectivas operações militares ; de estudar as victorias alcançadas e o porque não foram aproveitadas ; de estudar um milhão de cousas, que, quando eu, ou quem souber e puder investigar, metter o escalpello n'essa pustula maligna, depois de acabada a guerra, quando se puder entrar desenvolvidamente n'esta questão, então, senhores, não poderão ser absolvidos os governos que presidiram á direcção do paiz durante a mesma.

E, senhores, não se nos imponha absoluto silencio em nome do patriotismo. Qual foi a nação que não discutiu as guerras injustas ou justas que seu governos fizeram ? A Inglaterra não discutiu sempre livremente a guerra com os Estados-Unidos e a guerra européa com a França ?

Ainda na recente guerra do Oriente, a guerra da Criméa, não discutiu a Inglaterra com toda a liberdade a má organisação dos seus exercitos, as delapidações que se commettiam nos fornecimentos, transportes, etc., etc. ? E alguém disse que os grandes homens da Inglaterra eram faltos de patriotismo, tratando d'esses assumptos na tribuna e na imprensa ?

Ora, senhores, quando se nos pedem sacrificios incessantes de sangue e de dinheiro, a guerra é a primeira cousa que deve ser discutida pela tribuna livre, analysada com criterio, na altura dos deveres do patriotismo, mas analysada.

Não vimos ainda na ultima guerra italiano-prussiana contra a Austria, senhores, que se analysou o assumpto, que se



discutiram até as operações militares e mostraram-se os erros dos generaes, tanto na Austria como na Italia ?

Não vimos, por occasião do desastre da infeliz batalha de Lissa, em que o nosso audacioso e feliz systema do Riachuelo foi empregado pelo almirante austriaco Tegetoff; não vimos que o almirante Persani passou por um conselho de guerra e que foi por elle condemnado ?

Por ventura depois de factos capitaes, de batalhas importantes, como a de 24 de Maio, como as de Curuzú e de Curupaity, em que, ora não se tirára nenhum proveito da victoria, ora, depois de conceder ao inimigo uma dilação fatal e prejudicial, que o habilitou a fortificar-se inexpugnavelmente, se empenhára uma batalha decisiva, sem exame prévio e conhecimento circumstanciado do terreno em que se devia ella travar, nenhum conselho de guerra se formava, e esses suppostos culpados, ou pelo menos responsaveis perante a nação, eram apenas licenciados ou retirados de suas commissões, sob frivolos pretextos, para serem logo depois galar-doados ?!

Que exemplo para o patriotismo nacional !

E depois de tantos erros e vicios se nos vem impôr silencio em nome do patriotismo, e se nos pede ainda mais sacrificio de sangue e de dinheiro ! e nós devemos votar silenciosos sem exame nem discussão !...

Façamol-o, já que a honra e a dignidade do paiz o exigem; mas dê-se-nos o direito de dizer aos ministros que mal têm governado : — Senhores, peccastes; emendai a mão ; salvai-nos, se ainda é tempo !

FERNANDES DA CUNHA.

## O Patriotismo.

(A PROPOSITO DA CAPITULAÇÃO DE MONTEVIDÉO EM 1865.)

Meus senhores:

É inutil preambular.

Um pensamento fraterno, radiante, supremo, fluctua sobre as nossas cabeças, de parrelha com o estandarte da gloria.

Accesa em nossas almas a idéa de engrandecimento, sentimentos grandes, — queremos lutar.

É n'este momento que afundando-nos na abundancia de uma existencia de moços esperancosa e vivida, achamos, tocamos alguma cousa de mais, — e essa demasia, senhores, é que somos brazileiros, — essa demasia é que ao livro d'este povo epico e generoso ajunta-se a estrophe montanhosa e sublime de um de seus grandes feitos.

O Brazil agita-se, — a mocidade o rodeia — o Brazil triumpho, a mocidade ajoelha-se com elle para contemplar nos patrios céos o vôo de suas victorias.

E na face de tudo que tem um pouco de alma — para sentir, — um pouco de sangue — para derramar, — um pouco de vida — para morrer — lavra a claridade de um sentimento que absorve todo o viver positivo e ordinario; paixão nobilitante, purificadora, que o coração de um homem mal pôde conter com todos os seus impetos, que tendem ao passado, que tendem ao futuro, — com todas as suas avançadas para a morte e para a vida, para o céu, para a gloria, para a luz, para Deus...

E este sentimento, senhores, é o patriotismo. Pôde haver quem diga: — tempo virá em que o grito dos alarmas, o lampear das espadas nada signifiquem; sim: — mas lá mesmo adiante, aonde nos promettem levar os pontifices do progresso, quando o gladio tiver sido substituido pela palavra, a força pela idéa, o raio que fulmina pelo raio que esclarece, lá mesmo



o homem deixar-se-ha vibrar d'essa paixão que será sempre no seu peito o estremecimento enorme das selvas, dos campos, das solidões da patria.

O Brazil era o colosso da paz; o Brazil, esse pedaço do globo, cuja sombra bastára para eclipsar qualquer sol que se lhe puzesse diante, tolerou por muito tempo os insultos de ridiculas pequenezas. Dizem que as aguias, só depois de muito soffrer, determinam-se a punir com a morte as avesinhas insignificantes, cujos pios as incommodam. Tal aconteceu. O gigante principia a vingar-se, o pantheon da historia principia a renovar-se de grandes vultos, as campas de grandes mortos, os céus de grandes astros.

A morte, que se conquista pela patria, não é uma d'essas mortes lugubres, choradas, mysteriosas, communs, — não; — morrer assim, — ao fumejar das batalhas, — é desembaraçar-se de um dos enigmas do nosso destino; é resolver o problema da grandeza humana, — morrer assim é engrandecer-se...

TOBIAS BARRETTO.

---

### Ao gabinete de 5 de Janeiro.

Vou terminar, Sr. presidente; mas, antes, quero dirigir um appello aos nobres ministros. É a invocação do patriotismo aos depositarios do poder publico.

Se podem elles dar corpo a todas as suas reminiscencias; se é possivel resuscitar o que lá se foi, erguendo-se aos olhos do governo; se cada um dos ministros pôde ainda ouvir uma voz mysteriosa, que lhe recorde o cumprimento de sagrados deveres; imagino que desfila pela frente da bancada ministerial mais de um vulto fantastico, a reavivar-lhes honrosas lembranças de outro tempo, que lhes falla ao ouvido, cada um por sua vez.

Ao nobre presidente do conselho dirige-se o primeiro: —

Aqui estou eu ; sou o passado com toda a sua herança ; carregos sessenta e oito annos de serviços feitos á patria ; defendi e amei a liberdade do meu paiz, amei-o loucamente na mocidade, subi pelos degrãos da constituição, quero respeitá-la ; pois bem, não me arranqueis a memoria, para que eu possa ao menos ter ainda saudades !

Ao nobre ministro da guerra : — Eu sou a gloria, venho do Paraguay ; pousei um instante no campo de batalha de 24 de Maio ; atravessei os banhados ; dormi na barranca em que primeiro cravastes a vossa gloriosa lança ; sentei-me sonhando ao vosso lado sobre os muros de Humaytá ; inda hoje julguei descobrir-vos por entre os nevoeiros que desciam do cabeço dos montes, e ouvir a vossa voz nas ventanias que atravessavam o rio ; já não achei flôres na solidão da morte para tecer-vos uma corôa ; trago-vos um rosario de lagrimas ; guardai-o para enfeitar a vossa espada ; porém olhai : — a banda que vos cinge não é cadeia de escravos, é flammula de homens livres.

Ao nobre ministro da fazenda : — Eu sou a tribuna, ou antes o povo. Foi nos meus braços, pelos vossos proprios esforços, que subistes ás altas posições do Estado. Ministro, deputado, senador, eu ainda quero ter mãos para bater-vos palmas ruidosas, ainda quero saudar-vos no caminho triumphal. Mas lembrai-vos : a purpura do poder não tem mais preço do que os gloriosos padrões da vossa vida ; não me roubeis o direito de acompanhar-vos, repetindo o que já deveis ter lido : o reconhecimento é a memoria do coração !

Ao nobre ministro da justiça : — Eu sou a democracia ; no tempo em que, trabalhador pertinaz e talentoso, vos occultaveis no modesto gabinete de advogado, eu estava comvosco ; quando infatigavelmente defendeis na imprensa os altos principios de liberdade, eu era ainda a inseparavel companheira do jornalista. Fostes para as alturas, e eu fiquei. Não vos accuso ; não vos fiz um crime da ascensão ao poder : toda a idéa, antes de ser acção, é um apostolado, e n'este paiz ha logar para todos ! Pois bem, deixai tambem logar para mim !



Ao nobre ministro do imperio : — Eu sou a imprensa; combatêmos juntos; segui vossos passos; cobri de flôres vosso caminho; solicita ajudei-vos em vosso vôo rapido do meu berço ás alturas do ministerio. Pois bem, guardai as vossas idéas, porque eu guardo o vosso programma. Se as esqueceis, a quem poderia restituir o legado que me deixastes?

Ao nobre ministro da marinha : — Depois da patria, eu sou quasi vossa segunda mãe; criei-vos em meus peitos, embalei-vos em meus braços; eu sou a heroína herculea de seios titânicos, essa que trazia do exilio as sombras dos desterrados para coroa-las de luz : os arminhos da fortuna não valem as verdes relvas onde brincastes criança. Lá vos espero de mãos postas para curvar-me em nome da patria; lá, de joelhos, onde tantos bravos morreram, não me esqueçais: eu sou a Bahia!

Senhores, reuni todas as recordações que vos são caras. É a soberania nacional que vos supplica; é a democracia que se dirige a uma camara de liberaes. O amor da liberdade deve ser, na phrase biblica, invencivel como é a morte; deve, como o apostolo, ter a sêde do infinito; deve ser grande como o universo que o contém. Em nosso paiz, na pedra isolada do valle, na arvore gigante da montanha, no pincaro agreste da serra, na terra, no céu e nas aguas, por toda a parte, Deus estampou o verbo eterno da liberdade creadora na face da natureza, antes de grava-lo na consciencia do homem!

Em nome da monarchia constitucional representativa; em nome da camara que vos apoia, e que sem duvida aceitará contente o vosso projecto modificado, senhores ministros, eu vól-o peço: não arredeis do throno a confiança da nação; honrai as esperanças do povo, libertando a acção da constituinte.

JOSÉ BONIFACIO.

---

## Panegyrico de Sant'Anna.

Que thesouro tão precioso será este, meus irmãos, que o negociante do Evangelho não duvida sacrificar todos os seus bens, comtanto que o chegue a possuir? Embora os sagrados interpretes se dividam em seus pareceres; embora uns digam que é a doutrina evangelica, outros que é o reino do céu, outros o desprezo dos bens terrenos, como S. Gregorio; outros que é o mesmo Jesus Christo, como Santo Agostinho... em quanto a mim, eu penso que é a virtude da fé, esta virtude, sem a qual, diz S. Paulo, não se pôde agradar a Deus. Ella foi o signal caracteristico dos maiores santos e das mais illustres personagens da antiga lei. Pelo sacrificio que Abrahão fez do seu filho no alto do Moria, conheceu-se o heroismo da virtude e da fé d'este pai dos crentes. Elle é quem nutria na vida espirital, quem sustinha, quem consolava os justos do Antigo Testamento nos seus trabalhos e adversidades. Ou elles descessem ao Egypto impellidos da fome e esterilidade, ou fossem conduzidos á Chaldéa em captiveiro pelos reis da Assyria, ou vissem assentado no solio de David um idumeu, senhor do sceptro de Judá, a fé é quem adoçava o ferro de seus grilhões, quem enxugava as lagrimas dos seus desterros, quem os sustinha no meio de provas tão rudes. Ella é quem os separava d'esta massa geral da corrupção que dominava então sobre a face da terra; quem os distinguia das nações incircumcisas, que curvavão o joelho e queimavão incenso ás obras de suas mãos; quem os fazia um povo á parte; em uma palavra, um povo santo, deposito da fé das promessas divinas. A esperança de um reparador, que havia de sahir d'esta nação privilegiada, era uma tradição inalteravel, que no seio das familias se perpetuava de pais a filhos, de geração em geração e de seculo em seculo, e que na ordem da graça fazia vegetar esta porção escolhida da humanidade. Na fé, pois, d'estas promessas e d'estas verdades, occulta ao resto das nações, tem um lugar bem distincto a illustre santa,



vossa protectora, a quem tributamos os presentes cultos. Sim, senhores, foi pela fé que Anna achou no campo mystico da synagoga o thesouro precioso, que a elevou no céu da nova igreja evangelica a tão alto gráo de celebridade, *Vendit universa quæ habet, et emit agrum illum*. Por esta virtude, emfim, ella mereceu ser a mãe de Maria e avó de Jesus Christo. Debaixo d'este ponto de vista, eu venho tecer o seu elogio, mostrando promiscuamente seus trabalhos e suas recompensas, seus combates e seus triumphos. Digne-se a Santa Virgem, sua filha, de alcançar-me de seu esposo, o Espirito-Santo, as luzes necessarias para desempenhar tão grande objecto. *Ave, Maria.*

FR. FRANCISCO DE S. CARLOS.

---

### N'uma collação de gráo de doutores em medicina.

Senhores :

Eis-nos ante a vastidão do infinito, antolhando esperanças que acordam como entre harmonias eóleas, erguidas do sotopé de trophéos representados pelo afanoso lidar de todos os dias... por esforços inauditos de todos os momentos... por fadigas e desconfortos de todos os instantes, e até por duvidas e incertezas, que muitas vezes cavaram nos espiritos o sulco profundo da angustia e do desalento!

Eis-nos n'esta encruzilhada da vida em que nos encontramos todos em um mesmo instante d'onde quer que tenhamos vindo, para nos separarmos em breve, arrastados pela mesma corrente eterna e fatal, que teria a monotonia cruel do gemido de um moribundo, se a catastrophe dos acontecimentos não lhe quebrasse o rhythmo do tom, como as ventanias irritadas sacodem nos abysmos dos espaços as melodias sussurrantes das atmosferas mansas e tranquilladas!...

Eis-nos n'esta encruzilhada da vida, caminheiros de para-

gens longinquas, aos quaes a peregrina estrella do destino, como na visão de Jacob, apontára na apothese de um sonho a solemniſsima consagração de um apostolado!...

Pais... que vindes dos sacrificios da velhice, acalentados pelas esperanças que tornavam até suayissimas as amarguras do trabalho, e os desalentos do cansaço, e que ieis depôr todas as noites no soliloquio da vossa sublime consagração ao dever, como o sacerdote no templo, a confissão de vossa dedicação pelo futuro dos filhos, acrisolando a fé para recommençar a luta!

Mães... que trazeis ainda humidas as faces das lagrimas que choraveis, quando, na penumbra do dia, fitaveis os espaços como que pretendendo transpôr as brumas do sol poente, para devassar os arcanos do mysterio... decifrar o silencio impene-travel do tempo!...

Esposas... que chegais do aneio de vossas virginaes aspi-rações, tributando as alegrias com uma commoção indefinivel e vaga... promessa de delicias ao vosso amor... incertezas pelo vosso futuro!

Mestres... que volveis do dever, com as tranquillidades de o terdes desempenhado até o sacrificio, e que, como o archi-tecto da lenda, mandais que se tirem as traves, para que de-sabem as abobadas do templo e vos esmaguem, se vossa obra não foi meditada!

Magestade... em quem, nem o rito, nem as fórmulas, nem a convenção, suffocaram os estímulos da natureza, e que n'este momento, elevando-vos do throno, a este areopago de grandezas... mãe, estremeceis como todas as mães pela felicidade dos filhos!... cidadã, tomais parte n'esta consagração de bene-merencia aos laureados do trabalho!...

Moços... que adejais nos sonhos e nas esperanças; no ruido festivo das alegrias impensadas!... na vida a esmo, fronte volvida para o sol... costas voltadas para a dôr!...

Eis-nos todos n'esta encruzilhada da vida... os corações confundem-se no mesmo rhythmo, convulsionados pelo mesmo

*convenção de Shoujo  
Mortuo, nem quando e estimo de morte*



impulso moral!... Os cerebros têm a mesma idéa, dominados pelo mesmo estímulo!... É um momento como que cruel e angustioso... rápido como o estrondear do raio... Instante decisivo, genese de uma existencia nova, que irrompe de improviso como o sobresalto de um pesadelo, para rasgar fundo um abysmo na historia da vida, emparedando o tempo nas sombras de uma redoma negra, enquanto os tímidos clarões do novo dia se levantam no horizonte, coriscando no seio das nuvens umas figuras enormissimas e vagas, como as imaginações esbrazeadas de um louco!

Ouve-se um murmurio confuso, hosanna fremente aos triumphadores do passado!...

O céu está illuminado ao clarão vivido dos olhares que devoram os espaços e antegozam a ventura d'estes novissimos esponsaes!...

Estrugem hymnos nas atmospheras embalsamadas pelos purissimos perfumes do amor e da amizade!...

Na ampulheta do tempo tremula o ultimo atomo de granito que excita a anciedade, impellindo o sangue agitado a communicar ao ambiente as ardentias vulcanicas dos corações convulsionados pela commoção!...

Um fremito ancioso e communicativo infiltra-se em todas as fibras; rhythmica as contracções de todas as faces, cadencia todos os movimentos!

Eis-nos às portas de um templo abertas á multidão, que segue anciosa os escolhidos do destino, para a sagração de um sacerdocio!...

Diante d'elles está um livro!... É o livro dos livros!... Paira sobre elle a fé dos crentes!... A tradição dá-lhe encantamentos sobrehumanos!... A razão emoldura-o na historia dos seculos, como o mais estupendo milagre do heroismo, pela redempção dos povos!... É o livro que, na phrase de Lamartine, contém em germen todas as verdades politicas e moraes!

As abobadas do templo echoaram uma profissão de fé; e a investidura de um nobre sacerdocio ungiu os Evangelistas de

uma religião elevada, commissionando-os a irem prégal-a como mestres, a exercerem-n'a como convencidos!...

Eis o grande mysterio que se acaba de realisar, Senhores! É a sagração da lei e da sciencia, devotando ao serviço da patria uma legião de voluntarios da humanidade!

Para todos, a lithurgia d'esta solemnidade é a alegria freme-mente das ovações, o prazer delirante dos triumphos alcançados!... Para vós, porém, moços, em breve passará esse mur-murio confuso, cyclone de commoções que a todos arrebatou, e tereis no pavoroso silencio que vai seguir-se a este estrondear de applausos, como o febricitante que acorda do delirio, a sen-sação do vacuo e do isolamento!

Isto aqui é uma encruzilhada da vida, onde o mesmo acaso que nos approximou, em breve nos separará!... Seguiremos direcções differentes, arrebatados pela voragem dos aconteci-mentos, cada um segundo a orientação de seus destinos!... Vós, medicos, de agora para sempre sois a luz do mundo, e o sal da terra, paraphraseando o Evangelista; diante de vós está... o futuro! diante de vós está... a humanidade!

Sabeis o que é o futuro, Senhores!?

O futuro é a perda de todas as illusões!... é o trabalho cruel e cruciante, invalidando o corpo e mortificando a alma!... é a aspiração ansiosa de todas as glorias, e as mais das vezes, o estremecer doloroso de todos os desesperos!... É o arcar constante com a maledicencia que se avoluma nas trévas, para saltar de improviso o viandante a quem já desanimaram as longuras da estrada, e as tortuosidades do caminho!... O fu-turo é a calumnia trefega e irrequieta, salivando baba puru-lenta e escorregadia, para transformar em penedias agrestes e inacessiveis os planaltos cobertos de relva que se vêem de longe, como um prisma de esperanças e de luz!... É a igno-rancia ridicula, porém empavesada; microscopica, porém pa-voneada e petulante; humilde como a covardia; covarde, como a inveja; armando sempre aos triumphos das praças publicas, onde o sol faz subir o rubor ás faces dos homens honrados!...



O futuro é o rico espreitando o momento da fome e da fraqueza, para abrir mercado de consciencias; é, finalmente, muitas vezes, Senhores, a morte sombria e lenta entre os braços da miseria e da loucura, após uma vida de heroismos de caracter, dedicações e trabalho!...

Sabeis o que é a humanidade!?!...

É o doente confinado no lei'õ, centro de interesses e de affectos purissimos que fitam em vós olhares anciosos, como se fosseis o arbitro supremo de todas as alegrias e de todas as dôres!...

É a onda dos desventurados, rolando a esmo pelas ruas e pelas praças publicas, folhas que se desprenderam dos troncos, ás convulsões das tempestades e vão arrastadas no turbilhão inconsciente!...

BARATA RIBEIRO.

---

### Panegyrico da Virgem Maria.

Se o grande Melchisedech, offerecendo aos céos um sacrificio novo e desconhecido no Antigo Testamento, mostrou de longe a pureza das oblações da lei da graça, deixando como uma especie de liturgia para o sacrificio de Jesus Christo, Maria, consagrando ao céu sua virgindade, virtude ainda não praticada no seu seculo, deu a conhecer, como diz S. Bernardo, que a uma lei toda carnal ia succeder outra toda espiritual. Esta foi a sua maior partilha, continúa S. Ildefonso, e ninguem lh'a poderia disputar. Eu ouço os gemidos de Sara esteril; eu vejo Rachel angustiar-se, porque o thalamo do seu esposo não florescia; eu vejo lá ao longe a filha de Jephté correndo desgrehada pelas montanhas, porque seu pai a obrigava a consagrar a Deus sua virgindade; eu vejo a mãe de Samuel debruçada no pavimento do sanctuario humedecido pelas suas lagrimas, queixando-se ao Senhor, porque era infecunda. To-

das as matronas de Israel ambicionavam a gloria, ou de entrar na genealogia de Jesus Christo, ou de ser sua mãe; porém Maria escolheu a melhor parte, offerecendo ao céo a sua virgindade, e ninguem pôde disputar-lhe a sua herança. *Maria optimam partem elegit*, etc. Não se viu, nem nos dias mais gloriosos de Israel, nem depois, uma mulher mais engrandecida do que Maria: ella appareceu no mundo para realisar todas as imagens que a tinham antecedido. Já as filhas mais celebres do seu povo tinham alcançado immensas riquezas; nos muros de Bethulia ainda soavam os louvores de Judith, tinta no sangue de Holophernes; ainda se engrandecia a prudencia de Abigail, que desarmou o braço de David suspenso contra Nabal; ainda se fallava da sabedoria de Debora, que prophetisava debaixo da palmeira; entre Ráma e Bethel e na torrente de Cison viam-se os restos dos carros, dos escudos e das lanças do exercito de Sisara, morto aos pés de Jahel; contava-se como um prodigio a humildade de Esther, que alcançou a vida para o seu povo, condemnado por Assuéro: estas mulheres foram as heroínas dos seus seculos; porém Maria apparece, as nações emmudeceram vendo entre si a mulher forte que o sabio apenas tinha pintado, mas que julgou impossivel sua existencia. Maria entra no mundo desherdada de todos os titulos de sua nobreza, sem nome, sem dignidade, sem riquezas; porém tinha virtude, era virgem, e eis-aqui a melhor parte que ella escolheu e que ninguem lhe ha podido disputar.

FR. FRANCISCO DE SAMPAIO.

---

### Panegyrico de S. Pedro de Alcantara.

Não, não poderei terminar o quadro que acabei de bosquejar: compellido por uma força irresistivel a encetar de novo a carreira que percorri vinte e seis annos, quando a imaginação está extincta, quando a robustez da intelligencia está enfra-



quecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do santuario, e eu mesmo pareço estranho áquelles que me escutam, como desempenhar esse passado tão fertil de reminiscencias, como reproduzir esses tranportes, esse enlevo com que realcei as festas da religião e da patria? É tarde! E muito tarde! !... Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho n'este pulpito, que ha dezoito annos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação afflictiva, um fantasma infenso e importuno, a pyra em que arderam meus olhos, e cujos degráos descí só, e silencioso, para esconder-me no retiro do claustro.

Os bardos do Thabor, os cantores de Hermon e de Sinai, batidos da tribulação, devorados de pezares, não ouvindo mais os echos repetirem as estrophes dos seus canticos nas quebras das de suas montanhas pittorescas, não escutando a voz do deserto, que levava ao longe a melodia dos seus hymnos, penduravam seus alaúdes nos salgueiros que bordavam o rio da escravidão ; e quando os homens que apreciavam as suas composições, quando aquelles que se deleitaram com o perfume do seu estylo e a belleza de suas imagens, vinham pedir-lhes a repetição d'essas epopéas, em que perpetuavam as memorias de seus antepassados e as maravilhas do Todo-Poderoso, elles cobriam suas faces humedecidas do pranto, e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas dos seus instrumentos musicos ao vento da tempestade.

Religião divina, mysteriosa e encantadora, tu, que dirigiste meus passos na vereda escabrosa da eloquencia ; tu, a quem devo todas as minhas inspirações ; tu, minha estrella, minha consolação, meu unico refugio, toma esta corôa. Se dos espinhos que a cercam, rebentar alguma flôr ; se das silvas que a enlaçam, reverdecerem algumas folhas ; se um enfeite, se um adorno renascer d'estas vergonteas já séccas, deposita-a nas mãos do Imperador, para que a suspenda, como um trophéo, sobre o altar do grande homem, a quem elle deve o seu nome e o Brazil a protecção mais decidida.

MONT'ALVERNE.

## Oração funebre do Exm. Sr. D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo.

Julgue-o embora o mundo pelas apprehensões com que os meros espectadores de um naufragio pretendem dirigir com mais acerto as manobras, em que se sacrificam as victimas da tempestade; eu não preciso, como Michol, substituir a David por uma figura imaginaria, para subtrahil-o á severidade dos homens. O Sr. D. Manoel fez quanto pôde nas torturas do tempo e das crueis enfermidades, com que sempre viveu.

Apenas se sentou no throno episcopal, sua palavra doce e amena exhortou aos seus diocesanos desde os mais elevados d'entre elles até o ultimo habitante do campo; expôz a todos os poderes do Estado as mais vitaes necessidades da igreja; reclamou o apoio de que precisava esta peregrina do céu para ter a liberdade de derramar seus beneficios; traçou com mão de mestre o caminho por onde o clero se pôde elevar á altura de sua missão divina. Eu sinto não poder reproduzir n'este momento tão primorosa pastoral, cuja leitura seria o mais completo panegyrico da sabedoria e do zelo do illustre morto.

Não ha dever que não esteja ahí lembrado, não ha virtude que não esteja recommendada, vicio que não recebesse um golpe. Quantos outros documentos de sua piedade e vigilancia, de seu saber profundo e vasto não nos legou elle n'esses diversos escriptos, com que enriqueceu a litteratura da religião e da patria! Em cada pagina vemos estampados a alma e o coração do homem que quiz fazer o bem, e, se não fêl-o todo quanto desejára, é porque deveria ter vivido em outras éras e possuir uma robustez de saude, que sustentasse as forças naturaes do seu espirito. Nós sabemos quantos genios se têm eclipsado por força de circumstancias, de que muitas vezes dependem a felicidade e a gloria d'este mundo. Se Heli, carregado de annos e enfermo, não teve a mão bastante forte para dissipar a nuvem,



que obscurecia o esplendor do sanctuario, foi todavia gloriosa a sua morte, perecendo de dôr pela arca santa.

Podemos dizer que o pontifice da igreja fluminense salvou em sua pessoa as preciosidades do templo, como Jeremias abrigára no monte Nebo o tabernaculo contra a invasão dos babilonios.

Que pureza, que simplicidade, que boa fé respiravam em seu semblante! sempre affavel e sereno, accessivel até a familiaridade, modesto e humilde até a abnegação de tudo e de si proprio! paciente até o martyrio! Ah! e que direi de sua caridade? A esta hora os suspiros de numerosas familias desgraçadas estão em diversas casas a prégar melhor, do que eu o faço aqui, os effeitos de suas liberalidades. Quantas viuvras e orphãos acordaram sem pão, que a mão bemfazeja do pastor lhes enviava! Quantos moços estudiosos, esperanças de suas pobres mãis, viram de repente cortados por esta morte os passos de sua carreira! Quantos hospitaes soccorridos com a distribuição que em vida elle fez de todo seu patrimonio! E, quando já não teve mais que repartir, vós o vistes pelas ruas d'esta cidade esmolando de porta em porta o obulo da piedade christã para soccorrer as victimas do terrivel flagello, que, como anjo do exterminio, rapidamente ceifou tantas vidas. Por toda a parte se ouve uma palavra de pezar; o povo se amontôa em alvoroço; cada qual, homens e mulheres, velhos e meninos, se esforça por vêr ainda uma vez o cadaver d'aquelle que passava abençoando-os, que afagava os pequenos, que a todos ouvia como a filhos, que não punha limites á bondade.

Honrado com diversas decorações nacionaes e estrangeiras, membro de varias associações litterarias, titular do Imperio, capellão-mór do mais benigno e piedoso dos monarchas, bispo da capital de um vastissimo paiz, com tantos titulos para excitar a vaidade, entretanto essa subtil paixão nunca alterou a humilde serenidade do seu rosto. Sua virtude não via em tudo isto senão uma sombra que passa e se desfaz, para deixar vêr tantas grandezas abatidas e envoltas nas trévas d'este lugubre

apparato. Ah! tanto esplendor reduziu-se a esses frageis destroços de uma victima que se ornou para o sacrificio.

Elle ahí jaz, frio cadaver, entregue á dissolução do sepulchro; as dôres do martyrio se prolongaram em seu peito, as angustias da morte lhe minaram a existencia pouco a pouco; só o espirito vivia para lhe dar a resignação de morrer abraçado á sua cruz. Tambem n'ella expirára o Salvador do Mundo, perdendo a todos e dando na morte altas lições á vida. Seguindo o exemplo do Divino Mestre, o prelado, que choramos, morreu dando provas de uma admiravel caridade. Seus labios moribundos não desmentiram a paz de sua consciencia, e a chamma da fé se mostrou viva e ardente n'este luzeiro prestes a extinguir-se. Seu ultimo suspiro é pela igreja universal; elle o symbolisa no auxilio que lega ao Seminario Americano, de Roma, e no emblema da redempção, tão rico na preciosidade da materia, como na expressão de filial adhesão e leal amor, que do fundo do seu coração envia n'essa hora suprema ao chefe dos bispos, ao martyr da unidade catholica, ao immortal Pio IX. Protesto pathetico e sublime, que responde a todos os votos do episcopado, tão magnificamente erguido ha pouco em torno á Sé de Pedro, quando, affrontando o oraculo divino, todas as portas do inferno se abrem de uma vez na tentativa sempre baldada de prevalecer contra ella.

Sacros levitas d'esta igreja afflicta, ah! não pertubarei por mais tempo os lugubres gemidos de vossas preces; continuai as funcções hoje bem tristes do vosso ministerio; orai por aquelle que tanto vos amou e que no segredo ineffavel de suas orações orou tambem por vós. Não ouvireis jámais sua voz doce e benigna; a mão, que a muitos de vós elevou ao sacerdocio, não receberá mais os vossos osculos filiaes; a fria rigidez da morte o tem esmagado n'este tumulo; mas sua alma vos abençoá ainda; e se a fragil humanidade, curvada ao peso dos infinitos deveres do officio pastoral, deixou algum resto de culpa, que a detem no lugar mysterioso da purificação, o sangue de Jesus Christo, que acabastes de immolar n'este altar, cahindo



sobre ella pelos vossos rogos, a leve á fruição de um eterno repouso.

CONEGO J. J. DA FONSECA LIMA.

---

### Sobre a questão da escravidão.

Em diversas Fallas do throno foi aventada esta questão, que era por assim dizer a que mais preocupava o nosso saudoso Imperador (*Apoiados.*)

Até que, em 1871, foi votada a lei chamada aurea, que libertou o ventre das escravas. De então em diante, Sr. presidente, ninguém mais nasceu no Brazil que não nascesse livre.

Hoje a execução d'esta lei tem dado ao nosso paiz talvez 500.000 cidadãos livres.

São escravocratas, ou foram escravocratas aquelles que propugnaram por essa lei e que a executaram?

Pareceu, porém, que o processo adoptado pela lei, era moroso; que nos levaria talvez meio seculo para que a escravidão completamente desaparecesse do sólo brasileiro. Então fomos testemunha, é de hontem, por assim dizer, dos esforços que o partido liberal fez para resolver o problema. Tambem fomos testemunhas de como decahiram todas as suas esperanças.

Ahi não se tratava de uma medida extrema como hoje se trata; e, não obstante, tal foi a opposição, que afinal foi mister que a lei de 28 de Setembro de 1885 fosse votada por accordo de ambos os partidos, ou da maioria, para ser exacto, de ambos os partidos.

Ninguém, que eu saiba, é senhor da sua sorte. Eu que n'essa cadeira em que está V. Ex., vivia uma vida commoda, esquecido das lutas politicas e servindo como que de linha de união entre as diversas opiniões n'este recinto, fui chamado para incumbir-me de organizar um gabinete, quando o projecto ainda não tinha sido transformado em lei.

Reluctei, reluctei, e para ser franco e de uma vez descrever com que reluctancia acceitei este encargo, bastará declarar ao Senado que quando sahi de casa e que alguns amigos e pessoas de familia me disseram que talvez eu fosse chamado para compôr o gabinete, respondi: « sou provedor da Santa Casa; quando voltar, mandem-me recolher ao hospicio de Pedro II. »

Isto explica o temor e mesmo a consciencia de que eu não me reputava capaz de arrostar com as difficuldades que previa.

Comtudo, a instancias do chefe do Estado e levado por uma especie de *vaidade senil*, entendi que podia, na posição que eu occupava entre os partidos, prestar este ultimo serviço á minha patria.

Dous annos e meio curti dôres e difficuldades; e ainda depois de alliviado do peso da responsabilidade, sou obrigado a vir expor ao Senado o meu procedimento, e defender a minha administração. De fôrma que estou fôra do poder, mas ainda sou responsavel!

Por ahi verá V. Ex. as minhas infelicidades. Pensei ser apoiado firmemente por aquelles que commigo haviam contribuido para que a lei passasse no Senado, porque já disse, eu fui apenas... não entrei em combinação na camara dos deputados.... fui apenas um simples portador.

Como dizia, contava eu com o apoio d'aquelles que me haviam coadjuvado para a passagem do projecto n'esta camara. Abandonaram-me com razão ou sem ella. Fiquei, portanto, unicamente responsavel tanto pelo passado, em que não tinha imputação, como pelo futuro na execução da lei.

A opposição, que logo nasceu no seio do Senado por um chamado erro, que ainda hoje não reconheço, do regulamento, deu motivo a este resultado.

Como consequencia, veio ainda a hostilidade de todo o partido liberal, não contra o ministerio sómente, mas contra a mesma lei.

Rememoro esta circumstancia, não para exprobrar aos no-



bres senadores o seu procedimento, mas para a minha justificação; e tambem para dizer que se o movimento abolicionista teve rapida marcha deve-o aos nobres senadores liberaes.

O SR. CANDIDO DE OLIVEIRA: — Apoiado.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE: — Foram elles que levantaram a questão de filiação desconhecida; foram elles que propuzeram, embora o governo concordasse, a abolição do castigo de açoutes; emfim, foram elles que nunca perdêram uma occasião, quer apresentando projecto, quer argumentando em diversas discussões para apressar e promover a prompta extincção da escravidão.

É portanto, não só uma ingratidão, como uma inexactidão, dizer-se que, n'este projecto vem envolvida a vitaliciedade do Senado.

Eu digo que triste das opposições, até hoje se não achassem n'este recinto um echo independente para defesa de seus direitos.

VOZES: Apoiado.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE: — Senhores, ainda mais: chamei para fazer parte do ministerio o nobre deputado que havia sido *leader* da opposição na camara dos deputados, quando se discutia a lei de 1885. Com elle se entendeu o meu honrado antecessor, o Sr. senador pela provincia da Bahia.

Mantivemos sempre os mais estreitos laços de confiança. É elle o autor responsavel do regulamento que foi dado para execução da lei. Deixou o ministerio, não porque lhe faltasse a confiança de todos nós, e especialmente a do presidente do conselho... (S. Ex. era um dos mais distinctos membros d'esse ministerio e tão distincto que hoje é um dos primeiros no que me succedeu)... mas porque as conveniencias parlamentares exigião que, na camara dos deputados, não houvesse sómente dous deputados ministros. Foi, pois, necessario que se retirasse aquelle ultimo que havia dado causa á retirada, e que quando se apresentou candidato tinha assentido em não continuar no ministerio, se nós assim o entendessemos.

Retirando-se com toda a nossa estima e toda a confiança, foi

substituído pelo digno ministro que ora assenta-se em frente a mim, o qual, tanto por ser deputado da mesma provincia, como pelos seus talentos e *savoir faire* (*hilaridade*), é actualmente um dos primeiros.

Ora, Sr. presidente, eu devia contar com todo o apoio do meu ex-collega; mas, já no fim da sessão do anno transacto, o Senado foi testemunha de que elle, por motivo de uma representação dos fazendeiros de Campinas, quasi que me intimou a apresentar na presente sessão um projecto modificativo da lei de 1885.

Entretanto, pelo que então expôz, as idéas de S. Ex. não iam até ao ponto a que chegaram agora.

O Senado conhece que difficuldades me creou tal declaração quasi no fim da sessão.

Outra infelicidade. Iam-se as cousas tranquillizando quando o illustre senador lembrou-se de convocar uma reunião de fazendeiros de S. Paulo, a que compareceram uns pessoalmente e outros com procurações de diversos.

A idéa do honrado senador paulista era dar o prazo de tres annos para que os lavradores se pudessem preparar, do modo o menos prejudicial, para a passagem do trabalho escravo ao trabalho livre; mas em taes materias não é licito parar; desde que se dá o impulso ao corpo por uma lei physica, o movimento se vai accelerando.

Não pôde, porém, o nobre senador fazer vingar as suas idéas; outros mais adiantados, e outros, me descu'pem se sou injusto, despeitados, redarguiram não tres annos, nem dous, nem um: é preciso que a liberdade seja immediata.

S. Ex. arreou bandeira; acceitou esta solução extrema. Qual o resultado?

Uma perturbação quasi geral em toda a lavoura de S. Paulo. Uns alforriavam os escravos, estes ou ficavam ou se retiravam; o vizinho não podia mais manter a disciplina na sua fazenda, e tambem era obrigado a seguir o exemplo ou via desaparecer todos os seus trabalhadores.



Diz-se que alli não têm havido estes inconvenientes. É senhores, porque nós não podemos saber qual é a extensão do mal que tem soffrido a lavoura de S. Paulo. Em todo o caso, argumentar de uma provincia, que tem recebido colonos em avultado numero, aos milhares, argumentar com aquellas para onde se encaminham os emigrantes, onde o thesouro do Estado, quer dizer tanto as provincias ricas como as mais pobres, tem derramado grandes sommas, para applicar o mesmo argumento áquellas provincias que, como o Rio de Janeiro, Minas-Geraes, ou como a Bahia não têm recebido um só emigrante, é considerar os negocios publicos por um lado muito erroneo e por vidros muito escuros.

Ainda hoje li no *Jornal do Commercio* uma estatistica que é official, e digo que li no *Jornal do Commercio* porque ainda não tivemos as informações do ministerio da agricultura. Por essa estatistica se vê qual é o numero de escravos que possuíam as provincias do Rio de Janeiro, Minas, Bahia e mesmo S. Paulo; anda por uns 62,000.

O que fizestes para conter este movimento, estas desordens nas fazendas?

Senhores, nas occurrencias de S. Paulo ha duas épocas muito distinctas: uma, em que os trabalhadores escravos desertaram das fazendas; outra, depois da reunião dos fazendeiros. Na primeira, o proprio nobre senador declarára que a força publica não devia ser empregada na manutenção da propriedade escrava; que a força publica não era destinada a servir de capitão do matto. Por conseguinte, menos poderia mandar apprehender homens que já tinham sido libertos. Como distinguir, entre os que fugiam, os que eram escravos e os que não eram?

Antes havia sido contido este movimento, quanto possível. As cousas iam um pouco melhoradas, ou menos mal em S. Paulo, quando a libertação as complicou.

Nas outras provincias nada appareceu. Em Campos o movimento havia sido suffocado.

Eis o modo por que o governo procedeu. Nunca poz obstaculos a todas as libertações voluntarias; ao contrario, muitas vezes as animou dando premios áquelles que voluntariamente praticavam este acto de caridade.

Não ha um exemplo com que se possa accusar o governo passado de haver posto uma pedra na marcha d'esse movimento voluntario; só poderá ser accusado por ter querido manter a lei. Ora este é o dever primordial de todos os governos.

Retirando-me do poder quando o nobre senador pela provincia de S. Paulo, que me substituiu, declarava não poder a força publica apprehender escravos fugidos; e mais, que as autoridades não deviam prestar apoio aos proprietarios, estava por esse facto feita a abolição.

Portanto, a extinção da escravidão que ora vem n'este projecto não é mais do que o reconhecimento de um facto já existente. Tem a grande razão, que reconheço, de acabar com esta anarchia, não havendo mais pretextos para taes movimentos, para ataques contra a propriedade e contra a ordem publica. Eis como considero a vantagem do projecto.

Essa lei, tão malsinada de 1885, demonstrou que os brazileiros, por iniciativa propria, haviam ruduzido a classe dos escravos á metade, ou quasi metade, attendendo á parte, que pertence á morte.

Verificado este facto, continuou durante a lei de 1885, não só o movimento das libertações voluntarias, como segundo as estatisticas que o nobre ministro confirmára, só em sexagenarios foram libertados mais de 100 mil.

Quando a historia registrar todos esses factos, ver-se-ha que a cada um tocou seu trabalho e a cada um a honra d'esse trabalho; uns começaram, outros levantaram mais uma pedra, outros finalmente coroaram o edificio. Mas pretender-se que a solução hoje é a condemnação de todos quantos praticaram os actos anteriores é a mais flagrante injustiça que se pôde imaginar.

Senhores, ha ainda um ponto de que me devo defender, e é mais politico do que social:



« Ora segundo aqui declarastes na occasião das explicações sentistes que vos ia faltando a confiança da corôa e auguraveis a retirada do ministerio; por que razão immediatamente não depuzestes as pastas? »

Trago este ponto, porque me consta que alguem disse que o ministerio, assim não praticando, havia faltado á dignidade. Ora em actos de dignidade, eu desafio a esse senhor, e a qualquer outro, que me dê lições.

Sr. presidente, eu tinha uma responsabilidade perante a corôa, tinha uma responsabilidade perante um partido, tinha uma responsabilidade ainda mais alta perante a nação; para mim tinha a minha consciencia. Depôr as pastas quando eu procurava dar á Regente do Imperio occasião para, á vista do pronunciamento das camaras, decidir-se pelo que fosse mais util ao nosso paiz, era uma precipitação. Quantas vezes soffremos, não em nossa dignidade, mas em nosso amor proprio, e somos obrigados a disfarçar para não commetter algum acto que nos possa ser imputado ou a má fé, ou a indiscrição, ou mesmo a precipitação.

Finalmente, senhores, vou pronunciar mais uma razão que ha de agradar aos dous illustres adversarios e ser censurada pelos meus correligionarios; a saber: que, na minha opinião, o poder n'esse caso devia passar aos liberaes.

O SR. CANDIDO DE OLIVEIRA: — Perfeitamente.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE: — E porque? Serei franco, tanto quanto o moribundo dictando seu testamento. Não tenho aspirações, nem ambição senão de servir o meu paiz; hei de fallar-lhe a verdade, seja contra quem fór. Perdõem-me os meus illustres correligionarios; foi um erro, que não passasse a ser feita pelo partido liberal a solução d'essa medida radical, e mesmo sem ser radical, esta ou outra qualquer. O ministerio de que eu fazia parte, não podia propôr na lei modificações que fossem acceitas pelo partido liberal; seria continuar a luta sem gloria e sem vantagens, perturbando todas as outras relações do poder legislativo com o poder executivo.

Pois os conservadores dir-me-hão que puderam fazer a lei de 1871, que puderam, mas aqui com alguma differença, tomar a responsabilidade da lei de 1885, não podiam tomar a responsabilidade d'esta?

Não podiam; esta responsabilidade é muito maior, porque d'esta lei ha de vir a transformação dos partidos. O nobre ministro da justiça, tão censurado porque em um banquete fez a declaração, que o ministerio de 10 de Março trará a recomposição dos partidos, fallou a verdade...

O SR. CANDIDO DE OLIVEIRA: — O ministerio nada tem de conservador.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE... e tanto mais conscienciosa quanto S. Ex. achava-se em um banquete e ahí não ha reservas. (*Risadas.*)

Se o poder fosse ter ás mãos dos liberaes, a consequencia seria o abandono de todos os partidarios liberaes que são contrarios á rapida extincção da escravidão, esses viriam augmentar a força e o numero do partido conservador.

Agora, ha de acontecer o inverso; os conservadores vão ser liberaes, não digo que todos; mas grande parte: muitos ficam indifferentes; o partido enfraquecido, terá de reorganizar-se debaixo de outro ponto de vista; porque haverá sempre um partido conservador na sociedade, mesmo nas republicas.

Demais, se o partido liberal tomasse a si a solução da questão, tenho convicção de que elle faria mais alguma concessão; e n'este caso, auxiliado por nós outros, a sustentaria.

Sr. presidente, ninguém acreditar no futuro, que se realizasse com tanta precipitação e tão poucos escrupulos a transformação que vai apparecer.

A propriedade sobre o escravo, como sobre os objectos inanimados, é uma criação do direito civil. A constituição do imperio, as leis civis, as leis eleitoraes, as leis de fazenda, os impostos, etc., tudo reconhece como propriedade e materia tributavel os escravos, assim como a terra.

D'essas relações sociaes, da incarnação, por assim dizer, da



escravidão no seio da familia e no seio da sociedade, resultaram relações multiplas e obrigações diversas. E de um traço de penna se legisla que não existe mais tal propriedade, que tudo quanto podia ter relação com ella desaparece, que nem contratos, nada absolutamente pôde ter mais vigor!

O proprietario que hypothecou a fazenda com escravos, porque a lei assim o permittia, delibera de seu motu proprio alforrial-os: o que pela nossa lei constitue um crime, e é por isto remunerado!

Os brancos, os particulares, adiantaram sommas immensas para o desenvolvimento da lavoura, das fazendas. Que pereçam!

Emfim, senhores, decreta-se que n'este paiz não ha propriedade, que tudo pôde ser destruido por meio de uma lei, sem attenção, nem a direitos adquiridos, nem a inconvenientes futuros!

Sabeis quaes as consequencias? Não é segredo; d'aqui a pouco se pedirá a divisão das terras, do que ha exemp'lo em diversas nações, d'esses *latifundia*, seja de graça ou por preço minimo, e o Estado poderá decretar a expropriação sem indemnisação!

E, senhores, dada a differença entre o homem e a cousa, vê-se que a propriedade sobre a terra tambem não é de direito natural. Não é aquella propriedade natural de que falla o juriconsulto Cardoso.

Esperem, o primeiro passo é que custa a dar; depois...

É um dos inconvenientes, Sr. presidente, que noto, no modo por que se quer resolver esta questão, pura e simplesmente; acrescentando sempre, *em nota*, que não havia outro remedio.

Sou constringido a dar as razões por que não invejo a gloria que será, no futuro, uma gloria da humanidade.

Passemos a considerar qual será a sorte da nossa lavoura.

Ouçõ elogios, dithyrambos sobre o reinado de Saturno, que vai surgir com o desaparecimento da escravidão.

A verdade é que ha de haver uma perturbação enorme no

paiz durante muitos annos; o que não verei talvez, mas que aquelles a quem Deus conceder mais vida, ou que forem mais moços presenciarão.

Se me engano, lavrem na minha sepultura este epitaphio: « O chamado no seculo Barão de Cotegeipe, João Mauricio Wanderley, era um visionario! »

Tenho algum conhecimento das circumstancias da nossa lavoura, especialmente das provincias que citei em principio; e afianço que a crise será medonha. Escaparão do naufragio muitos, uns que já estão munidos de *salva-vidas*; outros que, no meio do naufragio, apanharão alguma taboa, em que se salvem; outros finalmente, que lucrarão quando o navio vier dar á costa. Mas a crise ha de ser grande. Estarei illudido, estimarei mesmo estar; porém a convicção intima que me domina, não me permite que eu pense diversamente. Acompanho a sorte do meu paiz; para onde hei de ir? Sou d'aquelles que aqui nasceram e aqui hão de morrer, se não me deportarem algum dia. (*Risadas.*)

BARÃO DE COTEGIPE.

---

### A resurreição de Christo.

A pallida e enrugada morte, sim, pôde empregar em nós o seu furor; pôde lançar-nos as suas frias e mirradas mãos, opprimir-nos com as suas pesadas cadeias, machinar a nossa destruição; pôde tirar-nos por algum tempo de cima da terra, precipitar-nos nas suas entranhas, confundir as nossas cinzas com as da sepultura; porém o vencedor Omnipotente, cuja victoria celebramos hoje, lhe exigirá de nós uma conta restricta no dia pavoroso do seu tremendo e universal juizo. Elle, elle lhe arrancará das mãos as victimas, sobre que ella descarregou os seus inexoraveis golpes, e nos restituirá um corpo mil vezes



mais bello do que aquelle de que ella nos despojou: um corpo semelhantemente ao seu, *configuratum corpori claritatis suæ*.

Á vista, pois, de tudo isto, senhores, deixemos muito embora a emperrada synagoga trilhar os caminhos criminosos da impostura e da cegueira; deixêmol-a infelizmente excogitar frivolos pretextos com que procure entenebreecer os mais augustos de todos os mysterios. Embora, muito embora os guardas subornados digam pelo orgão da inconsequencia e da mentira, que os discipulos roubaram o sacrosanto cadaver, quando elles estavam entregues ao somno. Insensatos!.. se dormieis, então, como vistes? Quando a iniquidade vos suggeriu um semelhante pretexto, replica Santo Agostinho aos chefes da synagoga, vós, ainda mais que os mesmos soldados, ereis os que dormieis.

Nós, porém, que no mais profundo do nosso abatimento, persuadidos da grandeza d'este relevante mysterio, o reconhecemos e adoramos; que apinhados no templo de Deus vivo, deixando subir em enrolados e grossos turbilhões o vapor suave do incenso, cantamos hoje, á face thuricrema dos altares sacrosantos, as vantagens, os triumphos do nosso reparador victorioso; que n'este alegre dia de consolação e de jubilo vemos esmigalhar-se o enferrujado grilhão da culpa de origem, e que já não somos os desconsolados captivos; que, sentados á margem paludosa da Babylonia criminal, choravam as lembranças da sua amada Sião, vendo pender dos verdes salgueiros as emmudecidas citharas; devemos por tanto imitalo nos seus trabalhos para participarmos dos seus premios.

Foi necessario que Jesus Christo padecesse para entrar no esplendor da gloria de seu Pai; e não será preciso que nós sofram por gozarmos os fructos da sua resurreição?

Não passemos os instantes fugitivos da vida lubrica e mal segura reclinados nos braços da distracção e da ociosidade. É necessario pelejar para colher a palma da victoria; pois o mesmo Justo não é tão glorioso no descanso como nas perseguições,

que decidem do seu character ; porque vencer o inimigo, quando elle acommette, é prova de constancia.

Ser virtuoso, quando não se encontram obstaculos, é ser perfeito ; porém conservar a perfeição no meio das contradicções é ser verdadeiramente santo.

Job não seria o modelo da paciencia, se não fosse o heróe dos trabalhos.

José, antes que fosse o rei do Egypto, já tinha sido o seu escravo. O carcere foi o estreito limite do seu abatimento, antes que o throno fosse o espaçoso lugar da sua exaltação ; e as mãos, que sustentavam o sceptro, já tinham supportado as cadeias.

Trilhai, pois, as veredas dos santos, e vós caminhareis felizmente á morada celeste, aonde a luz e prazer existe e dura, aonde a virtude e a luz é sempre a mesma.

VIGARIO FRANCISCO FERREIRA BARRETO.

## CARACTERES E QUESTÕES POLITICAS E SOCIAES

### Santa Rita Durão.

Já sendo conhecido como bom poeta, desejou perpetuar em um poema epico as grandezas naturaes e profusas riquezas de sua patria, e engenhou o poema, a que intitolou *Caramurú*, que appareceu impresso em Lisboa em 1781.

Por esse tempo, residia no hospicio do Colleginho de Santo Agostinho, de que o padre Durão era prior, o não menos celebre padre José Agostinho de Macedo, autor dos *Novos Gamas*, da *Meditação* e outras estimaveis producções, que se lhe offereceu para escrever as estancias do poema, que elle dictava ; e isto acontecia pela manhã, indo á tarde o padre Santa Rita Durão corrigil-as, assentado debaixo das arvores da cerca do hospicio do Colleginho.



- Não tendo tido o seu poema a aceitação que desejava, rasgou as muitas composições poeticas que conservava, e, adoeccendo, falleceu no dia 24 de Janeiro de 1874, sendo sepultado na igreja do mesmo hospicio.

Era Fr. José de Santa Rita Durão de altura mediana, cheio de corpo, tcz morena, rosto picado de bexigas, serio de caracter e muito ameno quando tratado.

O padre José Agostinho de Macedo o estimava e apreciava, e d'elle apregoava as virtudes e os talentos. Depois da sua morte o poema *Caramurú* foi adquirindo reputação, e alguns criticos, talvez por parcialidade, o collocaram depois dos *Lusiadas*; porém o que se não póde negar é que o padre Durão, obedecendo ás regras da epopéa, tratou e desenvolveu, como ninguem, os episodios, e escreveu com elegancia de estylo os sentimentos na pintura dos costumes dos selvagens do Brazil.

Ha episodios no poema *Caramurú* e narrativas de uma belleza indizivel, e descripções originaes feitas em cadentes versos.

D'entre os muitos e variados episodios sobresaem alguns, como a da metamorphose do indio em estatua de pedra, assentado na ilha do Carmo, mostrando o fertil e rico Brazil á velha Europa; o de Moema, morrendo afogada, junto da não franceza, nos mares da Bahia; a marcha dos indios para a guerra, e outros, que são de uma perfeição incomparavel.

Ha no poema *Caramurú* uma superioridade a todos os épicos que o precederam, digna de elogio, que, sendo todos elles christãos, serviram-se das divindades do paganismo, no maravilhoso dos seus poemas, consorciando-as com o christianismo, enquanto que Durão, saltando por sobre a mythologia, se apresenta exclusivamente um épico christão, invocando o auxilio do Sér Supremo, como se póde vér da sua proposição e invocação.

O padre Fr. José de Santa Rita Durão em todo o seu poema revela o maior enthusiasmo patriótico nas descripções das provincias, arvores e fructos do Brazil, sendo o seu poema uma

chronica verdadeira e fiel dos costumes, leis e religião, dos incolos brazileiros.

DR. MELLO MORAES.

---

### Junqueira Freire.

Na época em que Junqueira Freire começou a ser conhecido como poeta, havia na Bahia um grupo de poetas, que com suas harmonias protestavam contra o prosaismo que os rodeava.

Formavam esse grupo: Francisco Muniz Barreto, o repentista estupendo, o poeta-soldado, que acertou de abjurar a litteratura classica pelo romantismo; Manoel Pessoa da Silva, o nosso Juvenal; Gualberto de Passos, tambem repentista e ameno cantor; Agrario de Menezes, um dos fundadores do theatro brazileiro; Laurindo Rebello, o trovador sublime; Rodrigues da Costa, um estro scintillante; Augusto de Mendonça, lyra melodiosa; emfim, Adelia Rebello, emula da poetiza Desbordes-Valmore.

Junqueira Freire era bemvindo para todos, seus comprouvianos, excepto Laurindo.

O que é feito d'elles? O que é feito? Os que não foram petrificados pela cabeça de Medusa da adversidade, a morte arrebatou-os, como a Junqueira Freire.

Muniz Barreto desceu ao tumulo outro dia, admirado e pranteado; Laurindo soltou o seu canto de cysne e expirou resignado no seu catre; Gualberto de Passos enlouqueceu de pezar e depois morreu; o joven Agrario, em uma noite de espectáculo, cahiu morto de repente ao lado de sua esposa, no seu camarote do theatro de S. João, n'esse mesmo camarote d'onde elle tinha recebido de uma platêa illustrada as mais estrepitosas ovações.

Que saudoso necrologio!



Quando Gonçalves Dias esteve na Bahia, em commissão do governo, viu de perto todos esses seus irmãos em arte e seus admiradores.

Elle afeiçoou-se a Junqueira Freire, que rendeu-lhe preito e homenagem dedicando-lhe *O Apostolo entre as gentes*, poemeto vasado no molde do *Moïse*, de A. de Vigny, e que faz lembrar a maneira do autor das *Poesias Americanas*.

A principio Junqueira Freire pretendia publicar todas as suas poesias fugitivas, reunidas em uma só collecção com o titulo de *Contradições Poeticas*. N'esta collecção estavam incluídas sob a classificação de *Poesias orthodoxas* as que ao depois foram incorporadas na collecção especial das *Inspirações do Claustro*. É por isso que estas poesias, a que o prologo das *Contradições Poeticas* allude, não figuram mais ahi.

As duas collecções, hoje separadas, não se podem portanto considerar obras distinctas, quanto á circumstancia do tempo da sua composição; ellas são congenitas.

Em uma e outra Junqueira Freire revela em alto gráo todos os predicados de poeta. Elle nasceu poeta, sim, e, se lhe perguntarem porque canta, responderá mui singelamente:

« Porque Deus poz em meu peito  
Um thesouro de harmonia:  
Deu-me a sina de seus anjos,  
Deu-me o dom da poesia. »

A imaginação ardente dos tropicos empresta a cada momento um colorido vivo e brilhante ás scenas e ás figuras que representa.

Das descripções as mais simples elle passa a descripções realmente sublimes, graças á variedade das tintas de sua delicada palheta, e suas pinturas, geralmente correctas, fazem esquecer alguma comparação impropria ou obscura que lhe tenha escapado da penna no jacto da phrase adornada.

Bem que supponha cantar menos pelo sentimento que pela razão, os seus assumptos são profundamente inspirados — e

sua lyra percorre por bem dizer a escala dos sentimentos humanos.

Sabe assimilar esses sentimentos e traduzil-os com talento, muitas vezes com genio, e sempre com graciosa e energica propriedade.

É por isso que suas poesias, eminentemente originaes, têm o cunho do verdadeiro lyrismo. É por isso tambem que ellas são de fino quilate, sem a liga de cobre da imitação ou da affectação. É por isso em summa que ellas merecem a qualificação adoptada na lingua ingleza pela bella expressão *poetrys of heart*.

A fórma que revestem, satisfaz ás exigencias da linguagem poetica. Na verdade, o poeta possui os segredos da dicção e do estylo, e, embora declare com respeito ás *Inspirações do Claustro*, que seus versos parecem aspirar a casar-se com a prosa medida dos antigos, o mais ligeiro exame attesta que elles nada têm de commum com o rhythmo da poesia antiga, quanto mais com a prosa a mais cadente e harmoniosa. São versos syllabicos legitimos.

O que elle, pois, quiz exprimir com semelhante observação, creio que foi certa simplicidade, certa falta de artificio que a sua versificação offerece em muitas peças d'aquella collecção. Adstricto, porém, a este processo — se ahí ha processo — o poeta não exclue o emprego da rima, que aliás maneja com destreza e flexibilidade, sem cahir no defeito dos consoantes estafados ou muito excogitados.

Junqueira Freire teve suas horas de scepticismo. Não era factivel que as tivesse aquelle a quem longos dias de tribulação couberam em partilha? Depois, qual o poeta, por mais piedoso que seja, desde Job até Lamartine, que não tenha sido passageiramente sceptico?

D'ahi nasce uma especie de contraste no tom de seus versos.

Elle antes de todos o denuncia, quando, no das *Inspirações do Claustro*, nota que sentia, como por instincto, que muitos, lendo o seu livro, diriam que elle é « uma collecção de orações e de blasphemias ».



Este mesmo contraste lhe suggere o titulo das *Contradições Poeticas*.

Elle, porém, explica o antagonismo de idéas que tende a romper aqui ou alli o accordo de seus canticos, antagonismo que bem apreciado é mais aparente que real.

No tocante a seus sentimentos religiosos, enganar-se-hia quem tomasse a sério o seu racionalismo, que não passa de uma impressão accidental, devida tambem á leitura dos encyclopedistas.

Nem Voltaire, nem todos os satellites d'este astro funesto lhe cretaram no espirito uma só das augustas verdades do catholicismo.

FRANKLIN DORIA.

---

### José de Alencar.

Em suas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos* acham-se como registrados todos os progressos d'estas influencias. Como na crosta de um terreno de formação recente, alli encontra-se a historia de todas as camadas que se foram superpondo á lava primitiva e com ella se amalgamaram. Um exame cuidadoso d'estas cartas mostra quanto attrahiram sua imaginação os Hafis de todas as litteraturas, os fulgores do genio oriental; mas como sua sensibilidade não se coadunava com os rigores e enormidades fulminantes, com as agruras apocalypticas das imaginações puras, mais de uma vez teve de esgueirar-se pela melancolia, que inspiravam certos aspectos da natureza. Assim vemos as brutaes e candentes manifestações de Hugo, quebradas pela fibra Chateaubrianica e Lamartineana, e fundirem na alma do poeta uma luz harmoniosa, uma claridade benigna que, envolvendo toda a natureza, a transforma em uma fantasmagoria. Aos seus olhos o sol não abrasa, antes obriga-nos a viver deliciosamente; a seu influxo tudo se doura, tudo se torna

diaphano, tudo se desfaz em suavidades, no seio das quaes o amor vivido se dilata em ondulações voluptuosas. Occulta-se o enorme, desfazem-se os aspectos terriveis, para só se lhe revelar a louçania, o mimo, a garridice, os caprichos e as faceirices da prolifica Ceres. É assim que elle lamenta « que o sol de sua terra, esse astro cheio de luz e de esplendor, não inspirasse ao Sr. Magalhães versos mais repassados de enthusiasmo e poesia. » « Se fosse poeta, dizia o futuro autor de *Iracema*, se quizesse compôr um poema nacional pediria a Deus que me fizesse esquecer por um momento as idéas de homem civilizado, e, embrenhado pelas mattas seculares, contemplaria as maravilhas de Deus; veria o sol *erguer-se no seu mar de ouro*, a lua deslizar-se *no azul do céu*, ouviria o murmurio das ondas e o echo profundo e solemne das florestas. »

A luz constitue toda a vida de sua poesia, mas uma luz temperada e coada através de um coração amoroso e terno, sem excessos, as trévas repentinas, as tristezas, as magoas, os pesadumes dos seus mestres Chateaubriand e Lamartine de quem só o captivaram o doce orvalhar dos olhos e as scismas de uma tarde esplendorosa.

« Cada um dos raios do sol era um poema, cada uma das scintellas de sua luz uma poesia brilhante, cada um dos instantes de sua carreira um cyclo em que a imaginação percorria outros mundos, outras éras remotas e desconhecidas. »

Farto d'essa luz candida, « a natureza americana, tão cheia de vida, e encanto », não lhe inspirará senão um delicioso sentimento da existencia. Todos os objectos ao doce calor dos tropicos se hão de mudar em maravilhas, e os personagens, creados ao bafejo de sua fulgida imaginação, sob a abobada azul e diaphana do céu, hão de participar dos caprichos d'esse sol que o poeta contempla com os olhos engolfados na linha profunda do horizonte, « a reclinar-se sobre um leito de nuvens, cobrindo com seus reflexos de ouro e purpura os vapores ligeiros que se deslisam aos sôpros da brisa da tarde. »



Nada n'esse espirito se annuncia que não seja rutilo, ethereo, suayemente resplendente.

A patria de tal artista é uma especie de Arabia encantada, ao nde a vara magica do genio concede a tudo tintas de felicidade. Esta é a terra do amor. Mas que amor! um amor-edenico e ao mesmo tempo caprichoso, como só o oriente sabe produzir. O amor que elle aspira é um « d'esses amores poeticos, innocentes, que têm o céu por docel, as lianas verdes por cortinas, a relva do campo por divan, e que a natureza consagra como mãi extremosa ».

Não é de admirar, pois, que a mulher, atravessando esses sonhos, não se apresente senão com uma *nimiedade* gentil, cercada de canduras e de *tics* infantis, e que todas a suas concepções propendam para o que a natureza contém em si de mais tenue, perfeito e delicado « no frouxo roçar das avores, nos murmurejos das ondas, no cicios da brisa, nas *folhas de rosa* da harmonia ». Os typos, que mais lhe entram no coração são Eva de Milton, Haydêa de Byron, Atala de Châteaubriand, Cora de Cooper.

Tudo n'aquellas cartas está denunciando o *gracil* que para José de Alencar tinha-se constituido a fórmula da poesia.

É como não assim, se no estadio de sua vida a que nos referimos, graças a disposições de seu espirito, elle não podia enxergar senão o vivaz, o interessante, a gentileza! Os escriptos, portanto, referentes a todo o periodo que foi regido por este movimento expansivo, resentem-se d'este traço caracteristico — da luz diaphana, do encantamento caprichoso, gracil e sorridente que se diffundia por sua alma de artista.

Veremos mais tarde todos estes elementos condensarem-se em verdadeiras obras.

O que é certo, e se torna bem patente pelas cartas alludidas, é que não houve autores que concorressem tão poderosamente para a formação do estro de José de Alencar como os poetas, os escriptores de veia oriental, nomeadamente Victor Hugo, e os confidentes do coração, Chateaubriand, Lamartine e Bernar-

din de Saint-Pierre; os primeiros como coloristas, os dous seguintes calcando-lhe profundamente o sentimento da paizagem, e o ultimo infundindo-lhe no animo as gottas mais dulçorosas da vida e do amor. De semelhante fusão nasce o traço já indicado; e a poesia se lhe affirma por toda a parte, como a ternura da natureza revelada pelo som, pela côr, pela fôrma, pela luz, pela sombra e pelo perfume.

É cheio d'este sentimento que José de Alencar volve-se para o seu bello Brazil, « filho do sol, cheio do seu brilho e luxo oriental », e, tendo-o estudado através das velhas chronicas de Simão de Vasconcellos, Lery, Gabriel Soares, Rocha Pitta e outros, projecta a miragem que occupava seu espirito sobre a realidade para convertêl-a n'um eden, onde sua fantasia viverá como em um paiz conquistado.

« A flôr da parasita, o echo profundo das montanhas, a restia da sol, a folha, o insecto fallarão com eloquencia a seus sentidos, » e indulzil-o-hão a crêr com os aborigenes em uma terra toda illuminada pela theogonia que Thevet depurou de entre superstições esparsas. Como os nheengaraçaras tupis, elle enxergará o beija-flôr, o guaynumby conduzindo as almas dos selvagens para alem das montanhas azues, e encontrará por toda a parte « esta flôr celeste que iria-se de lindas côres aos rigores do sol, » adejando como genio benefico que se incumbe de supprimir aos olhos do poeta as torpezas das regiões tropicaes.

Rios esplendidos deslisarão através de florestas magnificas; cascatas soberbas scintillarão, despenhando-se do alcantil das montanhas, lagos através dos quaes singlará a canôa do indio guerreiro amoroso se mostrarão a seus olhos avidos de gozo; e no Brazil de sua imaginação, clareado pela luz magica e electrica, entrarão com elle milhares de olhos tambem cubiçosos, que acreditando julgarão viver com sêres fantasticos do passado.

E será no oasis, creado por sua fantasia no meio de um deserto de imaginações aridas, que o autor do *Guarany* fará



habitar um sem numero de entidades, que, uma vez contempladas, nunca mais se esvaecerão da memoria.

ARARIPE JUNIOR.

---

### Antonio Carlos.

Antonio Carlos, a figura que a estima publica, a admiração geral e a tribuna notabilisaram, sustentava principios os mais desconnexos com as suas crenças de liberalismo politico.

Na tribuna — elle impera. Na luta — inflamma-se. É um artista nos combates da palavra, como o gladiador no circo.

Sabe a esgrima parlamentar, e tem, as vezes, os impetos da eloquencia viril, accesa nas reminiscencias do revolucionario de 1817.

Exerce, com supremacia, o pontificado da idéa. Seu pensamento tem ephemeras illuminações. Na palavra a eloquencia scintilla e agita-se. Sua consciencia revela-se imponente e magestosa nos brados de um patriotismo altivo e intratavel.

Ha no gesto do orador um não sei que da selvageria do indio. No tom da voz — ora a solemnidade do oraculo, ora a rudeza do despotismo, que manda e quer ser obedecido.

O sentimento da propria superioridade o irrita ante as aggressões dos contendores.

Não lhe falta previdencia no espirito, nem flexibilidade na vontade através das sinuosidades da politica. Em Antonio Carlos o artista domina o politico; o orador prejudica o estadista. Nos lances, em que corre em defesa do poder, o serve, a seu modo, com todas as violentas e soberbas energias do seu character.

É um talento que desdenha fingidas modestias; é o orgulho de si que a si mesmo adora. Consciencia nobre, abraça-se em um incendio de soberanas ambições. Aspira, quer e cré ter o mando, defendendo o governo com protectora sobrançeria. Jul-

ga-se o primeiro, e esta preeminencia, que, se lhe não desperta, o torna intoleravel á força de ostentosa exaggeração.

Este nobre espirito abate-se até a ser instrumento do poder, que ataca e viola impudentemente a liberdade individual, violenta a consciencia, impõe o arbitrio como regra nas manifestações do pensamento do cidadão.

A palavra de Antonio Carlos legitima todas as deploraveis aberrações : defende a obra do despotismo no alvará de 30 de Março de 1818; nega ao cidadão o direito natural de petição; esquece-se de que a supplica escapa-se involuntaria das almas que soffrem, é um laço de intima e mysteriosa relação, na qual o homem — que é fraco, eleva-se a Deus — que é omnipotente.

Nas inopinadas improvisações, nos surtos da vaidosa supremacia intellectual, derrota o projecto da lei de amnistia, arrebatou o perdão aos culpados que o imploram. Prodigio de subtilidades escolasticas, expõe á contemplação maravilhada do parlamento — um espirito irrequieto, afflicto e ulcerado de ambição, no qual ressumbram as amarguras inseparaveis das grandezas humanas.

Quando contémpla-se este homem de pé na tribuna, convicto da alta missão, que desempenhava, pôde-se ainda hoje avaliar qual seria o enthusiasmo de suas palavras, o orgulho de si mesmo e o insolente desdem com que tratava os adversarios.

Ás vezes parece lutar braço a braço com varios contendedores, offegante, mas imperioso; confrangido, mas invencivel; estendido, exaustado, mas respirando ainda aquella viril e feroz audacia, que Sallustio pinta nos rostos dos soldados mortos de Catilina.

Um mixto de Mirabeau pelo impeto eloquente, alguma cousa de lord Chatam pelo orgulho e dominação, certas vaidades artisticas e levezas politicas de Cicero pela adoração do proprio nome, formavam em Antonio Carlos um homem de Estado incompleto, um chefe politico incapaz de guiar e dirigir um par-



tido, realisar uma politica elevada previdente, que faz vingar as idéas e felicitar os povos.

Antonio Carlos tinha não só o anhelos, mas ainda a vertigem da grandeza : ostentava as insoffridas insolencias do talento, as tumultuosas aberrações dos homens de genio real ou presumido.

Embuçado na toga do orador antigo, elle fallava com a vaidade de Cicero, com a solemnidade de Demosthenes e com a olympica magestade de Pericles.

Imperioso e irascivel, trovejava no parlamento, não poupando adversarios nem amigos. Fluctuando em todas as opiniões, debatendo-se em contradicções, tornava-se um arrogante sophista, que trazia á tribuna parlamentar as extravagancias de um talento fantasioso, morbido, iracundo e inconsequente.

Os que o conheceram moço e os que o viram já velho affirmam que a mão do tempo, curvando-lhe a fronte, não conseguiu nunca apagar-lhe n'alma as labaredas do orgulho.

A obra que apprehendeu, não n'a soube fazer. A liberdade, que amava, comprometteu-o nas imprudencias do orgulho, e abandonou-o estortegandó-se sob o tacão da bota imperial.

Tal foi Antonio Carlos na constituinte, como orador e estadista ; tal ha de julgal-o a posteridade, quando emmudecer a voz da idolatria dos contemporaneos.

Os Andradas têm graves e tremendas responsabilidades perante a historia.

EUNAPIO DEIRÓ.

---

## João Caetano dos Santos.

### O ACTOR

A cada templo sua divindade, a cada corpo a sua sombra, a cada instituição o seu espirito, a todo o facto a sua historia, e a todos os actos da intelligencia — admiração, quer na sen-

da do bem, e n'este caso é o louvor que ennobrece ; quer na senda do mal, e n'este caso é a lei que abate e a justiça que pune.

Se cada um povo tem na sua historia horas de resplendorosa elevação, a par de momentos de cruciantes decadencias, a vida d'este povo brasileiro tem phases ricas de tradições gloriosas e opulentas de recordações humilhantes.

Abatido e caminhando duvidoso para a conquista de sua immortalidade artistica, que a hodierna e a postera geração hão de sancionar, João Caetano, o rei da scena brazileira, parecia antever a morte, quando, contrariado e cheio de indignações por um desespero que a ultima reflexão aconselha — partiu para Europa.

Tendo aqui vencido a indiferença e o temor dos litteratos, do espirito apoucado e sem vistas dos seus adversarios; já nobilitado e acceito como o primeiro artista d'este Imperio, quiz ir á patria de Herculano e Rebello dar provas de seu civismo, agradecendo á Magestade Real — a demonstração de apreço, pela qual foi com toda justiça e conveniencia — remunerado dos serviços que fez e prestou a Portugal.

A antiguidade teve desazos e frivolidades, que nós — *mais sabios e morigerados* — não temos praticado.

Levantou estatuas aos reis vencedores e memorias de excreveis nodos ficaram escriptas para protestar, se essas estatuas eram levantadas para bem do poder.

Quando o povo recompensava a dedicação dos seus heroes, manifestava reconhecimento da influencia e do prestigio dos genios nas artes, nas lettras e nas sciencias, erguia monumentos.

A arte plastica e a esthetica, tudo que o bello perpetua na tēla e na estatuaria; tudo quanto o pensamento realisou e a imaginação deu fôrmas gigantescas; tudo quanto celebrizou as nações e contribuiu para a gloria dos governos, tem merecido dos poetas e historiadores estudos comparados, e pelo estimulo que produzem essas analyses, têm apparecido competidores



que disputam á porfia, na escala de suas aptidões, um lugar de honra, e como que esse esforço se traduz por uma conspiração contra as celebridades que existiram.

É esta a lei da ordem physica, de que as leis moraes são corollarios.

No prado achareis, ao lado de um broto solitario, um arbusto que o excede, ou na altura da haste, ou em maior numero de estames.

Hontem a idéa anão, passa hoje a ser — gigante. A mediocridade que se esforça, chega a desarmar a intelligencia que não cultiva-se, e por uma bem entendida condescendencia admira-se mais a *mediocridade que se obstina do que o genio que se corrompe*.

Não tem esta sentença applicação a João Caetano.

Nem ha borrões que apaguem a grande figura do painel dramatico, ou nuvens que offusquem o brilho da constellação que mais irradiou no mundo scenico do Brazil, e que, graças á justiça da historia, foi julgado tal como era.

Se a bondade humana fosse una flôr, elle teria sido a flôr dilecta dos jardins da amizade; se o coração tivesse um throno fóra das paredes do organismo, que pompas e que festas elle não teria merecido !

João Caetano viveu e foi comprehendido. Nas lutas rivaes que os seus adversarios lhe oppuzeram, foi elle victoriado.

Teve um governo; dominou, deu leis e foi acclamado, pelos nacionaes e estrangeiros, um emulo de Kean, a unica figura que competia com Talmá, o unico perfil que, nas leis das idéas e dos principios constitutivos da arte, deu-nos o modelo d'aquellas epopaicas figuras do theatro da Grecia no tempo da sua maior elevação.

Hade o lyceu das artes crear o seu busto; e esta nação, que descuidosa esbanja o seu patrimonio em superfluidades ridiculas, um dia, e não longe, há de levantar um padrão de gloria, engrandecendo-se por esse factó, desde que erguer nos paços das camaras, das academias e conservatorios, as esta-

tuas e os bustos dos seus martyres da liberdade e da sciencia, taes como Silva Xavier e Bartholomeu de Gusmão, o aerostata. João Caetano, o actor, ficará entre Agrario de Menezes e Penna, respeitavel grupo que symbolisa o genio da tragedia e da comedia.

PESSANHA POVOA.

---

## O general Osorio

### O HOMEM PRIVADO

Era o General Osorio de estatura um pouco acima da mediana, encorpado, de organização vigorosa.

Tinha os hombros largos, garboso o porte, túmido o peito. Dir-se-hia conserval-o em perenne desafio aos embates dos inimigos da Patria.

Caminhava de frente erguida, pisava com firmeza. Seus movimentos eram rapidos. O olhar prescrutador. O ouvido atilado.

Em 1879, nas proximidades da sua morte, e apesar da avançada idade de 71 annos, seus cabellos não estavam ainda completamente brancos. Finissimos e corredios, fizeram-se notar, no tempo da sua mocidade, pela côr perfeitamente negra e brilhante que tinham.

Seu rosto era sem rugas. A cútis, alva e delicada. As faces, rosadas. Os olhos, castanhos escuros, vivos, expressivos de placidez e bondade. A fronte, alta e vasta. A physionomia aberta, desannuviada, serena, reveladora de respeitosa affabilidade. Inspirava confiança. Usava a barba, que era espessa, escanhoada nas faces, desbastada aos lados e, nos ultimos tempos, mais prolongada ao queixo, mal encobrendo sobre este ponto, duas cicatrizes que lhe ficaram, resultantes de ferir-



mento causado por uma bala que, atravessando o rosto, partiu-lhe e enfraqueceu a maxilla inferior. Em consequencia de tal ferimento, notava-se-lhe no labio ligeira depressão.

Pela debilitação da maxilla, ficou impossibilitado de mastigar, não podendo mais servir-se senão de iguarias brandas. Comtudo, alimentava-se fartamente. Salgava e apimentava descommunalmente a comida.

Admirado da grande quantidade de pimentas, de que vió-o utilizar-se, ponderou-lhe, em um jantar, um seu compatriota bahiano :

— « General, V. Ex.<sup>a</sup> parece filho da minha terra ! »

— « Não sou da Bahia, respondeu elle — sim do Rio Grande do Sul. Da Bahia, sou amigo. Amo-a pelos seus bravos soldados de infantaria ; pelas suas glorias civis e militares ; emfim, pela gratidão que lhe devo, e... pelas suas pimentas. »

E isto dizendo, derramou algumas mais no prato.

O vinho, lhe não fazia falta. Rara vez tomava á sobremesa um calix de Porto. O *mate-chimarrão* era a sua bebida predilecta.

Só fumava charutos, mas com excesso. Adquirio o habito de fumar depois de Major.

Conhecia todos os jogos. Nenhum d'elles o fascinava. Em boa roda de amigos entretinha-se, alguma vez, rarissima, e por ligeiro passatempo, com o *voltarete*.

Aprazivel era vê-lo na intimidade do lar, para si convertido, pela esposa cuidadosa e meiga, em ninho de caricias e dedicações. Ahi, todos o adoravam ; e elle, que sabia-se fazer amado e obedecido, que tinha para a esposa a affabilidade constante, para os filhos o continuado carinho, para os famulos o bom tratamento, ao volver de suas campanhas militares encontrava n'esse abençoado ninho o socego e a felicidade.

Summamente afeiçoado ás creanças e ás flôres, nas primeiras acatava a esperanza da familia e da patria. Queria vê-las

bem dirigidas. Nas segundas, procurava distrações. Quando lhe permittia descanço a sua vida andeja de soldado, tratava logo de formar o seu pequeno jardim, que pessoalmente cuidava.

Não podia estar desoccupado nem tolerava o vadio. Era de uma actividade rara e de uma incansabilidade assombrosa.

Tinha por habito levantar-se cedo. Seu somno era levissimo. Erguendo-se do leito procurava o banho frio e depois barbeava-se a si proprio.

Ordinariamente vestia á paisana e rigorosamente de preto. Na estação calmosa o seu traje caseiro era um *completo*, de brim pardo.

Primava pela modestia.

Inimigo do luxo e da ostentação, do apparatus, da etiqueta e de todas as formalidades incommodas penalisava-se de ver alguém perdendo o tempo com essas banalidades, e reflectindo sobre o individuo vaidoso, impostor, jactanciosamente preoccupado com a pompa do vestuario e mil outras exterioridades superfluas, costumava applicar-lhe murmurando esta phrase assás significativa e esmagadora : *tolice, deixa a gente*.

Não trazia em si custosos adornos. Ao seu proprio relógio de algibeira prendia por um trancelim preto, de seda. Nem preciosos ornamentos enfeitavam sua morada. Dentro d'ella tudo era simplicidade. Alli penetrava o pobre com a sua humilidade e sentia-se bem, sem constrangimento algum. Se penetrava o rico soberbo, não achava assumpto para divertir a soberbia, porque não divisava objectos sumptuosos para comparar com os que possuísse.

Uma cama estreita, ao fundo do quarto, tendo á cabeceira o bidete sobrecarregado de jornaes, sempre modernos ; a um lado, um simples lavatorio e dous cabides de parede, sendo um para roupa e outro para dependurar suas armas de caça e de guerra, excepto a lança que era encostada a um canto ; mais adiante um cavallete de madeira sustentando os arreios de sua montaria, e depois, uma estante singela guardando o



seu archivo; do outro lado, duas canastras de campanha, algumas cadeiras e uma meza qualquer sobre a qual estavam livros de arte militar, de politica e de historia, e os necessarios utensilios para escripta; tal era o seu aposento reservado que, ao mesmo tempo que lhe servia de dormitorio depois que enviuvou, era o seu gabinete; tal o modo porque enviavelmente o tinha arranjado no lar da familia, não consentindo que se lhe fizesse a minima alteração, ou n'elle se deslocasse o mais insignificante objecto. Especialmente muito zelava e recommendava o seu archivo.

O visitante que pela primeira vez o procurasse para conhecê-lo, se fosse pensando encontrar no Marquez um fidalgo altivo de sua nobreza, gostoso de fallar no seu titulo ou sempre disposto a lembrar suas proprias façanhas militares, soffreria enorme desengano; porque Osorio nunca fallava de si, nunca tratava de engrandecer seus feitos. Contava episodios de guerra, descrêvia batalhas que déra, por maneira tão modesta, que o ouvinte desprevenido julgaria que elle não estivera presente a ellas, nem que lhe pertencêra um só dos louros da victoria.

Accessivel a todos que o buscavam, a nenhum tratava com desconsideração.

Possuindo character jovial, communicativo, expansivo, facilmente fazia relações pessoases; e, affavel sem affectação, sem difficuldade conquistava admiradores e amigos. Não era d'esses espiritos doentios, misanthropos ou egoistas que fogem á sociedade, que tiram d'ella todos os proventos e a aborrecem. Não; elle a queria com todos os seus defeitos e virtudes, tristezas e alegrias.

Seu coração era um fóco de amor a projectar irradiações constantes no seio da familia, na intimidade dos amigos ou ao serviço da Patria.

A natureza dotou-o de alegre humor. Varias são as anedotas chistosas que d'el'e se contam, entre as quaes as seguintes:

Estava à mesa do almoço quando, ouvindo bater à porta da rua, mandou ver quem era.

O criado annunciou-lhe uma visita de cerimonia.

— « Qual cerimonia ! mande entrar para aqui. »

O criado foi, e voltou logo, com um desconhecido que se apresentava de casaca, gravata branca e luvas.. Ao vel-o assomar, disse-lhe Osorio, antes que elle pronunciasse palavra :

— « Chegou à boa hora, amigo !... Aqui tem uma cadeira... sente-se... perto de mim... tire as luvas... »

— « Perdão, Marquez, não almoço... »

— « Que diz ! oh ! faça economia n'outra cousa... »

— « Perdão ia dizer que almoçava mais tarde... »

— « Então ! deixa de comer para comer ! Não caia n'essa ! Coma... »

E passou-lhe o prato. Sorriu-se o desconhecido ; sentou-se ; accitou o primeiro, e depois os seguintes pratos, ouvindo sempre as amabilidades de Osorio que não lhe dera tempo de declarar quem era e ao que vinha, senão depois do almoço.

Era o Barão de N... que simplesmente fôra cumprimental-o, de passagem pela cidade de Pelotas ; que depois... despedio-se para volver à tarde para jantar ; mas já sem trajo cerimonioso ; e que ainda no dia seguinte, antes de deixar a cidade, tornou a ir almoçar com o General, de quem se apartára afinal, encantado de tanta franqueza.

Outra : Alguns herdeiros ambiciosos oppunham-se ao casamento de uma parenta viuva e rica ; com um joven, por quem se apaixonára. Não tendo elles conseguido dissuadil-a do casamento, lembraram-se de solicitar a intervenção do General que, pelas suas relações de amizade, e seus conselhos, poderia talvez impedit-o.

Mandaram, então, um emissario á sua presença.

O General ouviu-o attentosamente, e afinal perguntou-lhe :

— « Onde estará a esta hora a viuva ? »

O emissario respondeu : « Agora mesmo seguio para a Igreja com o noivo ! »



— « É bôa! exclamou o General; que querem então que eu faça? Não vêem que é tarde? Sabe o que mais, acrescentou elle, vá dizer a quem o mandou cá, que o tiro partio e não se pôde agarrar a bala. »

Por outra occasião, em um baile que lhe fôra offerecido, conservava-se sentado, tendo a sua perna enferma estendida sobre um movel proximo, quando, ao signal de uma quadrilha, uma espirituosa dama de sua familiaridade dirige-se a elle e pergunta-lhe com certa ironia :

— « General, V. Ex.<sup>a</sup> não dança *lanceiros*?

— « Como não, minha senhora! se fui commandante de um Regimento d'elles! » — contestou Osorio levantando-se e offerecendo-lhe o braço. A dama que não esperava essa resposta, teve de abandonar o cavalheiro, seu par e enamorado, para corresponder a tal gentileza.

O general tinha comprehendido o desapontamento da dama e baixinho, a sorrir, ponderou-lhe :

— « É assim, na guerra, minha senhora, quando mal pensamos nos sâe o tiro pela culatra. »

Uma vez, um dos soldados do seu Regimento suspeitando que o Capitão requestava a companheira, foi procural-o á barraca para queixar-se e pedir alguma providencia.

Com effeito, fez a sua exposição. O Coronel Osorio que a tinha ouvido em silencio, ergueu-se, e, tirando a faca da cava do collete, apresentou-a ao soldado dizendo : « *tome, cape o Capitão.* »

O queixoso recuou um passo sobresaltado por essa inesperada providencia, e, mostrando-se verdadeiramente confuso, foi tirado afinal do seu embaraço pelo Coronel que approximando-se, bateu-lhe suavemente no hombro e disse : — « Vá, camarada, vá; é da virtude da tua companheira que deves esperar a providencia que desejas. »

— O artista dramatico Nunes, a quem Osorio apreciava, tendo annuciado beneficio com um drama militar em que representava o papel de General, foi perguntar-lhe se

lhe poderia emprestar alguma farda estragada que já não usasse.

— « Não empresto, não senhor; dou-lh'a » — respondeu Osorio, e dirigindo-se ao cabide, retirou uma nova que alli estava; embrulhou-a, e entregou-a ao artista dizendo: — « Leve-a vossê mesmo; quem é pobre não tem luxo. »

Nunes agradecendo, despedio-se, mas, ao chegar á porta, ouviu estas palavras de Osorio:

— « Cuidado, General, não me vá deshonrar a farda! »

No Rio de Janeiro, convidado para jantar em casa de um amigo encontrou entre os convivas o Barão de Cotegipe, estadista brasileiro, cuja sagacidade, finura e pertinacia na consecução de seus fins eram bem conhecidas. O Barão entretinha a roda com os seus costumados gracejos, que eram retribuidos pelos circumstantes. Adversário politico de Osorio, fez-lhe um brinde encomiastico e geitoso que foi muito applaudido.

Osorio, depois que os applausos cessaram, disse:

— « Senhores! por minha vez, brindo ao Sr. Barão de Camaquam. »

Entenderam os ouvintes que se déra um equivoco no titulo e o corrigiram, porém Osorio, como se não tivesse ouvido a correccão, repetio:

— « Sr. Barão de Camaquam, viva! — e tocou o cópo do Sr. de Cotegipe.

— « Camaquam! Marquez, não o comprehendo! »

— « Eu me explico: Camaquam é um rio da minha provincia que dá muitas voltas. »

Nas suas palavras, Osorio não se entretinha com frivolidades. Conversando, tinha a voz extremamente branda e a palayra delicada; estentorea e energica ordenando manobras militares.

Fallava lentamente como se á reflexão estivesse sujeitando cada uma das suas expressões.

Possuia uma grande qualidade -- a de conhecer os homens. Raramente enganou-se no juizo que d'elles formou.



As vezes prophetisava sobre os homens e cousas. Admirado d'esta sua videncia, perguntou-lhe um dia um amigo :

— « General, como é que V. Ex.<sup>a</sup> adivinha ? »

— « Não adivinho, — respondeu elle, — tiro apenas consequencias. O mundo é um theatro antigo onde se representam poucas novidades e muitas peças já conhecidas. »

Por habito, dizia sempre a verdade nua e crua, embora desagradasse; e, assim procedendo, tinha o genio facil de irritar, sendo contrariado. Irritando-se, era de amedrontar; mas, depressa serenava.

FERNANDO OSORIO.

---

## Guilherme II.

Uma das mais bellas cidades da Europa, — Berlim.

Faltam-lhe ainda o encanto, o brilho e a graça artistica de Paris, bem como as dimensões assombrosas de Londres.

Mas, quasi tão movimentada como ambas, tem sobre a metropole britannica a superioridade de um céu mais limpido, de ruas mais uniformemente largas e bem calçadas, de melhor illumination á noite, sendo talvez o nucleo do velho mundo mais rico em combustores electricos.

Sobrepuja Paris na variedade do typo architectonico. Emquanto na primeira, extensos *boulevards* e interminaveis avenidas apresentam monotonamente identico feitio de grandiosas casas com seis andares, revestidas todas da mesma côr pardacenta, em Berlim cada habitação possui fórmãs, linhas, materiaes, caracteristicos proprios e originaes, deleitando, por isso, em constantes surpresas, a vista do viajante.

Demais, reconstruida após a guerra de 1870, dilatando-se cada dia pela vasta campina circumjacente, vai sendo methodicamente edificada á lei de rigoroso plano esthetico e hygie-

nico, concebido e delineado segundo as mais recentes conquistas da sciencia e da arte.

Asseveram os allemães que em vinte annos levará em tudo vantagem a Paris, por ora sua rival preferida.

Quanto a augmento de população, pelo menos, não ha contestal-o.

Em França, o problema da diminuição dos nascimentos preoccupa os pensadores e economistas. A extraordinaria prolificidade germanica é, ao contrario, objecto de profundas elucubrações do outro lado do Rheno.

Nas margens do Sena os habitantes se reproduzem e se multiplicam em proporção consideravelmente inferior á dos moradores das margens do Sprée.

Ha calculistas que assignalam desde já o prazo em que estes distanciarão aquelles, se as estatisticas merecem fê, no *steeple chase* do accrescimo e do computo respectivos.

Paris ficará sempre, em todo o caso, a incomparavel capital da raça latina, o fôco de uma grande civilisação, notavel em qualquer hypothese pelas suas recordações historicas, pelo influxo que exerceo sobre o mundo, pelo seu passado glorioso, pelos seus monumentos que interessam á humanidade inteira.

Eu já havia examinado minuciosamente as principaes curiosidades de Berlim.

Perambulára horas esquecidas na *Avenida das Tilius* (*Unter den Linden*), immensamente larga, com quatro filas de arvores, ladeada de esplendidos palacios e a que as lampadas electricas, profusamente espalhadas, emprestam á noite effeitos suprehendentes de apotheose theatral.

Penetrára nas grutas phantasticas do *Aquarium* e na *Kaiser-gallerie* (galeria do Imperador), passagem famosa, na qual existe perfeita colleccão de figuras de cera, e digna de apreço pelo brilhante estylo da construcção.

Contemplára a imponente estatua de Frederico o Grande, rodeado da dos homens notaveis do seu tempo, entre os quaes, no meio de guerreiros celebres, Lessing e Kant.



Percorrêra o arsenal (*Zeugaus*), notabilissimo edificio, com esculpturas e pinturas de extraordinario valor, contendo a mais completã colleccão de armas de fogo conhecida e o museo das glórias (*Ruhmeshalle*), onde, a par de enormes frescos allegoricos e de estatuas colossaes, notam-se os tropheus das campanhas victoriosas, sobresahindo os estandartes francezes tomados em 1814 e em 1871.

Visitára o castello real, exposto em certos dias ao publico, residencia habitual do imperador, com vastos apartamentos, severos e luxuosos, destinados às ceremonias e às recepções solemnes, n'um dos quaes se exhibem a baixella da casa real, um tonel para cerveja e o throno, tudo de prata massiça e uma columna tambem de prata de cerca de 3 metros de altura, offerecida pelo exercito a Guilherme I.

Vira os museos, o velho, o novo, e a *Galeria Nacional*, em fórma de templo corinthio, nos quaes se admiram maravilhosas obras-primas da arte, algumas encontradas nas excavações de Pergamo na Asia Menor; o ethnographico, contendo as antiguidades gregas achadas por Schliemann, guiado pelas descrições de Homero, no lugar occupado por Troia; o de artes industriaes, onde se amontoam fructos da industria de todos os paizes, e tantos outros, installados em sumptuosos palacios, de recente edificação.

Viajára por vezes no metropolitano, estrada de ferro que atravessa a cidade n'um viaducto, perto de 7 metros sobre o nivel da calçada, partindo da estação central em *Friedrichstrasse*, a mais animada do mundo, pois vêm ter a ella todas as linhas ferreas da Allemanha, podendo-se, portanto, embarcar ahi para qualquer ponto da Europa.

Contemplára a magestosa *Columna da Victoria*, commemorativa da guerra da Dinamarca e das batalhas de Sadowá e de Sédan, feita de granito e de bronze, ornada de canhões das tres nações vencidas e com baixos relevos esplendidamente esculpidos, representando factos allusivos á gloria germanica.

Perlustrára as alamedas floridas do *Thiergarten*, n'uma das quaes eleva-se o monumento de Gœthe, cercado das estatuas da Poesia Lyrica, da Sciencia e da Tragedia, — e as do *Jardim Zoologico*, riquissimo e interessante sobretudo pelas bizarras construcções que contém, como a casa dos *antilopes*, em estylo mourisco e a *dos elephants*, imitando um pagode hindú, onde habitam dez ou doze formidaveis pachydermes.

Conhecêra, em summa, tudo quanto Berlim possui digno de attrahir a attenção de um *touriste*, avido de observar e de aprender.

Realisára mesmo demorada excursão a *Charlottenbourg* e a *Potsdam*, duas cidades proximas, ou antes, hoje dois arrabal da capital, residencias predilectas dos soberanos.

Na ultima, corrêra o castello *Sans Souci* edificado pelo grande Frederico, onde elle falleceo e no qual, se conserva sem alteração, com os moyeis da época, o quarto outr'ora occupado por Voltaire.

Disponha-me a apromptar as malas para partir quando o guia tomado no Central Hotel (o segundo de Berlim e em cuja fachada monumental lê-se em relevo o nome do Rio de Janeiro, entre o de outras capitães de paizes consideraveis) me disse sorrindo :

— Falta-lhe vêr a maior curiosidade da Allemanha e actualmênte pôde fazel-o aqui.

— Qual?!

— Guilherme II, o nosso imperador.

— Mas como, se, ao que dizem as folhas, elle está a esta hora em Mayença? E, além disso, qual o meio de me approximar da sua augusta pessoa?!

— Chegou hoje inesperadamente e deve seguir depois d'amanhã para Breslau ou Kiel... Amanhã, domingo, assistirá ao serviço religioso no *Dom* (cathedral) ás 8 horas. Se tem desejo de conhecer a Sua Magestade, virei buscal-o cedo e avistal-o-ha de perto.

No dia seguinte achavamo-nos no momento aprazado no



pequeno largo em frente á igreja, situada entre o castello real e o velho museo, cujo portico grego, com 18 columnas jonicas, sollicita e delicia o olhar.

Nada de notavel o templo, que guarda, entretanto, os sarcophagos do Grande Eleitor e de Frederico I, e na crypta os carneiros da familia real.

Não conseguimos entrar, tamanha concurrencia se agglomerava no interior, a despeito da hora matutina.

Resignamo-nos a esperar fóra, procurando posição propicia para o spectaculo que ali nos trouxera.

Pouco a pouco a praça foi-se enchendo de gente. Policiaes a cavallo e a pé ordenavam os grupos de modo a deixarem livres os degrãos do *Dom* e alguns metros em roda.

Obedecia-se docil e militarmente, ás vezes a um simples aceno dos guardas. Conversava-se e ria-se, mas sem estrepito. Ouviam-se notas dolentes do orgão.

Fez-se silencio de repente. Dois lacaios agaloados collocavam extenso tapete sobre a escada, desde a porta central da igreja até á calçada. No mesmo instante, assomou n'uma das esquinas, tirado por custosa parelha de cavallos baios, severo *coupé*, guiado por um cocheiro de alentada estatura vestido de preto.

Passou um fremito sobre a multidão. Descobriram-se todos. No topo da escada, apparecêra joven official, fardado de escuro, sem divisas, nem galões, o capacete de hulano debaixo do braço, acompanhado de sýmpathica mulher loira e alva, nova ainda, trajando velludo negro, o ar abnegado das secundas mãis de familia allemãs na physionomia socegada.

Eram Guilherme II e a Imperatriz.

O povo prorompeu em vivas : *hoch! hoch!* no seu idioma. Impassivel, fazendo apenas de modo brusco, a guisa de agradecimento, a continencia militar, o imperader conservou-se alguns segundos de pé sob a porta, enquanto a carruagem se approximava.

Colocado a dois passos de distancia, examinei-o com vagar. Hirto, a cabeça alta, bastos bigodes fulvos erriçados, o cabello collado á fronte pallida, o queixo fortemente accentuado e chato, desprende-se do seu todo effluvio energico de voluntariedade, de inflexivel dureza, de resoluções rapidas e desabridas, de insoffridas ambições.

Sente-se que é um forte, — d'essas creaturas nascidas para influir e mandar, naturezas frias, rijas, rectilineas, aguçadas e cortantes como a lamina de uma espada.

O soberano derramou lentos olhares indagadores sobre a a turba que não cessava de o acclamar.

N'um relampago, cruzou os olhos com os meos. Tem as pupillas de um azul claro e metallico, asperas, como tudo n'elle, mas magneticas, inolvidaveis e impressionadoras pela infinita melancolia, pelo insondavel mysticismo que trahem.

Experimentei no organismo uma especie de descarga electrica, devida porventura á lembrança de que d'aquelle mancebo, junto a mim, dependia a paz do mundo, de que a um seu aceno milhões e milhões de homens se entrechocariam, sedentos de sangue, no tremendo delirio das batalhas.

Mas o carro chegára. Um general, sahido não sei d'onde, a Cruz da Aguia Negra sobre o peito, abriro-lhe a portinhola.

A imperatriz desceu, sorrindo bondosamente. Guilherme II repetio a continencia e desceu atraz, como um somnambulo, automatico e teso.

O carro afastou-se a passo, entre alas espessas que continuavam a bradar, agitando os chapéos :

— Hoch! Hoch! Hoch!...

— Garotos haviam trepado ás arvores e gritavam igualmente.

— É sempre assim! murmurou-me o guia. A politica de Sua Magestade tem-lhe valido muitas desaffeições. Elle não é insinuante e meigo como o pai, nem venerando e bom, como o



avô. Nada realizou por ora que lhe conquistasse o amor publico. Desperta, entretanto, o enthusiasmo como nenhum d'elles. Fascina a gente. Mal se mostra e todos o saúdam.

— Mas porque? inquiri.

O meu companheiro, antigo soldado, homem viajado e de certa instrucção, propenso ás idéas socialistas, limitou-se a levantar os hombros, n'um gesto vago.

O cocheiro imperial puzera o *coupé* a trote. A multidão, em despedida, soltou exclamações mais vehementes.

E o guia tambem deu um *hoch!* retumbante, com o ar consciencioso e satisfeito de quem cumprisse um dever.

AFFONSO CELSO.

---

### Belmiro de Almeida.

É um mineiro que possui a verve, a sagacidade de um parisiense bulevardeiro. Na rua, de pé sobre a soleira de uma porta, no Café Inglez ou na Casa Havaneza, o seu typo pequeno, forte, buliçoso, destaca-se da multidão. Quando solteiro foi um bohemio desregrado, um perfeito typo à Muger.

Entre camaradas, na rua d'Onvidor, com o narizinho arrebitado e atrevido farejando os pacatos burguezes para lhes agarrar o ridiculo, tinha na cabeça um cento de assumptos para pintar e em casa um cento de quadros para concluir. A sua predilecta musa era a que inspirou e immortalizou Daunier e Gavarni, e, a bem da verdade, deve-se dizer que depois de Borgmainéro e Bordallo Pinheiro ninguem tem feito, no Brazil, melhores caricaturas. Só depois de casado e depois de viajado; depois de ter visto de perto quanto trabalho e quanta dedicação são precisos para o artista conquistar um nome foi que elle abandonou a bobemia, de uma vez para sempre. A unica cousa que elle jamais abandonará é a *toilette*.

O vestuario é para Belmiro o que foi para Honoré de Balsac

e para Alphonse Karr, o que é para Daudet e para Carolus Durand, o que é para Léon Bonnat e Rochegrosse : uma feição artistica, um symptoma do bom gosto e do asseio, ou como lhe chama o mestre, o Sr. Ramalho Ortigão, a expressão graphica, pessoal, de uma philosophia. Ter toilette, ter saude e ter dignidade são necessidades de um homem que se preza e possui talento. Um peralta, suinamente estúpido, e profundamente canalha, canalha desde a medula dos ossos até os póros da pelle, pôde vestir-se bem, trajar-se ao rigor da moda, mas nunca terá toilette, porque não tem individualidade, porque não tem sentimento artistico.

Entre o vestuario á moda de um homem de talento e o de um sevandija ha uma distincção enorme, tão grande como a que existe entre as unhas de uma Lady para as unhas de um carvoeiro. O sevandija de rua e de porta de Café, o peralta que vive do jogo e do dinheiro das concubinas, por maior cuidado que desenvolva no seu vestuario estará sempre mal vestido. O vestuario de Belmiro é o de um homem de talento e de gosto. E existe uma certa relação entre a sua maneira de vestir com a sua maneira de pintar e sentir os assumptos. Elle pinta e vê a natureza de um modo muito differente pelo qual pintam e veem outros artistas. Em 83 por um capricho pintou uma marinha. Era o naufragio do Mont-Serrat, que deu á costa proximo da barra do Rio de Janeiro. Não obstante ser a primeira vez que interpretava tal assumpto, sahiu-se muito bem. A agua, o horizonte ennegrecido, o barco desarvorado lutando com a furia das vagas, impressionavam directamente o expectador. A pintura, mais do que o assumpto, accusava uma personalidade. Tinha vigor e franqueza. Mas pouco vale este quadro para dar nome a um artista, e conscio d'esta verdade, Belmiro estudou muito, trabalhou com interesse para concluir uma tela que lhe dêsse maior merecimento. Este quadro elle acaba de pintar. É um episodio domestico, uma rusga entre conjuges. O marido, um rapaz de fortuna, chega em companhia da esposa á bonita habitação em que viviam até



aquelle diá como dois anjos. Tudo em redor demonstra que aquella interior é presidido por um fino espirito feminino, educado e honesto. Ella, o encanto d'esse interior á *bric-à-brac*, depõe o toucado de palha sobre um môcho coberto por um bello panno de seda e entra em explicações com o esposo. Elle, muito a seu commo em um fauteuil de estôfo solferino, soprando o fumo do seu colorado havana, responde-lhe palavra por palavra ás explicações pedidas. Ha um momento em que ella excede-se, diz uma phrase leviana; elle reprova, ella retroca, elle repelle; então ella não se pôde conter, e subjugada por um accesso de ira, atira-se ao chão, debruça-se ao divan para abafar entre os braços o impeto do soluço. É este o momento que o artista escolheu. Da esposa, debruçada sobre o divan, vê-se apenas o perfil, mas ouve-se-lhe os soluços que fazem estremecer o seu corpo.

Debaixo do seu vestido de foulard amarello percebe-se o colete, o volume das saias, os artificios exteriores que a mulher emprega para dar harmonia á linha do corpo. Na fimbria do vestido a ponta do sapatinho de pellica ingleza ficou esquecido sobre o tapete do assoalho, como se propositalmente, animado por estranho poder, tomasse aquella attitude para contemplar a rosa que cahiu do peito da moça e jaz no chão, melancolica, desfolhada, quasi murcha, lembrando a olorente alegria que se despegára do coração da feliz creatura n'aquelle tempestuoso momento de rusga. E o esposo, um guapo rapaz delicado e forte, n'um gesto de indifferentismo, attende a tenue fumaça que se desprende do charuto, levantando-o entre os dedos, enfrente do rosto.

Ainda no Rio de Janeiro não se fez um quadro tão importante como é este. Os assumptos historicos teem sido o maior interesse dos nossos pintores que, emprehendendo-os, não se occupam com a época nem com os costumes que devem formar os caracteres aproveitaveis na composição d'essas telas. Belmiro é o primeiro, pois, a romper com os precedentes, é o innovador é o que, comprehendendo por uma maneira clara a arte do

seu tempo, interpreta um assumpto novo. Vai n'isto uma questão seria — menos o de uma predilecção do que a de uma verdadeira transformação esthetica. O pintor desprezando os assumptos historicos para se occupar de um assumpto domestico, prova exuberantemente que comprehende o desideratum das sociedades modernas, e conhece que a preocupação dos philosophos de hoje é a humanidade representada por essa unica força inaccessible aos golpes iconoclastas do ridiculo, a mais firme, a mais elevada, a mais admiravel das instituições — a familia.

É d'esta arte que o povo necessita porque é a que lhe falla intimamente das alegrias e das desillusões, cujos sulcos ainda permanecem em seu coração. É da arte que a Inglaterra, melhor do que qualquer das actuaes nações artistas, emprehende e pratica pelo genio de Millais e Stone, de Walker e Weels, que nós, os filhos de hoje, os trabalhadores de paz e da reconstrucção social, precisamos.

As grandes telas historicas, os assumptos militares, os biblicos, as allegorias, pertencem ao muro dos templos, dos edificios do Estado, dos aquartelamentos. As pequenas paizagens alegres, sitios encantadores em que a intelligencia do imigrante levantou a chõça e plantou de flõres; os pequenos quadros de episodios domesticos; as crianças que brincam na relva viçosa dos jardins, os velhos enrugados que vêm ler os jornaes á porta que abre para o pomar de lorangeiras em flôr; as mocinhas rosadas que borrifam as violetas, a gravidade elegante da *haus-frau* que se occupa nos afazeres da casa, a representação viva, tocante de impressão e de observação, das scenas domesticas, de uma rusga, da alegre chegada de um filho, da partida de um ente estimado; a leitura á noite em torno do lampeão, na mesa redonda da sala de jantar; a merenda dos pequenitos, de olhos esgazeados e bocazinha faminta, sentados no regaço de suas mães que repassam a colher na tigella do caldo; toda essa infinita multidão de episodios e de scenas, são os assumptos que mais commovem,



mais impressionam ao homem de hoje. E de facto : um chefe de familia, ainda moço e instruido, não irá suspender ao muro do seu gabinete ou da sua sala quadros de assumptos biblicos ou militares. A casa de familia, sendo um alegre sanctuario de paz, não comporta o peso sanguinolento d'essas scenas de guerra, d'essas tragicas representações dos supplicios inquisitoriaes nem a representação estúpida das solemnidades officiaes. N'ella, na casa de familia, a mobilia como tudo quanto fizer parte de decoração devem ter um character real e firme; devem, antes de tudo, ter um cunho de honestidade e verdade.

Belmiro fez bem em pintar este quadro. A sua pintura, disse eu, tem semelhança com o seu vestuario.

É alegre, é caprichosa, é nova. As tintas são claras e sympathicas, o toques são rapidos, largos e bem lançados. Nenhuma pretensão a empastamento, nenhuma pretensão à mancha descurada, se notam n'este trabalho. O toque é sempre apropriado. Os estofos, a carne, os metaes teem, ali, a sua tonalidade justa, exactissima. O foulard que veste a mulher, a casimira de que é feita a roupa do homem, os pannos que estão na parede do fundo, as almofadas do divan, o estofos do fauteuil, e o pedaço de seda que cahe em dobras da banquetta do primeiro plano, são pintados com a maxima precisão e delicadeza.

Belmiro possue, portanto, muita sensibilidade de vista e muita destreza de punho, qualidades estas que se acham reunidas a uma feliz comprehensão de seu tempo e do destino da pintura moderna.

GONZAGA DUQUE ESTRADA.

---

### São João d'El-Rey

S. João d'El-Rey é uma cidade que já floresceu em época não mui remota — quando a exploração do ouro chamava para os territorios de Minas os aventureiros paulistanos. Depois

decahio d'esse esplendor, uma vez abandonados os trabalhos de mineração nas collinas circumvizinhas. Mais tarde, finalmente, S. João reergue-se, anima-se com a estrada de ferro de Oeste e adquire vida nova com os elementos de progresso que contém, quiçá mais futurosos do que o fulvo metal que lhe enriquece as cordilheiras.

Este resumo da historia san-joannense explica as contradições da sua edificação. Ahí notais templos que, como o de S. Francisco, em primor architectonico lutam com os melhores do Rio. Bem notoria é a piedade dos nossos maiores, porém certo que assim não edificariam em centro menos populoso. O periodo decadente está representado nas viellas com habitações pauperrimas, deixadas no primitivo estado, e algumas construcções mais modernas e de pessimo effeito. E da quadra do moderno renascimento dão testemunho elegantes casas, solidas e vistosas, nas quaes logo se reconhece o bom gosto consorciado ás larguezas de fortuna.

Outra não é a lição da historia senão esta que em rapida olhada poderia apanhar qualquer observador medianamente perspicaz. S. João é um astro que tem tido intermittençia de fulgor : e ainda bem que vamos contemplal-o quando mais se apresta a rebrilhar no firmamento mineiro !

Duas pequenas, mas interessantes monographias existem sobre esta cidade : uma, escripta por José Antonio Rodrigues, em 1859 ; e outra, em 1881, pelo erudito professor Aureliano Pereira Corrêa Pimentel, eximio latinista e cultor da lingua patria, ex-reitor de uma das casas do Collegio de Pedro II e, durante alguns annos, ornamento do seu magisterio.

Encostando-nos a fontes tão autorisadas, recordaremos que foi Thomé Portes d'El-Rei, o descobridor das minas auríferas que primeiro encaminharam para as terras de S. João a *fames auri* dos bandeirantes. De 1684, segundo opinião accetavel, data o começo do povoado.

Sanguinosas contendidas entre indigenas e aventureiros paulistas deram origem, conforme pensa Pizarro, ao nome de Rio



das Mortes, perto de cuja margem esquerda se acha a cidade de que tratamos. Entendem outros que assim foi o rio denominado por ter sido o theatro da luta que em 1708 se travou entre os primitivos descobridores paulistanos e muitos recém-chegados de Taubaté, com os quaes se tinham reunido europêos ou *Emboabas*. Os primeiros combates, em que toda a vantagem coube aos primitivos occupantes, deram-se em um matto chamado o *Capão da Traição*, local onde ora se acha o arrabalde de Mattosinhos.

Não é nosso intuito sabbatinar a historia do Brazil, e desta arte só muito por alto lembraremos as ferocidades perpetradas contra os *forasteiros* (o nativismo azedo é velho como a maldade dos homens!) e igualmente a tremenda desforra tirada pelos *Emboabas*, sob a direcção de Manoel Nunes Vianna, cujo audaz predominio foi até ao ponto de supplantar a autoridade do governador D. Fernando Martins, apenas se obtendo a pacificação mediante indulto aos insurgentes em uma transacção de onde não pouco « arranhada » sahio a dignidade governamental.

Abundantissimo era o ouro nas minas do Rio das Mortes; e facilmente se imagina com que alacridade se povoaram as privilegiadas paragens. Releiamos a tal respeito um livrinho não muito conhecido, de Simão Ferreira Machado, *Opusculo Eucharistico*, que se imprimio em Lisboa no anno de 1734 :

« A exuberante copia de ouro d'estas minas — diz o autor referindo-se, em geral, ás das serranias mineiras — deu logo um estrondoso brado cujos echos soaram nos mais distantes e reconditos seios de toda a America; alteraram a muitos moradores do Brazil a cultura dos campos; fizeram outros vacillantes; a muitos, nos cabedaes inferiores, e outros opprimidos da necessidade fizeram subir a este zenith da riqueza; convidando a uns com esperanza de melhoras, a outros com principio de prosperidade: e porque os primeiros habitantes do caminho do trabalho passaram logo á felicidade da fortuna, quasi ao mesmo tempo, ou com pouco intervallo, vendo e habitando

a terra e possuindo a affluencia do ouro, em breve tempo das cidades e lugares maritimos sobreveio innumeravel multidão; uns com cobiça de fácil fortuna, outros anhelando remedio á necessidade. »

As consequencias muito não se fizeram esperar. O abandono da agricultura encareceu extraordinariamente o preço dos generos, de sorte que se chegou a pagar por um alqueire de milho não menos de 68 oitavas de ouro, e por um boi ou sendeiro até 100 oitavas!

O nome de Arraial do Rio das Mortes perdurou até 1712, época em que o povoado assumio, com o fóro de villa, o titulo de S. João d'El-Rey, em homenagem a D. João V. Em 8 de Dezembro do anno seguinte D. Braz Balthazar da Silveira, governador e capitão-general de S. Paulo (capitania a que pertencia a localidade, pois só em 1720 é que Minas se constituiu capitania independente) empossou o primeiro governador Dr. Gonçalo de Freitas Baracho.

Já um anno antes solemnemente se affirmára o patriotismo do povoado e de suas cercanias, quando sollicitos accorrêram seus habitantes para alistar-se debaixo das bandeiras de Antonio de Albuquerque, governador de Minas, que, em 1711, deliberou acudir á cidade do Rio, cruelmente bombardeada e tomada de assalto pelos Francezes de Duguay-Trouin. Sabe-se que tardio chegou este soccorro, pois desgraçadamente se firmára o vergonhoso tratado que ao estrangeiro invasor concedia extraordinarias vantagens; mas não menos exacto é que os denodados mineiros bem mereçeram da patria, demonstrando quanto já então se extremava o sentimento da solidariedade nacional nas grandes crises politicas. Registrado se acha este facto na communicação da Camara do Rio de Janeiro ao governo de Lisboa, documento que o Sr. Aureliano Pimentel encontrou na « Memoria » de D. José de Azeredo Coutinho, apresentada á Academia Real das Sciencias.

A extensão territorial sobre que se estendia a jurisdicção do ouvidor de S. João, erigida em cabeça de comarca, excedia em



superfície todo o reino de Portugal. Em S. João havia dous regimentos de cavallaria e vinte e oito companhias de ordenanças. O ultimo capitão mór, conforme lemos nos « Apontamentos sobre o municipio de S. João d'El-Rey », foi o pai do seu illustrado autor : chamava-se João Pereira Pimentel, gozou de influencia de folgada fortuna, e pobre, mas rodeiado da estima publica, falleceu em 1832.

Data de 6 de Março de 1833 a elevação de S. João á categoria de cidade. (Lei provincial n. 93.)

Em 1842, na celebre revolta liberal, S. João desempenhou papel não secundario. Nos documentos da época repetidas vezes occorre o nome de S. João d'El-Rey, que com as villas de Lavras, S. José e Oliveira, da comarca do Rio das Mortes, reconheceu o governo rebelde e o sustentou alguns dias. Quarenta e cinco durou o regimen da insurreição em S. João d'El-Rey, isto é, de 17 de Junho a 1.º de Agosto.

Examinando esses vestigios das paixões politicas de nossos maiores, encontramos logo na data de 17 de Junho a proclamação de José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, collocado á testa do movimento insurreccional pela revolta de Barbacena em 10 d'esse mez.

« O meu coração, diz José Feliciano endereçando-se aos sanjoannenses, exultou de jubilo quando se me annunciou que vós haviéis sacudido esse jugo; e feito ouvir com estrondo a voz da maioria poucas horas antes, e que eu poderia entrar pacificamente na cidade, como desejava, sustentado tão sómente pelo voto livre de seus habitantes. Vós fostes, talvez, a parte dos mineiros sobre que mais pesou o jugo da escravidão, que maiores vexames e perseguições experimentou, etc., etc. »

E a mesma proclamação assignala o character pacifico e cavalheiroso do pronunciamento em S. João : « Uma só gotta de sangue não foi derramada; um só insulto não foi feito aos nossos perseguidores no meio do maior enthusiasmo. »

A revolta, aliás, nada pretendia, como é notorio, no sentido de mudar as instituições. A camara municipal de S. João, no

officio em que a José Feliciano declarou reconhecê-lo por presidente interino da provincia, terminantemente dizia que o movimento tinha por fim — « sustentar o throno do Sr. D. Pedro II e as liberdades patrias » — convencida a mesma camara de que « o pai commum dos Brazileiros faria cessar as causas que arrastaram o seu bom povo a esta dura necessidade » (a da revolta).

No 1º de julho José Feliciano, na impossibilidade de fazer reunir-se a assembléa legislativa provincial na capital da provincia, convocou a mesma assembléa, extraordinariamente, para uma sessão em S. João d'El-Rey, no dia 17 do mez então fluente.

Às onze horas da manhã, no dia fixado, congregaram-se no paço municipal de S. João treze deputados provinciaes, entre os quaes sobresaem os nomes de Theophilo Benedicto Ottoni, José Pedro Dias de Carvalho e o conego José Antonio Marinho. Presidiu a sessão o deputado Antonio Fernandes Moreira, e n'ella se votou uma indicação do conego Marinho para que os deputados presentes se dirigissem ao presidente interino (José Feliciano), fazendo-lhe ver que não era possível a reunião da assembléa e assegurando-lhe a sua franca, leal e decidida cooperação e approvação de todos os actos que tinha praticado e houvesse de praticar — « para salvar a Constituição e o throno ».

Entre os signatarios da mensagem que em tal sentido foi dirigida ao presidente dos rebeldes, um, Oliveira Penna, *desadherio* (pedimos venia para o verbo, talvez necessario) e lavrou posteriormente um protesto, dando-se como illudido quanto aos fins da rebellião.

Sabe-se como findou o tentame liberal, em 20 de agosto de 1842, no arraial de Santa Luzia. Ahi as tropas commandadas pelo então Barão, e depois Duque de Caxias, bateram os rebeldes, cuja bravura e pericia chegaram, por momentos, a comprometter o bom exito da causa legal. Dos governistas sahiram nove officiaes feridos e quatro contusos, tendo havido dois



cabos e 16 soldados mortos, e 64 soldados feridos. Os liberaes tiveram, segundo a ordem do dia do Barão de Caxias relatando o combate, 49 mortos, muitos feridos e 300 prisioneiros; mas em officio posteriormente dirigido pelo mesmo general ao Ministerio da Guerra, em 23 de agosto, diz-se que o numero de revoltosos mortos na acção talvez houvesse sido o dobro do enunciado na ordem do dia, por isso que, tendo cahido a noite logo depois da acção, não se houvera tornado possivel a exploração de todo o campo de batalha, sendo certo que depois se descobriram muitos cadaveres nos bosques vizinhos. Entre os prisioneiros figuraram Theophilo Ottoni e Dias de Carvalho que depois foram senadores do imperio.

Assim acabou essa revolta, filha antes do entusiasmo de momento que de bem planeadas combinações; e logo se debandaram os que não foram mortos ou feridos. Em 21 de agosto, cerca de 1 hora da tarde, appareceu em Mattosinhos uma força de 700 homens armados, commandados por Antonio Nunes Galvão e Francisco José de Alvarenga; protestaram ao subdelegado não continuar mais na revolução e dispersaram-se ás 4 da tarde. Cópia do protesto foi ao Barão de Caxias remettida pelo subdelegado de Mattosinhos, allegando a impossibilidade de prender tanta gente.

O Sr. Visconde de Tocantins que, talvez mais do que seu irmão, o immortal Duque de Caxias, contribuiu para a victoria de 20 de agosto de 1842, ainda encontrou, quando ha tempos esteve em S. João d'El-Rey, um velho de côr parda, corneta dos rebeldes e que por pouco não introduziu a confusão no exercito legal, em tão celebre pejeja.

Chamava-se Martinho esse homem e morreu mais que octogenario. Ao Sr. Visconde de Tocantins contou elle por miudo a traça astuciosa de que lançára mão para perturbar as fileiras adversas. Emboscou-se em um buraco de formigas, coberto de ramagens, e d'alli ouvindo os toques de commando das forças legaes, logo depois com a sua trombeta executava outros, contramandando os primeiros, e que os inimigos reputavam seus

pela situação do local d'onde vinham. Officiaes e soldados hesitantes nada comprehendiam; e, como em combate muitas vezes o éxito só depende de uma manobra bem executada, comprehende-se o damno que do seu esconderijo poderia causar o ardiloso corneta.

Quando passou por S. João, o vencedor de Santa Luzia perguntou por varios de seus antigos companheiros de armas... Estavam quasi todos a dormir nas catacumbas... O Sr. Visconde foi ahi visita-los e refere-se que com abundantes lagrimas terminou a sua piedosa peregrinação.

Depois que a sorte das armas anniquilou as velleidades revolucionarias dos liberaes, S. João entrou com o resto da provincia na mais perfeita tranquillidade; mas sempre decahindo, como já dissemos, pelo acabamento dos trabalhos de mineração.

Finalmente o anno de 1881 deve ficar registrado nos seus annaes por ser o da inauguração da via ferrea, a linha de Oeste, que se propõe estabelecer o mais curto dos caminhos entre o Rio e Goyaz.

CARLOS DE LAET.

### Os faquistas da Rua do Ouvidor.

O fluminense padece de um achaque chronico e de um sestro maniaco.

O achaque é censurar o governo, o sestro é dizer mal da rua do Ouvidor.

Mas em compensação possui duas excellentes qualidades: pedir favores ao governo e passeiar pela rua do Ouvidor.

Eu, que sou provinciano patão, confesso considerar a rua do Ouvidor a obra prima do Rio de Janeiro.

Não quer isso dizer que desdenhe das outras vias....

Curvo-me reverente perante os armazens de café da rua dos Benedictinos, com os seus opulentos commissarios de paletot de palha de seda, e penna sobre as orelhas; fito com religioso



acatamento os sequi-molhadistas da rua do Rosario; estremeco de terror supersticioso ao passar pelos enormes bancos da rua Primeiro de Março, e sinto-me enternecido ao contemplar os commerciantes de grosso trato com abdomen e bigode rapado da legendaria rua do Sabão.

(Nota. N'este mundo *tout passe, tout casse, tout lasse*, menos o nome da rua do Sabão.

Derrocam-se imperios, extinguem-se dynastias, fundam-se republicas, os Josés passam a viscondes, os Antonios fazem-se condes, mas a rua do Sabão recusa o titulo de general e continúa a ser a rua do Sabão.)

Tambem não desgosto da rua de S. Bento, com a sua fajna commercial de carroças e caminhões, com os seus pardieiros archeologicos, de onde se desprende o bafio secular de dez gerações de capitalistas barrigudos e analphabetos do tempo do Onça.

Mas nada como a rua do Ouvidor... Prefiro-a ás suas *illustres co-irmãs*, como se diz nas sessões solemnes da Sociedade Litteraria Recreativa Beneficente Musical de Auxilios Mutuos Prazer das Familias de S. José de Além-Parahyba.

Alli ha de tudo e para todos. Alli a gente *finge* ser litterato *fin de siècle* (successor do litterato-pum! e do litterato *com batatas*), alli se aperta familiarmente a mão das notabilidades politicas de chapéo molle e cara-dura; comem-se quatro empadas no Paschoal e pagam-se duas; atiram-se galanteios pilhericos ás viúvas que transitam....

Porém quem me estraga a rua do Ouvidor são os *faquistas*, os *mordedores*.

Ha-os de differentes categorias.

O menos perigoso é o faquista de nickel.

Elle avança resolutamente, com gesto apressado, e, emquanto nos aperta a mão, vai dizendo sem ambages: — Passa um nicoláu para o bond... depressa que elle vai partir!

E o cidadão tem que se executar, sem defeza possivel, pois e falta coragem para balbuciar uma negativa.

O *mordedor* de dez tostões é mais grave e manhoso.

Pergunta-nos pela senhora e pelos pequenos, com um interesse que traz *bico* no bico.

Depois, entabola uma conversação qualquer que nos entretenha a attenção e nos divirta.

Quando nos vê a sorrir, de bom humor, enterra-nos inesperadamente a faca no coração — empresta-me dez tostões até amanhã sem falta?

O riso gela-se nos labios, mas os dez *tães* sahem do bolso...

Quanto ao faquista de 2\$ e 5\$, este é um estrategico consummado, e conhece vinte ardis diferentes para nos fisgar o cobre.

Começa pagando o café, o cognac, o grog, para domesticar a victima futura.

Pensam que elle *pede* dinheiro?

Não vê!...

Saca-o, extirpa-o, arranca-o a forceps.

Toda a sua tactica consiste em permuta de generosidade, isto é, gastar *um* e receber *cinco*.

Para isso aguarda pacientemente o instante em que tiramos dinheiro da algibeira.

Eis o momento psychologico!

Ao ver de relance a *bolada*, o faquista murmura com ares aborrecidos:

Ora que massada! Sempre me acontece d'essas... Trouxe pouco dinheiro, gastei tudo... Dá cá 5\$ ou 10\$000...

Como negal-o a quem se mostrou tão amavel e generoso?

A desculpa banal de *não ter* é incabivel no caso, pois que o numerario está á vista.....

O unico expediente para livrar de faquistas consiste em *defender atacando*.

Em se sentindo faro de *mordedor*, vai-se-lhe logo pedindo dous mil réis com impassivel pouca vergonha.

URBANO DUARTE.



## A questão Thomaz Ribeiro

Purificada a atmospheria politica, a questão — Thomaz Ribeiro — torna-se uma simples questão litteraria ou, se quizerem, de civilidade internacional. Basta collocar-a nos seus verdadeiros termos para ella não poder ter duas soluções:

Reatadas as relações com o Brazil, Portugal procurou entre os seus homens eminentes aquelle que poderia melhor encaminhar, e mais realçar pessoalmente, a missão delicada de restabelecer entre os dois governos a cordialidade antiga. A escolha fez-se por aclamação. Para um paiz tão profundamente democratisado, como é o Brazil, onde, por uma serie de influencias contrarias a tudo que é selecção, não existe mais o que se chama « sociedade », o prestigio que o embaixador portuguez devia trazer consigo não era o que se exigiria se Portugal tratasse de reatar as suas relações com a Inglaterra, por exemplo, a saber o de uma grande casa aristocratica, como teria o duque de Palmella, ou de um grande nome historico, como teve o duque de Saldanha.

Era preciso escolher um homem cujo nome fosse tão conhecido, tão popular, no Brazil, como em Portugal mesmo, e que porsí só indicasse a alta importancia que o povo portuguez ligava á incumbencia que elle trazia.

Esse nome só podia ser o de um homem de lettras ou de um poeta, porque hoje de Portugal é só a gloria intellectual que atravessa o Atlantico e irradia sobre os dois mundos.

Ainda assim o homem de lettras ou o poeta tinha que ser um politico, e ninguem levará a mal que tivesse tambem que ser um vulto da situação que o nomeava. De certo a nomeação de Guerra Junqueiro agradaria mais ao partido politico que actualmente hostilisa o sr. Thomaz Ribeiro, mas esse tinha-se eliminado a si mesmo com a sua profissão de fé republicana e a offerta que lhe fizessem só lhe arrancaria novos versos indignados.

Theophilo Braga estava tambem fóra de questão. Pinheiro Chagas tinha sido contemplado nas proscricções da legalidade, quasi como *traidor á Republica*. Oliveira Martins tinha morrido.

Antonio Candido, cuja eloquencia seria realmente uma poderosa cadeia entre as sympathias das duas nações, não tinha, no Brazil, o nome consagrado de Thomaz Ribeiro. A não ser Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, ou Bordallo Pinheiro, — mas esses não pertencem á politica e quem sabe se não teriam sido tambem cortezãos do infortunio? — quem restava?

O melhor teria sido Alexandre Herculano, mas esse estava, ha annos, nos Jeronymos; o nome de Castilho tornára-se suspeito.

Resolvida a nomeação, a indicação do futuro ministro foi apresentada pelo ministro inglez á nossa secretaria de Estrangeiros, e acceita com a maior satisfação. As relações entre os dois paizes restabelecem-se no meio de festas, o ministro brasileiro é aclamado em Lisboa, e o sr. Thomaz Ribeiro desembarca entre as manifestações que nós vimos.

De repente, espalha-se que, ha seis annos, o novo enviado de Portugal publicára, por occasião da chegada de « D. Pedro de Alcantara » ao Tejo, um opusculo em verso intitulado *Carta d'Alforria*; procuram o folheto, raros o possuem, e descobre-se que os versos são uma aggressão, um insulto, uma grosseiria atirada á Republica e, mais grave ainda, á mulher brasileira. Seguiu-se então o que todos sabem. O retrato do ministro portuguez foi exhibido na Camara, á execução das gargalhadas parlamentares; cantou-se o *ça ira* e dançou-se a *Carmagnole* em torno da « *veronica* ». O effeito da batuta parlamentar foi electrico não sómente no campo dos exaltados, mas mesmo entre os que se acreditam moderados.

O dr. Ferreira de Araujo, que é um homem do mundo, talvez para impedir novas manifestações, chegou a admittir que, á vista da *Carta d'Alforria*, houvera sido melhor não ter vindo o sr. Thomaz Ribeiro, confessando que, ferido ainda hoje



no seu amor proprio nacional por aquelles versos de 1889, elle mesmo conservava-se afastado do ministro portuguez. O *Paiz*, que se pronunciou do modo mais franco que se podia desejar contra as demonstrações, procurou explical-as, o que indirectamente era reconhecer a força do movimento de indignação, pelo reatamento precipitado das relações com Portugal. Ha, porém, razão para todo esse estremecimento?

A questão figura-se-me muito simples. Tenho diante de mim a *Carta d'Alforria*, li-a e reli-a, e acredito que não pôde haver um caso mais perfeito de intolerancia do que essa tentativa de repellir do Brazil o enviado de Portugal, por causa dos versos que elle escreveu no inicio da Republica.

Thomaz Ribeiro e Camillo Castello Branco iniciaram juntos em 1889 uma pequena publicação periodica, em fórma de opusculo, que intitularam *Mensageiro*. O jornal era uma d'essas curtas e melancolicas experiencias dos nossos homens de letras para attrahir a curiosidade de paizes que não lêem. A primeira impressão que deveriam causar todos esses esforços mallogrados é de sympathia com os que não têm n'estes paizes outra ferramenta de officio senão a penna do escriptor. O *Mensageiro* é uma d'essas folhas de actualidade, destinadas a viver o que vivem os jornaes : « *São convidados á sua redacção, diz o programma, poetas e prosadores que a quizerem honrar com suas producções, em que não haverá jamais injuria pessoal, nem agravo a collectividades ou instituições.* » No mesmo numero em que vem esse cômpromisso descobrem hoje injuria ao Brazil e agravo á mulher brasileira. A esse 1º numero os dois collaboradores deram o titulo de *Carta d'Alforria*.

O opusculo abre com uma carta de Camillo Castello Branco a Thomaz Ribeiro. N'essa carta Camillo suggere a Thomaz Ribeiro um motivo que lhe parece digno d'elle :

« Quando o senhor D. Pedro de Alcantara entrou a barra de Lisboa, expatriado, tu de certo, da janella do teu escriptorio na casa que habitas á orla do mar, verias o pennacho cinzento do *Alagôas*, sacudido pela ventania algida da madrugada, esphace-

lar-se em flócos de fumarada pela atmosphera triste e escurentada, como as almas d'aquella familia imperial expulsa de sua terra, do seu ninho e das manhãs calmosas e gorgeiadas das florestas de Santa Cruz. Debruçado no peitoril da tua janella, que levantados pensamentos seriam os teus, ó Thomaz Ribeiro, pensando no imperador do Brazil, tão bom, tão generoso, tanto de seu tempo, tão avançado adail da civilisação, que era expulso da sua patria e do seu throno, quando acabava de quebrar os ferros á escravidão, e de levantar o escravo ao nivel do homem ! Como foi que tu pudeste abafar a immensa tristeza e a dolorosa poesia em que deviam crystallizar-se as tuas lagrimas ? »

Mais adiante : « Meu querido Thomas Ribeiro, que fará o Brazil da sua victoria barata e desassombrada ? Volvidos alguns mezes, sobre aquelle paiz desmembrado em republicas dissolventes da unidade e da força que dá a sacratissima palavra *Patria*, os fautores da embryonaria anarchia bem póde ser que volvam os olhos saudosos para os escombros do throno que destruíram, depois de meio seculo de prosperidade, desterrando um homem que teve apenas um crime como soberano constitucional : é que amou demasiadamente a liberdade. »

E para o fim : « Eu vou partir brevemente ou para a monarchia do Padre Eterno ou para a monarchia de Lucifer. Tanto ao céu como ao inferno não chegam noticias d'este remexer de poeira que na terra se chama desabamentos e reconstrucções d'imperios. Não assistirei pois ao segundo acto da tragedia brasileira, nem, a fallar verdade, desejo assistir. »

Esta é a expressão mais forte de sentimento que ha no opusculo, perpassada da prophecia, da tristeza, e já do desapego da morte. Passar das phrases de Camillo para as de Thomaz Ribeiro é como passar da linguagem impassivel de um solitario para a de um diplomata. Quer isto dizer que, se o portador das credenciaes fosse Camillo, o grande prosador já teria á esta hora passado pelas gemonias. Havia, porém, razão para isso ? Um partido, como o partido Republicano Brasileiro, póde



levar a mal que um homem, a quem elle não pôde negar alguma intelligencia, algum character, alguma sinceridade, se impressione, desinteressadamente não é preciso dizer, porque a emoção nunca é interesseira, — com as previsões do seu espirito sobre o futuro de um paiz ao qual o prendem tantos laços? É elle culpado de imaginar que os novos Estados da União Brasileira vão ser outras tantas « *republicas dissolventes da unidade e da força* que dá a sacratissima palavra *Patria* », em vez de os imaginar como outros Estados-Unidos da America? Vemos nós porque o queremos, uns, o futuro carregado e borrascoso; outros, limpo e sereno? Como é que a Mocidade Brasileira quereria limitar a ultima visão de Camillo á sua propria perspectiva, ou então impedil-o, por mais ligeira e insensível que fosse a coacção, de externar o seu pensamento? Era este um direito que ella pudesse reclamar — de matar n'aquelle cerebro, em nome das suas idéas que apenas germinam, as velhas idéas que davam a ultima flôr.

Não sei como essas cousas se decidem entre nós, nem onde está o jury litterario a quem ellas competem. Mas a mim figura-se um attentado contra a liberdade da intelligencia querer obrigar de qualquer modo um grande espirito a aceitar o credo estreito do momento, os dogmas de uma situação. O que se deve apurar na lucta politica é se se tem diante de si um adversario, ou um pensador que medita sobre nossos assumptos com o mesmo direito com que medita sobre os de Portugal. Ha por acaso fronteira para o pensamento? Estava um Camillo inhibido de reflectir sobre o destino do Brazil tão livremente como um Burke ou um Carlyle sobre a Revolução Franceza? Deixemos, porém, para mais longe o exame d'essa questão, já que se tornou uma questão entre nós a liberdade intellectual, e que parecemos ter perdido a consciencia de que a intolerancia é um espirito (como a liberdade é outro) ao qual não se pôde fazer nenhuma concessão que seja insignificante.

Como responde, porém, o sr. Thomaz Ribeiro á carta do seu collaborador? Responde-lhe com a *Carta d'Alforria* que

elle dirigio ao Imperador « *por ter optido generosamente do Brazil o seu diploma de liberto.* » O que é essa carta?

Seria duro, sr. redactor, ter que analysar litterariamente versos escriptos ha seis annos, sob uma impressão de que o poeta não era senhor, para mostrar que não ha n'elles nada que impeça o sr. Thomaz Ribeiro de exercer as suas funcções diplomaticas entre nós! quando mesmo esses versos offendessem a Republica, quem é a Republica? Que individualidade implacavel é essa que não sabe esquecer nem relevar; para quem as offensas impensadas de um momento ficam eternas; a quem não desarma annos depois a propria embaixada do adversario de um dia? Que espirito de rancor é o seu que chega a ter nas livrarias uma policia de traças, encarregada de descobrir em velhos alfarrabios offensas por interpretação, para lançar em rosto ao enviado que ella francamente aceitou e que as tinha de todo esquecido?

É singular. As repartições publicas, as Camaras, os tribunaes, o governo, — não me refiro a este nem áquelle, — estão cheios de individuos que antes de 15 de novembro negavam pão e agua aos republicanos, e que, mesmo depois, quando ainda não imaginavam a facil carreira que iam ter no novo regimen, denunciavam de modo implacavel as impurezas escravistas e militares da Republica. Em grande parte são esses mesmos que hoje querem impôr, tratando-se d'ella, o dogma de sua Immaculada Concepção.

Vejamos, porém, os versos, já que é preciso examinar o proprio instrumento do crime. Tomemos o folheto, a que o poeta, se lhe adivinhasse o destino, podia ter dado como epigrapho os versos de Alfieri :

Misera me! sollievo a me non resta  
 Altro che'l pianto, ed il pianto è delitto.

Em poesia, mais ainda do que em outra qualquer composição, o que importa é o espirito em que o autor escreve, a sympathia que o anima, o conjuncto da impressão que elle quer crear. Não se póde decompôr, dissecar. Os versos têm



sempre esta attenuante : é que não são feitos para serem publicados ; não se escrevem versos como se faz um artigo ; elles procedem de uma inspiração, quasi sempre inesperada, imprevisita ; são, por sua natureza, privilegiados.

Tome-se a *Carta d'Alforria*. Thomaz Ribeiro escreve-a quando vê o navio que levava o imperador entrar no Tejo ; não a compõe para o publico, publica-a sómente quando Camillo de alguma fórma o solicita a exprimir em verso o que elle tambem sentira á entrada do *Alagóas*. Não ha assim no caso d'essa publicação o espirito aggressivo da propaganda, não ha proposito politico.

O que se deu é facil reconstruir. O prosador e poeta tiveram a idéa de uma collaboração commum periodica ; para começar, Thomaz Ribeiro procurou alguma cousa do que tinha escripto, que correspondesse ao sentimento publico do momento. Portugal estava ainda sob a impressão do desmoronamento da monarchia no Brazil, do desterrado imperador e da morte da imperatriz ; a *Carta d'Alforria* tinha toda actualidade do ponto de vista do editor.

Os versos agora condemnados ao Index não são um grande esforço litterario, são uma improvisação, nada mais, uma conversa familiar, intima, de poeta a philosopho, com o imperador.

JOAQUIM NABUCO.

---

### O caracter inglez.

Em um d'esses transportes de desvanecimento republicano, que parece constituirem um dos ingredientes normaes do patriotismo democratico na America do Sul, o general D. Bartholomeo Mitre escreveu na sua historia da emancipação d'aquella parte do mundo : « Eliminaí a revolução sul-americana do anno 40, figurai-a suplantada em 1820, ou supprimi a victoria

final de 1825, e os Estados-Unidos ficão sendo o unico representante da liberdade. » Sete mezes fui hospede no paiz, onde o illustre polygrapho argentino entoou esse idyllio á fortuna politica de seus compatriotas. Sete mezes vivi, observador curioso e grato, na sua metropole, brilhante e formoso trecho da civilisação européa ás margens do Prata. Encontrei-a, ao chegar, sob o estado de sitio. Sob o estado de sitio deixei-a, ao partir. Na sua historia de nação independente, dous terços do tempo, se me não engano, pertencem ao estado de sitio. Quem o accentúa, se a memoria me não falha, é o Sr. Amancio Alcorta, actual ministro das relações exteriores sob o presidente Uriburu, no seu livro das *Garantias Constitucionaes*. « Com o estado de sitio », disse-me, um dia, um dos mais conhecidos estadistas argentinos, « o Presidente da Republica, entre nós, dispõe de mais irresponsabilidade e mais poder do que o Czar da Russia. » E estas palavras proferidas por um homem respeitavel, que experimentou no desterro e nas prisões a doçura da liberdade sul-americana, cahio-lhe da boca sem azedume, quasi como o juizo philosophico de um espectador diante das fatalidades inevitaveis da natureza.

Dir-se-hia que o que o jury tem sido para a Inglaterra, o municipio para a Suissa, a justiça federal para os Estados Unidos, — a arca historica das liberdades nacionaes, — isso é, para as republicas latinas d'aquelle continente, a lei marcial, que na breve existencia da ultima das irmãs acolhidas á ditosa familia, recebeu caracteres novos e desenvolvimentos surprehen-tes. Ide lá tocar aos homens politicos d'esses regimens no exterminio da instituição parasita, que devorou e substituiu o principio republicano nas tristes democracias da America Latina.

É como se fallasseis aos ministros do autocrata na abolição da Siberia. Se o chefe do Estado não tiver o arbitrio de « pôr fóra da lei » os inimigos das instituições, os traidores á patria, onde irá parar a corôa dos Romanoffs, onde apoiar-se solidamente a autoridade presidencial dos successores neo-latinos de Washington? E ahí tendes os paraizos do genero humano,



que quinhoão com os Estados-Unidos da America do Norte o privilegio exclusivo de representar, em nossos dias, a liberdade.

Em boa fé ninguém me suspeitará, creio eu, de regatear admiração á grandeza e ao espirito liberal das instituições americanas.

Mas os Estados-Unidos são apenas um ramo da Inglaterra, a grande arvore da liberdade no mundo moderno. E, se a união federativa se tem consolidado alli, desmentindo os presagios de tantos dos seus mais esclarecidos amigos, não obstante a degeneração do elemento democratico, manifesta na mediocridade das suas legislaturas, na corrupção dos seus comicios, na decadencia das suas finanças, na avidez dos seus partidos, na violencia das suas lutas intestinas, é, acima de tudo, pela soberania da sua magistratura na interpretação da lei. Com isso porém, precisamente, é que as republicas latino-americanas acabaram. D'entre ellas, nenhuma se tem mostrado mais incapaz do que a mais nova em transferir do papel para a pratica o que é realmente exemplar, realmente magistral na organização politica dos Estados-Unidos, ao mesmo passo que se volta infantilmente para elles como o abrigo internacional das republicas americanas, cuja independencia não lhes deve senão o mal, e de cuja liberdade elles fazem o caso de que nos dão cópia recentes exemplos.

Tive occasião de ler, na Republica Argentina, um livro interessante, escripto por um argentino adoptivo, para edificação de seus compatriotas sobre as manchas do grande modelo; « *Los Estados-Unidos en Sud-América* » pelo Sr. Pantoja. Se alguma d'essas taras, porém, sobresae notavelmente ás outras na União Norte-Americana, é o duro, perfido e cruel egoismo da sua politica em relação ás outras nações republicanas, não excluida a propria França, a antiga collaboradora de Washington, contra a qual o presidente Grant esposou, em nome do governo americano, a causa da Allemanha. Era o ingrato abandono da *irmã*, que não tinha, no momento, nada

que dar, enquanto a conquistadora da Alsacia-Lorena podia pesar com os votos allemães nos interesses eleitoraes da Casa-Branca. Hugo retorquio a affronta em versos vingadores, de buxando

*L'Amérique baisant le talon de César.*

E, quando Ulysses Grant, mais tarde, vindo á Europa, cubiçou a honra de visital-o, o poeta republicano recusou-se a receber em sua casa *un tel goujat*. Nossas contas com os negociantes de fraternidade norte-americana são ainda mais sérias. Entretanto, ha, entre nós *chauvinistas*, que projectão estatuas a Monroe.

Se esses entusiastas quizessem reflectir, eu lhes encomendaria o folheto precioso, com que o Sr. Eduardo Prado acaba de enriquecer a litteratura brazileira: « *A illusão americana* » (2ª edição). Esse livro teve um singular destino: no Brazil foi prohibido uma hora depois de posto á venda, isto é, prohibido antes de lido; em Portugal depois de composto na Imprensa Nacional, deixou de ser editado por ella. Sua publicação em S. Paulo compromettia as boas relações entre o marechal Peixoto e o presidente Cleveland; sua tiragem em Lisboa embarçava a reconciliação entre o Ministerio Hintze e o marechal Peixoto. Sejamos gratos á politica florianista e á politica luzitana. A primeira fez passar o livro pelo cadinho de novos estudos, habilitando o autor a rectificar, pelo exame das fontes no *British Museum*, os elementos da sua narrativa; a segunda levou-o a sahir á luz em pleno Paris. Uma e outra conspiraram para dar a maior notoriedade a esse opusculo, absolutamente novo no assumpto, em que, como repositório de verdades ignoradas, é o mais opportuno serviço ao Brazil. Se, lido elle, ainda restarem n'esse paiz fundidores de monumentos monroinos e canhadores de medalhas benhamitas, estarão, n'esse caso, confundidissimas as palavras do famoso almirante, em seu discurso no *United States Service Club*, a proposito das manifestações officiaes da sympathia brazileira, que zelaram a nossa humilhação com o reconhecimento dos humilhados. O egregio



Benham attribuia publicamente essas festas a um sentimento, que teve a gentileza e favor de não definir, mas sobre cuja natureza lisonjeira á nossa honra as gargalhadas do auditorio militar em Nova-York não deixão duvida razoavel : « Essa amizade baseia-se no respeito, e talvez *em alguma coisa mais. That friendship is founded on respect with perhaps a little tinge of something else.* »

Se eu não fosse um brasileiro oficialmente condecorado com as honras militares de traidor á patria e á Republica, mercê, felizmente irrevogavel, pela qual dou todo dia sinceras graças a Deus, não se conceberia o meu máo gosto em trocar a amenidade d'aquelle viveiro de democracias pela densa atmospherá da suspeita Inglaterra, que tão conspicuo papel representou ultimamente na litteratura dos fabulistas da restauração no Brazil. Assim o quiz, entretanto, o genio tutelar dos proscriptos, que parece comprazer-se em reunil-os, de todos os pontos do orbe, sob este céu clemente. Refugio immemorial dos perseguidos, as Ilhas Britannicas têm, por esse lado, uma attracção irresistivel e uma historia que, se se pudesse destacar da das suas liberdades nacionaes, seria por si só um dos mais altos monumentos á superioridade moral d'este paiz.

No meu caminho para elle, com breve escala por outros, um dos livros que se me demoraram nas mãos, ao passar por Paris, foi *A Firma John Bull e C<sup>o</sup>.*, de *Max O'Rell*, interessante itinerario pelas colonias britannicas de um francez, para quem a França é o paiz mais rico do mundo, o paiz mais feliz do mundo, o primeiro paiz do mundo. Através d'essa ingenua e fervente admiração pela França, de cujo leite todos nós bebêmos um pouco, as paginas d'esse roteiro scintillam em fino espirito de observação, e reúnem, a par de muita originalidade, muita experiencia util. Pois bem : vide a summa dos estudos pessoaes do antigo professor de St. Paul's College. « Tenho viajado por todos os cantos da terra », diz elle. « Vivi em Inglaterra, residi nas duas grandes republicas do mundo, em França e na America, e cheguei hoje em dia á convicção de

que, na superficie do nosso planeta, não ha, social e politicamente fallando, *senão um povo perfeitamente livre, e esse é o povo inglez.* » Nem esta fortuna é privilegio exclusivo da madre Albion. A semente ingleza rebenta com as mesmas virtudes em todas as regiões aradas por este povo. « Todas essas nacionalidades novas, Canadá, Australia, Nova Zelandia e Africa Meridional desfrutam a liberdade mais completa. » O negro não conhece alli a lei de lynch, que nos Estados-Unidos o nivela aos cães damnados. A justiça é a mesma para indigenas e europêos. O jury estende a sombra das suas garantias ás creaturas mais desfavorecidas e ás accusações mais atrozes.

Dizia, não ha muito, o velho Barthélemy Saint-Hilaire que, ao pisar terra ingleza, sentia-se como que no seio da liberdade. Esta, se não é a phrase, que cito de memoria, é pelo menos o pensamento. Tal deve ser aqui a primeira impressão do sabio, do philosopho, do investigador. A primeira impressão do liberal, ao tocar este solo, é que se está no seio mesmo da liberdade. Essa impressão é reverencial, quasi sagrada. Eu aspirei-a como um effludio, senti-a invadir-me como uma realidade envolvente. Este paiz das fórmãs é o enleio e a confusão dos formalistas. Sob os traços da mais opulenta das aristocracias, é, de todas as democracias contemporaneas, a mais sincera, a menos impura, a mais soberana. Sob a mais estavel das corôas, é a mais real das republicas. Sob o mais efficaz dos governos, é o mais obedecido dos povos. Sendo a mais complicada, talvez, de todas as sociedades actuaes, é, ao mesmo tempo, aquella onde o individuo, o ente humano, se desenvolve na mais completa plenitude das suas forças.

Desde Montesquieu até Boutmy todos os empenhados em « conhecer as causas das cousas » trabalham por aprofundar a essencia organica d'esse producto maravilhoso. Nem conheço, em toda a philosophia politica, problema de mais interesse para a sciencia historica d'estes tempos. A outros, porém, o medirem-se com taes difficuldades. Para a nossa instrucção já não é pouco o lado pratico d'este grande phenomeno moral.



O segredo complexo de semelhantes productos sociaes será sempre uma incognita a debater entre os mais perspicazes. Mas na superficie exterior d'essas creações extraordinarias da natureza ou da historia, na harmonia apparente d'essas bellas crystallisações, ou no jogo visivel d'esses organismos progressivos ha campo immenso, onde exercer a admiração, ou a critica, o estudo, ou a imitação, a sciencia, ou a conjectura. Uns querem suprehender nos corpos animados as origens remotas da vida. São os escrutadores do eterno desconhecido. Outros se contentão em acompanhá-la no conjuncto maravilhoso das relações que o manifestam, nos factos verificaveis da evolução, material ou moral, na explicação demonstravel das entidades vivas, sua genesis, seu desenvolvimento, sua decadencia, suas transformações.

A esses, a observação e a experiencia reservam revelações preciosas. Porque é que certas raças, depois de ra-garem na historia um horizonte de esperanças tão vasto quanto o dos imperios que occuparam o mundo, faltam a todas ellas, atrophiando-se, sem futuro, nem importancia exterior, nos mesquinhos limites de seus territorios, enquanto este pequeno nucleo humano, concentrado na velha Inglaterra, de dia em dia mais se vai dilatando pe'o orbe, que parece fadada a encher? Porque é que nos pontos mais oppostos do globo e em contacto com as raças mais diversas a semente d'esta familia prospera sempre, robusta entre todas, cada vez mais nova em cada uma das suas descendencias successivas, levantando em toda a extensão do mundo os cimos da sua cultura, dominando-o com o seu sangue, a sua lingua, as suas instituições, as suas crenças, fazendo uma a uma a America livre, a Australia livre, a Africa livre, e unindo esses imperios, construidos todos sobre a liberdade, no imperio commum da alma britannica sobre a civilização moderna?

Esta expansão é o maior portento da historia universal. As prophcias do declinio da Grã-Bretanha, em que se comprazia o fanatismo revolucionario, nos fins do seculo passado, entrou

já no seu segundo centenario de decepções. Depois que esses prognosticos pareceram a principio receber, com a separação dos Estados-Unidos, uma verificação estrondosa, é que a « decadente » Inglaterra floresceu no Canadá, gerou a Australia, e evocou, lá, na Africa meridional, uma nova Europa. Vio-se então que esse poder *sui generis* na historia não se annullava com a emancipação politica das suas dependencias territoriaes; que esses ramos da familia ingleza, unidos ou separados, federados ou independentes, eram, pela superficie da terra, outras tantas extensões da mãe-patria, outros tantos elos da velha cadêa que pareceu abraçar o mundo, na influencia crescente de uma grande raça bemfazeja. Por toda a parte vê-la-heis reproduzir-se com a mesma estructura e a mesma indole, com o mesmo typo e a mesma fórmula de acção, com o mesmo ideal e a mesma disciplina. É o inglez, com o seu senso religioso, o seu senso commercial e o seu senso politico.

Dir-se-hia que d'esses tres elementos se elabora este organismo moral, que elles são o nervo, o sangue e o musculo d'este povo. Pelo senso religioso elle fez o seu caracter. É a condição fundamental, por onde se habituou a possuir o mundo. É a primeira phase e a contribuição mais importante para o seu systema organico, como a cellula nervosa no animal. Pelo senso commercial aspirou á aquisição do orbe; e, instinctivamente esclarecido sobre a natureza precaria dos resultados da guerra, encarnou as suas ambições no trabalho, na paz, na invenção e na perseverança. Pelo senso politico, resultante complexo do senso religioso e do senso commercial, creou a arte sem precedentes de organizar e consolidar as conquistas da sua fortaleza e do seu tino.

A fé, nas suas relações terrenas, é intolerante e annexadora; o commercio, absorvente e egoista. Da paixão religiosa podia resultar a sujeição theologica em que outras nações se estiolaram. Da avidéz commercial podia gerar-se o materialismo esterilizador, em que outras civilisações pereceram. Mas da confluencia d'essas duas correntes nasceu a politica ingleza,



isto é, o programma da civilisação contemporanea : a liberdade de consciencia e o governo representativo. A intensidade da consciencia religiosa imprimio a esta raça a sua singular energia de propagação ; o instincto da independencia inherente aos habitos mercantis deu-lhe, ou retemperou-lhe as qualidades individualistas, que o preservam da tyrannia do Estado.

O progresso britannico é profundamente moral, essencialmente religioso em toda a extensão do seu curso. Observadores superficiaes arguem de hypocrisia esse aspecto dominante da grande raça. Mas a hypocrisia é a capa de um individuo, a monita de um partido, ou a expressão passageira de uma época : não póde ser a mascara da historia de uma nação. Não quero negar a escória, que se amalgama com o metal precioso. Em todos os compostos do homem se misturam sempre, de envolta com a base espiritual, as fezes terrenas. D'essas incongruencias se fórma a liga inevitavel no bronze das obras humanas. Nos excessos do temperamento saxonio, que o chronista Guilherme de Malmesbury retratava, nos seus *Gesta Regum Anglorum*, depois da conquista normanda, já se detacavam, com a embriaguez, a devassidão e a crueza, em certas camadas, a piedade e a devoção n'outras, até ao martyrio pela lei de Deus. « A ilha inteira acha-se illustrada pelas reliquias dos Santos. » A força interior que, no seculo setimo e no seculo oitavo, impellia os filhos d'estas ilhas, recémconvertidos ao christianismo, os Wilfriths, os Willibrords, os Bonifacios, « a espargirem a semente evangelica pela Germania inculta e bravia », é quasi mil annos depois, no seculo dezesete, o que salva a constituição ingleza, e, no seculo dezoito, a alma da resistencia, que opera a liberdade americana, é, ainda no seculo dezenove, a influencia mais poderosa nas grandes crises moraes e politicas, d'esta nação.

Seu vigor pratico, seu genio industrial, sua mestria nas sciencias da materia, o sceptro da opulencia mercantil, que esses predicados asseguraram aos herdeiros do espirito do autor do *Novum Organum*, estão, não obstante a importancia extra-

ordinaria do seu papel na historia do povo inglez, subordinados á attracção soberana que sobre elle sempre exerceram os problemas supremos do nosso destino. Esta nação de negociantes, « *this nation of shopkeepers* », como elles dizem de si mesmos, sente pelo pão do espirito, em que se aparentava a mais ingenua fé de seus antepassados, uma necessidade invencivel. Nenhuma deu na sua litteratura tamanho lugar aos escriptos sagrados ; nenhuma passa tão familiarmente do trato das vulgaridades quotidianas á especulação das hypótheses eternas, nenhuma entreteu por modo tão sério as preoccupações da sua fortuna com os symbolos de suas crenças ; nenhuma, em uma palavra, *vive* tão realmente *a sua religião*.

Esta disposição caracteristica de temperamento nacional reflecte-se nas indicações e nos estudos habituaes dos grandes homens de estado n'este paiz. Emquanto na generalidade dos outros a politica se tem reduzido a uma occupação professional, com a influencia atrophiante das especialidades subalternas, aqui o povo está habituado a esperar dos seus grandes homens de Governo, não só a excellencia nas artes usuaes da administração, mas alguma cousa tambem d'essa luz que o espirito bebe nas fontes altas do ideal. A litteratura e a philosophia tornaram-se, entre os inglezes, verdadeiros instrumentos de acção na vida publica. Os grandes guias da nação aqui, salvo excepções explicaveis como a dos Malboroughs, a dos Walpoles, a dos Wellingtons, têm sido homens que se impõem ao gosto e ás sympathias de seus contemporaneos, pela distincção dos seus dotes litterarios, pela eminencia das suas faculdades philosophicas, ou pela aptidão especial de fallarem eloquentemente ás convicções espiritualistas de seus compatriotas.

Esse toque de superioridade traça a mais funda separação entre o *politician* e o verdadeiro estadista, assignalando entre os d'esta ultima classe os grandes primazes, as summidades culminantes. « Um pensamento bom, em que se fixe o espirito », dizia Bacon, « é o melhor preservativo contra as dôres da morte. » Os soffrimentos da politica, seus desenganos, suas



injustiças, as necessidades ordinarias do seu manejo encurtam, calejam ou destemperam o animo aos individuos que a professam, se estes não formarem o habito de voltar-se para os grandes assumptos, alheios a ella, que devem limital-a a suas proporções naturaes. O homem cujo horizonte mental se confunde com o horizonte visual dos partidos, nunca será capaz das virtudes que assignalam os grandes regedores de povos : o equilibrio intellectual na luta, a firmeza nos revezes, a magnanimidade no triumpho. A ambição facilmente os desvia do patriotismo ; a politica occulta-lhes a humanidade ; o presente eclipsa-lhes o futuro. São traficantes, que não vêem além do balcão, ou capitães, que não enxergam além do campo da batalha.

Para esses, a politica é o principio e o fim de si mesma. Fóra da área estreita, onde se fere a peleja do momento, não descobrem as grandes interrogações, as verdades vivificantes, as necessidades moderadoras, em que o homem aprende a reconhecer o character transitorio das suas acções, a relatividade da influencia d'ellas sobre o destino de seus semelhantes. Isso os faz intolerantes, vingativos, autoritarios, e o nivel moral do povo sobre que reinam lhes permite desenvolver essas qualidades, leva-os até o despotismo e o sangue. Se os costumes obstam a essas consequencias extremas, promove na imprensa e nos parlamentos uma temperatura insalubre de violencia e malignidade. A scena politica é acanhada, e occupa um plano inferior, comparada com outras alturas do nosso destino. O homem que não tiver dentro d'alma um campo de idéas mais amplo do que ella, não póde governar beneficentemente. Uma das fortunas da Inglaterra é ter, para a dirigirem, capacidades muito superiores, pelo cultivo de estudos desinteressados, aos misteres ordinarios da profissão. A isso deve, em boa parte, a Camara dos Communs a conservação do seu antigo lustre, já não pouco desmerecido. E o proprio radicalismo inglez, agora mesmo, parece sentir-se dignificado pela honra de contar no ministerio que o representa, homens de

letras da reputação de John Morley, lord Roseberry e sir William Harcourt.

Nenhum d'esses tres nomes, porém, symbolisa uma grande força no paiz. E isso talvez principalmente, porque nenhum d'elles consubstancia em grão conceituado a vocação espirituallista, o proselytismo christão da sua raça. Cromnwell não teria sido aqui « um dos maiores, senão o maior do herões nacionaes », como hoje o qualifica m os criticos mais competentes e os juizes mais liberaes, se não fosse a austera sinceridade da sua paixão religiosa.

Entre os povos neo-latinos, mais ou menos solapados pelo septicismo revolucionario, costumamos a associar a idéa de liberalismo á de indiferença em materias de fé. Tudo é diverso aqui. O estadista cuja influencia liberal cavou mais fundas mudanças na constituição ingleza e cuja vida mede, por assim dizer, a transformação d'esta antiga aristocracia parlamentar em uma verdadeira democracia republicana, o unico homem de prestigio bastante para converter em bandeira de politica ingleza a autonomia de Irlanda, é um theologo, cujos escriptos em defeza da fé christã exercem nas letras sagradas a mesma autoridade que nas letras classicas os seus trabalhos criticos sobre a idade e os poemas de Homero. Abaixo de Gladstone, — o orador que mais fascinação exerceu sobre a opinião publica n'esta terra durante os ultimos cincoenta annos, o democrata que n'ella semeou as idéas mais radicaes, o cosmopolita cuja eloquencia esposou, na Europa e na America, a causa de todas as liberdades, foi um panegyrista christão, um quaker da mais severa tempera. Mas depois que nos labios de John Bright expirou aquella eloquencia semi-biblica, semi-shakspeareana, onde vibrava, durante meio seculo, a voz de todas as nacionalidades opprimidas, e que o *great old man* já não quebra o silencio do seu retiro, senão para modular Horacio em saxonio, ou dar á Armenia ensanguentada a mão que libertou a Napoles dos Bourbons, e revoltou a Europa contra as atrocidades turcas na Bulgaria, já não resta ao partido liberal, dissolvido em grupos



incongruentes, cimentado por alianças ephemeras, impopularizado pelas temeridades do *home-rule* e do ataque á Camara dos Lords, nenhum dos gigantes que o fizeram. A opinião bandeia-se rapidamente para os conservadores, a quem as proximas eleições auguram o inicio de uma das suas mais largas passagens pelo governo, ao passo que do seio d'esse partido se eleva, com a mesma rapidez, o homem, que parece destinado a estender sobre o imperio britannico a sombra de uma grande personalidade.

RUY BARBOZA.

---

### A pacificação.

Sempre que, por misericordiosa commoção, a alma brasileira transborda em appello ao poder publico, em prol da pacificação no Rio Grande do Sul, certo grupo de monopolisadores arbitrarios do sentimento republicano colloca-se entre o povo que pede e o governo que reflecte para encachoeirar a corrente de piedade e meditação de encontro aos seus odios e vinganças implacaveis.

Ha dois annos já, morremos a vida tragica da guerra civil. Pelas feridas abertas no flanco da patria se escoam, com o sangue dos lutadores, o nosso credito, os nossos sentimentos de fraternidade, a segurança das instituições. Os odios, que lá explodiram, barbarisaram o nosso coração outr'ora magnanimo, e a terra das revoluções pela imprensa se converteu n'um dominio sinistro de tortura e de morte.

Foi em fevereiro de 1893 que se realizou a invasão. Desde logo a imprensa dedicou-se ao estudo das origens da revolução e, com a mais nitida comprehensão da justiça, reclamou a paz. Em seguida se levantaram vozes no Congresso pedindo que se providenciasse para obter a pacificação.

Pura perda de logica e patriotismo : ás inspirações da Con-

stituição e da fraternidade responderam as empantufudas declamações pelo respeito á autoridade e urgente necessidade de reprimir o espirito revolucionario.

Não : é preciso que a autoridade se não desprestígie, offerecendo esquecimento fraternal ao crime de revolução!...

O mais extraordinario é que esse fervor exagerado pela honra institucional da autoridade seja prégado por aquelle mesmo que é hoje reu confesso de haver baratêado em tratado de sobremesa a honra da nação.

Em 15 de novembro a Republica apossou-se dos destinos do povo brasileiro, rompendo a tutella, que sobre elle exercia o imperio. O applauso universal coroou ainda uma vez a nação que triumphava das paixões partidarias, realizando a mudança de instituições, com a mesma aureola de paz que a cercou effectuando a revolução social da abolição da escravidão. Entre os povos que mais promptamente reconheceram a autonomia da Republica destaca-se a Republica Argentina, que foi o S. João Baptista do nosso baptismo republicano.

Não obstante, inventou-se entre dois diplomatas de occasião, que pretendiam formar uma commandita de immortalidade, a necessidade urgente e indeclinavel de resolver o antigo litigio das Missões.

No segredo das suas confabulações rasgaram o convenio de 7 de setembro de 1889, e como bons quinhoeiros resolveram dividir a bel talante o territorio contestado.

Quando esta trama diplomática veio a publico e a indignação brasileira ululou, como bôa ferida, a dôr da humilhação que lhe infligiam, respondeu-se cynicamente que o negociador d'essa vergonha havia cedido ás circumstancias.

Quaes? interrogou-se e interroga-se em vão.

Houve ameaça de guerra? Impossivel, porque seria requinte de baixaza o ameaçado se fazer nomear embaixador e deputar-se um navio de guerra da nossa esquadra, portador de nome de uma das nossas datas gloriosas, para levar á nação inimiga o tributo da nossa cobardia.



Qual a razão de Estado que nos levou a abrir mão do nosso direito a um territorio, de que sempre nos julgámos legitimos possuidores, e que a propria Republica Argentina por duas vezes, uma em 1857, outra em 1889, nos reconheceu senhores, já acceitando um tratado de limites, já convindo na arbitragem?

Está lavrado o laudo Cleveland, nenhuma razão pôde haver para occultar-se o que occorreu na negociação de principios de 1890.

Mas seja o que fór, plausiveis ou não as razões allegadas pelo negociador ingenuo, o que se acceita no mundo official é que ha momentos em que é preciso ceder para evitar mal maior.

Por que motivo não se reconhecerá no conflicto rio-grandense uma d'essas tristes oportunidades, em que tantas vezes incidem as nações durante as crises revolucionarias?

Pois era licito ceder territorio da patria para poupar o sangue brasileiro n'uma guerra de reivindicação de direito, e não é permittido poupar este mesmo sangue, derramado a jorros n'uma guerra civil de dous annos, quando entre nós interpõe-se sómente um phantasma da autoridade?

Não ha agora, principalmente agora, uma razão de Estado, absolutamente palpavel, e que pôde ser tacteada mesmo por um diplomata cego, uma razão de Estado que impõe a pacificação do Rio Grande do Sul?

— Mas, todos a queremos, dizem os bonzos da legalidade; só divergimos na fórma.

A guerra civil no Rio Grande do Sul tem como unico peão esta rabulice sanguinaria: a União não pôde tratar com os revolucionarios, sem depor virtualmente o governador Castilhos, e por consequencia attentar contra o principio constitucional do respeito á autoridade legal.

Si houvesse boa fé da parte d'esses carrascos disfarçados em sacerdotes da Constituição, facil seria esgotar o pleito, obrigando-os a dizer-nos o que elles entendem por autoridade legal.

Até agora, pelo que conhecemos da historia ensanguentada da Republica, parece-nos que esses madraços intellectuaes, mantidos na ceva ministerial e congressista, julgam que *autoridade* e *detenção* do poder pelo mais forte são synonymos, esquecidos de que é corriqueira esta observação de Jacques. — uma garrucha tambem é poder.

A autoridade só pôde emanar da lei, e esta não foi o ventre de onde surgiu o governo de Julio de Castilhos.

É verdade que o detentor da presidencia da Republica mandou que a tropa federal prestasse mão forte aos galés disfarçados em policia estadual do Rio Grande para legalisar a deposição do visconde de Pelotas e o governo de que surgio eleito o sr. Julio de Castilhos. Mas a historia, mas a consciencia nacional jámais reconheceram como fructo da soberania do povo rio-grandense esse volvo de enxovia.

Está ainda viva na memoria publica o episodio deshonroso do triennio tragico da legalidade. O Rio Grande do Sul, leal e heroicamente, depoz por uma revolução constitucional o governador que, adherindo ao golpe de Estado, praticou o crime, previsto e definido em lei, de attentado contra as instituições.

Um governo revolucionario assumio a direcção do Estado e foi reconhecido e tratou com a União.

Esse governo, mais constitucional do que outro qualquer oriundo das deposições, que chegaram a ser feitas espectacularmente pelos delegados do detentor da presidencia federal, escudados nas tropas da União, foi, porém, condemnado, por sua vez, á deposição e á restituição do poder ao sr. Julio de Castilhos.

Não foi, como parece, uma vingança do crime do sr. Floriano Peixoto contra a revolução, que meramente popular, teve força para privar do poder o co-rêo do golpe de Estado, vingança que, repondo no governo o sr. Julio de Castilhos, fazia sentir ao Brazil que o poder só era legal nos Estados, quando delegação do Itamaraty e exercido pelos seus prepostos.



Não : a reposição do sr. Castilhos foi uma barganha de poderes. A deputação rio-grandense reconheceu que o sr. Floriano Peixoto era legitimo governo até 1894 e s. ex. reconheceu o sr. Julio de Castilhos governador do Rio Grande.

Será transacção indecorosa, digna de ser considerada, a fonte constitucional de uma autoridade tão perfeita, que o seu repudio deva ser capitulado crime de lesa-patria?

Se ha lealdade no debate, se verdadeiro escrupulo constitucional inspira os adeptos da guerra civil no Rio-Grande do Sul, discutamos antes de tudo a origem de governo Castilhos. Veremos então se, dada a intervenção do poder federal para restaurar o estado de cousas desfeito pela revolução de novembro de 1894, e continuada essa intervenção para mantel-o, a questão é estadual ou federal.

Não foram os federalistas que leviana e audaciosamente deslocaram a questão do Estado para a União; foi esta que intervindo criminosamente na vida estadual provocou a indignação do paiz inteiro.

O historiador imparcial, quando tiver de julgar a revolta da armada nacional em 6 de setembro, descobrindo a sua patriótica e reivindicadora filiação, ha de consideral-a, não uma criminosa sedição militar, mas uma confraternização gloriosa e sagrada da força armada com o direito constitucional ultrajado. Ainda que vencida, o historiador ha de considerar esse movimento tão santo como o da guarnição de Paris adherindo ao povo nas jornadas de que resultaram a decretação dos Direitos do Homem.

Niobe perdeu os filhos, mas nem por isso nega-se através dos seculos homenagens à causa do seu martyrio.

JOSÉ DO PATROCINIO.

---

**Cousas Politicas.**

(14 DE JANEIRO DE 1895.)

Tem-se dado um facto que não póde passar sem reparo de quem tem o habito de observar, e o dever de consignar as suas observações.

A imprensa fluminense, que sahiu ha pouco de um regimen oppressivo — que ainda nenhum dos seus actuaes representantes tinha conhecido — para o regimen de liberdade sem peias a que estava anteriormente afeita, atravessa uma phase singularmente notavel. Parte d'ella tem consignado abusos e violencias inuteis, vexames e humilhações sem nome, a que foram sujeitos durante o estado de sitio cidadãos, contra a maioria dos quaes nem o governo passado nem o actual conseguiu reunir sequer as apparencias de uma suspeita de cumplicidade com os revoltosos; apontado attentados commettidos mesmo dentro dos limites que a nossa lei fundamental marca para as epocas anormaes; formulado com vehemencia essas accusações; por outro lado, um ex-ministro, que teve o seu tempo, digamos assim, de favoritismo, que foi tido e havido como o primeiro ministro do marechal, o seu braço direito, o seu principal inspirador, o homem de sua mais completa confiança, levantou publicamente o véo que encobria actos e intenções do ex-vice-presidente da Republica, confirmou muitos dos boatos de que o publico teve conhecimento, e cuja reproducção levou muita gente ás enxovias da legalidade; e no emtanto, não se ouve uma voz que se levante, quer para sustentar a legalidade ou pelo menos a necessidade imprescindivel da pratica de taes actos, quer para defender o Sr. marechal Floriano Peixoto de intenções que lhe estão sendo attribuidas por quem se achou em situação de conhecel-as e avalial-as.

Dir-se-hia que no dia em que S. Ex. sabiu de Itamaraty,



emmudeceram ou sumiram-se todos os seus amigos, que o partido que se dizia florianista, entendeu que não tinha mais razão de ser, e mais ainda, que entre o governo actual e o governo que passou não ha ligação alguma, que o dia 15 de novembro do anno passado abriu um vallo, correu um véo sobre os dias luctuosos que o precederam, e que sobre tudo o que soffreu o povo, passou-se uma esponja, tão completamente como os meninos no collegio fazem desaparecer os vestigios de uma conta errada, ou de uma pilheria menos confessavel.

De parte dos amigos do marechal, esse silencio parece a confissão de erros commettidos, sem a demonstração da imprescindibilidade d'elles, sem a affirmação do proposito que devera ter cada um de tomar a sua parte de responsabilidade, ou de cumplicidade n'esses actos. Não levaremos, naturalmente, em conta a opinião de seus inimigos, embora estes se conservem tão silenciosos como aquelles, como se ainda alguma cousa restasse da oppressão que durante tanto tempo impediu todas as manifestações da opinião. Para esses a politica do marechal é criminosa, mesmo na resistencia á revolta, que é o seu titulo incontestavel de gloria, sejam quaes forem as demonstrações que appareçam de desfallecimentos e hesitações, que não podem prevalecer ante a eloquencia do resultado obtido.

Ha, porém, os que não regateiam applausos ao marechal pelo que fez, resistindo aos homens de 6 de setembro, mas reconhecem que tal gloria é obscurecida pelos abusos inuteis que foram commettidos, por ordem ou consentimento tacito de S. Ex. Para alguns d'esses, os de espirito mais accentuadamente conservador, o serviço prestado é de tal ordem, que basta para que a opinião nada mais veja senão o resultado obtido; mas ha outros que, em vez d'esse culto cego pelo fim, apesar dos meios, têm o culto da lei rigorosamente cumprida, e entendem que, se ha circumstancias que desculpam transgressões involuntarias momentaneas, nada ha que justifique a persistencia no erro, a repetição do abuso, a pratica da violencia sem tentativa sequer de explicação da sua necessidade.

D'esses é que não comprehendemos o silencio, a não ser que estejam á espera da nova sessão parlamentar, e acreditem que a questão seja larga e amplamente discutida no senado, que ainda se não pronunciou sobre os actos praticados.

Não nos parece que seja este o motivo do silencio que vai em quasi toda a linha sobre factos de tanta gravidade, porque a discussão prévia não pôde deixar de fornecer elementos ao senado e porque as convicções não esperam prazo para manifestar-se, são de ordinario impacientes. E como entre os homens que assim se retrahem em uma reserva commoda, mas egoistica, ha alguns que têm responsabilidades perante a opinião, pelas posições que occupam, por seus antecedentes e pelas ambições de que se não despiram, o publico pôde traduzir esse retrahimento como uma especie de nodoa inextinguivel, que tenha deixado no character nacional o jugo ferrenho a que teve de submeter-se.

Dir-se-hia que ha no fundo da consciencia de cada cidadão como o pudor das humilhações que supportou, e o tardio arrependimento de se não ter revoltado contra ellas, affrontado todas as consequencias.

Perante os principios teria certamente sido heroico esse procedimento, embora se nos afigure tal heroismo pouco pratico, talvez mesmo pouco patriótico, se tivesse chegado a manifestar-se de modo a entibiar a acção do governo, além do necessario. O seu unico lado bom consistiria em servir de exemplo e estimulo ao character nacional, que sempre se robustece ao espectáculo d'aquelles que sacrificam o bem-estar pessoal aos interesses superiores de uma causa.

Não houve, porém, taes protestos, e os raros que tiveram começo de execução, foram abafados sem hesitações nem escrúpulos. Não nos parece, entretanto, que a falta de manifestações d'essa ordem justifique o estranho silencio de agora.

As accusações as mais graves como que cahem no vacuo, as vozes dos poucos que se queixam não encontram echo, como se as consciencias ainda não tivessem despertado da longa e



ameaçadora suggestão hypnotica a que durante tanto tempo obedeceram.

Referimo-nos ha dias ao caso do engenheiro naval Trajano de Carvalho. Em qualquer outro paiz, ou mesmo em nosso paiz em qualquer outro tempo, a queixa dolorosa d'esse homem tão profundamente ferido no coração, o protesto d'esse cidadão em nome da lei, tão barbaramente postergada, levantariam um clamor, que traria necessariamente como resultado pelo menos as apparencias de investigação da verdade. E no emtanto o espirito publico não se mostrou mais abalado do que se tratasse de uma infracção de posturas, punida por um agente arbitrario com uma multa maior do que a marcada rigorosamente por lei.

Alguns jornaes publicam quasi diariamente noticias de fuzilamentos, isolados ou em massa, sem fórma nem mesmo simulacro de processo, e com circumstancias taes que lhes dão o caracter de verdadeiros assassinatos.

Outros reclamam pelos direitos sagrados das familias das victimas d'esses horrores, que se acham na impossibilidade de pelo menos auferir as vantagens que a lei lhes confere. E a tudo isso responde o silencio, a indiferença criminosa, ou a timidez inconfessavel, que resvala pela fraqueza de animo, até chegar á falta de caracter.

FERREIRA DE ARAÚJO.

---

### O principe Obá.

Foi no tempo da guerra do Paraguay. A Bahia mandava para a porfia sangrenta phalanges de bravos, tornando-se inexcedivel no ardor de seu patriotismo.

Por essa occasião, chegou a esta capital, com destino ao sul, uma companhia de zuavos bahianos, da qual fazia parte uma

montanha preta, um creoulão robusto, chamado Candido da Fonseca Galvão.

Uma vez na guerra, empenhados na luta, todos se distinguiram pelo valor, salientando-se em Curupaity o zuavo Galvão, que, como recompensa de seus feitos, mereceu as honras de alferes do exercito.

Referem companheiros seus que a sua fé de officio é limpa e elogiosa, o que bem confirma a justiça praticada para com elle pelo governo de então.

Terminada a campanha e elevado a official, aqui desembarcou o alferes Galvão, vivendo por algum tempo ignorado, mas entregando-se distanciadamente a pequenos excessos alcoolicos.

Desequilibrado por este e outros motivos, a megalomania apoderou-se pouco a pouco de suas faculdades, e o sonho das grandezas jamais o deixou de perseguir, dormindo ou acordado.

Apparelhada a encenação vezanica, comprehendeu-se filho de reis, dando-se a conhecer como o *principe Obá II da Africa*, tendo por vassallos os negros Minas e as quitandeiras do largo da Sé.

Assim identificado com o seu papel, percorria elle as principaes ruas da cidade, cumprimentando sem ser cumprimentado, distribuindo cortezias e affabilidades de soberano, atravessando de uma calçada para outra, afim de trocar palavras e rapidas phrases com qualquer pessoa distincta que se lhe deparava.

O *principe Obá* era um negro de estatura colossal, usava empinada carapinha, bigode espesso e *cavaignac*. Sua voz era vibrante e harmoniosa, seu olhar dominante e altivo.

Typo da rua — mais de ver do que de descrever —, sua figura tornava-se espectacular, de interesse puramente exterior, por isso que, chato e sem graça no dialogo, nos repentes, a sua psychologia resaltava dos trajés que vestia, dos meneios que lhe eram caracteristicos.



Empavonado em sua vezania dynastica, o *principe Obá* considerava as ruas em geral como vastos salões de seus palacios, como prolongamentos pittorescos dos seus Estados.

Em dias communs, nos seus passeios habituaes, envergava comprido *croisé* preto, calça da mesma còr, immensamente larga e afunilada para os botinas, usava de cartola á banda no alto da gaforinha, completando-lhe a *toilette* um *pince-nez* de vidros escuros, luvas de algodão, brancas, guarda-chuva de baixo do braço e bengala.

E aqui, alli, acolá, os moleques, os caixeiros e os vadios o viaavam :

— *Obá! ó principe Obá!...*

E o *Obá* seguia, aprumado o tronco, n'um bracejo cadenciado, no rasgado do andar, assestando o *pince-nez*, disfarçando o contratempo com um cumprimento de chapéo, um adeusinho com os dedos, a este ou aquelle passante, que testemunhára o occorrido.

Devido á sua régia estirpe, á sua successão ao throno d' Africa, o *principe Obá II* recebia lista civil, o tributo dos seus subditos do largo da Sé, que tomavam-lhe a benção, que se ajoelhavam em sua passagem, exclamando muitos, orgulhosos de sua figura e da sua ufanía :

— Eh! eh! Se todos os negros fossem assim!...

Qual a origem da submissão absoluta e espontanea d'essa gente, explicava um documento de successão a um dos thronos africanos que exhibia o *principe* herdeiro, documento que lhe fizeram chegar ás mãos para certificar-o da mania, além das proclamações e manifestos (com retrato), publicados nas folhas diarias, e lidos por este ou aquelle, nas quitandas ou em familia.

Nos dias de grande gala, o seu transitó por entre seus vassallos constituia-se de rigor.

É que estava nos seus habitos não só comparecer nos sabbados ás audiencias do imperador, porém ainda ás recepções sollemnes no paço da cidade.

D. Pedro II, que levava em conta talvez os seus serviços à patria e considerava-lhe as honras do posto, ordenava que lhe franqueassem o ingresso, apesar dos protestos e do ridiculo que isso provocava.

N'essas occasiões, nos dias de cortejo, o nosso *Obá II* vestia fardão, sacudia as baratas do chapéo armado, uniformisava-se militarmente e a seu modo, sendo um dos primeiros que se apresentavam.

Se acontecia, por engano ou gaiatada, a sentinella bradar as armas ao avistal-o, o *principe*, da culminancia de sua modestia, abrindo e adiantando a mão, fazendo signal de calar, despejava-se quasi do tilbury em que ia, confuso e perturbado.

Ao saltar, porém, no embaraço da emoção, sacava do bolso uma nota de 2\$ ou 5\$, que dava ao soldado, e subia as escadas do palacio n'um pacholismo admiravel.

E gingava com os braços, compassava o andar, mirava-se todo, retinto, risonho, bonito no seu pacholar!

Instantes mais tarde, apparecia elle nas sacadas, fitava o povo, reconhecia alguem através do *pince-nez* enfumaçado e de aros de ouro.

E da multidão, apinhada no largo, ouviam-se murmúrios pilhericos, vozes no ar :

— Olha o *Obá!* olha o *principe Obá!*...

Jactancioso de sua posição e de seus brazões, sorria radiante para as turbas, afagava as extravagantes plumas de seu chapéo armado, retrahindo-se em breve.

E a familia imperial encaminhava-se para a sala do throno, que se achava repleto dos personagens illustres do cortejo.

O que vamos narrar deu-se ha uns quinze annos, suppomos que n'um 7 de setembro.

Era da pragmatica da côrte que o ministerio, o corpo diplomatico, a camara e o senado iam incorporados e por ordem beijar a mão aos imperantes, seguindo após outras pessoas de distincção.



D'essa vez, o *principe Obá II d'Africa* alterou o programma, rompendo a marcha á frente do corpo diplomatico.

Vistosamente paramentado, cheio de si, arrastando a espada, inclinou-se reverente diante do imperador e da imperatriz e beijou-lhes a mão; chegando-se para a princeza, saudou-a com respeitosa venia; e para o conde d'Eu, que se collocára em plano afastado, acenou um adeusinho, verdadeiramente intimo e cordial.

Retirando-se de costas, de conformidade com os estylos, á proporção que isso fazia, tropeçou na espada, assentando o tacão da botina no pé do internuncio, que, saltando-lhe as lagrimas de quatro em quatro, correu a mão ao longo da perna para suffocar a dôr e proferiu, chiando e de queixos cerrados :

— Sacrrr... mento!!!...

Mas o pachola do *Obá* fez como que a cousa não fosse commigo, provocando o facto sensivel hilaridade.

Uma tarde o encontrámos e disse-nos elle :

— Dr. e patricio, participo-lhe que casei-me com uma princeza africana, porque não encontrei outra que pudesse casar commigo.

Felicítamol-o pelos régios desposorios e elle continuou seu caminho.

Conta-se que no dia 2 de dezembro, que seguiu-se á proclamação da Republica, o *principe Obá*, como de costume, dirigiu-se ao paço para cumprimentar o imperador; que, encontrando as portas fechadas, ou sendo despedido, enfureceu-se e prorompeu em « vivas » e disparates.

O que n'isso ha de authenticico não affirmamos; o que é certo, porém, é que o governo provisorio da Republica cassou-lhe as honras de alferes, sobrevivendo elle apenas alguns mezes a esse desgosto.

Bobagem!

Não seria preferivel tel-o feito recolher a um asylo?

No dia immediato ao do seu fallecimento, os grandes jor-

naes d'esta capital consagraram-lhe artigos biographicos, cedendo-lhe escolhido logar na interminavel galeria dos typos da rua.

D'aquelle tempo, o *principe Obá* foi um dos poucos que não *adheriram*.

MELLO MORAES FILHO.

---

### Liberdade da Egreja.

Liberdade! Dae liberdade á Egreja de Jesus Christo! Ella não vos invade, ella não vos violenta, deixa-vos seguir o vosso regalismo, ou quaesquer doutrinas ou seitas que queiraes abraçar.

Deixae-a tambem regular-se livremente conforme suas leis.

Oh, bemaventuradas cadêas que darão de si a liberdade da egreja do Brazil! Bemaventuradas aggressões e injustiças, que estão despertando em tantas almas o fervor, que andava tão amortecido, das verdadeiras crenças catholicas!

O que parece um pôr do sol, é uma aurora! A cruz núa do calvario está annunciando uma resurreição! Essa crise dolorosa que a muitos se afigura mortal, é a passagem para a vida! A luz irá seu caminho para o futuro, para um futuro esplendido e glorioso, apesar das trevas e desfallecimentos do presente.

Ruja a tormenta embora; cerre-se a noite sobre esse triste mundo, que parece querer voltar para o paganismo.

Os pharóes estão accesos; a costa toda illuminada!

A doutrina catholica affirma-se, em toda a sua força, em toda a sua belleza.

Havemos de transmittir a todos esta luz da verdade que faz a felicidade da nossa vida. Á força de soffrimentos, de esforços, de sacrificios, meneando as armas pacificas da oração e



da palavra, conseguiremos chamar nossos irmãos desviados á suave communhão da egreja de Jesus Christo.

Quanto a mim, apezar de minhas cadéas, sinto-me feliz de viver para lutar e soffrer, de viver para dar um testemunho de fidelidade com que devemos servir a patria da terra e a patria do céo.

Condemnem-me os homens como um facinora e um rebelde.

Quando, com a mão tremula, elles tiverem lavrado e assignado a minha sentença, firme na minha consciencia, certo de ter feito o meu dever, olharei tranquillo para o céo e direi : — Appello para a justiça de Deus!

D. ANTONIO MACEDO COSTA (BISPO DO PARÁ).

---

### Genio dos povos germanicos.

Houve dous momentos, um na historia do globo, outro na historia da humanidade, em que das phantasticas regiões do norte da Europa desencadearam-se tempestades indescritiveis a assolar medonha e violentamente as bandas do meio-dia. O primeiro foi quando das mais altas latitudes da Scandinavia desceu, no periodo quaternario, aquelle oceano impetuoso que, com o alvião de suas ondas, desagregou rochas, aluiu montanhas, cavou mil valles, imprimindo ao envelope tellurico, n'aquella parte do planeta, uma physionomia extranhamente nova. O segundo foi quando, das mysteriosas florestas da Germania sahiram em batalhões indisciplinados, mas invenciveis, aquelles barbaros de *olhos feros e azues, cabellos ruivos e estatura elevada*, que, no seculo V, ruiram epilepticos contra o imperio romano do occidente, e depois de desmembrarem o colosso, espalharam-se por quasi toda a Europa, gloriosos, na plenitude da força e da victoria.

— Dous cataclysmos, dir-se-ha...

Sim; mas dous cataclysmos necessarios e de resultados felicissimos.

A revolução geologica deu aos europeus o solo em que hoje pisam, desnudou as montanhas que actualmente estão crivadas de tuneis e galgadas por viaductos, formou os leitos dos rios e opulentou-lhes as nascentes: a revolução humana lançou as bases de um outro estado de cousas, fundou nacionalidades novas, alargou o circulo da historia e a esphera da actividade social.

O povo que provocou estes acontecimentos e que concorreu de modo directo para que elles se realisassem deve ser encarado com sympathia e estudado com interesse.

Ora este povo foi o germano. Façamos, portanto, rapidamente a sua psychologia.

Ramo d'essa grande arvore aryana, cuja fertilisante sombra projectou-se primeiro nas visinhanças do Hymalaia, e em seguida estendeu-se na direcção de oeste, como que acompanhando a marcha apparente e diuturna do Sol; os germanos, como os celtas, os hellenos, os italos e os lithuano-slavos, trouxeram para a Europa as tendencias psychicas da raça-mater e mesmo alguns resquicios das primitivas instituições religiosas e sociaes do tronco commum.

Mas tendo-se diferenciado e especializado as aptidões de cada um d'esses grupos da familia indo-européa, tendo-se modificado progressivamente a idiosyncrasia de cada um sob a pressão do condicionalismo mesologico, veio o character germanico a separar-se profundamente do dos outros povos irmãos, e especialmente do dos hellenos e latinos.

Ao passo que estes, sahidos muito cedo da primitiva tenda ancestral e logo estabelecidos sob mais doce clima e sob céu mais puro, preparavam a argamassa que ia servir à construcção do surprehendente edificio greco-romano; aquelles — os germanos — internavam-se independentes e errantes pelas terras do norte, acampando, quasi nus, ás margens dos rios, caçando e combatendo sob a folhagem espessa e rumorosa dos bosques hyrcinios ou nas clareiras pavorosas da Floresta-Negra.



Uma tal existencia nomade, accidentada e aventureosa, despertou e encendrou n'estes barbaros o sentimento de amor e veneração pela valentia e pela força, e, como consequencia, o respeito pelo valor individual — fonte de toda conquista e de todo poder.

ISIDORO MARTINS JUNIOR.

---

## CRITICA LITTERARIA

### Cornelio Tacito.

Tacito pensava e dizia : — Não estou com meios termos, agarro pelas guelas o meu inimigo e o estrangulo... — Este pulso sente-se em cada pagina dos *Annaes*.

Lembrai-vos que elle se esmera em descrever a morte de Agrippina. Até o lume vivo das estrellas, a serenidade do céu, o silencio da noute, a maviosa melancolia da solidão, invoca e cita, quaes incorruptiveis e eternas testemunhas contra Nero !...

Dizei se , tendo lido aquella pagina , podeis imaginar um monstro peor que este infame matricida, que desnuda o cadaver da mãe para contemplar-lhe os graciosos contornos, as encantadoras fórmãs ! Dupla profanação da natureza e da morte !

Tacito possui a arte de vasar na alma dos leitores todas as suas coleras ; de incutir-lhes no coração a satanica alegria de martyrisar os réos que pune.

Ha n'esta mão que fere, um estremezimento voluptuoso de gozo... Parece tactear cada gemido do torturado, debatendo-se no cavallete... Espia-lhe até a ultima agonía...

Crava os olhos no condemnado com a ancia terrivel da panthera ; lança-lhe as garras ; lanha-lhe as carnes ; sorve-lhe, gotta á gotta, o sangue que escorre...

Tem instinctos ferinos ; se lhe escapam, entre os eloquentes clamores, uns rugidos abafados...

Não faz como os sacrificadores antigos ; não, não engrinalda as victimas : folga em avital-as primeiro.

Sorri quando as marca barbaramente com o ferro em brazil. Irrita-se contra ellas, e não hesita a esbofetear-lhes as faces...

Não perpassa por aquelle espirito, sequer, uma vaga emoção de humanidade, um sôpro de misericórdia ; sente-se-lhe a ferrea rigidez do cutelo.

O estylo de Tacito é um escalpello, manejado pela tenacidade de impassivel anatomico, dissecando visivelmente com a paciencia e o amor da arte.

A concisão da phrase, a solemnidade do tom, as reflexões pungentes, as subitas erupções de colera, a rapidez dos periodos, tudo revela que a exclusiva preocupação do escriptor é não perder o tempo de suppliciar os pacientes...

Bem lhe cabe a expressão eschyliana de Victor Hugo — é um homem abysmo !

Na penna de Tacito a historia deixa de ser a musa antiga, narrando os acontecimentos do passado : é a Nemesis vingativa, que abate e esmaga o vencido.

A indignação que lhe reserve n'alma, não contém-se nos limites traçados pela razão, apreciando as acções humanas. Tacito finge desconhecer a fatalidade das circumstancias e o obscurecimento da consciencia.

Elle tem mais imaginação do que Dante ; saberia com mais perversidade atormentar os reprobos. Shakspeare não o excede na concepção das sinistras personagens dos seus dramas ; deixa-lhes ao menos alguma cousa de humano. Os malvados de Tacito são creações que desmentem as creaturas da natureza ; são monstros completos.

Quando termina-se a leitura d'essas paginas pavorosas, detesta-se a humanidade ; vacilla-se em crêr na coexistencia do bem e do mal, e pergunta-se se a humanidade é feitura das mãos de Deus, conforme a sua imagem e semelhança.



Tacito não é só um escriptor, é um profundo philosopho tambem; não professa, porém, sobre a personalidade humana nenhuma das consoladoras idéas de Platão ou de Cicero, as quaes — raios desprendidos da verdade eterna — cortavam as trévas do paganismo. Parece caluniar esta natureza humana, que não é tão desprezível, e para nós tem outra valia depois do supremo sacrificio do Calvario. Certo ella nunca perdeu totalmente os sublimes instinctos de sua origem.

Não se pôde crêr na justiça do historiador, porque é o requinte do odio. Não se vê n'elle o juiz na suprema e imponente imparcialidade, na magestosa serenidade da razão.

Representante de todas as coleras, de todos os soffrimentos, elle é um immenso brado de maldição contra o despotismo e a injustiça: condemna e não julga; vinga e não se sacia.

Despojai-o do esplendido e admiravel estylo; tirai-lhe essa eloquencia, que, segundo a phrase de S. Paulo, *é uma espada de fogo ou uma palavra que corre*; apagai-lhe a aureola de luz; não podereis supportal-o algumas vezes.

É um espectáculo que confrange a alma, indigna a razão, levanta o horror na consciencia, a continua presença do algoz com as mãos tintas de sangue...

Em nossos dias a França tem testemunhado as coleras vingativas e impotentes d'um nobre espirito, o Tacito do segundo Imperio; mas estas não vos irritam; não podeis deixar de admiral-as. Ficais amando o velho e glorioso poeta, o derradeiro e brilhante paladino do seculo, solitario na arena dos grandes combates.

É que encontráis n'esta alma todos os sentimentos que fazem a honra, a nobreza e a santidade, quer da pessoa, quer do genero humano; encontráis principalmente a *piedade suprema*.

Tacito não se fez amar, fazendo-se admirar; inspira terror; é o genio do remorso. Não escreve — grava, esculpe; quer petrificar as palavras para n'ellas eternisar o pensamento da vingança; dir-se-hia que elle teme não terem ellas efficacia de

perpetuar as ignominias e perversidade dos tyrannos e a abjecção dos povos.

Presentiu sómente poderia ser lido á mercê do esculptural estylo. Previu que a posteridade não se associaria a seus rancores, embora lamentasse as victimas e condemnasse os verdugos; e, notando a deficiência de humanidade na inflexivel severidade, não applaudiria o escriptor que convertia a historia n'um poste de supplicio!

O artista tentou deslumbral-a, e á força de genio opulentou a sua obra, de modo que tem conquistado a sua admiração e conseguido disfarçar a inexoravel vingança em bem merecida e legitima justiça!

EUNAPIO DEIRÓ.

### Antonio José e Molière.

Venhamos ao *Amphytrião*. Um erudito escriptor, o Sr. Theophilo Braga, suppõe que a intenção do poeta, n'essa comedia, foi pintar em Jupiter a pessoa de D. João V, supposição que detidamente examinei e me parece inteiramente gratuita. Cuido que o eminente critico faz da coincidencia um proposito, e fundamenta a sua suspeita na possivel analogia das aventuras do deus pagão e do rei christão. A analogia podia ser um elemento de prova; mas desacompanhada de outras não faz chegar a nenhum resultado definitivo. Ora, basta ler o *Amphytrião*, basta comparar a situação do poeta e o tempo, para varrer do espirito semelhante hypothese. Certo, não faltava audacia ao poeta; ahi está, como exemplo, a definição da justiça feita por Sancho na *Vida de Quixote*; mas entre a generalidade d'esse trecho e a satyra pessoal do *Amphytrião* vai um abysmo. Occorre-me que do *Amphytrião* de Molière tambem se disse ser allusão a Luiz XIV; com a differença que em França não se attribuiu a Molière a intenção de ferir, mas de



ser agradavel ao rei, que lhe havia encommendado aquella apotheose de suas proprias aventuras, opinião esta que, por se não compadecer com a dignidade de Luiz XIV, foi de todo condemnada. Não, não ha motivo para attribuir a Antonio José a intenção que lhe suppõe o Sr. Theophilo Braga; e, se tal intenção existisse, o desenlace da comedia, quando Jupiter se declara acima da lei, viria a ser de um sarcasmo tão crú, que nem poderia soffrê-lo o decoro real, nem alcançariamos comprehendê-lo n'aquelle seculo.

Evidentemente o judeu achou na aventura pagã o mesmo que lhe acharam Plauto, Molière e Camões — um assumpto prestadio ás combinações scenicas, e, demais, singularmente proprio para as chufas do Bairro-Alto. Desnecessario é dizer os tramites d'essa travessura de Jupiter, que, namorado de Alcmena, toma a figura do marido e vai á casa d'ella, acompanhado de Mercurio, que copia as feições de Sosias, criado de Amphytrião. O nosso poeta seguiu no principal a fabula que encontrou nos antecessores, fazendo-lhe todavia as alterações suscitadas pelo gosto proprio e da platêa. Assim, o Sosias de Plauto, de Molière e de Camões, é na peça de Antonio José um Saramago. Não lhe mudou elle o essencial; mas trocandolhe o nome, obedeceu ao systema de dar aos criados nomes burlescos. O de Jason, nos *Encantos de Medéa*, chama-se Sacatrapos; ha nas outras operas um Caranguejo, um Esfusiote, um Chichisbéo. São nomes; não valem mais do que nomes. Nem Molière chamou Dandin ao principal personagem de uma das suas comedias senão para caracterisal-o desde logo de um modo jovial; não pretendeu outra cousa. Comtudo, a observação, em relação a Antonio José tem um valor de um rasgo significativo.

Cotejando o *Amphytrião* de Antonio José com os de seus antecessores, vê-se o que elle imitou dos modelos e o que de sua casa introduziu. Já disse que no principal seguiu-os a todos; mas nem sempre soube escolher, e darei d'isso um exemplo claro. Camões, que, não sendo poeta comico, era todavia

homem de tacto e gosto, corrigiu antes de Molière, o desenlace do *Amphytrião* de Plauto. Na comedia d'este, logo depois de explicar Jupiter os equívocos da situação e de annunciar ao marido de Alcmena que o filho d'esta é seu, mostra-se Amphytrião inteiramente satisfeito e glorioso com o desenlace. Camões supprimiu tão singular contentamento, e o mesmo fez Molière; em ambos os poetas Amphytrião ouve silencioso as declarações do pai dos deuses, sem que Alcmena assista a ellas. Antonio José, não só não seguiu n'essa parte os modelos recentes, mas até carregou a mão sobre o que imitou de Plauto. A alegria do seu Amphytrião e da sua Alcmena é tão franca, tamanho é o alvoroço dos dous esposos, que realmente chega a offender as leis da verosimilhança, ainda tratando-se de um caso divino. N'este ponto Antonio José foi antes inadvertido do que obrigado do gosto publico. Outro caso : nas comedias anteriores não ha nenhum lugar em que Alcmena veja ao mesmo tempo os dous Amphytriões; e isto não só era necessario para prolongar e justificar os equívocos, mas até o exigia a verosimilhança; porque, desde que Alcmena chegasse a vêr juntos os dous exemplares exactos do marido, sahia da boa fê, que serve de fundamento á sua illusão, para cahir no maravilhoso e no inextricavel. E é justamente o que acontece na comedia do judeu.

Vamos agora ao que o judeu imitou directamente de Molière. Ha na comedia d'aquelle um character, o de Cornucopia, mulher de Saramago, que não tem equivalente na de Plauto, nem na de Camões, e que só na de Molière existe. Molière (é observação de La Harpe), fazendo de Cleanthis mulher de Sosias, inventou uma situação parallelá á de Amphytrião e Alcmena, dando-lhe, porém, differente aspecto; Cleanthis pertence ao numero das esposas, que, por serem honestas, cuidam poder ser insupportaveis. Ora bem; a situação e o character de Cleanthis transportou-os o judeu para o seu *Amphytrião*, e não se pôde dizer encontro fortuito, senão deliberado proposito. Basta cotejal-os com espirito advertido; a differença é de tom, de



estyllo; substancialmente a invenção é a mesma; as proprias idéas reproduzem-se ás vezes na obra do judeu. Assim, logo na scena em que Mercurio transformado em Saramago (Sosias) encontra a mulher d'este, achamos o traço cõmmum aos dous poetas.

MACHADO DE ASSIS.

---

### O romance contemporaneo.

A litteratura vive em uma evolução continua, em um renova-mento perpetuo.

Não seria difficil provar que Flaubert provém de Chateaubriand, Bernardin de Saint-Pierre de Fénelon.

Mas em que sentido se opéra a transformação da litteratura?

Á vista do estado actual será possivel determinar a sua feição futura?

Alguem já disse que a razão de ser da critica consistindo em conhecer o presente e prever o futuro, a missão do critico é apanhar a corrente litteraria em sua passagem, interrogal-a, aprofundal-a, determinar-lhe a direcção.

Mas, se lançarmos as vistas sobre os diversos ramos de litteratura, especialmente sobre o romance, veremos que o naturalismo está condemnado a desaparecer, como desapareceu o realismo.

A preocupação constante do systema a que nos referimos tem sido fazer physiologia na arte.

Claudio Bernard é o summo pontifice da escola.

O sangue e a carne constituem todo o objecto de estudo, enquanto se deixa em completo esquecimento e abandono a vida interna com as suas profundas e variadas manifestações.

A sinistra epopéa de miseria — *Germinal* — ahi está para provar o que affirmamos.

É com sangue podre que têm sido escriptas as mais rutilantes paginas do naturalismo.

Quando não é o sangue podre, serve de thema o *rut* como em *Terre*, ou a nudez impudica como em *Joie de vivre*.

Os mercados, as minas, as penitenciarías, os hospitaes têm sido minuciosa e magistralmente descriptos. Entretanto, por mais que os naturalistas avolumem as suas construcções, por mais que alarguem a área das suas longas e nitidas descripções, a ponto de Zola apresentar, sob o nome de romance *Débacle*, esta detalhada narração de duas gigantescas potencias nacionaes em guerra, o leitor sente-se victima da mystificação, conhecendo que o alvo do naturalismo não é senão impor-se ao espirito por estupefactivas descripções.

Nem se diga que Zola e seus discipulos entregam-se a este expediente para mostrar a influencia do meio, como faz, por exemplo, Taine, que explica Rembrandt pela ausencia de sol, porquanto, convém não esquecer que entre os naturalistas o meio é o principal elemento, em face do qual desaparecem todas as idéas, sentimentos e volições.

Em *Débacle* a representação da guerra é a contextura mesma da obra, ao passo que em *Guerra e Paz*, de Leão Tolstoi, as admiraveis narrações das batalhas de Schœngraben, de Austerlitz, de Borodino, não são feitas senão para realçarem a physionomia e o espirito d'aquellas originaes figuras tão ricas de vida interior.

Assim, o que caracteriza o notavel escriptor russo é o tom humano, o traço psychologico de suas grandiosas creações, enquanto que Zola esquece quasi sempre as agitações e movimentos da alma pelas scenas exteriores, pelas puras descripções.

Entretanto, cumpre confessar, na França, onde a escola naturalista teve o seu berço, a formula não tem permanecido fixa e inalteravel como um dogma.

Em Guy de Maupassant já se encontra menos sequidão de seiva pessoal, humana.



É com um tanto de firmeza e precisão que o autor de *Une Vie*, *Bel Ami*, *Fort comme la Mort*, faz a analyse interior.

A sua psychologia, porém, limita-se a um estado da alma, a uma paixão, a uma situação, a um accidente; não é o estudo do ser humano em toda a opulencia de sua vida, em toda a extensão de sua existencia.

Psychologo mais profundo do que Guy de Maupassant, Paulo Bourget diagnostica com muita felicidade as molestias moraes; mas falta-lhe aquella ternura penetrante, aquella piedade pungente, que é um encanto nas producções de Dostolewsky.

Antony Blondel, reagindo contra a exagerada influencia do meio, no *Romance de um mestre escola* ensaia apanhar a natureza humana no que ella tem de instavel e ondulante; mas a sua psychologia é mais racional do que humana, não encarando as questões senão pelo seu lado philosophico, fazendo preponderar sempre a reflexão sobre todos os outros movimentos da alma.

Como o *Romance de um mestre escola*, escriptos em reacção aos exageros do mesologismo são *Course à la mort* e *Sens de la vie*, de Eduardo Rod; *Sous l'œil des Barbares* e *Un homme libre*, de Mauricio Barrès; *Conquête de Lucie*, de Alberto Bataille; *Nuits de Tristan Noel*, de Julio Tellier; *Ames de verre*, de Mauricio Beaubourg.

Finalmente o adoravel Julio Cases, este solitario tão rico de vida intuitiva, tão acima do prosaismo e da trivialidade da vida ordinaria, produz *Bonnet rouge* e *Ame en peine*, duas obras primas, cujo estylo sthendaliano parece uma especie de musica encantada a transportar o espirito do leitor para as mais elevados regiões da poesia.

Do exposto vê-se que a moderna corrente litteraria, desde o realismo com a sua falsa concepção da natureza até ao idealismo, que restringe a arte a um exclusivo ponto de vista psychologico, caminha no sentido d'este subjectivismo superior, que faz o homem encontrar em si mesmo o seu ultimo asylo e

buscar no amago da sua propria natureza a flôr da sua ultima esperança.

ARTHUR ORLANDO.

---

### Diario de Lazaro.

Um mal physico, servindo de fundamento de um drama angustioso, não é idéa hodierna, mas millenaria. Já no seculo VIII antes de nossa éra excita a musa hebraica a uma producção incomparavel, que merece a admiração de todos os que se dão ao estudo das obras deixadas pelo genio dos hebreus. Renan considera-a o ideal do poema semitico.

Quero referir-me a historia de Job, a qual d'entre todas as das lettras biblicas, depois do Genesis e dos Evangelhos, é a que mais falla á meditação e sympathia do povo.

E todavia, ainda que essa idéa appareça no livro de Job revestida das proporções mais amplas, não deixou fechadas ao engenho do homem todas as portas do reino encantado do imaginar. Esse livro, porém, está fóra de comparação. Ha ahi elevação que excede á da musa de Schiller, profundeza que vence a do genio de Shakespeare. A maior miseria depois da maxima opulencia, a maior desgraça depois da suprema felicidade, dôres intraduziveis succedendo immediatamente a prazeres incomparaveis, emfim a fé e a paciencia perto de descambarem na descrença e no desespero, dão a esse poema originaes contrastes, e o apresentam como o modelo mais perfeito na pintura do soffrimento humano. Não ha noticia de afflicções tão complexas na historia da humanidade. O grande justo soffre como pai, como esposo, como amo, como cidadão, como possuidor de bens, como hospede, como crente. Que mais resta para affligil-o? Nada falta. Além da miseria, o desprezo, a ingratição, a dôr moral, tinha elle comsigo a dôr physica, tinha a lepra desde a



planta do pé até o alto da cabeça. « Sentado n'um monturo raspava com um pedaço de telha a podridão. » Tal é o drama que, quando « Roma não existia ainda ; quando a Grecia tinha cantos harmoniosos, mas não sabia escrever ; quando o Egypto, a Assyria, a India, a China haviam passado por muitas revoluções intellectuaes, politicas e religiosas, um sabio desconhecido, fiel ao espirito dos antigos dias, escreveu para a humanidade n'essa disputa sublime onde o soffrimento e as duvidas de todas as idades deviam achar tão eloquente expressão ».

Não obstante o genio d'esse artista privilegiado, a razão está dizendo que da sua tela alguns fios deveram ficar sem a precisa trama. O livro de Job é mais uma colossal polemica philosophica do que a pintura das dôres physicas. A fé e a paciencia sustentam ahi luta incessante com a duvida, buscando conhecer o incognoscivel. O poema satisfaz primeiro a necessidades do espirito que do coração.

No *Leproso da cidade de Aosta*, cuja veracidade tem por si o testemunho de Sainte-Beuve, começa a deixar-se entrever o amor que apparece caracterizado na *Alma do Lazaro*, e que se avigora ainda mais no *Diario de Lazaro*. Não só n'este, mas em outros pontos, Alencar inspirou-se em Xavier de Maistre, e Varella iníspirou-se em Alencar.

O *Leproso* tem umã irmã que o ajuda a carregar a pesada cruz da desventura. O *Lazaro*, imaginado por Alencar, tambem tem uma irmã, Luiza, que lhe dá consolações. A irmã do *Leproso* morre; Luiza não morre, mas se ausenta; quem tem morrido é a mãe do doente; e n'este ponto o *Diario de Lazaro* imitou a *Alma do Lazaro*.

Uma tarde o *Leproso* surpreendeu a se deliciarem em praticas e caricias de placida felicidade dous jovens casados de fresco, que faziam uma disgressão pe'lo pequeno jardim que elle cultivava. Tem inveja á sorte dos amantes, e lamenta não ser um d'elles.

Não ha no livro de Job, com ser tão sublime, uma scena identica, ou ao menos analoga a esta: os intuitos do escriptor biblico

são muito diversos. Mas no escripto de Alencar esta scena se reproduz com proporções maiores.

A felicidade, que o leproso de Xavier de Maistre tinha por impossivel, encontrôu o do autor do *Guarany*: amou e chegou a ser amado.

Em Varella esta idéa traz fórmas mais humanas. O leproso não inspira um amor impossivel. A mulher não fez mais do que continuar a amar aquelle para quem se sentiu attrahida, quando o aformoseavam saude e mocidade, quando não apparecia de - forme sob o manto de repugnante infortunio. O amor aqui é mais natural como dever do que acolá como affecto, embora simples e innocente.

Outras analogias approximam estas tres producções modernas.

O pensamento de suicidar-se occorre ao enfermo na narrativa de Xavier de Maistre, ao vêr-se privado de um cão, sua unica e fiel companhia; na de Alencar é suggerido pelo encontro de um cão hydrophobo, do qual todos corriam horrórissados, menos o enfermo, que foi direito ao animal, que aliás lhe teve asco e fugiu; na de Varella é suggerido pelo contacto de uma cobra, que se lhe escorregou por entre os dedos e desapareceu quando elle tentava retê-la pelo collo.

O leproso de Xavier de Maistre em certa occasião mostra-se resolute a pôr fogo na casa afim de se deixar destruir com ella, resolução que sómente não levou a effeito por lhe terem lembrado as palavras da irmã, que promettera não o deixar nunca, ainda depois de morta; o de Alencar escapa ás chammis que lhe atearam na casa, atirado para fóra por uma taboa, sobre a qual cahira uma parede com grande violencia.

A idéa do *Diario*, que é a fórma do poemeto de Varella, encontra-se no romance de Alencar. Aquella tomou-a deste.

Emfim, ha uma tal identidade de assumpto e traça n'estas narrativas, que não se pôde deixar de ter por muito provavel que Varella se inspirasse em Alencar e que Alencar se inspirasse em Xavier de Maistre.

Mas, bebida ou não em alheia fonte, a producção de Varella,



senão pela execução, certo pelos intuitos, é superior ás duas precedentes; é superior até á parte, que se lhe póde comparar, da *Delfina do mal*.

FRANKLIN TAVORA.

---

### O indianismo de José de Alencar.

O indianismo foi um dos lados por que José de Alencar mais se deixou arrastar na lição chateaubrianica. A paixão pelo ideal tupy cedo o empunhára. Que o poema indigena adejou-lhe n'alma desde os mais verdes annos confirma-o a carta final da *Iracema*, e a saudade que, a despeito dos sorrisos, começa aos poucos a invadil-o. Fôra justamente esta preocupação, vinda de tão longe, que prostrára nas celebres cartas de *Ig* a epopéa pretenciosa do poeta Magalhães. Já no *Guarany* a impaciencia fizera, apesar das exigencias da composição, golfar no papel grande parte d'esse immenso desejo; ahi encontramos os cadenciados cantos de Pery e a lenda do Tamandarê.

N'este tempo é bem possivel que a *Iracema* já existisse na flôr, que só em 1863, depois da digressão ao torrão natal, arredondou-se no fructo esplendido, primicias da idéa talvez inexequivel d'esse poema promettido em 1856, e ainda em quasi sua totalidade inedito — os *Filhos de Tupan*. Digo primicias, porque, ao que parece, a idéa grandiosa d'esse projectado monumento sossobrava-lhe a alma em um pelago insondavel. Por vezes vi-o manifestar as vacillações em que o punham os cantos inacabados logo que os tentava corrigir; e recordo-me bem de que a duvida principal consistia em fixar uma das duas hypotheses — se o verso deveria soltar-se dos labios de um bardo civilisado ou se da boca de um tupy. No primeiro caso, elle dizia, todos os sentimentos indigenas teriam de desapparecer da tela, pois que seria estranho que a esthesia guaranitica penetrasse na alma do portuguez contemplativo; racionalmente não

poderia aproveitar o fundo das crenças indigenas e encarnar a legenda dos piagas na estrophe barbara dos *nheengaraçaras*. No segundo corriam-se da vista todas as bellezas que assombravam o colono : nem as lutas truculentas dos selvagens, nem o urro do jaguar, nem a sombra da floresta, nem o brado das cascatas, nem o convulsionar dos grandes rios, nem os encantos da flora e fauna conseguiriam desferir as cordas do instrumento indigena. Indifferente a tudo isto por habito e conformação, o selvagem desconheceria todo o segredo da arte descriptiva, para concentrar-se só nos seus rudes sentimentos, nas suas vinganças guerreiras, nas suas paixões sanguineas, n'essas admirações brutaes pelo raio, pelo trovão, que dominam o animal apenas humanizado. E esta critica com razão o esbarrava; era o instinctivo reconhecimento em tempo da impossibilidade de construir-se um poema cyclico. Da fusão entretanto d'estas duas hypotheses nasceu a *Iracema*, para cuja apreciação força é tomarmos o unico ponto de vista razoavel, que sem decapitar a obra reconheça o que possa haver ahi de falho e insufficiente.

Já vimos como e por mão de quem entrára o romantismo no Brazil. Os vagidos da musa de *Urania* e das *Brazilianas* mal foram ouvidos pelo povo, que iniciava os seus ouvidos nos segredos da lyra civilisada. A imitação servil dos poetas europeus facilmente convencêra de que o unico veio então possivel, por onde se inoculasse o romantismo, seria o das tradições do paiz.

A *Confederação dos Tamoyos*, impressa então sob os auspícios do Imperador, em régia edição dourada, se não foi, pelo menos pretendeu ser o canon litterario da nova geração. Esse canon porém não trazia o sello do genio, e sob o ponto de vista romantico, nem sequer exprimia a comprehensão tardia do movimento que procurava propagar. O indianismo, ou, por outra, o sentimento da legenda indigena, entranhado no coração crioulo pela reacção romantica, só teve um representante sério no Brazil, como só um teve tambem na America do Norte : — José de Alencar e Cooper. Sem embargo do que se possa



trazer em abono de Basilio da Gama e Durão, que, destituídos de intuitos, foram apenas influenciados pelos tons geraes da paizagem brasileira; sem desconhecer o grande sentimento das florestas que em muitos e muitos logares se nos depara nos cantos do nosso grande lyrico Gonçalves Dias, é de inteira justiça aceitarmos o facto de que — impressão forte e inspiradora só na *Iracema* podemos encontrar.

Muito de proposito appróximo hoje os dous romancistas brasileiro e americano; quero mostrar a divergencia entre estas duas naturezas e corrigir um provavel erro de minha puericia litteraria. Quem se der ao trabalho de ler toda a serie dos romances curiosos de Cooper, em que se descreve a historia da independencia de sua patria e as lutas incessantes travadas pelos pioneiros chegados alli de todos os pontos do mundo para travar a luta não só com o homem vermelho, como com as difficuldades offerecidas a cada passo por uma natureza promettedora e cruel ao mesmo tempo, muitas vezes sentir-se-ha cansado e fechará o livro aborrecido. Se comtudo continuar e chegar ao fim d'essa peregrinação, sem omittir os detalhes fastidiosos e as insistentes descripções de caracteres, uma cousa surgirá ao dobrar a ultima pagina, e é o sentimento como de uma qualquer cousa verdadeira que observou de perto e o impressionou. A razão é simples: Cooper, embora recebesse os moldes do romance das mãos de Walter Scott, era por natureza e educação o que se chama um *temperamento realista*. Elle nunca procurou poetisar a natureza. Teve em principio uma vida rude, viajou como grumete através dos mares, viu tempestades, contemplou todos os phenomenos maritimos; depois atirou-o a sorte para o meio dos desertos do *Far West*, aonde viveu em guerras com tribus selvagens; e lá um dia, por um capricho, sem prévia educação litteraria, lembrando de sentar-se a uma mesa e de molhar a penna n'um tinteiro, começou a desvendar-nos, com a eloquencia simples de quem assistiu, essas narrativas fortes, verdadeiras, lucidas, que são ainda o encanto dos leitores de gosto e dos avidos americanos.

O indianismo em Cooper portanto foi uma obra de acaso; o selvagem, como já observei algures, é sempre em suas obras relegado para o fundo do quadro, em cujo plano principal avultam o lutador sympathico, o colono, os Tom Marchs, o batedor de estradas, o caçador de pelles, os Nathaniel Bempos, e tantos outros caracteres que têm sido pilhados e estragados pela turba dos fabricantes de romances americanos, Gustave Aymard, Paul Duplessis, Chevalier, Gabriel Ferry, etc. O interesse pois que o selvagem ahí desperta é filho unicamente da verdade que transluz. Cooper não o apresenta heroe: é o leitor quem o vai arrancar das sombras, dos escondrijos aonde a sagacidade o occulta.

Opposto caminho seguiu o autor do *Guarany*. Vimos em principio como se formou o seu espirito e o seu brazileirismo na leitura das chronicas e nas vistas syntheticas de seu paiz. Pouco viajou; não experimentou a rudeza do deserto, e do seu gabinete perfumado foi que elle projectou a sua lente sobre os horizontes imponentes do Brazil. José de Alencar era de um idealismo *hors ligne*.

Na *Iracema* concretisam-se todas estas illusões de sua terra; mas, digamõs lôgo, muitõ, e profundamente sentidas. E só á luz d'este sentimento é que devemõs enxergar os merecimentõs e as qualidades do producto que analysamos.

T. A. ARARIPE JUNIOR.

---

### Um livro do Sr. Affonso Celso.

Os acontecimentos que mudaram a nossa fórma de governo, restituiram ás lettras o Sr. Affonso Celso que se tendo n'ellas estreado, ha mais de tres lustros, rodeado de merecidas sympathias, abandonára-as pela politica. Honradamente fiel a convicções feitas após uma rapida passagem pelo republicanismõ theorico, elle é d'aquelles poucos que pela sua attitude



de abstenção e amúo protestam contra o novo regimen. No Sr. A. C. este protesto tomou a fôrma litteraria, menos platónica, mas em todo o caso anodina. Em tres annos deu elle á luz uns cinco ou seis livros que, não é muito dizer, obedecem todos á mesma inspiração, aos mesmos intuitos. Toda essa litteratura pudera levar o epitheto de « litteratura sebastianista ». Ninguém, e menos que ninguém o autor do *Invejado*, me fará a injuria de suppor a minima intenção de menos preço, ou de ironia sequer, n'esta qualificação. Á falta de outras qualidades, desvaneço-me de uma sufficiente largueza e liberdade espirital para achar tão natural e legitimo e honesto que se faça litteratura monarchica como litteratura republicana, si taes qualificativos não são completamente incongruentes, e, como quer que seja, ridiculos. E si precedo d'estas observações esta rapida e ligeira noticia do ultimo livro do Sr. A. C. é, porque, toda a sua obra litteraria, que no futuro será talvez um curioso documento do estado de certos espiritos, não pôde ser estudada e comprehendida, independentemente das condições em que foi concebida e executada e, quiçá, dos motivos que a inspiraram. Romancista, contador ou chronista, o Sr. A. C. não é um artista imparcial e indifferente, mas em todo o rigor do termo um sectario, um apaixonado. Elle absolutamente não faz a arte pela arte, nem ao menos busca sem outra preocupação que as da sua propria arte dar aos seus contemporaneos ou fixar para o futuro a impressão do meio em que muito a contra gosto seu é obrigado a viver. E isto prejudica grandemente toda a sua obra, na qual não soube, e esse é o seu principal defeito e origem dos senões que a maculam, occultar a sua personalidade de politico sob a sua personalidade de artista. Ora o politico é forçosamente um apaixonado e, n'este caso, a paixão perturba a visão, sinão o entendimento. A critica, pois, que faço ao Sr. A. C. não é d'elle ter feito dos homens e cousas da nova situação uma pintura desagradavel e desprezível, é de havel-a feito mal feita. E fel-a assim, não porque lhe faltassem os dons para fazel-a bem, que de sobejo

os possui, mas porque, repito e insisto, a preocupação política — e de politico fundamentalmente ferido nas suas afeições e nos seus orgulhos — viciou a sua inspiração artistica. — O romance, como a poesia e o drama, tem em todos os tempos e em todos os paizes, sido um elemento de critica, de propaganda ou de ataque social ou politico. Nenhum, porém, que não fosse sobretudo uma obra d'arte, jamais se incorporou a uma litteratura. Não precisamos rebuscar na historia litteraria os exemplos, que os temos na mais conhecida nossa das litteraturas de hontem e numerosos. Vejam-se a *Educação sentimental* de Flaubert, a serie dos *Rougon-Macquart* de Zola e mais frizantemente *Numa Roumestan* e os *Reis no Exilio* de Daudet. São todos, não ha negar, romances que pintam e descrevem homens, factos, cousas de uma epoca, n'um momento dado, mas o fazem sem nenhum intuito perceptivel de apologia ou detractação — e por isso mesmo conseguindo effeitos que os livros do Sr. A. C., sem embargo das suas numerosas edições, não logram conseguir. Monarchistas ou republicanos, comtanto que espiritos capazes de apreciar com liberdade, aquelles livros francezes nos dão sobretudo uma impressão d'arte e uma emoção correspondente. Acabando de lel-os, não sabemos si seus autores, pertencem a este ou áquelle partido, inclinam-se por esta ou por aquella fórma com que as classes dirigidas exploram, qualquer que seja a etiqueta, as dirigidas. Ora isso não acontece, e todos os leitores estarão commigo, nos livros do Sr. A. C. e muito menos no ultimo, *O Invejado*, apezar do A. protestar em a sua advertencia « contra quem enxergar em seu trabalho cousa diversa de modesta tentativa de um romance nacional contemporaneo ». — Não, nós todos que o lemos, não podemos justamente ver nelle sinão essa cousa, tão clara e manifesta nol-a poz o A. diante dos olhos. Pela composição e pelo estylo o livro do Sr. A. C. é ao mesmo tempo um pamphleto politico, com as suas inevitaveis partes parallelas de panegyrico e de vituperio, e uma novella. Estas duas porções, porém, e é sómente este o motivo do meu desgosto, se não ligam, se



não combinam em uma obra homogenea e logica. — Não tenho nada a dizer contra a idéa mãe do romance : um rapaz rico, criado na opulencia e mal educado em um meio familiar detestavel com os defeitos da propria indole peiorados por estas circumstancias, que esgotado de recursos, por odio á abolição que lh'os tirara os ultimos, se faz republicano ; tolo, enfatuado, ridiculo, supinamente bôbo, como dizemos nós brasileiros, vem de desillusão em desillusão, da opulencia á miseria, depois de ter aspirado ás mais altas posições na nova republica até um suicidio tragico e original, sempre invejado por um cunhado, cujo nascimento, educação e vida fôra o inverso da sua, outra especie de papalvo, ás vezes quasi pathologicamente idiota, que tem inveja do cunhado, quando sómente um mentecapto não veria que n'elle já nada havia a invejar. Não só nada tenho contra esta idéa, como a reconheço feliz : estudar a genesis de um republicanismo que certo é dos mais despreziveis, acompanhar as evoluções de uma ambição illegitima, como em epocas revoltas apparecem tantas, descrever a feição dos homens e das cousas da epoca e dar como que a impressão d'ella.

— A paixão estudada ou antes apenas indicada no livro, a inveja, é um accessorio e não o principal, não tem a minima e a mais remota influencia nem sobre o personagem principal, nem sobre o desenvolvimento da acção. Si o A. indica algures que o objecto d'ella, Juquinha « o invejado » desconfiava d'ella e chegava mesmo a perceber-a, nós o cremos sob palavra, mas não logramos jamais lóbriga-lo no romance. Dir-se-ha que o A. esqueceu o seu titulo para apenas fazer a biographia, desde o nascimento até a morte, d'esse triste parvo que era o Juquinha. Ha porém, na psychologia do Sr. A. C. partes evidentemente fracas. O typo do seu protogonista foi mal escolhido ou é de um desenho pouco seguro, de traços molles; *flou*, como se diz em linguagem photographica. — No desenvolvimento d'esse caracter ha precipitações, si assim posso dizer, que nos acham incredulos. Assim José Apollinario, criado na opulencia, gastador, dissipador, torna-se de repente sordido, avarento quasi, e esse

elegante, que levára a vida de redeas soltas, como um estroina de grande marca, faz-se de subito um burguez mediocre, economico, mesquinho, para de repente apparecer, elle o sujeito criado na indifferença egoista do vadio rico, quasi como um fanatico politico, agitado pela ambição e agitando-se para realizar aspirações que só um tresloucado, mesmo dado o momento, creeria possíveis. Como typo representativo do sujeito que se fez republicano por se sentir ferido nos seus interesses de proprietario de escravos, foi mal escolhido o d'esse estroina, para quem a propriedade não podia ter grande valor. Os que por esse motivo se fizeram republicanos, e certamente por de sgraça da idéa republicana foram muitos, era gente de outra casta: sujeitos praticos, positivos, que sabiam explorar a sua propriedade escrava e fazel-a valer, fazendeiros em geral. N'este meio, para ser mais verdadeiro, devia o A. procurar o seu heróe e o acharia facilmente nos muitos bachareis paulistas, mineiros ou fluminenses por exemplo, para os quaes os diplomas eram apenas um titulo de nobreza ou um cartão de ingresso ás posições politicas ou administrativas, ficando elles principalmente fazendeiros, com todos os preconceitos da sua classe e todas as exigencias dos seus interesses. O typo buscado pelo Sr. A. C. é pelo menos, pouco verosimil. — Não creio na logica geometrica dos caracteres, nem mesmo na igualdade dos temperamentos; sei que o homem é um ser complexo e eminentemente mobil; entretanto nos mesmos desvios e alternativas de um caracter ou de um temperamento ha sempre uma logica, uma razão, um motivo e uma evolução que o autor de um romance ou de um drama precisa explicar-nos. A essa obrigação furta-se em geral o Sr. A. C. com grave prejuizo da psychologia dos seus personagens. José Apollinario, o seu « invejado » pôde ser um typo real, verdadeiro; confesso que é mesmo veridico, mas, sem contar as restricções feitas, o leitor nota demasiadas soluções de continuidade no que peço licença para chamar a estrutura do seu caracter. — Enedina, sua mulher, que na sua vulgaridade é, talvez, a melhor creação d'esta obra, educada no ser-



viço domestico, affeita, e o que é mais, affeiçãoada a elle, mostra-se depois de casada, caseira incapaz, desidiosa, negligente. Antenor, o invejoso, intelligente, « homem formado » como entre nós se diz, tem por vezes, como já notei, a inveja sandia de um verdadeiro parvo, quando ao contrario, dada justamente a sua inveja, os successivos desastres do cunhadó deviam fazel-o exultar. Sei bem que é ainda isso uma manifestação d'aquelle ruim sentimento, mas não é assim que é elle apreciado no romance. Ha em todos estes personagens falhas, que o real talento do A. poderia ter facilmente evitado. Não o importunarei mais do que convém — mesmo porque já acima fiz os reparos necessarios sobre a concepção geral do seu romance, origem primordial dos graves defeitos que n'elle se notam. Ella chega a affectar até o estylo do A. que em vez de ser artistico é n'este livro simplesmente, si posso dizer assim, politico. Quem faz n'elle a critica das novas instituições e de seus homens, não é o romancista, o poeta, é o ex-deputado do antigo regimen, é o politico cuja alma trava ainda de decepções, legitimas e respeitaveis, mas decepções. Já disse e repito : não me scandalizam as idéas e opiniões do A., acho-as tão legitimas como outras quaesquer e como outras quaesquer respeitaveis e dignas ; o que n'ellas me choca é transparecerem n'uma fôrma que se me afigura impropria de uma obra d'arte e, francamente, inferior. Peço-lhes que releiam o cap. XI *O anno da abolição*, no primeiro volume ; eston certo que concordarão commigo que todo elle tem simplesmente o estylo trivial, descolorido e corriqueiro de uma gazetilha de jornal. D'ahi tambem o uso immoderado das frases feitas, copiosãs n'esse capitulo e em todo o livro, como « herdeiro do nome honrado de um leal servidor da patria » (p. 167 2º vol.) « Antenor córava até a raiz dos cabellos » (54), « O Brazil vogára em plena prosperidade. Afluíam para elle os braços e os capitaes estrangeiros ; reinava paz publica inalteravel ; o commercio, a industria, a iniciativa particular de uteis emprehendimentos expandiam-se de modo extraordinario » (229, I), de envolta com a preocupação, nem

sempre feliz, de fazer novo, dando um estylo pouco seguro e effeitos pouco artisticos. Assim : « a fortaleza de S. Cruz dealbava o fundo » (p. 67, I) « foi Felicia a só pessoa » (p. 67, I) « ermam dest'arte vidas inteiras, insuladaš no oceano do cosmopolitismo » (90, I) « governo provisorio... legislando caudaloso » (244, I) Joséphine... chorava copiosa » (58, II). « Intensaram-se cruelmente as antigas preocupações do moço » (223, II) « Ceará e Amazonas tinham-se emancipado totalmente » (201, I) e muitas outras de duvidosa correccão ou de elegancia e belleza questionavel. Dizendo talvez com demasiada minucia as minhas impressões do novo livro do Sr. A. C. julgo ter-lhe dado a prova mais cabal do apreço em que o tenho como escriptor, de quem muito tem a esperar a nossa litteratura, si a sua alma de artista desafogar-se, não direi das suas preocupações, mas dos seus preconceitos de politico. O defeito capital do seu livro, para resumir, está em que no A. se não combinaram, fazendo um só ente, o artista e o politico. D'esse derivam os mais.

JOSÉ VERISSIMO.

---

### Shakespeare.

O espirito germanico protestante não tinha chegado a expandir-se de todo na Reforma allemã; não tinha achado a palavra adaptada á exacta expressão do seu sentimento. A Allemanha cedeu, n'este ponto, sua missão historica ao povo inglez, que lhe é consanguineo. Este era o unico dos povos mixtos, em que o elemento germanico sobrepujou e absorveu o romanico. Sua lingua tivera já no seculo XV Wiclef, o precursor da Reforma, e Chaucer como dignos representantes.

Na terrivel guerra civil das *Duas Rosas* a nobreza normanda havia sido quasi extincta; uma forte burguezia tinha-se erguido na luta. O *gothico* não recuára na Inglaterra diante da



*renascença*, que só superficialmente influíra no paiz. A separação de Roma não foi pesada a Henrique VIII; a Igreja por elle fundada tinha um character nacional e aristocratico.

Surgiu então do seio da velha Inglaterra o poeta, que devia representar a vida moderna contra a vida antiga, o Norte *vis-à-vis* do Sul, o mundo gothico em face do mundo romanico, enfim o espirito dos *Niebelungen* ante o espirito da *Iliada*, e representar tudo isto com uma força, de que a moderna historia não conhece outro exemplo.

Shakespeare (1564-1616) foi contemporaneo de Cervantes. Das suas relações com a cultura do tempo só é bem conhecido o estudo de Montaigne, cujos *Essays* appareceram em 1580. A sua technica, sobretudo nas primeiras peças, distingue-se pouco da dos dramaturgos inglezes coetaneos, que em parte eram de grande talento; e todavia, que distancia entre elles!

O verdadeiro genio é assim. Quaesquer que sejam os elementos d'onde elle sáia, entra sempre como uma maravilha no mundo dos phenomenos. Elle estava muito em contacto com os seus contemporaneos, para que estes tivessem qualquer presentimento da sua grandeza. Houve um tempo, em que até foi esquecido; depois surgiu de novo. Desde então tem ido n'um constante augmento de importancia; e os allemães se podem orgulhar de haver achado para a figura do grande inglez a justa perspectiva, como elle tambem, mais que qualquer outro homem, tem fecundado a vida espiritual allemã.

A atmospherã em que Shakespeare nos introduz, é legitimamente britannica. As peças que se occupam com a historia patria pertencem ao numero das mais fracas, porém merecem ser estudadas, porque ellas mostram, como era disposta a vida, cuja lei o poeta revelava.

Quando Shakespeare escrevia, as guerras civis viviam ainda na lembrança publica. O velho mundo descera ao tumulo e sobre elle a herva tinha crescido, mas o avô narrava aos netos o que elle ouvira contar d'aquella terrivel geração, e os Tudors empregavam todo o cuidado para que o terror não cahisse em

esquecimento : o carrasco fazia parte dos mais importantes personagens da Inglaterra. Ainda brincava-se levemente com o sangue humano. D'um lado, crimes colossaes; d'outro lado, penas barbaras: o juiz moralmente igual ao criminoso coberto de ferros. A isto accrescia o morbido horror d'um mundo subterraneo de feiticeiros e de espectros. Tal se mostrava a vida na Inglaterra, quando a consciencia foi abalada em suas alturas e em suas profundezas pela invasão do protestantismo.

Aquella época tinha tambem o seu lado luminoso. O povo possuia ainda a velha força germanica; a lingua não tinha desaprendido a dizer as cousas pelos seus proprios nomes, e preferia os mais asperos. Os homens eram capazes de um riso cordial; ninguem se envergonhava de quaesquer emoções naturaes.

Como defensora do protestantismo contra a Hespanha, a Inglaterra tornou-se uma potencia européa. Tudo que na Europa aspirava à liberdade, celebrou em Elisabeth a vencedora da *Armada*. Grandes pensadores, como Bacon, fecundavam a cultura geral e no mais fundo das almas vivia a antithese consciente do principio catholico da santidade das obras. A palavra de Luthero penetrou na Inglaterra; sabia-se da sua briga com o rei Henrique. Nem é em vão que Shakespeare faz o seu Hamlet estudar em Wittemberg.

Os inglezes em todos os tempos levaram vantagem às outras nações no gosto o no talento de copiar a vida real com uma fidelidade photographica. Tambem n'este realismo Shakespeare é inexcusable: Falstaff e Shylock são typos, que não encontram iguaes em nenhuma litteratura. Mas o realismo em Shakespeare é sómente meio: seu fim é mostrar em typos a lei psychologica natural.

Entre os gregos o heróe tragico era um *substratum* da força dos deuses ou do destino; no poeta inglez a culpa do heróe é o seu destino, e seu caracter é sua culpa. O fundo proprio do *tragico* repousa em que heróe obra sob a coacção de sua natureza, e comtudo sente-se livre; sua acção é sua paixão, e esta lhe ap-



parece como um acto. Quem pudera jámais esquecer aquelle terrivel monologo de Ricardo III? É accusador, accusado e juiz em uma só pessoa. Nenhuma circumstancia secundaria lhe pôde obscurecer o seu crime; elle julga não só de cada um dos factos, como julga tambem do character mesmo, d'onde os factos sahiram.

A tragedia da consciencia apresenta-se, por assim dizer, o mais palpavel que é possivel nas peças de assumpto romano. A influencia de Livio, Plutarcho e outros é muito pequena. Cesar, Coriolano, Antonio... são inglezes. Shakespeare projectou no mundo romano as impressões moraes oriundas da guerra das *Duas rosas*.

Não é meu intuito, nem aqui teria cabimento, passar em revista todas as producções do poeta. Comtudo, não posso resistir ao desejo de fazer menção especial de duas das mais importantes.

Cada peça de Shakespeare tem sua atmospherá particular, seu tom, sua côr, segundo a qual se harmonisam todos os reflexos da luz. Esta côr total da peça espalha-se tambem sobre todas as figuras d'ella.

Hamlet é uma tragedia de character, mas em vão tem-se buscado reduzir a uma simples formula o *schema* d'esse character. Em cultura e espirito, superior a todos, Hamlet sente-se enjoadado pelas vistas do mundo. Seu proprio espirito é por assim dizer a sua fatalidade. Façamos em rapidos traços passar ante nós algumas scenas do drama. — É uma fria e medonha noite de espectros; nenhum signal de verdor, nenhuma côr, que indique a vida. O lugar é feito para phantasmas. Não admira que nos demoremos tanto tempo no cemiterio, a terra inteira é um cemiterio: — as caveiras são a unica realidade, que restá dos seres vivos; e n'aquelles que ainda vivem, — que é o verdadeiro? — que é real? A morte mesma, — é uma realidade? Que é a felicidade terrena, — o amor? O que é mesmo o dever da consciencia n'este mundo de apparencias vãs e de baixezas? Vale a pena lançar mão da energia da vontade, que

entretanto sempre nos foge? — Taes abyssos do pensamento repousam debaixo da superficie da vida; e justamente para levar o olhar a estas profundezas, é que o poeta creou a fabula de *Hamlet*.

Em *Romeo e Julietta* parece tudo immerso na rosea flamma de terna sensibilidade. A peça pinta as doçuras e os soffrimentos d'um feliz amor. Cada palavra respira um ardente prazer da vida. Onde mesmo a paixão se agita indomavel, do olhar colerico e desesperado ainda borbulha a alma, que se sente destinada para a felicidade. É certo que Romeo bebe o veneno e Julietta crava o punhal no peito, mas ambos morrem com o sentimento de terem vido e haverem sido capazes e dignos de viver.

*Romeo e Julietta* foi n'estes ultimos tempos objecto d'um estudo á parte, d'um estudo sério de Eduard von Harttmann. O grande philosopho quiz provar que a ideia commum de vêr n'essa tragedia uma encarnação dramatica do ideal do amor, é uma idéa falsa, ao menos para o mundo germanico. Romeo e Julietta, diz elle, correspondem bem aos ideaes romanicos, mas contrastam duramente com os ideaes allemães...

Acho rigor em tal juizo. Quero crêr que a differenciação das raças tambem se faça valer no modo de conceber e de sentir o amor; mas existe ahi alguma cousa, que nada tem que ver com as raças, que é superior a todas ellas : — é o amor-doença, o amor que invade o homem, sem pedir permissão, á semelhança de *febre* ou *cholera*, como diz Iwan Turgenieff. E não terá sido d'este que o poeta quiz dar-nos a pintura?

Shakespeare sempre passou e ainda passa por um profundo conhecedor da natureza humana; deu d'isto vivas provas em todos os seus dramas. Devo porém confessar que de tantas e tão claras attestações d'esse facto nenhuma jámais me pareceu tão evidente, como aquella que se contém em meia duzia de palavras de Julietta, na scena 5.<sup>a</sup> do acto I. É quando a



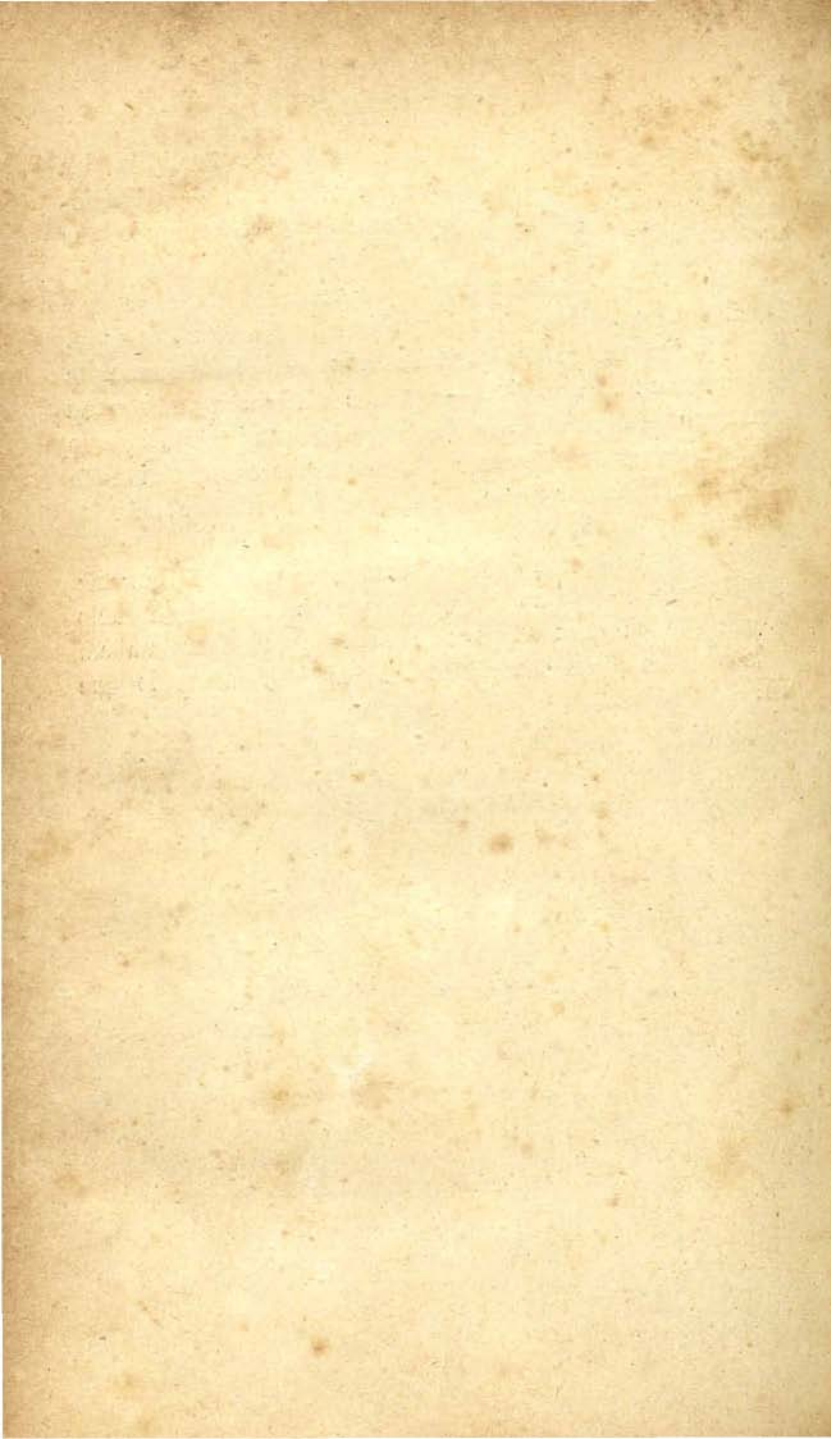
moça, já apaixonada por um só primeiro encontro, adoeceida de amor, diz á sua aia, referindo-se a Romeo : — « Vae informar-te do seu nome; si elle é casado eu terei o tumulo por leito nupcial. »

Que explosão! Porem tambem que verdade! Concordo que difficilmente as Julietas de hoje exprimir-se-hiam de tal modo. Na sua bocca as palavras seriam estas : — « Vai informar-te do seu nome : si é casado, — então... o *diabo que o leve*; eu estava zombando d'elle... » Mas isto não destróe a verdade do ideal shakespeareano do amor, que não conhece outra lei senão elle mesmo, do amor que esvoaça livre por cima de todas as convenções e regulamentos sociaes.

Shakespeare não era uma natureza simplesmente robusta; via ás vezes, como Hamlet, quadros negros. Mais em cheio do que elle ninguem sentio a força da vida; mas tambem ainda nenhum poeta accusou a vida mais duramente do que elle.

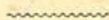
TOBIAS BARRETTO.







# POESIA



## LYRICAS



### Glaura dormindo

Voai, zefiros mimosos,  
Vagarosos com cautela ;  
Glaura bella está dormindo ;  
Quanto é lindo o meu amor !

Mais me elevam sobre o feno  
Suas faces encarnadas,  
Do que as rosas orvalhadas  
Ao pequeno beija-flôr.  
O descanço, a paz contente  
Só respiram n'estes montes :  
Sombras, penhas, troncos, fontes,  
Tudo sente um puro ardor.

Voai, zefiros mimosos,  
Vagarosos com cautela ;  
Glaura bella está dormindo ;  
Quanto é lindo o meu amor !

O silencio, que nem ousa  
Bocejar e só me escuta,  
Mal se movè n'esta gruta,  
E repousa sem rumor.  
Leve somno, por piedade,  
Ah ! derrama em tuas flôres  
O pesar, a magoa, as dôres,  
E as saudades do pastor !

Voai, zefiros mimosos,  
Vagarosos com cautela ;  
Glaura bella está dormindo ;  
Quanto é lindo o meu amor !

Se nos mares apparece  
Venus terna e melindrosa,  
Glaura, Glaura mais formosa  
Lhe escurece o seu valor.  
No vestido azul e nobre  
É sem oiro e sem diamante,  
Qual a filha de Thaumante,  
Que se cobre de esplendor.

Voai, zefiros, mimosos,  
Vagarosos com cautela ;  
Glaura bella está dormindo ;  
Quanto é lindo o meu amor

É suave o seu agrado  
A meus olhos nunca enxutos,  
Como são os doces frutos  
Ao cançado lavrador.  
Mas bem longe da ventura  
Ás mudanças vivo affeito,  
Encontrando no teu peito  
Já brandura e já rigor !

Voai, zefiros mimosos  
Vagarosos com cautela ;  
Glaura bella está dormindo  
Quanto é lindo o meu amor !

MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

---



**Lyra IV.**

Succede, Marília bella,  
Á medonha noite o dia :  
Á estação chuvosa e fria  
A quente secca estação :  
Muda-se a sorte dos tempos :  
Só a minha sorte não ?

Os troncos nas primaveras  
Brotam em flôres viçosos,  
Nos invernos escabrosos  
Largam as folhas no chão :  
Muda-se a sorte dos troncos ;  
Só a minha sorte não ?

Aos brutos, Marília, cortam  
Armadas rêdes os passos,  
Rompem depois os seus laços,  
Fogem da dura prisão :  
Muda-se a sorte dos brutos ;  
Só a minha sorte não ?

Nem um dos homens conserva  
Alegre sempre o seu rosto ;  
Depois das penas vem gosto,  
Depois de gosto afflicção :  
Muda-se a sorte dos homens ;  
Só a minha sorte não ?

Aos altos deuses moveram  
Soberbos gigantes guerra ;  
No mais tempo o céu e a terra  
Lhes tributa adoração :  
Muda-se a sorte dos deuses ;  
Só a minha sorte não ?

Ha de, Marília, mudar-se  
Do destino a inclemencia ;  
Tenho por mim a innocencia,  
Tenho por mim a razão :  
Muda-se a sorte de tudo ;  
Só a minha sorte não ?

O tempo, ó bella, que gasta  
Os troncos, pedras e o cobre,  
O véo rompe, com que encobre  
Á verdade a vil traição :  
Muda-se a sorte de tudo ;  
Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo ;  
Mais me dará do que eu tinha ;  
Tornarei a ver-te minha ;  
Que feliz consolação !  
Não ha de tudo mudar-se,  
Só a minha sorte não.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

---

### Soneto.

Não se passa, meu bem, na noite e dia  
Uma hora só que a misera lembrança  
Te não tenha presente na mudança,  
Que fez, para meu mal, minha alegria.

Mil imagens debuxa a phantasia,  
Com que mais me atormenta e mais me cansa...  
Pois se tão longe estou de uma esperança,  
Que allivio póde dar-me esta porfia !



Tyranno foi commigo o fado ingrato,  
 Que crendo em te roubar pouca victoria,  
 Me deixou para sempre o teu retrato :

Eu me alegrára da passada gloria,  
 Se quando me faltou teu doce trato,  
 Me faltára tambem d'elle a memoria !

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

---

### Sonhando.

Na praia deserta que a lua branqueia  
 Que mimo ! que rosa, que filha de Deus !  
 Tão pallida — ao vêl-a meu ser devaneia,  
 Suffoco nos labios os halitos meus !

Não corras na areia,  
 Não corras assim !  
 Donzella, onde vais ?  
 Tem pena de mim !

A praia é tão longa ! e a onda bravia  
 As roupas de gaze te molha de escuma;  
 De noite — aos serenos — a areia é tão fria,  
 Tão humido o vento que os ares perfuma !

És tão doentia !  
 Não corras assim !  
 Donzella, onde vais ?  
 Tem pena de mim !

A brisa teus negros cabellos soltou,  
 O orvalho da face te esfria o suor ;  
 Teus seios palpitam — a brisa os roçou,  
 Beijou-os, suspira, desmaia de amor !

Teu pé tropeçou...  
 Não corras assim !  
 Donzella, onde vais ?  
 Tem pena de mim !

E o pallido mimo da minha paixão  
 N'um longo soluço tremeu e parou ;  
 Sentou-se na praia ; sósinha no chão  
 A mão regelada no collo pousou !

Que tens, coração,  
 Que tremes assim ?  
 Cansaste, donzella ?  
 Tem pena de mim !

Deitou-se na areia que a vaga molhou.  
 Immovevel e branca na praia dormia ;  
 Mas nem os seus olhos o somno fechou  
 E nem o seu collo de neve tremia.

O seio gelou ?...  
 Não durmas assim !  
 Ó pallida fria,  
 Tem pena de mim !

Dormia — na frente que niveo suar !  
 Que mão regelada no languido peito !  
 Não era mais alvo seu leito do mar,  
 Não era mais frio seu gelido leito !

Nem um resomnar !...  
 Não durmas assim !  
 Ó pallida fria,  
 Tem pena de mim !

Aqui no meu peito vem antes sonhar  
 Nos longos suspiros do meu coração :  
 Eu quero em meus labios teu seio aquestrar,  
 Teu collo, essas faces, e a gelida mão !

Não durmas no mar !  
 Não durmas assim !  
 Estatua sem vida,  
 Tem pena de mim !

E a vaga crescia seu corpo banhando,  
 As candidas fórmas movendo de leve !



E eu via-a suave nas aguas boiando  
Com soltos cabellos nas roupas de neve !  
    Nas vagas sonhando  
    Não durmas assim !  
    Donzella, onde vais ?  
    Tem pena de mim !

E a imagem da virgem nas aguas do mar  
Brilhava tão branca no limpido véo !  
Nem mais transparente luzia o luar,  
No ambiente sem nuvens da noite do céu !  
    Nas aguas do mar  
    Não durmas assim !  
    Não morras, donzella,  
    Espera por mim !

ALVARES DE AZEVEDO.

---

### Na rêde.

Nas horas ardentes do pino do dia  
    Aos bosques corri ;  
E qual linda imagem dos castos amores,  
Dormindo e sonhando cercada de flôres,  
    Nos bosques a vi !

Dormia deitada na rêde de pennas  
    — O céu por docel,  
De leve embalada no quieto balanço,  
Qual nauta scismando n'um lago bem manso  
    N'um leve batel !

Dormia e sonhava — no rosto sereno,  
    Qual um serafim ;  
Os cilios pendidos nos olhos tão bellos,  
E a briza brincando nos soltos cabellos  
    De fino setim !

Dormia e sonhava — formosa, embebida  
No doce sonhar,  
E doce e sereno n'um magico aneio  
Debaixo das roupas batia-lhe o seio  
No seu palpitar !

Dormia e sonhava — a bocca entre-aberta  
O labio a sorrir ;  
No peito cruzados os braços dormentes,  
Compridos e lisos quaes brancas serpentes  
No collo a dormir !

Dormia e sonhava — no sonho de amores  
Chamava por mim ;  
E a voz suspirosa nos labios morria  
Tão terna e tão meiga, qual vaga harmonia  
De algum bandolim !

Dormia e sonhava — de manso cheguei-me  
Sem leve rumor ;  
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,  
Qual sopro da briza, baixinho ao ouvido  
Fallei-lhe de amor !

Ao halito ardente o peito palpita...  
Mas sem despertar !  
E como nas ancias d'um sonho que é lindo,  
A virgem na rêde córando e sorrindo,  
Beijou-me — a sonhar !

CASIMIRO DE ABREU.

---



**Uma creatura.**

Sei de uma creatura antiga e formidavel,  
Que a si mesma devora os membros e as entranhas,  
Com a sofreguidão da fome insaciavel.

Habita juntamente os valles e as montanhas;  
E no mar, que se rasga, á maneira de abysmo,  
Espreguiça-se toda em convulsões extranhas.

Traz impresso na fronte o obscuro despotismo.  
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,  
Parece uma expansão de amor e de egoismo.

Friamente contempla o desespero e o goso.  
Gosta do colibri, como gosta do verme,  
E cinge ao coração o bello e o monstruoso.

Para ella o chacal é, como a rola, inerme;  
E caminha na terra imperturbavel, como  
Pelo vasto areal um vasto pachyderme.

Na arvore que rebenta o seu premeiro gomo  
Vem a folha, que lento e lento se desdobra,  
Depois a flôr, depois o suspirado pomo.

Pois essa creatura está em toda a obra;  
Cresta o seio da flôr e corrompe-lhe o fructo  
E é n'esse destruir que as suas forças dobra.

Ama de igual amor o polluto e o impolluto,  
Começa e recomeça uma perpetua lida,  
E sorrindo obedece ao divino estatuto.  
Tu dirás que é a Morte, eu direi que é a Vida;

MACHADO DE ASSIS.

## Sub tegmine fagi.

AO POETA E AMIGO MELLO MORAES

« Dieu parle dans le calme plus haut que  
« dans la tempête. »

MICKIEWICZ.

« Deus nobis haec otia fecit. »

« Fortunatus et ille deos qui novit agrestes. »

VIRGILIO.

Amigo ! O campo é o ninho do poeta...  
Deus falla, quando a turba está quieta,  
    Às campinas em flôr.  
Noivo — Elle espera que os convivas sáiam...  
E n'alcova onde as lampadas desmaiam  
    Então murmura — amor —

Vem commigo scismar risonho e grave...  
A poesia é uma luz... e a alma — uma ave...  
    Querem trévas e ar.  
A andorinha, que é alma — pede o campo ;  
A poesia quer sombra — é o pyrilampo  
    P'ra voar... p'ra brilhar.

Meu Deus ! Quanta belleza n'essas trilhas !  
Que perfume nas doces maravilhas  
    Onde o vento gemeu !  
Que flôres d'ouro pelas veigas bellas ! *Veiga - Campo Cultivo*  
Foi um anjo co'a mão cheia de estrellas  
    Que na terra as perdeu.

Aquí o ether puro se adelgaça.  
Não sobe esta blasphemia de fumaça  
    Das cidades p'ra o céu.  
E a terra é como o insecto friorento  
Dentro da flôr azul do firmamento  
    Cujo calix pendeu...



Qual no fluxo e refluxo o mar em vagas  
 Leva a concha dourada e traz das plagas  
     Coraes em turbilhão,  
 A mente leva a prece a Deus — por perolas  
 E traz, volvendo após das praias cerulas,  
     Um brilhante — o perdão !

A alma fica melhor no descampado...  
 O pensamento indomito, arrojado  
     Galopa no sertão.

Qual nas esteppes o corcel fogoso  
 Relincha e parte turbulento, estoso,  
     Sôlta a crina ao tufão.

Vem ! Nós iremos na floresta densa  
 Onde na arcada gothica e suspensa  
     Reza o vento feral.  
 Enorme sombra cõe da enorme rama...  
 É o *Pagode* phantastico de Brahma,  
     Ou velha cathedral.

*Feral = funéreo*

Irei contigo pelos ermos — lento —  
 Scismando, ao pôr do sol, n'um pensamento  
     Do nosso velho Hugo.  
 Mestre do mundo ! Sol da eternidade !  
 Para ter por planeta a humanidade  
     Deus n'um *Cerro* o *fixou*.

Ao longe na quebrada da collina  
 Enlaça a trepadeira purpurina  
     O negro mangueiral...  
 Como no *Dante* a pallida *Francesca*  
 Mostra o sorriso rubro e a face fresca  
     Na estrophe sepulchral.

O povo das formosas amaryllis  
 Embala-se nas balsas como as Willis

Que o *Norte* imaginou.  
 O antro — falla... o ninho s'estremece,  
 A dryade entre as folhas apparece,  
 Pan — na flauta soprou !

Mundo estranho e bizarro da chimera.  
 A phantasia desvairada gera  
 Um paganismo aqui.  
 Melhor eu comprehendo então Virgilio...  
 E vendo os faunos lhe dançar no idyllio,  
 Murmuro crente: — Eu vi ! —

Quando penetro na floresta triste,  
 Qual pela ogiva gothica o antiste  
 Que procura o Senhor,  
 Como bebem as aves peregrinas  
 Nas amphoras de orvalho das boninas...  
 Eu bebo crença e amor.

E á tarde, quando o sol — condor sangrento —  
 No occidente se aninha somnolento  
 Como a abelha na flôr,  
 E a luz da estrella trémula se irmana  
 Co'a fogueira nocturna da cabana  
 Que accendera o pastor,

A lua — traz um raio para os mares...  
 A abelha — traz o mel... — um threno aos lares  
 Traz a rola a carpir...  
 Tambem deixa o Poeta a selva escura  
 E traz alguma estrophe que fulgura  
 P'ra legar ao porvir !...

Vem ! Do mundo leremos o problema  
 No ancião, que é um livro, o infame que é um poema,  
 A mulher que é uma luz...  
 Não vês ? Do céu a cupola azulada  
 Como uma taça sobre nós voltada  
 Lança a poesia a flux !...



**Flôr do valle.**

Ouviste um dia os canticos do anjo ?  
Viste em seu rosto da belleza as côres ?  
E na manhã de doce primavera,  
Flôr do valle brilhando entre as mais flôres ?

Então puro era o céu, e verde o campo,  
E a vida alegremente lhe corria ;  
Folgava em seu primor de mocidade,  
E nos braços de Deus adormecia.

E tão bella e tão casta ! Descuidosa  
Do futuro em presente tão risonho,  
Apenas em su'alma, e quasi a furto,  
Vaga imagem de amor sorria em sonho.

Tanto mancebo esbelto que a cercava  
Com olhares de candidos amores !  
Porém ella, mais pura e mais formosa,  
Flôr do valle brilhava entre as mais flôres.

A briza da manhã lhe ouvia os cantos,  
E o echo da campina os repetia ;  
Á tarde sobre a relva perfumada,  
Cantando novamente adormecia.

E cantava e sorria ! — E veio o inverno,  
E trouxe suas nevoas, seus rigores ;  
E acharam-na sem vida e descórada,  
Flôr do valle morrendo entre as mais flôres !

Quando voltou depois a primavera,  
As florinhas e o campo vicejaram ;  
O valle fez-se verde e o céu sereno,  
Mas os cantos do anjo não voltaram !

« Eu lhe escutei a voz harmoniosa,  
Eu vi a flôr do valle em seus verdores ;  
Hoje só oiço o murmurar do vento...  
A flôr do valle abandonou as flôres !

FRANCISCO OCTAVIANO.

## Boas-noites.

« Meigas flôres gentís, quem vos não ama ? »

G. DIAS.

Ai ! flôres do valle tão meigas se abrindo  
De noute ao luar !  
São alvos anjinhos deitados dormindo  
Na terra a sonhar.

Florinhas mimosas  
Por noutes calmosas  
Que lindas que são !  
Amantes da sombra, do sol esquecidas,  
No valle cheiroso se occultam perdidas  
Em fresca soidão.

São sylphos aereos, das nuvens trazidos  
N'um raio de sol ;  
Orvalhos luzentes, da tarde cahidos  
Ao frouxo arrebol.

Gentís borboletas  
Co'as azas abertas  
Pasmadas p'ra o céo ;  
Ao sopro da briza de leve voando  
Se tocam, se beijam, se abraçam fallando  
De amores sem véo.

São pallidos genios dos arés errantes  
No fundo do val,  
Proscriptos na terra, da patria distantes  
Carpindo seu mal.

São noivas modestas  
Fugindo das festas  
Comsigo a viver :  
Donzellas forinosas, de noite encantadas,  
Sonhando, morrendo de amores, caladas,  
Sem nunca o dizer.



Vestaes amorosas, por noite de estio,  
 Fallando de amor  
 Á briza, ás estrellas, ao fresco rocio,  
 Da lua ao pallor.

Eu amo estas flôres,  
 Que fallam de amores,  
 Da noite no véo ;  
 Singelas á sombra suave vivendo,  
 Não coram dos beijos da aurora nascendo  
 Nos plainos do céo.

Do valle as florinhas que vida ! que sonhos !  
 Que amores que têm !  
 Seus cantos dulcios se perdem risonhos  
 Nos ares — além !

São lyras divinas  
 Por mãos de meninos  
 Tangidas no ar !  
 Eu amo estas flôres abertas ao vento,  
 Da noite tão alvas vivendo ao relento,  
 Sorrindo ao luar.

F. L. BITTENCOURT SAMPAIO.

### Ignotæ Deæ.

Quando eu dormir á sombra do salgueiro,  
 Que em minha cova arrebentar por si,  
 Tu, que nem sabes por meus frios cantos  
 O que sou, o que fui e o que soffri...

Sobre o meu nome, pobre grão de arêa,  
 Que uma criança arremeçou no mar,  
 Deixa uma gotta, a unica de pranto,  
 Sobre o meu nome, lenta, escorregar ;

Como uma per'la, que gentil princeza  
 Dos seus cabellos desprendesse rindo,  
 E aos pés lançasse de voraz mendigo  
 Que em seu caminho adormeceu pedindo.

Ai! tu não sabes como o leito é gélido  
 Aos que no seio as illusões seccáram!  
 Ai! tu não sabes como é quente o tumulo  
 Aos que entre os vivos como um som passaram!

Eu que por flôres suspirei da terra,  
 Que não dormi por tanta flôr do céo,  
 Que descórei por tanto olhar de fogo,  
 Coado a furto de zeloso véo;

Que mergulhei em tanto mar de amores  
 E me enxuguei a tanto sol de outono,  
 Que vejo o mundo ao pé de mim e durmo...  
 Despertarei do meu pesado somno.

E quando o mar por alta noite estenda  
 Lençoes de espuma, em que se deite a lua,  
*Aerolithe*, que incendêa o espaço,  
 Virei banhar de luz a fronte tua.

E quando um dia a tempestade as azas  
 Por sobre o azul do teu viver abrir,  
 Eu, da tormenta asserenando o grito,  
 Virei ao pé do teu dormir — dormir.

TEIXEIRA DE MELLO.

---

### Soneto.

Mulheres que eu amei! No triste cemiterio  
 Onde enterrados são os mortos verdadeiros,  
 No sombrio logar de funebre mysterio,  
 Vossos tumulos fiz á sombra dos salgueiros.



Quando a noite, estendendo o grande véo funereo,  
Desce, e fogem do sol os raios derradeiros,  
Vou chorar onde estaes, no triste cemiterio,  
D'um extincto passado os dias prazenteiros.

Morrestes para mim... O meu amor, comvosco  
Amortalhei tambem, em cada esquite tosco,  
À sombra funeral dos funeraes chorões.

E, nunca, nunca mais, reviverá agora  
A vehemente paixão que em mim havia outr'ora,  
Si sentia pulsar os vossos corações !...

FIGUEIREDO PIMENTEL.

---

### Soneto.

Trago-vos agora, em tremulo debuxo,  
Mal desenhado, o nosso ninho agreste,  
Conforme o plano e explicações que deste,  
Claro, alegre, bonito, mas sem luxo.

Vêde : um lar amoroso e pequerrucho,  
De frontispicio azul para o nordeste ;  
E um gramado jardim que talvez preste  
Para fazer um lago com repuxo.

Preside o gosto, o nosso gosto, em tudo :  
Surgem das beiras do telhado agudo  
Pombas criando e lambrequins chinezes ;

Cortinas brancas na janella, em cujo  
Fundo — apparece o rostosinho sujo  
De um risonho fedelho de dez mezes !

---

B. LOPES.

## Duas Aúroras.

Resurge a aurora limpida  
Nos vastos horizontes,  
Os campos, prados, montes  
Risonha vem mirar.

Gentil, mimoso e rapido  
O esquivo gaturamo,  
Lá vem de ramo em ramo  
Contente saltitar.

D'aurora os fôgos rutilos  
Reflectem mil primores,  
O prado todo em flôres  
A brisa a ciciar...

Por verdejantes páramos  
E refflorido matto,  
O trepido regato  
Queixoso a soluçar.

Maria acorda, erguendo-se  
Boceja preguiçosa...  
E no roupão cuidosa  
Seus hombros vai velar.

Abre a janella, e lepida  
Encara a natureza,  
A aurora com tristeza,  
Começa a soluçar.

É que esse rosto candido  
Que a meu sorriso córa,  
Do resplendor da aurora  
As palmãs foi roubar.

A Aurora  
 minha eterna  
 amiga de  
 sempre  
 Henrique



Toda a manhã extatico  
Ancioso, enamorado,  
Então eis-me postado  
Em frente de seu lar.

Até que em céu esplendido  
Surgindo a aurora bella,  
A aurora da janella  
Me faça palpitar.

FELIX FERREIRA.

---

### Do Poema Sara.

#### XXI

Tinhas quinze annos, apenas,  
Quinze adoraveis phalenas,  
Poisadas no mesmo galho.  
O sol brilhante e risonho  
Gostava de ver-te o sonho,  
Todo coberto de orvalho.

O Parahyba corria  
E os verdes prados lambia,  
Como um lubrico sultão.  
E a tua estranha belleza,  
Servia-se da pureza  
Como a rosa do botão.

Quando a nuvem de teu rosto,  
Imaginario desgosto,  
Sentias que te magoava ;  
Olhos nos meus esquecidos,  
Labios nos teus embebidos,  
Adormecido ficava.

Achava-te ainda mais bella  
E a mais ingenua donzella  
De quantas ha visto o sol.  
Qu'importava que chorasses  
Si o pranto te dava ás faces  
A irradiação do arrebol ?

Tinha ciumes de tudo,  
Mas, ciumenta, com tudo,  
Eras, travessa e risonha.  
Por isso, rindo dizias  
Ás outras, que aborrecias  
Toda a belleza tristonha.

De facto luz mais etherea,  
Apparição mais aérea  
E mais pura nunca vi.  
Lembrava a açucena, quando  
Lhe furta um beijo, passando,  
O voluvel colibri.

É raro haver, em criança,  
Tanto amor, tanta esperança  
E tanta alegria juntas !  
Se adoecias, teus desejos  
Eram cercados de beijos.  
De cuidados, de perguntas.

Quando uma vez desmaiaste,  
O susto que me causaste  
Foi tal, que cuidei morrer :  
Tanto que, depois, coitadas !  
Diziam-te as camaradas :  
« Melhor não se póde ser ! »

Tudo era um hymno festivo  
Sobre a fronte do captivo,



Sob as plantas da senhora.  
Vivia n'um céu aberto,  
Mas o céu ficou deserto,  
E só tem sombras agora,

Encantado tempo aquelle !  
Se vou passando por elle,  
Cytharas de menestreis,  
Guzlas e outros instrumentos,  
De harmoniosos accentsos,  
Tocando beijam-me os pés.

Respira-se um ar mais puro,  
E, esquecendo-se o futuro,  
Entra-se em pleno passado ;  
Tu chegas e eu vou contigo,  
E, como Gloucester - sigo,  
Sobre o teu hombro apoiado.

Vamos... E a tua casinha  
Conserva o aroma, que tinha,  
E o mesmo aspecto jovial:  
Ao fundo as mesmas roseiras,  
As cheirosas trepadeiras,  
E junto ao tanque — o pombal.

Mas reparo que estas flôres  
Pensam que os nossos amores  
São clandestinos!... Que tolas !  
Ainda outro dia, notaste ?  
Quado o rosto me beijaste,  
O espanto das pombas rôlas ?

Tu és minha e eu te pertenço,  
Como ao thuribulo o incenso,  
Como ao luar as solidões ;  
Pois uma tarde, sósinhos,  
Ao canto dos passarinhos,  
Trocámos os corações !

Por isso é que padecemos  
E os mesmos golpes soffremos  
Da injusta e inconstante sorte.  
Noivos fomos n'esta vida,  
Mas só seremos, querida,  
Casados depois da morte.

LUIZ MURAT.

---

### Anjos do mar.

As ondas são anjos que dormem no mar,  
Que tremem, palpitam, banhados de luz;  
São anjos que dormem a rir e sonhar,  
E em leito d'escuma revolvem-se nós!

E quando de noite vem pallida a lua  
Seus raios incertos tremer, pratear,  
E a trança luzente da nuvem fluctúa,  
As ondas são anjos que dormem no mar.

Que dormem, que sonham — e o vento dos céus  
Vem tepido á noite nos seios beijar!  
São meigos anjinhos, são filhos de Deus  
Que ao fresco se embalam do seio do mar!

E quando nas aguas os ventos suspiram,  
São puros fervores de ventos e mar;  
São beijos que queimam... e as noites deliram,  
E os pobre anjinhos estão a chorar!

Ai! quando tu sentes dos mares na flôr  
Os ventos e vagas gemer, palpitar,  
Porque não consentes, n'um beijo de amor,  
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

ALVARES DE AZEVEDO.

---



**Meditação.**

Reclina a tarde languida  
N'alfombra da collina  
A fronte purpurina  
Em extase a sonhar,  
E o sol — grandiosa alampada —  
Que os mundos esclarece,  
A pouco e pouco desce  
Sobre e extensão do mar.

Reina um silencio magico  
Nos bosques; nas campinas...  
Agitam-se as boninas  
Aos beijos do arrebol;  
Dos amagos das avores  
— Palacios perfumados  
Os sylphos encantados  
Despedem-se do sol.

Na selva as flôres humidas  
Saudosas, redivivas  
Entregam-se lascivas  
Dos sonhos ao ardor;  
E o brando e manso zephyro  
Na insania dos desejos  
Afoga a flôr em beijos  
—Sultão louco de amor!—

Do bosque á sombra placida  
Se expande a violeta,  
E a branca borboleta  
Poisou... vacilla já.  
No laranjal esplendido,  
—N'angustia da orphandade—  
A suspirar saudade  
Gorgeia o sabiá.

E fogem, fogem céleres,  
 Bem como as creanças minhas,  
 As doidas andorinhas  
 N'um vozear sem fim...  
 E n'um susurro turbido  
 Que por além se espraia,  
 A viração desmaia  
 Nos seios do jasmim.

Só eu inerte e pallido  
 Ante este quadro immenso,  
 Só eu padeço e penso  
 E peço aos sonhos luz...  
 Raios da tarde lubrica !  
 Aves do paraiso !  
 Se sois o amor e o riso  
 Vinde cercar-me a Cruz !...

CARLOS FERREIRA.

---

### A flôr.

És bella e um tanto vaidosa,  
 Leviana e um pouco altiva :  
 Com esta alma, assim tão viva,  
 Nunca choraste ?... Será ?  
 Duvido ; lá nos desertos,  
 Onde as auras se pranteiam,  
 Longos suspiros ondeiam,  
 Só tua vez não virá ?

Não : de uma virgem travêssa  
 Os beijos são seus fulgores,  
 Os seus airosos tremores ;  
 Seus beijos são sua luz.  
 Alma de perfume e sonhos,  
 Corpo d'alva e diamante,  
 Que segredo palpitante  
 No teu calix não reluz !



É dos teus risos sublime encanto  
Fallando, como arcano que o destino  
Soube guardar, profundo de esplendores,  
Do seio teu no calice divino.

SYLVIO ROMÉRO.

---

### Saudade do sepulchro.

Sobre um sepulchro isolado  
Roxa *saudade* vi eu ;  
Solitaria vicejava  
No chão frio em que nasceu ;  
Nunca *saudade* tão triste  
Em sonhos me appareceu !...  
Nunca !...

Senti então pelo rosto  
Turva lagrima sentida  
Deslisar.

Foi á hora do sol posto...  
Hora de muito scimar !  
Quando o archanjo da poesia  
Harmonisa o céu com a terra  
Na mesma melancolia...  
Na mesma doce tristeza,  
Que ás vezes nos faz chorar,  
E chorar a natureza  
Ao lento morrer do dia !

Ceguei... beijei a *saudade*,  
Que, assim, tão erma encontrei ;  
Com ella sympathisei ;  
Porque — da minha *orphanade*  
N'este deserto profundo,  
Pobre engeitado do mundo,  
Só com *saudades* me achei !

Estranha, viva agonia  
Resumbrava-lhe na côr ;  
Na muda expressão dizia  
Tantas penas, tanta dôr,  
Que só no reino da morte  
D'uma lagrima pedia  
Ter nascido aquella flôr...

A saudade !...

Emblema de muito amor !...

Poeta ás dôres affeito,  
Tentei de balde arrancal-a,  
Para no fundo do peito,  
Como um thesouro, plantal-a.  
De balde !... porque a infeliz  
Tinha encravada, segura  
No fundo da sepultura  
A desgraçada raiz !

Ah ! quem soubera o destino  
D'aquella flôr merencoria !  
Quem a sua ignota historia  
Porventura escutará ?  
Quem ?... se a flôr mysteriosa,  
No seu recinto funereo,  
Muda como o cemiterio  
Para todos sempre está ?

Quem sabe !... talvez que á triste,  
Que no sepulchro descança,  
D'entre as sombras do futuro  
Lhe sorria uma esperanza...

Talvez !

Quem adivinha se a briza,  
Que docemente a embalança  
Não lhe vai de amor fallar ?  
Se o sol... se o sol ao deixal-a,  
Não lhe deixa em despedida  
N'um raio um germen de vida,  
Saudoso de a não levar ?



Se ardente, extremo affecto,  
 Se estremecida paixão  
 Que já no peito não cabe,  
 Por indizível feitiço,  
 Não lhe dá alento e viço  
 Co'o sangue no coração?  
 Quem sabe!...

. . . . .  
 Sei que a misera *saudade*,  
 Quando no feio horizonte  
 Feia surge a tempestade,  
 E da cupola do céu  
 Nem sol, nem tímida estrella,  
 Através do espesso véo,  
 Despede um raio de luz;  
 Sei que a misera *saudade*,  
 Porque o vento a não desfolhe,  
 Nem as petalas lhe açoite,  
 Encosta-se — ou dia ou noite —  
 Nos braços de sua cruz.

A. AUGUSTO DE MENDONÇA.

### O pequeno travêso.

Bem feito! Jorge era um pequeno máo...  
 Desde manhã esse menino andava  
 Pelo pomar atrás de um picapáo  
 Ou de uma rôla que ao azul passava.  
 A mãe ralhava-o com ternura e amor:  
 — Deixa, meu filho, em paz os passarinhos.  
 Porque mataste esta innocente flôr  
 E esses implumes pássaros nos ninhos?  
 Mas não tomava tento esse pequeno  
 De faces rechonchudas e vermelhas.  
 Disse-lhe um dia um lírio alvo e sereno:  
 — Bem merecias um puxão de orelhas.

Um dia elle com oútroz companheiros  
Partiram para a pesca ; o sol nascia  
E rutilava pelos castanheiros,  
Que uma neblina escassa ainda cobria.  
Jorge, que era de todos o mais forte  
E o mais audaz, lança-se ao rio e náda :  
Como um guerriero não temia a morte ;  
E depois que a sua alma arrebatada  
Fosse por essa indomita corrente,  
Que mal havia ? Ora, morrer qu'importa  
Quem morre fecha mysteriosamente  
A porta d'este mundo e abre outra porta  
Que ao céo vai ter. — E enquanto isto dizia,  
Os outros com o olhar o acompanhavam...  
Ora chegava á praia, ora fugia.  
Sobre as vagas do rio que o levavam,  
Um sabiá cantava ao longe... Emtanto  
Um grito se ouve e elle — que não tem medo —  
Á praia volta, pallido de espanto,  
Com um carangueijo pendurado ao dedo.

ARTHUR AZEVEDO,

---

### Promessas...

Se queres qu'eu acredite,  
Que de amor sentes o fogo,  
Ai, não guardes para logo  
A prova do teu amor.  
Porque a chamma recalçada  
Nem sempre vigora e cresce,  
Muitas vezes esvaece  
E perde todo o calor !

Cada sorriso amoroso,  
Que nos teus labios eu vejo,  
Mais aguça o meu desejo,



Mais me augmenta a embriaguez...  
O sorriso que desatas  
Minha paixão tanto ateia,  
Que sinto de veia em veia  
Amorosa languidez !

Mas o que são teus sorrisos ?  
Promessa de um céu de amores,  
Não são fructos, porém flôres,  
E flôres podem murchar...  
Entre a promessa e a posse  
Existe grande distancia,  
E meu peito sente a ancia  
De tanta sêde acalmar !

Quando olhas expressiva  
Os teus olhos dizem tudo,  
Para mim nunca foi mudo  
Esse olhar todo fulgor !  
Leio divinos poemas  
Nos olhares que me lanças  
E n'elles colho esperanças  
Vejo horizontes de amor !

Mas é pouco, muito pouco  
Para pagar meus extremos.  
Se os olhos dizem : amemos...  
E me fazem enlouquecer,  
Precisas dar outras provas  
Selladas com mais ternura,  
Para abrandar a fragura  
Em que me sinto ferver !

Teus beijos ? Sim, os teus beijos  
Dá-m'os louca, desmaiada :  
É a palma cubiçada,  
São elles o summo bem !

E que me digas : « Sou tua.  
 » Aqui juro sem remorso,  
 « Tua sou e já não posso  
 « Pertencer a mais ninguém ! »

Assim eu creio em promessas.  
 Ellas não geram tormento,  
 Valem mais qu'um juramento  
 Rico de phrase de amor.  
 Assim a chamma não mingua,  
 O tempo a não arrefece,  
 Vigora, não esvaece,  
 Não perde o vivo fulgor !

JOAQUIM SERRA.

---

### Adeus de Gonzaga.

Adeus, Marilia, adeus ! o sonho corre,  
 Vai-se gastando a vida, vai fugindo ;  
 Estremece-me a voz ; eil-a que morre,  
 Inda o teu doce nome repetindo.  
 Uma hora lá vem, outra decorre,  
 E eu vejo em prantos o teu rosto lindo!  
 Adeus, Marilia, adeus! a sepultura  
 Abre-me agora um leito em terra escura.

Ai, como é feia a terra do desterro !  
 Aqui não sopra a minha patria aragem ;  
 Aqui lançou-me a liberdade — o erro  
 De prestar á innocencia vassallagem ;  
 Aqui no chão do exílio, onde me enterro,  
 Inda placida brilha a tua imagem !  
 Luar das minhas noites, sol do dia,  
 O corpo aquece-me, — eis a terra fria !



Oh ! tu não sabes como é negra a sorte,  
Quando tudo é horror, tudo castigo ;  
Quando a memoria louca busca um norte  
E vê deserto o mundo, ermo jazigo !  
Olha : em roda de mim é tudo morte,  
Porque esta vida lá deixei contigo !  
Oh ! não esqueças, não, quem te adorava,  
Ó alma livre de minh'alma escrava !

Aquellas sombras do cahir da tarde  
Inda murmuram placidos amores ;  
Inda um desejo treme, e vôa e arde  
No doce orvalho a gottejar das flôres ;  
Inda nos prados, da natura alarde,  
Sacode a viração meigos frescores !  
E nós sepultos — que tristeza e calma !—  
Eu em teu coração, tu em minh'alma !

Mas não morreu-me, não, a agra lembrança  
De tudo que viveu em teu sorriso ;  
Luz perdida no ermo da esperança,  
N'este inferno de dôr, meu paraíso . . .  
Isto só — nada mais... a vida cansa,  
Cerca-me a escuridão, trévas diviso !  
Meu peito é sepultura, onde enterradas  
Estão nossas lembranças mais amadas !

Como um abysmo de saudades cava  
A dôr n'este meu peito dia a dia ? !  
Lá eu tinha a choupana onde habitava,  
Lá brancas ovelhinhas que eu pascia.  
Lá que aurora feliz quando acordava,  
Lá que noite formosa se dormia !  
Tinha, tinha dous sóes, — que luz tão bella ! —  
O sol do céu e o sol dos olhos d'ella.

Aqui suspiro e gemo desterrado,  
 Avesinha nas grades da prisão ;  
 Aqui, se busco em pranto o meu passado,  
 Vejo nuvens, deserto, e solidão ;  
 Aqui o céu é triste, annuviado,  
 Não tem echos de amor, não tem-n'os, não !  
 Lá eu tinha dous céos ao sol já posto,  
 Um céu no firmamento, outro em seu rosto.

Oh ! como surge agora enfeitçada  
 Aquella minha terra dos amores ? !  
 Aqui vejo-a na fonte debruçada,  
 Flôr que o rosto inclinou entre outras flôres.  
 Allí, na face nivea a mão poisada,  
 Rosa que descórou em seus ardores ;  
 Mais além, sob a copa do arvoredado,  
 Contando ao sol da tarde o seu segredo.

Ai, Marilia, Marilia ! que é da vida  
 Que em meus braços contigo então sonhava ? !  
 A casa, o ribeirão, a luz sumida,  
 Detraz do monte... além... que desmaiava ;  
 Da ovelha desgarrada a voz perdida,  
 O gado que sósinho allí pastava,  
 O chão, a relva, a fonte, as lindas flôres,  
 Nosso céu, nossa luz, nossos amores ? !

Nada, nada ficou !... n'este deserto  
 O tenue sôpro d'esta vida expira;  
 Mal bate o coração, já não acerto  
 Esses hymnos de amor que a alma delira !  
 Eis lá na sepultura vejo ao perto  
 Murchas corôas e quebrada lyra,  
 Trevas... silencio... solidão... horror !  
 Nem um pranto... um gemido... uma só flôr !

JOSÉ BONIFACIO.



**Inspiração .**

... L'âme du poète d'ombre et d'amour,  
Est une fleur des nuits qui s'ouvre après le jour  
Et s'épanouit aux étoiles!

V. HUGO

Quando descahe a noite, e o céu recama-se  
De perolas brilhantes,  
E na terra e nos mares mais fluctuam  
Harmonias errantes ;

Quando em silencio a natureza dorme,  
E que velam sómente  
Sobre a terra o poeta, e sobre o espaço  
A estrella alvinitente ;

Pelas calmãs do estio enlanguecida,  
Da relva sobre a alfombra  
A flôr do valle sobre o hastil se inclina  
E dorme sob a sombra .

Como gottas de pranto, que tremejam  
Em palpebra formosa,  
Bagas de orvalho scintillantes brilham  
Sobre a flôr perfumosa .

Bandos de sylphos invisiveis voam  
Nas balsas do rosal ;  
A viração acorda murmurios,  
Susurrando no val .

Tambem á noite a fronte do poeta  
Inclina-se nublada ;  
Abate-a o peso do scismar profundo  
De sua alma agitada .

E como os sylphos, que ao redor das flôres  
 Em cardumes fluctuam,  
 Ante seus olhos mil visões revoam,  
 Que ardentes tumultuam.

Fluxo e refluxo perennal, terrivel,  
 De insondavel oceano,  
 São-lhe as imagens, que incessantes passam  
 Pelo scismar insano.

No arrojo do condor sua alma perde-se  
 Dos céos pela amplidão,  
 E da cratera immensa de seus sonhos  
 Rebenta a inspiração.

Oh! deixai que elle sonhe! — Como as flôres,  
 Que da noite no véo  
 Têm o orvalho das nuvens — elle n'alma  
 Tem os sonhos do céu!

JOÃO JULIO.

---

### A pensativa.

Era um anjo!... Eu a vi c'o a mão na face  
 Olhando para o mar, posta á janella.  
 Como era bella então! Dos negros olhos  
 Irresistivel, magica tristeza  
 Pendia-lhe, arraiando o brando gesto  
 De celeste quebranto... Parecia  
 Fóra de si, na região dourada  
 Das fantasias d'alma, acompanhando  
 Não sei que pensamento... Talvez fosse  
 Caso d'ignoto amor... Quem sabe? Apenas  
 Ligeira ondulação lhe arfava o seio,  
 Como ao luzir de timida esperança.



Era na hora em que o sol  
O rosto banha no mar,  
Depois de n'um raio trémulo  
Saudozo adeus nos mandar.

N'essa hora tão suave,  
Em que nosso lindo céu  
Tem mais encanto e pureza  
Em seu anilado véo...

Em que o cicio da briza,  
Beijando a mimosa flôr,  
É uma nota saudosa,  
É um suspiro de amor...

Hora de ternas lembranças,  
Hora de melancolia,  
Hora de amor, de saudade,  
Hora toda poesia.

E ella, como se acordára presto  
De aureo sonho encantado,  
Levou a mão á fronte... Porventura  
Afangava o formoso pensamento,  
Que lhe adejava ahí !... Depois sorrio-se...  
Meu Deus ! que riso ! Como um céu aberto,  
Alvoruçava as almas  
Aquelle des cerrar dos labios d'ella !

Meiga virgem, quem te deu  
Tal condão de formosura ?  
Não, tu não és creatura ;  
Pareces-me o anjo bello,  
Qu'em sonhos me appareceu.  
Meiga virgem, bella e pura,  
Queres tu ser o meu anjo,  
O anjo do sonho meu ?

Não tem meu rosto primor,  
 Nem meus olhos expressão;  
 Porém taes dotes que são,  
 Que valem, candida virgem,  
 N'um peito de beija-flôr ?  
 Tenho leal coração,  
 Tenho um'alma que não finge,  
 Tenho ardente e santo amor.

Oh ! que mal sabes, donzella,  
 Como em segredo hei te amado!  
 Quanta vez envergonhado,  
 Escondido, á furto, á medo,  
 Espreitei-te a face bella!  
 Quiz vêr teu rosto córado,  
 Ouvir-te a voz... isto basta  
 Á minha ambição singela.

E tanto amor desprezarás, ó virgem ?  
 Ah ! que mal pensas tu de que impossiveis  
 É no mundo capa o affecto immenso,  
     A paixão de um poeta !  
 Irmão, esposo, amante, escravo á um tempo,  
 Só é aquelle, que unico na terra  
 Tem no peito um vulcão, na mente o raio,  
     A omnipotencia do estro.  
 Vem, ah ! vem ser meu anjo, ó virgem bella,  
 O anjo do sonho meu... Mas não, perdôa :  
 É loucura no misero, que esmola,  
     Pedir logo um thesouro...  
 Só um olhar, por compaixão te peço...  
 Um olhar, mas bem languido, bem terno,  
 Que me transporte, que me vare n'alma.

Quero um olhar, por onde eu beba a sôrvos  
 De soberanos, ideaes prazeres,  
     A taça, trashedando ;  
 Quero um olhar, que me arrebate o sizo,  
 Me queime o sangue, m'escureça os olhos,



Me torne delirante...  
Queroum olhar dos teus ! Depois, qu'importa ?  
Depois... que venha a morte. É doce o golpe  
Que pela mão de amor nos tira a vida.

JOAQUIM AYRES DE ALMEIDA FREITAS.

---

### O poeta.

No rio que o sol aclara,  
O caboclo do Brazil  
Deslisa na leve ygara  
Rasgando as ondas de anil.

Em quanto a briza suspira  
Na folhagem dos mangaes,  
D'onde a garça a frente mira  
Nos espelhos de crystaes ;

Da corrente do remanso,  
Verde a terra, o céu azul,  
Vai fugindo, como o ganso  
Que á margem náda taful.

Mas que o vento o rio açoute,  
E co'as ramas varra o chão,  
Que se torne o dia noite,  
Bem como a onda cachão ;

Que em lugar de campos ledos  
Ou frondoso palmeiral,  
Sómente veja rochedos  
Por entre sombra fatal ;

Eis, fazendo esforço extremo  
Das vagas rompe através,  
Sentindo ás vezes o remo  
No dente dos jacarés.

E receia se espatife  
A leve ygara em que vai,  
Sobre as pontas do arrecife  
Que das aguas sobressai.

Por isso de vez em quando  
Sustendo o braço veloz,  
Um grito solta, escutando,  
Só responde-lhe uma voz.

Oh ! si então pouco distante  
Distingue as vozes de alguém,  
Que lhe diz : «Animo, avante !  
Eu soffro e luto tambem...»

Seu braço recobra força,  
O remo ronca outra vez ;  
Foge a ygara, como a corça  
Pelos campos em nudez !

Mas volta depois a briza  
E raia limpido o sol ;  
De novo a ygara deslisa  
No transparente lençol.

Co'a procella que se acaba,  
Ao temor dizem adeus,  
E alegres chegam á taba  
Por entre vivas dos seus.

---

Nós tambem no mesmo rio  
Lançamos nossos bateis ;  
Poetas em desafio  
Alçamos cantos noveis !

A onda por ora é mansa,  
Uma estrella nos conduz ;  
Temos n'alma uma esperança,  
No olhar um raio de luz !



Ainda a inveja não brama ;  
Podemos antes ouvir  
Muita voz que nos exclama :  
« Crê na gloria e no porvir ! »

No emtanto, com mão segura,  
Nas cordas tirando o som,  
Nos lembremos que ventura  
Nos traz a lyra por dom ;

Que Deus fadando o poeta,  
A fronte beija-lhe e diz :  
« Terás a vida inquieta,  
E quasi sempre inteliz ! »

Que á onda succede a vaga,  
Que envolve-se a lua em véo,  
Que a esp'rança n'alma se apaga,  
Bem como a estrella no céo !

E quando se nos allronte,  
E a turba, dando-nos fel,  
Engrinalde a nossa frente,  
De espinho em vez de laurel ;

Então na luta sublime  
Entremos sem medo algum ;  
A mutua voz nos anime,  
E seja gloria commum.

Então surjamos altivos  
E lancemos ao redor,  
Do olhar lampejos mais vivos,  
Da lyra cantó melhor !

Embora a turba resista,  
Ganhemos nosso lugar ;  
Generosos dando vista  
A quem quizer-nos cegar !

Façamos nectar divino  
D'essas gottas de amargor!  
De cada gemido um hymno,  
De cada espinho uma flôr!

Cantemos! do peito enfermo  
Erguendo mais alto a voz;  
Que d'esta luta no termo  
Um premio teremos nós!

Padeçamos! e nossa alma  
Na magoa se apure assim;  
Poeta! dobrada palma  
Havemos colher enfim!

Da poesia pelas flôres  
Um louro no mausoléo;  
Da nossa alma pelas dôres  
Os puros gozos do céu!

ANTONIO JOAQUIM FRANCO DE SÁ.

---

### O Rebelde.

É um lobo do mar: n'uma espelunca  
Mora á beira do Oceano, em rocha alpestre;  
Ira-se a onda, e, qual tigre silvestre,  
De mortos vegetaes a praia junca.

E elle, olhando como um velho mestre  
O revoltoso que não dorme nunca,  
Recurva o dedo, como garra adunca.  
Sobre o cachimbo, unico amor terrestre.

E então assoma-lhe um sorriso amargo...  
É um rebelde tambem, cerebro largo,  
Que odeia os reis e os padres excommunga.



À noite dorme sem resar : que importa ?  
Enorme cão fiel guarda-lhe a porta,  
O velho mar soturno que resmungá.

LUCIO DE MENDONÇA.

---

### Anjo enfermo.

Geme no berço, enferma, a criancinha  
Que não falla, não anda e já padece...  
Penas assim crueis porque as merece  
Quem mal entrando na existencia vinha ?...

O melindroso ser, ó filha minha,  
Se os céus ouvissem a paterna prece,  
E a mim o teu soffrer passar pudesse,  
— Gozo me fôra a dôr que te espesinha...

Como te aperta a angustia o fragil peito !  
E Deus, que tudo vê, não t'a extermina,  
Deus que é bom, Deus que é pai, Deus que é perfeito...

Sim, é pai, mas, — a crença nol-o ensina :  
— Se vio morrer Jesus, quando homem feito,  
Nunca teve uma filha pequenina !....

AFFONSO CELSO JUNIOR.

---

### Mysteriosa.

Si tens nos olhos o fulgor da aurora,  
Mostras na face a pallidez da santa,  
Não sei porque, tu és Venus que chora,  
Tua linda tristeza prende e espanta.

Por cima do diadema da belleza  
 Ginge-te a aureola opaca do martyrio.  
 Tens do crepusc'lo, acaso, a natureza?  
 Devêras ser um sol, e és um cirio.

Sei que em tua alma se travou a luta  
 Do amor com o dever, que a vida abala.  
 Deus te clama do céu : — Mulher, escuta !  
 E alguém te diz na terra : — Archanjo, falla !

.....  
 Onde irás tão formosa e pensativa,  
 Fugindo á sina que ferio Suzana ? !  
 O mundo inteiro chama-te — captiva ;  
 Sómente o poeta diz que és soberana.

.....  
 Lá, onde a escrava derramou seus prantos ;  
 Lá, onde Agar da culpa se redime ;  
 Tu, com teus beijos, pagarás mil cantos ;  
 Alguém, com prantos, lavará teu crime.

VICTORIANO PALHARES.

---

### Capricho de Sardanapalo.

Não dormi esta noite : — a vida exhalo  
 N'uma agonia indomita e cruel.  
 Ergue-te, ó Radamés, ó meu vassallo,  
 Faça-te agora amigo meu fiel.

Deixa o leito de sandalo : a cavallo !  
 Falta-me alguém no meu real docel :  
 Ouves, escravo, o rei Sardanapalo ?  
 Engole o espaço... é raio o meu corcel.



Não quero que igual noite hoje em mim caia :  
Vai buscal-a ; remonta-te ao Hymalaia,  
Ao sol, á lua... vôa, Radamés...

Emquanto a rica Assyria a meus pés acho,  
Quero tambem dormir feliz, debaixo  
Das duas curvas dos seus brancos pés.

L. DELFINO.

---

### No circo.

Abria o circo a arena illuminada  
Do povo ás grossas vagas tumultuosas ;  
Fervia tudo em pompa ; a variada  
Côr das vestes, as rendas preciosas,

O verde, o azul, as sedas, os lavoeres  
Dos luzentes metaes da côr do dia ;  
Mas nesta febre multipla de côres,  
Sómente a côr vermelha se não via ;

Em applausos a turba se desata,  
Surge em pleno espectaculo o acrobata,  
Pula, e na corda bamba se ajoelha ;

Arqueia o corpo ; a corda estala e ringe :  
Elle cahe, parte o craneo, e o solo tinge  
A côr que se não via, a côr vermelha.

RAYMUNDO CORRÊA.

---

### Pequenos e grandes.

Olha : Éra um ténue fio  
 D'agua apenas. Cresceu, tornou-se um rio  
 Depois. Roucas as vagas  
 Engrossa agora, e é turbido, é bravio,  
 Roendo penedos, alagando plagas...

Humilde arroio brando !  
 N'elle, no emtanto, as flôres, inclinando  
 O debil caule, inquietas  
 Miravam-se e em seu claro espelho o bando  
 Revia-se das leves borboletas.

Tudo, porém : cheirosas  
 Plantas, curvas ramadas, amorosas  
 Brisas da tarde, ninhos  
 Suspensos no ar bailando ao vento, rosas,  
 Lyrios alvos, gorgear de passarinhos,

Tudo, tudo perdido  
 Atraz deixou. Cresceu... Desenvolvido  
 Foi alargando o seio,  
 E do alpestre rochedo, onde nascido  
 Tinha, cresso e brutal descendo veio,

Cresceu... Atropelladas,  
 Soltas, grossas as ondas apressadas,  
 Estendeu largamente  
 Tropeçando nas pedras espalhadas,  
 No galope impetuoso da corrente.

Cresceu, é poderoso :  
 Mas enturba-lhe a face o lôdo ascoso ;  
 É grande, é largo, é forte :  
 Mas de parceiros coalhado, caudaloso,  
 Leva nas dobras de seu manto a morte !



Implacavel, violento,  
Rijo o vergasta o látego do vento...  
Sobre elle em vão cahindo,  
Das estrellas do calmo firmamento  
Bateu os raios tremulos luzindo.

Nada reflecte, nada!  
Com o surdo estrondo espanta a ave assustada:  
É negro, é turvo agora!  
— Onde a vida de out'ora socegada?  
Onde a humildade e a limpidez de outr'ora?

.....

.....

Homem que o povo acclama!  
Semi-deus poderoso, cuja fama  
O mundo com vaidade  
De echo em echo no seculo derrama  
Aos quatro ventos da celebridade!

Tu que humilde nasceste,  
Fraco e obscuro mortal, tambem cresceste  
De victoria em victoria,  
E hoje, inflado de orgulhos, ascendeste  
Ao solio excelso do esplendor da gloria;

Mas, ah! n'esses teus dias  
De fausto, entre essas pompas luzidias,  
— Rio soberbo e nobre! —  
Has-de chorar o tempo em que vivias  
Como um arroio socegado e pobre!

OLAVO BILAC.

---

**Pelo azul.**

VERSOS Á MINHA AVÓ

Às vezes, — quando a noite  
Derrama sobre os lírios  
A luz dos brancos círios  
Que fulgem n'ampidão, —  
Em busca do infinito,  
Sonora e triumphante,  
Minh'alma vò errante,  
Suspensa de um clarão...

Percorre todo o espaço,  
E vai de estrella em estrella  
Cantando a estrophe bella,  
Que a magoa lhe ensinou ;  
Vai, como uma chimera,  
No largo azul boiando,  
Em rosas transformando  
A dôr que em si brotou.

Inveja o mar as azas  
Dos passaros afflictos,  
E chora e diz em gritos  
Que quer tambem voar...  
No coração de um astro  
Talvez o mar podesse,  
N'uma risonha prece,  
Commigo dialogar !

Ai ! vel-o eu desejára  
N'um'ave transformado  
Serenos, grande, ousado,  
Erguendo os vôos seus...  
Com elle, que loucura !  
Minh'alma bem quizera  
Andar de esphera em esphera  
Interrogando a Deus.



Fugaz, liberto, livre,  
Ha tempos que vagueio  
No fulvo largo seio  
Das vastidões sem fim :  
Mal vem cahindo a noite,  
Ergo-me, n'um adejo,  
E vou levar meu beijo...  
Aos pés de um cherubim

Ó minha Avó, escuta  
O mystico segredo,  
Que vou narrar-te á medo  
E vou dizer-te a sós...  
— Não, santa ! que doidice !  
Os passaros em bando,  
Estão nos escutando  
E rindo-se de nós !

Me assenta nos joelhos...  
Não... não o digo agora...  
Mas o teu rosto chora ?  
Espera ...eu t'o direi :  
Hontem na estrella d'alva,  
— O astro que mais brilha —  
A tua santa filha —  
E minha mãe...achei !

Me disse acalentando,  
Em perfumado ninho,  
O pallido filhinho  
Que junto a nós morreu :  
« Teu pobre irmão, coitado !  
No mundo penou tanto  
Que me occulta o pranto  
E tudo que soffreu !

Desejas afagal-o ?  
Tu tens este desejo ?  
— Meu filho... toma um beijo

Que o irmãosinho te dá...  
Estende a mão formosa,  
A mão pequena e fria...  
Um brinco todo o dia  
Agora elle trará... »

Que lindo paraíso !  
N'aquella altura cérula  
Olhando tanta perola  
E vendo tanta luz,  
Eu disse : Mãe, que brilho !  
Que joias tão bonitas !  
— São lagrimas bemditas  
Dos olhos de Jesus !

E deu-me tres, sorrindo,  
Sorrindo tristemente...  
Ah ! cuidadosamente  
As trouxe para aquí...  
Recebe-as, avósinha :  
Em pensativa calma,  
Guardei-as dentro d'alma,  
Guardei-as para ti !

Mas, santa ! que doidice !  
Agarra-te ao meu braço :  
Fujamos para o espaço  
N'um vôo bem veloz !  
Nos ramos do arvoredor  
Os passaros em bando,  
Estão nos escutando  
E rindo-se de nós !

H. CASTRICIANO.

---



## DESCRIPTIVAS

## Morte de Moema.

Copiosa multidão da não franceza  
Corre a vêr o espectáculo assombrada ;  
E ignorando a occasião da estranha empreza,  
Pasma da turba feminil, que nada :  
Uma que as mais precede em gentileza,  
Não vinha menos bella, do que irada.  
Era Moema, que de inveja geme,  
E já visinha á não se apega ao leme.

Barbaro (a bella diz) tigre, e não homem...  
Porém o tigre por cruel que breme,  
Acha forças, amor, que emfim o domem ;  
Só a ti não domou, por mais que te ame :  
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,  
Como não consumis aquelle infame ?  
Mas pagar tanto amor com tedio e asco...  
Ah! que o corisco és tu... raio... penhasco.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo  
Quando eu a fé rendia ao teu engano ;  
Nem me offenderas a escutar-me altivo,  
Que é favor, dado a tempo, um desengano,  
Porém deixando o coração captivo.  
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,  
Fugiste-me, traidor, e d'esta sorte  
Paga meu fino amor tão crua morte ?

Tão dura ingratição menos sentira,  
E esse fado cruel doce me fôra,  
Se a meu despeito triumphar não vira  
Essa indigna, essa infame, essa traidora :  
Por serva, por escrava te seguira ;  
Se não temera de chamar senhora

Á vil Paraguassú, que sem que o creia,  
Sobre ser-me inferior, é nescia, e feia.

Emfim tens coração de vêr-me afflicta,  
Fluctuar moribunba entre estas ondas,  
Nem o passado amor teu peito incita  
A um ai sómente, com que aos meus respondas :  
Barbaro, se esta fé teu peito irrita,  
(Disse, vendo-o fugir) ah! não te escondas;  
Dispara sobre mim teu cruel raio...  
E indo a dizer o mais, cai n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,  
Pallida a côr, o aspecto moribundo,  
Com mão já sem vigor voltando o leme,  
Entre as salsas escumas desce ao fundo ;  
Mas na onda do mar que irado freme  
Tornando a apparecer desce o profundo ;  
Ah, Diogo cruel ! disse com magoa,  
E sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.

Choraram da Bahia as nymphas bellas,  
Que nadando a Moema acompanhavam ;  
E vendo que sem dôr navegam d'ellas,  
Á branca praia com furor tornavam :  
Nem pôde o claro heróe sem pena vêl-as  
Com tantas provas que de amor lhe davam ;  
Nem mais lhe lembra o nome de Moema  
Sem que o amante a chore, ou grato gema.

SANTA RITA DURÃO.

*J. José de J. J. J.*  
*P. J. J. J. J.*



**Costumes de Villa Rica.**

Apenas, Dorotheo, a noite chega,  
Ninguem andar já pôde sem cautela  
Nos sujos corredores de Palacio ;  
Uns batem com os peitos n'outros peitos,  
Outros quebram as testas n'outras testas ;  
Qual leva um encontrão que o vira em roda ;  
E qual por defender a cara, fura  
Com os dedos que estende, incautos olhos ;  
Aqui se quebra a porta, e ninguem falla ;  
Alli range a couceira, e sôa a chave ;  
Este anda de mansinho ; aquelle corre ;  
Um grita que o pisaram ; outro inquire  
« Quem é ? » a um vulto, que lhe não responde .  
Não temas, Dorotheo, que não é nada ;  
Não são ladrões que offendam, são donzellas  
Que buscam aos devotos que costumam  
Fazer, de quando em quando, a sua esmola.

Chegam-se emfim as horas, em que o somno  
Estende na cidade as negras azas  
Em cima dos viventes, espremendo  
Viçosas dormideiras. Tudo fica  
Em profundo silencio ; só a casa,  
A casa aonde habita o grande chefe,  
Parece, Dorotheo, que vem abaixo  
Fingindo a moça que levanta a saia,  
E voando nas pontas dos dedinhos,  
Préga no machacaz de quem mais gosta  
A lasciva embigada, abrindo os braços ;  
Então o machacaz torcendo o corpo,  
Porfido uma mão na testa, outra na ilharga,  
Ou dando alguns estalos com os dedos,  
Seguindo das violas o compasso,  
Lhe diz, eu pago, eu pago, e de repente  
Sobre a torpe michela atira o salto.

Ó dansa venturosa ! Tu entravas  
 Nas humildes choupanas, onde as negras,  
 Aonde as vís mulatas, apertando  
 Por baixo do bandulho a larga cinta  
 Te honravam c'os marotos e brejeiros,  
 Batendo sobre o chão o pé descalço.  
 Agora já consegues ter entrada  
 Nas casas mais honestas e palacios !  
 Ah ! tu, famoso chefe, dás exemplo.  
 Tu já, tu já batucas, escondido  
 Debaixo dos teus tectos, com a moça  
 Que furtou ao senhor o teu Ribeiro !  
 Tu tambem já batucas sobre a sóla  
 Da formosa comadre, quando o pede  
 A borracha funcção do *santo* Entrudo !  
 Ah ! que isto sendo pouco, é muito e muito !  
 Que os exemplos dos chefes logo correm,  
 E correm muito mais, quando fomentam  
 Aquelles vicios a que os genios puxam.

O tempo, Dorotheo, voando, fuge ;  
 E nunca os de Palacio imaginaram  
 Que tão veloz fugia, como agora.  
 Acaba-se a funcção, e chega o dia ;  
 Vem abrir as janellas um criado,  
 E o chefe lhe pergunta que algazarra  
 Fizeram os mais servos toda noite  
 Que o não deixou dormir um breve instante ;  
 O criado, que sabe que o bom chefe  
 Só quer que lhe confessem a verdade,  
 O successo lhe conta d'esta sorte :  
 « Fizemos esta noite um tal batuque !  
 « Na cêa todos nós nos alegrámos ;  
 « Entrou n'elle a mulher do teu lacaio :  
 « Um só, senhor, não houve que, lascivo,  
 « Com ella não brincasse, todos elles  
 « De bebados que estavam, não puderam  
 « O intento conseguir. Só eu mais forte... »



Apenas isto diz o vil criado,  
 O chefe as costas vira, e lhe responde,  
 Soltando um grande riso : « fóra fracos ! »

Já disse, Dorotheo, que as mocetonas  
 Só entram em Palacio, quando estende  
 A noite sobre a terra a negra capa ;  
 Que a formosa virtude da cautela  
 Até parece bem n'aquelle mesmo,  
 A quem a profissão lhe não exige  
 Que viva recatado, como vivem  
 As moças, que inda querem ser donzellas.  
 Agora, Dorotheo, julgar já podes  
 Que sahem de Palacio muito cedo .  
 Assim é, Dorotheo ; as donzellinhas  
 Pela porta travessa vão sahindo,  
 Mal tocam as garridas á primeira.  
 Mas a bella Rosinha fica, e dorme  
 Nos braços de Matusio a madrugada ;  
 Só sahe de dia claro, e o grande chefe  
 Lhe atira uma pedrinha da janella,  
 Só para que lhe dê um ar de graça !  
 Que grande estimação , Rosica bella !  
 Aqui se mostra bêm, que as outras moças  
 Não trazem, como trazes, lucro á casa.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO.

## URUGUAY

### POEMA

#### MORTE DE LINDOYA

Pisaram <sup>1</sup> finalmente os altos riscos  
 De escavada montanha, que os infernos  
 Co' o peso opprime, e a testa altiva esconde

1. As tropas de Andrada.

Na região, que não perturba o vento.  
Qual vê quem foge á terra, pouco a pouco  
Ir crescendo o horizonte, que se encurva,  
Até que com os céos o mar confina,  
Nem tem á vista mais que o ar, e as ondas :  
Assim quem olha do escarpado cume  
Não vê mais do que o céu, que o mais lhe encobre  
A tarda e fria nevoa, escura e densa.  
Mas quando o sol de lá do eterno, e fixo  
Purpureo encosto do dourado assento,  
Co'a creadora mão desfaz, e corre  
O véo cinzento de ondeadas nuvens,  
Que alegre scena para os olhos ! Podem  
D'aquella altura, por espaço immenso,  
Vêr as longas campinas retalhadas  
De tremulos ribeiros ; claras fontes,  
E lagos crystallinos, onde molha  
As leves azas o lascivo vento ;  
Engraçados outeiros, fundos valles,  
E arvoredos copados, e confusos,  
Verde theatro, onde admira quanto  
Produzio a superflua natureza.  
A terra soffredora de cultura  
Mostra o rasgado seio ; e as varias plantas  
Dando as mãos entre si, tecem compridas  
Ruas, por onde a vista saudosa  
Se estende, e perde. O vagaroso gado  
Mal se ouve no campo, e se divisam  
Por entre as sombras de verdura, ao longe  
As casas branquejando, e os altos Templos.  
Ajuntavam-se os Indios, entretanto  
No lugar mais visinho, onde o bom Padre  
Queria dar Lindoya por esposa  
Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto,  
E a regia autoridade de Cacambo.  
Estão patentes as douradas portas  
Do grande Templo, e na visinha praça  
Se vão dispondo de uma, e de outra banda



As vistosas esquadras diferentes.  
Co'a chata frente de urucú tingida  
Vinha o Indio Kobbé disforme, e feio,  
Que sustenta nas mãos pesada maça  
Com que abate no campo os inimigos  
Como abate a seára o rijo vento,  
Traz comsigo os selvagens da montanha,  
Que comem os seus mortos; nem consentem  
Que jámais lhes esconda a dura terra  
No seu avaro seio o frio corpo  
Do doce pai, ou suspirado amigo.  
Foi o segundo, que de si fez mostra,  
O mancebo Pindó, que succedera  
A Cepé no logar: inda em memoria  
Do não vingado irmão, que tanto amava,  
Leva negros pennachos na cabeça,  
São vermelhas as outras pennas todas,  
Côr, que Cepé usava sempre em guerra.  
Vão com elle os seus Tapes, que se affrontam,  
E que têm por injuria morrer velhos.  
Segue-se Caitutú de regio sangue,  
E de Lindoya irmão. Não muito fortes  
São os que elle conduz, mas são tão destros  
No exercicio da frecha, que arrebatam  
Ao verde papagaio o curvo bico,  
Voando pelo ar. Nem dos seus tiros  
O peixe prateado está seguro  
No profundo ribeiro. Vinham logo  
Alegres Guaranís de amavel gesto.  
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga.  
Pennas da côr do Céu trazem vestidas,  
Com cintas amarellas: e Baldetta  
Desvanecido a bella esquadra ordena  
No seu Jardim <sup>1</sup>; até o meio lança  
Pintado de vermelho, e a testa, e o corpo  
Todo coberto de amarellas plumas.

1. Nome do cavallo que montava Baldetta

Pendente a rica espada de Cacambo,  
E pelos peitos ao travez lançada  
Por cima do hombro esquerdo a verde faxa,  
De d'onde ao lado opposto a aljava desce.  
N'um cavallo da côr da noite escura  
Entrou na grande praça derradeiro  
Tatú-Guaçú feroz, e vem guiando  
Tropel confuso de cavallaria,  
Que combate desordenadamente.  
Trazem lanças nas mãos, e lhes defendem  
Pelles de monstros os seguros peitos.  
Revia-se em Baldetta o santo Padre;  
E fazendo profunda reverencia,  
Fóra da grande porta, recebia  
O esperado Tadeo activo, e prompto,  
A quem acompanhava vagaroso  
Com as chaves no cinto o irmão Patusca,  
De pesada, enormissima barriga.  
Jámais a este o som da dura guerra  
Tinha tirado as horas do descanso.  
De indulgente moral, e brando peito,  
Que penetrado na fraqueza humana  
Soffre em paz as delicias d'esta vida,  
Taes e quaes nol-as dão. Gosta das cousas,  
Porque gosta, e contenta-se do effeito,  
E nem sabe, e nem quer saber as causas.  
Ainda que talvez, em falta d'outro,  
Com grosseiras acções o povo exhorte,  
Gritando sempre, e sempre repetindo  
Que do bom pai Adão a triste raça  
Por degráos degenera, e que este mundo  
Peiorando envelhece. Não faltava,  
Para se dar principio á estranha festa,  
Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam  
Todas de brancas pennas revestidas  
Festões de flôres as gentís donzellas.  
Cançados de esperar, ao seu retiro  
Vão muitos impacientes a buscal-a.



Estes da cressa Tanajura aprendem  
Que entrára no jardim triste e chorosa,  
Sem consentir que alguém a acompanhasse.  
Um frio susto corre pelas veias  
De Caitutú, que deixa os seus no campo,  
E a irmã por entre as sombras do arvoredo,  
Busca co'a vista, e teme de enconral-a.  
Entram emfim na mais remota, e interna  
Parte do antigo bosque, escuro e negro,  
Onde ao pé de uma lapa cavernosa  
Cobre uma rouca fonte, que murmura,  
Curva latada de jasmims e rosas.  
Este logar delicioso e triste,  
Cançada de viver, tinha escolhido  
Para morrer a misera Lindoia.  
Lá reclinada, como que dormia,  
Na branda relva, e nas mimosas flôres,  
Tinha a face na mão, e a mão no tronco  
De um funebre cypreste, que espalhava  
Melancolica sombra. Mais de perto  
Descobrem que se enrola no seu corpo  
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge  
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.  
Fogem de a ver assim sobresaltados  
E param cheios de temor ao longe ;  
E nem se atrevem a chamal-a, e temem  
Que desperte assustada, e irrite o monstro,  
E fuja, e apresse no fugir a morte.  
Porém o destro Caitutú, que treme  
Do perigo da irmã, sem mais demora  
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes  
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes  
Entre a ira e o temor. Emfim sacode  
O arco, e faz voar a aguda setta,  
Que toca o peito de Lindoia, e fere  
A serpente na testa, e a boca e os dentes  
Deixou cravados no visinho tronco.  
Açouta o campo co'a ligeira cauda

O irado monstro, e em tortuosos giros  
Se enrosca no cypreste, e verte envolto  
Em negro sangue o livido veneno.  
Leva nos braços a infeliz Lindoya  
O desgraçado irmão, que ao desperta-la  
Conhece, com que dôr ! no frio rosto  
Os signaes do veneno, e vê ferido  
Pelo dente subtil o brando peito.  
Os olhos, em que amor reinava um dia,  
Cheios de morte ; e muda aquella lingua,  
Que ao surdo vento, e aos echos tantas vezes  
Contou a larga historia de seus males.  
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,  
E rompe em profundissimos suspiros,  
Lendo na testa de fronteira gruta  
De sua mão já tremula gravado  
O alheio crime, e a voluntaria morte,  
E por todas as partes repetido  
O suspirado nome de Cacambo.  
Inda conserva o pallido semblante  
Um não sei que de magoado e triste,  
Que os corações mais duros enternece.  
Tanto era bella no seu rosto a morte !

JOSÉ BASILIO DA GAMA.

---

## ZERONI

### POEMA

#### FRAGMENTO

#### I

Aos mares outra vez, vamos aos mares,  
Nas vagas embalar os sonhos d'alma,  
No inquieto balouçar de inquietas ondas  
Vamos da vida sacudir os nojos.



Solta o velame, nauta, aos sopros d'alva,  
Acima o ferro, ao horizonte a prôa,  
Leva-me longe a errar por essas aguas,  
Abre-me a vastidão que as brisas correm,  
Quero entornar minh'alma em tanto espaço,  
Quero em tanta grandeza engrandecel-a.  
Nem patria o bardo tem nem tem amores,  
Canta como alcyão, como elle vòa  
De vaga em vaga ás bordas do infinito,  
De brisa em brisa esfolha a vida em hymnos.  
À terra um só adeus, partamos, nauta,  
Aos mares outra vez, vamos aos mares,  
Nas vagas embalar os sonhos d'alma.

## II

Longe d'aqui, bem longe, a estranhos climas  
Levai-me, ó brisas, revelai-me a terra.  
Desponta a vida, e a luz de tal aurora  
Do mundo as vistas doure ao bardo errante.  
De entre mares e céos solta nos ermos  
Aprenda a mente os sonhos do infinito.  
Que vale a vida aqui? É dôr ou tédio;  
É doce sonho a dôr quando adormece  
Ninada ao brando sussurrar das ondas.  
Aos mares outra vez, vamos aos mares,  
Nas vagas embalar os sonhos d'alma.

## III

Amo a tristeza immensa d'esses mares,  
Que as chimeras sublima da existencia,  
Se de nobres paixões são flôres puras.  
Quero na pia enorme do oceano,  
N'essas aguas sem fim, sombra dos céos,  
Padrinho Deus, a solidão madrinha,  
Baptismo excelso dar, na fé dos bardos,  
Á mystica visão que occulto n'alma.  
Salve, prefacio augusto do infinito,

Coetaneas do cahos, aguas sagradas,  
 Que o verbo creador a Deus ouvistes  
 Quando da mente lhe nascia o mundo !  
 Tu, magno vate de tristezas magnas,  
 Das procellas do céo cantor sublime,  
 Velho oceano, rei das solidões,  
 Nos ermos teus abriga, em ti sublima  
 Esta tão grande dôr, que em ti só cabe !  
 Berço onde vida e penas me nasceram,  
 Serras patrias, adeus ! Partamos, nauta,  
 Aos mares outra vez, vamos aos mares,  
 Nas vagas embalar os sonhos d'alma.

## IV

Leva-me, ó nauta, a vogar  
 Bem longe, longe d'aqui,  
 Por essa aguas do mar,  
 Que gosto de ouvir ahi  
 Tão mimosa a sussurrar  
 A brisa, que traz em si  
 Mystérios para contar  
 A quem ouvil-os não ri.  
 Leva-me, ó nauta, a vogar  
 Por essas aguas do mar.

Assim ; deixa a brisa entrar,  
 Nauta, é hora de partir,  
 Deixa essa vela bojar,  
 Lá vem a onda a sorrir ;  
 Deixa o brigue bolinar,  
 Por alva espuma a fugir  
 Pelas campinas do mar ;  
 Ai, minh'alma o quer seguir !  
 Assim ; deixa a brisa entrar,  
 Deixa o brigue bolinar.

Triste alcyão quero ver,  
 Que habita os ermos do mar,



E sabe tão bem gemer  
A quem o sabe escutar.  
Deixa o velame bojar,  
Mais terra não quero ver,  
Ao brigue e no brigue ao mar,  
Que a brisa leva o pezar.

E o brigue airoso a vogar,  
A vogar empavesado ;  
E o velame a branquejar,  
Pelo sol puro dourado ;  
E o cabrestante calado,  
E o silencio a começar...  
Eis o ermô illimitado,  
E o brigue sempre a vogar,  
Reina o silencio do mar.

Leva-me, ó nauta, a vogar,  
Bem longe, longe d'aqui,  
Por essas aguas do mar,  
Que gosto de ouvir ahi  
Tão mimosa a sussurrar  
A brisa, que traz em si  
Mysterios para contar  
A quem de ouvil-os não ri.  
Leva-me, ó nauta, a vogar  
Por essas aguas do mar,

## V

Assim cantára ao nauta o bardo triste,  
E ao seu cantar gemia o cabrestante  
Adeus á terra ; e a terra se afogava  
No crespo serpejar de ousadas vagas,  
Que ao céo, longe, lá longe, as franjas beijam :  
Eil-as do mar as solidões sublimes,  
Aguas e céos, entre elles o silencio,  
Ninho de sonhos, reino de mysterios.

## VI

Nos ermos do oceano a dôr se apura ;  
 Brisas que gemem, ondas que sussurram  
 Fallam mysterios que interpreta o vate,  
 Ensinam sonhos que a esperança afaga,  
 Acordam penas que dormiam n'alma.  
 — Assim cantára ao nauta o bardo triste,  
 E ao seu cantar adormecera o dia.

## VII

Nas campinas florescem do infinito  
 Lindas flôres de luz, jardim da noite,  
 Ricos passeios onde a phantasia  
 A cada mundo uma chimera pede,  
 Que entre sepulchro e berço enfeite as horas  
 Aos vassallos da morte, aos filhos de Eva,  
 N'este desterro, em afflicções gemendo.  
 Crescem do mar as solidões sublimes.  
 Aguas e céos, entre elles o crepusculo,  
 Ninho de maguas, hora de tristezas.

## VIII

No espaço a lua, e luz que faz saudades,  
 Boia nas auras, boia tão sereno  
 Astro de prata que prateia as sombras ;  
 As fronteiras do céu em paz costeia,  
 Aos pés de Deus navega magestoso  
 Na derrota immortal da eternidade !  
 Assim cantava ao nauta o bardo triste,  
 E ao seu cantar se levantára a noite.

## IX

Entre sombras e luz, lindo phantasma,  
 Voga formosa não que veste espumas,  
 De vaga em vaga ousada se balança  
 E aos hiatos do abysmo escapa destra ;  
 Leva em si a sublime audacia humana,



Nas ondas joga o que ? — ou ouro ou vida,  
 E empavezada vò a ás tempestades ;  
 Nos ermos do oceano impera o nauta.  
 Brisas que gemem, ondas que sussurram  
 São da bonança placidos sorrisos,  
 Embalam n'alma as crenças que, tão lindas,  
 Nos ninhos de alcyão guarda o corsario.

## X

Mede co'a vista as velas, mede as auras,  
 Lê no horizonte nauticos segredos ;  
 Mede co'a vista as nuvens, mede e canta  
 O duro nauta os hymnos do oceano,  
 Suspiros de alcyão, voz das borrascas ;  
 Canta e afaga a náo, que a seus afagos  
 Alvos risos de espuma abre faceira  
 Na fronte airoza que domina as vagas.  
 Mede as auras, sorri, sorrindo brada :  
 « As brisas, que Deus dá, as azas todas,  
 « Filha das aguas, e o infinito é nosso. »  
 E a náo que o ouve ao infinito vò.  
 Eil-as do mar as solidões sublimes,  
 Aguas e céos, entre elles o silencio,  
 Ninho de sonhos, reino de mysterios.

## XI

Já não cantava ao nauta o bardo triste ;  
 Brisas que gemem, ondas que sussurram  
 Dôres acordam que dormiam n'alma.  
 Já não cantava ao nauta o bardo triste,  
 Olhos no céo, a mente no passado,  
 Ao coração saudades harpejando,  
 Nos mares outra vez, nos largos mares,  
 Nas vagas embalava os sonhos d'alma

JOSÉ MARIA DO AMARAL.

**A tarde.**

Que hora amavel ! Expiram os favonios ;  
Transmonta o sol, o rio se espreguiça ;  
E a cinzenta alcatifa desdobrando  
Pelas azues diaphanas campinas ,  
Na carroça de chumbo assoma a tarde .  
Salve, moça tão meiga e socegada ;  
Salve, formosa virgem pudibunda ,  
Que insinuas co'os olhos doce affecto ,  
Não criminosa, abrasadora chamma .  
Em ti repousa a triste, humana prole,  
Do trabalhado dia ; nem já lavra  
Juiz severo a barbara sentença,  
Que hade a fraqueza conduzir ao tumulo .  
Lasso o colono, mal avista ao longe  
A irmã da noite, cõa-lhe nos membros  
Placido allivio ;pousa a dura enxada,  
Limpa o suor, que em bagas vai cahindo .  
Que ventura ! A mulher o espera anciosa  
Co'os filhinhos em braços ; já deslembra  
O homem dos campos a diurna lida ;  
Com entranhas de pai ledõ abençõa  
A progenie gentil que a olho pula .

Não vês como o fantasma do silencio  
Erra e pára o bulicio dos viventes?  
Só quebra esta mudez o pastor simples,  
Que, trazendo o rebanho dos pastios,  
Co'a suspirosa flauta ameiga os bosques .  
Feliz ! que nunca o ruido dos banquetes  
Do estrangeiro escutou, nem alta noite  
Foi á porta bater do alheio alvergue,  
Acha no humilde colmo os seus penates  
Como acha o grande em soberbões palacios ;  
Conviva dos festins da natureza,  
Vê perfazerem-se as funcções mais altas :



O homem nascer, morrer e deixar prantos.  
Agora ia, entre prados, após Laura,  
O ardido vate magoando as cordas ;  
E a selvatica virgem recolhendo  
A grave dôr christã, que a assoberbava,  
Do mancebo cedia á paixão nobre,  
Grande e sublime como os troncos do ermo ,  
Ai! misera Atalá... masrusga o fogo  
E o sino sôa pelas brenhas broncas.  
Tarde serena e pura, que lembranças  
Não nos vem despertar no seio d'alma ?

Amiga terna, dize-me onde colhes  
O balsamo que esparges nas feridas  
Do coração ! Que apenas dás rebate  
Cala-se a dôr ; só geras no imo peito  
Mansa melancolia, qual ressumbra  
Em quem sobre os seus pés tem visto as flôres  
Irem murchando, e a tréva do infortunio  
Ante os olhos medonha condensar-se.

Longe dos patrios lares quem não sente,  
Os arrebóes da tarde contemplando,  
Um subito alvoroço ? Então pendiamos  
Dos cantos arroubados, que verteram  
Propicios deuses nos maternos labios ;  
E branda mão apercebia o berço  
Em que ternos vagidos afagava,  
Infausto annuncio de vindouras penas.  
Sobre o paiol sentada, a fiel serva  
Que vezes attentei chamando ao pouso  
A ave tão util, que arrebanha os filhos ,  
E adeja e canta, e pressurosa acode !

Co'a turba de innocentes companheiros  
Agora sobre a encosta da collina,  
A casta lua como mãi saudavam os,

E supplicando que nos fosse amparo  
 Em jubiloso grito o ar rompíamos.  
 Mas da puerícia o genio prazenteiro  
 Recentes gerações vai bafejando :  
 A quem ficou a angústia que moderas,  
 Oh, compassiva tarde ! olha-te o escravo,  
 Sopeia em si os agros pezadumes ;  
 Ao som dos ferros o instrumento rude  
 Tange, bem como em Africa adorada,  
 Quando, tão livre ! o filho do deserto  
 Lá te aguardava ; e o echo da floresta,  
 Da ave o gorgueio, o tepido regato,  
 Zunindo os ventos, murmurando as sombras,  
 Tudo em cadencia harmonica lhe rouba  
 A alma em magico sonho embevecida.

Não mais, oh musa, basta ; que na noite  
 Os pardos horizontes se tingiram,  
 E me pesa e carrega a escuridade.  
 Oh ! venha a feliz nova, que da patria  
 N'essas fecundas, dilatadas veigas,  
 Tu mais suave a lyra me temperas ;  
 Da singela Eponina acompanhado,  
 Na escura gruta, que nos cava o tempo,  
 Hei de ao valle ensinar canções mellifluas ;  
 Nos lindos olhos, nos mimosos beiços,  
 Nos alvos pomos, no ademan altivo,  
 Irei tomar as côres que retratem  
 Da natureza os intimos segredos ;  
 Do ardor da esposa, do sorrir da filha,  
 Do rio que espontaneo se offerece,  
 Da terra que dá fructo sem o arado,  
 Da arvore agreste, que na densa grenha  
 Abriga da pendente tempestade,  
 A sobre-olhar aprenderei haveres,  
 A fazer boa sombra ao peregrino,  
 A dar quartel ao errado viandante.  
 Lá, estendendo pelos livres ares



Longas vistas nas dobras do futuro,  
 Entreverei o derradeiro dia...  
 Venha, que acha os despojos do homem justo.  
 Oh, esperança, toma-me em teus braços;  
 Com a imagem da patria me consola !

M. ODORICO MENDES.

---

### Pelo Itapicurú.

A tarde era bella ; — sopravam macias  
 As brisas ; — tardias  
 Rolavam-se as nuvens do espaço no azul.  
 As sombras cahiam do outeiro visinho ; —  
 Ninguem no caminho ; —  
 O rio sósinho ; —  
 A margem de areia ; — o chão sem paúl.

As folhas se agitam ; — o remo estridente  
 Fere a agua dormente...  
 Eis passa uma barca ligeira a correr.  
 Às vezes um surdo gemido se ouvia ;  
 A quilha tremia ;  
 A areia rangia,  
 E a barca singrava sem nunca empecer.

As aves já dormem ; o som que rebenta  
 É voz somnolenta  
 D'algum passarinho desperto ao remar :  
 As garças sómente se encolhem de frio  
 Á beira do rio,  
 Fitando o sombrio  
 Silencio das aguas no lento escoar.

Seus galhos pendentes a velha engaranna  
 Balança de ufana

Ao sopro dos ventos — ao fresco do val:  
 E os ramos mais fortes nos troncos ferrados,  
     Gemendo curvados,  
     Os fructos pesados  
 Atufam nas ondas do puro crystal.

E a barca passava. — O sol no horizonte  
     Por cima do monte  
 Seus ultimos raios a pouco vibrou:  
 E a tarde mais bella nos ares se arreia  
     Do brilho que a teia  
     Das nuvens roseia  
 Nas orlas do espaço que o sol despresou.

Silencio! escutemos, — ás prestes arfagens  
     Da barca, — ás aragens, —  
 Aos silvos das garças que espanta o rumor, —  
 Aos remos que espumam enção orgulhoso  
     Seu canto amoroso,  
     Vulgar, mas saudoso,  
 Dos rudes barqueiros um bom trovador.

— Já vejo as altas palmeiras  
 Dos bosques da minha terra;  
 Meus barqueiros, cerra! cerra!  
 Té chegar no meu sertão;  
 Tenho saudade das noites  
 Que só goza o sertanejo,  
 Ha bem tempo que não vejo  
 Desafio no serão.

Quero ver de novo as varzeas  
 Onde pasta o bezerrinho,  
 Onde occulto no caminho  
 Canta á noite o jacamim:  
 Quero gozar essas brisas,  
 Que passam sobre a lagôa  
 Pelas margens, que povôa  
 Sem cultura alvo jasmim.



Quero ver pelas montanhas  
O lento pingar do orvalho,  
Se embebendo no cascalho  
Como nos seios de irmã —  
E as flôres além nos valles  
Mais perfumes exhalando  
Nas azas da aragem — quando  
Das nuvens desce a manhã :

Quero ouvir tambem á tarde  
Quando o silencio penetra  
A doce voz que interpreta  
Dos bosques o encanto e a dôr :  
Quero ver do alto rochedo  
No horizonte de palmeiras  
De palhas por entre esteiras  
O sol rodando ao se pôr.

Tenho saudades das festas,  
Que fazem na minha terra,  
Onde a viola na serra  
Seus harpejos vai soar :  
Quando a lua côr de prata,  
Nos serões da cercania,  
Correm versos á portia  
Como as ondas sobre o mar ;

— Onde a bella sertaneja,  
Vergonhosa e feiticeira,  
Puxa a dança por fieira,  
E lançam meigos, serenos,  
Seus olhos tão indolentes,  
Que de amores innocentes  
Fallam vivo ao coração,

Já sinto meu peito alegre  
Mais folgado n'estes ares,  
Este céu longe dos mares

É mais terno e varonil :  
 Por aqui já se respira  
 O agreste aroma das flôres,  
 Que matisam de mil côres  
 Os campos no mez de abril.

O viço d'este arvoredó,  
 O cahir d'estas folhagens  
 E o rumor d'estas aragens  
 De flôres toucando o chão,  
 Tudo isto é já sertanejo.  
 Meus barqueiros, cerra ! cerra !  
 Té chegar na minha terra  
 Que eu só vivo no sertão.

O verso e a harmonia que cantam da prôa  
 Se espalham, — e sôa  
 Nos echos dos montes um cantico igual.  
 E a barca ligeira que increspa a corrente...  
 No canto indolente  
 Descuida-se a gente  
 E a barca se enlaça n'um crú cipoal.

E logo revolta no leito do rio  
 Como um corropio  
 Deslisa ao declive das aguas á foz :  
 Mas subito estaca, que as varas se curvam,  
 As ondas se turvam,  
 Intensam-se, incurvam,  
 E estalam-se os nervos dos rijos cipós.

E a barca passava ; — n'aérea pennugem  
 De limpida nuvem  
 Prateiam-se os limbos de magica luz ;  
 No frouxo ambiente destouca-se a lua,  
 A nuvem recúa  
 E o espaço tressúa  
 Dos vagos encantos que a lua conduz.



E os ares condensam-se ; e a noite trescala,  
 E a vida se exhala  
 Nos doces effluvios dos astros do céo :  
 E a barca no rio c'o a lua parece  
 Aranha que esquece  
 O fio que tece  
 N'argentea brancura de tremulo véo.

E os remos batendo coacham certos  
 Quaes passos matreiros  
 Das antas nas folhas, que o sol derrubou.  
 E ao fresco da noite, que espessa cahia,  
 A barca corria,  
 Arfava, estendia,  
 Sumindo-se ao longo do rio... e chegou.

F. DIAS CARNEIRO.

---

### O sol nascente.

Sob o throno de Deus o sol se accende ;  
 E logo aureo clarão o sol estende  
 Pelo céo azulado, e a terra e o mar :  
 Tudo luz, tudo brilha, tudo encanta,  
 Se espreguiça, se agita, se alevanta,  
 Como rendido a feiticeiro olhar.

As nuvens são corceis que dispararam  
 Da arena afogueada que formaram  
 As faxas do horizonte em combústão ;  
 Freios partidos, pelo ar galopam,  
 Sangue vivo escumando, já se topam,  
 Em busca do infinito já se vão.

A branca estrella que o crespusc'lo adorna,  
 E torrentes de amor languida entorna,

Nos trasflores celestes immergiu;  
Amplu saio de malha coruscante  
Ao placido oceano circumstante  
A lisa superficie revestiu.

O orvalho transparente o chão prateia ;  
Aqui sobre uma flôr tremulo ondeia,  
Sobre outra n'uma lagrima se esvai ;  
Alli parece pedra preciosa ;  
Nas moitas, como chuva luminosa,  
Lento e suave do arvoredo cai.

Ave enorme, do chão vôa a neblina ;  
Frouxo arraiar de lampada illumina  
Do valle o solitario penetral,  
Pagina escripta em flôres, que fechando  
Estão dous altosserros, imitando  
Parenthesis de pedra colossal.

Mattas que enche, alta noite, a fantasia  
De mysterios e scenas de magia  
E pallidos fantasmas infernaes ;  
Do sol nascente aos raios purpurinos,  
Entre harmonias de singelos hymnos,  
Como tão jubilosas acordais !

Um mundo sois mysterioso, vasto,  
Aonde imprime fugitivo rasto  
O bravio animal, ave, reptil ;  
Em logar de palacio altivo e nobre,  
Que fausto e lodo juntamente cobre,  
Simples ninho abrigais, rude covil.

Oh ! eu irei um dia, eu o primeiro,  
Vaguear namorado e aventureiro  
Por vossos labyrinthos de cipó ;  
Vêr a azul borboleta que esvoaça,  
A suçurana que raivada passa,  
E a cobra de coral rojar no pó.



E voltarei, a mente incendiada,  
Sentindo em mim a vida mais ousada,  
Mais bello o céo de minhas illusões ;  
E commigo trarei riqueza immensa,  
Mancebo, cheio de esperança e crença,  
Vate, cheio de mil inspirações.

É toda um paraíso agora a terra.  
Abraçam-se collina, outeiro e serra,  
Enfeitados de arreo perennal ;  
Lá se ostentam pennachos de esmeralda ;  
Em cada tronco a mais gentil grinalda ;  
Sósinha a choça, que atalaia o val.

Começa agora tudo o seu caminho :  
O verme sai do pó, a ave do ninho,  
Da cabana de palha o pescador ;  
A abelha infatigavel da colmeia,  
Da luz o brilho, da palavra a ideia,  
O perfume do calice da flôr.

Que orchestra sobe ao céo ! O mar vozeia,  
Murmura a fonte, o passaro gorgeia,  
A briza da manhã vò a gemer ;  
Canta á viola a joven camponeza,  
O desditoso chora, o crente reza...  
Acompanham-se assim dôr e prazer.

Quão bello é o sol nascente ! Elle afugenta  
Do ar a cerração grossa e cinzenta,  
D'alma o desgosto e pensamentos vis ;  
Os homens todos ao labor convida,  
E dá força e vigor, e alento e vida,  
Ao que é desgraçado, ao que é feliz.

O que se fina a mendigar consola  
Com a promessa de abundante esmola

Ou de mão protectora, liberal;  
 Ao pobre manda um raio de ventura;  
 Ao orphão, desvalida creatura  
 Faz sonhar doce affago maternal.

Elle diz ao que é forte: — Hoje clemencia!  
 Ao fraco: — Mais um dia paciencia!  
 Ao que solta lamentos: — Esperai!  
 Aos tristes: — Ora súz, sêde contentes!  
 E diz ainda: — Rebentai, sementes!  
 Preciosas idéas, rebentai! —

Tambem diz ao poeta: — Alevantai-vos!  
 Dos grandes pensamentos inspirai-vos!  
 Ide, correi, correi ás multidões!  
 A fé levai-lhes no queimar dos hymnos.  
 Como outr' ora os apóstolos divinos  
 Levaram luz e graça a mil nações. —

Aos labios todos elle diz: — Sorri-vos!  
 A toda flôr e coração: — Abri-vos!  
 Lançai perfumes, transbordai de amor!  
 Para tudo o que nasce, e vive e sente,  
 É bello, sempre bello o sol nascente,  
 Fulgindo sob os pés do Creador!

FRANKLIN DORIA.

---

### Ponte de lianas.

A FRANKLIN TAVORA

Eis a floresta, o valle, o ermo agreste,  
 Em que as aves do céu passam cantando;  
 O rio que de estrellas se reveste  
 A limpidez da noite murmurando;  
 A balsa plena d'esse odor celeste,  
 Qual incenso que a Deus sobe voando;



Em que nas séstas, ao páo-d'arco louro ,  
Canta a cigarra d'esmeralda e ouro.

Além se eleva, á fonte debruçada,  
A triste piassaba em seu deserto,  
Como a viuva á terra abençoada,  
Á terra santa de um sepulchro aberto.  
Talvez, ó sim ! — quem sabe ? — a malfadada  
Pergunte ao echo pelo ar desperto :  
— Que é da tribu que vinha aqui, responde !  
E o echo repercute : aonde... aonde...

Eterna solidão pende dos braços  
Do silencio do ermo e da campina :  
Ebria de orvalho e brizas dos espaços,  
Dobra a corolla a flôr adamantina ;  
E do vargado aos humidos regaços,  
Ao capinzal tostado que se inclina,  
Junto d'um lago que desfaz-se em risos  
Se escuta a cascavel soar seus guizos.

Nos grossos arvoredos seculares  
Enroscam-se as lianas rescendentes ;  
Umás, lá trepam, vão topar com os ares,  
Cahindo em chuva dos ramaes pendentes ;  
Outras, descendo a rocha, a novos lares  
Os tectos verdes forram, quaes serpentes ;  
Enreda a sicopira, alastra a fresta  
O polvo das lianas da floresta.

Tomando de um cipó que desamarra,  
Se atira n'agua a india forasteira,  
E á outra banda do riacho amarra  
A corda ao tronco que lhe fica á beira ;  
E suspensa á liana em que se agarra,  
Levando a ponta á que ficou fronteira,  
Enlaça, e tem por premio a seus labores  
Caminhar n'uma ponte aberta em flôres .

Suave curva aérea e caprichosa  
 Ella descreve em lyricos festejos ;  
 Paira-lhe n'aguá a sombra perfumosa  
 Que os vagalumes crivam de lampejos.  
 É sob um céu azul, ether de rosa,  
 Da natureza aos barbaros harpejos,  
 Passa o caboclo tardo e sem conforto  
 Á taba conduzindo o tapir morto.

MELLO MORAES FILHO.

### Descripção do Amazonas.

Balisa natural ao Norte avulta  
 O das aguas gigante caudaloso,  
 Que pela terra alarga-se vastissimo ;  
 Do Oceano rival, ou rei dos rios,  
 Si é que o nome de rei o não abate ;  
 Pois mais que o rei supera em pompa e brilho,  
 No solio á multidão em torno curva,  
 Supera o Amazonas na grandeza  
 A quantos rios ha grandes no mundo !  
 O Kiang, o Nilo, o Volga, o Mississipe,  
 Inda que as aguas suas reunissem,  
 Com elle competir não poderiam.  
 Ao lado seu direito, e ao esquerdo lado,  
 Mil feudatarios rios vêm pagar-lhe  
 Tributo perennal de suas aguas.  
 Resupino gigante se afigura,  
 Qual outro Briareu, mas verdadeiro,  
 Que estende os braços para abraçar a terra !  
 Pujante assim no Atlantico se entranha,  
 Ante si repellindo o argenteo salso,  
 Como se elle na terra não coubera,  
 Ou como de inundal-a receioso  
 Si mais longo e mais lento a discorresse !



O Amazonas co'o Oceano furioso  
Lutã renhida trava interminavel  
Para roubar-lhe o leite : e ronca e espuma .  
Qual no lago, enlaçada a cauda a um tronco  
Feroz sucuriúba horrída ronca,  
Quando sente mover-se á flôr das aguas  
Lontra ligeira, ou anta descuidada,  
E, inchando as fauces, cabeças eleva,  
Os queixos escancara, a lingua sólta,  
Para uma só vez tragar o amphibio :  
Tal no pleito co'o Oceano o Amazonas  
Para sorvel-o a larga foz medonha  
Leguas abre setenta ! A ingente lingua  
Estende de tres vezes trinta milhas,  
Como uma longa espada, que se embebe  
Ao través do Atlantico iracundo,  
Que gemendo recúa no arremesso,  
E em montes alquebrado o dorso enruga.  
Armas que joga ao mar são grossos troncos  
Arrancados na furia, são pedaços  
De esborodas montanhas que elle mina ;  
Seus gritos são trovões tão horrorosos,  
Que ali parece submergir-se o mundo ;  
Quando se incha seu corpo desmedido,  
Equorea, espessa nuvem se levanta,  
Como uma chuva contra o céu erguida  
Reflectindo do sol os sete raios ;  
Tal o conquistador que c'os despojos  
Dos reis desthronisados se opulenta,  
Ou c'os tributos dos vencidos povos,  
Em pé firme no carro do combate,  
Envolto n'uma nuvem de poeira,  
Na frente vai levando debandada  
Ingente alluvião de imigas hostes  
E ante as portas de bronze do castello  
Nova victoria alterca porfiosa .

**RIACHUELO**

## POEMA

## EXCERPTO DO CANTO III

## XLIV

Pouco a pouco a distancia desaparece ;  
Nos ares as bandeiras vão tocar-se ;  
Um a um, no tamanho, o vaso cresce,  
Que caminha, já perto, e vem chocar-se  
No costado, onde o estrondo redrucesce.  
Cada bronze desperta, ao despejar-se,  
Os echos simultaneos, e estridentes,  
Que mil trovões imitam permanentes.

## XLV

Avassallando os echos treme o ar  
Cortado por mil laminas de brasa,  
Vivas sempre e accesas, sem mudar :  
Como de Satanaz se a rubra aza,  
Dos infernos erguida alli mostrar  
Viesse ao mundo quanto mais abrasa  
O fogo d'esta guerra que o do raio  
Tardio de punir o paraguay.

## XLVI

Depois se quebra a lei da natureza :  
Mudado o sol em fumo se escurece,  
Do dia foge a luz, foge a belleza,  
E nas azas de fogo a noite desce !  
Suspende o rio a viva correnteza,  
Mudando em sangue a onda que enrubesce,  
E treme o abysmo amedrontando as feras,  
Tombando os robles das antigas éras.



## XLVII

Abraçam-se em novellos ar e fumo,  
 Misturam e desfazem-se rolando ;  
 O vento sopra, eleva-os a prumo,  
 Cessa o vento, vão logo se apartando  
 Brandas nuvens, correndo, mas sem rumo.  
 Dissereis casco, enxarcias se abrasando  
 N'um incendio geral sem labaredas,  
 Laminas rubras pelas chammas tredas.

## XLVIII

Lutando com a terra a canhoneira  
 Que de um rio brazileo se chamára  
*Jequitinhonha*, accêsa uma caldeira,  
 Distantes dos mais vasos se postára.  
 Era allí a coragem altaneira  
 Que os canhões da barranca desafiára ;  
 Era allí quasi um cento de valentes  
 Contra mil inimigos combatentes.

## XLIX

Contra mil, porque os outros, abrigados  
 Á sombra espessa da floresta escura,  
 Em punho as armas, quedam-se abysmados  
 D'esse arrojo que a tanto se aventura.  
 Mas ai ! que negra sina e diros fados  
 Decretaram tamanha desventura ?  
 Sobre pedras se arrasta a forte quilha,  
 E o vaso se adornando dismantilha.

## L

Nem vossa, Secundino, a culpa sendo,  
 Tambem não pesa sobre quem mandava ;  
 A culpa foi da vaga, pois, descendo,  
 De manso e manso o vaso arrebatava ;  
 Nem a falsa versão dizer pretendo  
 Que a terceiro tal perda se imputava,  
 Porque ao pratico fido cede a sorte  
 Primeiro que ao navio triste morte.

## LI

Atravessa o costado á correnteza,  
 A prôa á esquadra, mas a pôpa á terra,  
 Onde está toda a imiga fortaleza.  
 Descoberto o convés alli aferra  
 O contrario seus tiros com crudeza ;  
 Nascimento no rio já se encerra,  
 Benedicto, Sant'Anna e Oliveiro,  
 O bravo Motta. Lopes e Ribeiro.

## LII

Quasi o resto da gente sae ferida  
 Na lancha ao *Beberibe* transportada.  
*Chica da Palomêra* conhecida  
 É a bôca da prôa demandada  
 Da *Ypiranga* ligeira na descida  
 Em socorro da misera encalhada ;  
 Alli lh'estronda dentro bomba ardente,  
 Que parte e rompe o contra do dormente.

LUIZ JOSÉ PEREIRA DA SILVA.

## O TOURO-FUSCO

## EXCERPTO DO PRIMEIRO CANTO

No bello Crateuz, sertão formoso,  
 Obra sublime do Supremo Artista,  
 N'um terreno, coberto de *mimoso*,  
 Está sita a fazenda « Boa-vista » ;  
 Do Principe Imperial, pravo e rixoso,  
 Villa do Piauhy, seis legoas dista :  
 Ahi, n'um *massapé* torrado e brusco,  
 Nasceu o valeroso « touro-fusco. »

Em çerto anno do sec'lo desenove,  
 Além de peste e fome assoladora,  
 No pobre Crateuz nem se quer chove,  
 A sêcca é por demais abrasadora.



Um aqui jaz faminto — nem se move !  
Outro alli, ante a Imagem da Senhora,  
Pede, em pranto banhado, ao Bento Filho  
Chuva, arroz e feijão, farinha e milho.

Foi n'esse anno de peste e de carencia  
Que o *fusco* n'este mundo foi botado ;  
Mas da sêcca terrivel a inclemencia  
A mãi-vacca matou-lhe : eil-o engeitado !  
Porém d'elle tratou com diligencia  
O bom do criador, com tal cuidado  
Que, embora magro e feio e cabelludo,  
Foi crescendo o bezerro barrigudo.

Já era garrotinho, e inda a barriga  
Parecia querer romper-lhe o couro ;  
Quem olhava o infeliz — dava-lhe liga,  
Dizendo : este nunca ha de ser touro !  
Quantas vezes, me lembra, eu tinha briga,  
Se barriga chamavam-no de sôro,  
A ponto de chorar, de coitadinho  
Chamar o desgraçado garrotinho.

No anno trinta e seis ou trinta e sete  
Era pai de curral o bello touro ;  
As proezas que fez, inda repete  
Quem nunca lhe notou um só desdouro :  
Ouvir-lhe as duras brigas terror mette,  
Às vezes de prazer rebenta o chôro !  
Se o *fusco* fosse gente, elle seria  
Mais heróe que esse heróe da Alexandria.

Pouco a pouco foi-se elle endireitando,  
Já suas finas pontas amolava  
Na dura ribanceira, onde passando,  
Uma e outra a seu turno elle enfiava.  
Já quando algum garrote ouvia urrando,  
Cavando com a mão tambem urrava ;

Té que, alfim, de peloso, e barrigudo,  
Tornou-se um touro bello e cachaçudo.

Os seus chifres não eram nem *espaços*,  
Nem *combucos* também : pouco virados ;  
Com que garbo gentil movia os passos,  
Quando vinha ao curral co'os outros gados !  
Era *fusco* na côr, mas tinha traços  
De *liso* pelas costas espalhados :  
Seu *cupim* era grande e tão roliço  
Como em outro não vi igual toutiço !

Quando vinha ao curral, tocando adiante  
A manada de vaccas que guardava,  
Tinha um modo de andar tão elegante,  
Tão grave qu'eu com gosto lh'o notava !  
Tinha um urro saudoso e retumbante  
Que nos valles floridos reboava :  
Toda a terra do urro estremecia,  
E o matto em derredor todo tremia !

Sempre me hei de lembrar da vez primeira,  
Em que elle se pegou com outro touro,  
Que veio da fazenda Cachoeira ;  
Era grande e *lavrado* em todo o couro ;  
Sempre tinha vencido na ribeira,  
D'onde vinha alcançar triumpho e louro ;  
Mas, coitado ! — sahio-lhe o anno bissexto,  
Como diz o dictado ou reza o texto.

Quando o *fusco* se viu em pé na frente  
Do *lavrado* inimigo que cavava,  
N'uma moita amolando a ponta quente,  
Com as mãos para o ar o pó lançava ;  
Mas, eis que sério fica, e de repente  
Abanando a cabeça, que abaixava,  
Contra o féro inimigo elle arremette  
De um modo que o pavor em todos mette.



Trava-se a luta encarniçada e dura,  
Grande circ'lo descrevem na refrega ;  
Já meia hora que a peleja dura,  
O *fusco* do inimigo se despega ;  
Mas, de novo, sacode com bravura  
A testa, e novamente a luta pega  
Co' o *lavrado*, que em pouco urra na ponta  
Do *fusco* que, espetando-o, se remonta.

Mais de um palmo sahio do opposto lado  
Do cachaço do misero vencido,  
A ponta com que viu-se traspassado,  
Os campos atroando suspendido !  
Todo o dia levára pendurado,  
Se seu proprio senhor, compadecido,  
Não o fosse arrancar do chifre brusco  
Do valente e brioso touro-*fusco*.

Em breve toda aquella redondeza  
Só do touro valente se occupava :  
Se um urro, acaso, ouviam na deveza,  
Diziam que era o *fusco* quem urrava.  
Todos queriam ver sua fereza,  
Quando com outro touro elle brigava,  
E até vinham de mais de uma fazenda  
Muitos e muitos touros de encomenda.

Dos touros vencedor, nunca vencido,  
Era o *fusco* o terror d'aquelles campos,  
Seu urro, qual trovão, era temido,  
Seus olhos fuzilavam, quaes relampos.  
Era um touro valente e destemido,  
Seu valor e dênodo não estampo-ós :  
Tudo quanto disser, é pouco, é nada,  
P'ra mostrar d'esse touro a nomeada.

Não faltava ao curral nem um só dia,  
Por de mais era manso e curraleiro ;

Só brigava co'o touro que queria,  
 Mas nunca a procurar foi o primeiro ;  
 Furtar pelos roçados nunca ia,  
 Embora fosse o pasto mui vasqueiro :  
 Todavia, lhe andavam já na pista  
 Na fazenda chamada Boa-vista.

JOÃO CORIOLANO DE SOUZA LIMA.

## ALLEGORIAS E NARRAÇÕES

### O festim de Balthazar.

*Mané... Thecél... Pharès...*

#### I

« Queimai perfumes, escravas !  
 Trazei-nos sandalo e flôres !  
 Vinho ! Do vinho os vapores  
 Levem presagios crueis !  
 Por *Baal* ! Senhores e donas,  
 Não morra o prazer da festa !  
 Por *Baal* ! Por *Baal* sôe a orchestra,  
 Tãgei, tãgei, menestreis ! »

As luzes tremem nas salas,  
 Treme o ouro e a pedraria ;  
 Das amphoras transborda a orgia  
 Como as espumas do mar :  
 — « Por *Baal* ! Senhores e donas,  
 Repete a nobre assembléa,  
 Ao grande rei da *Chaldéa* !  
 Ao grande rei *Balthazar* ! »

Rompe a orchestra — e as concubinas,  
 Com os seios nús, palpitanes,  
 Entôam febrís descantes,



Lasciva, ideal canção ;  
E em volta ao seu throno d'ouro  
*Nabonid*, rei poderoso,  
Sente alma a nadar no gôzo,  
Em que se afoga a razão.

E ferve, referve a orgia  
Ao som da orchestra estridente !...  
E a lua toca o occidente  
Sobre a cidade immortal.  
Talvez mande a peregrina,  
Do monte *Ephraim* pendida,  
Um raio por despedida  
Do *Cedron* sobre o crystal.

## II

Manda sim, sobre ruinas  
(Que ahí só resta um montão)  
Mirando a gentil captiva,  
Dilecta filha de *Abrahão* :  
— Ai, terra de Deus querida !  
Ai, terra da promessa !

« Terra, terra bemfadada,  
Outr'ora — esposa de *Arão*,  
Hoje ruinas dispersas,  
Hoje o luto e a escravidão :  
— Ai, terra de Deus querida !  
Ai, terra da promessa !

« Teus filhos gemem distante,  
Jámais aqui voltarão...  
Murchai, gardenias do prado !  
Chorai, divino *Jordão* :  
— Ai, terra de Deus querida !  
Ai, terra da promessa !

« Onde as endeixas saudosas  
 Dos cantores de *Sião* ?  
 Aves do céu, vossos carmes  
 Não solteis mais aqui, não :  
 — Ai, terra de Deus querida !  
 Ai, terra da promessa !

« Lirio pendido no valle,  
 Varreu-te acaso o tufão ?  
 Nem uma gotta de orvalho !  
*Isaac, David, Salomão !*  
 — Ai, terra de Deus querida !  
 Ai, terra da promessa ! »

E pela encosta do monte  
 A tristesinha lá vai,  
 Mandando um último pranto,  
 Um dôce e sentido ai,  
 De um lado á immersa *Sodoma*,  
 Do outro ao monte *Sinai*.

## III

E cresce, recresce a orgia  
 Nos salões de *Balthazar*,  
 Ondas de pura harmonia,  
 Ancias de impuro gozar.  
 — Emtanto a cidade dorme  
 Envolta no manto enorme  
 Da noute — somno fatal !  
 E aquelle peito gigante  
 Devora sêde arquejante  
 De vicios — sêde infernal !

Nas salas grãto ruído,  
 Luzes, perfumes e amor ;  
 Lá fóra estranho rugido,  
 Surdo — ao longe — e ameaçador.



No horizonte um fumo denso  
 Se eleva, bem como o incenso  
 Nas salas e a embriaguez...  
 Que importa ao rei o horizonte,  
 Si as flôres ornam-lhe a fronte,  
 Si o ambar corre-lhe aos pés?!

« Ao rei ! ao rei poderoso !  
 Ao reino que não tem fim !  
 Como o *Euphrates* caudaloso  
 Corra a onda do festim ! »  
 — « Perdão : as taças, senhores,  
 Não podem, tão sem labores,  
 Á festa de um rei convir ;  
 Temos os vasos sagrados,  
 São soberbos, cinzelados,  
 Do ouro fino de *Ophir*.

« Trazei-nos » — já vacillante  
 Diz o rei: « Viva o Senhor ! »  
 E ruge o vento distante,  
 Como um gemido de dôr.  
 Entram luzidos criados  
 Trazendo os vasos sagrados  
 Do templo de *Salomão*...  
 — E ruge o vento mais forte,  
 Lançando vascas de morte  
 Pelos umbraes do salão.

« Transborde o nectar, amigos !  
 Eis os vasos de *Jehovah* !  
 N'esses labores antigos,  
 Vê-se a captiva *Judá*. »  
 E cresce o estranho rugido,  
 Surdo, rouco, indefinido...  
 « São os soluços do *Iran* ! »  
 E ruge, ruge mais perto...  
 « São os ventos do deserto  
 Sobre as areias de *Oman* ! »

Nas caçoulas fumegantes  
 Arde o myrto e o aloés,  
 Ao som das notas vibrantes  
 Sobe, sobe a embriaguez.  
 — « Por *Baal* ! Por *Baal* ! pelos *Medos* !  
 Quebrem-se as harpas nos dedos,  
 Trema o tecto do salão ! »  
 Horror ! ao tinir das taças,  
 Nuncio de eternas desgraças,  
 Brame na sala um tufão.

« Depressa, luzes, depressa... »  
 Diz o rei — « longe o terror !  
 Mas não... » e o vaso arremessa,  
 Recúa tremulo... horror !  
 É que em meio á noite brusca,  
 Mão, que de brilhos offusca,  
 Toda a sala illuminou ;  
 Cometa, a correr ardente  
 Estranha cifra candente,  
 Pelas paredes traçou !

## IV

« Meu collar de pedrarias  
 Áquelle que decifrar !  
 Venham magos e adivinhos,  
 Depressa, *Beltisasar*,  
 Elle, o mais sabio de todos,  
 Pôde o mysterio explicar ! »

E dorme a cidade lassa  
 Dos vícios na prostração,  
 E cresce, cresce o rugido  
 Qual resonar de um volcão :  
 Ou é tremenda borrasca,  
 Ou é povo em multidão.



Entre os famosos convivas  
Mais um conviva apparece,  
As sandálias do proscripto  
Traz — quem é que o não conhece ?  
Diante do rei se inclina,  
Do rei, que ao vel-o estremece.

« Bemvindo sejas, captivo,  
*Daniel Beltisasar* ;  
Si sabes lèr no impossivel,  
Tens alli, pôdes fallar :  
Terás um manto de purpura,  
Terás meu regio collar. »

De novo ante o rei se inclina  
A cabeça do ancião,  
Depois, elevando a fronte  
Altiva, e estendendo a mão,  
Busca achar da ignota cifra  
A divina inspiração.

Nem do *Tibre* o velho roble,  
Nem os cedros do occidente  
A fronte mais alto elevam,  
Mais nobre, mais imponente !  
O genio é como as estrellas,  
Beija os pés do Omnipotente.

« Rei ! escuta a voz do *Eterno*,  
Que por meus labios te falla :  
O crime mais execrando  
O teu reinado assignala :  
Vê, revê tua sentença  
Escripta em letras de opala.

« Não ouves bramir confuso  
Como o arfar da tempestade ?  
São os *Persas* que se arrojam  
Sobre os muros da cidade :  
Perdeu-te a lascivia impura,  
Rei ! perdeu-te a impiedade.

« Profanaste os vasos santos  
Nas torpezas de um festim,  
Teus dias foram contados  
Como os da bella *Séboim* !  
Agora o brinde, senhores,  
—Ao reino que não tem fim ! »

## V

Gesto grave, altivo, acerbo,  
Assim falla o escravo hebreu,  
Soletrando o ardente verbo,  
Que mão de raio escreveu :  
E depois, braços pendidos,  
Olhos de chammas incendidos  
Verberando a maldição,  
Deixa a sala, onde se espalha,  
Como trevosa mortalha,  
O terror na escuridão.

E quando o raio primeiro  
Do sol, singrando o horizonte,  
Rompe o denso nevoeiro  
Sobre o cabeço do monte,  
Em vez da cidade altiva,  
Vê — desgrenhada captiva,  
A dissoluta *Babel*,  
E além dos muros colossos  
D'aquelle povo os destroços  
E um homem só — Daniel!

ELZEARIO PINTO.

---



**Visão de Haben-Hassan.**

Mergulhava no mar o limbo ardente  
O sol; suave tarde a primavera  
De andaluzas delicias revestia;  
Sobre o bafo de meiga e fresca briza  
De nardo e lume um oceano ethereo  
Vinha os labios ungir d'almos encantos;  
E o astro do Propheta, a prumo ao cimo  
D'esta immensa guarita das vigias,  
Brilhava puro e calmo; como a face  
Da Huri que nectarisa eternamente  
Os labios do escolhido. De repente  
O céu se enluta, e as candidas estrellas  
Em verdes flammas se convertem, cruzam,  
Trovejando no espaço ronco horrendo!  
Mais vermelho que o sol, da terra surge  
Um rompente leão! lança-se ao astro,  
E o devora de um trago! A natureza  
Parecia reentrar no cháos informe,  
E em trevas sepultar-se!... Só a imagem  
No céu se via da medonha fêra  
Sacudindo da juba ensanguentada  
Um granizo de fogo sobre os tectos  
D'esta infausta cidade!... Meu pai, tremulo,  
Sentiu da morte a mão premar-lhe o seio,  
E ardente desfiar-se de seus olhos  
Sobre a nivea marlota sangue em bagas.  
Horrorisado foge, titubante,  
E o pateo dos leões assim varando;  
Ouve um gemido que lhe vara o peito.  
Da bacia de marmor, que no centro  
Espadanas de sangue trاسبordava  
Sobre o dorso marmoreo d'essas fêras,  
Já com sangue christão assás banhadas,  
Um espectro phosphorico o assalta!  
Como ardentes carvões chammeja a larva

Em muda exprobração olhar satânico !  
Tira do seio ensanguentada espada,  
E nos labios crueis a limpa, e cospe  
No rosto de meu pai mancha indelevel...  
Convulsivo sacode a fronte hirsuta,  
E com ella lhe atira espedaçada  
A c'roa augusta de Granada ás plantas ;  
E após sumiu-se o agoureiro espectro !...  
Como um ébrio que vê fundir-lhe o raio,  
A taça de ouro, que emborcava aos labios  
Em louca libação, gelado fica,  
Assim ficou meu pai ! Sôa um vagido  
Nos régios aposentos, que o desperta !  
Outro sôa maior ! foge, e procura  
Lenitivo ao terror no casto seio  
De minha terna mãe e o que elle encontra ? !  
Era eu, vindo á luz n'aquelle instante !  
Era eu, que á desgraça destinado  
Vinha ao mundo da dôr, do desengano !  
Era eu, que dos olhos desprendia  
A lagrima primeira, e n'ella ao vivo,  
De um cirio á luz que o thalamo aclarava,  
Viu meu pai com assombro reflectir-se  
A imagem pavorosa das exequias  
Do throno de Granada !... Estava escripto !  
Os braços granadís ora algemados,  
Os braços dos christãos em força igualam,  
E as aguas do Genil dão gume ao ferro  
Para o ferro cortar de vossas armas...  
Allah foi quem venceu !... Ante meus olhos  
Julianos e Oppas refractarios  
Ás juras do Koran, patentes vejo !  
Nem a esposa me resta, que o máo fado  
Me fez repudiar, cobrir de opprobrio,  
Negando seu amor !... Sangue, só sangue,  
Abencerrage sangue em toda a parte  
Minha esperança para sempre afoga !  
Nasci em dia aziago... Eis vossas chaves,



Uma graça, Senhor! — sêde piedoso:  
Tolerai o Koran ; elle é do Mouro  
Um roteiro do céo. Inda outra graça:  
Mandai que um alvanel a porta mure  
Por onde Boabdil desceu do throno. »

ARAUJO PORTO-ALEGRE.

### A Arte

ARTE ! Mulher lyrical, creatura encantada ,  
Emanação do sol, filha de uma alvorada  
Com algum semi-deus da velha Grecia heroica,  
— Eu saúdo-te ! Tu, que honradamente estoica  
Tens sabido guardar na epiderme de opala  
A frescura da flôr que um lago manso embala  
E a rijeza cruel de uma lamina aguda ;  
Tu, que eu comparo a uma electrica Amazona  
Cheia de força agreste e de belleza muda  
A rasgar, em corcel phantastico, esta zona  
Onde a vegetação dos ideaes rebenta  
Apopletica, em luz, gloriosa, febrenta ;  
Tu, que és a poderosa e a plastica expressão  
D'esta vida interior que vive o coração  
Humano, e que reflecte em nossa intelligencia  
Como nuvem no mar ou um bem na consciencia ;  
Tu, que tens por tarefa interpretar o mundo  
Colorindo-o de azul, com a tinta do profundo  
Iris das illusões e da Utopia loura ;  
— Tu has de, para mim, ser sempre immorredoura  
Fonte d'esta alegria e bravura serena  
Que dormem no meu seio e fazem-me da penna  
Um florete lavrado, em cuja folha canta  
A corda de uma harpa heroicamente santa !

Come tu has lutado, estranha creatura !  
E como tens soffrido ! Essa pupilla escura

De certo viu morrer Chatterton, Malfilatre,  
 — Almas presas á dôr, corpos presos ao catre —  
 Viu Homero esmolar sem sandalias nos pés,  
 Viu ir á guilhotina o poeta do *Hermés*,  
 Viu a prisão de Tasso, o exilio de Camões,  
 Viu Gerard de Nerval buscando as solidões  
 Dos beccos de Paris para enforçar-se, viu  
 Os martyrios de Hugo !... E que pranto cahiu  
 Do teu radioso olhar amplo, amoroso e quente  
 Sempre que elle encontrou esses males em frente !

Mas, Arte, o teu valor não se verga jamais !

Como um remo que scinde uma onda, tu vaes  
 Rija, tersa, feliz, correndo o globo inteiro :  
 Plantando aqui, colhendo além, sorvendo o cheiro  
 Limpido e matinal dos jardins enflorados ;  
 Visitando não só as almas como os prados ;  
 Sentindo ao mesmo tempo as paixões explosirem,  
 Os vicios bestiaes cynicamente abrirem  
 As corollas crueis nos caules affrontosos,  
 E os vergeis tropicaes, os pomares seivosos,  
 Rirem, na luz do sol, verdes como absyntho !

N'este momento eu vejo, um deslumbrante cinto  
 De idolatras, a pôr no teu busto sagrado  
 Uma nuvem de incenso oloroso e nevado.  
 São, de um lado, os viris e honestos portadores  
 Das fecundas lições, dos sonhos e labores,  
 De Balzac, o esculptor d'este marmor — *Goriot*,  
 E do outro lado são os craneos em que andou  
 A alma de Lucrecio inspirando a valente  
 Intuição sem par da Poesia que sente  
 O sopro da Sciencia entumecer-lhe o peito.

Diviso, então, no ardor do religioso preto ;  
 Flaubert, Zola, Daudet, os Goncourt, — a pujante  
 Pleiade fraternal, austera e trovejante  
 Dos modernos, dos bons espiritos geniaes



Que já não vão correndo, erradios, atraz  
 Da sereia fatal dita Imaginação  
 Ou Phantasia, e têm no sensorio a visão  
 Nitida do Real e da Verdade. Alem  
 Vejo Coppée, Lefèvre, Stupui, Bartrina,  
 Berthesène, Sully. E em meio do vai-vem  
 Das novas odes vejo o busto da heroína  
 Akerman, redourando o *Prometheu* ! . . . . .

### Ó Arte !

Vamos ! É despregar as azas do estandarte  
 E seguir ! Deves ser, em tua enorme faina,  
 Como vela de náu, que, emquanto não amaina  
 O vento, arqueia o bojo e desafia a vaga.  
 Não importa sentir a maldição e a praga  
 Da Rotina boçal, que ás tuas plantas ladre !

Tens muito que explorar. Tudo quanto se enquadre  
 Na larga *psyché* da Humanidade,— deve  
 Ser p'ra ti um pharol radiante que te leve  
 Ao paiz do Ideal !

### Desde a perola — pranto

Até o riso — flôr, até o perfume e o canto,  
 Desde o infante gracil até o heróe ferido ;  
 Desde um eterno amor até o amor vendido ;  
 Desde a marcha dos sóes até a das idades ;  
 Desde o progresso humano até as claridades  
 Nervosas do luar ; desde as paixões serenas  
 Até o Odio e a Dôr — negros como gehenas ;  
 Desde um seio de amante e um regaço de esposa  
 Até o vegetal que junto de uma lousa  
 Cresce, na seiva má do barro funerario ;  
 Desde um fio de azul e desde um nectario  
 Até a casta luz do astro da Verdade ;  
 Desde a Gloria immortal, a Bravura e a Bondade  
 Até a planetaria irradiação da Sciencia . . .  
 — Tudo deve attrahir a doce transparencia

Do teu fulgente olhar meditabundo e puro !

ARTE ! Em teu ventre cresce este feto — o Futuro !

J. IZIDORO MARTINS JUNIOR.

## A cidade da luz .

A ESCOLA

Queste parole.....

Vid'io scritte al sommo d'una porta.

DANTE, *Inf.*

Vós que buscais a senda da esperança,  
 Entrai : aqui ha mundos luminosos  
 N'um céu, que a mão, por mais pequena, alcança.

A alma aqui se refaz de ethereos gozos ;  
 Vinde para o paiz da primavera,  
 Vós, que deixais os mundos tenebrosos.

Tanta luz aqui dentro vos espera,  
 Que sabireis estrellas redivivas,  
 Como as que brilham na azulada esphera .

Almas, das trevas lugubres captivas,  
 Abri as vossas azas rutilantes ;  
 Entrai, bando de pombas fugitivas .

Nas curvas d'estes porticos gigantes  
 Haveis de ler uma inscripção, que alente  
 Os vossos vãos inda vacillantes.

É aqui o paiz do amor ardente.  
 Quem entra, leva um peso aos pés atado,  
 Como o mergulhador do mar do Oriente,



Que sobe á tona leve e festejado,  
E vem de tantas perolas coberto,  
Que nem se lembra do labor pãssado.

Para encrávar um eden no deserto,  
Fazer um sol de um monte de granito,  
E para vêr melhor o céu de perto,

Encostar uma escada no infinito,  
Entrar pela estellifera voragem,  
Ser razão o fanal, verdade o mytho,

E armado de tenaz, feroz coragem,  
Arrasando os enigmas da vida,  
Cavar nas trevas lucida passagem...

A isto esta cidade vos convida.  
Entrai : por mais que a noite em vós se note  
Tereis um astro á frente na sahida:

Da cidade moderna é luz o mote,  
Que na porta da entrada arde e flammeja.  
Entrai ! a escola é cathedral, igreja ;  
Hostia — a sciencia ; o mestre — sacerdote.

LUIZ DELFINO.

---

### **Terribilis Dea.**

Quando ella appareceu no escuro do horizonte,  
O cabello revolto... a pallidez na fronte...  
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão  
Resplendente de sol—de sangue fumegante ...  
O raio illuminou a terra n'esse instante,  
Frenetica e viril ergueu-se uma nação !

Quem era ? De onde vinha aquella grande imagem  
 Que turbára do céu limpida miragem,  
 E de luto cobrira a senda do porvir ?  
 De que abysmo sahio ?... do tumulo ? do inferno ?  
 Póde o anjo do mal desafiar o Eterno ?  
 Da fria sepultura o espectro resurgir ?

Deixai que se levante a grande divindade !...  
 Seu templo é a terra e o mar; seu culto—a mortandade.  
 Enche-lhe o peito largo o sopro das paixões :  
 É a mulher-phantasma ! Uma visão do Dante...  
 Dos campos de batalha a horrida bacchante,  
 Que mergulha no sangue e ri das maldições !

A deusa do sepulchro ! A pallida rainha !  
 A morte é sua vida. Impavida caminha  
 Ora grande, ora vil, nas trevas e na luz;  
 A córte que a rodêa é lugubre cohorte...  
 Tem gala e traja luto : é o sequito da morte,  
 A miseria que chora, a gloria que seduz.

Desde que o mal nasceu, nasceu aquelle espectro !  
 De raios corôou-se ; ao peso de seu sceptro  
 A terra tem arfado em transes infernaes...  
 Do mundo as gerações têm visto em toda idade  
 Sinistra — apparecer aquella divindade  
 Celebrando no sangue as grandes saturnaes !

No seu olhar de fogo ha raios de loucura...  
 Tem cantos de prazer ! Tem gritos de amargura !  
 Muda sempre de céu, de rumo, de pharol :  
 Aqui — pede ao direito a voz forte e serena ;  
 Ali — ruge feroz, feroz como uma hyena;...  
 Assassina na tréva ou mata á luz do sol.

Levanta o gladio nú em nome da verdade,  
 Acorda em furia accesa á voz da liberdade...



E no punho viril derrete-se o grilhão !  
Como é bella ! Depois... sem fé, sem heroísmo,  
Despedaça a justiça e atira com cynismo  
A virgem liberdade aos braços da oppressão !

É uma deusa fatal ! Quer sangue... e atira flôres !  
Abraça prende, esmaga os seus adoradores,  
Embriaga-os de gloria e os cêrca de esplendor...  
E esses loucos depois de feitos de gigantes  
A tunica lhe beijam ardentes, delirantes,  
E morrem aos seus pés na febre d'esse amor.

Quando Attila o monstro, o tigre-cavalleiro,  
Espumando a correr calcava o mundo inteiro,  
A deusa o acompanhava e ria-se... a cruel !  
Tinha a face vermelha, ardia de coragem,  
Dava beijos de amor na frente do selvagem,  
Enterrando o aguilhão nos flancos do corcel.

Era ella que em Roma erguia-se funesta !  
O idolo do povo em sempiterna festa !  
O amor de Scipião, de Cesar, de Pompeu...  
Vigiava com seu braço — o braço do destino,  
Prendeu nações e rei ao monte Palatino,  
E em douda bacchanal depois desfalleceu.

Foi de Carlos o Grande a excelsa companheira,  
Deu-lhe o throno de bronze, a espada aventureira,  
E o globo imperial... e glorias, e trophéos ;  
Quando no escuro val Rolando moribundo  
Embocava a trombeta a despertar o mundo...  
Erguia o collo a deusa além dos Pyrenéos !

Seguiu Napoleão da França até ao Egypto,  
Nos mares, no deserto, em busca do infinito...  
Das terras do Evangelho ás terras do Koran,  
Dos delirios da Europa aos sonhos do Oriente !  
Teve medo afinal d'aquella febre ardente...  
Lá no meio do mar prendeu esse Titan.

Ella estava a sorrir serena e triumphante,  
 Ao pé de Farragut, o impavido almirante,  
 Lá no tope do mastro — emquanto o monitor,  
 Em doudas convulsões, das tumidas entranhas  
 Vomitava metralha a derribar montanhas...  
 E do mundo arrancava um grito de terror !

Ella estava tambem — espectro pavoroso —  
 Do Amazonas a bordo, ao lado de Barroso,  
 De polvora cercada, em pé sobre o convés...  
 Quando á voz do valente o monstro foi bufando,  
 Calados os canhões... navios esmagando  
 A deusa varonil de amor cahiu-lhe aos pés !...

Salve da guerra deusa, archanjo da batalha !...  
 Que vôas no vapor, que ruges na metralha !  
 Que cantas do combate aos infernaes clarões !...  
 Quando arrancas do bronze os canticos malditos,  
 O céu é fogo e aço, o ar — polvora e gritos...  
 E ferve e corre o sangue, em quentes borbotões...

Salve tu que nos déste o sonho da vingança !  
 O gladio da justiça, o raio da esperança !...  
 É da gloria cruenta o magico esplendor !  
 É para te saudar que brame a artilharia,  
 E que repete ao longe a voz da ventania  
 Das trombetas da morte o horrído clangor !...

.....  
 .....  
 .....  
 Quando ella appareceu no escuro do horizonte  
 O cabelo revolto... a pallidez na fronte...  
 Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão  
 Resplendente de sol — de sangue fumegante...  
 O raio illuminou a terra n'esse instante,  
 Frenetica e viril ergueu-se uma nação !...

PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA.



## Vozes d'Africa.

Deus ! ó Deus ! onde estás que não respondes ?  
 Em que mundo, em qu'estrella tu t'esconde,  
     Embuçado nos céus ?  
 Ha dous mil annos te mandei meu grito,  
 Que embalde desde então corre o infinito...  
     Onde estás, Senhor Deus ?...

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia  
 Do deserto na rubra penedia  
     — Infinito galé !...  
 Por abutre — me déste o sol ardente,  
 E a terra de Suez — foi a corrente  
     Que me ligaste ao pé...

O cavallo estafado do beduino  
 Sob a vergasta tomba resupino,  
     E morre no areial.  
 Minha garupa sangra, a dôr porejá,  
 Quando o chicote do *simoun* dardeja  
     O teu braço eternal.

Minhas irmãs são bellas, são ditosas...  
 Dorme a Asia nas sombras voluptuosas  
     Dos *harens* do Sultão,  
 Ou no dorso dos brancos elephantes  
 Embala-se coberta de brilhantes  
     Nas plagas do Indostão.

Por tenda — tem os cimos do Himalaya...  
 O Ganges amoroso beija a praia  
     Coberta de coraes...  
 A brisa de Mysora o céu inflamma;  
 E ella dorme nos templos do Deus Brahma,  
     Pagodes colossaes...

Europa é sempre Europa, a gloriosa !...  
 A mulher deslumbrante e caprichosa,  
     Rainha e cortezan.  
 Artista — córta o marmor de Carrára ;  
 Poetisa — tange os hymnos de Ferrára  
     No glorioso afan !

Sempre o laurel lhe cabe no litigio...  
 Ora uma *c'róa*, ora o *barrete-phrygio*  
     Enflora-lhe a cerviz.  
 O Universo após ella — doudo amante —  
 Segue captivo o passo delirante  
     Da grande meretriz.

.....

Mas eu, Senhor !... Eu triste abandonada  
 Em meio das areias esgarrada,  
     Perdida marchô em vão !  
 Se choro... bebe o pranto a areia ardente ;  
 Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente !  
     Não descubras no chão.

E nem tenho uma sombra de floresta  
 Para cobrir-me, nem um templo resta  
     No solo abrazador...  
 Quando subo ás Pyramides do Egypto,  
 Embalde aos quatro céos chorando grito :  
     « Abriga-me, Senhor !... »

Como o propheta em cinza a fronte envolve,  
 Vélo a cabeça no areial que volve  
     O sirôco feroz...  
 Quando eu passo no Sahára amortalhada...  
 Ai ! dizem : « Lá vai a Africa embuçada  
     No seu branco albornoz... »



Nem vêem que o deserto é meu sudario,  
 Que o silencio campeia solitario  
     Por sobre o peito meu.  
 Lá no solo onde o cardo apenas medra,  
 Boceja a esphinge colossal de pedra  
     Fitando o morno céu.

De Thebas nas columnas derrocadas,  
 As cegonhas espiam debruçadas  
     O horizonte sem fim...  
 Onde branqueja a caravana errante,  
 E o camelo monotono, arquejante,  
     Que desce de Ephraim...

Não basta inda de dôr, ó Deus terrível ? !...  
 É pois teu peito eterno, inexaurível  
     De vingança e rancor?...  
 E o que é que fiz, Senhor ?! que torvo crime  
 Eu commetti jámais que assim me opprime  
     Teu gladio vingador !...

Foi depois do *diluvio*... Um viajante  
 Negro, sombrio, pallido, arquejante  
     Descia do Ararat...  
 E eu disse ao peregrino fulminado ;  
 « Cham, serás meu esposo bem amado...  
     Serei tua Eloá !... »

Desde este dia, o vento da desgraça  
 Por meus cabellos ululando passa  
     O anathema cruel;  
 As *tribus* erram do areial nas vagas.  
 E o *Nomada* faminto corta as plagas  
     No rapido corcel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...  
 Vi meu povo seguir—judeu maldito—

Trilho de perdição...  
 Depois vi minha prole desgraçada,  
 Pelas garras d'Europa — arrebatada,  
 Amestrado falcão!...

Christo! embalde morreste sobre um monte...  
 Teu sangue não lavou de minha fronte  
 A mancha original.  
 Ainda hoje são, por fado adverso,  
 Meus filhos — alimária do Universo...  
 Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a America se nutre  
 — Condor que transformára-se em abutre,  
 Ave da escravidão.  
 Ella juntou-se ás mais... irmã traidora!  
 Qual de José os vís irmãos outr'ora  
 Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço  
 Perdão para os crimes meus!  
 Ha dous mil annos... eu soluço e grito...  
 Escuta o brado meu lá no infinito...  
 Meu Deus! Senhor, meu Deus!!!...

CASTRO ALVES.

---

### A Creação.

Quando tudo era Deus, quando só elle  
 Pejava o horror do espaço,  
 Deus disse: — é bom, que surja o Universo,  
 Recuemos um passo.

Depois co'a dextra contrahindo o vacuo  
 Informe, e tenebroso,  
 Deixou cahir o Universo inteiro  
 No espaço luminoso.



O silencio expandiu-se : era um sussurro  
De sublime harmonia ;  
Hymno da vida, porque o sol gerava  
O primitivo dia.

Um chuveiro de mundos despenhou-se  
Pelos desertos ares,  
Como a saraiva, ou como os grãos de areia  
Lá no fundo dos mares.

Rodava a terra verde e a lua pallida,  
Ia a noite após ellas ;  
Mas cahiu sobre as trevas, que fugiam,  
Uma chuva de estrellas.

Os cometas correram desgrenhados  
Quaes profugos do inferno,  
Levando aos astros dos confins da esphera  
Os decretos do Eterno.

Do seu leito de abysmo o Oceano  
Tenta em vão levantar-se :  
Vem tombando, mugindo e espumando  
Co'as terras abraçar-se.

Abre o condor as azas sobre nuvens,  
Leviathan dos mares ;  
E os jubados leões bramindo atrôam  
Os echos dos palmares.

Vêm descendo dos montes, debruçados  
Como enormes serpentes  
Pelas campinas té beber no Oceano  
Os rios e as correntes.

Os passaros cantando, a luz da aurora  
Floreos botões desata ;  
A selva freme, a viração murmura  
Sussurrando a cascata.

Immovel nos umbraes da Eternidade  
Té li o Tempo estava ;  
Mas após o primeiro moyimento  
Já veloz caminhava.

Então milhões de mundos e mais mundos,  
Céos e céos ao redor  
Todos em brado universal cantaram  
Hosanna ao Creator.

No meio da harmonia do Universo  
Deus despertou o homem,  
Lançando sobre a terra um véo de nuvens  
Que ao seu olhar o somem.

Co'a dextra incerta tacteando os ares  
O homem despertava...  
Ebrio de vida, os membros apalpando  
— Tu quem és?... Perguntava.

Tentou fallar, do peito a voz lhe brota,  
E recúa admirado ;  
As aves cantam e o cantar das aves  
Escuta extasiado.

Quiz caminhar, correu peia planicie  
E galgou as collinas ;  
Derrama em torno, ao longe, o olhar vago,  
Vê montes e campinas.

Os echos escutou por muito tempo,  
Encruzados os braços,  
E de lá vem descendo pensativo  
Com vagarosos passos.

Debalde as vistas erra pelos troncos  
Da nemorosa selva ;  
Em vão percorre as grutas, fatigado  
Assenta-se na relva.



Pensa, medita, e erguendo-se mais forte  
De novo a selva explora ;  
Volve, revolve tudo, e o vasio  
Do coração deplora.

Subito estaca, palpitante o peito  
E co'o abraço aberto...  
Estão seus olhos devorando a scena,  
Que descortinam perto...

Na borda d'uma fonte crystallina  
A mulher se mirava ;  
Rubra de pejo, as graças inda núas,  
Co'as brancas mãos tapava.

Ria-se á sua imagem ; para ella  
Os braços estendia...  
Mas vendo a sombra abrir-lhe um terno abraço  
Recuava e sorria.

Elle exclama : -- eras tu ! E ella fugiu  
Co'as faces em rubor...  
Não pôde prosequir, cahiu, cahiram  
E levantou-se Amor.

AURELIANO JOSÉ LESSA.

---

### As Horas.

Erguendo n'amplidão os tectos solitarios,  
As torres d'alva igreja, os altos campanarios,  
Herdades são, solar d'irmãs mysteriosas :  
P'ra uma que é feliz, ha muitas desditosas...  
Moças, — a bella, a feia, — em riso, em agonia,  
Á vida despertando á luz do mesmo dia,  
Ante os umbraes do tempo em fila se postavam,  
Medindo o giro á terra e aos sec'los que passavam.

Princezas do mysterio, a sua voz vibrante  
 É rija martellada ás grades do quadrante,  
 Prisão que se rebenta, — e atiram-se dos ares,  
 Como a vaga a bramir pelos desertos mares !  
 Em mystica harmonia, as Horas, em lamentos,  
 Das velhas torres cáem, batidas pelos ventos,  
 E o rumo vão seguir que a sorte após lhes traça :  
 As Horas do prazer e as Horas da desgraça !

Quem és que ao pôr da tarde  
 Suspiras pelo monte,  
 E tens por diadema  
 A Vesper sobre a fronte ?  
 E n'um sentir ignoto  
 Acendes os ardores  
 No seio da donzella,  
 Na estação das flôres ?

— Sou a virgem que prende o céu á terra,  
 A Hora dos Amores !

E tu, que do relampago  
 A luz tens peregrina,  
 Na aza refulgente,  
 Na palpebra divina ;  
 Que vens pelo silencio,  
 Dos páramos profundos,  
 Mostrar aos sonhadores  
 Desconhecidos mundos ?

Que clamas ao poeta :  
 « Não vês o mar? É a sorte !  
 Mergulhadores somos,  
 Sobrenadar á morte ? !... »  
 Quem és, princeza magica  
 Dos paços d'amplidão,  
 Que habitas no poema,  
 Que vives na canção ? ...



— Sou a noiva do sol, — a Hora augusta  
Da santa Inspiração!

Além vejo nos ermos  
Louca mulher, sombria,  
Vai desmaiada e pallida,  
Sem riso á bocca fria.  
Somnambula errante e lucida,  
Por sobre escuro fado,  
Nos crepes do presente  
Envolve o seu passado.

Quem és, ó melancolica  
Visão d'alma bemdita?  
A companheira placida  
De uma existencia afflicta,  
Que lacrimosa encontras  
Na densa escuridade  
O corpo sem sepulchro  
Da ardente mocidade?!...

— Eu sou o écho da ventura extincta,  
A Hora da Saudade!

E foram-se Horas taes ! De tenebras paragens,  
Bem como n'um abysmo os passaros selvagens  
Abatem-se a librar nos vôos somnolentos,  
Outras das torres vem, — as Horas dos lamentos !  
Pesadas como a lousa, e lentas, infernaes,  
São sempre as do infortunio, irmãs sempre fataes !  
Passai ! passai, que a noite é fria, horrenda, escura ...  
Passai ! bem vos conheço, ó Horas de Amargura!...

Contorna braço livido  
Contrahe livida mão  
De um vulto, os ferros lugubres  
De tétrica prisão ;

E scisma... a alma lhe foge...  
 Lá vai... lá vai perdida !  
 Ai ! pomba da esperança,  
 Onde pousar na vida ? !

Quem és, que te apavoras  
 Das maldições dementes ?  
 Lançou-te a patria escrava  
 Ao pulso essas correntes ?  
 Da liberdade morta,  
 D'aqui, do teu encerro,  
 Assistes, já sem prantos,  
 Passar o longo enterro ?

— Eu sou a esposa de Gonzaga e Dante,  
 A Hora do Desterro !

Na cella um catre, e rigido  
 Um corpo sobre um leito;  
 Um Christo de metal  
 Descança-lhe no peito;  
 As monjas se ajoelham  
 Em piedoso afan,  
 E rezam : — D'este mundo  
 Tu sahes, alma christan...

Depois... faz-se o silencio  
 As vozes compassivas,  
 E doze moças descem  
 Das torres ás ogivas.  
 A moribunda acercam :  
 O cirio extremo ardia...  
 Quem sois ? As alvoradas  
 De um dia sem ter dia ?

— Echos de Josaphat ; — pastoras funebres ;  
 As Horas da Agonia !  
 De vestes puras, candidas,  
 Alvas, da côr dos lirios,



Ao céu sobe uma virgem  
Isenta de martyrios.  
E qual criança meiga,  
Que fita a luz do sol,  
Ella através das lagrimas  
Saúda outro arrebol.

E terna, ao seio acolhe  
Um anjo — os seus amores ;  
Despe da coma estrellas,  
O chão veste de flôres.  
E vôa, e vôam juntos  
Em fêrvido transporte !  
Hosanna ! — É o seu hymno  
E santo, eterno e forte !

Gloria a Deus ! Que esta virgem casta e fulgida  
É a Hora da Morte !

MELLO MORAES FILHO.

---

## ALMAS ERRANTES

### CRENÇAS INDIANAS

Quando o genio do deserto  
Na floresta vaga incerto  
Harmonioso concerto  
Vibrando no palmeiral ;  
Por entre as sombras caladas,  
D'entre as folhas orvalhadas,  
Doces vozes abafadas  
Se perdem pelo mangal.

Das virgens mortas as almas,  
Da noute por horas calmas,

Na lyra das verdes palmas  
Vêm aqui fallar de amor.  
Que dizem almas perdidas,  
Neblinas do céu cahidas,  
Notas da briza esvaidas  
Da lua ao doce pallor?

Dos maviosos concentos,  
Aéreos, vagos lamentos  
Que só murmuram os ventos  
Pela noite no cocal,  
Ninguem as lettras ouvira...  
São notas de etherea lyra,  
Cantos que a rôla suspira  
Nas folhas do pinheiral.

Por essas horas caladas  
Surgem das tabas sagradas  
Donzellas enamoradas  
Que almejam fructos de amor;  
E á sombra dos rosmarinhos  
Recolhem pelos caminhos  
Candidas almas de anginhos  
Que vagam de flôr em flôr.

E das maternas delicias  
Vão prelibando as primicias,  
Ornando o seio de clicias  
Colhidas do roseiral.  
As noivas de amores fallam  
Sentidas fallas, que exhalam  
Perfumes que só trescalam  
As flôres do laranjal.

Da floresta aos rumorejos,  
Da briza aos calidos beijos,



Mais se lhe accendem desejos,  
Mais se desvela o pudor ;  
Emquanto das brancas almas  
O côro, nas horas calmas,  
Na lyra das verdes palmas  
Ao longe falla de amor.

Eis que aponta a estrella d'alva. . .  
Pendôa-se a flôr da malva,  
Desbrocha em cachos a salva  
No verdor do matagal ;  
E as doces fallas sentidas,  
Vozes de infante dormidas,  
Resoam quasi sumidas  
Entre as balsas do mangal.

E das finadas donzellas  
As almas tornam-se estrellas,  
Trocando as canções singelas  
Por véo de argenteo fulgor ;  
E da matta as melodias  
Se acordam co'as harmonias  
Das espheras luzidias  
Das regiões do condor.

MACEDO SOARES.

---

## INDIANAS E SERTANEJAS

### O CANTO DO PIAGA

#### I

O guerreiros da taba sagrada,  
O guerreiros da tribu tupi,  
Fallam deuses nos cantos do Piaga,  
Ó guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —  
Anhangá me vedava sonhar ;  
Eis na horrível caverna, que habito,  
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,  
Manitôs ! que prodigios que vi !  
Arde o páo de resina fumosa ;  
Não fui eu, não fui eu, que o accendi !

Eis rebenta a meus pés um phantasma,  
Um phantasma d'immensa extensão ;  
Liso craneo repousa a meu lado,  
Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,  
Todo inteiro — ossos, carnes — tremi ;  
Frio horror me cõou pelos membros,  
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,  
Ó guerreiros, o espectro que eu vi.  
Fallam deuses nos cantos do Piaga,  
Ó guerreiros, meus cantos ouvi !

## II

Porque dormes, ó Piaga divino ?  
Começou-me a visão a fallar ;  
Porque dormes ? O sacro instrumento.  
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céos um negrume  
Toda a face do sol offuscar ;  
Não ouviste a coruja, de dia,  
Seus estridulos torva soltar ?



Tu não viste dos bosques a coma,  
Sem aragem — vergar-se e gemer,  
Nem a lua de fogo entre nuvens,  
Qual em vestes de sangue, nascer ?

E tu dormes, ó Piaga, divino !  
E Anhangá te proíbe sonhar !  
E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,  
E não podes augúrios cantar ? !

Ouve o annuncio do horrendo phantasma,  
Ouve os sons do fiel maracá ;  
Manitôs já fugiram da taba !  
Ó desgraça ! ó ruína ! ó Tupá !

## III

Pelas ondas do mar sem limites  
Basta selva, sem folhas, 'hi vem ;  
Hartos troncos, robustos, gigantes,  
Vossas mattas taes monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente  
— Brenha espessa de vario cipó ; —  
D'essas brenhas contêm vossas mattas  
Taes e quaes, mas com folhas ; é só !

Negro monstro os sustenta por baixo,  
Branças azas abrindo ao tulão,  
Como um bando de candidas garças,  
Que nos ares pairando — lá vão.

Oh ! quem foi das entranhas das aguas  
O marinho arcabouço arrancar ?  
Nossas terras demanda, fareja...  
Esse monstro... — o que vem cá buscar ?

Não sabeis o que o monstro procura ?  
 Não sabeis a que vem, o que quer?  
 Vem matar vossos bravos guerreiros,  
 Vem roubar-vos a filha, a mulher !

Vem trazer-vos crueza, impiedade,  
 Dons crueis do cruel Anhangá ;  
 Vem quebrar-vos a maça valente,  
 Profanar manitôs, maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,  
 Com que a tribu tupi vai gemer ;  
 Hão de os velhos servirem de escravos,  
 Mesmo o Piaga inda escravo ha de ser !

Fugireis procurando um asylo,  
 Triste asylo por invio sertão ;  
 Anhangá de prazer ha de rir-se,  
 Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos deuses, ó Piaga, conjura,  
 Susta as iras do féro Anhangá.  
 Manitôs já fugiram da taba,  
 Ó desgraça ! ó ruina ! ó Tupá !

GONÇALVES DIAS.

---

### Hymno da cabocla .

Sou india, sou virgem, sou linda, sou debil ;  
 É quanto vós outros, oh tapes, dizeis !  
 Sabei, bravos tapes, qu'eu sei com destreza  
 Cravar minhas settas no peito dos reis !

Sabei que não canto sómente prazeres,  
 Sabei que não gemo sómente de amores,  
 Sabei que nem sempre vagueio nos bosques,  
 Sabei que nem sempre me adorno de flôres.



Meus labios não beijam os labios do amante,  
Meus labios combatem tyrannicas leis,  
Meus labios são como trovões estupendos,  
Que cospem coriscos na face dos reis.

Quem vio-me nas liças, quem vio-me covarde,  
Aos silvos da flecha, quem vio-me escoar ?  
Eu sou como a onça pequena e valente,  
Eu sei os perigos da guerra affrontar.

Enchi meus carcazes de agulhas taquaras,  
Que iguaes nas florestas jámais achareis ;  
E d'essas taquaras fataes é que pendem  
As vidas infames de todos os reis.

Sou india, não nego ; meus finos cabellos,  
Qual juba ferina, bem longos que são !  
Porém esse peito, que fervido pulsa,  
É masculino, oh tapes, ou é de um leão !

Meu animo, oh tapes ! — aqui vos conjuro,  
Bem cedo meu animo ardente vereis :  
Que eu já me preparo co'as settas melhores,  
Que saibam cravar-se no peito dos reis.

Eu tenho cingidos na fronte, oh guerreiros,  
Seis dentes de chefes de imigas cohortes :  
Na paz, os meus dedos desfiam amores,  
Na guerra, os meus dedos disparam mil mortes !

São seis as victorias que cingem-me a testa ;  
Não vêdes, oh tapes ? meus louros são seis !  
Quem cinge na testa seis louros de gloria,  
Não teme essas tropas compradas dos reis .

As minhas façanhas espantam os tapes,  
Invejam-me todos as altas façanhas ;  
Só ellas são como penhascos gigantes,  
Só ellas são como brasilias montanhas.

Só ellas não curvam-se ao mando dos homens,  
 Só ellas conculcam despoticas leis,  
 Só ellas humilham a fronte aos tyrannos,  
 Só ellas abalam os thronos dos reis.

Meus membros são debeis, qual junco flexivel,  
 Meu pé tão mimoso (dizeis) tão maneiro!  
 Meu pé tão mimoso, sabei que elle esmaga  
 O collo possante do vil estrangeiro!

Sou india, sou virgem, sou debil, sou fraca;  
 Só isso vós, tapes injustos, dizeis:  
 Sabei, bravos tapes, que eu sei com destreza  
 Cravar minhas settas no peito dos reis.

JUNQUEIRA FREIRE.

---

### Marabá.

Eu vivo sósinha: ninguem me procura!

Acaso feita

Não sou de Tupá! —

Se algum d'entre os homens de mim não se esconde:

« Tu és, me responde,

« Tu és Marabá! »

— Meus olhos são garços, são côr das saphiras,  
 — Têm luz das estrellas, têm meigo brilhar;  
 — Imitam as nuvens de um céu anilado,  
 — As côres imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:

« Teus olhos são garços,

Responde anojado: mas és Marabá;

« Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,

« Uns olhos fulgentes,

« Bem pretos, retinctos, não côr d'anajá! »



- É alvo meu rosto da alvura dos lírios,  
 — Da côr das areias batidas do mar.  
 — As aves mais brancas, as conchas mais puras  
 — Não têm mais alvura, não têm mais brilhar. —

Se ainda me escuta meus agros delirios ;

« És alva de lírios,

Sorrindo responde : « mas és Marabá :

« Quero antes um rosto de jambo córado,

« Um rosto crestado

« Do sol do deserto, não flôr de cajá. »

- Meu collo de neve se encurva engraçado,  
 — Como hastea pendente do cactos em flôr ;  
 — Mimosa, indolente, resvalo no prado,  
 — Como um soluçado suspiro de amor !

« Eu amo a estatura flexivel, ligeira,

« Qual d'uma palmeira,

Então me respondem : « tu és Marabá :

« Quero antes o collo da ema orgulhosa,

« Que pisa vaidosa,

« Que as floreas campinas governa, onde está. »

- Meus louros cabellos em ondas se annelam,  
 — O ouro mais puro não tem seu fulgor ;  
 — As brizas nos bosques de os vêr se enamoram,  
 — De os vêr tão formosos como um beija-flôr ! —

Mas elles respondem : « Teus longos cabellos

« São louros, são bellos,

« Mas são annelados, tu és Marabá :

« Quero antes cabellos bem lisos, corridos,

« Cabellos compridos,

« Não côr d'ouro fino, nem côr d'anajá. »

E as doces palavras que eu tinha cá dentro  
 A quem n'as direi?  
 O ramo d'acacia na frente de um homem  
 Jámais cingirei.

Jámais um guerreiro da minha arasoia  
 Me desprenderá:  
 Eu vivo sósinha, chorando mesquinha,  
 Que sou Marabá!

GONÇALVES DIAS.

---

### Os tabaréos.

A noite bole-me n'alma,  
 E eu sinto não sei que pena...  
 Amor de minha morena?  
 Quebrantos do seu olhar?  
 Grossas auras repassadas  
 De perfumes e lembranças,  
 Carregam-me as esperanças,  
 Eu só me vingo em chorar...

Chorar? que bem fazem lagrimas?  
 A folha sêcca abrazada  
 Não vale a fresca orvalhada...  
 Chorar!... eu nunca chorei:  
 Ergo a fronte, aparo o raio,  
 Desgraçado e sempre altivo,  
 Não morro, porque não vivo;  
 Não choro, porque não sei.

Não sei! quem é que não sabe  
 N'uma lagrima sentida  
 Alliviar-se da vida,  
 Que pesa no coração?



Não sabes como são tristes  
Os olhos de quem não chora,  
Como o teu rosto descóra  
No calor d'este sertão?

D'este sertão! é bem duro  
Soltar inutil queixume,  
Amar, sentir um perfume  
De que não se sabe a flôr...  
Não me recordes, não falles  
No meu rosto descórado,  
No meu olhar desvairado :  
Não bulas co'a minha dôr.

\* \*

Interrompendo os lamentos  
Calaram-se. Ambos attentos  
Ouvem como que um tropel,  
Que se augmenta, que se engrossa...  
A poucos passos da choça  
Nitriu fogado corcel.

E a todos, que alli se achavam,  
Guarde-os Deus! Não me esperavam!...  
Disse um moço que esbarrou;  
De casa aqui n'uma hora!  
São rasgos de quem namora...  
Palavra dada, aqui estou!

Consta-me que ha muito arrojô  
Nos festejos de São João;  
Vim hoje ver a novena  
E conversar com a morena  
Que trago no coração.

Conversar?! e vim disposto  
A carregal-a tambem

Nas ancas do meu murzéllo,  
 Demonio que só eu séllo,  
 Só eu monto e mais ninguem...

\* \* \*

Olharam-se todos. Tu és um damnado!  
 Disseram. E o moço já estava de pé;  
 N'um cépo de angico, depois assentado,  
 Contava proezas, mostrando quem é.

Conversa o terrivel, que sabe de tudo,  
 De espectro e phantasma que á noite se vê;  
 Um diz: é mentira! O camponio pelludo,  
 De um pulo s'erguendo, responde-lhe: o que?!

A noite formosa do Santo Baptista  
 Tem muitas virtudes, sustenta o rapaz.  
 Eu conto uma historia da bella entrevista  
 Que têm os valentes com o diabo sagaz.

Peguei, como ensinam, de um galho de arruda,  
 Depuz no caminho que encruza-se alli:  
 Gritei pelo nome da féra sanhuda,  
 E ao cheiro da herva com poucas eu vi...

Em negro cavallo, de arreios de fogo,  
 Figura medonha me diz: aqui estou!  
 Senti-me medroso de entrar n'este jogo.  
 Não sei... de repente meu sangue esquentou.

Nos olhos, no punho correu-me a coragem;  
 Que estava montado no meu alazão:  
 Cravei-lhe as esporas, cheguei-me á visagem;  
 Tomei-lhe a distancia, metti-lhe o facão.

E o ferro tinia no corpo de pedra,  
 Faiscas enormes cahiam no chão;  
 Eu cégo bradava: commigo não medra!  
 Virou-se n'um porco, metti-lhe o facão.



Virou-se... virou-se... piquei o cavallo,  
 Bem alto dizendo-lhe: é como quizer!...  
 Lancei-me por cima, queria pegal-o...  
 E esta?!... O diabo virado em mulher!...

Metto o facão na baina;  
 Pergunto-lhe: e quem és tu?  
 D'alto a baixo era Joanninha,  
 Por alcunha — Pucassú.

Mas aqui havia engano:  
 Como é qu'essa meretriz,  
 Que morreu, ha mais de um anno,  
 De cõusa que não se diz,

Vinha encontrar-se commigo?  
 Não acho a causa. — Só sei  
 Que ante a cara do inimigo  
 Fui firme, não recuei.

Não fugi, não tive medo  
 Das astucias infernaes.  
 Ella pedio-me segredo  
 Por isso não digo o mais.

TOBIAS BARRETO DE MENEZES.

---

## O CALHAMBOLA

A ANTONIO MARQUES RODRIGUES

Aqui só no silencio das selvas,  
 Quem me pôde o descanso vedar?  
 Durmo á noite n'um leito de relvas,  
 Só a aurora me vem despertar.

Ante a onça, que afouta anda a corso,  
 Mais afouto meus passos não torço,  
 Nem é dubia uma luta entre nós :  
 O bodoque a vez suppre da bala ;  
 Toda a matta medrosa se cala  
 Quando rujo medonho na voz !

Tenho fome ? a palmeira se verga,  
 Seus coquilhos alastram o chão ;  
 E debaixo a cutia se enxerga  
 Assentada comendo na mão.  
 Se as entranhas se abraçam sedentas,  
 Tu, ó terra, mil fontes rebentas,  
 Como as fontes do leite a mulher.  
 N'um terreno tão farto e maduro  
 Quem lá póde cuidar no futuro,  
 Quem de fome ou de sêde morrer ?

Nasci livre, fizeram-me escravo ;  
 Fui escravo, mas livre me fiz :  
 Negro, sim ; mas o pulso do bravo  
 Não se amolda ás algemas servis !  
 Negra a pel, mas o sangue no peito,  
 Como o mar em tormentas desteito,  
 Ferve, estúa, referve em cachões !  
 Negro, sim ; mas é forte o meu braço ,  
 Negros pés, mas que vencem o espaço,  
 Assolando quaes negros tufões !

Negro o corpo, afinou-se minh'alma  
 No soffrer, como ao fogo o tambor ;  
 Mais altiva reergue-se a palma  
 Com o peso, assim eu com a dôr !  
 Como a lingua recolhe, pascendo  
 Tamanduá, de formigas fervendo,  
 Tal de açoutes cingiram-me os rins !  
 E eu bramia, qual onça enraivada,  
 Que esbraveja, que brame acuada  
 Em um circo de leves mastins !...



Eu bramia, porém não chorava,  
Porque a onça bramio, não chorou :  
Membro a membro meu corpo quebrava ;  
A vontade ninguem m'a quebrou !  
Como reina a mudez na tapera,  
No meu peito a vontade é que impera :  
Aqui dentro só ella dá leis.  
Se commetto uma empreza gigante,  
Co'o bodoque ou co'a flecha talhante,  
A vontade me brada : « Podeis ! »

Oh que sim ! estes hombros possantes,  
— Digno assento da frente de um rei,  
Não m'os hão de sulcar vis tagantes,  
Nunca mais, nunca mais... que o jurei !  
O homem forte que brada ao verdugo :  
« Guerra, guerra, ou quebrai-me este jugo ! »  
Tem um echo, tem voz lá no céu !  
O que a morte não teme, eis o forte ;  
E mal basta a temer-se da morte  
Quem da vida a tormenta correu.

Outros ha, cujo peito bebêra  
O temor, como ao peixe o tingui !  
Oh ! meu Deus ! oh poder, que eu pudera  
Accendêl-os n'um raio de mi !  
Este sangue onde bolha o insulto,  
De um covarde nas veias inulto  
Não corrêra, ou vasára-o no chão !...  
Mas eu só... Maldição sobre a escrava  
Que o filhinho p'r'o jugo aleitava...  
Sobre ti, minha mãe, maldição !

Vivo só... pouco fundem meus brios  
Contra o numero e a força brutal ;  
Invios mattos, occultos desvios,  
Não me off'recem guarida cabal.

De que val ao páo-d'arco a rijeza  
Do seu tronco, que ao ferro despreza  
Quando o céu vibra raios a mil ?  
Oh ! se cáe, todo a matta retumba !  
Pouco importa que o bravo succumba  
Quando a morte é briosa e viril !...

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO.

---

### A tapuia.

Curumy, dá-me o cachimbo,  
Traze tiquira na cuia,  
Arma a rede de maqueira,  
Que vou cantar a tapuia.

E hoje que o cavaquinho  
Dá melhor afinação,  
Satisfaço o meu desejo,  
Desabafo o coração.

Tapuia, minha tapuia,  
Sou filho do Ceará,  
Mas tu fizeste, demonio,  
Que eu me ficasse por cá,

Não sei mesmo que attractivos  
Achei no teu frouxo olhar,  
É cousa que não se explica...  
Porém é certo eu te amar.

Quando apurás um sorriso  
De teus labios no crysol,  
Parece que ao desprendel-o  
Prendes um raio do sol.



D'esta còr quasi da noite,  
D'esta còr que Deus te deu  
Se as brancas todas não gostam,  
Que importa se gosto eu ?...

Por ciume ou por capricho,  
As brancas te querem mal ;  
Este odio só se explica  
Por seres d'ellas rival.

Se faço alguma viagem  
E remas no jacomam,  
Se durmo á boca da noite,  
Só acordo de manhã.

Então na beira do rio  
Encostas a ygarité,  
Almoçamos peixe-boi,  
Depois tomamos chibé.

Quando dansas o *chorado*,  
Corpo mais agil não ha ;  
De um lado sahe um « bonito »,  
Um « bravo » sahe de acolá.

É n'este lance que deixas  
Teu cabelo se soltar,  
Para a roda que te applaude  
Inteira se embriagar ;

Pois usas de pripióca,  
Que é perfume tão subtil,  
Como não ha no Oriente,  
Como só ha no Brazil.

Então sabes n'um miudinho,  
Tão miudo que é capaz  
De tentar a muito velho,  
De perder muito rapaz.

Da viola vai-se a prima,  
 Perde a rabeça o bordão ;  
 Mas se eu estou no cavaquinho  
 Sósinho aguento o rojão.

Curumy, dá-me o cachimbo,  
 Traz mais tiquira na cuia,  
 Que vou terminar o canto  
 Que dediquei á taquia.

Hoje, sim... o cavaquinho  
 Deu melhor afinação,  
 Satisfiz o meu desejo,  
 Dei largas ao coração.

— Que á tapuia do Amazonas  
 — Quem quizer venha dizer,  
 — Se ha mulher mais formosa,  
 — Se houve, se póde haver.

APRIGIO DE MENEZES.

---

### O rapaz da guia.

Pobre rapaz da fazenda,  
 Dos campos do Ceará,  
 Foi-me sorte ser guieiro ;  
 Oh ! meu Deus, que sorte má !  
     M'escolheram por esperto,  
     Em susto continuo vou...  
     Segue-me, gado formoso,  
     Oh ! boiada, *é cou... é lou...*

Vou cantando aqui na frente  
 D'este gado a caminhar,  
 Onde terei certa a morte  
 Quando a boiada arrancar ;



Pois o gado sequioso.  
 Se uma fonte adivinhou,  
 Corre tudo — eu fico morto! —  
 Oh! que sina!... *é cou... é lou...*

Oh! que sina! No perigo  
 O meu dever é cantar;  
 Dão-me sempre um bom ginete,  
 Em qu'eu me posso salvar,  
 Ah! que apenas me consolam  
 N'esta vida, em que estou,  
 Toadas de minha gaita,  
 Oh! *espaço... é cou... é lou...*

Por isso sou eu humilde,  
 Por isso canto eu assim:  
 Se minha voz a boiada  
 Não escutar, ai de mim!  
 Mas, uma vez entoada,  
 Sempre a boiada escutou!  
 Até mesmo a *mucambeira*  
 Vai direito — *é cou... é lou...*

Quando o guieiro saudoso  
 Sabe seu canto dizer,  
 Marcha o gado reunido,  
 Como que chora a gemer!  
 Pois elle conhece o canto  
 Que o terno choro molhou!  
 Ama a rez a voz saudosa:  
 Eia, avante — *é cou... é lou...*

Mas as *catingas* receio,  
 Que podem gado esconder:  
 E nas pontas de um novillo  
 Tenho medo de morrer!

E, comtudo, eu vou sósinho ;  
 Minha mãi já se finou...  
 Minha famillia é o gado :  
 Eia, avante ... *é cou... é lou...*

Minha vacca *noute escura*,  
 Nada, nada de parar !  
 Meu *surubiu*, meu *boi liso*,  
 Côr da noute de luar,  
     Toca, toca para a feira,  
     A viagem não findou ;  
     Adiante, oh! *pintadinho*,  
 Oh! *bargado* — *é cou... é lou...*

JUVENAL GALLENNO.

---

### O tropeiro.

Tambem sou rei ; se tanjo as minhas tropas,  
 Tremem todos a um só dos gritos meus ;  
 Na terra não respeito mais que as chuvas,  
 Não dou contas de mim senão a Deus .

Se me cortejam, bem ; tambem lhes tiro  
 Meu chapéo de aba larga á senhoria ;  
 Quando não, vou seguindo repimpado,  
 E meu burro que faça a cortezia .

Não sei de classes, mas ninguem me vence,  
 Que sou filho legitimo de Adão ;  
 Bastardia não entra-me na raça,  
 Porque nunca mudei de geração .

Não soffro lérias : quem quizer que passe,  
 Mas que não venha me contar façanhas...  
 Ai d'elle ! pelas tripas do machinho,  
 Que lhe faço no ventre umas aranhas .



De cima sempre ; e como prova d'isto  
Posso dar mesmo aqui publica fé ;  
Conheço-me tropeiro ha muitas luas,  
E ninguem me viu inda andar a pé .

Portanto, sou senhor : só estremeço  
Quando ronca no céu a trovoadá ;  
Sou homem do calor ; não amo o frio ,  
Muito mais quando a capa está molhada .

Sou amigo do ponche e da viagem :  
É elle o meu constante companheiro .  
E assim vou indo como vão as bestas ,  
Alegre quando mesmo sem dinheiro .

Amo entretanto os cobres ; na taberna  
Gosto vél-os rolar sobre o balcão ;  
Têm musica suave que penetra  
Nas dobras mais fieis do coração .

Tomo o codorio, que não é por isso  
Que minh'alma ha de ir parar no inferno ;  
Não o dispenso nunca quando ha calma ,  
Nem quando cahem neves pelo inverno .

Desprezo as moças, mas recebo os beijos  
Da caipirinha, á beira do caminho :  
São doces como o orvalho das barracas,  
Ou como a espuma do rosado vinho .

Sou rei ; amo sómente as minhas tropas,  
O dinheiro, o facão e o azul dos céos ;  
Não temo tentação de excommungados ,  
Não dou contas de mim senão a Deus .

Nem mais nem menos : é assim que gira  
O tropeiro feliz quando caminha ;  
Anda altivo e soberbo como um frade,  
Como a besta que vai co'a campainha .

Alerta, pois ! ó tropas de viagem !  
 Que os nevoeiros sobem já do monte :  
 É tempo de partir ; o sol desponta,  
 E a serra lá apparece no horizonte .

M. A. DUARTE DE AZEVEDO.

---

### A roça.

O balanço da rêde, o bom fogo  
 Sob um tecto de humilde sapé ;  
 A palestra, os lundús, a viola,  
 O cigarro, a modinha, o café ;

Um robusto alazão, mais ligeiro  
 Do que o vento que vem do sertão ;  
 Negras crinas, olhar de tormenta,  
 Pés que apenas rastejam no chão ;

E depois um sorrir de roceira,  
 Meigos gestos, requebros de amor ;  
 Seios nús, braços nús, tranças soltas,  
 Molles fallas, idade de flôr ;

Beijos dados sem medo ao ar livre,  
 Beijos francos, alegres serões,  
 Mil brinquedos no campo ao sol posto,  
 Ao surgir da manhã mil canções ;

Eis a vida das vastas planicies,  
 Ou nas noutes da terra da Cruz,  
 Sobre um solo só flôres de gloria,  
 Sob um céu só magia e só luz.

Bellos ermos, risonhos desertos,  
 Livres cervos, extensos marneis,  
 Onde muge o novillo afanado,  
 Onde nitrem fogosos corceis ;



Onde a infancia passei descuidoso,  
Onde tantos idyllios sonhei,  
Onde ao som dos pandeiros ruidosos  
Tantas dansas da roça dansei !

Onde a viva e gentil mocidade  
N'um continuo folgar consumi...  
Como longe voltais ao passado !  
Como longe vos vejo d'aqui !

S'eu tivesse por livro as florestas,  
S'eu tivesse por mestre a amplidão,  
Por amigos as plantas e as aves,  
Uma flecha e um cocar por braço ;

Não manchára minh'alma inspirada,  
Não gastára meu proprio vigor.  
Não cobrira de lama e de escarneos  
Meus laureis de poeta e cantor !

Voto horror ás grandezas do mundo,  
Triste acervo de magoas fataes :  
O clarão do saber verdadeiro  
Não fulgura aos olhares mortaes !

Mas um genio impiedoso me arrasta,  
Me arremessa do vulgo ao vai-vem,  
E eu soluço nas sombras, olhando  
Minhas serras queridas além !

FAGUNDES VARELLA.

---

## O boiadeiro.

Alegrias tenho n'alma,  
Consolo no coração ;  
Vejo a aurora nos teus olhos  
Quando chego no sertão.  
De pequeno fui fadado  
Para andar leguas aos centos !  
Oh ! birrentos,  
Toca a ponta, mandrião !

Me criei entre os amigos,  
Entre amigos sei folgar ;  
Minha avó, que Deus lá haja,  
Mê ensinou logo a rezar ;  
Santo altar busca minh'alma  
No teu seio bem fadado !...  
Eh ! pintado,  
Toca á frente ! toca andar !

É em teu seio que vejo  
O meu Deus no teu amor,  
E quanto mais me atormentas  
Mais te quero com ardor ;  
Não sei buscar alegrias  
Longe de ti, minha amada...  
Oh ! pintada,  
Não fujas p'ra o logrador !...

Quando Deus me pôz no mundo  
Foi p'ra te amar com paixão,  
Vêr por teus olhos a vida,  
Sentir no teu coração ;  
Tenho seguido o destino  
Passo a passo com certeza...  
Oh, Belleza,  
Guia certo o boiadão !



Não me cansa esta existencia  
Atormentada que vai;  
Cada qual tem uma sina,  
A vida não vale um ai;  
Mas sou feliz, nem mais peço  
A Deus louvado os favores...  
Oh! tres côres,  
Sai da frente, esperto, sai!

Quem tem mulher que bem queira,  
Quem tem luz n'um santo olhar,  
É ditoso, e, como eu ando,  
Nos sertões passa a cantar;  
O boiadão é a alegria  
Que quando te deixo busco...  
Eh ! oh! fusco,  
Queres-me o sangue ralar ?

Santo Deus, eu vou caminho  
Da f'licidade na vida;  
Tenho a paz dentro em minh'alma,  
Tenho uma mulher querida ;  
Quando acordo é sempre rindo,  
Nunca me deitei tristonho;  
O meu sonho  
É não mudar esta lida !

Sou feliz ! trocar meu rumo  
Por outro fôra peccar :  
Cada qual nasce p'ra um norte;  
O meu destino é te amar!  
Ouve a cantiga ! oh ! morena,  
Que canta o meu coração,  
E tem pena  
De quem toca o boiadão.

JOAQUIM HELIODORO.

**Almas penadas.**

Já todos dormem na aldeia,  
Sómente o velho vigario,  
Sentado junto á candeia,  
Inda lê o breviario.

A noite corre silente,  
As aves estão caladas,  
Mas na janella da frente  
Bateram leves pancadas...

O velho sem mais demora  
Abre a porta caridoso,  
Porém recúa... lá fóra  
Viu um quadro pavoroso !

Muitos phantasmas, um cento,  
Occupam inteira a rua,  
E o sinistro ajuntamento  
Alveja ao clarão da lua !

Cada medonha figura  
Traz na mão um cirio acceso...  
Quiz gritar o velho cura,  
Mas o grito ficou preso !

Benzeu-se afinal, e brando  
Perguntou : — O que vos falta ?  
Porque andais divagando  
Pelo mundo em noite alta ?

Os phantasmas, co'as mãos postas,  
Apontaram para a ermida,  
E caminharam de costas,  
Seguindo a longa avenida...



O velho cura, sem medo,  
Devagar os foi seguindo ;  
Passaram o escuro arvoredo,  
Vão a montanha subindo...

Entraram na freguezia ;  
Ardem brandões nos altares,  
Foi o padre á sacristia,  
Volta com as vestes talaes.

Mal começa a ladainha,  
Contritos e reverentes,  
Se prostram todos em linha  
Os estranhos penitentes !

Quando, findo o responsorio,  
O cura voltou o rosto,  
Teve medo do auditorio  
E quasi abandona o posto !

Era um grupo de caveiras  
Que alli estava enfileirado,  
E as mortalhas inteiras  
Dobradas jaziam ao lado...

Aquelle congresso horrendo  
Produzia-lhe vertigem !  
Voltou-se o cura tremendo  
E cravou olhos na Virgem !

Rezou muito ; finalmente  
Ergueu-se com alegria :  
Não viu mais um assistente,  
Estava a igreja vazia !

Uma trilha luminosa,  
Que se perdia nos ares,  
Mais um perfume de rosa  
E maviosos cantares,

Só eram os denunciantes  
Do phantastico auditorio :  
Aquellas almas errantes  
Sahiram do purgatorio.

JOAQUIM SERRA.

---

### Monologos.

CALABAR (*solemnemente*).

Eis-me ante vós !... Saúdo aos hollandezes !

1º OFFICIAL (*á parte*).

Esta voz !...

SIGISMUNDO (*com altivez*).

Não sabemos quem nos falla.  
Quem quer que sejas, debes sem rebuço  
Dizer teu nome, e o fim a que vieste !

CALABAR (*accentuando*).

Quereis saber meu nome ?...

(*Mudando de tom.*)

Sobre a terra  
Com c'racteres de sangue está escripto !...  
Depois une-se ao echo das ruinas,  
Ou ao murmurio tetrico e pesado  
Das agoureiras aves do sepulchro !...  
Quereis saber meu nome ?... Se o proferem,  
Lançam-lhe maldições !... Se alguem o escuta,  
Parece ouvir o epitheto da morte !...

SIGISMUNDO

Então, és ? !...



1º OFFICIAL (*erguendo-se e apontando*).

Calabar !!...

(*Levantam-se todos. Pausa de admiração*)

CALABAR (*descobrimdo-se*).

É o mulato !!

É o mulato, sim, horrído e triste,  
Indomito e feroz como a procella,  
Que solevanta as ondas do oceano !!...  
Tremeis de mim ?... Sentai-vos.

SIGISMUNDO (*sentando-se*).

Continúa.

OS OFFICIAES (*sentando-se*).

De que animo vieste a procurar-nos?...  
Quem te mandou? que queres? que pretendes?

CALABAR

Minha vontade só é quem me impelle!  
Quiz e bastou. Que quero e que pretendo?  
O que pretendes tu, ó Sigismundo?

SIGISMUNDO

Vingar a patria, conquistar a gloria.

CALABAR

Não te valhas de titulos pomposos  
Para encobrir a sêde do dominio.

(*Movimento dos hollandezes.*)

A gloria e a patria — futeis subterfugios! —  
São palavras vacias de sentido,  
Que morrem como os sons que as acompanham;  
São, muita vez, um distico solemne  
Sobre as cinzas da alma e o pó das crenças!

A gloria é como um sonho que se extingue  
 Ao despertar de um longo pesadêlo!  
 A patria, aqui, allí, é o mundo inteiro,  
 uando a negra ambição domina os homens!

(*Pequena pausa.*)

Venho abraçar, Van-Scopp, o teu partido!  
 Eis aqui o meu fim.

SIGISMUNDO

Será possível?

Aos nossos, Calabar, já recusaste  
 Os teus serviços... Hoje...

CALABAR

Acreditai-me.

Como corre o tufão do sul ao norte,  
 Corro eu na terra ao grado dos caprichos!  
 Que val, que vos importa — o que fui hontem?  
 Hoje serei dos vossos.

1º OFFICIAL (*á parte*).

Convenceu-se!

Não ha nada melhor que ser de todos.

SIGISMUNDO

E amanhã, quem diz, quem nos garante  
 Que inda serás o mesmo?...

CALABAR

Sigismundo!!

(*Mudando de tom.*)

Tens bastante razão no que me dizes:  
 Quem sou eu para ser acreditado?  
 Um impostor ou um aventureiro!  
 Um soldado traidor que ha desertado!  
 Um transfuga infiel que vende a patria!...  
 Como o quizerdes, nobres hollandezes.



Occulte Calabar os seus motivos  
De traição e perfídia, o mais qu'importa ?  
Se vem d'alma o poder que anima o braço,  
Respeite o braço quem não sabe d'alma.

(*Mão no peito.*)

Ha um segredo aqui, grande e profundo,  
Que nunca aos homens se fará patente !  
Têm-se visto no meio das batalhas  
Feros, que brandem mãos desconhecidas,  
Juncar de mil cadaveres os campos !  
Será meu ferro assim. — Depois, a morte  
Leva comsigo ao pó do esquecimento  
O nome e a fama de quem foi tão bravo !  
Não indagueis a causa que me impelle ;  
Não indagueis o dia que foi hontem,  
O de hoje, o de amanhã !...

SIGISMUNDO

Tudo mysterios ! ..  
Mas nós necessitamos quem te abone...

CALABAR

Não basta o que me ouvistes, hollandezes ?  
Não basta que me olheis ?... Em cada ruga  
Do meu semblante lê-se uma sentença .  
De exterminio e de morte aos lusitanos !...  
Quereis um juramento !... Oh ! nada vale...  
Quem um só quebrantou, quebranta muitos.  
Que posso eu vos dizer ?... Que posso dar-vos ?  
Esta espada ?...

(*Tira a espada.*)

SIGISMUNDO

Que val ?... Que diz ?...

CALABAR

É o ferro que banhou-se  
 No vosso sangue em prelios repetidos !  
 Ei-lo ! dai-me outro ferro acostumado  
 A tingir-se no sangue lusitano !

(*Atira a espada.*)

SIGISMUNDO

Eu quero acreditar no que promettes.

(*Dando-lhe uma espada.*)

Eis, Calabar, a espada de um flamengo !  
 Com ella...

CALABAR (*tomando a espada.*)

Baterei as tropas lusas !  
 Derramarei com ella um mar de sangue !  
 Com ella morrerei !...

SIGISMUNDO (*aos officiaes.*)

'Stais satisfeitos ?...

1º OFFICIAL

Ainda não. Com ella, antes de tudo,  
 Decepe Calabar a vil cabeça  
 D'essa mulher, que aos lusos subtrahimos,  
 E á morte condemnamos !...

2º OFFICIAL

Que ?... Carrasco ? !...

CALABAR

Tudo, tudo serei !... Minha vingança  
 Deve assim começar !... Em breves horas  
 Vereis cahir a victima na terra !...



SIGISMUNDO

Depois?...

CALABAR

Aos lusitanos!!...

SIGISMUNDO (*levantando-se*).

Sem demora!...

*(Os officiaes levantam-se)*.CALABAR (*brandindo a espada*).

Calabar já vos disse!...

TODOS

Aos lusitanos!

AGRARIO DE MENEZES, *Calabar*, acto 2º, sc. V.

ANTONIO JOSÉ (*fazendo um esforço para levantar a cabeça, olha para todos os lados, e firmando o cotovello no cepo, que lhe serve de travesseiro, pousa a cabeça na mão, e com voz debil começa a fallar*).

É dia ou noite?... O sol talvez já brilhe  
 Fóra d'esta masmorra... A natureza  
 Talvez cheia de vida e de alegria  
 O hymno da manhã entõe agora!  
 Mas p'ra mim acabou-se o mundo e o dia...  
 Sim, p'ra o mundo morri... Minha existencia  
 Já não conto por dias, sim por dôres!  
 N'esta perpetua noite sepultado,  
 É meu unico sol esta candeia,  
 Pallida e triste como a luz dos mortos,  
 Diante de meus olhos sempre accesa  
 Para tingir de horror este sepulchro.  
 Seu vapor pestilento respirando,  
 Vejo correr meus ultimos instantes

Como este fumo negro qu'ella exhala,  
E em confusos novellos se evapora.  
P'ra mim enrouqueceu-se a voz humana !  
Só perturba o silencio d'este carcere  
O ferrolho que corre, e a dura porta  
Que em horas dadas se abre, p'ra fechar-se;  
Por musica continua esta corrente,  
Que retine e chocalha em meus ouvidos,  
E de negros vergões me crava o corpo...  
Se eu pudesse dormir — um somno ao menos,  
Livré d'estas cadeias ! — porém como,  
Tendo por cabeceira um duro cepo,  
Este chão frio e humido por leito,  
E palhas por lençol ! — E porque causa ?  
Por uma opinião, por uma idéa  
Que meu pai recebeu de seus maiores  
E transmittio ao filho ! — E sou culpado !...  
É possível que os homens tão máos sejam,  
Que como um fêro tigre assim me tratem  
Por uma idéa occulta de minha alma ?  
Porque, em vez de seguir a lei de Christo,  
Sigo a lei de Moysés !... Mas quando, quando  
Esse Deus-homem, morto no Calvario,  
Prégou no mundo leis de fogo e sangue ?  
Quando, na cruz suspenso, deu aos homens  
O poder de vingar a sua morte ?  
Que direitos têm elles, que justiça,  
Mesmo por sua lei, de perseguir-nos ?...  
Oh que infamia ! Assim é qu'elles entendem  
Do seu legislador os mandamentos !...  
Leis d'amor, convertidas em leis de odio !  
E são elles christãos ! .. E assim manchando  
O nome de seu Deus, ousam mostrar-se  
Á face do universo, revestidos  
Com sagradas insignias, profanando  
Os templos, que deviam esmagal-os !  
E se inculcam de Deus santos ministros !  
Oh céos, que horror ! que atroz hypocrisia !



*(Depois de um momento de pausa, esforçando-se para mudar de posição, tinem as cadeias; fica apoiado sobre o braço, com a mão no chão, e com a outra levantada e segurando na cadeia, que o prende á pilastra, diz).*

Ai... já não posso... Dóe-me o corpo todo.  
 Como tenho este braço! *(Tomando uma larga respiração).*

O ar me falta...

Creio que morrerei n'esta masmorra  
 De fraqueza e tormento... O meu cadaver  
 Será queimado e a cinzas reduzido!  
 Oh que irrisão!... Quão vís são esses homens!  
 Como abutres os mortos despedaçam  
 P'ra saciar seu odio, quando a vida  
 De suas tristes victimas se escapam! *(Com indignação.)*  
 Não, eu não fugirei á vossa raiva;  
 Não mancharei meus dias derradeiros  
 Arrancando-me a vida; não, malvados;  
 Assaz tenho valor para insultar-vos  
 De cima da fogueira. A minha morte  
 Quero que sobre vós toda recaia.

*(Um momento de pausa, abaixa a cabeça como absorvido em algum pensamento, e sacudindo-a diz, com voz baixa e compassada).*

Morrer... morrer... Quem sabe o que é a morte?...  
 Porto de salvamento... ou de naufragio!...  
 E a vida?... um sonho n'um baixel sem leme...  
 Sonhos entremeiados d'outros sonhos,  
 Prazer que em dôr começa e em dôr acaba.  
 O que foi minha vida, e o que é agora?  
 Uma masmorra alumiada apenas,  
 Onde tudo se vê confusamente,  
 Onde a escassez da luz o horror augmenta  
 E interrompe o recondito mysterio.  
 Eis o qu'è vida!... Mal que a luz se extingue,  
 O horror e a confusão desaparecem,  
 O palacio e a masmorra se confundem,

Completa-se o mysterio... Eis o qu'è morte.  
 E minha alma?... essa em mim existe agora,  
 Como eu n'esta masmorra esclarecida;  
 Vai-se a vida, e minha alma será livre,  
 De Deus receberá novos destinos,  
 Ou irá repousar na eternidade.

*(Ouve-se o ruido do ferrolho que corre na porta que fica no alto da escada. Antonio José experimenta uma commoção repentina devida naturalmente ao rumor inesperado.)*

Oh meu Deus! quem será? estou tão fraco  
 Que o menor movimento me apavora!

D. J. G. DE MAGALHÃES, *Antonio José*, acto V, sc. 1.<sup>a</sup>.

---

## PHILOSOPHICAS

### A vida e o amor.

Quantos se afanam soffregos no mundo  
 No louco empenho de estender a fama;  
 Nescios! d'esse rumor, que o tempo leva,  
 Descaptivei minha alma.

Jazem extinctos na memoria nossa  
 Os que em tanto labor nos precedêram;  
 A funerea mudez abafa os echos  
 Em torno dos seus tumulos.

Ingratos, como nós, nossos vindouros,  
 Ao frio esquecimento hão de votar-nos;  
 No torvelim da vaga, que os arrasta,  
 Ha de o tempo envolvêl-os.



Repassado' do nada da existencia,  
Rejeito com desprezo inuteis lidas,  
E, isento de illusões, encaro a borda  
Do golphão insondavel.

Por um raio de amor, que nos anima,  
Constante n'alma jaz tristeza ou tédio ;  
Vale acaso existencia tão mesquinha  
O preço reclamado ?

Quero embalde sondar, jámais comprehendo,  
Em que terrivel lei se estriba o esphinge,  
Que a vida reproduz e após a entrega  
Apodrecida aos vermes.

Triste juizo humano ! Apenas sabe  
Que dia a dia o sêr se lhe evapora  
Entre a dôr e o prazer, allim deixando  
Descarnado arcabouço !

Eu maldissera os céos, se após a campa,  
Da fria multidão me não restasse  
Um peito, que por mim assiduo pulse,  
E não possa esquecer-me.

Tua dôr nobre e santa, ó terna amiga,  
Corresponda perpetua á extincta chamma ;  
Praz-me o teu semblante a frouxo sulquem  
Mil copiosas lagrimas.

É-me doce prever que ella um dia,  
Tombando ardentes na gelada argilla,  
Molharão tua voz, dirão meu nome  
Às auras do sepulchro.

Sei que o tempo veloz raro consente  
Affecto que perdure em peito humano,  
Porém (favor divino !) eterna magoa  
A amor os céos concedem !

## Os tumulos.

Longe risonhos engraçados sitios,  
 Frescos ribeiros, auras perfumadas ;  
 Esfriou nos meus labios o sorriso,  
 Nos meus olhos as lagrimas seccaram.  
 Foi-se até de chorar triste consolo ;  
 Gravosa idéa o espirito acobarda,  
 Quebra-me as forças ; já não vivo, existo ;  
 No futuro morri, morrendo o filho.  
 É mansão minha o olvido, que vingado  
 Via em virtudes, que no filho abriam.  
 Meiga filhinha, virtuosa esposa,  
 Orphãs conmigo, iguaes na desventura,  
 Vinde um adeus dizer ao irmão, ao filho.  
 Á noite cede o sol a etherea via ;  
 Longe de vãos prazeres, vamos juntos,  
 Por entre sepulturas vagueando.  
 Amargoso consolo, vem, saudade !

Pallida luz derrama, ó Phebo !  
 Sentidas queixas, triste gorgeando,  
 Desate suspirosa Philomela.  
 Mirtos, ornai amantes venturosos ;  
 Em torno a mim cyprestes mil negreguem.  
 Um ai alheio o misero consola :  
 Ninguem um ai me dá, ninguem me escuta !...  
 E compaixão procuro ?... anhele a morte :  
 A morte é refrigerio da desgraça,  
 É para o justo a noite de um bom dia,  
 A morte é nada, a eternidade é tudo.

Cercado estou de tumulos... abri-vos,  
 Reino da morte, abrigo do infortunio !  
 De chimeras caducas desengano,  
 Erguei-vos, d'estas pavorosas louzas !  
 Ossos mirrados, lividos, despegam  
 Fetidas carnes, podres ligamentos,  
 Que impuros vermes em silencio pascem :  
 Ascosos restos de formosas fórmas.



Eis os profundos admirados sabios,  
 Os reis altivos, grandes e temidos !  
 Nem teus visos, Belleza, aqui se extremam ;  
 Igual poeira dão cajado e sceptro,  
 Os farrapos do pobre e a régia purp'ra ;  
 Na sepultura tudo se confunde ;

Tudo assim passa, e a morte acaba tudo.  
 Da humana vida, a aurora, e o occáso tocam.  
 É como a luz da vida, apaga-a um sopro,  
 Sabemos vida ter porque sentimos,  
 Vem de fóra o sentir, a vida é nada.

Após honras serpeai, rasteiros entes,  
 Esse raio apagai que vence a morte,  
 A virtude : e depois mostrai-vos tumulos.

VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

### O devanear de sceptico.

Tout corps traîne son ombre et  
 tout esprit son doute.

(V. HUGO.)

Ai da avezinha, que a tormenta um dia  
 Desgarrára da sombra de seus bosques,  
 Arrojando-a em desertos desabridos  
 De bronzeo céo, de férvidas areias :  
 Adeja, vòa, paira... nem um ramo,  
 Nem uma sombra encontra onde repouse,  
 E vòa, e vòa, até que o alento  
 De todo lhe fallece ; — colhe as azas,  
 Cae na areia de fogo, arqueja e morre...  
 Tal é, minha alma, o fado teu na terra ;  
 O tufão da descrença desvairou-te  
 Por desertos sem fim, onde em vão buscas

Um abrigo onde pouses, uma fonte  
Onde apagues a sêde que te abraza !

. . . . .  
Ó mortal, porque assim teus olhos cravas  
Na abobada do céu? — Queres ver n'ella  
Decifrado o mysterio inescrutavel  
Do teu ser e dos seres que te cercam?  
Em vão teu pensamento audaz procura  
Arrancar-se das trévas que o circumdam,  
E no ardido vôo abalançar-se  
Ás regiões da luz e da verdade;  
Baldado afan! — No espaço ei-lo perdido,  
Como astro desgarrado de sua orbita,  
Errando ás tontas na amplidão do vacuo!  
Jámais pretendas estender teus vôos  
Além do escasso e pallido horizonte  
Que mão fatal em torno te ha traçado...  
Com barreira de ferro o espaço, o tempo,  
Em acanhado circulo fecharam  
Tua pobre razão: — em vão forcejas  
Por transpôr essa méta inexoravel;  
Os teus dominios entre a terra e os astros,  
Entre o tumulo e o berço estão prescriptos:  
Além, que enxergas tu? O vacuo e o nada!...  
Oh! feliz quadra aquella em que eu dormia  
Embalado em meu somno descuidoso  
No tranquillo regaço da ignorancia;  
Em minh'alma, como fonte limpida  
Dos ventos resguardada em quieto abrigo,  
Da fé os raios puros reflectia!  
Mas n'um dia fatal encósto á bocca  
A taça da sciencia; — senti sêde  
Inesgotavel a crestar-me os labios;  
Traguei-a toda inteira, mas encontro  
Por fim travor de fel; era veneno  
Que no fundo continha, era a incerteza!  
Oh! desde então o espirito da duvida,  
Como abutre sinistro, de continuo



Me passa sobre o espirito, e lhe entorna  
Das turvas azas a funerea sombra !  
De eterna maldição era bem digno  
Quem primeiro tocou com mão sacrilega  
Da sciencia na arvore vedada,  
E nos legou seus venenosos fructos...  
Si o verbo creador pairando um dia  
Sobre a face do abysmo, a um só aceno  
Evocava do nada a natureza,  
E do seio do cahos surgir fazia  
A harmonia, a belleza, a luz, a ordem,  
Porque deixou o espirito do homem  
Sepulto ainda em tão profundas trévas,  
A debater-se n'este cahos sómbrio,  
Onde embryões informes tumultuam,  
Inda aguardando a voz, que á luz os chame ?

Quando, espanicando as sombras somnolentas,  
Surge a auróra no coche radiante,  
Inundando de luz o firmamento,  
Entre o rumor dos vivos que despertam,  
Levanto a minha voz, e ao sol que se ergue  
Pergunto : — Onde está Deus ? — Ante meus olhos  
A noite os véos diaphanos desdobra,  
Vertendo sobre a terra almo silencio,  
Propicio ao scismador. — Então minha alma  
Dreprende os vôos nos ethereos páramos,  
Além dos sóes, dos mundos, dos cometas,  
Varando affouta a profundez do espaço,  
Anhelando entrever na immensidade  
A eterna fonte d'onde a luz emana...  
Ó pallidos fanaes, tremulos cirios,  
Que na esphera guiaes da noite o carro,  
Planetas que em cadencia harmoniosa  
No ether crystallino ides boiando,  
Dizei-me — Onde está Deus ? — Sabeis se existe  
Um ente cuja mão eterna e sabia  
Vos espargio pela extensão do vacuo,

Ou do seio do cahos desabrochastes  
 Por insondavel lei do cégo acaso?  
 Conheceis esse rei que rege e guia  
 No espaço infindo vosso errante curso?  
 Eia, dizei-me, em que regiões ignotas  
 Se eleva o throno seu inaccessible?

Mas em vão interrogo os céos e os astros,  
 Em vão do espaço a immensidão percorro  
 Do pensamento as azas fatigando!  
 Em vão — todo o universo immovel, mudo,  
 Sorrir parece de meu vão desejo!  
 Duvida — eis a palavra que encontro  
 Escripta em toda a parte: — ella na terra,  
 E no livro dos céos vejo gravada;  
 É ella que a harmonia das espheras  
 Entôa sem cessar aos meus ouvidos!  
 Vinde, ó sabios, alampadas brilhantes,  
 Que ardestes sobre as aras da sciencia;  
 Agora desdobrai ante meus olhos  
 Essas paginas, onde meditando  
 Em profundo scismar cahir deixastes  
 De vosso genio as vividas centellas:  
 Dai-me o fio subtil que me conduza  
 Pelo vosso intrincado labyrintho;  
 Rasgai-me a venda que me ennubla os olhos,  
 Guiai meus passos, que embrenhar-me quero  
 Do raciocinio nas regiões sombrias,  
 E surprender no seio de altas nuvens  
 O escondido segredo...

Oh! louco intento!

Em mil vigalias pallejou-me a fronte,  
 E amorteceu-se o lume de meus olhos  
 A sondar esse abysmo tenebroso,  
 Vasto e profundo, em que as mil hypotheses,  
 Os erros mil, os engenhosos sonhos,  
 Os confusos systemas se debatem,



Se confundem, se roçam, se abalroam  
 Em um cahos sem fim turbilhonando !  
 Attento a lhe escutar o seio lobrego  
 Em vão cancei-me ; n'esse afan penoso  
 Uma negra vertigem pouco a pouco  
 Me ennubla a mente, e a deixa desvairada  
 No escuro abysmo fluctuando incerta !

Philosophia ! dom mesquinho e fragil,  
 Pharol enganador de escasso lume,  
 Tu só geras um pallido crepusculo,  
 Onde giram phantasmas nebulosos,  
 Dubias visões que o espirito desvairam  
 N'um cahos de interminaveis conjecturas ;  
 Despedaça essas paginas inuteis,  
 Triste apanagio da fraqueza humana,  
 Em vez de luz amontoando sombras  
 No sanctuario augusto da verdade ;  
 Uma palavra só talvez bastára  
 P'ra saciar de luz meu pensamento :  
 Essa ninguem a sabe sobre a terra !...  
 Só tu, meu Deus, só tu dissipar podes  
 A, que os olhos me cerca, escura treva !  
 Ó tu, que és pai de amor e piedade,  
 Que não negas o orvalho á flôr do campo,  
 Nem o tenue sustento ao vil insecto,  
 Que de infinda bondade almos thesouros  
 Com profusão derramas sobre a terra,  
 Ó meu Deus, porque negas á minha alma  
 A luz que é seu alento e seu conforto ?  
 Porque exilaste a tua creatura  
 Longe do solio teu, cá n'este valle  
 De eterna escuridão ? — Acaso o homem,  
 Que é pura emanação da essencia tua,  
 E que se diz creado á tua imagem,  
 De adorar-te em ti mesmo não é digno,  
 De contemplar, gozar tua presença

De tua gloria no esplendor perenne ?  
 Oh ! meu Deus, porque cinges o teu throno  
 Da impenetravel sombra do mysterio ?  
 Quando da esphera os eixos abalando  
 Passa no céo entre abrazadas nuvens  
 Da tempestade o carro fragoroso,  
 Senhor, é tua colera tremenda  
 Que brada no trovão, e chove em raios ?  
 E o iris, essa faixa cambiante,  
 Que cinge o manto azul do firmamento,  
 Como um laço que prende aos céos a terra,  
 É de tua clemencia annuncio meigo ?  
 É tua immensa gloria, que resplende  
 No disco flammejante, que derrama  
 Luz e calor por toda a natureza ?  
 Dize, ó Senhor, que para mim são mudas  
 As paginas do livro do universo !...  
 Mas, ai ! que o invoco em vão ! elle se esconde  
 Nos abysmos de sua eternidade

. . . . .  
 Um echo só da profundez do vacuo  
 Pavaroso retumba, e diz duvida !...  
 Virá a morte com suas mãos geladas  
 Quebrar um dia esse terrivel sello  
 Que a meus olhos esconde tanto arcano ?

. . . . .  
 Ó campa ! — alta barreira inexoravel  
 Entre a vida e a morte levantada !  
 Ó campa, que mysterios insondaveis  
 Em teu escuro seio muda encerras ?  
 És tu acaso o portico do Elysio,  
 Que nos franqueias as regiões sublimes,  
 Onde a luz da verdade eterna brilha ?  
 Ou és do nada a fauce tenebrosa,  
 Onde a morte para sempre nos arroja  
 Em um somno sem fim adormecidos !  
 Oh ! quem pudera levantar affouto  
 Um canto ao menos d'esse véo tremendo,



Que encobre a eternidade...

Mas de balde

Interrogo o sepulchro, — e debruçado  
Sobre a voragem tetrica e profunda,  
Onde as extinctas gerações baqueiam?  
Inclino o ouvido, a vêr se um echo ao menos  
Das margens do infinito me responde!  
Mas o silencio, que nas campas reina,  
É como o nada — funebre e profundo...

. . . . .

Se ao menos eu soubesse que co'a vida  
Terminariam tantas incertezas,  
Embora os olhos meus além da campa,  
Em vez abrir-se para a luz perenne,  
Fossem na eterna escuridão do nada  
Para sempre apagar-se... — mas quem sabe?  
Quem sabe se depois d'esta existencia  
Renascerei — para duvidar ainda?!...

BERNARDO GUIMARÃES.

---

## A alma.

### I

Aqui da frente é que desponta a aurora,  
Aqui do peito só que o amor se exhala:  
Grega sublime, Psyché formosa,  
N'um sonho doce quem te ouvira a falla,  
O riso meigo, o harmonioso aneio  
Dos teus enlevos!... Nas madeixas tuas  
Ah! quem pousára de um suspiro, ao menos,  
O tenue mimo... nas espaldas nuas!

Mas, sonhadora, que altivez é essa?  
Deixando os labios, vais beijar as flôres?  
Dá que o teu seio deslumbrante e meigo  
Nos mostre a vida dentro em seus fervores.

O vento fresco das manhãs saudosas,  
 O azul da vaga, que desperta agora,  
 Todo o susurro, que os jasmims ondeiam,  
 Por tuas graças é que tudo adora.

Oh! bella imagem das ternuras brandas,  
 O teu perfume pelo céu foi feito;  
 Tu, que acordaste de uma scisma aos frocos  
 Envolta, e núa do sidereo leito,  
 Lindo o teu corpo, que as paixões desfolhas  
 Já de cansadas de te vêr ausente,  
 Dize — nas dobras de teu seio — occulta  
 Tambem uma alma não palpita e sente?

## II

Como que a vida se evapora em risos,  
 Lá no sacrario d'essa noiva santa!  
 As nuvens louras dos cabellos soltos,  
 Rosada a bôca, que as manhãs encanta,  
 Inda mais bella si ás estrellas falla,  
 Não... não é tudo... mas o puro espanto  
 Dos seus olhares, que reflectem mudos  
 A gloria e a sorte em divinal quebranto?!

Sim, vêr-lhe o corpo na expressão de um sonho,  
 Fingida a neve pela côr das rosas,  
 Tão transparente, que a sua alma em extase  
 Mostra-se toda nas feições mimosas,  
 Vêr como um susto lhe descóra a face,  
 Como um anhelos lhe entumece o seio,  
 É ter a fronte sepultada em brilhos,  
 Longe os mysterios desvendando a meio.

Sentir-lhe a vida perfumosa, em ondas  
 Rolando cheia, borbulhando em flôres,  
 E sob o collo lhe vêr a alma aberta  
 Em seus effluvios, lá nos seus fulgores,



Bello espectáculo! E como todo o riso  
São devaneios, são caprichos vagos,  
Como os desejos os ondulamentos  
De alguma idéa que suspira affagos!...

## III

O céu brilhante d'essa plaga hellenica  
Sopra a bafagem perfumosa e amena,  
E lá dos astros desce o encanto fulgido,  
A paz, a calma, a mansidão serena.  
E com os enleios de sereia languida,  
E com os arroubos de bacchante louca,  
Todos os sonhos, palpitanes, tumidos,  
Abrem a azas... A amplidão é pouca!

É da alma a empreza. Que expansões suaves!  
Assim Homero devassára a sorte,  
Platão entrava na sortida, ás vezes,  
Trazendo sempre mais um raio forte.  
Aqui da America na agitada arena  
Cada um suspiro traz um céu no fundo;  
A cada idéa não sacia um astro,  
Que nós sentimos vacillar o mundo.

Sim, nós provamos que o tufão que passa  
Traz-nos de longe alguma nova infinda;  
Que a flôr aberta á madrugada amavel  
Sabe um segredo que não disse ainda.  
Voai, desejos! aquecei-vos todos  
Á luz sagrada d'este sol que brilha,  
Mas que parece que também procura  
D'outras grandezas a sonhada trilha.

SYLVIO ROMÉRO.

**Dous impossiveis.**

Jámais! quando a razão e o sentimento  
Disputam-se o dominio da vontade,  
Se uma nobre altivez nos alimenta  
Não se perde de todo a liberdade.

A luta é forte : o coração succumbe,  
Quasi nas ancias do lutar terrivel :  
A paixão o devora quasi inteiro,  
Devoral-o de todo é impossivel!

Jámais! A chamma crepitante lastra,  
Em curso impetuoso se propaga.  
Lancem-lhe embora pranto sobre pranto,  
É inutil, que o fogo não se apaga.

Mas chega um ponto em que lhe acena o impeto,  
Em que não queima já, nem martyrisa,  
Em que, tristeza branda e não loucura,  
Á razão se sujeita e se harmonisa.

E n'esse ponto de indizivel tempo,  
Como por mysterioso encantamento,  
O sentir á razão vencer não póde,  
Nem a razão vencer ao sentimento.

No fundo de noss'alma um espectaculo  
Se levanta de triste magestade :  
Se de um lado a razão seu facho accende,  
Do outro os lirios seus planta a saudade.

Melancolica paz domina o sitio,  
Só da razão o facho bruxoleia,  
Quando por entre os lyrios da saudade  
Do zelo semi-morto a serpe ondeia!



Dous limites então na actividade  
Conhece o sêr pensante, o sêr sensivel:  
Um impossivel — a razão escreve,  
Escreve o sentimento outro impossivel!

Amei-te! os meus extremos compensaste  
Com tanta ingratidão, tanta dureza,  
Que assim como adorar-te foi loucura,  
Mais extremos te dar fôra baixeza.

Minh'alma nos seus brios offendida  
De prompto a seus extremos pôz remate,  
Que, mesmo apaixonada, uma alma nobre,  
Desespera-se, morre, não se abate.

Póde queimar-se inteira a felicidade  
Do teu olhar de fogo inextinguivel?  
Acabar minha crença e meu futuro,  
Aviltar-me? jámais! É impossivel!

Mas a razão, que salva da baixeza  
O coração depois de idolatrar-te,  
Me anima a abandonar-te, a não querer-te;  
Mas a esquecer-te, não : sempre hei de amar-te!

Porém amar-te d'esse amor latente,  
Raio de luz celeste e sempre puro,  
Que tem no seu passado o seu presente,  
E tem no seu presente o seu futuro.

Tão livre, tão despido de interesse,  
Que para nunca abandonar seu posto,  
Para nunca esquecer-te, nem precisa  
Beber, te vendo, vida no teu rosto.

Que, desprezando altivo quantas graças  
No teu semblante, no teu porte via,  
Adora respeitoso aquella imagem  
Que d'elle copiou na fantasia.

LAURINDO REBELLO.

### Porque canto ?

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
 E vaga, e vaga, aligera e perdida  
 Pelas solidões do firmamento ethereo,  
 Bem como o seraphim, que esguarda os mundos,  
 Livre os celestes páramos percorre ?  
 Porque penetra ás vezes, arrojada,  
 Nos mysterios reconditos do Eterno ,  
 E toda entorna-se a seus pés — bem como  
 O alabastro de nardo aos pés do Christo?  
 Porque se abraça em incorporeo amplexo  
 Co'os angelicos sêres de além-astros,  
 E, como a chave das eternas portas,  
 Abre os thesouros do poder do Altissimo  
 E n'elles bebe inexauriveis gozos ?

Porque Deus — substancia eterna —  
 Donde minh'alma baixou,  
 Quer ás vezes que ella suba  
 Ás delicias que deixou.

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
 E por entre deliquios exaltados  
 Desce ás fataes, exteriores trévas,  
 Aos insondaveis boqueirões do inferno,  
 Bem como o anjo da soberba outr'ora  
 Pela invisivel dextra fulminado ?  
 Porque prova um prazer terrivel, forte,  
 Em vêr a imagem d'esse horror tremendo,  
 Em vêr a face d'esse cahos torvado,  
 Em vêr o orgulho do peccado infindo ?  
 Porque do fundo da gehenna ardente  
 Sentir procura as emoções mais barbaras,  
 Gostar deseja sensações de fogo,  
 Como procura a fatua mariposa  
 Chammas de luz, que ha de talvez queimal-a ?



Porque Deus tambem ás vezes  
Para os abysmos nos lança,  
Para vermos seus castigos,  
Seus thesouros de vingança !

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
E sente em si um vacuo desmedido,  
Uma infinita inanição ignota,  
Como talvez o espaço, o qual se estende,  
Se derrama e se perde a nossos olhos ?  
Porque procura — sequiosa, arfando —  
Encher esse vasio indefinivel,  
Qual para labios torridos, queimados,  
Enche-se um calix de crystal suave ?  
Porque procura um coração estranho,  
Qualquer embora — mas que o seus não seja,  
Para n'elle fundir-se inteiro, inteiro,  
Como varios metaes de varias sortes  
Ao mesmo fogo identicos se ligam ?

Porque Deus — saber eterno —  
Taes a nós nos quiz formar :  
Quiz a hera unida ao tronco,  
Quiz a terra unida ao mar.

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
E voga pelo mundo, e julga os homens,  
Qual severo juiz, e os escarnece,  
E, compondo um sarcasmo ás phrases suas,  
Co'o riso de Democrito os insulta ?  
Porque descrê das affeições, que mostram,  
Francos, singelos como o rir do infante ?  
Porque despreza um coração de amigo,  
Que o foi por tempos, na apparencia ao menos,  
E falsario, traidor, demonio o chama,  
Por um assomo de suspeita ou colera ?  
Porque da creação blasphema ás vezes,  
E tem por máos os sentimentos do homem,

E a natureza dos mortaes exprobra  
 Ante o Senhor, que nòl-a deu tão justa?

Porque Deus tambem ás vezes  
 O braço de nós retira,  
 Para vermos os perigos  
 Em que noss'alma se atira!

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
 E n'um enlevo mentiroso sonha,  
 E dá no seio de um prazer sem termos,  
 Esbarrando no amor, como na imagem  
 Da ventura maior que o mundo offerta?  
 Porque se abraça n'este amor terrestre,  
 E as emoções mais physicas apura,  
 E as quer, e as busca, e tresloucada as ama  
 Co'a mesma devoção que aos céos dedica?  
 Porque em tal modo, o espirito embrutece,  
 E vai su'alma estúpida tornando,  
 Que ás plantas da mulher, que d'elle zomba,  
 Chega a prostrar-se, e jura-lhe perverso  
 Paixão eterna, além da campa : — e o corpo  
 Dar ao martyrio por amor promette?

Porque Deus deixa a materia  
 Ter tambem sua victoria,  
 Para que — quando a alma vença —  
 Brilhe maior sua gloria.

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
 — E quanto fui beber no céo, no inferno,  
 No mundo, em tudo, que medito ou vejo,  
 Por meus labios de vate se derrama  
 Em torrentes de harmonica linguagem?

Porque Deus pôz em meu peito  
 Um thesouro de harmonia :  
 Deu-me a sina de seus anjos,  
 Deu-me o dom da poesia.



**Cantico do Calvario.**

Eras na vida a pomba predilecta  
Que sobre um mar de angustias conduzias  
O ramo da esperança. — Eras a estrella  
Que entre as neves do inverno scintillava,  
Apontando o caminho ao peregrino.  
Eras a messe do dourado estio,  
Eras o idyllio de um amor sublime,  
Eras a gloria — a inspiração — a patria,  
O porvir de teu pai! — Ah! no emtanto,  
Pomba — varou-te a flecha do destino!  
Astro — enguliu-te o temporal do norte!  
Tecto, caliste! — Crença, já não vives!

Correi, correi, oh! lagrimas saudosas,  
Legado acerbo da ventura extincta,  
Dubios archotes que a tremer clareiam  
A lousa fria de um sonhar que é morto!  
Correi! Um dia vos verei, mais bella  
Que os diamantes de Ophir e de Golconda,  
Fulgurar na corôa de martyrios  
Que me circumda a fronte scismadora!  
São mortos para mim da noite os fachos;  
Mas Deus vos faz brilhar, lagrimas santas,  
E á vossa luz caminharei nos ermos!  
Estrellas do soffrer — gottas de magoa,  
Brando orvalho do céu! — Sêde bemditas!  
Oh! filho de minh'alma! Ultima rosa  
Que n'este solo ingrato vicejava!  
Minha esperança amargamente doce!

Quando as garças vierem do occidente,  
Buscando um novo clima onde pousarem,  
Não mais te embalarei sobre os joelhos,  
Nem dos teus olhos no ceruleo brilho  
Acharei um consolo aos meus tormentos!  
Não mais invocarei a musa errante

N'esse retiro, aonde cada folha  
Era um polido espelho de esmeralda,  
Que reflectia os fugitivos quadros  
Dos suspirados tempos que se foram!  
Não mais perdido em vaporosas scismas  
Escutarei, ao pôr do sol, nas serras,  
Vibrar a trompa sonora e leda  
Do caçador que aos lares se recolhe!

Não mais! A areia tem corrido, e o livro  
Da minha infinda historia está completo!  
Pouco tenho de andar! Um passo ainda,  
E o fructo de meus dias, negro, podre,  
Do galho eivado rolará por terra!  
Ainda um threno, e o vendaval sem freio,  
Ao soprar, quebrará a ultima fibra  
Da lyra infausta que nas mãos sustenho!  
Tornei-me o echo das tristezas todas  
Que entre os homens achei! o lago escuro,  
Onde ao clarão dos fogos da tormenta  
Miram-se as larvas funebres do estrago!  
Por toda a parte onde arrastei meu manto,  
Deixei um traço fundo de agonias!

Oh! quantas horas não gastei, sentado  
Sobre as costas bravias do oceano,  
Esperando que a vida se esvahisse  
Como um floco de espuma, ou como o frizo  
Que deixa n'agua o lenho do barqueiro!  
Quantos momentos de loucura e febre  
Não consumi perdido nos desertos,  
Escutando os rumores das florestas,  
E procurando n'essas vozes torvas  
Distinguir o meu cantico de morte!  
Quantas noites de angustias e delirios  
Não velei, entre as sombras espreitando  
A passagem veloz do genio horrendo



Que o mundo abate ao galopar infrene  
Do selvagem corcel? — E tudo embalde!  
A vida parecia, ardente e douda,  
Agarrar-se a meu sêr!... E tu, tão joven,  
Tão puro ainda — ainda na alvorada,  
Ave banhada em mares de esperança,  
Rosa em botão, chrysalida entre luzes,  
Foste o escolhido na tremenda ceifa!

Ah! quando a vez primeira em meus cabellos  
Senti bater teu halito suave;  
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo  
Pulsar-te o coração divino ainda;  
Quando fitei teus olhos socegados,  
Abysmos de innocencia e de candura,  
E baixo e a medo murmurei : — meu filho!  
Meu filho! phrase immensa, inexplicavel,  
Grata como o chorar de Magdalena  
Aos pés do Redemptor... ah! pelas fibras  
Senti rugir o vento, incendiado  
D'esse amor infinito que eternisa  
O consorcio dos orbes que se enredam  
Dos mysterios do sêr na tã augusta!  
Que prende o céo á terra e a terra aos anjos!  
Que se expande em torrentes inefaveis  
Do seio immaculado de Maria!

Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!  
E de meu erro a punição cruenta  
Na mesma gloria que elevou-me aos astros,  
Chorando aos pés da cruz hoje padeço!

O som da orchestra, o retumbar dos bronzes,  
A voz mentida dos rafeiros bardos,  
Torpe alegria que circumda os berços  
Quando a opulencia doura-lhes as bordas,  
Não te saudaram o sorrir primeiro,  
Clicia mimosa, rebentada á sombra!

Mas ah! se pompas, esplendor, faltaram-te,  
 Tiveste mais que os principes da terra!  
 Templos, altares de affeições sem termos!  
 Mundos de sentimento e de magia!  
 Cantos dictados pelo proprio Deus!  
 Oh! quantos reis que a humanidade aviltam,  
 E o genio esmagam dos sorberbos thronos,  
 Trocariam a purpura romana  
 Por um verbo, uma nota, um som apenas  
 Dos fecundos poemas que inspiraste!

Que bellos sonhos! Que illusões bemditas  
 Do cantor infeliz lançaste á vida,  
 Arco-iris de amor! luz da alliança,  
 Calma e fulgente em meio da tormenta!  
 Do exilio escuro a cithara chorosa  
 Surgio de novo, e ás virações errantes  
 Lançou diluvios de harmonia! — O gozo  
 Ao pranto succedeu. As ferreas horas  
 Em desejos alados se mudaram:  
 Noites fugiam, madrugada vinham,  
 Mas sepultado n'um prazer profundo  
 Não te deixava o berço descuidoso,  
 Nem de teu rosto meu olhar tirava,  
 Nem de outros sonhos que dos teus vivias!

Como eras lindo! Nas rosadas faces  
 Tinhas ainda o tépido vestigio  
 Dos beijos divinaes — nos olhos languens  
 Brilhava o brando raio que accendêra  
 A benção do Senhor quando o deixaste!  
 Sobre o teu corpo a chusma dos anjinhos,  
 Filhos do ether e da luz, voavam,  
 Riam-se alegres, das caçoulas niveas  
 Celeste aroma te vertendo ao corpo!  
 Eu dizia commigo: — teu destino  
 Será mais bello que o cantar das fadas



Que dançam no arrebol — mais triumphante  
Que o sol nascente derribando ao nada  
Muralhas de negrume!... Irás tão alto  
Como o passaro-rei do Novo-Mundo!

Ai! doudo!... Uma estação passou-se,  
E tantas glorias, tão risonhos planos  
Desfizeram-se em pó! O genio escuro  
Abrazou com seu facho ensanguentado  
Meus soberbos castellos. A desgraça  
Sentou-se em meu solar, e a soberana  
Dos sinistros imperios de além-mundos  
Com seu dedo real sellou-te a fronte!  
Inda te vejo pelas noites minhas!  
Em meus dias sem luz, vejo-te ainda;  
Creio-te vivo, e morto te pranteio!

Ouçõ o tanger monotono dos sinos,  
E cada vibração contar parece  
As illusões que murcham-se contigo!  
Escuto em meio de confusas vozes,  
Cheias de phrases pueris, estultas,  
O linho mortuario que retalham  
Para envolver teu corpo! Vejo esparsas  
Saudades e perpetuas — sinto o aroma  
Do incenso das igrejas — ouço os cantos  
Dos ministros de Deus, que me repetem  
Que não és mais da terra!... E choro embalde.  
Mas não! Tu dormes no infinito seio  
Do Creador dos seres! Tu me fallas  
Na voz dos ventos, no chorar das aves,  
Talvez das ondas no respiro flebil!  
Tu me contemplas lá do céu, quem sabe,  
No vulto solitario de uma estrella.  
E são teus raios que meu estro aquecem!  
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!  
Brilha e fulgura no azulado manto,

Mas não te arrojés, lagrima da noite,  
 Nas ondas nebulosas do occidente!  
 Brilha e fulgura! Quando a morte fria  
 Sobre mim sacudir o pó das azas,  
 Escada de Jacob serão teus raios  
 Por onde asinha subirá minh'alma,

FAGUNDES VARELLA.

### Nenia.

Nictheroy, Nictheroy, que é do sorriso  
 Donoso de ventura, que teus labios  
 Outr'ora enfeitiçava? Côr de jambo,  
 Pelo sol d'estes céos enrubecido,  
 Já não são tuas faces; nem teus olhos  
 Lampejam de alegria. — Que é da c'róa  
 De madresilva, de cecens e rosas,  
 Que a fronte engrinaldava? — Eil-a de rojo  
 Traspassada de pranto, e as flôres murchas  
 Mirradas pelo sópro do infortunio...  
 De teus formosos olhos se desatam  
 Dous arrosios de lagrimas; tu choras,  
 Desventurada mãe, a perda infausta  
 Do filho teu amado: e que outro filho  
 Mais sincero chorar ha merecido?!

Da noite o furacão prostrou tremendo  
 Audaz jequitibá, que ainda na infancia  
 Co'a cima excelsa devassava os céos!  
 — Eu o vi pelos raios matutinos.  
 Do sol, apenas nado, auri-tingido,  
 Inda sepulta em trévas a floresta!  
 Eu o vi, e asylou-me a sua sombra,



Tambem sou filho teu, oh! minha patria,  
E o melhor dos amigos hei perdido,  
Da minha guarda o anjo... Eia, deixemos  
Amargurado pranto deslisar-se  
Por faces, onde o riso só folgára :  
Que elle mitigue dôr que não tem cura!  
Eu disse; — e magestosa a bella ergueu-se  
A princeza do valle... Eil-a que os olhos  
Crava nos céos, e aos céos as mãos levanta ;  
De tanta desventura enternecida,  
A viração da tarde parecia  
Com ella suspirar, gemer-lhe em torno,  
As luzidias tranças espargindo-lhe  
Pelo moreno collo tão formoso.  
O sol já descambava p'ra o occidente,  
E em cima das montanhas, semelhando  
Um cirio acceso pela mão dos se'los,  
A fronte illuminava-lhe : — dirieis  
Que da maternidade o genio augusto,  
Ante do Eterno, as aras magestosas,  
Que a natureza por si mesma erguêra,  
Sobrepondo a montanhas altos serros,  
Lenitivo a seus males implorava.  
— Oh! que mais lhe restava no infortunio  
Senão volver pr'a o céo olhos maternos  
Para o céo, derradeiro, unico abrigo,  
Onde a esp'rança de vêl-o se acoutava? —  
Ouvi que ella dizia :

« — Oh! meu filho,  
Entre milhares, filho o mais prezado ;  
Oh! meu anjo, porque me abandonaste?  
Ainda hontem, pendente de meu seio,  
Com sorrisos aos beijos re-pondias,  
Que amor de mãi nos labios te arroiava.  
De mil aromas perfumada a briza.  
Embalava teu berço na palmeira,  
E as rosas das campinas desfolhavam-se,  
Por que teu vimeo leito amaciassem :

Oh! de meus filhos, filho o mais prezado :  
Oh! meu anjo, porque me abandonaste? !...

Ao donoso raiar da juventude  
Vi-o mais bello do que o sol de julho,  
Que, desfeita a neblina, alto resplende!  
De louro mel os labios borrifou-lhe  
Mimosa jatahy; — branca açucena  
Mais candida não era que seu peito —  
Puro como os desejos da innocencia!  
Ingenua sympathia lhe espargira  
Um não sei que de amavel no semblante,  
Que vê-o era prezal-o; — a fronte augusta  
Trahia o genio que alma lhe accendia...  
Oh! de meus filhos ufanía e gloria,  
Oh! meu anjo, porque me abandonaste? —  
Que é feito do condor que o vôo hardido  
Arrojava por cima d'esses Andes?  
Dos céos nas sendas transviou-se acaso?  
. . . . . Ai! quão triste,  
Quão sósinha deixou-me na floresta,  
Gemendo de saudade! Vem, meu filho,  
Consolo de meus males, minha esp'rança;  
Oh! meu anjo, porque me abandonaste? —

Tal como o rouco som das rôtas vagas,  
Que contra as penedias bramam furias,  
Confuso borborinho ao longe echôa  
De gente que approxima : — Eil-os — meus filhos! —  
Seus semblantes são pallidos; o genio  
Lampeja nos seus olhos scintillantes!  
— Marchai ávante, prole de esperanza,  
Á gloria, á gloria, que o futuro é nosso...—  
Mas que é d'elle? Não vai na vossa frente!  
Oh! que é feito do rei da mocidade,  
Tupá, Tupá, oh! numen de meus páis!



Qual magestoso Chimborazo, esbelto,  
 Alcantilado collo d'entrê os picos  
 Dos desvairados Andes, oh! meu filho,  
 Em meio d'essas turmas avultavas! —  
 Oh, Tupá! oh, Tupá! que mal te hei feito!

Não guiarei a turma das donzellas,  
 Quando, choréas-rápidas tecendo,  
 Por princeza dos jogos me acclamarem.  
 — Minhas irmãs, eu lhes direi, deixai-me  
 Na solidão chorar minhas desgraças;  
 Sem dó nem compaixão, roubou-me a morte  
 Do meu cocar a penna mais mimosa;  
 A joia peregrina do meu cinto,  
 O lirio mais formoso das campinas,  
 O lume de meus olhos! — Oh! meu filho,  
 Inda canta a araponga, e o rio volve  
 Na ruiva arêa a lobrega corrente;  
 Inda retouca a lorangeira a comã  
 Verde-negra de flôres alvejantes;  
 E tu já não existes! . . . . . »

Primeiro volverão sec'los e sec'los,  
 Que outra palmeira tão gentil se ostente  
 N'estas florestas altas, gigantescas!  
 Como estalaram tantas esperanças  
 N'um momento de dôr! — Eia, dizei-m o,  
 Erguidas serras, broncas penedias...  
 Oh, Tupá! oh, Tupá! que mal te hei feito?!... —  
 Não pôde mais dizer... por entre as mattas,  
 Como um sonho, ligeira, a vi sumir-se.  
 E o ôco som das vagas nos cachópos,  
 E o sibilo dos ventos nas florestas,  
 E o echo das montanhas e dos valles,  
 A modo que n'um côro magestoso  
 Inda as ultimas queixas repetiam:  
 Oh, Tupá! oh, Tupá! que mal te hei feito?..

## Na sepultura

de meu irmão o major Eduardo Emiliano da  
Fonseca, commandante do 40.º corpo de Vo-  
luntarios da Patria, morto gloriosamente no  
combate de Itororó, em 6 de Dezembro de 1868.

Dorme, oh lutador, que assaz lutaste !

G. DIAS.

Sim, dorme, dorme em paz.

A pouca terra

Em que descansas, que te guarda o corpo,  
Compraste-a a preço do teu sangue heroico...  
— Teus sonhos de mancebo, teus anhelos,  
Anceios, esperanças do futuro,  
Tudo por ella dêste — e a vida e a gloria !  
Oh ! dorme, dorme em paz na sepultura !  
É terra tua, dorme...

Quando intrepido

Ao som electrizante da corneta

Que á carga ordena,

Arremeteste á frente dos teus bravos,  
E *primus inter pares*, carregaste  
Sobre o inimigo, seus canhões tomando,  
Não pensavas, talvez, — fosse teu leito,  
— Ultimo leito ! o campo da victoria.  
E quando reformando os teus quadrados  
Reducto d' aço, inquebrantavel, forte,  
Vencedor do inimigo tantas vezes  
Quantas elle atacou, — alfim sentiste  
Fugir-te a voz no sangue que ás golfadas  
Encheu-te a fauce... — e c'o gladio, apenas  
Acenavas á carga,  
A voz supprindo que a manobra ordena,  
— Ahi sentiste — e perto — o leito heroico  
De lidador que cahe ;  
Entrevistel-o, talvez na furia horrenda,  
Na horrida pujança...



— Foi um instante só... e já voavas  
 No ardego corcel em poz da gloria !...  
 — Foi um intante só... e novo raio  
 De Mavorte cruel tocou-te o cerebro.

Cahiste, heróe, á frente de teus bravos...  
 Com a espada assignalaste a sepultura...  
 Compraste-a com teu sangue... — É tua, dorme !

Sim, dorme, dorme em paz !

Tens por cruzeiro

Á tua cabeceira a cruz de um sabre,  
 Por magestoso templo a Natureza  
 E por zimborio o céo. São candelarios  
 As estrellas e o sol ; são-te epitaphio  
 Uma alampada, o sabre e a marcia tuba  
 Que mão amiga ahí depoz, piedosa,  
 Por unico signal.

Cantam-te as glorias

As meigas avesinhas das florestas,  
 E o *itororó* das aguas que se esbatem  
 A saltar pedra a pedra a cachoeira,  
 Gemendo marulhosas sob a ponte,  
 Theatro de teus feitos,  
 N'esse teu grande e derradeiro dia !

Ai! dorme, dorme em paz...

Não agoureiras

Aqui ululam merencorias aves  
 Te perturbando o somno ; nem sacrilegas  
 As vozes de importunos curiosos  
 Quebram ruidosas a mudez dos ermos,  
 — Só da floresta o farfalhar queixoso,  
 Das meigas aves o mimoso canto  
 Acalentam-te o somno derradeiro...  
 — E o som das aguas d'esse *arroio* celebre  
 Rumorejando a se esbater nas rochas  
 — se a placidez de teu descanso turbam,

Cantam-te os feitos n'essa heroica luta,  
 Cantam-te os louros que lucraste n'ella.

Dia por dia, apoz quatro annos feitos  
 Do teu primeiro prelio a gloria prima,  
 Cahiste, lidador!... baqueou-te o braço  
 Desfallecido, inerte... — e a espada invicta,  
 Que desde Paysandú e Riachuelo  
 Sempre ao triumpho conduzio teus bravos,  
 Cessou de lhes mostrar a senda heroica,  
 Rolou no chão, viuva de teu braço...

— Dia por dia, apoz quatro annos feitos!  
 Sorte fatal!... Ao mesmo tempo, quasi,  
 Em que tua alma nobre e generosa  
 A deusa da victoria aos céos levava  
 A reunil-a aos manes gloriosos  
 De Hyppolito e Affonso, — o ferro imigo  
 Rompia as carnes a Deodoro e Hermes

Irmãos todos na liça,

Irmãos no sangue, irmãos todos na gloria!

*Itororó!*... na tua ponte angusta  
 Legaste ao mundo nome immorredouro!  
 — Combate de gigantes!... n'essa ponte  
 Seis vezes investida e seis tomada,  
 Á gloria ergueste bem crueis altares!  
 Tiveste n'este dia novas fontes  
 A soberbar-te o curso. As tuas ondas  
 Rubras correram, sangue de mil bravos!...  
 ... E caso incrivel nos annaes da Historia,  
 D'envolta ás ondas turvas e sangrentas  
 Corpos aos cem, em turbilhão, se chocam,  
 Precipitam-se e vão de rocha em rocha

Da torrente no vortice.

— Que luta e que horrores! N'essa hora  
 Era, ó funebre arroio, — essa cascata

Cascata de cadáveres!



Quanto sangue, meu Deus !

— Ai, pobre Patria,

Compras bem caro os louros d'este dia !

A flôr dos teus soldados, quasi toda,

Ahi verteu por ti seu nobre sangue

Se não cahio exanime, prostrada.

Aqui, sómente em tão restricto espaço

Eu vejo, par a par, no somno eterno

Azevedo, Machado, Eduardo e Guedes...

— E os outros?... e mil outros?... onde jazem ?

— Ai, victoria fatal !... gloria funesta !...

— Aqui, ali, bem perto, além, ao longe,

Quantos destroços d'esse dia, quantos !...

— Aqui as furias se fartaram em sangue !...

— Podres correias, gôrros já sem fórmas,

Restos de fardas, de fusis quebrados,

De rotos sabres, de partidas lanças,

Em toda a parte e sempre !...

— Quanta metralha pelo chão esparsa !...

— Quanto pelouro arremessou a morte !...

Presos ainda ao pedregal do abysmo

Esparsos na campina, entre os baledos,

A orla das estradas, na floresta,

— Ai !... quanto craneo a alvejar ao tempo !

Que sorte a do soldado !... tanto brio

Tanto arrojo e valor, — ah ! — tanta vida

Preso a voz do canhão — de um sabre ao fio !...

Pobres valentes... se lençol ligeiro

De terras soltas inhumou seus corpos,

Veio o pampeiro e os exhumou de novo !

A ti, meu pobre irmão, bondosa e amiga

Mão protectora veio abrir-te o leito

Do teu ultimo somno ; e previdente

Para amparar-te do furor nos tempos

Te ergueu de leivas, mausoléo relvoso ;  
 — E á falta de epitaphio assignalou-te  
     A mansão derradeira  
 — Com esse sabre — que uma cruz suppriu-te,  
 — Com essa alampada á teu pés poisada,  
 — Com a mavorcia tuba, que nos prelios  
 Transmitta a voz do mando e excita os bravos.

Pois, dorme, dorme em paz na nobre campa.  
 Mais feliz do que Hippolyto, não foste  
 Por selvagem inimigo trucidado  
 No proprio campo onde arrojou o luto  
     E o heroismo extremo ;  
 — Mais feliz do que Affonso, o pobre martyr  
 Que envolto no pallão sempre adorado  
 Os membros teve rotos á metralha,  
 E por sepulchro a valla em chão ignoto,  
 — Tu tens, Eduarda, a tumba assignalada  
 Sabem os teus a caverna onde repousas,  
 E onde um dia buscam reverentes  
     Teus restos preciosos.

Dorme em paz á sombra do Cruzeiro  
 Da dupla cruz, que á cabeceira ergui-te.

Se o céu propício fôr á mão que os planta,  
 — Hão de brotar jasmims no teu sepulchro  
     E rosas nos dos outros.

Dorme, dorme em paz !...

    A pouca terra

Em que descansas, — que te cobre o corpo,  
 Compraste-a com teu sangue...

    — É tua... dorme !...

JOÃO SEVERIANO DA FONSECA.



**A saudade branca.**

Que tens, mimosa saudade?  
 Assim branca quem te fez?  
 + Quem te pôz tão desmaiada,  
 Minha flôr? Que pallidez!...

Ah!... já sei: n'um peito vario  
 Emblema foste de amor:  
 - O peito mudou de affecto,  
 E tu mudaste de côr.

Mas não; só peito animado  
 - Por constancia e lealdade,  
 Unida póde trazer-te  
 Cômsigo, minha saudade.

Demais tu não mudas: seja  
 Qual fôr o destino teu,  
 + Conservas sempre o aspecto  
 Que a natureza te deu.

Que tens, mimosa saudade?  
 Assim branca quem te fez?  
 / Quem te pôz tão desmaiada,  
 Minha flôr? Que pallidez?

Quem sabe si és flôr, saudade?  
 Quem sabe? Da sepultura  
 / Amor nas pedras penetra  
 Por milagre da ternura.

Quem sabe... (Oh! meu Deus não seja,  
 Não seja esta idéa vã!)  
 Se em ti não foi transformada  
 A alma de minha irmã?!

« Minh'alma é toda saudades ;  
« De saudades morrerei » —  
Disse-me, quando a minh'alma  
Em saudades lhe deixei :

E agora esta saudade  
Tão triste e pallida... assim  
Como a saudade que geme  
Por ella dentro de mim !..

A namorar-me os sentidos !  
A fascinar-me a razão !...  
Julgo que sinto a voz d'ella  
Fallar-me no coração !

Exulta, minh'alma, exulta !...  
Aos meus labios flôr louçã !  
No meu peito... Toma um beijo...  
Outro beijo, minha irmã !

Outro beijo, que estes beijos  
Não te prohibe o pudor ;  
Sou teu irmão, não te mancham  
Os beijos do meu amor.

Falla um pouco. Se almas podem  
Em flôres se transformar,  
Sendo almas encantadas,  
As flôres podem fallar,

Mas não fallas?... não respondes ?...  
Oh ! crueis enganos meus !  
Saudade, porque me illudes ?  
Minha irmã !... Meu Deus !... Meu Deus !...

Minha irmã !... minha ventura,  
Esperança, encanto meu !  
É teu irmão quem te chama...  
Responde: falla !... Sou eu !



Dista muito o céo da terra?  
Os anjos azas não tem?  
Desata um yôo, meu anjo! Vem!

Vem! ao menos um momento  
Quero vêr-te, irmã querida:  
Embora, depois de vêr-te,  
Fique cégo toda a vida.

Mas não vens! Deus te não deixa  
Vir ao mundo, meu amor?  
Só devo encontrar no pranto  
Lênitivo á minha dôr?

Ah! minh'alma desfallece...  
E o coração, que apressado  
Com tanta força batia,  
Mal palpita... está cansado.

Muda, sem termos, nem vozes  
Me vai ralando a agonia:  
A tempestade de angustias,  
Mudou-se em melancolia.

Que é isto?! Como tão negro  
Ficou-me todo o horizonte!  
Que suor me banha o rosto!  
Que peso sinto na fronte!

Ah! Meu Deus! graças! aos olhos  
O pranto sinto chegar;  
Se a boca não falla, ao menos  
Os olhos podem chorar.

Nós temos duas saudades:  
Uma de sangue ensopada,  
Pela mão do desespero  
No seio d'alma plantada;

Outra da melancolia  
 Toma o gesto, e veste a côr,  
 Exangue, pallida e fria,  
 Mas calada em sua dôr...

Parece que a natureza  
 Quiz provar esta verdade,  
 Quando diversa da rôxa  
 Te creou, branca saudade.

LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO.

---

### A virgem das florestas.

Quando a virgem vivia, ao pé da porta,  
 Onde á tarde sentava-se fiando,  
 Vinham as pombas n'um risonho bando,  
 Beijar-lhe a boca e as tranças virginaes :  
     Agora que ella está morta  
     As pombas não voltam mais!

Tudo na solidão se transformava  
     Quando ella apparecia!  
 A jassanan fugaz a aza estendia  
 E em roda d'ella timida voava  
     Piando de alegria!  
 Os sabiás da matta descansados  
     Entre os galhos annosos,  
 Quando ella passava, debruçados,  
     Cantavam mais chorosos!  
 Tudo na solidão se transformava  
     Quando ella apparecia :  
 Uma rêde de flôres encobria  
     O chão que ella pizava.



Quando ella cantava, a aragem santa,  
Que a terra banha pela noite bella,  
Levava ao céo das meigas vozes d'ella  
O meigo accorde e os indiziveis ais :  
Agora, que ella não canta,  
A aragem não sopra mais.

Ella era a voz da solidão, o encanto  
De toda a natureza ;  
Dos seus hombros pendia o louro manto  
Da vida e da belleza ;  
Nos seus olhos escuros ondulava  
Uma scisma ideal...  
Sobre o seu seio, humildemente envolto  
Na chita virginal,  
Cahia em ondas seu cabello solto.  
A jurity, que ao pé da noite chora,  
Nem tão leve pizava  
Sobre o orvalho da relva seductora.  
Quando ella caminhava,  
O vento, o espinho e o vime retirava  
De seus mimosos pés nús e macios.  
No triste azul dos rios,  
A cuja sombra o coqueiral murmura,  
Na face lisa e pura  
Da lagôa serena, a face d'ella,  
Como no mar o vulto d'uma estrella  
Brilhava doce e altiva !  
A solidão inteira a idolatrava,  
E toda a natureza  
Que a sua maga sombra acarinhava,  
Via n'ella a imagem fugitiva  
Da vida e da belleza.

Quando ella sonhava, luz risonha  
Dos astros pela fresta penetrando,  
Na sua agreste cama repousando,  
Vinham saudar-lhe os sonhos festivaes :

Agora que ella não sonha  
Os astros não brilham mais.

Ella habitava uma choupana, um ninho  
Fresco e macio á margem da lagôa;  
E como o passarinho,  
Que o ninho apenas deixa quando vò  
Plumoso pelos céos,  
A cabana perdeu-a no momento  
Em que da morte o pavoroso vento  
Levou-a para Deus!  
Perto da casa d'ella as casuarinas,  
Os pinheiraes de parasitas cheios  
Gemiam aos anceios  
D'aura medrosa nas manhãs divinas.  
Um pé de murta, um outro de boninas,  
Sobre a tosca janella,  
Por suas mãos queridas orvalhados,  
Formavam os cuidados,  
E os sonhos todos da existencia d'ella!  
Nunca molhou-a o pranto do desgosto.  
Se, ás vezes, no seu rosto,  
Uma saudosa pallidez vagava,  
Vinha logo o sorriso que a apagava!  
Ella era pura, e Deus que a procreára,  
Vendo-a tão bella, tão mimosa e cara,  
Teve medo, talvez, Deus teve medo,  
De cedêl-a á existencia torpe e avara  
E matou-a tão cedo!

Quando ella rezava, a natureza,  
Deslumbrada de amor, a idolatrava;  
E a propria nuvem tremula baixava  
Para envolvel-a em mantos sideraes.  
Agora que ella não reza,  
As nuvens não descem mais.



Ella morreu emfim! Morreu na hora  
 Em que no oriente bruxolêa a aurora,  
     Cercada de esplendores;  
 Como a aurora do céo, foi entre as flôres,  
 Que ella exhalou o derradeiro alento...

Os suspiros do vento  
 Tornaram-se mais doces! Mais suaves  
 Na molle sombra do arvoredó, as aves  
     Passaram pipillando;

Os riachos mais ternos e sentidos,  
     Entre os cipós rolando,  
 Ouvir deixaram lugubres gemidos.  
 No espesso bosque da floresta bella,

O passaro saudoso,  
 Parecia um adeus dizer ancioso  
 Á sombra inteira que fallava d'ella!  
 O rio, a fonte, o passarinho, as flôres,  
     Tudo padece e chora!

Ella morreu emfim! Morreu na hora  
 Em que no oriente bruxolêa a aurora  
     Cercada de esplendores!

Quando a morte colheu-a, ella sorria  
 No melhor dos seus sonhos de criança,  
 E sobre tanto amor, tanta esperança,  
 Abrio a morte as azas funeraes:

    Agora que ella está fria,  
     Seus labios não riem mais.

Branca mortalha de cheiroso linho  
 Macia como os vellos de alvo ninho,  
     Seus restos encobriram;  
 Os braços maternas a conduziram,  
 Hirtos de dôr, gelados de amargura,  
     Ao pouso derradeiro.

Foi no seio do bosque e da espessura,  
 Onde as auras do céo têm mais doçura,  
     E as aves mais tristeza;

Onde os raios do sol com mais pureza  
 Baixam da immensa e divinal planura ;  
 Ahi onde pousado no ingazeiro  
 Do ninho á borda o sanhaçú murmura,  
     E a rôla branca e pura  
 Exhala á tarde o canto derradeiro,  
     Que a enchada d'um cabreiro  
 Abrio-lhe a sepultura.

Quando ella enterrou-se, as casuarinas  
 Choraram surdamente, e na janella,  
 Entre as boninas, entre as flôres d'ella,  
 Passou o vento em doloridos ais :  
     Orphãs de amor as boninas  
 Agora não vivem mais.

Era ao cahir da tarde, a Ave-Maria  
 Recortando os espaços ondulava  
     Na aza vibrante e fria  
 Do vento que entre as arvores cantava !  
 Dos pastores a voz acompanhava  
 O balido da ovelha demorada ;  
     A tremula toada  
 Da guitarra vibrava tristemente ;  
 N'um céo de opala a lua transparente,  
     De sonhos coroada,  
 Erguia aos poucos a cabeça algente ;  
 Mais meigo aroma o brando rosmaninho  
     Derramava nos ares...  
 Pela face do lago os nenuphares  
 As folhas estendiam ; de mansinho,  
 Corria a aragem na floresta esguia ;  
 Era a hora em que um véo de melodia  
 Desenrola-se da cupola dos céos :  
     Hora em que foge o dia  
 Nos abysmos do mar ; — grande momento  
 Em que o olhar seguindo o pensamento  
     Desvenda o firmamento,  
 E vai cegar-se no esplendor de Deus !



Era ao cahir da tarde : a muda terra  
Ia esconder-lhe a fronte idolatrada ;  
Cava rangia a funeral enchada,  
Gemia ao longe o sabiá da serra:

Materna boca reviver tentava  
No seio d'ella o coração dormente :  
E a enxada rangia surdamente,  
E a alma d'elle já no céu estava !

Quando a alvorada de esplendor vestida  
No Levante surgio, entre a espessura,  
Sobre a terra que deu-lhe sepultura  
Havia apenas uma cruz erguida.  
Hoje o que resta d'ella ? Resta apenas  
Um bocado de terra acre e selvagem  
    Coberta de açucenas,  
Onde sussurra a lamentosa aragem ;  
Ao pé de sua cova um ente amigo  
Cavou tambem o maternal jazigo ;  
A cabana musgosa abandonada  
    Ás chuvas e á invernada  
Cahio por terra : os lagos murmurantes,  
Que cingiram-lhe as fórmas, que espelharam  
    Seus olhos deslumbrantes,  
    Já de todo seccaram ;  
Um véo de pezadissima tristeza  
    Cobrio a natureza ;  
Tudo é silente e morto e desprezado ;  
Entre os galhos do bosque dessecado,  
Da noite o vento passa angustiado,  
    Como um grito de dôr !  
Ella morreu emfim ! Ermo e profundo  
Dentro do seu sepulchro dorme um mundo  
    De innocencia e de amor !

Feliz! feliz mil vezes! Santa e pura  
 Virgem da soledade!  
 Tiveste o berço teu e a sepultura  
 Longe da triste e negra humanidade!  
 Os clamores fataes  
 Do mundo não soaram-te aos ouvidos;  
 A dôr, o engano, a lagrima, os gemidos,  
 Teus sonhos matinaes  
 Respeitaram, criança! Só tiveste  
 Na terra que perdeste,  
 Onde brilhou da tua infancia a luz,  
 A palhoça querida que abrigou-te,  
 O seio maternal que acalentou-te,  
 E os braços d'uma cruz.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

---

## COMICAS.— FABULAS

---

### Fragmentos da « Festa de Baldo ».

#### INTRODUÇÃO

Já que os rijos boléos de má ventura  
 Até, por fim, a porta me encerraram  
 Do templo da justiça, rasga ousado,  
 Engenho meu, caminho triumphante,  
 Por meio das fileiras indiscretas  
 D'aquelles que a fortuna caprichosa,  
 Céga, sem tacto, p'ra seus fins protege.  
 Eu, que de tal senhora não recebo  
 Mil favores, que a vejo dar aos outros,  
 Que tão mal concebi suas promessas,  
 Que lancei pelas geiras do futuro,  
 Sem proveito, sementes d'esperanças,



Pretendo que meu nome, ora esquecido,  
Meu nome, que o poder tão mal afaga,  
Viva longo nas aras do conceito,  
Talvez no coração da minha gente;  
Viva sempre seguro na memoria  
D'aquelles que applaudirem meus esforços.  
Eis a sorte feliz que tanto anhele,  
E o maior galardão por que trabalho.  
Eis o forte incentivo que, em meu peito,  
Faz nascer este amor do imaginario,  
Esta nobre missão de ser poeta,  
Creando pelo mundo novos entes,  
Novos homens e cousas apraziveis,  
Que se tornam reaes pela memoria,  
Que vivem pela terra em tal certeza,  
Qual vive com a materia a sombra d'ella.

## OS CONVIDADOS DA FESTA

Já no festivo solho percorriam  
Numerosos senhores convidados,  
Louvando a bella ordem e elegancia  
De tudo que seus olhos avistavam.  
Com igual sentimento varias damas,  
Formosas no semblante, alli vagavam,  
Concertando engraçadas seus vestidos,  
E quer nas vozes, quer nas varias côres,  
De araras lindo bando pareciam,  
Soberbas dando ao sol as pennas de ouro.  
Em pequenas distancias, a pé firme,  
Varios grupos ficaram reunidos,  
Conversando, entre si, devidamente.  
Se o thema contemplado era sciencia,  
Ou arte razoavel, definida.  
Aquelles que fallavam pareciam  
Circumspectos, civís e comedidos,  
Ouvindo com attenção e cortezia,  
Cedendo, quando a força do argumento  
Continha convicções bem ponderadas.

Se o assumpto, porém, era politica,  
 Vaidosa profissão de certa gente,  
 Que se occupa do Estado e do governo,  
 Não sei que geringonça de máo toque  
 Se ouvia proferir de muitos labios,  
 E não sei, duvidoso, como pinte  
 O complexo de phrases e sentenças,  
 Dos grandes palavrões, da muita audacia,  
 Dos ares e donaires de tal gente.  
 Gente, que tanto falla e pouco escuta;  
 Gente, que mais esquece do que devêra :  
 Gente inconstante e má, que aos povos hoje  
 Umaz vezes dá c'rôa soberana,  
 E mil outras condemna a vil desprezo;  
 Gente, que até dos thronos vai fazendo  
 Náos de viagem, das rainhas fusos,  
 E dos reis seus discip'los de oratoria!...  
 Gentê, emfim, que p'ra tudo é convidada,  
 E que Baldo pedio fosse ao festejo.

QUEIXA DE MESTRE BERTO

« — Maldita estrella nossa, clama Berto,  
 Onde iremos parar com taes mudanças?  
 Qualquer que seja o bem que á patria venha  
 D'esta rusga infernal agora em campo,  
 Deviam têt-a feito ha quinze dias,  
 Ou então adial-a p'ra mais tarde,  
 Que o nosso Apollo assim ficára salvo :  
 Eu te odeio, ambição de baixo intento,  
 E vós, ó patriotas de taverna,  
 Ó Gracchos de comedia, vis escravos,  
 Vosso deus e senhor chama-se — ouro — ;  
 Vosso mestre não foi Cesar clemente,  
 Nem Augusto sagaz, correndo ao mando.  
 O heróe que imitais é Catilina,  
 Mas, como elle, achareis forte Petreio  
 Que vos córte a carreira fraticida!  
 Adeus, bosque gentil! flôres do campo!



Adeus, Baccho e Pomona deleitosos!  
E vós, bello Perú, leitão intacto,  
Fôfos pasteis, aureas frigideiras,  
Ficareis para pasto de guilhotas.  
Que deshonra p'ra vós... sereis comidos  
Por homens esfaimados sem fineza,  
Que com carne e feijão foram contentes!  
Oh! meu rico banquete, adeus p'ra sempre,  
Minh'alma aqui vos fica, eu levo os queixos!... »

ALVARO TEIXEIRA DE MACEDO.

---

**Da « Republica dos tolos ».**

O ALMOÇO

Leitor, estou perante o senhorio,  
E, feitos os devidos cumprimentos,  
Meu semblante se alimpa do ar sombrio,  
Ao cheiro da vianda e condimentos.

Cada qual, dando mostras de appetite,  
Vai tomando o logar que lhe compete,  
Depois que esse usual, cortez convite,  
Ao hospede acanhado se repete.

Occupa o fazendeiro a cabeceira,  
Ficando á dextra asthmatica matrona,  
Que, para ter allivio da canseira,  
Não dispensa a mais commoda poltrona.

Collocam-se d'ahi, do mesmo lado,  
Fifina, Mariquinhas e Lolota,  
Que entrou a lambiscar queijo ralado,  
E almondegas em fórma de pellota.

Eu fiquei assentado á mão esquerda,  
E lá muito distante, e bem no tópo,  
Assentou-se, evitando maior perda,  
A effigie sem o espirito de Esopo.

Constou-me que o rachitico estafermo  
Inda era irmão germano da Senhora!  
Foi rico, mas agora assignou termo  
De entregar seus bens todos á penhora.

Sentados não passavamos de sete,  
E esta conta é tão facil e tão clara,  
Que a luz de azeite ou luz de espermacete,  
Por ser aqui superflua, se apagára.

Pois, leitor, eu t'o digo com firmeza :  
Sem fallar nos perús, nem nas leitôas,  
O alimento que estava sobre a mesa  
Fartaria alguns centos de pessoas!

Fazer a descripção minuciosa  
Das duzias e mais duzias de bons pratos  
É tarefa difficil e ociosa,  
E eu não quero á cabeça hoje dar tratos.

Se occupas em tal mesa um dos logares,  
A trabalhar de queixo não te mates;  
Póde fartar-te assaz, sem mastigares.  
O fortun das cebolas e tomates.

Por não destituil-as do interesse,  
Das palavras que ouvi não direi nada;  
A falla d'esta gente, ao que parece,  
No atticismo está mais do que abonada.

Ainda a refeição mal começára,  
E eis que um annuncio traz grande alvoroço ;  
O vizinho Abrahão e Dona Sara  
E quatro filhas chegam sem almoço.



Rompe assim Dona Sara : — Emfim viemos,  
 E chegamos a muito boas horas;  
 Esta visita ha muito que devemos,  
*Mas porém* sempre somos bem caiporas!

Hoje manca uma besta da caleça,  
 Amanhã cai Chiquinho com sarampos,  
 Depois, quando esperavamos o Lessa,  
 Eis que nos chega um hospede de Campos.

E assim se passa o tempo, sem ao menos  
 Cumprimos os deveres mais forçosos,  
 Não fallando na récuá dos somenos,  
 Não cumpridos, por sermos preguiçosos. —

E antes que os outros rissem, a oradora  
 Foi quem riu, e seu riso é prova dada  
 De estar na convicção consoladora  
 De trazer a lição bem estudada.

Retribuindo alegre os cumprimentos,  
 Recebe o fazendeiro os visitantes,  
 Pedindo-lhes que tomem seus assentos,  
 Cedendo a falla ao bucho por instantes .

Entretanto eu notava que entre as moças  
 Havia o commum genero de trocas,  
 Não de phrases, que aliás são tão insossas,  
 Senão de pantomimicas beijocas.

Talvez por ser eu padre ou por ser pobre,  
 Não me enxergou Abrahão nem Dona Sara;  
 Um finorio judeu alli se encobre,  
 Mas, unido á mulher, não me embaçára.

Logo que os recém-vindos se assentaram  
 (Faz-me lembrar as parentas de Dario),  
 Muitos gritos de pavor se levantaram  
 Da parte do mimoso mulherio !

— O que é? O que não é? Os machos dizem;  
E as fêmeas, cada vez mais assustadas,  
Respondem, mas depois que se maldizem :  
*Estão treze pessoas assentadas!*

Que esta crença ridicula é da roça  
Não me digas, leitor, pois tenho a oppôr-te  
Que tal superstição não ha quem possa  
Destruir nas familias lá da côrte.

— Levante-se um, haja um que se levante!  
Era assim que as mulheres reclamavam ;  
Nem deixava o conflicto de ir avante,  
Nem os sustos femineos se acalmavam.

Estive por um triz a levantar-me,  
E a tal resolução me abalaçava,  
Porque me pareceu indigitar-me  
Mariquinhas no olhar que me lançava.

.....  
.....  
.....  
.....

Foi então que a mulher do fazendeiro,  
Movendo o guardanapo como abano,  
Diz com amor fraterno verdadeiro :  
— É preciso um sahir, e saia o mano.

PADRE JOSÉ JOAQUIM CORRÊA DE ALMEIDA.

---

### A chave de relógio.

A um relógio dava corda  
Chavinha de aureo metal,  
E mui vaidosa do impulso  
Parar não quiz afinal.



Forçou, pois, e d'esta força  
Dentro a móla arrebentou,  
E do tempo o mecanismo  
Sem movimento ficou.

---

Resolvam, mandem governos  
Nas raias do seu poder,  
Vejam bem n'esta chavinha  
Que não basta o só querer.

### Os canhões.

Deu á luz uma rainha  
O nobre infante gentil;  
Bronzeos canhões o seu berço  
Salvaram com vozes mil.

Correndo o tempo, o menino  
Rei tornou-se no logar,  
Bronzeos canhões o seu throno  
Foram com balas quebrar.

---

A mesma voz que dá vivas,  
Tambem com morras atrôa;  
Feliz de quem só procura  
Nos corações a corôa.

DR. JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA.

---

### A lampada e o phosphoro.

Em um templo christão ardia a lampada  
Durante a noite e o dia;  
De cêra um phosphoroahi entrou sorrindo,  
E cheio de alegria.

Sou formoso, elle diz, lindo, brilhando  
 No templo do Senhor;  
 Busco no fogo extenso dos meus raios  
 A Deus dar um louvor.

Queria proseguir; 'stava apagado :  
 É cinza, não tem luz,  
 E a lampada ficou, pura, serena,  
 Illuminando a cruz.

MORALIDADE

Eis a virtude, placida, sublime,  
 Immovel no seu porte!  
 Europeis da vaidade, aquelle phosphoro  
 Traçou a vossa sorte

---

**As nuvens e o sol.**

O dia era fulgente, o sol brilhava  
 Em vivido esplendor;  
 De repente mil nuvens se agglomeram,  
 O sol perde o fulgor.

E as nuvens encobrem  
 Do sol lindos raios,  
 As terras se cobrem  
 De turvos desmaios;

Ninguem se conduz  
 Nas trévas, sem luz.

E o sol do seu posto  
 Taes cousas bem via;  
 Das nuvens no rosto  
 Com força batia;  
 A tanto calor  
 Desfaz-se o vapor.



Perdidas nos ares  
 As nuvens passaram,  
 Das zonas polares  
 Que rumo levaram ?  
 Não viram do sol  
 O novo arrebol,

## MORALIDADE

Luz um talento, os tolos annuivam  
 Os fogos da razão ;  
 A luta é transitoria — os zoilos morrem,  
 O genio brilha então!

DR. ANASTACIO DE BOMSUCCESSO.

---

**HISTORICAS**


---

**Pedro Ivo**

Perdoai-lhe, Senhor ! elle era um bravo !  
 Fazia as faces descórar do escravo  
 Quando ao sol da batalha a frente erguia,  
 E o corcel gottejante de suor  
 Entre sangue e cadaveres corria !  
 O genio das pelejas parecia...  
 Perdoai-lhe, Senhor !

Onde mais vivo em peito mais valente  
 N'um coração mais livre o sangue ardente  
 Ao fervor d'esta America bulhava ?  
 Era um leão sangrento que rugia :  
 Da guerra nos clarins se embriagava —  
 E vossa gente — pallida recuava —  
 Quando elle apparecia !

Era filho do povo — o sangue ardente  
 Ás faces lhe assomava incandescente,  
 Quando scismava do Brazil na sina...  
 Hontem — era o estrangeiro que zombava,  
 Amanhã — era a lamina assassina,  
 No cadafalso a vil carnificina  
     Que em sangue jubilava !

Era medonho o rubro pesadello!  
 Mas nas fronte venaes do genio o sello  
 Cravaria o anathema da historia!  
 Dos filhos da nação a rubra espada  
 No sangue impuro da facção ingloria  
 Lavaria dos livres na victoria  
     A mancha profanada !

A fronte envolta em folhas de loureiro  
 Não a escondamos, não!... Era um guerreiro!..  
 Despio por uma idéa a sua espada!  
 Alma cheia de fogo e mocidade,  
 Que ante a furia dos reis não se acobarda,  
 Sonhava n'esta geração bastarda  
     Glorias... e liberdade !

Tinha sêde de vida e de futuro;  
 Da liberdade ao sol curvou-se puro  
 E beijou-lhe a bandeira sublimada :  
 Amou-a como a Deus, e mais que a vida !  
 Perdão para essa fronte laureada !  
 Não lanceis á matilha ensanguentada  
     A aguia nunca vencida !

Perdoai-lhe, Senhor! Quando na historia  
 Vêdes os reis se coroar de gloria,  
 Não é quando no sangue os thronos lavam  
 E envoltos no seu manto prostituto  
 Olvidam-se das glórias que sonhavam!  
 Para esses — maldição ! que o leito cavam  
     Em lodaçal corrupto !



Nem sangue de Ratcliffs o fogo apaga  
 Que as fronte populares embriaga,  
 Nem do heroe a cabeça decepada,  
 Immunda, envolta em pó, no chão da praça,  
 Contrahida, amarella, ensanguentada,  
 Assusta a multidão que ardente brada  
 E thronos despedaça !

O cadaver sem benções, insepulto,  
 Lançado aos corvós do hervaçal inculto,  
 A fronte varonil do fuzilado,  
 Ao somno imperial co'os labios frios  
 Podem passar no escarneo desbotado,  
 Ensanguentar-te a seda ao cortinado  
 E rir-te aos calafrios !

Não escuteis essa facção impia  
 Que vos repete a sua rebeldia...  
 Como o verme no chão da tumba escura,  
 Convulsa-se da tréva no mysterio ;  
 Como o vento do inferno em água impura,  
 Com a bocca maldita vos murmura :  
 « Morra ! salvai o imperio ! »

Sim, o imperio salvai ; mas não com sangue !  
 Vêde — a patria debruça o peito exangue  
 Onde essa turba corvejou, cevou-se !  
 Nas glórias, no passado elles cuspiram !  
 Vêde — a patria ao Bretão ajoelhou-se,  
 Beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se !  
 Elles a prostituiram !

Malditos ! do presente na ruina  
 Como torpe, despida Messalina,  
 Aos apertos infames do estrangeiro  
 Traficam d'essa mãe que os embalou !  
 Almas descritas do sonhar primeiro,  
 Venderiam o beijo derradeiro  
 Da virgem que os amou !

Perdoai-lhe, Senhor! nunca vencido,  
Se em ferros o lançaram foi trahido!  
Como o Arabe além no seu deserto,  
Como o cervo no páramo das relvas,  
Ninguem os trilhos lhe seguira ao perto  
No murmurio das selvas!

Perdão! por vosso pai! que era valente,  
Que se batia ao sol co'a face ardente.  
Rei — e bravo tambem! e cavalleiro!  
Que da espada na guerra a luz sabia,  
E ao troar dos canhões entumescia  
O peito de guerreiro!

Perdão, por vossa mãe! por vossa gloria!  
Pelo vosso porvir e nossa historia!  
Não mancheis vossos louros do futuro!  
Nem lisongeiro incenso a nodoa exime!  
— Lava-se o polluir de um leito impuro,  
Lava-se a pallidez do vicio escuro;  
Mas não lava-se um crime!

ALVARES DE AZEVEDO.

---

### Hymno.

Entre Marilia e a patria  
Colloquei meu coração.  
A patria roubou-m'ó todo:  
Marilia que chore em vão.

Marilia, pede a teus filhos,  
Por minha propria benção,  
Morrám, como eu, pela patria:  
Marilia que chore em vão.



Apenas forem crescendo,  
Cresçam co'as armas na mão;  
Saibam morrer como eu morro :  
Marilia que chore em vão.

Defender os patrios lares  
É dever do cidadão;  
Quando exhalem pela patria,  
Marilia que chore em vão.

## II

Para defender a patria  
Menino homem se faz,  
Em dando a vida por ella,  
Morrendo, não peno mais.

De que me serve viver  
Entre suspiros e ais?  
Si vivo, vivo penando;  
Morrendo, não peno mais.

Inda que eu queira, não posso  
Existir entre os mortaes.  
A morte serve de allivio;  
Morrendo, não peno mais.

Oh! morte, porque não vens  
Findar meus dias fataes?  
Si vivo, vivo penando;  
Morrendo, não peno mais.

FREI CANECA.

## O Redivivo.

Dorme o batalhador!... porque choral-o?  
 Armas em funeral! — Silencio, oh bravos!  
 Que a dôr não o desperte!  
 Tão só... tão grande... sobre a terra inerte!  
 A patria além... partido o coração...  
 Saudade immensa... e immensa solidão!...

Não o despertem! — elle dorme agora,  
 Embalado nos braços da metralha,  
 Ao trom da artilharia :  
 Por lençol — a bandeira; em terra fria  
 Tem por leito — os trophéos; por travesseiro  
 Tem o canhão no somno derradeiro!

Sorrindo adormeceu — a espada em punho! —  
 A imaginar, sonhando, ouvir no espaço  
 O clarim da investida!  
 À cabeceira — a morte agradecida :  
 Aos pés — a gloria; e ao lado ajoelhada  
 — A patria, pobre mãe desventurada!

Segura as redeas do corcel sem dono  
 Formosura sinistra — olhar infindo! —  
 É a deusa da guerra!  
 Mede os espaços, os confins da terra...  
 Quer despertal-o... treme... o passo é incerto...  
 Estende a mão e aponta p'ra o deserto!

Quando elle adormeceu, na mente insana  
 Homericas visões lhe appareceram!  
 Olhou fito o seu norte...  
 Eu sou a eternidade — disse a morte;  
 Do meu ginete o pé a terra abala;  
 Quando eu caminho — a viração nem falla!



E que eternas visões! — na marcha ousada,  
Para saudal-o os mortos levantavam-se.

Tocavam as cornetas.

As peças disparavam nas carretas,  
E, ao cabo do caminho, a doce paz  
Lhe suspendia os arcos triumphaes!

Elle via, qual mar tempestuoso,  
Ondas revôltas, umas após outras,

Da audaz cavallaria

As cargas, que a victoria presidia;  
E, salvando a galope a immensidade,  
Dizia á morte : — eu sou a eternidade!

As montanhas se abatem, quando eu passo;  
O rio inclina o dorso e me saúda

Se me apeio em caminho!

O meu cavallo é aguia, o céo é ninho;  
A fome, a peste, a chuva, em véos de fumo,  
São meus soldados, guiam-me rumo!

E que eternas visões — em valle immenso,  
A narina incendiada, o peito arfando,

O ginete parava!

Eis a voragem! Lá no fundo a lava  
Que entornam os volcões da artilharia,  
E um exercito de mortos, que se erguia!

Depois nuvem de fogo... uns sons tremendos...

Um estalar de ossos... ais... mil pragas...

Uma orchestra infernal!

N'um mar de sangue o sol como fanal!  
Os tambores rufando, armas quebradas...  
Bandeiras rotas... retintim de espadas!

Um trovejar sem fim... um largo incendio...  
Mas elle á frente, no corcel fitando

O infinito — seu norte,  
 Dizia á eternidade : — eu sou a morte,  
 Meu cavallo é o destino, o céo mortalha,  
 Meu braço é raio, o coração muralha !

Ao ver-me, tremulante, as palmas dobra  
 A palmeira; estreitam-se os banhados;  
     O arroio nem transborda;  
 No firmamento azul o sol acorda!  
 Quem é, pergunta a noite á ventania,  
 Este archanjo de luz e poesia?

É da floresta o rei, exclama o vento;  
 É o espectro do sol, afirma a estrella;  
     Das aguas o senhor,  
 Murmura o rio um cantico de amor;  
 E a tempestade diz : — meu cavalleiro,  
 Tens por corcel as azas do pampeiro !

.....

E corre, e corre... ao cabo da carreira  
 Immenso boqueirão... fosso sem bordas...  
     Tranca-lhe o espaço a cruz!  
 Em baixo a densa treva... o cimo é luz!  
 Basta, lhe brada a voz da immensidade,  
 A morte foi teu guia á eternidade !

.....

Armas em continencia! — é um morto vivo!  
 Eil-o que passa agora, erguido ao alto,  
     No esquife da victoria!  
 O Brazil o saúda, e tu, Historia,  
 Um poema de luz de novo escreves!  
 Soldados, cortejae ANDRADE NEVES.

JOSÉ BONIFACIO.



**Ao dous de Julho.**

..... e a liberdade? E qual o objecto que na terra  
Prender mais póde o coração humano !  
Nem só o humano coração : por ella ,  
Entre os arames, que gosal-a a privam,  
Geme o plumeo cantor com dôces trinos :  
E tanto ás vezes se lhe azeda a magoa  
Que, sem poder soffrel-a, a vida perde.  
A fera em quem por genio as iras moram  
Bem saudosa a rugir se ouve por ella ;  
A planta, se do patrio chão a arrancam,  
Para que viceje ali em solo estranho,  
Aos desvelos agricolas ingrata,  
Empallece, e definha, e langue, e morre.  
Té o marmore emfim, duro, insensivel,  
Se da penha natal quebrado o arrancam  
Bem que em soberbos, ostentosos tectos  
Os primores subtis blasone d'arte,  
Como que mudo ali a ausencia chora  
Da amada rocha de que foi lascado.

JOÃO GUALBERTO F. SANTOS REIS.

---

**Nunes Machado.**

Vai a noite medonha — a lua triste,  
Rodeada de nuvens côr de sangue,  
Lá corre pelo céu...  
Como virgem de amores perseguida  
Por demonios horriveis que procuram  
Despedaçar-lhe o véo.

A campina s'estende immensa, escura...  
E da floresta ao longe na espessura

Braveja o turbilhão !  
 Quem passasse ouviria a voz dos mortos  
 Tocár nas folhas e roçar-lhe a face  
 Pedindo uma oração.

São horas de sonhar ! Pallido e triste  
 Um vulto alli de pé murmura e chora !...  
 Que sonhos que elle tem !  
 D'essa cabeça o negro pensamento  
 Sabem sómente Deus, a lua, o vento,  
 E mais... e mais ninguem.

Junto d'elle se via denegrida  
 Lousa funerea, tendo á cabeceira  
 Signal de redempção !  
 Passa a noite com todos seus horrores,  
 Mas não conta o segredo que alli mora,  
 As cinzas de quem são.

Mas de repente rapido relampago  
 No céu, depois no ar, depois na pedra  
 Vermelho reluzio.  
 Quem pôde lêr o nome do finado  
 Do relampago á luz ? — NUNES MACHADO —  
 Escripto alli se vio.

E o peregrino que jazêra mudo  
 Ouvindo só as notas da tormenta,  
 Quando o raio vibrou,  
 Cruzando os braços, alteando a fronte,  
 Fitou alguns minutos o horizonte,  
 Depois assim fallou :

Este viveu no meio da batalha  
 E á santa liberdade se abraçou,  
 Tinha por voz o estouro da metralha  
 Que palacios e thronos abalou ;  
 Hoje somno fatal dorme o gigante,  
 Mas inda vive aqui su'alma errante,



Que o cadaver sómente se destróe :  
Ella passa gritando « Liberdade ! »  
Os ribombos da negra tempestade  
São gemidos que sóta o grande heróe.

Oh ! sombra augusta, sombra veneranda,  
Despreza nossa pobre geração !  
Ella chamou de vil e de nefand a  
A bandeira que erguias n'essa mão :  
Lá nos campos escuros do passado  
Tua figura está, Nunes Machado,  
Tão grande como é grande um semi-deus !  
Elles querem manchar-te o nobre vulto,  
Mas tu debes te rir, calcar o insulto :  
O gigante desdenha os pygmeus !  
Elles querem que rasgue-se da historia  
Essa folha — epopéa de valor : —  
São blasphemias ! um cantico de gloria  
Ha de sempre seguir o lidador.

Oh ! revistam-se embora de mil côres,  
Podem de bruços entoar louvores,  
Estendendo o tapete aos pés do rei,  
Mas não queiram cuspir do heróe na face,  
Pois se a luta algum dia se travasse,  
O seu nome talvez marcasse a lei !

A columna de fogo no deserto  
Guiava a raça inteira dos hebreus :  
Sem ella o caminhar seria incerto...  
Pharol acceso pela mão de Deus !  
Pesadelo fatal da tyrannia,  
O seu nome tambem nos allumia,  
Dissipa do futuro a cerração ;  
Mas o povo esqueceu-se d'essas lendas,  
Levantou no deserto suas tendas,  
E não chega ao paiz da promissão.

Oh ! que pezar terrível não opprime  
 A fronte do valente sonhador !  
 Se elle falla, quem falla é a voz do crime,  
 Cobrem-se os rostos de mortal pallor ;  
 E elle passa além, cantando um hymno  
 E murmura pensando no destino :  
 « Quando é que avistaremos o Sinai ? »  
 E um dia vem que a voz morre no peito,  
 A terra lhe offerece um frio leito...  
 O pobre sonhador soluça e cahe..

A vingança depois é muito nobre !  
 São blasphemias e gritos e baldões !  
 Na terra fria que o cadaver cobre  
 Não ha flôres, nem cruz, nem orações !  
 A raça dos escravos tripudia.  
 Com esse arrojo vil da cobardia  
 Mesmo em cima da campa folga e ri !  
 E ás vezes nem sobre ella o povo chora,  
 Caminha indifferente, vai-se embora  
 E não sabe quem é que dorme alli.

Tu, herôe, que viveste grande e forte,  
 Sempre cheio de crenças no porvir,  
 Tu que lutaste tanto — até á morte,  
 Sem no peito a esperanza succumbir,  
 Vem dizer aos soldados do futuro  
 Que se acaso o horizonte está escuro,  
 Nem por isso elles devem vacillar ;  
 Vem dar força dos bravos á fileira,  
 Que elles hão de seguir tua bandeira  
 E com ella na frente hão de lutar.

Elle devia vir cheio de gloria,  
 De braços estendidos para nós,  
 Avivar-nos o sangue e a memoria,  
 Fazendo retumbar a sua voz.



Oh! diante da sombra o mundo pasma!  
 Levanta-te d'ahi, — grande phantasma, —  
 Envolvido no funebre lençol,  
 E mostra á geração que está corrupta  
 Como deve lutar, como se luta  
 Com espada valente á luz do sol!

Levanta-te, vem vêr, nobre guerreiro,  
 O que n'este paiz hoje se faz;  
 Ha de lèr algum dia o mundo inteiro  
 Infamia, perdição! nos seus annas:  
 Tu que outr'ora bradaste furibundo,  
 Á face do Brazil, de todo o mundo,  
 Pela santa bandeira da nação,  
 O que farias hoje, heróe sublime,  
 Se é sómente poder — fingido crime,  
 Liberdade — fingida escravidão?

Elle era immenso, tinha uma esperança,  
 Era um sonho de gloria e de valor,  
 E ao mesmo tempo um grito de vingança,  
 Blasphemia horrivel de pungente dôr!  
 Tinha planos tambem de flicidade  
 Mas lembrou-se da patria e liberdade,  
 Na peleja medonha se atirou:  
 Despedaça inimigos, rompe fardas,  
 Ri do canhão, despreza as espingardas...  
 Quanto sangue d'escravo derramou!

Era louco por nossa liberdade,  
 Por ella como um louco se bateu:  
 No entretanto, cruel fatalidade!  
 Por mão de um assassino o heróe morreu!  
 Quanto melhor não fôra, na batalha  
 Aos gritos pavorosos da metralha  
 Succumbir abraçado ao pavilhão!  
 Veria o céo azul enfumaçado,  
 E de sangue e suor todo banhado  
 Como um bravo tombára allí no chão!

Mas não choreis, irmãos, se elle está morto  
A liberdade ainda está de pé!  
Como jazer sem vida, sem conforto,  
Se é tão viva e brilha a luz da fé.  
Oh! tyrannos, o deus da liberdade  
Quando cahe não vos pede piedade:  
Levanta-se mais forte — é outro Antêu:  
Quando um braço valente cahe por terra,  
Surgem quarenta promptos para a guerra,  
No lugar d'esse bravo que morreu!

PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA.





APPENDICE





**Cantos do Padre ANCHIETA**

---

**Da resurreição**

Ó Mãi sempre virgem, ó Virgem fecunda,  
De nossos prazeres cansamos, ó Ave!  
Com que quiz fechar-se no vosso conclave  
O Verbo, do Padre pessoa segunda.

De novo, Senhora, recebe noss'alma,  
Ó Ave sagrada de eterna harmonia,  
Pois o que foi morto, com grande alegria  
A morte vencendo, resurge com palma.

As chagas cruentas das mãos delicadas  
Vêm mais rubicundas que todas as rosas,  
Para que por ellas se tornem formosas  
As almas que foram da culpa afeiadas.

O peito sagrado com lança rompido,  
Que para voss'alma foi bravo cutello,  
Com raios de gloria resurge tão bello  
Que tem vossas dôres de todo vencido.

Ó Madre de vida, pois tendes tal dia,  
Fazei-nos dar vida, que mortos jazemos,  
E, livres da morte, com Jesus tornemos  
Á vida da graça com toda a alegria.

---

**Cantos**

*Apparecem quatro indios com uma tumba para levarem a  
cabeça de S. Mauricio.*

Ó cabeça esmaltada  
Com ouro e fortaleza,  
Com o sangue adornada,  
E de martyrio coroada,  
Linda mais do que a lindeza !

Martyres celestiaes,  
Ide-vos á sepultura,  
Que não vos será escura :  
Pois com vosso rei reinais,  
E em gloria, paz e doçura.

Oh ! quão doces são agora  
Os trabalhos padecidos  
Por Christo ! e quão erguidos  
São aquelles que outr'ora  
Padeciam os vencidos !

Este é, irmãos amados,  
O fim em que vão parar  
Aquelles que, por guardar  
De nosso rei os mandados,  
Se deixam martyrisar.

---



J. H. S. M<sup>a</sup>.

**Recebimento que fizeram os indios de Guarapari  
ao padre provincial Marçal Belliarte.**

UM INDIO (*ao desembarcar no porto*).

Vinde, pastor desejado,  
Visitar vosso curral,  
Pois por ordem divinal  
Para nós sois cá mandado  
Do reino de Portugal.  
A magestade real  
Do Senhor Omnipotente  
Quiz com peito paternal  
Venhais vêr tão pobre gente.

Vinde vêr, pai amoroso,  
Os filhos, que tanto amais,  
Cuja salvação buscais,  
E com peito piedoso  
A vida lhes procurais :  
Por mar e terra passais  
Trabalhos, por causa nossa,  
Sem que a caridade vossa  
Com que tão acceso estais  
Em vós apagar-se possa.

Vinde, sabio Regedor,  
Reger os desordenados,  
Para que, por vós guardados  
No caminho do Senhor,  
Escapemos dos peccados.  
Estamos desconcertados ;  
Más vós trazeis o concerto,  
Para que nós mais de perto,  
Por vós bem encaminhados,  
Achemos o céu aberto.

Vinde, defensor mui forte,  
Defender os combatidos,  
Por que não sejam vencidos  
Da culpa que causa morte  
Bem infernal aos vencidos.  
Se formos favorecidos  
De vós, padre Belliarte,  
Seremos por toda a parte  
Seguros e escolhidos  
Como em forte baluarte.

Vinde, vigario de Christo,  
Ao qual quem obedece,  
Ser coroado merece  
E com Deus estar bemquisto  
Que por Senhor reconhece,  
Com o ouvirmos o bem cresce.  
Pois sois de rei eternal,  
Logo, tenente Provincial,  
Cuja graça resplandece  
Em vós, nosso pai Marçal.

Esta vossa pobre aldeia,  
De Guarapari chamada,  
É deleitosa morada  
Da Sênhora Galiléa,  
Que por sua a tem tomada.  
Para n'ella ser amada  
E com toda a devoção,  
E de todo o coração  
Ser de todos venerada  
Sua limpa Conceição.

N'este tão pobre logar  
Ella mora mui contente,  
Pois seu filho Omnipotente  
N'um palheiro quiz estar.



Nascido mui pobremente,  
Porque a fé de vossa gente  
Para Deus é doce leito ;  
A qual com amor sujeito,  
Deseja ser innocente,  
Deixando o mal que tem feito.

Uns são velhos moradores,  
Outros novos do sertão :  
Mas todos de coração  
Desejam ser amadores  
Da Virgem da Conceição,  
Porque n'ella a redempção  
Obrou seu filho Jesus,  
E com sua graça e luz  
Nos deu vida e salvação,  
Sendo morto nu'a cruz.

E, pois, sois tão namorado  
Dos Senhores Filho e Mãe,  
Nosso bem nos procurai,  
Tendo de nós o cuidado  
Que se espera de tal pai.  
Esta aldeia conservai  
Para que com paz moremos,  
E, pois, já na fé vivemos ;  
Todo o remedio nos dai  
Com que todos nos salvemos.

*(Falla agora aos indios).*

INDIO DA ALDEIA (PEJORI).

Vinde reverenciar vosso pai,  
Trazei-lhe vossas ofertas ;  
Abraçêmol-o hoje todos,  
Que por mar veio embarcado  
Lançar-nos a sua benção.

ANGUIRÉ (*indio da aldeia*).

Nós somos todos mui pobres  
 E tambem a nossa terra,  
 Agora será mui rica  
 Porque se lembra de nós  
 Nosso pai, que é um santo.  
 Aqui está o padre grande,  
 Em lugar do Senhor Jesus,  
 O qual é que faz tudo,  
 O qual é que nos ama,  
 O qual é o bom Senhor.  
 Acabou-se hoje o peccado  
 Aqui d'esta nossa terra,  
 E todas as cousas más :  
 Deus é só que faz tudo  
 E tudo assim ordena.

(*Na igreja falla um DIABO contra os brancos; diz:*)

Que padres ora cá vêm  
 Metter-se no meu lugar?  
 Logo se podem tornar  
 Que nenhuma medra tem  
 Pois tudo está a meu mandar.  
 Eu com uma volta dar,  
 Quanto elles têm ganhado  
 Lhes tenho tudo roubado;  
 E mui, muito a seu pezar,  
 Trago tudo de um bocado.

E não tenho mais cuidado  
 Para isto executar,  
 Que qualquer branco chamar  
 Dos que tenho a meu mandado,  
 E me servem sem faltar;  
 Porque estes sem cessar  
 Revolvem todas as casas,  
 Discretos para enganar,  
 Ligeiros para peccar,  
 Que parece que têm azas.



(*Outro* DIABO, *contra o primeiro, falla contra os indios.*)

Olhai o cara de cão!  
 Quem tez o campo franco?  
 Para n'esta procissão  
 Vires dizer mal do branco  
 Sem nenhuma conclusão?  
                   Sus lá!  
 Na villa não faltará  
 Quem lh'o diga muito bem!  
 Agora tratemos cá  
 Dos que n'este lugar ha  
 Dos Brazis, que amor me têm.

1º DIABO

Não ha de ser isto assim,  
 Eu basto para fallar,  
 E ao coração lhes fallarei;  
 Que os sei mover a que obr'em  
 O que eu lhes mandar fazer.

2º DIABO

Bom está isso.  
 Eu fiz que outros brancos,  
 Lembrados só do peccado,  
 Ficassem todos perdidos,  
 E todos os homens o comettem,  
 E ficam sujeitos á pena.  
 A todas as pessoas.  
 De Guarapari naturaes  
 Por toda a parte tenho cercados  
 Eu só lhes fallo ao ouvido,  
 De mim é só que me lembro.

Debalde

O padre mandado por Deus  
 Vejo ficar junto d'elles,

Elhes pôz o seu signal ;  
 Porque os seus corações  
 Todos tenho em meu poder.  
 Tenho debaixo da mão  
 A um indio que fiz peccar,  
 E sabe todos as cousas ;  
 E se ensinar aos outros,  
 Toda a aldeia peccará.  
 Mas esperai e ouvi,  
 Que aqui ha uma mulher forte.  
 A que sabe pelejar  
 E que morar n'esta aldeia  
 E o meu coração a teme.

## 1º DIABO

Basta isso.  
 Aqui ha um grande  
 Anguiré; vamos abraza-lo.

## 2º DIABO

Está muito bem, já vamos;  
 E busquemol-o por casa  
 E lancêmol-o no inferno.

ANJO DA ALDEIA (*contra os diabos.*)

Vinde cá, entrai e ouvi :  
 Esta aldeia que aqui está  
 Dos filhos de Deus é terra,  
 Não ouseis fazer-lhes mal,  
 Nem quero lhes façais damno.  
 Eu sou o guarda d'est'aldeia;  
 Vêdes esta minha espada,  
 Qu'inda conservo na mão?  
 Pois lembrai-vos do castigo,  
 Não toqueis em Anguiré,  
 Nem em outros dos meus  
 Que me servem como filhos.



ANGUIRÉ (*indio*).

O padre grande que hoje  
 Quiz andar passando a agua  
 Com perigo em o mar grande  
 Desterrou todo o peccado  
 Aqui de Guarapari.  
 E por amor d'elle mesmo  
 Esta terra tem fortuna ;  
 Porque se desterrou d'ella  
 Toda a maldade com que  
 Nos enganava o demonio.

2º DIABO

Quero ficar morador  
 Aqui dentro d'este matto,  
 Quero ter de mão a aldeia.

ANJO

Para que tenho esta espada ?

DIABO (*à parte*).

Vamos ! eu estou tremendo ;  
 Isto é muito forte.

(*Vai-se o DIABO e d'ahi a pouco torna.*)

Eu aqui estou e tornei a vir ;  
 Lembra-me uma cousa que dizer-vos :  
 Vamos com os corações tristes  
 E ficamos muito mal,  
 Porque nos tiram esta gente,  
 Mas de balde o padre lhes falla.  
 Eu, ainda que seja sem fructo,  
 Não sahirei d'esta aldeia,  
 Porque é cousa muito má ;  
 Por causa de seus moradores

O Senhor Deus não a quer,  
 Que ha aqui um grande feiticeiro :  
 Nem se acabará o peccado,  
 Porque ainda persistem n'ella  
 Os furtos e juramentos,  
 E eu sou muito amante de todos  
 Que são de Guarapari.

*(Vem um INDIO com uma espada contra elle.)*

INDIO

Porque me fallas d'esta sorte,  
 Tu que és grande mentiroso?  
 Aqui estou para te emendar.  
 Affrontaste o Senhor Deus,  
 Que é o dono d'esta aldeia ;  
 Nenhum aqui te quer bem,  
 Meu parente tapijára  
 Emanação de Temiguára,  
 Ninguem se lembra de ti  
 Nem de nenhum és amado ;  
 Verás que de balde fallas  
 Contra Deus e contra nós ;  
 Quero-te hoje ensinar  
 Quebrando-te a cabeça,  
 E te lembrarás do castigo  
 Por seres tão desattento,  
 Falsario e enredador.

*(Quebra-lhe a cabeça.)*

Matei uma cousa má :  
 Onde estará elle agora?  
 Eu me chamo castigador de demonios.



**Dança de dez meninos.**

1º

Minha terra afortunada ,  
Que vejo meu pai a ella,  
E eu tambem junto d'elle  
Quero estar sem me apartar.

2º

Pois aqui está meu parente  
Posto na vossa presença :  
Eu tambem quero ser visto  
E quero ser vosso escravo.

3º

Gentia brava do matto  
Era aquella minha avó ;  
Eu quero ser baptizado  
E só a Deus quero por pai.

4º

Meu Pai e meu Creador,  
A vós amo e juntamente  
A vós, que tambem sois pai  
Em logar do Senhor Jesus.

5º

Estava arruinada esta aldeia,  
Agora está muito boa ;  
Fortuna de Guarapari  
Em que se faz a Deus casa.

6º

Guarapari estava negra,  
Depois ficou reluzente,  
Porque Santa Maria  
Por fortuna a fez formosa.

7º

Mãe de Deus e de misericordia,  
 Livrai-nos as nossas almas;  
 Ajudai-nos vós com véras  
 E aceitai nossos corações.

8º

Detestamos o peccadó,  
 E ao Senhor Jesus pedimos  
 Que ajude tambem aquelle  
 Que aqui ensina a fé.

9º

Vós não nos deixeis cahir,  
 Livrai-nos esta nossa alma  
 Tambem a dos meus parentes,  
 Seja pelo amor de Deus.

10º

Vinde vós, padre Marçal,  
 Guardar-nos a nossa aldeia;  
 Pedi ao Senhor Jesus,  
 Pois que d'elle sois amado.

---

### Carta da Companhia de Jesus ao seraphico S. Francisco.

Depois de tudo creado  
 Por conta, peso e medida,  
 Disse Deus : — Seja formado  
 O homem, como traslado  
 De nossa imagem subida.

E creou

A Adão, a quem dotou  
 Da semelhança divina;  
 Mas foi tal sua mofina,  
 Que mui depressa manchou  
 Aquella imagem tão dina.



Mas Christo, Deus humanado,  
Glorioso São Francisco,  
Para limpar o traslado,  
Que Adão tinha manchado,  
Pondo o mundo em tanto risco,  
    Quiz pintar  
E consigo conformar  
A voz de dentro e de fóra,  
Com graça tão regular,  
Que vos podemos chamar  
Homem novo, em quem Deus mora.

Ó famoso patriárcha,  
Ó illustre capitão,  
Dá segunda religião,  
Dentro da qual, como na arca,  
Se salva o povo christão!  
Vós sois aquelle varão  
Cheio de justiça e fé  
E de toda a perfeição,  
Figurado com razão  
No justo e santo Noé.

Noé fez a grande arca,  
Em que o homem racional  
Junto com o bruto animal  
Escapassem, como em barca,  
Do diluvio universal.  
Vós por ordem divina  
Na religião, que fizestes  
A bons e máos recebestes,  
E livres d'agua mortal  
A Deus vivo os off'recestes.

Vós sois o grande varão  
Que de Deus fostes achado,  
Segundo o seu coração;  
E no pai de Salomão

Altamente figurado,  
O qual como desprezado,  
Por ser o filho menor,  
Sendo de ovelhas pastor,  
Apascentava seu gado  
Com grão cuidado e amor.

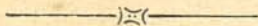
David, com grande vigor,  
Um leão tão carniceiro  
E um vosso roubador,  
Qual gigante espantador  
Matou com ser ovelheiro.  
Este tal por derradeiro  
Deus o fez rei do Israel,  
Salvando o povo fiel  
Por este grão cavalleiro  
De toda a gente cruel.

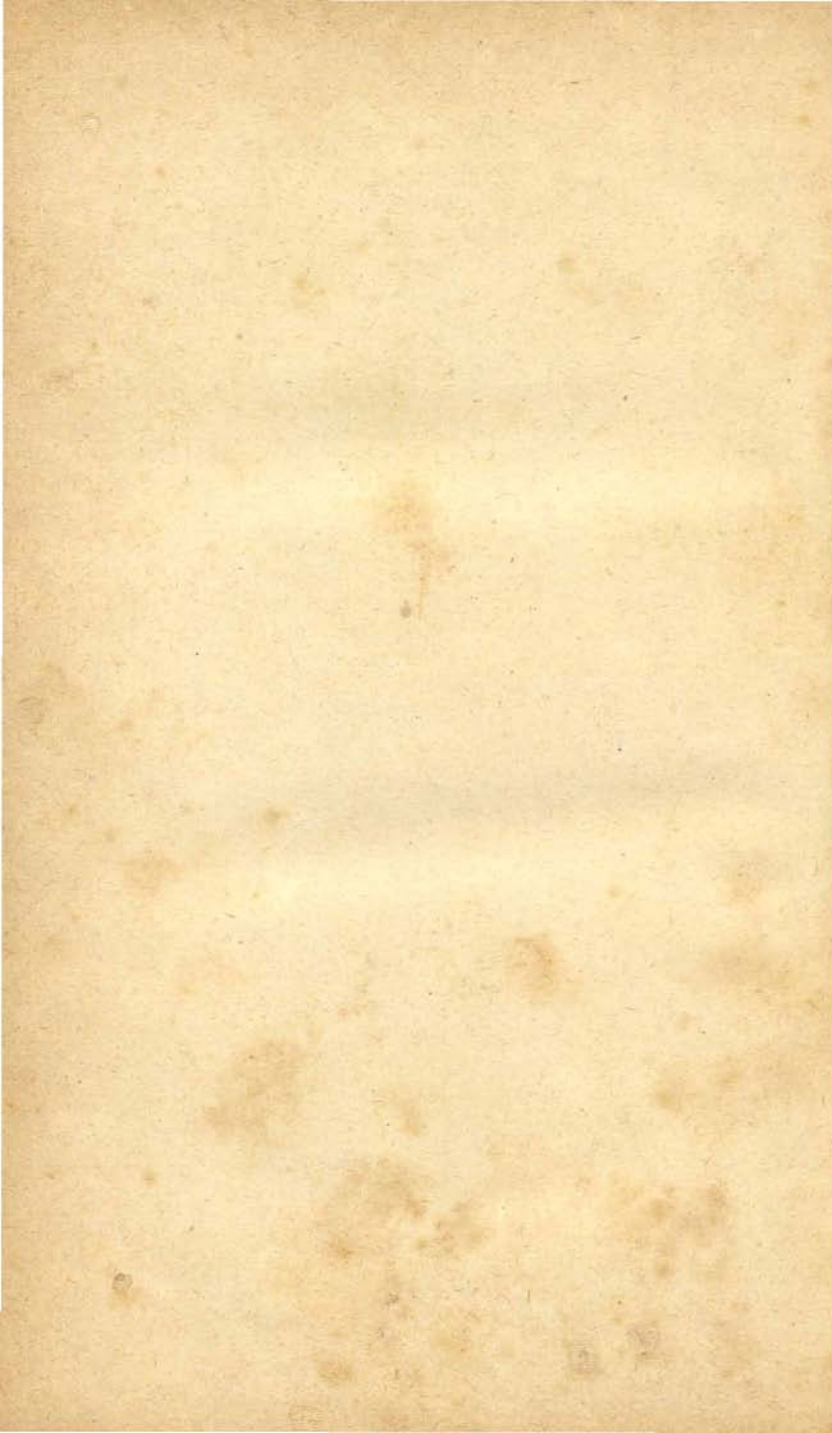
Vós vos tendes por menor,  
Tendo a todos por maiores,  
E maior dos peccadores;  
Tendo-vos Deus por maior  
De todos seus servidores,  
Fez-vos pastor dos menores:  
Uns dos quaes foram cordeiros,  
Mas mui fortes cavalleiros,  
Outros, do gado pastores  
E guias, como carneiros.

Concedeu-vos tal poder,  
Que leão, urso e gigante,  
Matareis forte e constante,  
Mundo, carne e Lucifer,  
Destruindo mui possante.  
Com tal capitão diante  
Augmentou-se fé e lei  
Da igreja militante,  
E vós já na triumphante  
Sois coroados, sois reis!



Trepando sem nenhum medo  
O principe Jonathas,  
Com seu criado detraz,  
Por um aspero penedo,  
Alcançou victoria e paz,  
Commettendo  
O exercito tremendo  
Dos imigos, de repente,  
E com animo valente  
Suas forças defendendo  
Salvou toda sua gente.







# INDICE

---

|                                | Paginas |
|--------------------------------|---------|
| ADVERTENCIA DA 3ª EDIÇÃO ..... | 1       |
| PREFACIO DA 2ª EDIÇÃO .....    | 2       |

## PROSA

### QUADROS E DESCRIPÇÕES

|                               |    |
|-------------------------------|----|
| O Rio de São Francisco .....  | 17 |
| O Rio de Janeiro .....        | 21 |
| A floresta .....              | 23 |
| Sexta-feira de Paixão .....   | 27 |
| A pesca dos diamantes .....   | 33 |
| Os matutos .....              | 33 |
| O ermitão .....               | 36 |
| Fazenda de Campos Novos ..... | 37 |
| As cavalhadas .....           | 38 |
| O fado .....                  | 42 |
| A serração da velha .....     | 43 |
| O pampa .....                 | 45 |
| A herança paterna .....       | 46 |
| Tempestade e bonança .....    | 48 |

|                                                          | Paginas |
|----------------------------------------------------------|---------|
| O fogo do Campo .....                                    | 50      |
| As margens do Itapicurú.....                             | 51      |
| O Passeio Publico do Rio de Janeiro.....                 | 52      |
| Uma festa no Rio de Janeiro no tempo de D. João 6.º..... | 54      |
| De São Paulo a Minas. (Tempos coloniaes).....            | 56      |
| Caracter dos Indios do Brazil. ....                      | 57      |
| Inundação .....                                          | 59      |
| A gruta de Monte Rorigo.....                             | 66      |
| Descripção do Brazil.....                                | 67      |

### NARRAÇÕES

|                                                |     |
|------------------------------------------------|-----|
| O caçador de onças.....                        | 69  |
| Preces para pedir chuva.....                   | 74  |
| Coração partido .....                          | 79  |
| A casa de farinha .....                        | 81  |
| Um irmão ao lado do outro.....                 | 84  |
| As lagrimas de amor. — Balada do rochedo ..... | 86  |
| Trêpera.....                                   | 91  |
| A Divida.....                                  | 95  |
| São Luiz do Maranhão.....                      | 98  |
| Recordações da independencia .....             | 101 |

### LENDAS

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| A Senhora das Candeias. .... | 103 |
| A Tapera da Lua.....         | 108 |
| A cruz de Moribeca .....     | 109 |

### DIALOGOS

|               |     |
|---------------|-----|
| Drama.....    | 113 |
| Comedia ..... | 119 |

### PHILOSOPHIA

|                                                |     |
|------------------------------------------------|-----|
| Os systemas em philosophia .....               | 125 |
| A psychologia como sciencia de observação..... | 127 |
| Trecho de psychologia das plantas .....        | 129 |
| O evolucionismo e o positivismo .....          | 130 |



|                                      | Paginas |
|--------------------------------------|---------|
| O espirito novo em philosophia ..... | 133     |
| Character geral da philosophia ..... | 135     |
| A sciencia e a arte .....            | 137     |
| O que é o character .....            | 141     |
| A historia .....                     | 142     |
| Pensamentos .....                    | 144     |
| Outros pensamentos .....             | 145     |

### HISTORIA PATRIA E UNIVERSAL

|                                                         |     |
|---------------------------------------------------------|-----|
| Juizo das acções do conde de Baltho .....               | 146 |
| Domingos Fernandes Calabar .....                        | 147 |
| O governo do conde Mauricio de Nassau .....             | 151 |
| O padre Antonio Vieira e a escravidão dos Indios .....  | 153 |
| Beneficios da guerra hollandeza .....                   | 154 |
| Quilombo dos Palmares .....                             | 156 |
| Começo da conspiração mineira (1777) .....              | 159 |
| A execução de Tiradentes .....                          | 161 |
| Movimentos revolucionarios e seu character .....        | 162 |
| Da resolução de D. Pedro e observações a respeito ..... | 163 |
| Amador Bueno .....                                      | 164 |
| Os indios d'America .....                               | 168 |
| Nas Côrtes de Lisboa .....                              | 170 |
| Descoberta de Matto Grosso .....                        | 173 |
| A Igreja grega .....                                    | 175 |
| Abdicação de D. Pedro 1.º .....                         | 177 |
| Depois da abdicação .....                               | 178 |
| Evolução da autonomia do Brazil .....                   | 180 |

### ELOQUENCIA POLITICA E SAGRADA

|                                         |     |
|-----------------------------------------|-----|
| Sobre as questões do Rio da Prata ..... | 183 |
| Sobre o elemento servil .....           | 187 |
| Sobre a guerra do Paraguay .....        | 191 |
| O Patriotismo .....                     | 194 |
| Ao gabinete de 5 de Janeiro .....       | 195 |
| Panegyrico de Sant'Anna .....           | 198 |

|                                                                           | Paginas |
|---------------------------------------------------------------------------|---------|
| N'uma collação de gráo de doutores em medicina.....                       | 199     |
| Panegyrico da Virgem Maria.....                                           | 203     |
| Panegyrico de S. Pedro de Alcantara.....                                  | 204     |
| Oração funebre do Exm. Sr. D. Manoel do Monte Rodrigues de<br>Araujo..... | 206     |
| Sobre a questão da escravidão.....                                        | 209     |
| A resurreição de Christo.....                                             | 218     |

## CARACTERES E QUESTÕES POLITICAS E SOCIAES

|                                               |     |
|-----------------------------------------------|-----|
| Santa Rita Durão.....                         | 220 |
| Junqueira Freire.....                         | 222 |
| José de Alencar.....                          | 225 |
| Antonio Carlos.....                           | 229 |
| João Caetano dos Santos (o actor).....        | 231 |
| O general Osorio (o homem privado).....       | 234 |
| Guilherme II.....                             | 241 |
| Belmiro de Almeida.....                       | 247 |
| São João d'El-Rey.....                        | 251 |
| Os fauquistas da Rua de Ouvidor.....          | 258 |
| A questão Thomaz Ribeiro.....                 | 261 |
| O character inglez.....                       | 267 |
| A pacificação.....                            | 279 |
| Cousas politicas (14 de janeiro de 1895)..... | 284 |
| O principe Obá.....                           | 287 |
| Liberdade da Igreja.....                      | 292 |
| Genio dos povos germanicos.....               | 293 |

## CRITICA LITTERARIA

|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| Cornelio Tacito.....                 | 295 |
| Antonio José e Molière.....          | 298 |
| O romance contemporaneo.....         | 301 |
| Diario de Lazaro.....                | 304 |
| O Indianismo de José de Alencar..... | 307 |
| Um livro do Sr. Affonso Celso.....   | 310 |
| Shakespeare.....                     | 316 |



# VERSO

## POESIAS LYRICAS

|                                   | Paginas |
|-----------------------------------|---------|
| Glaura dormindo.. . . . .         | 323     |
| Lyra IV . . . . .                 | 325     |
| Soneto . . . . .                  | 326     |
| Sonhando . . . . .                | 327     |
| Na rede . . . . .                 | 329     |
| Uma creatura . . . . .            | 331     |
| Sub tegmine fagi . . . . .        | 332     |
| Flôr do Valle . . . . .           | 335     |
| Boas-noites . . . . .             | 336     |
| Ignotæ Deæ . . . . .              | 337     |
| Soneto . . . . .                  | 338     |
| Soneto . . . . .                  | 339     |
| Duas auroras . . . . .            | 340     |
| Do poema Sara . . . . .           | 341     |
| Anjos do mar . . . . .            | 344     |
| Meditação . . . . .               | 345     |
| A flôr . . . . .                  | 346     |
| Saudade do sepulchro . . . . .    | 347     |
| O pequeno travesso . . . . .      | 349     |
| Promessas . . . . .               | 350     |
| Adeus de Gonzaga . . . . .        | 352     |
| Inspiração . . . . .              | 355     |
| A pensativa . . . . .             | 356     |
| O poeta . . . . .                 | 359     |
| O rebelde . . . . .               | 362     |
| Anjo enfermo . . . . .            | 363     |
| Mysteriosa . . . . .              | 363     |
| Capricho de Sardanapalo . . . . . | 364     |
| No circo . . . . .                | 365     |
| Pequenos e grandes . . . . .      | 366     |
| Pelo azul . . . . .               | 368     |

## DESCRIPTIVAS

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| Morte de Moema . . . . .         | 371 |
| Costumes de Villa Rica . . . . . | 373 |

|                                          | Paginas |
|------------------------------------------|---------|
| Morte de Lindoya (do poema Uruguay)..... | 375     |
| ^ Zeroni (fragmento) .....               | 380     |
| A tarde.....                             | 386     |
| Pelo Itapicurú.....                      | 389     |
| O sol nascente.....                      | 393     |
| Ponte de lianas.....                     | 396     |
| ✓ Descrição do Amazonas .....            | 398     |
| Riachuelo (excerpto).....                | 400     |
| O touro-fusco (excerpto).....            | 402     |

### ALLEGORIAS E NARRAÇÕES

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| O festim de Balthazar ..... | 406 |
| Visão de Haben-Hassan ..... | 413 |
| A Arte .....                | 415 |
| A cidade da luz. . . . .    | 418 |
| Terribilis Dea .....        | 419 |
| Vozes d'Africa.....         | 423 |
| — criação.....              | 426 |
| As horas.....               | 429 |
| Almas errantes .....        | 433 |

### INDIANAS E SERTANEJAS

|                        |     |
|------------------------|-----|
| O canto do Piaga.....  | 435 |
| Hymno da cabocla ..... | 438 |
| Marabá.....            | 440 |
| Os tabaréos .....      | 442 |
| O calhambola.....      | 445 |
| A Tapuia.....          | 448 |
| O rapaz da guia.....   | 450 |
| O tropeiro ... ..      | 452 |
| A roça.....            | 454 |
| O boiadeiro.....       | 456 |
| Almas penadas.....     | 458 |

### MONOLOGOS

|                                     |     |
|-------------------------------------|-----|
| Calabar, acto 2º, scena V.....      | 460 |
| Antonio José, acto V., scena i..... | 465 |



**PHILOSOPHICAS**

|                             | Paginas |
|-----------------------------|---------|
| A vida e o amor.....        | 468     |
| Os tumulos.....             | 470     |
| O devanear do sceptico..... | 471     |
| A alma.....                 | 477     |
| Dous impossiveis.....       | 480     |
| Porque canto?.....          | 482     |

**ELEGIAS**

|                                                        |     |
|--------------------------------------------------------|-----|
| Cantico do Calvario.....                               | 485 |
| Nenia.....                                             | 490 |
| Na sepultura do major Eduardo Emiliano da Fonseca..... | 494 |
| A saudade branca.....                                  | 499 |
| A virgem das florestas.....                            | 502 |

**COMICAS — FABULAS**

|                                       |     |
|---------------------------------------|-----|
| Fragments da « Festa de Baldo ».....  | 508 |
| Da « Republica dos tolos ».....       | 511 |
| A chave de relógio. — Os canhões..... | 514 |
| A lampada e o phosphoro.....          | 515 |
| As nuvens e o sol.....                | 516 |

**HISTORICAS**

|                       |     |
|-----------------------|-----|
| Pedro Ivo.....        | 517 |
| Hymno.....            | 520 |
| O redivivo.....       | 522 |
| Ao dous de julho..... | 525 |
| Nunes Machado.....    | 525 |

**APPENDICE****CANTOS DO PADRE ANCHIETA.**

|                                                                                          |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Da resurreição.....                                                                      | 533 |
| Cantos.....                                                                              | 534 |
| Recebimento que fizeram os Indios de Guarapari ao padre provincial Marçal Belliarte..... | 535 |
| Dança de dez meninos.....                                                                | 543 |
| Carta da Companhia de Jesus ao sermão S. Francisco.....                                  | 544 |

---

PARIS. — TYP. GARNIER IRMÃOS, 6, RUA DOS SAINTS-PÈRES. — 68787.

---



# CORRIGENDA

---

Além dos pequenos senões e erros typographicos, que escaparam á revisão de provas desta obra, notamos os seguintes, que rectificamos :

Na pagina 396, onde se lê :

*A limpidez, leia-se A' limpidez ;*

Na pagina 432, onde se lê :

*As vozes, leia-se A's vozes.*

Na mesma pagina os dous versos finaes pertencem á oitava seguinte.

Na pagina 347, onde se lê :

*sublime encanto, leia-se o sublime encanto.*

Na pagina 460 e no Indice onde se lê :

MONOLOGOS, leia-se DIALOGOS E MONOLOGOS.

Na pagina 501, onde se lê :

*Desata um vôo, meu anjo! Vem!*

Leia-se :

*Desata o vôo, meu anjo!  
Não tardes, meu anjo! Vem!*

C/350





